

ANAIIS  
DA  
BIBLIOTECA  
NACIONAL

---

VOL. 81

1961



OS MANUSCRITOS  
DO BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

CATÁLOGO E TRANSCRIÇÃO



Francisco FREIRE ALEMÃO de Cincos, Campo Grande,  
zona rural do Rio de Janeiro, 24 jul. 1797 / 11 nov. 1874.

# ANAIIS DA BIBLIOTECA NACIONAL

---

VOL. 81

1964

OS MANUSCRITOS  
DO BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

Catálogo e Transcrição

por  
Eltony Damasceno  
e  
Waldir da Cunha

---

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO - 1964

## INTRODUÇÃO

### O botânico Freire Alemão

Centes e terras do Mendanho	9
Do Jauá e medicina	13
O crescimento da planta	15
Fastígio	19
Das coisas tristes	23
Expedição ao Ceará	25
Cartas a Martins	27
O ramo tombado	31
Advertência	37

## CATALOGO

Documentos biográficos	41
Correspondência ativa	47
Correspondência passiva	64
Correspondência alheia	82
Miscelâneas científicas	86
Monografias e comunicações	87
Estudos botânicos	93
Papéis da expedição ao Ceará	
1. Diários	94
2. Notas e informações	95
3. Notas documentais	99
4. Desenhos	101
Notas várias e documentos interessantes	103
Trabalhos de autoria alheia	108

## TRANSCRIÇÕES

Correspondência ativa .....	115
Monografias e comunicações	
[Madeiras do Brasil] .....	169
Descrição botânica da planta chamada vulgarmente gállo em português; e na língua indígena gígoga .....	174
Tentativa dumas histórias das florestas da Província do Rio de Janeiro ..	177
Apontamentos [sobre a conservação e corte das madeiras de comércio naval] .....	179
Relação de algumas árvores que floresceram de 1858 a 1849 .....	187
Leguminosa; <i>Zolliera macilenta</i> (esp. nova) .....	195
Papéis da expedição ao Ceará	
Notas sobre Fortaleza e Parauapebas .....	195
Viagem à Fazenda da Munguba .....	205
Viagem a Mucuripe .....	209
Céus, culturas e madeiras da região de Parauapebas .....	211
Apanha do café. Povoamento de Pacatubá .....	245
Viagem a Vila Velha e Ribeira do Leão .....	249
Inverno no Ceará .....	263
Passeio a Jacareí .....	266
Ascensão à Serra da Ararasinha .....	268
Viagem ao Rio Baú .....	262
Subida ao Jacobá .....	267
Passeio ao Cutubé .....	270
Visita ao Chumbé .....	273
Paisagem e costumes do sertão .....	279
Pássaro no Vale do Jaguaribe, de Aracati até Icó .....	281
Notas sobre a cidade de Icó .....	283
Visita ao Engenho Formoso. O vorte do Boqueirão .....	291
A agricultura na freguesia de Lavras .....	296
Subida a Serra do Araripe .....	298
Descrição da cidade do Crato .....	300
Cultura do arroz. Praga de medeiras .....	301
O inverno no Ceará .....	306
Chuvas no Ceará .....	308
Conceitos populares a respeito dos tesouros e riquezas do país .....	311
Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão .....	315
Indole e costume dos indígenas .....	314
Sentimento dos cearenses para com os estrangeiros .....	316
Excursão até as matas da Timbaúba, que ficam daqui pouco mais de uma légua .....	316

Lembrança das plantas que antena vimes à beira do caminho vindo de S. Benedito .....	321
Diversos modos de suspender a rede no Ceará .....	323
Plantas colhidas no caminho entre o rancho Cayéba e a vila de Quatiguara .....	325
Notas sobre Vila Viçosa, antiga Sotavento .....	327
Notas sobre a localidade de Meruoca .....	329
Canindé, vila, na ribeira do rio Rio Canindé .....	335
Notícias sobre o povoamento e o desenvolvimento de Baturité .....	338
Povoamento da Serra de Baturité .....	343
Introdução do café na Serra de Maranguape .....	346
Gaumé .....	347

#### INDICES

Índice do Catálogo .....	368
" das "Estados Borborema" .....	369
" da "Flora Cearense" .....	369

## O BOTÂNICO FREIRE ALEMÃO

### TERRAS E GENTES DO MENDANHA

No terceiro quartel do século XVIII, graças a sucessivas incorporações de terras e benfeitorias, delineia-se na freguesia de Campo Grande a Fazenda do Mendanha. O Capitão Francisco Caezano de Oliveira Braga acrescenta possessões de Manuel da Costa Guimarães (1763), Francisco de Araújo de Andrade Santa Maria (1764), João Vaz Pinheiro e Francisco Marcelino Freire (1777). O penúltimo é ainda seu meeiro quando, pouco antes de 1790, o Padre Antônio do Canto da Fonseca torna-se proprietário da vasta região agrícola cujo núcleo fora o engenho fundado por Luís Vieira de Mendanha — este, por sua vez, membro de uma família que possuía amplas áreas do sertão de Guaratiba e adjacências.

No emaranhado notarial de compras, vendas, posses e partilhas de terras nas freguesias rurais do Rio de Janeiro, vamos encontrar entre 1710 e 1720 o nome do Capitão Manuel Freire Aleixo de Cisneiros<sup>1</sup>. Comprou e vendeu terras no Engenho de Nossa Senhora da Graça (Irajá), mas comprou as subjetadas na freguesia de Nossa Senhora do Desígnio de Campo Grande. Em 1711, com 125 braças de testada e 1500 de sertão, a Antônio de Oliveira; em 1717, com oito tanto a João de Oliveira Sampaio, sendo senhor também, no mesmo Guaratiba-Mirim, duma fazenda e engenho de açúcar com 750 braças de testada por meia legua de sertão, havidos da viúva de Manuel Rodrigues Alvarenga. Essa fazenda, vendeu-a depois a Antônio Furtado de Mendonça, reservando-se 50 braças e as duas outras porções.

<sup>1</sup> Em português: Arrendava terras (engenhos e chafariz de gado) tomadas em represália a Manoim Coutinho de Sá e Resende, em principios do século XVII. Pese recorrer por segunda vez ao rei, em 20 de novembro de 1713, para que se lhe restituíssem os bens, como lhe ordenava: "... E porque essas ordens se não têm até o presente cumprido por respeito da suplicada que é um homem poderoso, sábio e inviolável, pede a V. M. . . ." ("Cartas Régias, Sessenta", BNL, Núm. 5, Mar., fl-31, fl. 1, n.º 21).

No "Relação" protocolada por Monsenhor Pisarro (fl. n.º 5) surge um Capitão Antônio Freire, que recebe sesmada no Rio Sul em 1657, e um Antônio Freire que obtém igual concessão em Marapendi, em 1724. É provável que se trate de pessoas distintas, aparentada a segundo com o Capitão Manuel Freire.

São essas 300 braças, aumentadas para 325 pelo próprio Manuel Freire ou por seu filho Francisco Marcelino Freire, que, vendidas por este, passam, em 1777, à propriedade de Francisco Caetano de Oliveira Braga.

Não há dúvida que havia na família Freire Alemão uma tendência ao empobrecimento, pois quando o Padre Antônio do Coito da Fonseca ascendente se do Mendanha, João Freire Alemão, neto do "régulo e insolente" Capitão Manuel Freire, seria um simples lavrador neaqueles domínios, como de resto já declaradamente o eram seus pais, Francisco Matelino e Leonor da Câmara, segundo consta da escritura de venda de suas terras<sup>2</sup>.

Foi no Engenho do Rio Grande, propriedade de Pimenta Sampaio, em Jacarepaguá, que o Padre Antônio do Coito da Fonseca teve primeiramente seu sítio. Ai conheceu D. Guilomar, filha de uma sítaineira das proximidades, ela com trinta anos, pelo menos, e ela orgulhosa quinze.

Da ligação entre ambos nasceram os filhos Manuel Pimenta, Francisco Caetano e Antônio, engatilhando ainda Feliciana Angélica. O primeiro nasce no Rio Grande e, como revela o próprio nome, terá por padrinho o senhor do engenho, Pimenta Sampaio, o segundo, no Mendanha, ainda porém que o Padre Coito ali se radicasse. Segundo consta dos manuscritos de Freire Alemão, sua avó Guilomar fôr levara aquela fazenda expressamente para ter esse filho, o qual, batizado por Francisco Caetano de Oliveira Braga, foi deixado em sua casa, onde se criou.

De volta ao sítio do Rio Grande, nasce a terceira filha, Antônia, que, ao chegar à idade do casamento, já se encontra morando no Mendanha, em terras tomadas a prazo pelo Padre a Francisco Caetano. Isto seria por volta de 1784-5. Pouco depois o Padre Coito adquiria, em duas etapas, as terras dos meeiros Francisco Caetano e João Vaz Pinheiro. Dessa época deve datar o engatilhamento de Feliciana Angélica, filha da botânico Freire Alemão<sup>3</sup>.

Na paisagem agreste do Mendanha, que encheu a infância de Francisco Freire Alemão, ganha a figura do Padre Coito da Fonseca traços inspargíveis. Ao seu volta, à sua atividade, ao seu espírito pioneiro voltará sempre a sombra da materialista: "... era homem de um gênio arrebatado, e inesfílico;

— — —

<sup>2</sup> Cf. Cardi, n.º 792.

<sup>3</sup> Na Relação das Secretarias da Capitania do Rio de Janeiro, Inventario dos Livros de Sessões e Registros do Cartório de Telhado Antônio Teixeira de Cam. Jhu. De 1768 a 1798 (item 162) Monsenhor Pedro de Amálio e publicada na Revista do I. H. C. B., t. LXIII, 1.º parte, consta, à p. 163: "Reverendissimo Padre Antônio do Coito da Fonseca ratiificando de várias datas de reuniões na Igreja de São Francisco e objetos entre o d.º d.º D.º Martinho Fernandes e do Capitão Antônio Coelho Cam., em 16 de setembro de 1780".

<sup>4</sup> Francisco Freire Alemão de Góisneiros Nasceu em 21 de julho de 1797. Quanto ao escrivão de Góisneiros e sua correta grafia, nenhuma dúvida pode já subsistir à vista da documentação existente.

mas (é esta a opinião em que o setho) leal, franco, e bizarro (cavalleiro) e por isso não era possível viver em paz no meio de gente semibruna, descorfiada, e egoísta<sup>5</sup>. "Lavrador inteligente, exegitava, experimentava e adorava os melhores métodos e aparelhos, que nesses tempos aqui se podiam conhecer: de modo que os produtos da sua lavoura, primeiramente o arroz, depois o café e, finalmente o açúcar, eram entre os melhores que apareciam no mercado"<sup>6</sup>. Marcaava o extremista certa instabilidade: após construir lindas casas para a produção (o arroz, bomyouse no café e desprezou-as, e logo restrição ao necessário ao consumo o cultivo do café, quando o strain o plantio de canaviais).

Ao ler no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a admirável memória sobre plantas artilhadas no Brasil<sup>7</sup>, abriu Freire Alemão um prefácio para expressar sua gratidão ao Padre Coito: "Foi meu padrinho de batismo e crismou-me em sua casa até o dia de seu falecimento, acometido em 11 de fevereiro de 1819, cidadão porvento e digno de ser lembrado; mas não cabe aqui tanto o que a gratidão e o dever me ordenaram que dissesse a seu respeito".

Era uma grandeza de gerações. Como ele, também a mãe, Feliciana Angélica, fôrça afilhada do Padre, em sua casa vivendo criança e moça, e casando-se no oratório particular da fazenda. O pai, João Freire Alemão de Góisneiros, que dos vinhos de outrora herdara apenas o apego à terra, zelava e administrava a trégua, seca e encalhotamento do açúcar; em troca, deixava o Padre Coito de tirar-lhe meação da casa que mota.

Ocupavam a primitiva morada do engenho e nela lhes nasceram dez filhos, pelo menos: cinco homens e cinco mulheres, que iriam, na maior parte, constituir presos ao solo, no duro labor da lavoura. Sô Antônio, o primeiro a romper o vínculo da servidão, viverá já médico da Santa Casa, fora do chão natal, pois Francisco, também médico, doutorado por Paris, evidenciaria, na própria opção que faz pelos estudos botânicos, a fôrça daquele vínculo: será até a morte um homem dos matus e aos seus netos do Mato Grosso voltará sempre.

Quando da chegada do Padre Coito, em a Fazenda "Inuí Lembéia; céu e várzea, e parte dos oitinhos eram pastos, até o Rio; tudo o mais eram matas, à exceção das plantações"<sup>8</sup>. Outra não seria seu aspecto, durante a infância de Freire Alemão. O quadro de várzeas e matas, os verdes marizados, o trabalho agrícola, as excursões, a viagem de visitas, a passagem de tropas que demandavam as Minas Gerais, o vólvem de gentes que iam a Santa Cruz, quando lá estava o rei — tudo isso impressionou a alma sensível do menino Francisco. Numa preciosissíma

<sup>5</sup> "Notícias sobre o Padre Coito obtidas de minha filha Antônia." Cf. *Colet.*, n.º 549.

<sup>6</sup> "Quals são as principais plantas que hoje se cultivam cultigadas no Brasil?" In *Memória de I. H. G. R.*, p. 570-574. Cf. *Colet.*, nos 582-583.

<sup>7</sup> Em sessão solene realizada em 19 de maio de 1856. Cf. p. 6.

<sup>8</sup> Cf. o. p.

documento que se conserva entre seus manuscritos<sup>7</sup>, deixou registradas várias dessas cenas da infância distante, sobressaindo, pela projeção que teria em seu futuro, a descoberta da ciência: "Eu ainda era muito menino quando estive em Mendanha o Padre Veloso fazendo coleções de Ciências Naturais. Minha tia Antônia tem lembranças fracas dele e seus compatriotas. Quando eu já tinha alguma inteligência ouvia à gente de casa alguma coisa a esse respeito, como: que eles apanhavam borboletas e as comprimiam entre dois papéis, onde elas ficavam impressas. Eu que então já andava na escola fiz algumas diligências para imprimir borboletas"<sup>8</sup>.

A fixação do ambiente em que transcorreu quase toda sua vida era coisa singular. Através dos anos, indagaria, interessado sempre nas minúcias, sobre a terra e a gente de Mendanha. Da tia Antônia, filha do Padre Coito, recolhe as lembranças mais longínquas que lhe pode fornecer a memória da velha: dados sobre a fazenda, sobre o padre desbravador, a história de parentes, as chicanas sobre posse, sobre limites imprecisos — informações que concorre com outras tantas de primos, tios e moradores do lugar. Vivendo como sitiante em terras que haviam outrora pertencido a ascendentes ou proterores, sentia-as ainda bem suas, ou se sentia bem delas. O espírito curioso e indagador que o caracterizava, fazia-o despender dias seguidos na cata de escrituras e vellhos papéis notariais, de cujos apontamentos poderiam ter surgido, se mais lheves fizesse, importantes subsídios para a história da colonização da zona rural carioca.

Naquelas notas autobiográficas deixou também o depoimento sobre os primeiros mestres, figuras de modo geral antipáticas, e a aprendizagem do latim que fazia em casa do Padre Luís Pedreira Duarte. Este, para eximir-se do recrutamento militar e atendendo a rogos da família, pretendera torná-lo sacerdote. Apresentando resultados satiagatórios no domínio da arte latina, topou Francisco as primeiras dificuldades, entretanto, na tradução da seleta: "Eu era só, o Padre sem me ajudar, dava-me a lição marcando a lição e deixava-me, incluindo a sua missa em Coqueiros ( . . ) Quando voltava para casa ao meio-dia, pedia-me a lição, que eu nunca pude saber. Ele enfurecia-se, ralhava, dizendo que eu não servia para aquilo, que fosse aprender um ofício, etc. Eu me afogava, chorava e maldizia-me"<sup>9</sup>. Esquivava-se o menino às lições, passando os dias no mato a correr gôndolas e a dí-las ao cavalo, até que se decide a suspender de vez a aprendizagem. Foi talvez seu primeiro gesto de audácia, pelo esforço que, dado o seu temperamento, lhe exigiria. Contava então catorze anos.

<sup>7</sup> "Notícia sobre a minha vida". Cf. *ibid.*, n.º 88. Compreende várias versões. Nela se baseia Mário Moraes Filho para escrever *A vida e a morte do Bento de Abreu, Sr. Cavaleiro Francisco Freire Alfonso Gomes* (pá) . . . Rio de Janeiro, 1874.

<sup>8</sup> A adiçãoção pelo botânico frei José Macêdo de Cunha Veloso e a remuneração pelos serviços da biblioteca levaram a suspeitar mais tarde de autoria do manuscrito. *ibid.*, n.º 78.

<sup>9</sup> Cf. n.º 9.

Surgindo pelas terras do Mendanha um moço português, Diogo Antônio dos Santos, que ali ficou a ensinar latim ao filho do novo proprietário, dêle se aproximou Francisco e mais animoso recomeçou os estudos. Bastante agudeza havia no mestre para perceber o talento que por trás da timidez escondia o rapaz da roça, porquanto, ordenado padre tempos depois, e ministrando latim como professor substituto no Seminário de São José, lembrou-se do aluno perdido nos matos e lhe conseguiu, por intercessão junto ao bispo, matrícula gratuita no estabelecimento.

Era o primeiro ensaio — e na idade já de vinte anos — que lhe surgia de fazer escudos regulares. No Seminário permanece, como aluno zagueiro, de 1817 até 1820, quando lhe é posto o dilema: tomar ordens ou interromper o cursus. Decide-se pela segunda alternativa.

A ordenação sacerdotal era uma aspiração da família, razão pela qual não se atreve a voltar ao sítio do Mendanha. Dedicou-se a dar aulas de latim e primeiras letras a domicílio, do que lhe advém os poucos recursos com que sobrevive na Corte.

Aos vinte e quatro anos de idade, não se lhe percebe um rumo definido. Havia em Freire Alemão um talento singular, uma extraordinária faculdade de observação que, encantado, não encontrava leito por onde fluir. Queria alguma coisa, mas não seria nada do pouco que no âmbito de seu meio e sua época se oferecia aos espíritos marcados.

A esse tempo, Antônio, o irmão mais velho, lutava contra a pobreza, na busca da carta de cirurgião. Entermeiro do Hospital da Misericórdia, consegue matrícula como aluno interno, levando adiante sua ambição. Repartem, ambos, o pão fraterno, como repartem a pobreza. Pelas mãos de um contará o outro bater o mesmo caminho, que seria, no caso de Francisco, a da emancipação económica, mas não o da vocação.

No "Notícias sobre a minha vida" diz Freire Alemão que uns últimos tempos do seminário lhe viera a idéia de escudar na Europa. Foi ela inclusive estimulada por seu lente de grego, na esperança de assim encaminhá-lo pela via sacerdotal; transformações políticas que entretanto se deram em Lisboa restaram-lhe o entusiasmo. A intuição porém permanece aíterra. Aos rudimentos de franceses trazidos do internato junta os de língua inglesa, satisfatoriamente adquiridos, e os de espanhol. Enquanto isso — corria o ano de 1822 — inicia os estudos de cirurgia.

Por essa época, os estudos médicos, no Rio de Janeiro, deixavam muito a desejar. A Escola Anatomica, Cirúrgica e Médica, inaugurada em 1808 com a vinda de D. João, destinava-se particularmente a suprir deficiências de cirurgiões empíricos e a preparar, de modo mais sistemático, profissionais para os serviços junto às tropas e no mar. Reestruturada, tempos mais tarde, passou

a exigir longos anos de estudar la frequência, ao final dos quais se outorgava ao aluno a carta de *carteiro formado*; por ela se lhe asseguravam certas privilégios, inclusive a de exercer as atribuições específicas do *médico* (tratamento de enfermidades internas) onde não o houvesse. Prioridade relativa, já se vê, porquanto apenas em cativeiro com sangradores, parceiros, curandeiros e cirurgiões improvisados. As facilidades de *médico*, só a formação na metrópole as assegurava, numa discriminação que perduraria até 1826.

Quando Francisco Freire Alencar obteve sua carta, já a lei do novo Império abria o preceito discriminatório; mas não o seduz de imediato a atividade profissional. A viagem à França continuava a ser um sonho acalentado, malgrado os empecilhos de ordem prática que lhe punha seu estado de pobreza. Essa mesma pobreza vitia agora, quando a compreensão e o apoio de parentes e amigos o animavam naquele objetivo, a arrepender-lhe o risco perigoso. Tendo-se valido, durante o curso, da pensão de nove mil e seiscentos réis que se concedia anualmente a doze alunos pobres e distintos, em troca da obrigatória prestação de serviços na tropa, viu-se em 1827 convocado para acompanhar o imperador na viagem ao Sul do país. É curioso o depoimento que a respeito ele mesmo deixou: "Estava então preparando-me para ir a França estudar: fiquei muito contrariado, e segundo meu gênio, fui-me esquecido, e não me apresentei. Estava pois criminoso; peguei-me com João Bandeira de Gouveia, cujas ilhas ensinava, o qual me desembargou"<sup>14</sup>.

Livre do tributo militar, consegui, por intermédio do Dr. José Francisco Xavier Sigaud, passagem gratuita num navio de guerra francês. Embarca em outubro de 1828; em fevereiro seguinte chega a Paris.

A medicina sórta um respiro na vida de Freire Alencar; mas nem por isso ele a descurrou. Nos três anos que passa em Paris obstina-se no estudo, freqüentando os cursos de várias faculdades científicas em diferentes estabelecimentos. E uma temponada de aperturas financeiras, em que lhe vale a chegada providencial de um velho amigo e condiscípulo: "...foi uma boa ventura para mim, que me achava em grande aperto; com ele jantava todos os dias; ele me adiantava dinheiro para minhas matrículas e me dava mais favores"<sup>15</sup>. E também o momento do encontro com sua vocação: em meio às matérias de extrema secura que fazem parte de seus estudos, descobre as aulas de botânica do professor Clérion. Ali se juntavam o pendor para as coisas da natureza e a feição contemplativa que o caracterizava. No exílio a que, em tais condições, lhe deveria saber a vida em Paris, as preleções do mestre lhe despertariam as reminiscências da infância roceira, descolhindo-lhe novamente o mundo agreste do Mendanha.

<sup>14</sup> Cf. n. 9.

<sup>15</sup> Cf. n. 9. O estado do manuscrito não permite nica leitura precisa do texto desse benefício.

Defendida em dezembro de 1831 sua tese sobre a papeira — *Dissertation sur le goître* —, Freire Alemão permanece em Paris apenas o tempo necessário para receber seu diploma de doutor pela Escola de Medicina. Em seus apontamentos (de época posterior), nenhuma palavra sobre passeios, viagens, diversões; constrangido pela pauperação dos recursos financeiros, sua preocupação é voltar o mais breve possível, alevando de pesado encargo o irmão Antônio, que até o fim o mantevera em Paris. Desembarca na Corte em fevereiro de 1832.

Alterações políticas e culturais haviam sido lugar no país durante a adolescência de Freire Alemão. Abdicara o imperador Pedro I, que o doutorando da Universidade de França via em Paris a andar mui desenvolto pelas suas críticas à Sociedade de Medicina, destinada a incrementar os estudos da especialidade e reacenderam-se os debates em torno da renovação dos estudos médicos, que se concretizariam em lei no ano de 1832: por esse instrumento se criavam, no Rio de Janeiro e na Bahia, duas escolas de medicina segundo o modelo francês.

As portas da Sociedade se abrem ao jovem médico, mercê de uma dissertação já inscrita sólida o ídolo na cara do bolo — tema de sua tese de doutoramento —; as da Escola de Medicina, estas as abriu a própria lei, que no novo currículo incluía a cadeira de Botânica médica e Princípios elementares de Zoologia. Abertas as inscrições aos concursos do novo estabelecimento, apresentou-se Freire Alemão como pretendente àquela cadeira, por haver "estudado com alguma especialidade este ramo das Ciências Médicas" <sup>14</sup>.

Não se conhece a tese defendida pelo candidato; sabe-se apenas que não teve críticas <sup>15</sup> e que a 10 de junho de 1832 era nomeado para o lugar, com o ordenado anual de um conto e duzentos mil réis. Tinha ele então trinta e seis anos de idade.

#### O CRESCIMENTO DA PLANTA

"Eu era de uma timidez infantil, curabescia por qualquer coisa e isso ainda já tinha maturado. Eu tinha disso grande vergonha e desgosto". A confissão é da velhice e refere-se aos tempos da infância <sup>16</sup>.

Não era apenas um ciúme, mas também modesto, também puro. Veja-se por exemplo o despretensioso da referência, no requerimento em que se candidata à cadeira da Escola de Medicina, ao fato de haver estudado "com alguma especialidade" o assunto... É verdade que por ele jamais pôde ser inter-

<sup>14</sup> Cf. *Catá.*, n.º 6.

<sup>15</sup> Cf. n.º 9.

<sup>16</sup> Cf. n.º 9.

ressar-se antes das aulas de Clariani; mas é também verdade que antes da reforma de 1832 não legitimavam os estudos botânicos em nenhum currículo do país. E o mestre que se declarava aprendiz, só começando a escavar plantas após o concurso, alguns anos mais tarde apresentava-se ante os Brignolli, os Martinis, os Saint-Hilaire, pedindo-lhes um juizo a respeito de seus exercícios fitogênicos... .

Em 1834 começa a fazer esboços, reconhecidamente "muito imperfeitos, muito incompletos", de plantas que colhia à volta da cidade. Muitos desses ensaios não chegaram a ser guardados; só a partir de 1836, quando havia já estudado algum tanto de desenho com o Diemer e dispunha de obras botânicas, passou a colecionar os trabalhos<sup>13</sup>.

Fruto de paciência e de humildade, as folhas em que rasgava suas experiências e observações foram somando-se através do tempo. Em 1867, de quando datam as últimas, davam matéria de alcantado estudo. Eram enxertos de folhas, sabe Deus quantas tantas horas de análise, de cuidados, de consultas e cotejos. Dezessete tomos, onde se encontrava a história de não poucas espécies arbóreas ou florais, acompanhada através de anos. A vista de cada espécime emanava calor, pois era sentida num círculo humano e alegres; o vegetal estava ligado à existência do próprio sábio, ao âmbito de suas relações domésticas. Ao falar dele, Freire Almeido integra-o no campo de sua vida e deixa escapar uma observação sensível, um pormenor de certa cipicez:

"As plantas que se acham aqui estudadas... foram colhidas na madrugada de 15 de maio, indo para o Mendanha, e nos 3 dias do Espírito Santo em que lá estive. Desta viagem me ficou na agradável e saudosa lembrança, devida sem dúvida ao estado de meu espírito saudoso; porque nem fui capaz de lhe acho"<sup>14</sup>.

"Ontem vindo da cidade por moléstia, jantei com o mano João, e vim para Mendanha de tarde. Colhi em caminho à beira da estrada para cá de Campinho um ramo da Sapotácea arbustiva? (*Minusopsis*); escavam as flores todas abertas, e exalando um cheiro forte e suave. Vi em Afonsos um pé de Je nipaço carregado de frutos. Entrando para o sítio do mano João estava uma mirtácea com fruta; é arbustiva, os frutos são pequenos, e em maduros da cor quase da Jaboticaba. Antes havia visto algumas outras mirtáceas carregadas de fror. São as que tenho desenhado... Voltando da casa do mano colhi, antes de chegar a estrada, ramos com flor duma *Erythroxylon*. E quase ao sair a estrada defronte da cerca da Fazenda dos Afonsos, está a pequena árvore de que Manuel Freire ora estuda os frutos; estes em estando bem maduros são de cor quase negra"<sup>15</sup>.

13. Cf. *Carta*, n.º 66. A declaração está em 1. 4.

14. "Est. Botân.", 1, 190.

15. "Est. Botân.", 1, 211.

Veja-se ainda a minúcia posta nas indicações sobre um jequitibá centenário de que estudara um ramo florido. Era um daqueles gigantes das matas que o apaixonavam e que em breve o levavam a dedicar-se quase que exclusivamente às árvores de madeira de lei: o tronco, dezoito palmos de circunferência, com uma altura estimada em oitenta palmos, além de quarenta dados à altura da cota.

Freire Alemão faz da amostra recolhida uma análise exaustiva, que se ameniza pelo belo do desenho aquarelado. E esse ramo, como tantos outros, vem preservado de um toque efetivo que integra o objeto num ambiente humanizado: "Ramo colhido a 100 m do jequitibá, que está junto ao Rio Guandu, no Mendanha, sítio que foi de meu pai, e hoje do China Joaquim — abaixo do lugar onde foi antigamente a casa de um fazendeiro canhoto. Esta árvore assim como outras da mesma espécie se desviam à beira do rio (hoje existem 3 e fia nova) quando se fizeram as desrubações das matas virgens, isto há mais de 60 anos, com o fim de tirar árvores para as caixas de açúcar".<sup>21</sup>

O estudo é de 1816. Três anos depois, lançava o botânico, ao alto do desenho, a nota de que o espécime não florescera até então; em 1850, dizia ter florescido, e "floresceu" em dezembro de 58; "está florescendo" (janeiro de 59); a mesma nota em novembro de 57; em setembro de 62: "está com flor", e, finalmente, em janeiro de 67: "está com flor".<sup>22</sup> Durante vinte anos, ou sabut das estações, cumpría o jequitibá seu ciclo, e durante vinte anos acompanhava-o o ansioso cuidado do botânico.

Não foi um caso apenas. No peripasso das folhas dos dezenas de ramos em que ficaram, desses estudos vimos deparando com inúmeros outros. Fazendo de suas observações um novo hábito, incorporando essa atividade à própria vida, fez Freire Alemão de seus rascunhos uma espécie de diário botânico e, por senti-los realmente parte de sua existência, por eles derrama as ondas de calor e afeto de que não escapa uma página sequer. A planta estava no centro do seu interesse, era o objeto permanente de sua contemplação. Por confundir-se assim com sua própria vida, passou também a constituir elemento de interesse e curiosidade de todo o círculo doméstico. Os inimais, sítianas da zona rural, quase todos, enviam-lhe galhos de plantas desconhecidas; os maciços reservavam-lhe flores e frutos de espécimes em observação, e dos parentes, dos amigos chegavam-lhe florinhas silvestres, abóboras gigantes, excentricidades vegetais as mais diversas. Em 1859 anota numa das folhas de seus "Estudos Botânicos", a respeito da flor da batata inglesa: "Ramo florido, metido o pé n'água em um copo, há já quatro dias, em todas as cardas ao anoi-

<sup>21</sup> Ao tempo do Padre Caietano da Fonseca. Na sua infância presenciou ainda Freire Alemão algumas dessas desrubações, quando este desempenhou a Saldanha da Gama. Então, as vitimas eram os iridibás, despedidos a marchas para o trabalho escravo.

<sup>22</sup> "Est. Botânic.", IV, 54.

toer fecham as flores, que no dia seguinte amanhecerem abertas. Hoje o quarto dia já não abrem perfeitamente. Esta observação foi feita pela maria Policena, que conserva o ramo em águas".<sup>22</sup>

Em 1840 iria o acaso ainda uma vez favorecer Freire Alemão. Tendo adocido subitamente o jovem imperador e não estando presente o médico de plantão, recorreu-se ao mestre, ocasionalmente ocupado em suas aulas da Escola de Medicina. Tal prestação de serviço outorgou-lhe, como de praxe, a distinção de ser nomeado médico da cívica imperial. Outros horizontes se abriam para o humilde camponês que continuava éte sendo.

Cada semana que entrava de serviço era aproveitada, nas largas horas de sossego, para enriquecimento intelectual. Ora no Paço da cidade, ora na Quinta de São Cristóvão, na Fazenda de Santa Cruz ou no Palacete de Petrópolis, perdia-se no estudo, freqüentando a biblioteca imperial, herborizando pelas redondezas ou fazendo observações meteorológicas.

Havia nêle uma curiosidade singular. Hominis simples, conversador ratiante, agradava-lhe o convívio ameno, por tudo se interessava, anotava tudo. Desses fragmentos de conversas, dessas indagações, desse entregar-se ao fluxo das tertúlias ficaram muitos rascunhos<sup>23</sup>, em que se juntam informações sobre assuntos os mais diversos: a entrada clandestina, no país, de obras proibidas; reuniões de consipitadores no tempo do conde de Resende; logradouros do Rio de Janeiro; artifícios e botânicos; a construção do palacete da Quinta; riquezas vegetais; banditismo; o desembargador Dinis; o marquês de Maricá, etc. Anota fatos curiosos, assiste a demolidoras, inventaria termos de carpintaria, estuda etimologias indígenas, desenha ferrolhos e dobradiças... Tudo lhe interessava; nas suas indagações, valia-se tanto dos cortesões quanto da gente do povo.

Da viagem que em 1843 faz a Nápoles, como membro da comitiva encarregada de conduzir para o Brasil a futura imperatriz Teresa Cristina, traz apontamentos da jornada, notas sobre cidades e desenhos de túmulos. Não era pois de estranhar que naquele espírito em constante vigília visse o imperador uma natureza afim: a distinção de o haver, com tão curto convívio, escolhido entre os demais para missão assim honrosa, se manifestaria com mais intensidade no correr dos anos. Admiração e afeto marcam o trato desses dois sérres. E Freire Alemão quem acompanha as princesas em suas excursões matinais; é Ele quem lhes ministra as primeiras lições de botânica. A curiosidade intelectual da imperatriz procura no mestre, a quem olcrece orquídeas, suas respostas e respostas é o que lhe pede o imperador na avidez de tudo apreender. Está nos "Estudos Botânicos" o depoimento:

22 "Est. Botânic.", III, 566.

23 Cf. *Col. IV. Notas edícas e Documentos interessantes*.

"No dia 9 de junho de 1855, pelas 5 horas da tarde S. M. o Imperador quis ir ver um famoso jiquitibá que está nas matas de Andraitx, chicara dos senhores Marques (sua mãe que ainda vive chama-se Luisa?) e com efeito lá foi acompanhado pelo seu canarista Cabral, o seu guarda-roupa Miranda Rêgo, e eu, que estava de somente o acompanhado também o senhor Marques (o doutor em Medicina) e o outro mais velho.

Eu chegando ao pé dessa árvore, da qual pendem, ou a que se encostam fia figueira, e outra planta que eu não conheci, reparou S. M. que havia flores nos ramos que eram dessa desconhecida, e me perguntou — que flores são aquelas? Eu, prevenido, e pensando que aquela planta devia ser também da natureza das lignéiras (porque seu caule, ou antes rãfes, tem toda a semelhança com o das figueiras) respondi que eram lâminas e não flores. Mas logo que nos chegamos abaixo da árvore, vimos o chão coberto de flores magníficas vermelhas, que logo resolvi ser de fia *Orombacea* [sic], o que muito me admirou, e reparando então para cima reconheci que o que S. M. tinha visto eram estas flores. Colhemos algumas no chão, e mandando-se buscar a casa da espingarda, e com tiros dados 2 por S. M. e dois por mim, tiramos algumas mais frescas. Os ramos desta planta que tinham lâminas estavam despidos de lâminas; alguns porém, mais baixos, ou mais à sombra, estavam vestidos de lâminas e não tinham fia só flor. São as flores inodoras; carnosas, encurvadas.

Chegando a casa logo as examinei e fiz estes esboços. Mas hoje, 12 de junho estando aqui no Engenho Velho é que as pude examinar mais detalhadamente em o microscópio, ou lente; e reconhecer que é da espécie de *Eriodendron*, que julgo nova"<sup>24</sup>.

Seria prazerosa ao imperador a companhia daquele homem simples, modesto, naturalmente afável, que guardava intactas, no trato cortesão, as virtudes de sua origem rural, e que na longa convivência com os grandes e poderosos jamais pleitearia favores nem vantagens nem distinções. Estas, se vierem, foi no silêncio da surpresa e como preito a seu merecimento.

#### FESTIM

Ao publicar seu primeiro estudo botânico — o da *Drypetes sessiliflora*<sup>25</sup> —, precedeu-o Freire Alemão de palavras bem esclarecedoras da disposição com que se lançava ao desbravamento de um campo tão pouco penetrado como o seu. Havia quatro para cinco anos emlivenhava-se nos mato com intuito de descobrir árvores que, por sua florescência incerta, ou por sua altura, ou por sua inacessibilidade pudesssem ter escapado ao exame dos botânicos estrangeiros.

<sup>24</sup> "Est. Botân.", XII, 138.

<sup>25</sup> Cf. *Min. Brasil*, vol. II, n° 24, 15 out. 1841, p. 377.

tos. Não era pequena a colheita obtida, adiantava, possuindo já em seu herbario muitos exemplares aparentemente novos, segundo as obras de que dispunha e a opinião do Dr. Riedel, botânico prussiano entre nós radicado.

A afirmação deixa claro o propósito do mestre do Mendapha: não se limitava a ser um "professor de Botânica", pretendia ser um "botânico" e carregar para a ciência uma contribuição pessoal, o que se torna mais evidente com a declaração de dois fins: "ouvir sobre elas (as suas descrições) o parecer dos botânicos, e de pôr data ao descobrimento, se ele existir" (isto é, assegurar-se a autoria da identificação de espécimes). Sóriam acompanhados os trabalhos de rascunhos feitos por ele próprio à vista da planta fresca, compensando-se assim a imperfeição artística pela exatidão dos caracteres e do habitat externo da planta.

Oito anos havia do concurso para a cadeira da Escola de Medicina; por oito anos, rapto de acordo com sua natureza esquiva e seus hábitos nocturnos, mostrava-se Freire Alemão apenas como o professor honesto e eficiente; ministrava noções teóricas e exemplificava suas aulas com as plantinhas "recolhidas nos arredores da cidade". Entretanto, de alguns anos para cílio, começara a meter-se pelas matas virgens, a assistir a derrubadas, a marcar árvores e a destiná-lhe guardiões — maturos de Campo Grande ou maceiros de Bangu.

De posse de um razoável número de plantas desconhecidas, pôde então, nos vagares que lhe permitiam o magistério e o atendimento à casa imperial, dedicar-se às "modestas tentativas" de classificação. Na *Minerag Brasiliense* publicaria aquelle primitivo estudo e alguns mais. Isto feito, ouviria "o prever dos mestres".

A publicação da *Drypetes sessiliflora* inaugura a fase a que se poderia chamar de projeção e que consiste na classificação de plantas novas ou poucos estudadas. Vai de 1844 a 1850. Nesses sete anos, onze espécimes são propostos aos naturalistas europeus, a Marliac particularmente, com quem Freire Alemão se corresponde.

Quando em 1865 escreve a Jean Conect, relacionando os seus trabalhos publicados, refere quinze plantas originais, acrescentando-lhes a *Azereia Perambucana* de Arriuda da Câmara, que divulgara no *Argusio Médico Brasileiro* em 1846. São portanto mais quatro estudos, apenas, que imprime depois daquele período, devendo-se considerar que três deles — *Ferreirea spectabilis*, *Myrsinpermum erythroxylum* e *Soaresia nitida* — têm sua elaboração datada de 1851. Mais afastado — de 1857 — é o derradeiro (*Xanthiniphyllum streptans*, bainha-de-espada), a que Freire Alemão chamara, em seus horócos, *Hexadenia ferox*.<sup>21</sup>

À vista dos dezenove tomos de seus "Estudos Botânicos", não deixa de causar estranheza o reduzido número de plantas publicadas, quando se sabe

<sup>21</sup> Cf. Catá., n.º 587.



*Zollernia mucinifera*. O desenho aquarelado, de grande beleza, foi um dos estudos que precederam a descrição da planta em 1858. Acompanha-se de breve nota em Latim.

encontrar-se ali uma verdadeira summa botânica, resultante do trabalho diário de cerca de trinta anos. Leveu-se em conta, entretanto, o fato de que os meios de divulgação foram sempre difíceis ao sábio da Mendanha; as impressões eram costosas, conseguidas de favor: os desenhos e litografias feitos não raro pelo próprio autor. Atual assim, não são poucos os estudos praticamente acabados que se encontram naqueles tomos ou em avulsos. De 1849, por exemplo, é um "Estudo de uma Eulorbiácea colhida nas várzeas alagadiças de Itagual"<sup>21</sup>, sem nome vulgar, e de 1859 a descrição da *Zelkonia morituba* (maria-preta), só agora divulgada<sup>22</sup>.

Os anos de 1851-53 marcam o ingresso de Freire Alemão num campo mais ambicioso, o das "memórias". Sem abandonar o trabalho rotineiro de observação, estudo e classificação das plantas, ordena o farto material de análise microscópica da organização vegetal. Reúnira-o no ano anterior, quando, fugindo à epidemia de febre-amarela, passara alguns meses no Mendanha. Oito memórias, das nove elaboradas, pertencem a esse período: tratam da estrutura dos pêlos, dos vasos, do caule, das flores, dos frutos, das folhas, etc. Já em 1847 redigira um "Esboço para uma memória sobre os cactos", também incluída nos "Estudos Botânicos"<sup>23</sup>.

Dessas memórias, permanecem inéditas a referente ao caule das Nictaginaceas (1.<sup>a</sup>), a que trata das folhas em duas espécies de Guarea e da *Citrus decumana* (7.<sup>a</sup>) e a que versa a formação do sistema vascular (8.<sup>a</sup>). Da sexta memória, jamais publicada, não se tem qualquer idéia, visto não constar dos manuscritos de Freire Alemão. Uma primeira e única memória de natureza carpológica, não datada, ficou também inédita. Era, como os demais, trabalho pioneiro, entre nós<sup>24</sup>.

O período de 1851-53 assinala por outro lado a preocupação de sistematizar uma série de trabalhos referentes à história das árvores florestais. Ao assunto se alçou desde cedo e ambicionava compor um *Arboretum ou Arborarium Fluminense*, como antecipa em carta a Martinus<sup>25</sup>. Vinha de 1847 a importantíssima relação "Madeiras do Brasil", mandada ao amigo; em 1849 escrevera uma primeira "tentativa" sobre o assunto e um estudo a respeito de corte e conservação de madeiros<sup>26</sup>. A observação paciente da florescência das árvores constitui assunto da também valiosa relação encadinhada ao naturalista alemão em novembro do mesmo ano. Em 1851, afinal, consubstanciando

21 Cf. "Est. Botân.", VI, 112.

22 Cf. *Catálo. e Tratado*, n.º 589.

23 Cf. VII, 38.

24 Cf. *Catálo.*, n.º 904.

25 Cf. *Catálo. e Tratado*, n.º 142.

26 Cf. *Catálo. e Tratado*, n.ºs 365, 660 e 502, respectivamente.

o material pertinente, 16 na Sociedade Velosiana os "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, e particularmente das do Rio de Janeiro", trabalho a que volta no ano seguinte em nova leitura e a que segue uma "Comunicação sobre árvores florestais" <sup>33</sup>.

No ano de 1853 pleiteia e obtém o botânico sua jubilação na Escola de Medicina. O afastamento do magistério significará para Ele desvantagens financeira (a tal ponto, que cancelará a subscrição da *Flora Brasiliensis*), mas por outro lado lhe proporcionará o vagar necessário para dedicar-se por inteiro à Botânica. Faz planos, anseia por voltar a seus matos. Iá no Mendanha, no sítio da tia Antônia, escolhe um lugar no morro, onde começa a livrar uma casa. Põe-lhe o nome de Porangaba — lugar bonito, ou de boa vista.

É em Porangaba, cercado e a cavalo de seus matos nativos, que Freire Alemão inicia a terceira fase de seus trabalhos. A jubilação devolverá a liberdade da roça, donde só se afasta para cumprir a semana de médico da cívara imperial e assistir às reuniões da Sociedade Velosiana, entidade nascida de sua determinação e a que se dedicava apaixonadamente.

Voltava assim à origem, assentando no chão natal do Mendanha os pés de camponês, que o tempo e a alternância da vida entre o trato e a Corte tornavam já cansados. É talvez a única fase de verdadeira tranquilidade em sua existência. Nos altos de Porangaba, à sombra de seus ipês, na companhia daquela "tia Antônia" que surge a cada anotação de seus "Estudos Botânicos", cercado da morna ternura de irmãos filhos ao solo, como que se reintegra no bucolico mundo da infância e reencontra as sombras dos entes mais caros; o pai lavrador, a mãe mal lembrada e, dominando tudo o mais, o Padre Antônio do Canto da Fonseca, desbravador, pionheiro, que dentro em pouco fixaria de forma indeleável em páginas de crúdicio histórica.

Em dezembro de 1852, cometera-lhe o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de que era sócio correspondente desde 1839, o segundo ponto para desenvolvimento: "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?"

Pouco dado talvez aos trabalhos de extensa redação, fosse pela escassez de tempo, fosse pela confessada pachorra; voltado mais para a vida da sua Velosiana, juntou-se valera Freire Alemão da *Revista* do Instituto para a divulgação de obra mais ambiciosa.

A questão, como fôra proposta, pareceria à primeira vista bem simples; mas não deixava de ter sua imprecisão. Aceitando a incumbência de explaná-la, decidiu-se Freire Alemão por lhe restringir os limites, em proveito do aprofundamento. Forniu a atenção em três plantas: a cana-de-açúcar, o café e o chá <sup>34</sup>.

<sup>33</sup> Cf. *Calul.*, nos 571, 575 e 577, respectivamente.

<sup>34</sup> Cf. *Calul.*, nos 588-595.

Da consulta à bibliografia histórica, aos documentos inéditos: das indicações, das conjecturas, dos cotejos, em que despendera três anos, resultou a memória lida no Instituto em 16 de maio de 1856, em presença do Imperador. É um trabalho definitivo, que deleita pela forma castaça, pela elegância de sua arquitetura, mas que sobretudo impressiona pela erudição. A história da introdução dessas plantas no Brasil nada mais há que acrescentar.

#### Das Coisas Tristes

Em 1848 Freire Alemão já falava a Mariano de seu projeto de reunir numa associação algumas poucas pessoas interessadas nas ciências naturais. Chamava-lhe Sociedade Velosiana, em homenagem ao patriarca dos estudos botânicos no Rio de Janeiro, Frei José Mariano da Conceição Veloso, cujo nome se prendia também às suas mais remotas lembranças da infância no Mendanha. Em 1850 foram vencidas as derradeiras dificuldades, instalando-se definitivamente o grêmio no mês de outubro. O periódico almejado para a Sociedade Velosiana jamais pôde ser publicado, mas nas páginas do *Guarababa* imprimiram-se os mais importantes dos trabalhos lidos em sessões da entidade.

A Velosiana compreendia quatro seções — de mineralogia, de botânica, de zoologia e de língua indígena —, que foram presididas com figuras científicas de relevo, como Frederico Leopoldo César Burlamaque, Cândido de Azedo Coutinho, Custódio Alves Serrão, Vandelli, Riedel, Serpa Brandão, Guilherme Schuch de Capanema, E. J. da Silva Maia, Desconçiliz, Antônio Manuel de Melo e Inácio José Malta, na qualidade de sócios fundadores, além de nomes distinatos de fora da Corte: Cotreia de Lacerda, Saldanha Marinho, Beaupaire Roban, Carlos Engler, Augusto Leverger, etc. A Freire Alemão, como era natural, coube a presidência da Sociedade Velosiana, cabendo a Capanema a secretaria.

Embora de duração efêmera, pôde a Velosiana atingir um de seus objetivos imediatos, que era o de congregar estudiosos e estimular-lhes o trabalho. De seus membros foi Freire Alemão o mais laborioso, apresentando novas memórias a cada sessão, levantando questões a serem debatidas e prestigiando, por força de seu gênio compreensivo, os tentáculos de quantos, embora mais jovens ou afastados do centro cultural que era a Corte, viam na existência da instituição uma possibilidade de ressonância para seus exercícios científicos.

Em 1853 a Sociedade Velosiana praticamente deixa de existir. Apesar do esforço de Freire Alemão, rareiam suas colaborações e o próprio sítio, reconhecendo o fato consumado, retrai-se, esperando melhores dias para tentar dar nova vida à entidade. Virão os anos calmos de Botangaba, e com o sossego do campo, a superação das decepções.

Homem sempre disposto a colaborar com todas as iniciativas em prol das ciências, veio-lo já em 1856 participando da fundação da Palestra Científica, associação de âmbito mais largo que o da Veloxiana, mas nem por isso mais duradoura. A influência de Guillerme Schuch de Capuama, seu mentor, junto ao monarca, possibilita à Palestra um veículo para a divulgação de trabalhos, a recém-criada *Revista Brasileira*. Nela voltará Freire Alemão a apresentar novas descrições de plantas e memórias lidas na antiga Veloxiana; nela publicará o único estudo de natureza zoológica que escreverá em toda a vida<sup>15</sup>.

A beira dos sessenta anos de idade, haveria o célio de aspirar à quietude do ocaso. Encheria-se-lhe a vida, de repente, de tristezas: decepções, que sua alma sensível sentia mais acentuadamente, mortes no círculo doméstico, reconhecimento da inviabilidade do labor científico, aperturas financeiras, males do corpo — tudo contribuía para combalir-lhe o ânimo. Nas "Estudos Botânicos" deixou registrado mais de uma vez o que lhe ia na alma; nada mais doloroso, entretanto, do que o episódio da morte da jovem Virginia (filha adotiva, seguramente) ocorrida em dezembro de 1855. Nas cartas a parentes, nas expressões de consolo destes, nas frases lançadas em meio às descrições botânicas, vê-se bem o que no acontecimento havia de patente: "Lavado em lagrimas, com o coração opreso de dor lhes participo que ontem se enterrou o corpo da nossa infeliz Virginia..." escreve ele à mana Polixena e as sobrinhos; "Minha querida Virginia sepultou-se ontem pelas 5 horas da tarde. Não sei donde me virá consolo a esta perda..." diz ao mano João. A prima Florinda comunica: "Esta noite (a da morte), que escrevo passado de alijões, e com os olhos ricos de lagrimas, entendi que lha devia logo dar, porque também me ajulaste (sic) a crê-la; e ela que nunca se esqueceu desse benefício lhe há de merecer uma lagrima de saudade". E dias depois, agradecendo ao vigário de Campo Grande manifestações de conforto: "... perda dolorosíssima de um ente que criei em meus braços, e a quem tomei a mais doce afetção..." Em meio às anotações dos "Estudos Botânicos" largam Freire Alemão em 24 de outubro daquele ano esta frase: "Fajo este esboço estando com a minha Virginia à morte"<sup>16</sup>. Páginas adiante, numas notas de 1 de janeiro de 1856 sobre certa rubiácea, intitulou ele (quanto tempo depois?) palavras ainda emocionadas: "quando eu colhia esta planta tinha o coração envolto em tristeza e os olhos ricos de lagrimas"<sup>17</sup>.

Stranho, não obstante, que ao rascunhar a "Notícia sobre a minha vida" silenciasse a respeito do episódio, como estranho — bem mais ainda, talvez —

15. *Magnistar reductus*. *Rev. Brasileira*, t. I, 1857, p. 211. Os spontaneouses haviam sido fundados no seio da Sociedade Veloxiana. Além desse estudo, de que não temos manuscrito, só dois outros trabalhos zoológicos se encontram entre os papéis de Freire Alemão: o primeiro, sobre um inseto ("Est. Botân.", VI, 1); o segundo, uma aquarela de ave dos buquês, o sabacó (ibid., VII, 21).

16. III, 56.

17. III, 56.

que, multiplicando-se nos "Estudos Botânicos" os esclarecimentos sobre lugares, pessoas e situações, nenhuma referência existia que desperte a lembrança do pai, morto por volta de 1836, ou da mãe, que chegara a ver o futuro botânico a preparar-se para a medicina.

Do retiro de Porangaba, onde os desgostos lhe soldavam a veia, iria Freire Alemão sair muito breve. Estruturara-se em 1856, nas salas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma expedição científica destinada a devassar o interior do país — o Nordeste especialmente — e para a seção de botânica indiou-se o nome do solitário do Mendanha. No ano seguinte veio-lhe designado para presidente da comissão exploradora, sobre a qual desacata o beneplácito do monarca e para a qual se abriram as caixas do Tesouro. Delongas de variada razão demoraram a partida dos exploradores, que só ocorre em princípios de 1859. Nesse meio tempo, solicita-o ainda uma vez o apreço imperial.

Reformara-se na Corte a Escola Central Militar, em cujo currículo se restabeleceria a cadeira de Botânica e Zoologia. Nos seus mares de Campo Grande recebe Freire Alemão, em 1858, a designação para a regência da matéria, não lhe valendo escusas nem alegações. Eram de novo os vaivéns, as longas juntadas, as canseiras do ensino. Mas o Ceará está à vista e logo se interrompe esse labor.

#### EXPEDIÇÃO AO CEARÁ

Avivando a atenção do mundo científico, as terras americanas constituiam havia já algum tempo objeto de estudo por parte de expedições estrangeiras. No caso do Brasil, não poucas informações atinentes às ciências naturais deviam-se mais ao trabalho de expedições europeias que à empreza nacional. A ideia de se criar uma comissão exploradora integrada por naturalistas brasileiros era, pois, pioneira. A sugestão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro não faltou apoio governamental nem a esse apoio diligência. Em pouco se concretizava a ideia, estruturava-se a expedição, escolhiam-se os componentes, concediam-se-lhe verbas e aparelhava-se ela com o que de mais moderno havia no instrumental científico da Europa.

Compunham-na cinco seções: a Botânica, a Geológica e Mineralógica, a Zoológica, a Astronómica e Geográfica e a Etnográfica e de Narrativa da Viagem. À frente de cada uma delas, o que de mais expressivo havia entre os nossos homens de ciências: Freire Alemão, Guilherme Schuch de Caparéma, Manoel Ferreira Lagos, Giacomo Raja Gabaglia e Antônio Gonçalves Dias. Ao primeiro, já pela idade, já pelo prestígio internacional de que desfrutava, coube a presidência da Comissão. Once ajudantes e um pintor completavam a relação básica de seus componentes.

O alvo inicial da expedição fora motivo de demoradas discussões: pensava-se na penetração de províncias interiores através de algum de nossos grandes

rios; prevaleceu no entanto a idéia de se tomar o Ceará como campo experimental e ponto de irradiação. Nessa escolha final, venceu a suposição da existência, na província, de grandes reservas metalíferas, a que a imaginação popular, a lenda bibliográfica ou a observação superficial emprestavam proporções invulgares.

A Comissão Científica deixou o Rio de Janeiro em princípios de 1859; em fevereiro já se achava instalada nas salas do Liceu Cearense, em Fortaleza. Durante dois anos e meio realizou trabalhos que, malgrado as críticas apaixonadas, justificariam as verbas que lhe concederam os orçamentos. Faltos diversos impediram que melhor se aproveitasse não só a experiência como seus frutos, que se dispersaram sem utilidade compensadora: material botânico, mineralógico, zoológico, iconográfico, bibliográfico, etc., etc., em parte, o destino de museus e órgãos próprios, mas extraviou-se em não pequena parcela.

Não cabe aqui o estudo da Comissão Científica<sup>43</sup>; interessam-nos apenas acompanhar o desempenho de Freire Alemão a testa da Seção Botânica.

Desde a chegada a Fortaleza exerceu o velho mestre toda a sua capacidade de trabalho. Estuda plantas, faz observações sociológicas, indaga, anota, transcendendo, pelo seu espírito naturalmente percurridor, o campo que lhe era reservado. Minucioso, metódico, prossegue em seu hábito de estudar e trabalhar cotidianamente. Graças a essa honestidade profissional, o rendimento da Seção Botânica foi incomparavelmente maior que o das demais.

Sexagenário, não se lhe alteram os métodos de trabalho. Colhida a planta, examina-a, descreve-a e desenlaca imediatamente. Dessa disciplina, resulta a soma de seus apontamentos: cerca de setecentos estudos botânicos foram realizados durante a estada no Ceará. Nem sempre espécimes novos: muitos deles repetidos; mas os nove volumes em que se distribuiram, segundo um critério cronológico, esses apontamentos, valem por um diário científico e emulam com os célebres tomos dos "Estudos Botânicos" referentes à Flora do Rio de Janeiro.

A esses escritos, havendo que juntar a grande quantidade de notas decorrentes de inquéries, pesquisas, transcrições, etc., a que, curioso, observador, se entregava sempre Freire Alemão. A conversa era para ele um meio de conhecimento. Por mais despretensiosa que fosse, proporcionava-lhe matéria para reflexão e estudo. Das pessoas com que priva, da gente com que se depara, recolhe informações de natureza histórica, sociológica, econômica, etc. Anota o preço de mantimentos, a qualidade das águas, as espécies do gado, os conceitos de moral, a índole da população, os fatos políticos, as espécies zoológicas, os costumes indígenas, tudo, em suma. Dessa quantidade de registros que dormiam no ineditismo poderiam surgir ainda subsídios de não pouca valia para a história política e econômica do Ceará.

<sup>43</sup> Veja-se a propósito o bem documentado trabalho de Reinaldo Braga, *História da Comissão Científica de Exploração*, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

Completando as observações botânicas e de natureza sociológica, conta expressivamente entre os papéis do naturalista o seu diário. Resumindo notas avulsas, ampliando lembretes, largou ele nessa páginas tudo o que lhe pareceu de interessar: itinerários, contactos, incidentes, depoimentos, etc., sucedendo-se cotidianamente num período de trinta meses, com riqueza de informações e de minúcias pouco encontrada.

Trabalhador não menos incansável, apaixonado também pela Botânica, foi-lhe valioso colaborador no Ceará, como o era antes e o seria por algum tempo depois do regresso à Corte, o sobrinho Doutor Manuel Freire Alemão. Embora morto prematuramente, evidenciou qualidades profissionais invulgares, interessando-se em particular pelas plantas medicinais. Seus escritos apresentavam inclusive certa elegância de estilo, que nem sempre anda a par do conhecimento científico.

De volta ao Rio de Janeiro, em agosto de 1861, encpenhou-se Freire Alemão na discriminação das doze mil plantas secas trazidas do Ceará, publicando pouco depois os estudos a respeito de algumas consideradas novas. Sob o título *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração. Seção Botânica*, aparece em 1862 o "1.º folheto", com três descrições e uma monografia do Dr. Manuel Freire Alemão: "Considerações sobre as plantas medicinais da flora cearense". De 1861 é o "2.º folheto", a que se deixou de juntar o artigo sobre plantas medicinais em virtude de, com a morte do jovem Manuel Freire, terem ficado desconexos os respectivos apontamentos. Em 1866 sairia ainda um "3.º folheto", mas circunstâncias políticas impediram o prosseguimento das publicações.

Em 1862, um volume inicial da série de *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração*, com o subtítulo de *Introdução*, reunira ao histórico dos trabalhos desenvolvidos no Ceará os relatórios das Seções Botânica, Geológica e Zoológica. Constituia, com os três folhetos botânicos, a única documentação de vulto que se imprimiu. Não chegaram sequer, talvez, a ser escritos os relatórios das outras seções. Frustrou-se dessa forma um conhecimento pioneiro que, se experimentou a crítica e a incompreensão de alguns, não deixou de contar com o amparo oficial e o estímulo altruístico de Pedro II.

#### CARTAS A MARTÍCIA

O primeiro contacto de Freire Alemão com naturalistas estrangeiros data de 1840. Pelo teor da carta que escreve a Giovanni di Brignolli (30 de setembro) vê-se que partira deste a iniciativa da correspondência. A carta é cerimoniosa, sem informações de maior interesse, da mesma forma que a segunda, escrita em latim no ano seguinte. A viagem à Itália permitiria o encontro com algumas figuras do círculo científico, mas não seriam duradouras as relações posteriores, salvo com Michele Tenore. Sómente em 1844, quando

tem em vias de publicação os primeiros estudos fitográficos, é que Freire Alemanão ativa o intercâmbio, e é pelo maior dos mestres, Carlos Frederico Martius que se inicia realmente a troca de informações. O italo epistolar com Martius será prolongado, embora lacunoso: estende-se de 1844 a 1867. Foram trocadas vinte e nove cartas, sendo dezenove de Freire Alemanão.

Pela primeira carta do brasileiro (20-7-1844), vê-se que também aqui partiu do europeu a iniciativa do contacto. Pôsto que confessando-se honrado com a instituição, revela desembarracho, indagando, levantando dúvidas, opinando e reservando-se para posteriores definições. Era já um homem razoavelmente seguro de seu assunto.

Embora pronta a série inicial de estudos, demorava-se na *Materia Brasiliensis* a impressão da primeira planta, de forma que foi aquela carta desacompanhada de material fitográfico; só com a segunda (20-12-1845) seguiriam as descrições – três<sup>28</sup> –, lamentando Freire Alemanão que não pudesse mandar também o estudo sobre o pau-pereira (*Geissospermum Feltiae*), que sairia poucos dias depois no *Arquivo Médico Brasileiro*<sup>29</sup>.

O pau-pereira despertava o interesse de Martius, já anteriormente pedira informações a respeito, mas Freire Alemanão, que via no espécime contradição com a classificação tradicional, proteja qualquer resposta, dando a planta como sujeita ainda a estudo. Com efeito, ao publicar sua descrição, afirmava constituir gênero novo – *Geissospermum* – caracterizado pelo arranjoamento das sementes. Nem *Tabernae montana*, como a classificara Veloso, nem *Fallisia*, como a criu Riedel, embora não muito disidente da primeira.

A consciência de que começava a pisar com firmeza noutro campo em que pontificavam verdadeiros sábios não altera em Freire Alemanão aquela pureza do bengô nem as linhas – tão belas – de seu caráter. Ao mestre que da Europa o desculpe na humildade do magistério, confessa suas deficiências, revela seu embaraço e pede ajuda. Propõe-se a assinar a *Flora Brasiliensis*, apesar do grande sacrifício que lhe exigiria o alto custo da obra; solicita relação de obras sobre ciências naturais do Brasil, “principalmente de autores brasilienses”, das quais Martius esteja disposto a se desfazer; declara humildemente que se via na contingência de desenhar e litografar ele mesmo suas plantas, porquanto lhe pediam vinte e cinco mil réis pela gravação de cada desenho. Contemplado assim, entende-se como verdadeira candura a declaração feita numa carta a Fischer, Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo, em 1847: “Começo a provar a indizível satisfação de me ver elogiado e estimulado por homens eminentes nas ciências, o que considero como o melhor prêmio de minhas fadigas, e que me impõe o dever de continuar com mais zelo e obstinação”<sup>30</sup>.

28. *Diospyros secundiflora*, *Plumbago acuminata* e *Androstachys Novibensis*. Cf. n.º 25 e Catá., nos 548 e 549.

29. Cf. Catá., n.º 560.

30. Cf. Catá. e Transcr., n.º 95.

Na segunda carta a Martius, adianta Freire Alemão duas notícias promissoras, primeira, que, após a consulta aos sábios europeus e a aquisição de mais domínio do assunto precederia recorrer à proteção imperial para editar uma obra botânica; a segunda, que se encontrava em seu poder preciosa coleção de desenhos de Arruda da Câmara, em cuja divulgação pretendia empenhar-se<sup>42</sup>. Acompanham tais informações notas e desenhos sobre as plantas que se encontravam em ofício imediata de publicação: o pau-pereira e o maririço (*Poecilochiton fluminensis*)<sup>43</sup>. Demorou-se o aprimoramento da segunda, que seria publicada em dezembro de 1846, de forma que na terceira carta (29-6-1846), escrita muito a pressa para valer-se de um portador, seguiu apenas o *Geijera peruviana Vellossii* e a primeira planta de Arruda.

A carta de 13 de maio de 1847 — quarta — é das mais interessantes dessa correspondência, porquanto de seu texto se depreende que Martius discutia superiormente os problemas que lhe pareciam saltar das classificações de Freire Alemão, como no caso da *Avicularia floribunda* e do maririço — discussão que de resto era igualmente bem sustentada por seu correspondente. Mais valioso, porém, é esse documento pela informação de que junto seguira uma relação de árvores do Brasil<sup>44</sup>, de cujo estudo se ocupava Freire Alemão e que resultaria de alguns anos de observações e apontamentos.

Tal atitude, que hoje nos causa estranheza, espelhava bem a simplicidade de alhos do naturalista. Não fôrça era a primeira antecipação de estudos inéditos, como vimos; nem seria a última. Dêsse desprendimento nasceu a afirmação, da parte de alguns, de que Freire Alemão, tendo contra si o ineditismo de certos trabalhos, era espoliado em suas descobertas, e chegou-se a atribuir a ele próprio palavras de ressentimento em relação a Martius.

Ora, o desabafo, cuja veiculação partiu de seu discípulo e colega José de Sollánha da Gama<sup>45</sup>, parece ter sido mais uma decorrência do enusiasmo do apoligista que expressão da verdade. Não se encontra em nenhuma das cartas a Martius — e aqui se transcrevem todas elas —; não se coadunava com o testemunho de Freire Alemão; não seria justo para com o naturalista da *Flora Brasiliensis*, que sempre teve pelo brasileiro uma afecção realmente profunda. As relações entre os dois sábios iam além do mero intercâmbio científicos; havia nesse contacto certo calor humano. Martius queixava-se da ausência de noti-

<sup>42</sup> Recobrada Freire Alemão de Donos Mammí Telefônico Gomes. Cf. Arch. Hist. Brasil, t. 11, n.º 5, mar. 1846, p. 146, onde, em nota prévia à publicação da *Arredio Peñumbracina* de Arruda da Câmara, se encontram poemas do auctor.

<sup>43</sup> Cf. CatáL. n.º 658.

<sup>44</sup> Cf. CatáL. e Transcr., n.º 383.

<sup>45</sup> Cf. "Biografia e apreciação dos trabalhos do botânico brasileiro Francisco Freire Alemão", in Revista do I. M. G. B., t. XXXVIII, parte 2.º, 1875, pp. 51-126.

dis, protestando que seus fascículos da *Flora* deviam ser considerados "epistolas impressas"; a mesma queixa fazia nas cartas a outras personalidades, das quais indagava sempre de Freire Alemão, reiterando a admiração que lhe dedicava. Em 11 de abril de 1863, escrevendo ao cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, assim se manifestava: "Este sábio (Freire Alemão), há muitos anos que não me participa notícias suas, mas eu não deixei [de] mandar-lhe minhas epistolas impressas, as continuações da *Flora Brasiliensis*. hei de receber com sumo agrado tanto o relatório da Comissão Científica do Ceará como amostras das plantas por Ele descobertas e que deviam entrar na *Flora Brasiliensis* naturalmente sempre com o seu nome"<sup>46</sup>. E em 12 de julho de 1865: "Desejo muito que o célebre Doutor Freire Alemão tenha a bondade de comunicar bem cedo as suas descobertas botânicas no Ceará, para poderem entrar [na] *Flora Brasiliensis* que me ocupa sem interrupção"<sup>47</sup>.

O comportamento de Freire Alemão não decorria, de forma alguma, de avarícia ou amoralidade. Choques emocionais, dissabores em sua vida particular, inexpressões na esfera administrativa abalavam-lhe, desde havia algum tempo, o ânimo para o trabalho, como veremos mais adiante. Era de índole confessadamente pachorrenta; devia tudo fazer pelas próprias mãos, daí que protocolasse constantemente o atendimento aos pedidos que lhe fazia Martins. Mas a afirmação contida na última carta ao naturalista germânico (11-1-1867) contraria de pleno o lendário desabafo: "Eu devo aqui confessar-me penhorado de que Vossa Senhoria tem feito a meu respeito fazendo publicar na sua magnífica *Flora do Brasil*, em meu nome, quanto lhe tenho mandado em manuscrito".

Como se vê, Freire Alemão antecipou a Martins, no rotar de vinte anos, estudos botânicos que nem sempre chegaram a ser publicados; o reconhecimento pela honesta atribuição de autoria ocorre não só na verdadeira, mas também noutras cartas.

A relação de madeiras do Brasil foi motivo de consultas, discussões e esclarecimentos a partir da sexta carta do brasileiro. O fato de que se hajam alienados do espólio científico de Freire Alemão os autógrafos de Martins elide muitas das questões por Ele levantadas a respeito dos espécimes relacionados: sólamente através das respostas pode-se deduzir de sua importância.

Se a quinta carta (7-12-1847) era apenas pretexto para o envio das duas últimas plantas publicadas no Rio de Janeiro (*Silvia navalium* e *Myrocarpus fastigianus*<sup>48</sup>), essa sexta (30-6-1848) é prenha de assuntos. Comentários sobre as plantas já publicadas, sobre o oiti, que tanto interessava a Martins, sobre a florescência das árvores florestais, etc. Pedese notícia sobre a vida e a obra

<sup>46</sup> Biblioteca Nacional, S. Ms., 1.8.9.61.

<sup>47</sup> Biblioteca Nacional, S. Ms., 1.8.9.62.

<sup>48</sup> Cf. Catá., n.º 556 e 557, respectivamente.

de Frei Leandro do Sacramento e a etimologia de algumas palavras com vistas a um compêndio de botânica — obra que se inseria nos propósitos de Freire Alemão. Depreende-se ainda do texto que Martius se prontificara a enviar ao amigo uma série de livros científicos alemães. A correspondência deixara de seguir na ordemção prevista, havia por que foi junto com a seguinte — bem curta — (21-9-1848), na qual se menciona o envio de nova descrição impressa — a da Urucurana (*Hieronyma alchorneoides*)<sup>49</sup> — e se dá outra informação significativa: a de que Freire Alemão cogitava reunir alguns poucos que se ocupavam com as ciências naturais e "formar um núcleo, ou comégo de uma Sociedade" cujo nome, em homenagem ao autor da *Flora Fluminensis*, seria "Sociedade Velosiana". Recomendadamente o mais difícil, mas imprescindível, havia de ser a manutenção de um periódico próprio, a que se chauraria *O Precursor, Veleidades, talvez*; mas desejava comunicá-las para que de certo modo se sentisse obrigado à sua execução.

Em novembro de 1849, mais de um ano após a precedente, Freire Alemão escreve uma das cartas mais substanciais: além de duas novas plantas publicadas<sup>50</sup>, seguia uma relação de árvores que haviam florescido naquele ano e no anterior — subsídio de tanta valia quanto o catálogo das madeiras que mandara a Martius em 1847. Comenta diversas plantas, principalmente dentre as estudadas por Frei Veloso e aponta correções tipográficas que se devem fazer na *Flora velosina*. Notícia desalentadora é a da interrupção do periódico em que publicava seus trabalhos, o *Arquivo Médico*.

Segundo se desprende das massivas imediatas, essa carta não chegou às mãos de Martius. Dois anos depois, à falta de resposta, Freire Alemão torna a escrever (23-11-1851), manifestando sua apreensão, da qual só sairá em julho do ano seguinte, quando, por uma carta do correspondente, terá confirmação do extravio dos papéis. Não só as descrições, como também amostras de ramos secos, flores e frutos diversos, além de um exemplar encadernado da *Flora Fluminensis*, haviam sido tão desenhado, muito embora houvessem sido entregues aos curadores da casa Laemmert.

Essa carta de 1851, curta, inquieta, é também um documento bem humano: estando às vésperas da jubilação na Escola de Medicina, e consequentemente com seus ordenados muito reduzidos, confessava-se o velho mestre impossibilitado de manter a subscrição "de uma obra tão cara", como a *Flora* de Martius, o que fazia, conforme suas próprias palavras, com bastante pesar "e não sem alguma vergonha".

A décima carta (21-7-1852), da qual se deduz a confirmação, por Martius, do extravio do material botânico, impugna de vez a alegação de ressentimentos no trato entre os dois botânicos. Há mas palavras de Freire Alemão incontestá-

<sup>49</sup> Cf. Card. n.º 539.

<sup>50</sup> *Myrciaria frondosa* (Oico-pardo) e *Ophiodelphus macrophyllus* (Santa-Luzia).

vel alegria em ver redactada a correspondência: "Agradeço a Vossa Senhoria su-  
mamente a maravilhosa obsequiosa, com que me tratou: e fico muito satisfeita com  
se dissiparem as minhas apreensões e suspeitas de que Vossa Senhoria tivesse  
alguma razão para suspender a sua correspondência comigo, quando eu não  
podia desobrir em minha consciência qual seria essa razão". E mais adiante,  
após transcrever a carta e a relação de árvores, que se haviam perdido: "Daqui  
a dois ou três meses lhe escreverei devagar; teremos longamente que conversar".

A conversa foi retomada no mesmo ano (22 de dezembro). Cliente de que  
a Freire Alemão lhe era impossível continuar com a subscrição da *Flora Brasiliensis*, como constrangidamente lhe confessara, prontificou-se Martius a lhe  
oferecer dat para diante os fascículos da obra. Fundar-se-á a Sociedade Velosiana,  
cujos trabalhos eram provisoriamente publicados no *Guancham*; aqui saia,  
entre outras coisas, nova relação de árvores de construção, algo mais adiantado  
que os dois catálogos precedentes<sup>51</sup>.

Descontentando-se pela imperfeição desses apontamentos, Freire Alemão an-  
ticipa seu fim: "são por ora preparativos para uma obra definitiva, que se  
Dens me conservar vida e saúde, pretendo fazer; e que será intitulada — *Arbo-  
retum ou Arborarium Fluminense*; porque al só me ocuparei das árvores flo-  
restais, e de construção". O vinhático amarelo (*Eukalyptopanax Balthazar*), a  
oiti (*Sorceris nitida*) e o tatu (*Pithecellobium indutum*) eram as novas descrições que ofe-  
recia a Martius e cuja leitura fizera na Sociedade Velosiana.

Contrariamente ao de 52, tão proveitoso para seus trabalhos, o ano de 1853  
foi-lhe de esterilidade, segundo declara em novembro desse ano. A quase ne-  
nhuma florescência das árvores, o desarraigo de sua vida particular, as difigê-  
nças para a jubilação, etc., influíram nesse pouco rendimento.

Mas não fôra assim tão desalentador esse ano. Os trabalhos lidos na Socie-  
dade Velosiana e a publicação de algumas plantas novas contrariaram seu  
pessimismo.

A declaração deve ser tomada mais como exteriorização melancólica em  
relação à vida prática: jubilado por essa época, Freire Alemão se deparava com  
problemas financeiros ponderáveis, que já o haviam levado antecipadamente a  
suspender a subscrição da *Flora Brasiliensis*. Do ponto de vista científico, 1853  
foi ano até bem propício. As memórias então publicadas iria Martius referir-se  
elogiosamente, como se depreende da carta que em 20 de fevereiro de 1855 lhe  
escreve Freire Alemão: "Muito folguei que meus ensaios botânicos anatômico-  
fisiológicos chamasssem sobre si alguma atenção dos sábios da Europa: isso nos  
animaria a progredir, e a fazer novos esforços, dos quais não aspiramos a outro  
prêmio".

A *Hieronyma alchorneoides* volta a ser objeto de reparo por parte de  
Martius, no que toca à sua inclusão entre as eutorbiáceas, reparo que aliás é

<sup>51</sup> Cf. *Catá.*, nos 551 e 555.

aceito por Freire Alemão. A criação de um gênero novo para a planta, entretanto, é sustentada pelo brasileiro, embora submetendo-a ao júizo do mais experiente.

Uma exposição dos caracteres do fruto e do embrião da *Machera affinis* — ausentes da *Flora Brasiliensis* —, que transcrevera de seus borbões, complementava as notas científicas de suas importância desta carta. Escrito em fevereiro, só em junho seguiria o autógrafo, por obséquio do barão de Capancema, então de viagem à Europa, conforme se vê do bilhete de 4 de junho.

A preocupação manifestada por Freire Alemão de escrever a Martius pelo menos uma vez por ano nem sempre se concretizou. Para isso contribuía, em parte, a expectativa das respostas; mas no fundo, o que realmente ocasionava a irregularidade da correspondência era a índole preguiçosa, a leição acomodaticia do brasileiro, pelas quais volta e meia intimidava o clima tropical. Em resposta às notícias de 1855, recebe Freire Alemão, quase ao mesmo tempo, duas cartas de Martius: uma de 1856 e outra de 1857. Só em janeiro de 1859 — quatro anos passados — tornará à correspondência, não sem justificar tão longo mutismo com as atribulações de sua vida particular. Maior que ódias era a volta ao magistério, chamado que fôra para reger a cátedra de Botânica na Escola Central. Uma novidade, que não deixaria de entusiasmá-lo, havia por então: a expedição científica em vésperas de partida, cuja finalidade era a exploração de algumas províncias do Nordeste ("uma expedição de aprendizado, e de experiência para habilitar alguns moços a trabalhos ulteriores, e talvez mais importantes").

Mais quatro anos passando até nova carta. Só a 20 de janeiro de 1863, encerrada já a tão criticada expedição, o botânico retoma a pena para comunicar a Martius os primeiros resultados de seu trabalho no Ceará. Não se fizera ainda o arranjo metódico das amostras colhidas; mas, à vista da quantidade de espécimes e da delongia que exigiria sua classificação, resolvia-se ir publicando aquelas plantas que lhe parecessem novas ou mal conhecidas.

Considerando sua idade avançada e as dificuldades materiais com que teria de se defrontar, presentia Freire Alemão a inoportunidade da publicação completa dos estudos, mas ficaria para outros o acabamento da empresa.

Em 1862 saíra da tipografia, juntamente com um tomo introdutório, de caráter histórico, o primeiro fascículo sobre a flora cearense. Era este que acompanhava a carta dirigida a Martius. Três plantas apenas — a aroeira, o pitauá e o pau-branco — liguravam no folheto, mas uma extensa e bem feita monografia de Manuel Freire Alemão, sobrinho e discípulo do mestre do Mondanha, reforçava a qualidade da publicação.

Dois fascículos mais se imprimiram nos anos de 64 e 66, e são esses que vão destinados a Martius pela carta de 14 de janeiro de 1867.

Apesar de o sibio alemão a comentar em 63 as plantas do primeiro fascículo; só agora se abalancava Freire Alemão a debater as considerações que

lhe haviam sido feitas. A classificação das plantas iniciais se fizera um tanto dubitativamente, e as argilções de Marius encontram até certo ponto, como se depreende, assentimento ("dócil me submeto ao juizo dos que sabem mais do que eu").

Carta lúcida, serena, que impressiona pela clareza das idéias, pela nobreza de atitudes, revelando aos setenta anos de idade um homem de corpo inaciro. A humanidade, que o faz submeter-se ao juizo dos mais doutos, fá-lo também recíterar seu reconhecimento pela distinção de ver seus manuscritos honestamente aproveitados na *Flora Brasiliensis* e mais uma vez insiste na manutenção do apêço e da amizade com que lhe sempre contemplado. Estava no limite de sua capacidade intelectual, no extremo da resistência física. Sem ressentimentos, encerra com esta carta seu contacto com o mundo científico europeu.

#### O RAMO TOMBADO

Quando volta do Ceará, está Freire Alemão com sessenta e quatro anos de idade. A estada no Nordeste, malgrado as conseiras físicas, os aborrecimentos, representara para ele algo de animador. Das numerosas notas ali colhidas, vemos formar-se a imagem de um homem bem-humorado, pôsto que discreto, conversador e sensível à graça feminina. O reencontro com o Rio de Janeiro, se lhe traz a alegria do convívio familiar e da casa de Parangulho, traz também a dura realidade do magistério na Escola Central, com as viagens fatigantes e o roubo de tempo ao estudo de suas plantas. Pensa renunciar de vez ao ensino, mascede a considerações persuasivas.

Em 1862, por incumbência oficial, viaja através de alguns municípios litorâneos com o objetivo de estudar certa praga que devastava as plantações cafeeiras; em 1863 morre-lhe o sobrinho, em quem veria, senão um continuador de seus trabalhos, um conduto de maiores perspectivas. Esse golpe, mais que os dissabores de varia natureza que se lhe deparam, deve tê-lo inclinado ao casamento com a sobrinha Maria Angélica, no ano seguinte: sentindo as sombras que lhe descem ao redor, tomado de achaques físicos, busca nesse enlace o amparo afetivo de cuja falta a infeliz melancolia e o sentimento de solidão se regenerariam.

O trabalho na Escola Central, por outro lado, traz-lhe em 1866 contrariedade incontornável, que o faz decidir-se de vez pela demissão. Tendo pleitado, à vista de seu tempo de serviço, o afastamento e a melhoria de proventos como professor jubilado da Escola de Medicina, vira absurdamente contrariada a pretensão, o que o levou à atitude extrema.

Ainda uma vez manifestou-se a superioridade do imperador, à revelia do qual se teriam passado aqueles fatos. A nomeação para o cargo de diretor do Museu Nacional, que se dá logo após, era uma comdenação tácita à injustiça que atingira o velho sábio.

São anos tristes os que se seguem. Um provável derrame cerebral inicia a derrocada daquele espírito de tão impressionante lucidez, revelado em todo seu pôr ainda recentemente, na carta que dirigira a Martius em janeiro de 1867. Demora-se a maior parte do tempo em Pouso Alegre; desalinhado-selhe as frases, foge-lhe da memória até o nome do amigo. Em 1872, escreve a Baillon: "A minha moléstia, que foi uma sorte de apoplexia, me pôs em miserável estado, e muito surdo, muito esquecido, com a cabeça perdida, mal posso escrever em francês". No ano seguinte, preparando-se para esperar no sotão do chão natal o renite de seus dias, despede-se comovidamente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: "Achando-me no ano 76 de minha idade, e aflijida de moléstia grave do cérebro, e sem esperança de restabelecimento, é de meu dever, enquanto me resta algum alento, vir agradecer ao Instituto os favores que lhe devo, e dar-lhe o meu triste adeus". Quase ao cabo da vida, a mesma humildade e a estôica resignação que o fazia suportar as dificuldades de ordem material, a poltrona em que nascera e em que sempre vivera. De tal estado fala com mais veemência a frase lançada ao final da última versão da "Notícia sobre a minha vida": "Eu na idade de 76 anos passados, doente e cansado, devo retirar-me, e esperar o término de minha existência". Datou-a de fevereiro de 1874. Em fins desse ano acometeu-o um segundo "ataque de cabeça", que o prostraria de vez na madrugada de 11 de novembro.

DARCY DAMASCENO

## ADVERTÊNCIA

### A COLEÇÃO

Os papéis de Freire Alemão incorporaram-se ao patrimônio da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em diferentes épocas. Os "Escudos Botânicos" já figuravam na Exposição de História do Brasil de 1881; de 1913 é o grosso do acervo: correspondência ativa e passiva, documentos biográficos, papéis da expedição ao Ceará, etc. Destino diverso e desconhecido tiveram dois grupos de documentos: os desenhos de cenas de viagens feitos pelo botânico no Ceará e as cartas de naturalistas estrangeiros.

A correspondência ativa compõe-se, salvo nos casos que no Catálogo se indicam, de cópias autógrafas; a mantida com botânicos europeus foi transcrita em código pelo Autor, por volta de 1863 (S. Ms., 13,2,15), sendo entrado na Biblioteca Nacional em 1895.

### O CATÁLOGO

*Item I. Documentos biográficos*, exceção feita aos n.ºs 23, 55, 47, 49, 53, 60 e 61, são originais todas as peças.

*Em II. Correspondência ativa*, são originais os n.ºs 66, 168, 185 e 203; os demais, cópias autógrafas. Os n.ºs 185 e 203 pertencem à Coleção Gonçalves Dias.

*Em III. Correspondência passiva e IV. Correspondência alheia*, são cópias os n.ºs 537, 463, 502, 533 e 340.

São autógrafos todos os docs. dos itens V-IX, à exceção de uns poucos impressos, como adverte o respectivo verbete.

*Em X. Trabalhos de autoria alheia*, são cópias os n.ºs 811, 819, 815, 816, 818-822, 826-829, 832, 833, 835 e 837.

Sob o item *VIII. Papéis da expedição ao Ceará*, agruparam-se apenas os apontamentos originais de Freire Alemão. Em qualquer dos demais itens, exceção aos I, V e VII, ocorrerão também documentos relativos à Comissão Científica de Exploração.

Os documentos titulados tiveram respeitada essa característica, que vai acentuada ou em itálico. Fora desse caso, o enunciado do verbete ou os títulos entre colchetes procuraram sempre refletir o assunto da respectiva peça.

#### A EDIÇÃO

Atualizou-se a ortografia dos documentos, respeitando-se entretanto os casos de oscilação fonética (ex., sepepira/sipipira; descuberto/descoberto; hérbario/herbário; etc.).

Os termos científicos guardam a forma original; palavras ou expressões latinas, de duvidosa grafia, foram igualmente respeitadas.

Em *Transcrições*, elegaram-se peças inéditas; dentre essas, as que apresentavam melhor acabamento redacional, para a parte botânica; para a relativa à expedição ao Ceará, escolheram-se os documentos que, em conjunto, oferecessem a imagem de uma realidade viva.

Da correspondência ativa, selecionaram-se as cartas a Martins e algumas endereçadas a outros naturalistas europeus; dessas, traduziram-se as escritas em francês. Excepcionalmente, reproduziu-se a carta a uma das irmãs, em vista da relação que guarda com as peças referentes ao Ceará.

Nos índices organizados para os dezessete tomos dos "Estudos Botânicos" e para os nove da "Flora Cearense" pretendeu-se registrar todos os nomes — botânicos e vulgares — identificadores das plantas estudadas. A intenção de informar relevará, com a quantidade de registros, a ignorância científica.

As notas de pé-de-página precedidas de asterisco são de Freire Almeida; as numeradas são dos editores.

#### AS ABBREVIATURAS

De publicações citadas são as seguintes:

<i>Arch. Med. Brasil.</i>	<i>Arquivo Médico Brasileiro</i>
<i>Cat. Exp. Hist. Braz.</i>	<i>Catálogo da Exposição de História do Brasil</i>
<i>Min. Brasil.</i>	<i>Minerar Brasiliense</i>
<i>Rev. Brazil.</i>	<i>Revista Brasileira</i>
<i>Rev. I.H.G.B.</i>	<i>Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro</i>
<i>Trab. Com. Scient. Expl.</i>	<i>Trabalhos da Comissão Científica de Exploração</i>
<i>Trab. Soc. Vel.</i>	<i>Trabalhos da Sociedade Vellosiana</i>

São elencadas as demais.

## CATÁLOGO

## I. DOCUMENTOS BIOGRÁFICOS

- 1 Carta de habilitação em Cirurgia e Medicina, passada em favor de Francisco Freire Alemão de Góisneiro [sic] pelo barão de Inhomirim, diretor da Academia Médico-Cirúrgica da Corte. Rio de Janeiro, 26 abr. 1828. I-28,5,30
- 2 Recibos (2) de pagamentos de taxas relativas a inscrição e freqüência dados pela Faculdade de Medicina de Paris em favor de Freire Alemão. Paris, 20 jul. 1831. I-28,5,31
- 3 Diploma de Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina de Paris expedido pelo conde de Montalivet em favor de Francisco Freire Alemão. Paris, 30 dez. 1831. I-28,5,32
- 4 Diploma da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando-o seu membro titular. Rio de Janeiro, 24 maio 1832. I-28,5,33
- 5 Ofício da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional a Francisco Freire Alemão, participando-lhe a nomeação para membro suplente de seu Conselho. Rio de Janeiro, 30 abr. 1833. I-28,5,36
- 6 Carta da Regência, nomeando Francisco Freire Alemão Lente da cadeira de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 10 jun. 1833. I-28,5,36 e 37
- 7 Diploma de membro do Institut Historique expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Paris, 25 jun. 1835. I-28,5,38
- 8 Avaliação dos bens do falecido João Freire Alemão. Mendanha, 21 set. 1836. I-28,5,39
- 9 Diploma da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional em nome de Francisco Freire Alemão, nomeando-o seu sócio efetivo. Rio de Janeiro, 22 dez. 1836. I-28,5,40

- 10 Ofício do Conselho da Sociedade Filosófica Fluminense a Francisco Freire Alemão, comunicando-lhe a concessão do título de membro da Sociedade. [Rio de Janeiro] 12 jan. 1839. I-28,5,41
- 11 Notas (3) de João Manuel Pires & Cia. referentes a fornecimentos de gêneros alimentícios ao Dr. Freire Alemão. Rio de Janeiro, jan. 1839 - dez. 1840. I-28,5,42
- 12 Ato do marquês de Jaraguá, nomeando Francisco Freire Alemão médico do Imperador. Palácio da Boa Vista, 28 mar. 1840. I-28,5,43
- 13 Ato do Imperador confirmando a nomeação de Francisco Freire Alemão para médico da Imperial Câmara. Rio de Janeiro, 28 jul. 1840. I-28,5,44
- 14 Requerimento de Francisco Freire Alemão ao Imperador, solicitando um mês e meio de licença com vencimentos para fazer estudos de botânica fora da Corte. [Rio de Janeiro] 9 set. 1841. I-28,5,45
- 15 Ato de Cândido José de Araújo Viana, em nome do Imperador, concedendo a Francisco Freire Alemão um mês e meio de licença com vencimentos. Rio de Janeiro, 9 set. 1841. I-28,5,46
- 16 Diploma da Accademia Delle Scienze da Società Reale Borbonica, conferindo a Francisco Freire Alemão o título de seu sócio correspondente. Nápoles, 15 set. 1841. I-28,5,47
- 17 Ato de Antônio José de Paiva Guedes de Andrade, da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, para que Francisco Freire Alemão pudesse pagar a jóia referente ao diploma de cavaleiro da Ordem de Cristo. [Rio de Janeiro] 21 mar. 1842. I-28,5,48
- 18 Ato de Cândido José de Araújo Viana, mandando, em nome do Imperador, que se fizessem a Francisco Freire Alemão as provas e habilitações para receber o hábito da Ordem de Cristo. Rio de Janeiro, 26 mar. 1842. I-28,5,49
- 19 Requerimento de Freire Alemão ao Imperador, solicitando uma licença de mês e meio a fim de, fora da cidade, poder curar-se de umas febres. Rio de Janeiro, 12 abr. 1843. (Acompanha carta da mesma data a destinatário não mencionado, solicitando urgência no encaminhamento da petição). I-28,5,54 n.º 1 e 2
- 20 Ofício do Ministério e Real Secretaria de Estado da Presidência do Conselho dos Ministros do Reino das Duas Sicílias a Francisco Freire Alemão, participando que lhe tinha conferida a Cruz de Cavaleiro da Real Ordem de Francisco I. Nápoles, 28 maio 1843. I-28,5,50

- 21 Diploma de membro da Academia Pontaniana expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Nápoles, 6 jul. 1843. I-28,5,51
- 22 Cópia autenticada do decreto de Ferdinando II, Rei das Duas Sicílias, pelo qual Francisco Freire Alemão era nomeado sócio correspondente do Reale Istituto d'Incoraggiamento alle Scienze Naturali. Nápoles, 25 jul. 1843. I-28,5,52
- 23 Diploma expedido pelo mesmo Instituto em favor de Francisco Freire Alemão, nomeando-o sócio correspondente estrangeiro. Nápoles, 18 set. 1845. I-28,5,53
- 24 Ato de José Carlos Pereira de Almeida Távora, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão uma licença de mês e meio, com os respectivos vencimentos. Rio de Janeiro, 11 abr. 1845. I-28,5,55
- 25 Ato de Joaquim Manelino de Brito, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão uma licença de quinze dias, com os respectivos vencimentos. Rio de Janeiro, 5 agó. 1846. I-28,5,56
- 26 Nota de pagamento da cota de 20 francos, em nome de Freire Alemão, como membro do Institut Historique de France. Paris, 10 agó. 1846. I-28,5,57
- 27 Carta da Irmandade de Jerusalém, assinada por Frei Leonardo da Encarnação Santana, Comissário Geral da Terra Santa, recebendo a Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 1 nov. 1846. (Impresso) I-28,5,58
- 28 Diploma passado pela Academia Filomática do Rio de Janeiro em favor de Francisco Freire Alemão, conferindo-lhe o título de seu membro honorário. Rio de Janeiro, 8 set. 1847. I-28,5,59
- 29 Diploma de membro da Regia Societas Botanica Ratisbonensis expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Ratisbona, 1 jan. 1848. I-28,5,60
- 30 Diploma de membro honorário do Ginásio Brasileiro expedido em nome de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 14 set. 1850. I-28,5,61
- 31 Diploma da Sociedade Velosiana do Rio de Janeiro, conferindo a Francisco Freire Alemão o título de seu sócio efetivo. Rio de Janeiro, 11 out. 1850. I-28,5,62

- 32 Requerimento de Freire Alemão ao Imperador, solicitando jubilação como lente de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 30 jun. 1853. I-28,5,63
- 33 "Dr. Francisco Freire Alemão", Artigo publicado em *A Nação* de 27 ago. 1858. (Cópia por letra de Freire Alemão. Observe também cópia da carta deste a um amigo, na qual é feita severa censura ao autor do artigo. 2 set. 1858) I-28,5,64
- 34 Diploma de membro honorário da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Comércio e Artes da Província de São Paulo expedido em favor de Francisco Freire Alemão. São Paulo, 16 set. 18[58] I-28,5,65
- 35 Carta de jubilação como lente de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia expedida por D. Pedro II em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 10 dez. 1858. I-28,5,66
- 36 Ato do visconde de Paraná, estipulando o ordenado a que faz juz Francisco Freire Alemão como lente jubilado da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Tesouro Nacional, 16 fev. 1854. I-28,5,67
- 37 Nota de fornecimento de material de construção passada por Joaquim Barbosa de Moraes contra Freire Alemão. Mendanha, 22 jul. 1854. I-28,5,68
- 38 Título de membro honorário da Academia Imperial das Belas Artes do Rio de Janeiro expedido em favor de Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 21 nov. 1855. I-28,5,69
- 39 Notas de despesas várias de Freire Alemão. [s. l.] dez. 1855. I-28,5,70
- 40 Notas de despesas diversas de Freire Alemão. [s. l.] 1866-80. I-28,5,71
- 41 Ato de nomeação de Francisco Freire Alemão para o cargo de presidente da Comissão Científica de Exploração, assinado pelo Imperador. Rio de Janeiro, 7 mar. 1857. I-28,5,72
- 42 Título de nomeação de Francisco Freire Alemão para o lugar de lente de Botânica e Zoologia da Escola Central, passado por Jerônimo Francisco Cuelho. Rio de Janeiro, 20 abr. 1858. I-28,5,74
- 43 Abaixo-assinado de uma comissão de alunos da sua de Botânica da Escola Central, entregando a Freire Alemão uma lembrança, como prova de reconhecimento e gratidão. Rio de Janeiro, 21 dez. 1858. (Firmado por André Pinto Rebouças, José Correia de Aguiar, José Carneiro da Rocha e Antônio Pereira Rebouças) I-28,5,75

- 44 Ato de João de Almeida Pereira Filho, em nome do Imperador, concedendo a Freire Alemão, presidente da Comissão Científica de Exploração, dois meses de licença com vencimentos. Rio de Janeiro, 23 maio 1860. I-28,5,76
- 45 Nota das despesas pagas por Freire Alemão na Tesouraria da Província do Ceará para expedição do título que lhe outorgaria dois meses de licença. [Ceará] 23 maio 1860. I-28,5,77
- 46 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão membro da Diretoria do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 10 nov. 1862. I-28,5,78
- 47 Requerimento de Antônio Freire Alemão ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, pedindo a concessão de uma jerna d'água para um prédio de sua propriedade. Rio de Janeiro, 19 nov. 1862. I-28,5,79
- 48 Diploma de membro da confraternidade do Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, expedido em favor de Francisco Freire Alemão por frei Bernardino de Santa Cecília Ribeiro. Rio de Janeiro, 8 maio 1863. I-28,5,80
- 49 Nota de falecimento do Dr. Manuel Freire Alemão de Cianciros, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 16 maio 1863. (Cópia datilografada) I-28,5,81
- 50 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de diretor da Seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 fev. 1866. I-28,5,82
- 51 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão para o lugar de Diretor do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 10 fev. 1866. I-28,5,83
- 52 Ato do Imperador D. Pedro II, nomeando Francisco Freire Alemão membro do Conselho Fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 7 jan. 1867. I-28,5,84
- 53 Petição de Francisco Teixeira de Sousa Alves Júnior, advogado de Francisco Freire Alemão, a fim de que fossem ouvidos os administradores de uma casa bancária falida a respeito de uma dívida de que julgava credor o seu constituinte. Rio de Janeiro, 14 maio 1867. (Acompanha um título de sócio comanditário da mesma casa) I-28,5,85 n.º 1 e 2
- 54 Notas de despesas diversas de Freire Alemão. [s. l. set. 1869] I-28,5,86
- 55 Notas de despesas particulares de Freire Alemão. [s. l. 1870] I-28,5,87

- 56 Caderno de anotações particulares de Freire Alemão. [s. l.] 1872-74.  
I-28,5,88
- 57 Ofício do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Francisco Freire Alemão, comunicando-lhe que fora elevado à categoria de Sócio Honorário. Rio de Janeiro, 23 jul. 1873. (Assinado por Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e acompanhado por cópias da proposta e do parecer da Comissão que opinara a respeito) I-28,5,90 n.º 1-3
- 58 "Notícia sobre a minha vida". Autobiografia. Rio de Janeiro. [ev. 1874. (Acompanha outra versão intitulada "Apontamentos Biográficos") I-28,5,90 n.º 1 + 3
- 59 Relação dos exames prestados por Freire Alemão na Escola de Medicina de Paris. [s. l. n. d.] I-28,5,91
- 60 Rascunhos do requerimento em que Freire Alemão pleiteava fossem acrescentados ao tempo de serviço que tivera na Escola de Medicina os anos que já trabalhara na Escola Central, a fim de conseguir melhoria nos seus vencimentos de feste jubilado. [s. l. n. d.] I-28,5,73
- 61 Nota sobre a compra de uma escrava. [s. l. n. d.] I-28,5,92
- 62 Apontamentos de D. Maria Freire de Vasconcelos sobre a obra de Francisco Alemão e de Manuel Freire Alemão. [s. l. n. d.] I-28,5,93

## II. CORRESPONDENCIA ATIVA

- 63 A [Giovanni di] Brignoli [di Brunnoff] falando do pouco conhecimento que tinham os brasileiros das próprias riquezas naturais e prometendo enviar plantas. [Rio de Janeiro] 30 set. 1840. 18,2,15 n.º 1
- 64 Ao mesmo, dizendo que o Jardim Botânico do Rio de Janeiro não possuía catálogo das próprias coleções e prometendo enviar sementes de plantas. Rio de Janeiro, 4 agô. 1841. (Em italiano) 18,2,15 n.º 2
- 65 A destinatário não mencionado, despedindo-se e falando de umas encomendas. [Nápoles] 29 jun. [1843] (Em francês) I-20,2,45
- 66 A Januário da Cunha Barbosa, remetendo umas brochuras para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 9 maio 1841. (Original) I-28,1,1
- 67 A [Ferdinando] de Luca, agradecendo o envio de uma memória sobre trabalhos geotáticos. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês) I-28,1,2
- 68 A [Cororalli], agradecendo o envio de uma dissertação sobre a utilidade da Geologia e suas relações com as demais ciências. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês) I-28,1,3
- 69 A [Renzi] Nardula, enviando o diploma de membro correspondente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844 (Em francês) I-28,1,4 n.º 1
- 70 A Pagano, acusando o recebimento de duas memórias: sobre os banhos de mar e o torcicolo. [Rio de Janeiro, 10 maio 1844] I-28,1,4 n.º 2
- 71 A Semmola, tratando da publicação de uns trabalhos deste na *Revista Médica*. [Rio de Janeiro] 10 maio 1844. (Em francês) I-28,1,5

- 72 A [Ferdinando de Luca] dando conta da entrega, ao Imperador, de livros que lhe eram destinados e faltando ao extravio de outros. [Rio de Janeiro] 10 maio 1841. (Em francês) I-28,1,6
- 73 A Vincenzo Stellati, secretário porpétuo do Reale Istituto d'Incoraggiamento, agradecendo a concessão do título de membro correspondente daquela associação. [Rio de Janeiro] 10 maio 1841. (Em francês) I-28,1,7
- 74 A [Karl Friedrich Phillip von] Martius, tratando de um opúsculo deste sobre plantas medicinais brasileiras e dando informações sobre várias espécies botânicas. Rio de Janeiro, 20 jul. 1841. I-28,1,7 n.º 3
- 75 A [Filippo] Rizzi, comunicando a eleição deste para membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1844] (Em francês) I-28,2,30 n.º 1
- 76 A Costa, comunicando a admissão deste como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1841] (Em francês) I-28,2,30 n.º 2
- 77 A Mancini, comunicando haver feito entrega ao Imperador de obras que lhe eram oferecidas. [Rio de Janeiro, 1841] (Em francês) I-28,2,30 n.º 3
- 78 A [Ferdinando] de Luca, transmitindo os agradecimentos do Imperador pela oferta de obras que lhe fôra feita. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês) I-28,2,34 n.º 1
- 79 A Monticelli, transmitindo os agradecimentos do Imperador pela oferta de obras que lhe fôra feita. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês) I-28,2,34 n.º 2
- 80 A [Renzi] Nannia, comunicando a eleição deste para membro correspondente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês) I-28,2,34 n.º 3
- 81 Ao mesmo, comunicando-lhe a admissão como sócio correspondente da Academia Imperial de Medicina e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro, 1841] (Em francês) I-28,2,36 n.º 1
- 82 A Antônio Nacif, agradecendo atenções recebidas quando de sua estada em Nápoles. [Rio de Janeiro, 1841] (Em francês) I-28,2,38 n.º 2
- 83 A Sommola, comunicando a admissão deste como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1841] (Em francês) I-28,2,40 n.º 1

- 94 A Samantini, comunicando a admissão d'este como membro correspondente da Academia Imperial de Medicina. [Rio de Janeiro, 1844] (Em francês) I-28,2,40 n.º 2
- 95 A Antônio Nacelio, agradecendo outre e evocando os dias de camara-dagem em Nápoles. [Rio de Janeiro] set. 1845. I-28,1,8
- 96 A Martins, enviando descrições de plantas, cuja publicação iniciara em revistas do Rio de Janeiro, e informando sobre algumas espécies botânicas. Rio de Janeiro, 20 dez. 1845. 13,2,15 n.º 5
- 97 A Michele Tenore, enviando algumas descrições ilustradas de plantas brasileiras. Rio de Janeiro, dez. 1846. (Em francês) 13,2,15 n.º 4
- 98 A Paulo Barbosa da Silva, falando de umas febres de que fôra acometido. [Rio de Janeiro] 1846. I-28,1,8
- 99 A [Martins] enviando alguns trabalhos e declarando que se dedicava a colecionar madeiras de lei. Rio de Janeiro, 22 jun. 1846. 13,2,15 n.º 6
- 100 A Achille Richard, enviando a descrição de cinco plantas, que publicara. Rio de Janeiro, 29 jun. 1846. (Em francês) 13,2,15 n.º 7
- 101 Ao Dr. Rebêlo, pedindo remessa de material botânico do Rio Grande do Sul e dando instruções sobre a preparação de sementes para estudo. [Rio de Janeiro] 18 dez. 1846. I-28,1,10
- 102 A Paulo Barbosa da Silva, agradecendo a gentileza de haver estabelecido relações entre o missivista e o director do Jardim Botânico de São Petersburgo. [Rio de Janeiro] 13 maio 1847. (Ocorre outra cópia) I-28,1,11 n.º 1 e 2
- 103 A T. E. L. Fischot, director do Jardim Botânico de São Petersburgo, tratando de assuntos científicos e descrevendo algumas plantas brasileiras. Rio de Janeiro, 13 maio 1847. (Em francês) 13,2,15 n.º 8
- 104 A Martins, tratando de várias espécies botânicas, entre as quais o maricô e o pau-brasil. Rio de Janeiro, 13 maio 1847. (Ocorre outra cópia em I-28,1,12. Veja-se adjacente o n.º 557) 13,2,15 n.º 9
- 105 Ao mesmo, tratando de espécies botânicas, entre as quais o tapinhão e o caburéba. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847. 13,2,15 n.º 10

- 96 A Fischer, enviando a descrição de duas espécies de madeiras de lei. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847. (Em francês) 13,2,15 n.º 11
- 97 A Michele Penone, enviando trabalhos científicos destinados a sociedades italianas. [Rio de Janeiro] 7 dez. 1847. (Em francês) 13,2,15 n.º 12
- 98 A Paulo Barbosa da Silva, enviando notícias do Brasil. [Rio de Janeiro] 10 dez. 1847. I-28,1,13
- 99 A destinatário ignorado, excusando-se por não poder comparecer à instalação de uma junta revisora de qualificação da paróquia do Engenho Velho. Marapicu, 13 jan. 1848. I-28,1,14
- 100 A [José] Ribeiro [da Silva], agradecendo a oferta de um apêndice sobre o colera-morbo e tratando de assuntos vários. Rio de Janeiro, 30 mar. 1848. (Danificada) I-28,1,15
- 101 A Martius, descrevendo várias espécies botânicas, entre as quais a *Arandea floribunda* (tapacitibe-amarela) e a *Vicentia acuminata*. [Rio de Janeiro] 30 abr. 1848. 13,2,15 n.º 13
- 102 Ao mesmo, falando de seus projetos de reunir pessoas que se ocupavam com estudos de ciências naturais para formar uma sociedade e publicar um periódico científico. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848. 13,2,15 n.º 14
- 103 A José Ribeiro da Silva, referindo-se ao desenvolvimento industrial do Brasil. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848. I-28,1,16
- 104 A Paulo Barbosa da Silva, dando notícias de uma enfermidade do Imperador e tratando de assuntos vários. [Rio de Janeiro] 21 set. 1848. I-28,1,17
- 105 A destinatário não mencionado, pedindo informações a respeito da depreciação do chá brasileiro, a fim de responder a uma consulta feita à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [Rio de Janeiro] 21 set. [1848] I-28,2,48
- 106 A Gaetano Alberto Soares e Lourenço Vieira de Sousa Meireles, enviando o esboço de um relatório sobre a depreciação do chá brasileiro. [Rio de Janeiro] 26 nov. 1848. I-28,1,18
- 107 A Antônio Paulino Nogueira, pedindo informações biográficas sobre um suposto parente dêste, o naturalista João da Silva Feijó. Engenho Velho, 15 abr. 1849. (Ocorre uma nota junto à data original — "Mondanha, 5 de fevereiro de 1847" — declarando perdida a carta. Foi então escrita a segunda) I-28,1,19

- 108 Ao mesmo, pedindo notícias a respeito de Pedro Pereira Correia de Senna e a descoberta de quinas. Engenho Velho, 8 jul. 1849. I-28,1,20
- 109 A Paulo Barbosa da Silva, enviando notícias suas. [Rio de Janeiro] nov. 1849. I-28,1,21
- 110 A Martius, tratando de assuntos botânicos e enviando alguns trabalhos. Rio de Janeiro, 30 nov. 1849. (Veja-se adiante o n.º 563) 13,2,15 n.º 16
- 111 A Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, agendecendo o exemplar da *Memória Histórica, etnográfica e política da Província da Bahia*. Rio de Janeiro, 1 dez. 1849. 13,2,15 n.º 15
- 112 A Américo de Urzeda, enviando notícias a respeito do ensino médico no Rio de Janeiro antes do estabelecimento das escolas regulares. [s. l. 1849] I-28,2,42
- 113 A José Ribeiro da Silva, dando conta das cartas que já lhe havia remetido. [Rio de Janeiro] 20 jun. 1850. I-28,1,22
- 114 Ao mesmo, referindo-se a um pedido que fizera ao marquês de Maceió em favor do amigo. [Rio de Janeiro] 20 nov. 1850. I-28,1,23
- 115 A Paulo Barbosa da Silva, tratando de assuntos sem importância. [Rio de Janeiro] 16 dez. 1850. I-28,1,24
- 116 A [Emílio Joaquim da Silva] Maia, referindo-se ao oferecimento dos editores do *Guanabara* para publicarem naquela ilha trabalhos científicos. [Rio de Janeiro] 13 jan. 1851. I-28,1,25
- 117 A destinatário ignorado, encaminhando papéis de uma sua parenta. [Rio de Janeiro] 7 mar. 1851. I-28,1,26
- 118 A Nicolau Nogueira da Gama, enviando uma lista de madeiras. [Rio de Janeiro] 25 mar. 1851. I-28,1,27
- 119 A [Florinda Narcisa Paula de Sá Cheren] dando conta de assunto de interesse dela. [Rio de Janeiro] 4 maio 1851. I-28,1,28
- 120 A mesma, dando notícias da família. [Rio de Janeiro] 30 jun. [1851 (5)] I-28,2,29
- 121 A mesma, tratando de interesses dela. [Rio de Janeiro] 8 set. 1851. I-28,1,29

- 122 A destinatário ignorado, intercedendo por assunto de uma sua parceria. [Rio de Janeiro, 1851] I-28,2,49
- 123 A [Guilherme Schuch de] Capanema, propondo data mais conveniente para uma reunião da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 18 out. 1851. I-28,1,30
- 124 A Paulo Barbosa [da Silva] tratando de assuntos sem importância. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851. I-28,1,31
- 125 A Martius, indagando sobre material que havia remetido dois anos antes e comunicando sua jubilação. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851. 18,2,15 n.º 17
- 126 A Augustin de Saint-Hilaire, enviando trabalhos seus a respeito de madeiras de lei. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1851. 18,2,15 n.º 18
- 127 A Achille Richard, enviando seus estudos botânicos. [Rio de Janeiro] 24 nov. 1851. (Ocorre a seguinte nota: "Destas 2 cartas, mandadas a St. Hilaire, e a Richard, não tive resposta nem sei se elas foram entregues") (Em francês) 18,2,15 n.º 19
- 128 A [José] Ribeiro [da Silva] enviando várias notícias sobre a cidade do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro] dez. 1851. I-28,1,32
- 129 A [Francisco de] Paula Brito, indagando sobre a tiragem do periódico *Guanabara*. [Rio de Janeiro, 1851] I-28,3,28
- 130 A Paulo Barbosa da Silva, falando de uma epidemia que grassava na cidade. [Rio de Janeiro, 1851 (?)] I-28,2,41
- 131 A Manuel Felizardo, intercedendo em favor de uma pretensão do tenente Antônio José da Costa. [Rio de Janeiro] 10 mar. 1852. I-28,1,33
- 132 A [João Manuel] Pereira da Silva, intercedendo em favor do Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, que pretendia uma vaga na secretaria da Câmara dos Deputados. [Rio de Janeiro] abr. 1852. I-28,1,34 n.º 1
- 133 A Paulo Cândido, intercedendo em favor do Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa. [Rio de Janeiro, abr. 1852] I-28,1,34 n.º 2
- 134 Ao Dr. Silveira, comunicando que este fora nomeado sócio efetivo da Sociedade Velosiana. Rio de Janeiro, 4 maio 1852. I-28,1,35

- 135 A Martius, recapitulando as cartas que havia remetido ao botânico europeu. [Rio de Janeiro] 21 jul. 1852. 18,2,15 n.º 20
- 136 A Florinda [Narcisa Paula de Sá Chezen] dando notícias familiares. [Rio de Janeiro] 28 jul. 1852. I-28,1,36
- 137 A [José] Ribeiro [da Silva] dando conta de seu projeto de se aposentar para viver no campo. Rio de Janeiro, 22 nov. 1852. I-28,1,37
- 138 A Paulo Barbosa da Silva, mostrando-se contente com o restabelecimento da saúde do amigo. Rio de Janeiro, 22 nov. 1852. I-28,1,38
- 139 A Custódio Alves Scirilo, convidando-o a colaborar com a Sociedade Velosiana, que se encontrava em situação difícil. [Rio de Janeiro] 30 nov. 1852. I-28,1,39
- 140 A Francisco Crispiniano Valdetaro, sugerindo a publicação, por intermédio da Sociedade Velosiana, de parte de um manuscrito de José Bonifácio de Andrade e Silva sobre mineralogia. [Rio de Janeiro] 30 nov. 1852. I-28,1,40
- 141 A [Florinda Narcisa Paula de Sá Chezen] dando conta do estado de uma pretensão da mesma. Rio de Janeiro, 21 dez. 1852. I-28,1,41
- 142 A Martius, remetendo alguns trabalhos sobre madeiras de construção e fazendo considerações a respeito de árvores do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro] 22 dez. 1852. 18,2,15 n.º 21
- 143 A [Domenico] Vandelli, declarando haver recebido e lido dois trabalhos deste. [Rio de Janeiro] 22 mar. 1853. I-28,1,43
- 144 A [Henrique de] Beaurepaire [Rohan] enviando lista de madeiras do Rio de Janeiro e tratando de assuntos correlatos. Rio de Janeiro, 16 maio 1853. I-28,1,44
- 145 A destinatário ignorado, falando da inviabilidade de se incorporar a Sociedade Velosiana ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 6 out. 1853. I-28,1,45
- 146 A José Ribeiro da Silva, mandando novas da cidade Rio de Janeiro, 20 nov. 1853. I-28,1,46
- 147 Ao Príncipe Maximiliano de Wied-Newied, agradecendo uma carta e falando de suas atividades de botânico. Rio de Janeiro, 20 nov. 1853. (Em francês) 18,2,15 n.º 24

- 148 A Martin, dizendo que o desarranjo de sua vida não permitira maior dedicação aos estudos botânicos no ano de 1853. [Rio de Janeiro] 23 nov. 1853. 13,2,15 n.º 22
- 149 A C. L. Blume, agradecendo um exemplar do 1.º vol. do *Museum Botanicum*, e falando da devastação feita pelos insetos em suas coleções de plantas. [Rio de Janeiro] 25 nov. 1853. (Em francês) 13,3,16 n.º 23
- 150 A [Emilio Joaquim da Silva] Maia, devolvendo um manuscrito e o livro de atas da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 14 dez. 1853. I-28,1,47
- 151 Aos dentes e substitutos da Escola de Medicina, despedindo-se por se haver jubilado. [Rio de Janeiro] 18 dez. 1853. (Ocorre uma lista de nomes e respectivos endereços) I-28,1,48
- 152 A John Miers, pedindo transmitir alguns papéis a George Bentham. [Rio de Janeiro] dez. 1853. (Ocorre a nota de que não recebera resposta, o que muito o constrangera) 13,2,15 n.º 32
- 153 Ao marquês de Abrantes, declarando não mais poder continuar a servir nas comissões da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, em vista da transferência de seu domicílio. Rio de Janeiro, 15 jan. 1854. I-28,1,49
- 154 A Muniz, pedindo informações sobre a vida do P.º Veloso no convento de Santo Antônio. [s. 1.] 20 abr. 1854. I-28,1,50
- 155 A Luís Jacinto de Carvalho Freitas, desculpando-se por não fazer visitas. [s. 1.] 14 jun. 1854. I-28,1,51
- 156 A Francisco Antônio Marques, encarecendo a necessidade de se não deixar perder o fruto de certa árvore que já estaria dorida. Rio de Janeiro, 14 jun. 1854. I-28,1,52 n.º 1
- 157 Ao mesmo, reiterando o pedido feito anteriormente e acusando o recebimento de fragmentos da flor da mesma árvore. Mendanha, 29 jul. 1854. I-28,1,52 n.º 2
- 158 A Domingos Lopes, pedindo diligência na edificação de sua casa. [Mendanha] 8 set. 1854. I-28,1,53
- 159 A Alphonse de Candolle, tratando de assuntos vários. Rio de Janeiro, nov. 1854. (Em francês) 13,2,16 n.º 26
- 160 A José Matos (?) agradecendo os serviços prestados por um escravo d'ele. [Mendanha] 29 dez. 1854. I-28,1,54

- 161 A [Mattius], tratando de assuntos diversos ligados aos estudos botânicos. [Rio de Janeiro] 20 fev. 1855. 13,2,15 n.º 25
- 162 A [Guilherme Schuchi de Capronha] fazendo comentários a certa espécie botânica. Potengi, 15 mar. 1855. I-28,1,55
- 163 A [Mattius], enviando amostras de vegetais do Paraná. Rio de Janeiro, 5 jun. 1855. 13,2,15 n.º 27
- 164 Ao Príncipe Maximiliano [de Wied-Neuwied] falando das castanhas-do-maranhão e das sapucaias, cujas sementes se encontravam à venda. [Rio de Janeiro] 10 jun. 1855. (Em francês) 13,2,15 n.º 28
- 165 A [Antônio Freire Alemão] dando notícias da família. [Mendanha] 17 jul. 1855. I-28,1,56
- 166 A viscondessa de Seperiá, apresentando pésames pela morte do visconde. Mendanha, 4 out. 1855. I-28,1,57
- 167 A [Gregório de Castro Morais e Sousa] barão de Piraquara, desculpando-se por não poder ir visitá-lo. Mendanha, 30 out. 1855. I-28,1,58
- 168 A [Antônio Freire Alemão] pedindo lhe enviasse algum dinheiro, em vista da impossibilidade de ir à Corte a receber suas ordenados. Mendanha, 8 dez. [1855] (Original) I-28,1,59
- 169 A [Gregório de Castro Morais e Sousa] barão de Piraquara, congratulando-se pelo restabelecimento d'este. [Mendanha] 10 dez. 1855. I-28,1,60
- 170 A diversos parentes, comunicando o falecimento de pessoa da casa. [Mendanha] 21 dez. [1855] (4 bilhetes) I-28,1,62 n.º 1-4
- 171 Ao vigário de Marapicu, agradecendo expressões de conforto por motivo do falecimento de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855. I-28,1,61 n.º 1
- 172 Ao vigário de Campo Grande, agradecendo manifestações de pésames pelo falecimento de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855. I-28,1,61 n.º 2
- 173 Ao P.º Antônio, agradecendo manifestações de conforto pela perda de pessoa da família. [Mendanha] 23 dez. 1855. I-28,1,61 n.º 3

- 174 A Oliveira Fausto, comunicando a mudança do endereço onde eram entregues os papéis que lhe remetia a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. [s. 1.] 19 mar. 1856. I-28,1,63
- 175 A um primo, referindo-se ao falecimento de uma parenta. [s. 1.] 16 abr. 1856. I-28,1,64
- 176 Aos viscondes de São Salvador de Campos, apresentando pesames pelo falecimento da marquesa de Maccio. Mendarinha, 18 nov. 1856. I-28,1,65
- 177 A L. Taizom, enviando amostras de espigas de trigo colhidas em São Gonçalo e sugerindo seu plantio em Campo Grande. Mendarinha, 13 de jan. 1857. I-28,1,66
- 178 A [Emílio Joaquim da Silva] Moxis, encarecendo a necessidade do comparecimento deste a uma reunião da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro] 5 jun. 1857. I-28,1,67
- 179 A destinatário ignorado, noticiando a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II e falando da febre amarela. [Rio de Janeiro] 19 mar. 1858. I-28,1,68
- 180 Ao diretor da Escola Central, dando conta do trabalho desenvolvido na cadeira de Botânica Médica e Zoologia e anunciando sua próxima viagem com a Comissão Científica. [Rio de Janeiro] out. 1858. I-28,1,69
- 181 A Martins, falando das dificuldades que encontrava para pesquisas, em vista de ter sido chamado novamente ao exercício do magistério. [Rio de Janeiro] 25 jan. 1859. 18,2,15 n.º 29
- 182 A [Alphonse] de Candolle, agradecendo a oferta de algumas memórias e enviando trabalhos seus. [Rio de Janeiro] 24 jan. 1859. (Em francês) 18,2,15 n.º 30
- 183 A uma das irmãs, enviando notícias suas e recomendando-se aos parentes. Fortaleza, 22 jun. [1859] I-28,1,70
- 184 Ao [Ministro dos Negócios do Império] detalhando os primeiros trabalhos da Seção Botânica da Comissão Científica. Fortaleza, 31 jul. 1859. I-28,1,70A
- 185 A Antônio Gonçalves Dias, tratando da nomeação de um amanuense para a Seção de Etnografia da Comissão Científica. Aracati, 26 agô. 1859. (Original. Col. Gonçalvina) I-5,242
- 186 A irmã Policena Freire, dando impressões do Ceará. Icô, 20 out. 1859. I-28,1,70B

- 187 A S. M. Imperial, solicitando exoneração da Comissão Científica, em vista de não poder acompanhar as Seções Botânica e Zoológica nas excursões longínquas por elas planejadas. Pede ainda licença para ir até o Amazonas. Aracati, 11 set. [1859] (Ocorre outro rascunho, de 8 agô. 1859) I-28,1,71 n.º 1 e 2
- 188 A João Franklin de Lima, esclarecendo mal-entendido a respeito de uma nomeação para a Comissão Científica. Icô, 10 out. 1859. (Ocorre outro rascunho) I-28,1,72 n.º 1 e 2
- 189 A destinatário ignorado, resignando-se com a negativa de S. M. Imperial em conceder-lhe exoneração da presidência da Comissão Científica, e solicitando dois meses de licença da mesma função. Icô, 20 out. 1859. (Ocorre a nota de que o pedido foi reiterado em 11 fev. 1860, do Crato, na suposição de extravio da primeira carta) I-28,1,73
- 190 A João Silveira de Sousa, agradecendo a comunicação de que viajaria para o Maranhão. Icô, 29 out. [1859] I-28,1,74
- 191 Ao primo Francisco Alves] fazendo longo relato sobre o Ceará. [Fortaleza, 1859] I-28,1,74A
- 192 A João de Almeida Pereira Filho, Ministro dos Negócios do Império, detalhando os trabalhos da Seção Botânica da Comissão Científica. Crato, 20 fev. 1860. I-28,1,74B
- 193 A destinatário ignorado, tratando de um relatório em que havia expressões desfavoráveis à Comissão Científica. Fortaleza, 3 maio 1860. I-28,1,75
- 194 Ao conselheiro Joaquim Francisco Viana, intercedendo em favor de José Antônio Teixeira, coletor das rendas gerais no município de Lavras, implicado em irregularidades administrativas. [Fortaleza] 23 maio 1860. I-28,1,76
- 195 A Antônio Gonçalves Dias, tratando de assuntos relativos à Comissão Científica. Fortaleza, 5 set. 1860. I-28,1,78A
- 196 A Giacomo Raja Gabaglia, tratando de assuntos da Comissão Científica. [Fortaleza, set. 1860] I-28,2,22
- 197 A Azebedo, apresentando o cadete Miguel Luís da Gama, aluno da Escola Central. [s.l. 1860] I-28,2,26 n.º 1
- 198 A Miguel Antônio da Silva [Júnior] apresentando o filho de um amigo, que estudava na Escola Central. [s.l. 1860] I-28,2,26 n.º 2

- 199 A João de Almeida Pereira Filho, expondo as razões da impossibilidade de se pôr logo em prática a nova tabela de vencimentos para a Comissão Científica. Sobral, 10 jan. 1861. I-28,1,76B
- 200 A [Antônio Freire Alemão] acusando o recebimento de notícias familiares. Sobral, 11 jan. 1861. I-28,1,77
- 201 A Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência para ser remetida ao Rio de Janeiro. Sobral, 12 jan. [1861] I-28,1,78
- 202 A João de Almeida Pereira Filho, detalhando o itinerário percorrido pela Seção de Botânica da Comissão Científica. Fortaleza, 16 mar. 1861. I-28,1,79
- 203 A Antônio Gonçalves Dias, tratando das finanças da Comissão Científica e declarando seu propósito de encerrar os trabalhos da Seção de Botânica. Fortaleza, 19 mar. 1861. (Original. Col. Gonçalvina) I-5,2,42
- 204 A João de Almeida Pereira Filho, dando conta dos trabalhos das várias seções da Comissão Científica. Ceará, 19 abr. 1861. I-28,1,80
- 205 Ao Ministro dos Negócios do Império, declarando-se ciente de disposições administrativas a respeito da Comissão Científica. Ceará, 15 abr. 1861. I-28,1,81
- 206 A S. M. Imperial, solicitando a concessão de licença, por três meses, a fim de fazer estudos botânicos no Amazonas. Fortaleza, 23 maio 1861. I-28,1,82
- 207 A [João Franklin de Lima] desculpando-se por não poder ser portador de uma encomenda, em vista da incerteza de sua viagem ao Pará. Fortaleza, 26 maio 1861. I-28,1,83
- 208 Ao [Ministro dos Negócios do Império] solicitando uma passagem para a espécie de membro da Comissão Científica. Fortaleza, 9 jul. 1861. (Ocorre a nota de que a redação fôr bastante alterada) I-28,1,84
- 209 A Tomás Pompeu [de Sousa Brasil] referindo-se a críticas formuladas contra a Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 31 out. 1861. I-28,1,85
- 210 A [Frederico Leopoldo Góes] Burlamaqui, enviando parecer sobre um trabalho d'este. [Rio de Janeiro] 12 nov. 1861. I-28,1,86
- 211 A José Idefonso de Sousa Ramos, declarando-se ciente da determinação de que fôssem encerrados os trabalhos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 15 nov. 1861. I-28,1,87

- 212 Ao [Ministro dos Negócios do Império] declarando ser impossível dar contas imediatamente dos trabalhos da Secção Botânica da Comissão Científica. [s. l. 1861 (?)] I-28,1,88
- 213 A destinatário ignorado, solicitando se determinasse a remessa de exemplares da *Flora Fluminensis* ao botânico De Candolle. [s. l. 1861 (?)] I-28,1,89
- 214 A destinatário ignorado, solicitando providências a respeito de uma caixa com amostras botânicas que fôra deixada na localidade de Sobral. [s. l. 1861 (?)] I-28,1,90
- 215 A Eusébio de Queirós Coitinho Matoso Câmara, opinando sobre dois compêndios de ciência agronômica para uso nas escolas primárias. Rio de Janeiro, 8 jan. 1862. (Ocorre outra cópia) I-28,2,1 n.º 1-2
- 216 A Manuel Felizardo de Sousa e Melo, indagando sobre assunto de sua viagem de inspeção à zona calcária da Província do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro, 7 fev. 1862] (Ocorre a resposta de Sousa e Melo ao pé do documento. Original) I-28,2,2
- 217 A Antônio Manuel de Melo, comandante da Escola Central, comunicando ter sido encarregado de uma comissão fora da Cbrte. Rio de Janeiro, 24 fev. 1862. I-28,2,3
- 218 A Domingos Machado Homem de Gusmão, dando conta do insucesso que teve em conseguir para o mesmo uma vaga no Museu ou no Instituto Agrícola. [Rio de Janeiro, 24 fev. 1862] I-28,2,33
- 219 Ao Ministro da Agricultura, comunicando que iria iniciar sua viagem pela Província do Rio de Janeiro, a fim de fazer estudos sobre moléstia que atacava os cafés. [Rio de Janeiro] 25 fev. 1862] I-28,2,4
- 220 A Luis Alves Leite de Oliveira Belo, referindo-se a um soldado que fôra designado para acompanhá-lo durante sua viagem de estudo dos cafés da Província do Rio de Janeiro. Boa Vista e Paraíba, 2-15 mar. 1862. I-28,2,5
- 221 Ao mesmo, comunicando que dispensara os serviços do soldado que o acompanhava na inspeção aos cafés da Província do Rio de Janeiro. São João do Príncipe, 4 abr. 1862. I-28,2,6
- 222 A Guilherme Schuch de Caparéu, solicitando relação de material necessário aos trabalhos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 26 jul. 1862. I-28,2,7

- 223 Ao marquês de Olinda, solicitando fôrça concedida por mais um ano, ao Dr. Manuel Freire Alemão, a gratificação mensal que percebia como membro da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 26 jul. 1862. I-28,2,8
- 224 Ao mesmo, submetendo ofício da Seção de Mineralogia da Comissão Científica, que plicava autorização para continuar seus trabalhos no Ceará. Rio de Janeiro, 26 jul. 1862. I-28,2,9
- 225 Ao mesmo, comunicando que convocara os chefes de seções da Comissão Científica para assistirem à abertura de caixas de instrumentos e material coletado. Rio de Janeiro, 16 set. 1862. I-28,2,10
- 226 Ao mesmo, referindo-se ao orçamento das despesas de várias seções da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, 1862] I-28,2,37
- 227 A Daniel Hambury, tratando de uma encomenda, que recebera, de amostras de plantas brasileiras. Rio de Janeiro, 5 nov. 1862. (Em francês) 18,2,13 n.º 31
- 228 A [Giacomo Raja Gabaglia] comunicando que na Secretaria dos Negócios do Império se encontravam caixas de instrumentos científicos para serem por él abertos. [s. l.] 1862] I-28,2,11 n.º 1
- 229 A Francisco Xavier Lopes de Araújo, declinando do convite para participar da Sociedade Cassino Militar em vista de residir fora da Côte. [Mondanha, 1862 (?)] I-28,2,11 n.º 2
- 230 A John Miers, enviando exemplares do primeiro folheto sobre o resultado de suas pesquisas botânicas no Ceará. [Rio de Janeiro] jan. 1863. (Orcava a nota de que não fôrça recebida resposta) 18,2,15 n.º 33
- 231 A Martius, enviando exemplares do primeiro folheto sobre plantas novas colhidas no Ceará. Rio de Janeiro, 20 jan. 1863. 18,2,15 n.º 34
- 232 A Alphonse de Candolle, enviando um exemplar da *Flora Fluminensis* de Veloso e folheto sobre plantas novas colhidas no Ceará. Rio de Janeiro, 20 jan. 1863. (Em francês) 18,2,15 n.º 35
- 233 A José Clemente [Marques], desfazendo o negócio em torno de uma cabra. [s. l.] set. 1864. I-28,2,13
- 234 A destinatário ignorado, requerendo solução para um pedido de melhoramento de sua jubilação. [s. l.] nov. 1864. I-28,2,14

- 235 A [Guilherme Schuch de] Capanema, determinando fosse providenciada uma exposição dos trabalhos da Comissão Científica, para se atender a ofício do Ministro do Império. [s. l.] 27 mar. 1865. I-28,2,15
- 236 A [José Feliciano de Castilho] desculpando-se por não ter comparecido a uma reunião. [s. l.] 17 set. 1865. I-28,2,43
- 237 A Jean Concer, enviando informações autobiográficas para serem inseridas na *Histoire Générale*. [Rio de Janeiro] 1866. (Acompanha lista das memórias que publicava) 13,2,15 n.º 37
- 238 A Michele Tenore, dando conta do seu trabalho de preparação do material botânico recolhido pela Comissão Científica. [s. l.] 1865 (?) I-28,2,16
- 239 A S. M. Imperial, solicitando exoneração do lugar de fente de Botânica e Zoologia da Escola Central. [s. l.] 26 jan. 1866. I-28,2,17
- 240 A Jean Concer, testificando provas tipográficas da parte que lhe daria respeito na *Histoire Générale* e apresentando uma lista de títulos honoríficos. Rio de Janeiro, 2 jun. 1866. (Em francês) 13,2,15 n.º 38
- 241 A Mardua, agradecendo e disentindo observações d'este sobre seus estudos botânicos. [Rio de Janeiro] 14 jun. 1867. 13,2,15 n.º 39
- 242 A Alphonse de Candolle, enviando novas publicações suas. Rio de Janeiro, 15 jan. 1867. (Em francês) 13,2,15 n.º 40
- 243 A Jean Concer, dizendo que o exemplar da *Histoire Générale* que lhe oferecia poderia ser entregue a qualquer brasileiro de passagem pela Suíça. Rio de Janeiro, 26 abr. 1867. (Em francês) 13,2,16 n.º 41
- 244 A Joaquim Maria Nascentes de Azambuja, enviando exemplares de uma obra em publicação. [s. l.] 2 maio 1867. I-28,2,18
- 245 A José Joaquim Fernandes Torres, comunicando que foram reunidas à do Museu Nacional as coleções zoológicas pertencentes à Comissão Científica. Museu Nacional, 14 jun. 1867. I-28,2,19 n.º 1
- 246 A John Miers, referindo-se ao envio de trabalhos seus a mestres europeus. [s. l. 1867 (?)] (Incompleta) I-28,2,34
- 247 Ao [Presidente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional] respondendo a um pedido de se franquiassem àquela instituição algumas salas do Museu Nacional. [s. l.] 19 maio 1868. I-28,2,18 n.º 2

- 248 A Edouard Bureau, agradecendo a oferta de trabalhos científicos. [Rio de Janeiro] 20 set. 1869. (Em francês) 13,2,15 n.º 14
- 249 A Léon Marchand, agradecendo a oferta de algumas microfílias botânicas. [Rio de Janeiro] 20 set. 1869. (Em francês) 13,2,15 n.º 45
- 250 A [Léon-Henri] Baillon, agradecendo suas publicações recebidas. [Rio de Janeiro, 20] set. 1869. (Em francês) 13,2,15 n.º 48
- 251 A [Manoel de Araújo] Porto-Alegre, dando notícias de seu estado de saúde e dizendo-se desalentado para prosseguir em seus trabalhos. Envia na Comissão Científica. [s. l. 1869 (?)] I-28,2,20
- 252 A [Ernest-Henri] Baillon, enviando algumas espécies de seu herbario, bem como publicações de sua autoria. [Rio de Janeiro] 1 agó. 1870. (Em francês) 13,2,15 n.º 46
- 253 Ao mesmo, desculpando-se pela demora em responder a uma carta, o que atribuiu a seu precário estado de saúde. [Mendanha (?) 1872] (Incompleta) I-28,2,21
- 254 A destinatário ignorado, prestando informações sobre a *mutamia*. [Mendanha (?) 1872 (?)] I-28,2,50
- 255 A [Manoel de Araújo] Porto-Alegre, mandando notícias de seu estado de saúde. [Mendanha (?) 1872 (?)] I-28,2,22
- 256 Ao mesmo, falando da impossibilidade de visitá-lo em vista de seu próprio estado de saúde. [Mendanha (?) 1872 (?)] I-28,2,23
- 257 Ao presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, despedindo-se, por não poder, em vista de seu estado de saúde e avançada idade, continuar a conviver com os antigos colegas. [s. l.] jan. 1873. (Dois rascunhos) I-28,2,24
- 258 A Paulo Cândido, fazendo severas restrições à obra de Amadeu Moura intitulada *Flora cuiabana*. [s. l. n. d.] I-28,2,25 n.º 1
- 259 A Sílvio Fernandes de Araújo, criticando a *Flora cuiabana* de Amadeu Moura. [s. l. n. d.] I-28,2,25 n.º 2
- 260 A Francisco Batista de Azevedo, intercedendo por uma família cujo filho fora designado para servir na campanha do Sul. [s. l. n. d.] I-28,2,27

- 261 Ao [Secretário da Escola de Medicina] tratando de um incidente havido naquele estabelecimento quanto à realização de um exame. [s. l. n. d.] (Incompleta) I-28,2,31
- 262 Ao Sr. Pires, pedindo que visse num almanaque o endereço do Dr. Mursia. [s. l. n. d.] I-28,2,34
- 263 Ao redator da *Revista Médica*, rebatendo uma questão de zoologia divulgada na imprensa. [s. l. n. d.] I-28,2,35
- 264 Ao redator de um jornal, rebatendo opiniões expressas por um estudante a respeito de truque na Escola Central Militar. [s. l. n. d.] I-28,2,43
- 265 A destinatário não mencionado, dizendo a que horas estaria livre de obrigações. [s. l. n. d.] I-28,2,46
- 266 A destinatário não mencionado, dando informações sobre bibliografia botânica. [s. l. n. d.] I-28,2,47

### III. CORRESPONDÊNCIA PASSIVA

- 267 Do primo Augusto, tratando de uma encomenda de cuja entrega fôra incumbido. Mendanha, 4 maio 1826. I-28,2,51
- 268 De Manuel do Nascimento Castro e Silva, comunicando, em nome do Conselho da Sociedade Detensora da Liberdade e Independência Nacional, que fôra admitido membro da mesma. Rio de Janeiro, 9 fev. 1832. (Impresso) I-28,2,52
- 269 De Possidônio José Lins, comunicando, em nome da Santa Casa da Misericórdia, que esta concordara em fornecer certo número de enfermos para estudos médicos. [Rio de Janeiro] 20 fev. 1832. I-28,2,53
- 270 De Manuel Nascimento Castro e Silva, comunicando-lhe a nomeação para membro efetivo do Conselho da Sociedade Detensora da Liberdade e Independência Nacional. Rio de Janeiro, 26 mar. 1832. I-28,2,54
- 271 De José Martins da Cruz Jobim, pedindo amostras de folhas de ervamate e de quinas. Rio de Janeiro, 25 jan. 1837. I-28,2,55
- 272 De Cordovil, pedindo que examinasse uma docente. [s. l.] 19 jan. 1839 I-28,2,56
- 273 De Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, enviando cópia de um aviso. Rio de Janeiro, 8 fev. 1839. I-28,2,57
- 274 De José Fernandes Rocha, tratando de assuntos particulares. Vila do Patrocínio, 28 abr. 1845. I-28,2,58
- 275 Do primo Francisco [Alves] relatando um incidente havido entre o primo Augusto e seus escravos. [s. l.] 24 jul. 1845. I-28,2,59
- 276 Do primo Augusto, pedindo que intercedesse junto ao chefe de polícia para mandar liberar uns escravos. [s. l.] 1845. I-28,4,51

- 277 Do mesmo, comunicando o falecimento de certa pessoa. [s. l.] 3 fev. 1847] 5,4,24 n.º 78A
- 278 De Manuel Ferreira Lagos, comunicando-lhe a nomeação para uma comissão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 27 mar. 1847. I-28,2,60
- 279 De M. J. da Silveira, referindo-se a duas memórias sobre as quais devia dar parecer. [s. l.] 29 abr. 1847. I-28,2,61
- 280 De José Ribeiro da Silva, enviando um folheto sobre o cólera-morbo e tratando de urbanismo. São Petersburgo, 17 nov. 1847. I-28,2,62
- 281 De José Feliciano de Castilho, convidando-o a sua casa. Rio de Janeiro, 8 abr. 1848. I-28,2,63
- 282 De Emílio Joaquim da Silva Maia, solicitando, em nome da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, parecer a respeito da depreciação do chá na Província de São Paulo. Rio de Janeiro, 6 set. 1848. I-28,2,64
- 283 Do primo Augusto, enviando algumas frutas e uns frangos. [s. l.] 3 out. 1848. I-28,2,65
- 284 Do cônego Lourenço Vieira de Sousa Melo, concordando com os termos de um parecer a respeito da depreciação do chá na Província de São Paulo. [s. l.] 3 dez. 1848] (Acompanha um aditamento de Caetano Alberto Soares) I-28,4,73 n.º 1-2
- 285 De José Maria Velho da Silva, perguntando se poderia entrar de serviço naquele dia como médico do Imperador. Paço, 19 maio 1849. I-28,2,66
- 286 Do mesmo, comunicando que devia entrar de semana como médico do Imperador. Paço, 19 maio 1849. I-28,2,67
- 287 De Antónia Pereira Freire, comunicando o noivado da filha Cantilda. [s. l.] 9 jul. 1849. I-28,2,68
- 288 De José Francisco Sigaud, dizendo que já se encontrava em condições de entrar de semana como médico do Imperador. [s. l.] 9 agô. 1849. I-28,2,69
- 289 De L[ois] J[acinto de] C[arvalho] Freitas, dando informações sobre o louro-prêco. Campo Grande, 26 jan. 1850. I-28,2,70

- 290 De José Alves da Silva, comunicando o fechamento da Escola de Medicina até depois da Páscoa. [Rio de Janeiro] 15 mar. 1850. 5,4,26 n.º 1
- 291 Do mesmo, comunicando o adiamento dos trabalhos escolares em vista da epidemia de febre amarela. Escola de Medicina, 22 abr. 1850. 5,4,28 n.º 38
- 292 De Florinda Narcisa Paula de Sá Cheren, enviando notícias familiares. Vila de São João do Príncipe, 3 jul. 1850. I-28,2,51
- 293 De Luis Carlos da Fonseca, comunicando-lhe a nomeação para certa comissão. Rio de Janeiro, 30 agô. 1850. I-28,2,72
- 294 De A. Ferreira Barros, enviando amostras de vegetais. [s. l.] 1 nov. 1850. I-28,2,73
- 295 De José Ribeiro da Silva, comunicando sua partida para a Rússia e refeirindose ao conde de Nesselrode. Paris, 31 jan. 1852. I-28,2,74
- 296 De Paulo Barbosa da Silva mandando e pedindo notícias. Paris, 31 jan. 1852. I-28,2,75
- 297 De Francisco Martins, enviando amostras de vegetais. Coaxindiba, 6 maio 1852. I-28,2,76
- 298 De Pedro de Alcântara Lisboa, oferecendo seu microscópio para observações organográficas. [Rio de Janeiro] 6 jul. 1852. I-28,4,37
- 299 De Francisco Adolfo Varnhagen, fazendo comentários sobre um manuscrito de Baltasar da Silva Lisboa que adquirira em Portugal. Madri, 4 nov. 1852. I-28,2,78A
- 300 De José de Sousa Correia, convidando, em nome do Colégio de Pedro II, para assistir a certa solenidade. Rio de Janeiro, 28 nov. 1852. I-28,3,77
- 301 De José Martins da Cruz Jobim, tratando de assunto particular. Petrópolis, 7 mar. 1853. I-28,3,78
- 302 De José Ribeiro da Silva, fazendo comentários sobre as melhorias que se faziam no Rio de Janeiro. São Petersburgo, 15 abr. 1853. I-28,3,79
- 303 De Miguel José Tavares, cobrando uma dívida decorrente de lisaça. Rio de Janeiro, 26 jan. 1854. I-28,4,80

- 304 De Luís Carlos da Fonseca, pedindo que se traduzisse uma lista de objetos pedidos pela Princesa de Joinville. Petrópolis, 12 mar. 1854. I-28,2,81
- 305 De Francisco Antônio Marques, enviando amostras de vegetais. Andaraí, 15 jul. [1854] I-28,4,69
- 306 De Augusto José, declarando não poder prestar certo serviço. [s. l.] 25 jul. 1854. I-28,2,82
- 307 De João Barbosa de Moraes, dando licença para praticar o ofício de madeira, onde lhe conviesse. Mendanha, 4 ago. 1854. I-28,2,83
- 308 Da Sociedade Colombiana, pedindo sua presença na Academia das Belas Artes por ocasião de se instalar aquele Instituto. Rio de Janeiro, 6 out. 1854. (Sem assinatura) I-28,2,84
- 309 De Manuel Ferreira Lagos, convidando para tomar parte na fundação da Sociedade Colombiana. Rio de Janeiro, 9 out. 1854. I-28,2,85
- 310 De Francisco Teixeira da Paixão, pedindo as pedras que sobrassem da construção da casa em Mendanha. [Mendanha, 21 jan. 1855. I-28,4,74
- 311 De Lopes G. Sobrinho, tratando da venda de moedas. [s. l.] 24 abr. 1855. I-28,2,86
- 312 De José Martins da Cruz Jobim, tratando da escala dos médicos de semana ao Imperador. Rio de Janeiro, 19 mar. 1855. (Acompanha rascunho da resposta de Freire Alemão) I-28,2,87
- 313 Do mesmo, falando sobre troca na escala dos médicos de semana ao Imperador. Rio de Janeiro, 22 mar. 1855. I-28,2,88
- 314 De José Antônio Pereira Susano, mandando cinco dúzias de tibias. [s. l.] 25 mar. 1855. I-28,2,89
- 315 De P[edro] José Arena, mandando informações sobre um doente que deveria sangrar. [Mendanha, out. 1855 (?)] I-28,4,84
- 316 Do mesmo, falando das melhorias de um doente. Mendanha, 11 out. 1855. I-28,2,90
- 317 De Vicente José de Castro e Silva, mandando notícias do pai. Banga, 31 out. 1855. I-28,3,1

- 318 De Silva, comunicando que fizera entrega de certa carta. [s. l.] 1 nov. 1855. I-28,3,3
- 319 Da viscondessa de Sepetiba, a propósito da morte de seu marido. Niterói, 3 nov. 1855. I-28,3,3
- 320 De Antônio Freire Alemão, a propósito da morte de Virginia. Rio de Janeiro, 22 dez. 1855. I-28,3,4
- 321 Da irmã Luísa Freire, lamentando a morte de Virginia. [s. l. dez. 1855] I-28,3,5
- 322 De Manuel Freire Alemão, falando da enfermidade de uma parenta. [s. l.] 16 abr. 1856. I-28,3,6
- 323 De Manuel de Araújo Porto-Alegre, pedindo permissão para deixar guardados no Museu alguns caixotes que mandaria da Europa, falando dos estudos do filho e outros assuntos. Dresde, 6 jul. 1866. I-28,3,7
- 324 De Amélia Guilhermina de Oliveira Coutinho, enviando alguns sapatos para serem entregues à Imperatriz. Niterói, 15 ago. 1856. I-28,3,8
- 325 De Vicente Torres Homem, pedindo entregar ao portador certa encomenda. [s. l.] 25 maio 1857. I-28,3,9
- 326 De Isidoro Pamplona Corte-Real, pedindo, da parte da Imperatriz, informações sobre certa planta. Rio de Janeiro, 15 jun. 1857. I-28,3,10
- 327 De Fortunata Maria Susano, a respeito do transporte de umas madeiras. [s. l.] 9 ago. 1857. I-28,3,11
- 328 De Policena Freire, comunicando a enfermidade súbita do irmão Antônio. [s. l. ago. 1857] 5,4,25 n.º 84
- 329 De Antônio Nicolau Tolentino e outros, convidando para um baile em homenagem à família imperial. Niterói, 9 set. 1857. (Acompanha o respectivo convite) I-28,3,12
- 330 De H. Dürer, solicitando o cargo de adjunto na Comissão Científica. Barra Mansa, 17 set. 1857. I-28,3,13
- 331 De Violante M. Ximenes de Rivas e Velasco, a respeito da resposta a uma carta. [s. l.] jan. 1858. I-28,3,14

- 332 De Umphelino Alberto de Campo Limpo, solicitando proteção para um estudante. [s. 1.] 18 maio 1858. I-28,3,15
- 333 De J. J. da Cunha, solicitando uma certidão a fim de receber vencimentos. [s. 1.] 3 ago. 1858. I-28,3,16
- 334 De Frederico Leopoldo César Burlamaqui, indagando qual a resposta que daria ao marquês de Abrantes quanto à solicitação de emprego para certa pessoa na Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 21 nov. 1858. (Acompanha carta do marquês de Abrantes) I-28,3,17 n.º 1 e 2
- 335 De Simão Tadeu Leal, pedindo por empréstimo certa quantia. [s. 1.] 30 dez. 1858. I-28,3,18
- 336 Da sobrinha Idalina, mandando notícias familiares. [s. 1.] 29 fev. 1859. I-28,3,19
- 337 De Sérgio Teixeira de Macedo, estipulando a quantia destinada a comodatos dos chefes de seção e adjuntos da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 19 maio 1859. (Cópia) I-28,3,19A
- 338 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. Rio de Janeiro, 23. jun. 1859. I-28,3,20
- 339 Do mesmo, pedindo que mandasse nova procuração. [s. 1.] 6 jul. 1859. I-28,3,21
- 340 De [Guilherme Schuch de] Capanema, propondo uma colaboração mais estreita entre os membros da Comissão Científica. Fortaleza, 27 jul. 1859. I-28,3,21A
- 341 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 6 ago. 1859. I-28,3,22
- 342 De D. J. V. Pacheco, convidando para um almoço. [s. 1.] 10 set. 1859. I-28,3,23
- 343 De João Franklin de Lima, pedindo o aproveitamento do filho como eritritário da Comissão Científica. Ceará, 10 set. 1859. I-28,3,24
- 344 De autor ignorado, ponderando sobre o pedido de demissão da presidência da Comissão Científica e insistindo para que permanecesse no cargo. Rio de Janeiro, 12 set. 1859. (Incompleta) I-28,3,25
- 345 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [s. 1.] 19 set. 1859. I-28,3,26

- 346 De Antônio Joaquim de Oliveira, prestando contas de despesas da Comissão Científica e referindo-se ao suicídio do Dr. Gaioso. Ceará, 26 set. 1859. I-28,3,37
- 347 De Roberto Correia de Almeida e Silva, a respeito da compra de cavalos para a Comissão Científica. Rio, 1 out. 1859. I-28,3,28
- 348 De Antônio Joaquim de Oliveira, dando notícias dos membros da Comissão Científica. Ceará, 25 out. 1859. I-28,3,29
- 349 Do mesmo, dando notícias dos membros da Comissão Científica, Ceará, 11 jan. 1860. I-28,3,30
- 350 De Giacomo Raja Cabaglia, encaminhando cópia de um relatório da Seção de Astronomia e Geografia da Comissão Científica. São Benedito (Serra Grande), 15 fev. 1860. I-28,3,30A n.º 1 e 3
- 351 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [Rio de Janeiro] 21 fev. 1860. I-28,3,31
- 352 Do mesmo, falando de uma epidemia de febre amarela que grassava na cidade. [Rio de Janeiro] 29 fev. 1860. I-28,3,32
- 353 De Francisco Luis Gameleira, pedindo um auxílio. [s. l.] 19 mar. 1860. I-28,3,33
- 354 De Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de despesas da Comissão Científica. Ceará, 5 abr. 1860. I-28,3,34
- 355 De Antônio Freire Alemão, dando notícias dos comentários que se faziam na Corte a respeito do comportamento dos membros da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 20 abr. 1860. I-28,3,35
- 356 De Francisco Carlos Lassance Gumba, solicitando uma certidão de prestação de serviços à Comissão Científica. Russas, 26 abr. 1860. I-28,3,36
- 357 De Antônio Freire Alemão, dando notícias familiares. Rio de Janeiro, 21 maio 1860. I-28,3,37
- 358 De Francisco Rodrigues Sette, acusando recebimento de uma correspondência. Crato, 12 jun. 1860. I-28,3,38

- 359 De Joaquim Antônio Guerreiro Lima, sobre um atestado em favor de José dos Reis Carvalho como membro da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 21 jun. 1860. I-28,3,39
- 360 De Leandro N. M. Ratisbone, combinando um encontro. [s. l.] 28 jun. 1860. I-28,3,40
- 361 De Giacomo Raja Gabaglia, informando sobre os trabalhos da Seção de Astronomia e Geografia da Comissão Científica. Sobral, 20 jul. 1860. I-28,3,41
- 362 De Antônio Joaquim de Oliveira, remetendo uma correspondência da Comissão Científica. Ceará, 28 jul. 1860. I-28,3,42
- 363 De Francisco Emílio Soares da Câmara, pedindo que entregasse ao portador certa encomenda. Rio de Janeiro, 7 ago. 1860. I-28,3,43
- 364 De Alexandrino Cristiano de Oliveira, pedindo sua interferência no sentido de ser nomeado tabelião da Vila de Maranguape. Ceará, 15 ago. 1860. I-28,3,44
- 365 De Manuel Freire Alemão, enviando amostras de vegetais. [Pacatuba, 10 set. 1860] I-28,4,46
- 366 De Henrique de Beaurepaire Rohan, congratulando-se pela viagem de Freire Alemão às províncias do Norte. Rio de Janeiro, 21 set. 1860. I-28,3,48
- 367 De João de Almeida Pereira Filho, remetendo cópia da tabela de vencimentos do pessoal da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 out. 1860. I-28,3,49A
- 368 De Giacomo Raja Gabaglia, falando das dificuldades financeiras por que atravessava a Comissão Científica. Lago Grande, 10 out. 1860. I-28,3,49
- 369 De Benedito da Silva Garrido, pedindo um atestado de capacidade como boticário. Crato, 16 out. 1860. I-28,3,47
- 370 De Antônio F. Sucupira, apresentando cumprimentos. Crato, 16 out. 1860. I-28,3,48
- 371 De Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de assuntos relacionados com a Comissão Científica. Ceará, 16 out. 1860. I-28,3,49
- 372 De [Guilherme Schuch de] Capanema, falando das dificuldades financeiras da Comissão Científica. Fortaleza, 17 out. 1860. I-28,3,50

- 373 De Antônio Marcellino Nunes, presidente da Província do Ceará, remetendo cópia de determinação do Ministério dos Negócios do Império. Palácio do Governo, 19 out. 1860. I-28,3,50A
- 374 De Justino Francisco Xavier, indagando sobre a conveniência de se pedir um médico para a localidade, à vista de uma febre que ali grassava. Ipu, 30 out. 1860. (Acompanha descrição clínica de um caso registrado) I-28,3,51
- 375 De Miguel Antônio da Silva Júnior, informando a respeito de um aluno da Escola Central, por cujos exames se interessara Freire Alemão. Rio de Janeiro, 5 nov. 1860. I-28,3,52
- 376 De Giacomo Raja Cabaglia, dizendo que tencionava demandar as fronteiras marítimas do Norte. Barra do Camucim, 15 nov. 1860. I-28,3,53
- 377 De Caetano Alves de Sousa Filgueiras, solicitando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, um resumo anobiográfico. [Rio de Janeiro] 20 nov. 1860. (Impresso) I-28,3,54
- 378 De Fernando Maranhense da Cunha, pedindo-lhe ajuda como médico, em vista de uma febre que grassava na localidade. Vigosa, 27 nov. 1860. I-28,3,55
- 379 De [João da Silva Martins] Coutinho, pedindo uma guia para receber seus vencimentos pelos serviços prestados na Comissão Científica. Ceará, 12 dez. 1860. I-28,3,56
- 380 De Vicente Alves Ferreira, pedindo uma esmola. Cadeia de Vila Velha, dez. 1860. I-28,4,61
- 381 De Giacomo Raja Cabaglia, solicitando pedir ao conselheiro Batista de Oliveira um exemplar do relatório dêste sobre a Exposição Universal de Paris. [s. l. 1860] I-28,5,27
- 382 De José Antônio Teixeira, agradecendo o auxílio recebido na questão do Tesouro. Lavras, 11 jan. 1861. I-28,5,57
- 383 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência da Comissão Científica. Ceará, 12 jan. 1861. I-28,3,58
- 384 De Nicolau Tolentino de Vasconcelos, agradecendo interferência na promoção de seu filho. Fortaleza, 12 jan. 1861. I-28,3,59
- 385 De Antônio Joaquim de Oliveira, informando que a correspondência da Comissão Científica seguiria no próximo vapor. Ceará, 19 jan. 1861. I-28,3,60

- 386 De Vicente Alves de P. Pessoa, mandando alguns presentes. Canindé, 4 fev. 1861. I-28,3,61
- 387 De Antônio Joaquim de Oliveira, remetendo correspondência referente à Comissão Científica. Ceará, 12 fev. 1861. I-28,3,62
- 388 De [Guilherme Schuch de] Capanema, pedindo licença da Comissão Científica. Sobral, 14 fev. 1861. I-28,3,63
- 389 De João de Almeida Pereira Filho, tornando sem efeito uma determinação relativa à tabela de vencimentos dos empregados da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 19 fev. 1861. (Cópia por letra de Freire Alemão) I-28,3,64
- 390 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando papéis da Comissão Científica e dizendo ter alugado uma casa, conforme solicitação. Ceará, 24 fev. 1861. I-28,3,65
- 391 De Antônio Marcelino Nunes, convidando para a inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Fortaleza, 18 mar. 1861. I-28,3,66
- 392 De [Guilherme Schuch de] Capanema, pedindo notícias dos membros da Comissão Científica e falando sobre sua permanência em Maranguape. Maranguape, 22 mar. 1861. I-28,3,67
- 393 De A. Pinto de Mendonça, comunicando não poder atender à pretensão de uma pessoa recomendada. [Rio de Janeiro] 17 abr. 1861. I-28,3,68
- 394 De Giacomo Raja Gabaglia, indagando se o Dr. Gonçalves Dias tivera ciência de certas deliberações a respeito da Seção Etnográfica da Comissão Científica. [s. l.] 21 abr. 1861. I-28,3,69
- 395 Do mesmo, enviando papéis concernentes à Comissão Científica. Fortaleza, 1 maio 1861. I-28,3,70
- 396 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando cartas e jornais. Ceará, 3 maio 1861. I-28,3,71
- 397 De [Manuel Freire Alemão] descrevendo sua viagem de Acaraí a Pacatuba. Pacatuba, 6 maio [1861] I-28,4,42
- 398 De Antônio Joaquim de Oliveira, enviando correspondência da Comissão Científica. Ceará, 9 maio 1861. I-28,3,72

- 399 Do mesmo, solicitando, em nome do Dr. Gonçalves Dias, um atestado, a fim de poder receber sua gratificação. Ceará, 12 maio 1861. I-28,3,73
- 400 De Manuel Roberto Sobreira, solicitando que participasse de uma conferência médica. Fortaleza, 14 maio 1861. I-28,3,74
- 401 De Manuel Freire Alemão, referindo-se ao Sr. Simões, como conhecedor de madeiras. [s. 1. 15 maio 1861] (Ocorrem no mesmo doc. notas de Freire Alemão sobre a vila de Pacatuba) I-28,4,48
- 402 De Antônio Joaquim de Oliveira, comentando a permanência de Guilherme Schuchi de Capanema em Lagoa Fonda e o recebimento da chave da casa que alugara. Ceará, 17 maio 1861. I-28,3,75
- 403 De João Soares Pinto, comunicando não ter recebido o Conselho Me. contá. Ceará, 20 maio 1861. I-28,3,76
- 404 De João Franklin de Lima, pedindo para incorporar à sua bagagem uma caixote destinado ao Pará. Engenho da Munguba, 25 maio 1861. I-28,3,77
- 405 De Guilherme Schuchi de Capanema, indagando sobre a partida da Comissão Científica. Pacatuba, 31 maio 1861. I-28,3,78
- 406 De Manuel Antônio Duarte de Sousa, presidente da Província do Ceará, convidando para o ato de posse do bispo da diocese local. Palácio do Governo, 6 jun. 1861. I-28,3,78A
- 407 De Luís Taumaturgo da Gama Machado, solicitando, por conta do aluguel da casa, a quantia de quarenta mil-réis. [Fortaleza] 7 jun. 1861. I-28,3,79
- 408 De A. Pinto de Mendonça, convidando-o para tomar chá. Fortaleza, 16 jun. 1861. I-28,3,79A
- 409 De Giacomo Raja Gabaglia, participando seu casamento com D. Maria da Natividade de Albuquerque Barros. Fortaleza, 22 jun. 1861. I-28,3,80
- 410 Do mesmo, indagando a quem devia entregar os objetos da Seção de Astronomia da Comissão Científica. [s. 1.] 24 jun. 1861. I-28,3,81
- 411 De Sinval O. de Miranda, convidando para tratar de negócios da Comissão Científica. [s. 1.] 25 jun. 1861. I-28,3,82

- 412 De Giacomo Raja Gabaglio, enviando relação da cavalaria da Seção de Astronomia da Comissão Científica e pedindo passagem para Santos Sousa. Fortaleza, 28 jun. 1861. I-20,3,83
- 413 De Luís Taumaturgo da Gama Machado, solicitando o pagamento de um aluguel de casa. [Fortaleza] 1 jul. 1861. I-28,3,84
- 414 De [Guthorme Schuch de] Capanema, informando sobre seu trabalho de campo na Comissão Científica. Ceará, 6 jul. 1861. I-28,3,85
- 415 De A. A. Santos Júnior, convidando-o para um jantar. [Ceará] 10 jul. 1861. I-28,3,86
- 416 De Antônio M. Nunes Guimaraes, dizendo da impossibilidade de despedir livre de direitos um caixote de instrumentos da Comissão Científica. [Ceará] 17 jul. 1861. I-20,3,87
- 417 De Nicolau Tolentino de Vasconcelos, solicitando benevolência, nos exames da Escola Central, para seu filho Bento Luis da Gama. Fortaleza do Cabedelo da Paraíba, 1 agô. 1861. I-28,3,88
- 418 Do mesmo, solicitando vestimento para a promoção do filho Bento Luis da Gama. Ceará, 25 set. 1861. I-28,3,89
- 419 De Giacomo Raja Gabaglio, tratando da freqüência do pessoal lotado na Seção de Astronomia da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 26 set. 1861. I-28,3,89A
- 420 Do mesmo, tratando de assuntos relativos a seu trabalho na Comissão Científica. Vapor "Paraná", 30 set. 1861. I-28,3,90
- 421 De Tomás Pompeu de Sousa Brasil, desfazendo malentendidos a respeito de comentários que circulavam na Corte e atingiam certos membros da Comissão Científica. Fortaleza, 30 set. 1861. I-28,4,1
- 422 De José Antônio da Costa e Silva, participando o contrato de casamento de uma filha. Boa Vista, 17 out. 1861. I-28,4,2
- 423 De João Franklin de Lima, fazendo referências agradecidas à Comissão Científica. Engenho da Monguba, 17 out. 1861. I-28,4,3
- 424 De José Bonifácio Nascentes de Azambuja, pedindo que comparecesse à Secretaria dos Negócios do Império para informar a respeito da liquidação dos vencimentos dos membros da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 26 out. 1861. I-28,4,4

- 425 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando original e cópia de certo trabalho. Rio de Janeiro, 15 nov. 1861. I-28,4,55
- 426 De Frederico Leopoldo César Burlamaqui, aceitando as críticas que fizera Freire Alemão a uma obra destinada às escolas rurais. [Rio de Janeiro] 15 nov. 1861. I-28,4,5
- 427 De Nuno P. Loiola Sá, apresentando o padre Francisco João de Azevedo. Recife, 23 nov. 1861. I-28,4,6
- 428 De José Ildefonso de Sousa Ramos, comunicando a chegada de material pertencente à Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 dez. 1861. I-28,4,8A
- 429 De Domingos Machado Homem de Gusmão, solicitando um empréstimo no Jardim Botânico. Rio de Janeiro, 16 fev. 1862. I-28,4,7
- 430 De Cláudio Raja Cebaglia, comunicando que faria parte de uma comissão determinada pelo Ministério da Marinha. Rio de Janeiro, 6 maio 1862. I-28,4,9
- 431 Do mesmo, fazendo uma prestação de contas. Rio de Janeiro, 6 maio 1862. I-28,4,9A
- 432 De João Franklin de Lima, referindo-se ao surto de cólera que se registrava em sua povoação. Engenho da Munguba, 19 maio 1862. I-28,4,10
- 433 Do marquês de Olinda, solicitando o envio de novo orçamento da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 18 jun. 1862. I-28,4,11
- 434 Do mesmo, convidando-o a sua casa. [Rio de Janeiro] 28 jun. 1862. I-28,4,12
- 435 De [Guilherme Schuch de] Capanema, tratando de despesas que necessitaria fazer com escavações no Ceará. Rio de Janeiro, 28 jun. 1862. I-28,4,12A
- 436 Do marquês de Olinda, tratando de despesas da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 31 jul. 1862. I-28,4,12B
- 437 Do mesmo, tratando da redução de despesas da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 1 agô. 1862. I-28,4,12C
- 438 De José Bonifácio Nascentes de Azambuja, solicitando o levantamento das despesas e o inventário dos objetos da Comissão Científica. [Rio de Janeiro] 1 agô. 1862. I-28,4,13

- 439 Do marquês de Olinda, autorizando a continuação das escavações encetadas pela Seção de Geologia da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 13 agô. 1862. I-28,4,13A
- 440 Do mesmo, tratando de vencimentos e licença de Antônio Gonçalves Dias e Manuel Ferreira Lagos, como membros da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 22 agô. 1862. I-28,4,13B
- 441 Do mesmo, determinando providências a respeito de material da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 13 set. 1862. I-28,4,13C
- 442 De Antônio José Fausto Garriga, informando sobre a reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 7 out. 1862. I-28,4,14
- 443 Do mesmo, informando sobre expediente da Escola Central. Rio de Janeiro, 31 out. 1862. I-28,4,15
- 444 Do marquês de Abrantes, tratando de autorização para despesas com pessoal e material da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 22 out. 1862. I-28,4,15A
- 445 De João Luís Vieira Cansanção de Simimbu, transmitindo o decreto pelo qual o Imperador nomeara Freire Alemão membro da Diretoria do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Rio de Janeiro, 29 nov. 1862. I-28,4,17
- 446 De Antônio José Fausto Garriga, convocando para uma reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 28 jan. 1863. I-28,4,18
- 447 De Antônio Joaquim de Oliveira, pedindo sua intercessão para que recebesse atrasados, como empregado da Comissão Científica. Ceará, 28 fev. 1863. I-28,4,19
- 448 De Tomás Gomes dos Santos, convidando para uma solenidade na Academia das Belas Artes. Rio de Janeiro, 15 mar. 1863. (Carta-circular) I-28,4,20
- 449 De Antônio José Fausto Garriga, convocando para uma reunião do Conselho de Instrução da Escola Central. Rio de Janeiro, 6 abr. 1863. I-28,4,21
- 450 De Manuel Ferreira Lagos, tratando de uns apontamentos para o relatório do Ministro dos Negócios do Império. [s. l.] 11 nov. 1863. I-28,4,22
- 451 De Giacomo Raja Gabaglia, comunicando sua partida para Pernambuco a serviço da Marinha. Rio de Janeiro, 29 jun. 1864. I-28,4,23

- 452 De Manuel Ferreira Lagos, enviando ofício destinado ao Ministro do Império, acerca da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 10 set. 1864. I-28,4,24
- 453 De José Clemente Marques, tratando da venda de uma cabra. [Rio de Janeiro, set. 1864] I-28,4,70
- 454 Do mesmo, tratando da venda de uma cabra. [Rio de Janeiro, set. 1864] I-28,4,71
- 455 Do Ministro dos Negócios do Império, convidando, de ordem do Imperador, para assistir ao casamento de D. Isabel com o conde D'Eau. Rio de Janeiro, 11 out. 1864. (Impresso sem assinatura) I-28,4,26
- 456 De Manuel Ferreira Lagos, tratando de assuntos ligados ao trabalho da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 27 out. 1864. I-28,4,28
- 457 De Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, convidando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para participar de uma comissão encarregada de cumprimentar o Imperador. Rio de Janeiro, 21 nov. 1864. (Impresso) I-28,4,27
- 458 Do Ministério do Império, convidando, de ordem do Imperador, para assistir ao casamento de D. Leopoldina com o Príncipe de Saxe. Rio de Janeiro, 12 dez. 1864. (Impresso sem assinatura) I-28,4,28
- 459 De Luís Garcia Soares de Bivar, oferecendo uma assinatura de seu jornal *O Repórter*. [Rio de Janeiro] 24 dez. 1864. I-28,4,29
- 460 De José Feliciano de Castilho, convidando para comparecer ao *Cabineiro Português de Leitura*, onde se trataria de assunto relativo à comemoração do centenário de Bocage. Rio de Janeiro, 8 set. 1865. (Carta circular) I-28,4,30
- 461 De Agostinho José de Sóesa Lima, pedindo informações sobre a espécie botânica *Asclepsia Gigantea*. Realengo de Campo Grande, 10 set. 1865. I-28,4,31
- 462 De José Mattois da Cruz Jobim, solicitando sua presença numa solenidade de colação de grau na Faculdade de Medicina. Rio de Janeiro, 21 nov. 1865. I-28,4,32
- 463 De Carlos Berlangaqui, dando conta de providências tomadas no Museu Nacional. Museu Nacional, 31 dez. 1866. I-28,4,32A
- 464 Dos estudantes da Faculdade de Medicina, convidando para assistir à missa em memória do Dr. Francisco Gabriel da Rocha Freire [s. 1.] jun. 1867. (Impresso) I-28,4,33

- 465 De [Guilherme Schuch dc] Capanema, esclarecendo sobre o tempo de que dispunha para ultimar trabalhos da Comissão Científica. [s. l.] 28 set. 1867. (Cópia por letra de Freire Alemão) I-28,4,34
- 466 De S. Freire Soares, enviando projeto do regulamento para as exposições e concursos trienais de produtos agrícolas do Município da Corte e Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 28 nov. 1867. 1-28,4,35
- 467 Do barão do Bom Retiro, enviando exemplares do regulamento para as exposições e concursos de produtos agrícolas do Rio de Janeiro e referindo-se à fundação de uma revista agrícola. Rio de Janeiro, 28 jun. 1868. I-28,4,36
- 468 De Ladislau Neto, diretor da Seção de Botânica e Agricultura do Museu Nacional, fazendo considerações a respeito de juízo que sobre o mesmo Museu emitiu o cientista L. Agassiz. Museu Nacional, 30 jun. 1868. 1-28,4,37
- 469 De Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, convidando, em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para integrar a deputação que cumprimentaria o Imperador na data da Independência do Brasil. Rio de Janeiro, 1 set. 1870. (Impresso) I-28,4,38
- 470 De A. M. Malet, comunicando que se ausentaria da Corte. Rio de Janeiro, 4 abr. 1871. I-28,4,39
- 471 Dois membros da comissão iniciadora de um monumento aos mortos da Batalha do Riachuelo, convidando para participar de uma subcomissão. Rio de Janeiro, 20 set. 1872. (Carta-circular) I-28,4,40
- 472 De Manuel Freire Alemão, falando do abatimento em que se achava o tio Antônio. [Rio de Janeiro, abr. s. a.] I-28,4,41
- 473 Do mesmo, pedindo a devolução de certo récibo. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,4,49
- 474 Da marquesa de Maceió, notificando que a Imperatriz desejava consultá-lo. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,4,68
- 475 De José Maria Soller da Silva, informando sobre as diligências no sentido de encontrar um médico que substituisse Freire Alemão no serviço junto ao Imperador. Rio de Janeiro, 9 agô. [s. a.] I-28,4,79
- 476 Do Dr. [A.] M. Malet, enviando o tratado do ácido fénico de Júlio Lemoine. [Rio de Janeiro, s. d.] 6,1,27 n.º 89

- 477 De Antônio Freire Alemão, mandando notícias familiares. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,4,41
- 478 De Manuel Freire Alemão, referindo-se a papéis da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,4,45
- 479 Do mesmo, referindo-se aos contratempos sobrevindos durante uma excursão. [s. l. n. d.] I-28,4,47
- 480 De Antônio Joaquim Batista, pedindo uma esmola para realizar uma procissão. [s. l. n. d.] I-28,4,53
- 481 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando um ofício. [s. l. ] 29 jun. [s. a.] I-28,4,57
- 482 De Giacomo Raja Gabaglia, referindo-se à data de uma reunião da Comissão Científica. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,4,63
- 483 De Antônio Ferreira Lima, pedindo ajuda em certa pretensão. Ceará, 19 mar. [s. a.] I-28,4,66
- 484 De A. A. Santos Souza, solicitando um atestado de exercício na Comissão Científica. [s. l. n. d.] I-28,4,77
- 485 Do mesmo, solicitando ajuda para que pudesse receber vencimentos como membro da Comissão Científica. [s. l. n. d.] I-28,4,78
- 486 Do vigário Luis Antônio Marques da Silva, enviando amostras de uns espinhos com que se faziam rendas na localidade. [s. l. n. d.] (Acompanham as ditas espécies) I-28,4,80
- 487 De Lourenço C. Valente, solicitando um cavalo emprestado para ir a Pacatuba. [Ceará, s. d.] I-28,4,83
- 488 De Carlos Frederico dos Santos Xavier de Azevedo, dizendo ter ido visitá-lo. [s. l. n. d.] (Cartão) I-28,4,52
- 489 De Antônia Bezerra, pedindo uma esmola. [s. l.] 6 jun. [s. a.] I-28,4,54
- 490 Da irmã Maria Freire, marcando um encontro. [s. l. n. d.] I-28,4,62

- 491 De Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, dando pésames. [s. l. n. d.]  
(Cartão) I-28,4,64
- 492 Do primo Joaquim, queixando-se das dificuldades que enfrentava no tratamento da saúde. [s. l. n. d.] I-28,4,65
- 493 De [Guilherme Schuch de] Capanema, enviando um ofício. [s. l. n. d.] I-28,4,66
- 494 Do mesmo, enviando provas de uns trabalhos científicos. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,4,68
- 495 Do mesmo, convidando para jantar. [s. l. n. d.] I-28,4,80
- 496 Do mesmo, marcando um encontro. [s. l. n. d.] I-28,4,85
- 497 De [Manuel] Ferreira Lagos (?) informando que adiara uma sessão da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,4,81
- 498 De Inácio José Mota, tecendo comentários sobre as atividades da Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,4,72
- 499 De Tomás [Pompeu de Sousa Brasil] dizendo-se de acordo com o parecer de Freire Alcântara sobre uma memória apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Rio de Janeiro] 2 maio [s. a.] I-28,4,75
- 500 De Leandro N. M. Radibona, desculpando-se por não poder visitá-lo [s. l. n. d.] I-28,4,76
- 501 De Felizilda Joaquima de Sousa, informando já haver mandado um rapaz para certo serviço. [s. l. n. d.] (Acompanha um rameu seu) I-28,4,83

#### IV. CORRESPONDÊNCIA ALHEIA

- 502 De Bernardo Pereira de Vasconcelos a Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, propôndo que o Hospital dos Táziros fosse entregue a uma administração permanente. Rio de Janeiro, 30 mar. 1838. (Ofício. Cópia) I-23,4,86
- 503 Do mesmo a Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, tratando de assuntos ligados à Faculdade de Medicina. Poço, 8 fev. 1839. (Ofício. Cópia autênticada por Luís Carlos da Fonseca) I-28,4,87
- 504 De Francisco [Alves] a Freire, dando notícias da família. Marapicu, 22 maio 1846. (O remetente era primo de Freire Alemão, que talvez fosse o destinatário) I-28,5,22
- 505 De [Basilio Torresão] a destinatário não mencionado, tratando de uma memória botânica. [s. 1.] 16 out. 1847. (Assinada por Bento) I-28,4,88
- 506 De Angelo Munis da Silva Ferreira aos lentes da Faculdade de Medicina da Corte, pedindo, em nome dos membros da Comissão encarregada de organizar a tarifa das alfândegas do Império, parecer sobre normas para tratamento alfandegário de produtos medicinais. Rio de Janeiro, 22 ago. 1850. (Ofício. Cópia autênticada por Luís Carlos da Fonseca) I-28,4,89
- 507 De Inácio José Malta a destinatário não mencionado, referendo livros à biblioteca da Sociedade Velosiana. Rio de Janeiro, 23 maio 1851. I-28,5,1
- 508 De José Antônio a destinatário não mencionado, tratando de assunto sem interesse. [s. 1.] 15 set. 1854. I-28,5,2
- 509 De Manuel Ferreira Lagos, secretário da Palestra Científica, a destinatário não mencionado, tratando de uma sessão que teria lugar naquela sociedade. Rio de Janeiro, 1 jan. 1859. I-28,5,3

- 510 De Sérgio Teixeira de Maredo, de ordem do Imperador, às autoridades em geral, determinando fossem concedidas facilidades aos membros da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 25 jan. 1859. (Cópia autenticada por Ovídio da Gama Lôbo) I-28,5,3A
- 511 De João Silveira de Sousa, presidente da Província do Ceará, às autoridades locais, recomendando fossem prestadas todas as facilidades aos membros da Comissão Científica. Palácio do Governo, 19 jul. 1859. I-28,5,3B
- 512 De Manuel José da Silva Rodrigues aos membros da Comissão Científica, pedindo a impressão d'estes sobre uma representação teatral. Aracati, 14 set. 1860. I-28,5,4
- 513 De Manuel Ferreira Lagos a destinatário não mencionado, pedindo o encaminhamento de uma correspondência da Comissão Científica. Crato, 5 abr. 1860. I-20,5,5
- 514 De Sinval a Antônio Gonçalves Dias, tratando de correspondência da Comissão Científica. [s. l.] 22 abr. 1860. I-28,5,24
- 515 De Antônio Marcelino Nunes, presidente da Província do Ceará, às autoridades locais, determinando fosse permitido aos membros da Comissão Científica o uso de armas. Palácio do Governo, 16 maio 1860. I-28,5,3A
- 516 De autor não identificado, encaminhando ao Dr. Manuel [Freire Alemão] um criado cozinheiro. [s. l.] 27 abr. 1861. I-20,5,21
- 517 De Manuel Freire Alemão a [Antônio Freire Alemão (2)] referindo-se a seu trabalho na Comissão Científica. Paratuba, 20 maio 1861. I-28,4,43
- 518 Do conde de Barependi a Lucas Antônio Monteiro de Barros, apresentando Francisco Freire Alemão, encarregado pelo governo imperial de estudar as pragas nos cafés da Província do Rio de Janeiro. Santa Rosa, 10 fev. 1862. I-28,5,6
- 519 Do conde de Barependi a Antônio Leite Pinto, apresentando Francisco Freire Alemão, encarregado pelo governo imperial de estudar as pragas nos cafés da Província do Rio de Janeiro. Santa Rosa, 10 fev. 1862. I-28,5,7
- 520 De Luís Alves Leite de Oliveira Bello a Virgulino da Costa Guimarães, solicitando auxílio para Francisco Freire Alemão, em sua estada em Mangaratiba, onde estudaria a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,8

- 521** Do mesmo a Fabiano Pereira Barreto, solicitando auxílio ao Dr. Francisco Freire Alemão, em Resende, onde iria estudar a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,9
- 522** Do mesmo a Manuel Teixeira Júnior, de Cantagalo, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,10
- 523** Do mesmo ao barão de Itaguai, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar em Itaguai a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,11
- 524** Do mesmo a José Francisco da Silva, de Angra dos Reis, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,12
- 525** Do mesmo a Joaquim Marinho de Queirós, de Araruama, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,13
- 526** Do mesmo ao barão de Rio Claro, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar em Rio Claro a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,14
- 527** Do mesmo a Francisco de Sousa Brandão, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,14A
- 528** Do mesmo a Francisco José Soares, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,14B
- 529** Do mesmo a Braz Fernandes Carneiro Viana, solicitando auxílio para o Dr. Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafés. Niterói, 17 fev. 1862. I-28,5,15
- 530** De Joaquim José de Sousa Breves ao sr. Chaves, apresentando Francisco Freire Alemão, que iria estudar a praga dos cafés do Rio de Janeiro. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862. I-28,4,8
- 531** Do mesmo a Joaquim Pinto de Paiva, solicitando auxílio para o Dr. Francisco Freire Alemão, encarregado pelo governo de estudar a praga dos cafés do Rio de Janeiro. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862. I-28,5,16

- 532 Do mesmo a José Francisco dos Santos Pessanha, apresentando o Dr. Francisco Freire Alemão. Fazenda de São Joaquim, 30 mar. 1862. I-28,5,17
- 533 Da Imperial Comissão Científica ao capitão Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de gratificação por este pleiteada. Rio de Janeiro, 24 nov. 1868. (2.ª via, sem assinatura) I-28,5,18
- 534 Da Academia Imperial de Medicina a Maria Cristina Freire Alemão, apresentando condolências por motivo do falecimento do Dr. Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 9 dez. 1871. (Assinada por Moncorvo de Figueiredo e José Zéferino de Meneses Brum) I-28,6,19
- 535 De E. M. M. a Maria Freire, indagando sobre uma correspondência. [Rio de Janeiro, 23 fev. 1888] I-28,5,23
- 536 De Maria Freire de Vasconcelos ao Diretor da Biblioteca Nacional, oferecendo alguns manuscritos do Dr. Francisco Freire Alemão. Rio de Janeiro, 28 dez. 1917. I-28,5,20
- 537 De Manuel Freire Alemão a um dos tios, tratando de providências relacionadas com o falecimento de uma parenta. [Rio de Janeiro, 21 abr. s. a.] I-28,4,50
- 538 Do mesmo às Irmãs, tratando de suas encomendas. [s. l. n. d.] I-28,4,55
- 539 De Giacomo Raja Gabaglia ao capitão Antônio Joaquim de Oliveira, tratando de débitos da Comissão Científica para com seus artífices. [s. l. n. d.] I-28,5,26
- 540 De [Bernardo Pereira de (?)] Vasconcelos a Luis Carlos da Fonseca, dizendo que algo (não declarado) não ia bem, e pedindo a presença deste. [s. l.] 30 jan. [s. a.] I-28,5,28

## V. MISCELANEAS CIENTÍFICAS

- |     |   |           |
|-----|---|-----------|
| 541 | Miscelânea botânica. 1834-69.   | I-28,7,1  |
| 542 | Observações sobre plantas examinadas ao microscópio. 1838-57.         | I-28,9,40 |
| 543 | Observações sobre diversos insetos. 1838-51.                          | I-28,9,39 |
| 544 | Ajuntamentos sobre madeiras do Içá. 1845-52.                          | I-28,9,48 |
| 545 | Súmulas de lições de botânica. 1851-53.                               | I-28,9,04 |
| 546 | Desenhos e anotações variadas sobre plantas, flores e frutos. [s. d.] | I-28,6,40 |

## VI. MONOGRAFIAS E COMUNICAÇÕES

- 547 *Dissertation sur le goître*. (Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Medicina de Paris em 1831. Edic. em Paris, 1831, 46 p.) I-28,6,1
- 548 *Vicentia acuminata* (n. v.: *Guerajuba*) 30 out. 1844. (Cf. *Min. Brasil.*, v. III, n.º 3, 15 dez. 1844, p. 36) I-28,6,2
- 549 *Andradea floribunda* [(n. v.: *Tapaciriba*)] 8 jul. 1845. (Impresso. Com 1 grav. e 1 nota manuscrita. Cf. *Min. Brasil.*, 2.ª série, n.º 1, 1.º agô. 1845, p. 91) I-28,6,3
- 550 *Geissospermum Vellossi* (n. v.: *Pau-pereira*, *Pau-forquilha*, *Pau-de-pente*, *Camurá-de-bilro*, *Camurá-do-mato*, *Canudo-amargoso*, etc.) Rio de Janeiro, 18 nov. 1845. (Impresso. Cf. *Arch. Med. Brasil.*, t. II, n.º 1, dez. 1845, p. 75) I-28,6,35
- 551 "Exposição de alguns fatos a respeito da desfolha e florescência das árvores, na Província do Rio de Janeiro, acompanhada de considerações gerais". [Dez. 1845] I-28,6,4
- 552 "Ensaios monográficos dos *Diospyros* (maçapás) que nascem nos arredores do Rio de Janeiro". Jun. 1846. I-28,6,5
- 553 *Poarchon fluminensis* (n. v.: *Mariúcé ou Ibaricé*) 24 nov. 1846. (Impresso. Cf. *Arch. Med. Brasil.*, t. III, n.º 4, dez. 1846, p. 73) I-28,6,6
- 554 "Coisas mais notáveis da *Jatropha curcas* (Pinhões)". 23-29 dez. 1846. I-28,6,7
- 555 ["Madeiras do Brasil"] (Ocorre a seguinte nota: "Borrão de madeiras do Brasil que mandei ao Dr. Martius em maio de 1817". Vejase atrás o n.º 94) 6,4,80 n.º 149

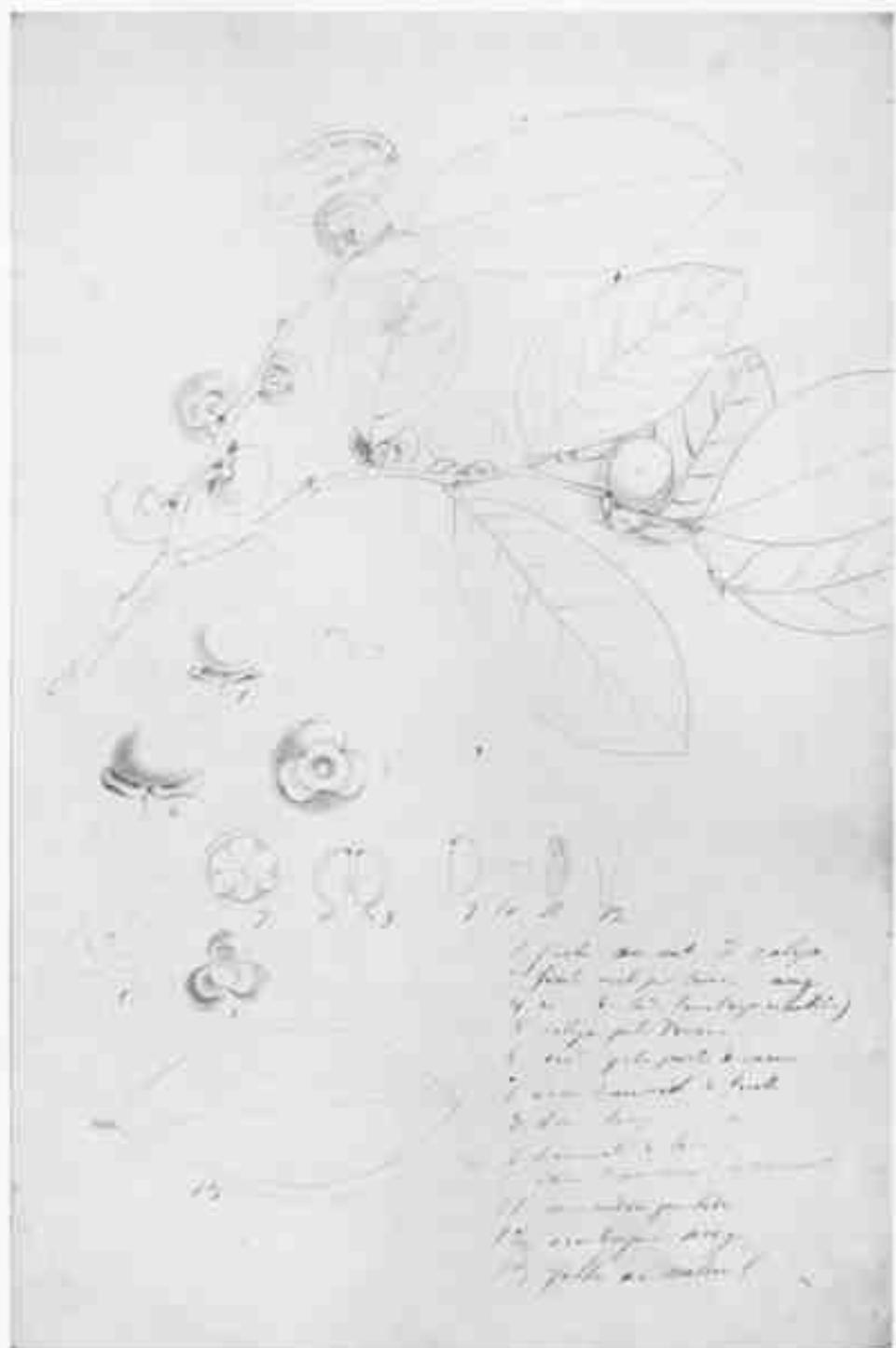
- 556 *Silva navalium* (n. v.; *Tapinhoá*) [1847] (Impresso. Com uma nota manuscrita de 18 jan. 1858, declarando que a planta deveria chamar-se *Tapinhoá navalium*, à vista da existência em De Candolle do nome gênero *Silva*. Cf. *Arch. Med. Brasil.*, t. III, n.º 12, agô. 1847, p. 260) I-28,6,9
- 557 *Myrcarpus fastigiatus* (n. v.; *Caburetta*; *Olmo-pardo*). 28 out. 1847. (Impresso. Cf. *Arch. Med. Brasil.*, t. IV, n.º 2, nov. 1847, p. 23) I-28,6,8
- 558 "Descrição botânica da planta chamada vulgarmente *Golfo* em português; e na língua indígena *Gigoga*". Nov. 1847. 5,4,29 n.º 32
- 559 *Heteromia alchorneoides* (n. v.; *Urucurana*) [I] *Individuo feminino*. Abr. 1848. (Cf. *Arch. Med. Brasil.*, t. IV, n.º 8, maio 1848, p. 169) [II] *Individuo masculino*, 18 nov. 1850. (Cf. *Rev. Brasil.*, t. I,º, 1857, p. 56) I-28,8,12
- 560 "Tentativa duma história das florestas da Província do Rio de Janeiro". Mendanha, 19 fev. 1849. 5,4,30 n.º 157
- 561 *Ophthaimoblapton macrophyllum* (n. v.; *Santa-tuzia*). Rio de Janeiro, 28 agô. 1849. (Ocorre também o impresso. Cf. *Guanabara*, t. 12, 1850, p. 14) I-28,8,10
- 562 "Apontamentos [sobre a conservação e corte das madeiras de construção naval"]". Engenho Velho, 4 out. 1849. 5,4,30 n.º 148
- 563 "Relação de algumas árvores que floresceram de 1848 a 1849". 30 nov. 1849. (Ocorre a seguinte nota: "mandada ao Dr. Martius". Veja-se atrás o n.º 110) 5,4,30 n.º 250
- 564 *Machaerium heteropterum* (n. v.; *Angelim*). Rio de Janeiro, 15 out. 1850. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 33) I-28,8,11
- 565 "Exercícios botânicos. Memória 1.º. Sobre a estrutura e função dos pelos excretores da nossa urtiga-braba (*Urtica nitida da Flora Fluminensis*)". 11 dez. 1850. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 33) I-28,8,13
- 566 "Reflexões sobre a estrutura das Pisónias". Mendanha, 30 jan. 1851. (Veja-se adiante o n.º 572) 5,4,37 n.º 75
- 567 *Ferreiraea spectabilis* (n. v.; *Sepepiva-amarela*). 9 abr. 1851. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 26) I-28,8,14

- 568 "Exercícios botânicos. Memória 2.<sup>a</sup>. Considerações sobre a estrutura e usos de alguns pelos, e órgãos análogos". 4 jul. 1851. (Data da leitura na Sociedade Velosiana; a redação seria anterior, pois a Memória 3.<sup>a</sup> é de maio do mesmo ano. Cf. *Rev. Brasil.*, t. 1.<sup>a</sup>, 1857, p. 371) I-28,6,10
- 569 "Exercícios botânicos. Memória 3.<sup>a</sup>. Origem, e desenvolvimento dos vasos nos embriões da *Jatropha curcas*, e da *Aleurites tribola*, durante a sua germinação; e algumas considerações daí deduzidas". [1.<sup>a</sup> leitura] 9 maio 1851. (Veja-se adiante o n.<sup>o</sup> 570) I-28,6,16 n.<sup>o</sup> 1
- 570 "Exercícios botânicos. Memória 3.<sup>a</sup>. Origem e desenvolvimento dos vasos nos embriões da *Jatropha curcas*, e da *Aleurites tribola*, durante a sua germinação; e algumas considerações daí deduzidas". [2.<sup>a</sup> leitura] Rio de Janeiro, 11 maio 1852. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 101 e *Cat. Esp. Hist. Bras.*, n.<sup>o</sup> 11.817) I-28,6,16 n.<sup>o</sup> 2
- 571 "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, e particularmente das do Rio de Janeiro. 1.<sup>a</sup> leitura". 18 agô. 1851. (Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 53. Veja-se adiante o n.<sup>o</sup> 575) I-28,6,17
- 572 "Exercícios botânicos. Memória 4.<sup>a</sup>. Sobre a estrutura do caule das *Nicotinaeas*". 29 agô. 1851. (Redação definitiva. A data é a da leitura na Sociedade Velosiana) I-28,6,18
- 573 ["Notícia de algumas plantas"] 20 nov. 1851. (Fragmento. Fala o estudo sobre a *Suaeda nitida* (óiti) e as saponáceas. Cf. *Trab. Soc. Velos.*, p. 72, e *Rev. Brasil.*, t. 1.<sup>a</sup>, 1857, p. 210. *Suaeda nitida* 'óiti' ou 'óiti-cica') I-28,6,21
- 574 "Comentários à parte botânica de Gabriel Soares". 1851. (Ocorre uma nota esclarecedora de que o trabalho, inconcluso, se começara a pedido de Varnhagen) I-28,6,20
- 575 "Apontamentos que poderão servir para a história das árvores florestais do Brasil, particularmente das do Rio de Janeiro. 2.<sup>a</sup> leitura". [1852] (Trata da etimologia de pau-brasil) I-28,6,19
- 576 "Estudo de uma orquídea... colhida em um tronco de árvore podre. *Hebenaria*". Mendanha, 22 jan. 1852. 5,4.30 n.<sup>o</sup> 116
- 577 "Comunicação [sobre árvores florestais]" 1852. (Trata do vinhático-amaral e do tatu) I-28,6,22
- 578 "Será verdade, será possível, que, durante uma seca, um dos sinais de chuva próxima seja o aumento das águas das fontes?" [Jun. 1852 (?)] I-28,6,23

- 579 "Exercícios botânicos. Memória 5.º. Algumas considerações, e fatos novos concernentes à estrutura das flores e frutos da Enbaibeira (*Cecropia peltata*) que devem servir para se completar a história dos caracteres do gênero *Cecropia*". 14 jul. 1852 e 15 jan. 1858. (Cf. *Rev. Brasil.*, t. 3.º, 1860, p. 8) I-28,6,24
- 580 "Exercícios botânicos. Memória 7.º. Exposição de dois fatos, observados nas folhas de duas espécies de *Guarea*, e nas do *Citrus decumana*, que me pareceram dignos de atenção". 15 set. 1852. I-28,6,25
- 581 "Exame comparativo das duas espécies de verbenas: a de Garças e a rosin". Maio 1853. I-28,6,26
- 582 "Exercícios botânicos. Memória 8.º. Observações microscópicas a respeito da formação do sistema vascular nas plantas fanerógamas". [1853 (?)] I-28,6,27
- 583 "Cana de açúcar (*saccharum officinarum*). Planta introduzida no Brasil pouco tempo depois do seu descobrimento". 16 maio 1856. (Cf. "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", in *Rev. do I. H. G. B.*, t. XIX, 1856, ps. 539-78) I-28,6,28
- 584 "O catêzeiro (*coffee arabica* Lin.)". 16 maio 1856. (Cf. "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", in *Rev. do I. H. G. B.*, t. XIX, 1856, ps. 539-78) I-28,6,29
- 585 "Chá (*thea viridis*). Agô. 1856. (Incompleto. Cf. "Quais são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?", in *Rev. do I. H. G. B.*, t. XIX, 1856, ps. 539-78) I-28,6,30
- 586 ["Exercícios botânicos. Memória 9.º. Teratologia vegetal. [Exposição de duas formas de monstrosidades observadas no nosso milho comum (*Zea mayz*)". Maio 1857] (Cf. *Rev. Brasil.*, t. 3.º 1860, p. 8. Veja-se adiante o n.º 589) I-28,6,31 n.º 1
- 587 "Descrição de uma euforbiácea, cujos caracteres parecem que a constituem representante de um gênero novo. [*Hexadenia ferox*, n. v.: Bainha-de-espada]". Out. 1857 e 11 jun. 1858. (Cf. *Rev. Brasil.*, t. 4.º, 1857, p. 368) I-28,6,32
- 588 *Zollemia maciatiba* (n. v.: *Maciatiba*, *Moputatiba*, *Jacarandá-moputatiba*, *Maria-prêta*). Rio de Janeiro. 11 jun. 1858. I-28,6,33
- 589 "Anomalias na inflorescência do milho *Zea mayz*". (Aditamento. Cf. *Rev. Brasil.*, t. 3.º, 1860, p. 6) I-28,6,31 n.º 2

- 590 *Myrciódruon urundeuva* (vulgo Atrovira). Rio de Janeiro, jun. 1862. (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 1.º folh., 1862, p. 3) I-28,6,34 n.º 1
- 591 *Pterygota brasiliensis* (vulgo Piraud). [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 1.º folh., 1862, p. 7) I-28,6,34 n.º 2
- 592 *Tarresta cearensis*, vulgariter *Camara* in provincia Ceard [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, p. 17) I-28,6,34 n.º 3
- 593 *Tipuana quinquata*. *Ordinis leguminosarum a Céren sibus*, vulgo Pau-de-mocó nominata. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, p. 21) I-28,6,34 n.º 4
- 594 [I] *Ribeirea calophylla*. [II] *Ribeirea cupulata*. [III] *Ribeirea elliptica*. [IV] *Ribeirea calva*. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 2.º folh., 1864, ps. 29-36) I-28,6,34 n.º 5
- 595 *Mimusops elata* (n. v.; *Massaranduba*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 45. Ocorre uma espécie no n.º 596) I-28,6,34 n.º 6
- 596 *Supratocarum Omnitum*, quae in provincia Ceard, dum eam Expeditio perhistrabat, lectio fuerunt descripti auctore Francisco Figueira Alemão. [I] *Mimusops Elata* vulgariter *Massaranduba* nominata [II] *Mimusops Triplu*-[ra] vulgo *Massaranduba* dos terreiros in Provincia Ceard. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, ps. 45 e 50) 5,4,34 n.º 2
- 597 *Lucuma mordetana* (n. v.; *Engasgu-vaca*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 58) I-28,6,34 n.º 7
- 598 *Chrysophyllum glyciphloeum* (n. v.; *Guaranhém*) [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 60) I-28,6,34 n.º 8
- 599 *Cryosophyllum Cymneiri*, nomine vulgare *ignatium*. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 65) 5,4,34 n.º 8A
- 600 *Chrysophyllum Tomentosum*, n. v. *Enquiri ou Marparanduba*. [s. d.] (Cf. *Trab. Com. Scient. Explor.*, 3.º folh., 1866, p. 69) 5,4,34 n.º 4
- 601 "Memória sobre a Cartúcula, da família das euforbiáceas, e sobre um órgão particular que se acha nesta família e em outras, ao qual não se tem dado grande importância". [s. d.] I-28,6,35

- 602 *Araujo Brotero*. [s. d.] I-28,6,37
- 603 "Estudo de um arbusto de 6 a 7 pés de altura, colhido na Serra dos Traços do Sul pelo Dr. Ildefonso". [s. d.] I-28,6,38
- 604 "Estudos carpológicos. Memória 1.ª. Sobre o trajeto da matéria secundante, ou fóvile, do estigma até o óvulo", [s. d.] I-28,6,39



Araçázinho. Estudo e desenho sôs do Ceará. Pacatuba, 7 maio 1861.

## VII. ESTUDOS BOTANICOS

605 "Estudos Botânicos", 1884-66, 17 vols. \*

5,6,10-34

606 ["Flora Cearense"] 1859-61, 9 vols. \*

I-26,7,2-30

---

\* Cf. índice respectivo.

### VIII. PAPEIS DA EXPEDIÇÃO AO CEARÁ

#### I. DIARIOS

- 607 ["Notas sobre Fortaleza e Pacatuba"] 30 mar. - 3 agô. 1859. I-28,8,1
- 608 "Viagem de Fortaleza a Aracati", 16-21 agô. 1859. I-28,8,2
- 609 ["Notas sobre a vila de Aracati"] 29 agô. - 14 set. 1859. I-28,8,3
- 610 "Viagem de Aracati ao Crato", 15 set. - 6 out. 1859. I-28,8,4
- 611 ["Viagem de Icó ao Crato"] 4 nov. - 8 dez. 1859. I-28,8,5
- 612 ["Estada no Crato"] 8 dez. 1859 - 29 jan. 1860. I-28,8,6
- 613 "Viagem ao Exu, Jardim e Barbalha pela chapada do Araripe", 30 jan. - 18 fev. 1860. I-28,8,7 n.º 1
- 614 ["Estada no Crato"] 9 fev. - 8 mar. 1860. I-28,8,7 n.º 2
- 615 ["Viagem do Crato a Pacatuba"] 8 mar. - 20 abr. 1860. I-28,8,7 n.º 3
- 616 ["Estada em Fortaleza"] 28 maio - 27 jun. 1860. I-28,8,8
- 617 "Viagem do Ceará ao Rio de Janeiro no vapor *Crucero do Sul*", 27 jun. - 7 jul. 1860. I-28,8,9
- 618 "Volta do Rio para o Ceará", 24 agô. - 9 set. 1860. I-28,8,10
- 619 "Viagem da Fortaleza até a Serra Grande", 9 out. 1860 - 2 mar. 1861. I-28,8,11

- 620 "Estada em Fortaleza", 3-27 abr. 1861. I-28,8,12
- 621 "Estada em Fortaleza" 27 abr. — 13 jul. 1861. I-28,8,13
- 622 "Viagem do Ceará para o Rio de Janeiro", 13-24 jul. 1861. I-28,8,14

## 2. NOTAS E INFORMAÇÕES

- 623 "Viagem à Fazenda da Munguba (Engenho de São João de Munguba) do Tenente-Coronel João Franklin de Lima", 28 fev. — 4 mar. [1859] I-28,8,16 n.º 1
- 624 "Viagem a Mucuripe em 9 de março [de 1859]" I-28,8,16 n.º 1
- 625 Informações sobre cérias, culturas e madeiras da região de Parauapebas, dadas por H[enrique] Gonçalves da Costa. Pacatuba, 5 e 6 abr. 1859. I-28,8,17
- 626 Notas sobre madeiras de Rio Formoso e a linguagem de Pacatuba. Pacatuba, 8 e 15 abr. 1859. I-28,8,18
- 627 Notas colhidas de vários informantes sobre apanha do café e assuntos diversos. Pacatuba, 16 e 17 abr. 1859. (Ocorre uma nota de 11 maio 1859 sobre o povoamento de Pacatuba) I-28,8,19
- 628 "Viagem à Vila Vellio, e Barra do Ceará", 2 maio 1859. I-28,8,18 n.º 2
- 629 "Invernos do Ceará". Fortaleza, 3 maio 1859. (Com uma nota de 30 do mesmo mês) I-28,8,20
- 630 "Passeio a Jacureí, sítio do Sr. Sabóia". 8 maio [1859] I-28,8,15 n.º 2
- 631 "Ascensão à Serra da Aracanha". Pacatuba, 18 maio 1859. I-28,8,21
- 632 Notes sobre a linguagem de Pacatuba. Pacatuba, 18 jun. [1859] I-28,8,22
- 633 "Viagem ao Rio Baú". Pacatuba, 16 jun. 1859. I-28,8,23
- 634 Lista de fazendeiros, autoridades e moradores de Pacatuba. Pacatuba, 16 jun. 1859. I-28,8,24
- 635 "Subida ao Jarobá". Pacanha, 5 jul. 1859. I-28,8,25

- 636 Notas de conversa com [Manuel] Bezerra sobre os Feitosa, Monções e Pinto Madeira. Fortaleza, 23 jan. 1859. I-28,8,26
- 637 Informações prestadas por Manuel Bezerra sobre a índole dos trabalhadores do sertão. [Fortaleza, 11 agô. 1859] I-28,8,27
- 638 "Passeio ao Cumbe". [Fortaleza] 25 agô. [1859] I-28,8,28
- 639 Notas sobre a história do Ceará extraídas de um ms. do Po. Francisco Teles de Meneses. Aracati, 50 agô. [1859] I-28,8,29
- 640 Rascunhos de itinerários. [s. l.] agô. — dez. 1859. I-28,8,30
- 641 "Visita ao Cumbe". Aracati, 2 set. 1859. I-28,8,31
- 642 Informações prestadas por Antônio José de Vasconcelos sobre as localidades de Araci, Cruz das Almas e São José. Aracati, 18 set. [1859] I-28,8,32
- 643 Notas da viagem de Russas a Jaguaripe. 22 set. — 5 out. 1859. I-28,8,33
- 644 Descrição da paisagem e dos costumes do sertão. Jaguaripe[mirim], 2 out. 1859. I-28,8,34
- 645 Notas sobre o gado e as casas do sertão. Jaguaripe[mirim] 2 out. [1859] I-28,8,35
- 646 Nota sobre a vegetação de entre Catinga de Góis e Icô. [Out. 1859] I-28,8,36
- 647 "Pássaros no Vale do Jaguaripe, de Aracati até Icô". [13 out. 1859] I-28,8,37
- 648 Notas sobre a cidade de Icô. Icô, 25 out. 1859. I-28,8,38
- 649 Relato da visita ao Engenho Formoso e ao corte do Boqueirão. [Icô, 19-21 nov. 1859] I-28,8,39
- 650 Informações sobre a agricultura na freguesia de Lavras, prestadas por Manuel Antônio de Moraes. Lavras, 26 nov. 1859. I-28,8,40
- 651 Itinerário de Lavras a Juazeiro. [s. l.] 3-7 dez. [1859] I-28,8,41
- 652 "Subida à Serra do Araripe". [Crato] 14 dez. 1859. I-28,8,42

- 653 Notas sobre as vilas de Jardim e Barbalha. [Jardim, 6 jan. 1860] I-28,8,43
- 654 Descrição da cidade do Crato. [Crato, jan. 1860] I-28,8,44
- 655 Informações colhidas a respeito das espécies de arroz cultivadas no Crato e das pragas de roedores. Crato, 26 jan. 1860. I-28,8,45
- 656 "O inverno no Ceará". Crato, 12 fev. 1860. I-28,8,46
- 657 Itinerário de Morada Nova a Pirangi. [Pirangi] 29 mar. [1860] I-28,8,47
- 658 Notas sobre o regime de chuvas no Ceará. Fortaleza, 5-12 maio 1860. I-28,8,48
- 659 "Conceitos populares a respeito de recursos e riquezas do país". [Fortaleza] 5 maio 1860. I-28,8,49
- 660 "Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão". [Fortaleza] 15 maio 1860. I-28,8,50
- 661 Informações prestadas por [João] Franklin de Lima sobre remanescentes indígenas do Ceará e seus costumes. Fortaleza, 23 maio 1860. I-28,8,51
- 662 Observações sobre o sentimento dos cearenses para com os estrangeiros. [Fortaleza, jun. 1860] I-28,8,52 n.º 1
- 663 Notas sobre a casa em que residia a Comissão Científica e o preço de gêneros alimentícios. [Fortaleza] 4 e 19 jun. 1860. I-28,8,52 n.º 2
- 664 Informações sobre os Feitosas e Moirões prestadas por [João] Franklin de Lima e Manuel Bezerra. [Fortaleza] 24 set. e 3 out. 1860. I-28,8,53
- 665 Notas meteorológicas. [Fortaleza] 13 set. — 9 out. [1860] I-28,8,54
- 666 Notas sobre a chegada à localidade de Cacimba de Pedras. 24 e 25 [out. 1860] I-28,8,55
- 667 Notas sobre a denominação do gado segundo a cor e a forma dos chifres. Cacimba de Pedras, 25 [out. 1860] I-28,8,56
- 668 Informações sobre a localidade de Ipu prestadas por Antônio Pereira da Silva. Ipu, 23 out. 1860. I-28,8,57

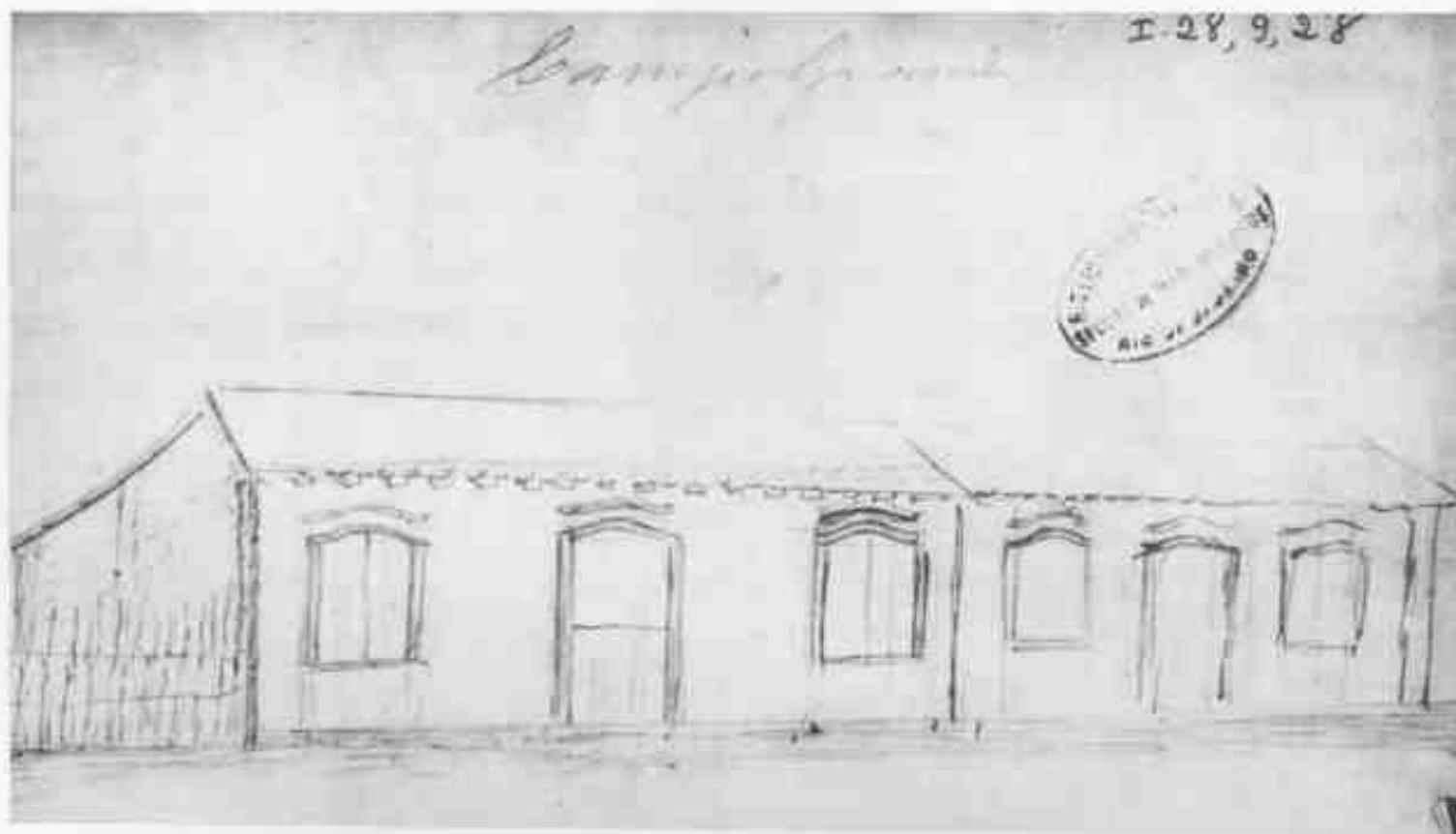
- 669 Notas sobre a localidade de Campo Grande e as lutas dos Chaves e Barbosas colhidas de conversas com Francisco Ferreira Passos e Maria Ferreira do Nascimento. Campo Grande, nov. 1860. I-28,8,58
- 670 "Excursão até as matas da Timbaúba, que ficam daqui pouco mais de uma légua". Serra Grande, Campo Grande, 5 nov. 1860. I-28,8,59
- 671 Notas da viagem de Campo Grande a São Benedito. [São Benedito] 11 nov. 1860. I-28,8,60
- 672 Informações sobre a localidade de São Benedito prestadas por Luís José de Miranda e plano da vila. São Benedito, nov. 1860. I-28,8,61
- 673 "Lembrança das plantas que entram vivas à beira do caminho vindas de S. Benedito". São Pedro, 28 nov. 1860. I-28,8,62
- 674 "Diversos modos de suspender a rede no Ceará". [São Pedro, nov. 1860] I-28,8,63
- 675 Notas sobre o povoamento de Vila Viçosa, com um esboço de planta da localidade e uma receita para o preparo do rauim. Vila Viçosa, 29 nov. 1860. I-28,8,64
- 676 Notícia sobre a criação da vila de Quatiguaba dada por Aleixo Rodrigues da Costa. Quatiguaba [1 dez. 1860] I-28,8,65
- 677 Lista das plantas colhidas no caminho entre o rancho Capéba e a vila de Quatiguaba. Quatiguaba, 1 dez. 1860. I-28,8,66
- 678 Notas sobre a localidade de Vila Viçosa. [Dez. 1860] I-28,8,67
- 679 Informações sobre antigos agrupamentos indígenas das redondezas de Vila Viçosa. Vila Viçosa, 8 e 9 dez. 1860. I-28,8,68
- 680 Notas sobre a localidade de Meruoca. 7 jan. 1861. I-28,8,69
- 681 Notas sobre a cidade de Sobral. 15 jan. 1861. I-28,8,70
- 682 Notícias sobre a freguesia de Santo Antônio dadas por Antônio da Mota Pereira. Santo Antônio, 23 jan. 1861. I-28,8,71
- 683 Descrição da vila de Canindé e informações prestadas por Antônio da Cunha Marreiros. Canindé, [3 fev. 1861] I-28,8,72

- 684 Notícias sobre o povoamento e o desenvolvimento de Baturité. Baturité, [fev. 1861] I-28,8,73
- 685 Informações sobre a região da Serra de Baturité prestadas por João Batista Alves de Lima, José Fortunato Brundão e Rita Maria da Conceição. Baturité, 8 e 17 fev. 1861. I-28,8,74
- 686 Informação sobre a primeira cultura de café na Serra de Maranguape dada por Manuel Félix Araújo. Maranguape, 28 abr. 1861. I-28,8,75
- 687 Nota sobre o precário estado do vapor em que a Comissão Científica deveria regressar ao Rio de Janeiro. [Fortaleza] 29 jun. 1861. I-28,8,76
- 688 Observações a respeito do caráter de alguns membros da Comissão Científica. [Ceará, s. d.] I-28,8,77
- 689 Notas vocabulares colhidas no Ceará. [s. d.] I-28,8,78
- 690 Quadras populares recolhidas no Ceará. [s. d.] I-28,8,79
- 691 "Cauim" [Rio de Janeiro, s. d.] (Descrição do modo de preparo de bebidas fermentadas, especialmente o cauim, pelos indígenas do Ceará) I-28,8,80

### 3. NOTAS DOCUMENTAIS

- 692 Notas extraídas do antigo Livro da Câmara de Aracati. Aracati, 11 set. 1859. I-28,9,1
- 693 Cópia de uma carta de João Brígido dos Santos a Pedro Théoborge, em que se relatam fatos das lutas políticas do Ceará no ano de 1824. Crato, 19 dez. 1859. (Ocorrem informações complementares prestadas por Leônito José de Aguiar) I-28,9,2
- 694 Descrição da chapada do Araripe, extraída do periódico *O Araripe*. Crato, 21 dez. 1859. I-28,9,3
- 695 Notas sobre as lutas de família no Ceará transcritas d'*O Araripe*. [Crato] 25 dez. [1859] I-28,9,4
- 696 Notas sobre os penitentes extraídas d'*O Araripe*. Crato, [dez. 1859] I-28,9,5

- 697 Notas sobre óbitos, casamentos e batizados referentes a algumas localidades cearenses extraídas d'*O Araripe*. [Crato, dez. 1859] I-28,9,8
- 698 Notícias sobre a Comissão extraída do *Correio Mercantil*. Crato, 9 fev. 1860. I-28,9,7
- 699 "Apostamentos para a crônica da Província do Ceará" [I] (Transcrição d'*O Cearense*) [Crato, fev. 1860] I-28,9,8
- 700 "Apostamentos para a crônica da Província do Ceará" [II] (Transcrição d'*O Cearense*) Crato, 28 fev. 1860. I-28,9,9
- 701 Notas sobre a criação da vila do Crato extraídas do livro de inventário dos bens da Igreja da Missão de Jucá. Crato, 5 mar. 1860. I-28,9,10
- 702 Depoimentos sobre o povoamento da região do Ceará extraídos d'*O Araripe*. [Crato, mar. 1860] I-28,9,11
- 703 Notas extraídas dos livros da Câmara da vila de Ipu. Ipu, out. 1860. I-28,9,12 n.º 3-5
- 704 Notas históricas sobre a localidade de Vila Viçosa extraídas de livros da Câmara local. Vila Viçosa, 6-28 dez. 1860. I-28,9,13
- 705 Notas extraídas do Primeiro Livro do assento dos batismos da aldeia de Ibiapaba dos Padres da Campanha. [Vila Viçosa, dez. 1860] I-28,9,14
- 706 Extratos do livro que contém o inventário dos bens pertencentes à capela de São Francisco das Chagas do Canindé. Canindé, 1 fev. 1861. I-28,9,15
- 707 Relação das meninas matriculadas na aula pública de 1º grau, assinada por Vicência Ferreira Sousa de Jesus. Canindé, 1 fev. 1861. (Original) I-28,9,16
- 708 Relação dos alunos do sexo masculino matriculados na aula pública, assinada por Antônio Xavier Macambira. Vila do Canindé, 5 fev. 1861. (Original) I-28,9,17
- 709 Notas sobre a criação da vila de Monte-Mor Novo extraídas do livro de registro geral da Câmara. [Baturité, fev. 1861] I-28,9,18
- 710 Memorando da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor que determina a expedição de passagens em favor dos membros da Comissão Científica. Ceará, 12 jul. 1861. I-28,9,19



Campo Grande. Esboço de uma das mais antigas casas da localidade. Nov. 1860.

- 711 Notas e balanços de despesas feitas pela Comissão Científica. Ceará, [1859-61] I-28,9,30
- 712 Relatório da Seção Botânica da Comissão Científica. Rio de Janeiro, 4 dez. 1861. (Ocorre um rascunho fragmentado do mesmo documento) I-28,9,21

#### 4. DESENHOS

- 713 "Distribuição da casa do Comendador Machado, de 2 andares". Ceará, 6 fev. 1859. (Ocorrem no verso notas do Tinguajat [ocal]. Lápis) I-28,9,22
- 714 "Vista de uma parte da cidade do Crato, e de Aratipe, tomada de uma janela lateral do sobrado, em que está a Comissão, na Rua do Fogo". [Crato] out. 1859. (Lápis) I-28,9,23
- 715 Desenho do corte do Boqueirão, na serra do mesmo nome, por onde corre o Rio Salgado. [Ipu, nov. 1859] (Lápis) I-28,9,24 n.º 1
- 716 "Costa da viagem que fiz do Crato ao Faz, Jordão e Barbalha — de 30 de janeiro a 8 de fevereiro, andando mais de 40 léguas". Crato, 15 fev. 1860. (Nanquim) I-28,9,25
- 717 "Picos". [Picos] 21 out. 1860. (Lápis) I-28,9,26
- 718 "Vista da Serra Grande tomada da varanda da casa em que estou atran- chado". Maruajá, 24 out. 1860. (Lápis) I-28,9,27 n.º 1
- 719 Esboço de uma das mais antigas e mais nobres casas da localidade de Campo Grande. Campo Grande, [nov. 1860] (Com descrição, Lápis) I-28,9,29
- 720 Esboço da povoação de São Pedro. São Pedro, 26 nov. 1860. (Lápis) I-28,9,29
- 721 "Outra maneira de tecer círco que vi ao chegar a Vila Viçosa em 1 de dezembro de 1860". (Lápis) I-28,9,27 n.º 2
- 722 "Plano da Vila em 1860". Vila Viçosa, 27 dez. 1860. (Lápis) I-28,9,30
- 723 Desenhos de cunheiras, dobradiças e ferrolhos. Meruoca, 4 jan. [1861] (Lápis) I-28,9,31
- 724 Portada da casa do Sr. Francisco José Pinto Júnior. José, 24 jan. [1861] (Lápis) I-28,9,32 n.º 1

- 725 Desenhos de bruaca e ferros de marcar gado. Boa Vista do Padre, 25 jan. 1861. (Lápis) I-28,9,32 n.º 2
- 726 "Plano da cidade de Baturité". [Baturité] 16 fev. 1861. (Lápis) I-28,9,33
- 727 Frontispício da matriz de Baturité. [Baturité] 21 fev. 1861. (Lápis) I-28,9,34
- 728 Desenho da cidade de Salvador vista do Hotel Figueiredo. [Salvador] 21 jul. 1861. (Lápis) I-28,9,35
- 729 Desenho da fazenda Santa Terezinha. [s. f. n. d.] (Lápis) I-28,9,36
- 730 Planta da região compreendida entre a Serra do Uruburetama e Vila Viçosa. [Ceará, 1861] (Nanquim) I-28,9,24 n.º 2
- 731 Planta da região compreendida entre o litoral, a Serra dos Cacos e o Canindé. [Ceará, 1861] (Lápis) I-28,9,24A

## IX. NOTAS VÁRIAS E DOCUMENTOS INTERESSANTES

- 732 Tradução de um romance musical feita a pedido da marquesa de Jacaré-pagueá. [Rio de Janeiro, 183-] I-28,9,37
- 733 Desenho da fachada de uma casa. [Rio de Janeiro] 1831. (Lápis) I-28,9,38
- 734 "Tabela demonstrativa das principais peças que compõem as construções navais; e das madeiras que devem ser empregadas em tais peças; e das que devem ser empregadas debaixo d'água, e form d'água". (Aprovada por ato da Regência do Império de 7 jan. 1835. Trata-se de cópia, por letra de Freire Alemão, da matéria publicada no *Correio Oficial* de 12 jan. 1835. Segue-se a transcrição da polêmica travada nas páginas da *Avante* a respeito do mesmo documento) 5,4,30 n.º 136
- 735 "Relação da viagem feita do Rio a Nápoles pela Divisão Brasileira, em que veio S. M. a Imperatriz". Mar. — jun. 1818. (Com notas esparsas sobre Nápoles e Roma) I-28,9,41
- 736 Desenho do túmulo de Virgílio. [s. l., 1843] (Tinta) I-28,9,42
- 737 Desenho da casa do poeta Torquato Tasso. Sorrento. (1843) (Tinta) I-28,9,43
- 738 Levantamento dos óbitos ocorridos no Rio de Janeiro nos anos de 1844 e 1845. (Transcrito, provavelmente, do *Arch. Med. Brasil.*) I-28,9,44
- 739 Notas sobre etimologia indígena e medicina popular, colhidas em conversa com o Dr. Barros, e Faro. Petrópolis, 5 mar. 1844. I-28,9,45
- 740 Notas colhidas em conversa com o Dr. Azevedo no Paço da Boa Vista, em 23 jul. 1845. (Trata do Elias, o construtor do Paço, e do desembargador Dinis) I-28,9,47
- 741 "Caga que existiu, ou que ainda existe, nos matos virgens de Campo Grande, etc." [Campo Grande] 1845. I-28,9,48

- 742 Notas tomadas durante uma entrada em serviço no Paço de São Cristóvão. 1825 abr. 1846. (Tratam de seu estado de saúde e de informações prestadas pela condessa de Belmonte) I-28,9,40
- 743 Notas várias sobre urbanismo e arquitetura referentes à cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1846-53.  
 I "Demolição do morro do Castelo e plano de um bairro modelo".  
 II Plano do Passeio Público.  
 III Desenhos (2) de fachadas de casas antigas.  
 IV Planos (2) do primitivo ajardinamento do Largo da Aclamação.  
 V Apontamentos sobre o solo. I-28,9,50 n.º 1-5
- 744 Notas colhidas em conversa com Joaquim J. de Sequeira sobre a estrada clandestina, no Brasil, de obras proibidas e reuniões de conspiradores no tempo do conde de Resende, e com João Pedro da Veiga sobre a partida, de Portugal, da família real. São Cristóvão, 13 set. 1847 -- [Rio de Janeiro] 27 nov. 1848. I-28,9,51
- 745 Notas sobre ladrões do Rio de Janeiro colhidas em conversa com o címacista Sequeira. Paço Imperial, abr. 1848. I-28,9,52
- 746 Parecer sobre a depreciação do chá na Província de São Paulo. [Rio de Janeiro, dez. 1848] I-28,9,53
- 747 Notícias a respeito dos naturalistas Joaquim de Miranda e José Mariano da Conceição Veloso, colhidas de vários informantes. [s. 1] 1849. I-28,9,54
- 748 Notas sobre o naturalista Manuel Arruda da Câmara. [s. 1] 1848-49. I-28,9,55
- 749 "Notícias sobre o Padre Coito obtidas de minha Ia Antônia". [Mendinha, 1849-53] I-28,9,56
- 750 Notas sobre o botânico frei Leandro do Sacramento. [s. 1] 1849-53. I-28,9,57
- 751 Notas sobre o marquês de Maricá. Petrópolis, 23 jun. 1850. I-28,9,58
- 752 Notas sobre o naturalista Antônio Correia de Lucena colhidas em conversa com José Joaquim Rodrigues Lopes. Engenho Velho, 1 jul. 1850. I-28,9,59
- 753 Notas sobre criminosos que agiam na estrada do Rio de Janeiro para Minas Gerais, em fins do séc. XVIII. Notícias fornecidas pelo padre Nogueira. [s. 1] 16 out. 1850. I-28,9,60

- 754 Discussão de etimologias indígenas (caí e guará). [s. l.] 22 maio 1851. (Exposição apresentada à Sociedade Velosiana) I-28,9,61
- 755 Notas sobre o mestre Valentim e antigos Ingradouras do Rio de Janeiro. [s. l.] 28 set. 1851. I-28,9,62
- 756 Notas sobre o botânico frei José Matias da Conceição Veloso. Rio de Janeiro, 1851-53. I-28,9,63
- 757 "Resposta a objeções e argumentos propostos por um estudante no ano de 1852". [Rio de Janeiro, 1852] I-28,9,65
- 758 Notas sobre o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. [Rio de Janeiro] 12 maio 1853. I-28,9,66
- 759 Relato da visita do Imperador a uma chácara do Andaraí a fim de examinar curta árvore. [Rio de Janeiro] 9 jun. 1853. 5,4,30 n.º 138
- 760 Notas de experiências a respeito dos fenômenos de somambulismo. Engenho Velho, 29-30 jul. 1853. 5,4,32 n.º 21 e 22
- 761 Notas a respeito da etimologia de asta. [s. l. 1853] 5,4,30 n.º 164
- 762 Estudos (7) de arquitetura da casa do Mendanha. [Rio de Janeiro] 1854. I-28,9,67
- 763 Desenhos de dobradiças e ferrolhos do palacete [imperial (?)] de Petrópolis. Petrópolis, 3 abr. 1855. (Tinta) I-28,9,68
- 764 Notícias sobre a epidemia de cólera-morbo na freguesia de Campo Grande. [s. l.] dez. 1855. I-28,9,69
- 765 Notas sobre derrubadas nas matas de Campo Grande. Mendanha, 17 jan. 1856. I-28,9,70
- 766 Notas sobre Montevidéu e Buenos Aires, tomadas em conversa com o Sr. Cândido Ferreira G. de Sousa. Petrópolis, 20 mar. 1856. I-28,9,71
- 767 Parecer a respeito da criação de fazendas-módelo. [Fortaleza] 28 mar. 1861. I-28,9,72
- 768 Itinerário a ser cumprido durante a pesquisa a respeito da moléstia dos cafés da Província do Rio de Janeiro. [s. l. 1862] I-28,9,73

- 769 Notas de uma pesquisa a respeito de moléstia dos cãezinhos da Província do Rio de Janeiro. [s. l., 24 mar. 1862] I-28,9,74
- 770 Descrição de duas cias de boiada, uma delas a da Olaria. [Fazenda da Olaria, mar. 1862] I-28,9,75
- 771 Desenhos (3) da fazenda Santa Mônica, da marquesa de Bacopondi, na Província do Rio de Janeiro. [Fazenda Santa Mônica] 14 e 15 maio 1862. I-28,9,76
- 772 Notas diárias sobre um provável surto de bovígas entre familiares de Mendanha. [Mendanha] 1-28 jan. 1866. I-28,9,77
- 773 "Viagem à Pedra [de Guaratiba] em 8 de março de 1869". I-28,9,78
- 774 Notas sobre a obra de João Barbosa Rodrigues que data das orquídeas. [s. l.] jul. 1870. I-28,9,79
- 775 Discurso pronunciado na Sociedade Velosiana. [Rio de Janeiro, s. d.] I-28,9,80
- 776 Artigo para jornal, tratando da construção, pela Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, de uma nova Casa de Correção. [s. l. n. d.] I-28,9,81
- 777 "Considerações gerais sobre o clima do Rio de Janeiro". [s. l. n. d.] I-28,10,1
- 778 "Itinerário de Cunha Manso do Padre Correia a Paraibuna". [s. l. n. d.] I-28,10,2
- 779 Carta ao redator [da *Revista Médica*] replicando numa polémica com o Sr. E. Guimaraes, "sobre se os órgãos do homem e do orangão são iguais". [s. l. n. d.] I-28,10,3
- 780 Notas sobre madeiras de construção naval, segundo informações prestadas por Joaquim José de Souza. [s. l. n. d.] I-28,10,4
- 781 "Lugares nomeados por Veloso ou sítios das plantas". [s. l. n. d.] I-28,10,5
- 782 Notas sobre naturalistas brasileiros. [s. l. n. d.] I-28,10,6
- 783 "Extracto de uma carta de Martius ao Dr. Ladislau Neto". [s. l. n. d.] I-28,10,7
- 784 Relação de palavras de origem africana. [s. l. n. d.] I-28,10,8

- 785 "Planta descuberta e descrita (como gênero novo) pelo Capitânea". [s. l. n. d.] I-28,10,9
- 786 Apontamentos sobre botânica. [s. l. n. d.] I-28,10,10
- 787 "Térmos de carpinteiro e pedreiro". [s. l. n. d.] I-28,10,11
- 788 Notas sobre o Rio de Janeiro antigo. [s. l. n. d.] 5,6,24 n.º 8
- 789 Notas sobre a revolução de 1842 em Minas Gerais, colhidas em conversa com o Sr. Joaquim Breves. [s. l. n. d.] I-28,10,12
- 790 Notas sobre o botânico Manuel Arruda da Câmara e o padre João Ribeiro Montenegro colhidas de diversos informantes. [s. l. n. d.] I-28,10,13
- 791 Notas sobre o revestimento vegetal de Minas Gerais extraídas de uma memória de Saint-Hilaire. [s. l. n. d.] I-28,10,14
- 792 Bibliografia de História da América por autores portugueses. [s. l. n. d.] I-28,10,15
- 793 Cópias de documentos de doação de terras na cidade do Rio de Janeiro. [s. l. n. d.]
- I Cerdidão da sesmaria concedida ao Senado da Câmara pelo Capitão-mor Estácio de Sá para roçios e pastos no ano de 1665. Rio de Janeiro, 29 dez. 1812.
- II Provisão e alvará de sesmaria por que D. Álvaro da Silveira de Albuquerque, governador do Rio de Janeiro, se faz merecê de dar a José de Sousa Barros os chãos e braças de terras que estão devolvidas na Rua do Pioho e os da rua donde Pedro de Barros fiz casas. Rio de Janeiro, 29 set. 1704. I-28,10,16
- 794 Notas recolhidas em documentos notariais referentes à zona rural do Rio de Janeiro. [s. l. n. d.] I-28,10,17 n.º 1-4
- 795 Cópia das legendas da grande carta do Rio de Janeiro feita no tempo do vice-rei Conde da Cunha. [s. l. n. d.] I-28,10,18

## X. TRABALHOS DE AUTORIA ALHEIA

- 796 ALEMÃO, Manuel Freire. "Remédios amargos da matéria médica vegetal do Brasil". [Ceará 1858] (Autógrafo) I-28,10,19 n.º 2
- 797 ALEMÃO, Manuel Freire. Caderneta de notas sobre botânica. Ceará, 1859-61. (Autógrafo) I-28,10,20
- 798 ALEMÃO, Manuel Freire. Relatório das excursões feitas pela Secção Botânica da Comissão Científica nos meses de março e abril de 1860. [Ceará, s. d.] (Ocorrem duas versões. Cf. *Trab. Com. Cient. Explor. Introd.*, p. XCVII-Cl. Autógrafo) I-28,10,21 n.º 1 e 2
- 799 ALEMÃO, Manuel Freire. Descrição da cauruembeca. [1862 (?)] (Autógrafo) I-28,10,22
- 800 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre plantas medicinais da Exposição de 1861. [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,23
- 801 ALEMÃO, Manuel Freire. "Brevissima notícia de algumas plantas medicinais do Brasil mal conhecidas". [s. d.] (Ocorrem duas versões. Autógrafo) I-28,10,24 n.º 1 e 2
- 802 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre a vegetação da Serra da Aratambu. [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,25
- 803 ALEMÃO, Manuel Freire. "Madeiras de construção [do Ceará]" [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,26
- 804 ALEMÃO, Manuel Freire. Nota sobre o cajuíno. [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,27
- 805 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre leguminosas papilionáceas. [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,28

- 806 ALEMÃO, Manuel Freire. Anotações sobre matéria médica vegetal e medicina em geral. [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,29
- 807 ALEMÃO, Manuel Freire. Notas sobre medicina e botânica. [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,30
- 808 ALEMÃO, Manuel Freire. Notes sobre medicina. [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,31
- 809 ALEMÃO, Manuel Freire. Apontamentos sobre botânica. [s. d.] (Autógrafo) I-28,10,32
- 810 ÁLVARES, Joaquim de Oliveira. "Plantas". (Trata-se de um levantamento de plantas do Brasil e de países sul-americanos. Ocorre uma nota de Freire Alemão, esclarecendo que o caderno lhe fora oferecido pelo barão de Lajes em 3 set. 1852. Original) I-28,10,33
- 811 ALEMÃO. "Soneto a Vila Nova de El-Rei". (Ocorre uma nota de Freire Alemão de que o doc., atribuído a um frade franciscano, lhe fora oferecido por Cândido José de Carvalho. São Benedito, 11 nov. 1860) I-28,9,82
- 812 ASENÇÃO, Antônio Marques da. "Relatório dos costumes, e algumas scitas mais notáveis que ainda existem entre os nossos indígenas do Termo de Vila Viçosa". (Pimenteiras de São Benedito, nov. 1860) (Ocorre uma nota de Freire Alemão de que a memória lhe fora escrita a seu pedido. Autógrafo) I-28,10,34
- 813 BROWN, Robert. "Sobre a estrutura do óvulo, antes da impregnação nas plantas lanteríngamas, e sobre a flor feminina das cicídeas e coníferas". (Extraído do "Apêndice botânico" da *Kingom à Nova Holanda*, feita pelo Capitão Kingue. Tradução. Por letra de Freire Alemão) 5, 4, 32 n.º 15
- 814 CASTRO, Agostinho Vitor de Borja. Observações meteorológicas feitas em Pacatuba, no período de 27 de maio a 27 de junho de 1859. Fortaleza, 29 jul. 1859. (Autógrafo) I-28,10,35
- 815 DIAS, Antônio Gonçalves. Informações sobre a cultura da manjedoura e a introdução do café na região de Pacatuba. [s. d.] (cf. *Jornal do Comércio*, 11 jul. 1859. Por letra de Freire Alemão) I-28,10,36
- 816 DEMAS, J. Lições proferida na Escola de Medicina de Paris, em 20 agô. 1841. (Sobre a estatística química dos ácidos organizados. Tradução. Por letra de Freire Alemão) 5, 4, 31 n.º 2
- 817 DUCRAYEN. Retrato a lapis. (Autoria de Freire Alemão) [Paris, 1851] (Original) I-28,10,37

- 818 GASPARIER, Guillerme. "Observações sobre a estrutura do arilho". (Tradução. Por letra de Freire Alemão) 5,4,32 n.º 11
- 819 ENJÓ, João da Silva. "Coleção descriptiva das plantas da Capitania do Ceará... por... Naturalista de Sua Majestade... Rio de Janeiro, 1818". (Cópia por letra de Freire Alemão) 10,1,12
- 820 HOOKER, Samuel. "Da árvore Guia-pereba, por Sir... Director dos jardins Botânicos Reais do Palácio de Kew, perto de Windsor". [1837] (Tradução. Por letra de Freire Alemão) 5,4,30 n.º 4
- 821 HUMBERT, A. de. "Observations sur quelques phénomènes peu courus qu'offre le golfe sous les tropiques, dans les plaines, et sur les plateaux des Andes". (Cópia por letra de Freire Alemão) I-28,10,36
- 822 "ÍNDICE ALFABÉTICO de algumas amostras de madeiras da Província das Alagoas". (Ocorre a seguinte nota de Freire Alemão: "Este índice acompanha uma coleção de madeiras das Alagoas, que possui o Dr. Lague; que me confiou para copiar Engenho Velho, 1 de maio de 1846") 5,4,33 n.º 4
- 823 LACOS, Manuel Ferreira. Sugestões sobre a madeira mais conveniente de se publicarem os trabalhos da Comissão Científica. [s. l. n. d.] (Autógrafo) I-28,10,39
- 824 MUTO, Antônio Manuel de. Notas sobre a medição de latitudo e longitude pela posição das estrelas. Paço [de São Cristóvão] 3 agô. 1855. (Autógrafo) I-28,10,40
- 825 MUTO, Antônio Manuel de. "Declinação da agulha magnética no Rio de Janeiro". Rio de Janeiro, 30 jul. 1862. (Autógrafo) I-28,10,41
- 826 MUNTESES, Francisco Teles de. Padre. Aportamentos sobre botânica médica do Brasil. [s. d.] (Cópia extratada por letra de Manuel Freire Alemão) I-28,10,19 n.º 1
- 827 MINREL, Charles. "Novas investigações sobre a estrutura e desenvolvimento do óvulo vegetal". 28 dez. 1828. (Por letra de Freire Alemão) 5,4,32 n.º 14
- 828 MONTGÉC, Emile. "Questão da escravidão, e vida dos escravos nos Estados Unidos". (Tradução extratada por Freire Alemão, em 17 out. 1856, do original publicado na *Revue des Deux Mondes* de 15 mar. 1856) I-28,10,42
- 829 NETO, Ladislau. "Sobre a estrutura dos caules dos cipós". (Trad. e cópia por Freire Alemão) 5,4,32 n.º 17

- 830 PEREIRA, Adriano. Relação de madeiras de lei. [Rio de Janeiro, s. d.] (Autógrafo) I-28,10,43
- 831 PEREIRA, Floriano. Relação de madeiras de lei. [Rio de Janeiro, s. d.] (Autógrafo) I-28,10,44
- 832 POTTIER, —. "Memória sobre as Lecitídeas". (Por letra de Freire Alemão. Cf. Mem. do Museu Nacional, t. 13, 1825) 5,4,20 n.º 2
- 833 RANGEL, Maria Firmina de Abreu. "Catálogo das madeiras das Cachoeiras de Macacu (Rio de Janeiro)". (Nota do ms., transcrita por Freire Alemão: "Este catálogo foi oferecido ao Ilmo. Sr. Frei Custódio Alves Serrão, por D. Maria Rangel Firmina de Abreu, para ele fazer dele o uso que fôr mais conveniente aos interesses do Brasil". Aduz ainda Freire Alemão que o doc. foi oferecido à Sociedade Velosiana pelo Dr. Maia. Cópia feita no Engenho Velho em 12 set. 1851) 5,4,33 n.º 20
- 834 ROMAN, Henrique de Beaurepaire. "Madeiras de construção de que há madeira na Província de São Paulo"] São Paulo, 8 jun. 1849. (Ocorre uma nota de Freire Alemão esclarecendo que o ms. lhe foi dado pelo Dr. Esc. quel Correia dos Santos Filho em outubro do mesmo ano. Autógrafo) 5,4,30 n.º 147
- 835 SACRAMENTO, Leandro do, Frei. Descrição do novo gênero *Archimédia*. (Com uma introdução por A. de Saint-Hilaire. Traduzido e anotado por Freire Alemão. Publ. original nos *Annales des Sciences Naturelles*, 2.ª série, t. 7, 1831) I-28,20,45 n.º 1
- 836 SACRAMENTO, Leandro do, Frei. "Laticophilaceae". [Circa 1822] (Ocorre uma nota de Freire Alemão a respeito da autenticidade e procedência do manuscrito. Autógrafo) I-28,20,43 n.º 2
- 837 SIlVA, Vicente Gomes da. "Descrição botânica e médica de alguns vegetais do Brasil úteis na medicina, para servir de ensaio da Materia Médica, indígena do Brasil oferecida à Real Academia das Ciências de Lisboa por..., médico no Rio de Janeiro". (Cópia por letra de Freire Alemão) 5,4,32 n.º 10

## TRANSCRIÇÕES

## CORRESPONDÊNCIA ATIVA

### 63 Resposta à primeira carta do Senhor Brignoli

Ilustríssimo Senhor

A carta que me fizeste a honra de escrever (e que me foi entregue pessoalmente pelo Senhor Droutor Bompaire, vosso compatriota, cuja amizade me felicitarei de merecer e de cultivar) me deu grande prazer, por encetar relações científicas com uma pessoa de tanto merecimento e ilustração, qual sois vós, as quais devem ser para mim da maior vantagem e apropriação: ela me pôs a julgá em grande obrigação para convosco, pela maneira lisonjeira com que me tratais, dando-me uma consideração, que eu nem tenho, nem posso ter: mas farei meus esforços para vos mostrar a minha boa vontade.

Muito desagradável me é não poder já satisfazer ao que exigis de mim: e antes de tudo é bem informar-vos do como as coisas são aqui; porque ordinariamente na Europa se tem a este respeito idéia pouco exata. Sabéis qual é a extensão do nosso país e a escassez de sua povoação: conseguintemente são as comunicações entre as províncias difíceis: e as viagens longas e dispendiosas. A Província do Rio de Janeiro, uma das mais pequenas e de mais compacta povoação é o lugar do meu nascimento; e eu não tenho visto nem a véspera parte do seu território.

As riquezas naturais do Brasil têm sido melhor examinadas e descritas pelos estrangeiros: ou porque os brasileiros em geral se dão pouco à cultura das ciências naturais; ou porque os governos, que se sucedem rapidamente e sempre agitados pelos movimentos políticos, não têm tido repouso bastante para fazer o inventário do rico legado com que a Natureza nos dotou: assim é também pelas obras dos viajantes estrangeiros, que nós conhecemos a maior parte dos pródutos, e tesouros da nossa terra.

O que se charra no Rio de Janeiro Jardim Botânico é quando muito Jardim de Aclimramento, onde se cultivam plantas exóticas, principalmente das Índias Orientais; mas sem distribuição alguma metódica, e não está debaixo da minha direção.

Atualmente que as circumstâncias parecem favorecer me tenho em mente visitar as províncias do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e São Paulo etc., e

para então me comprometo a fazê-las remessas mais importantes. Todavia antes disso, e sempre não me desculparei de enviar-vos quanto julgue possa vos interessar. Nesse momento nada tenho em bom estado para vos ser oferecido. Logo que me considerardes com direito a ser retribuído, receberei como obsequio e favor grande tudo quanto vier da vossa parte.

Dignai-vos, Senhor, receber as minhas respeitosas saudações e permitam-me que me assine

10 de setembro de 1840

Vossa muito afetuosa serva

F. Freire Alemão

74

### Resposta à carta\* de Martius

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1844

Ilustríssimo Senhor

Há mais de três meses que tive a hora de receber a sua estimável carta de 8 de agosto de 1843, acompanhando um folheto, antes excelente livro, intitulado — *Sistema de matéria médica vegetal brasileira*. — Dias depois parti para o campo a fazer uma excursão botânica, de volta comecei a trabalhar na descrição e desenhos de algumas plantas que me parecem novas, para as ir dando à luz aqui no Rio de Janeiro; e demorei esta resposta à sua carta para a acompanhar com um exemplar da primeira publicação<sup>1</sup>; mas como se tem demorado muito, ficará para outra ocasião a sua remessa, não devendo por mais tempo fazer esperar a minha resposta.

Quer Vossa Senhoria o meu juizo sobre essa sua obra, e observações sobre alguns pontos ainda duvidosos; em primeiro lugar agradeço muito a Vossa Senhoria tanta benevolência e atenção; mas não posso, nem devo aceitar o seu juiz, mas sou respeitoso admirador de suas obras; eu não posso, Ilustríssimo Senhor, (modéstia à parte) de um fraco aprendiz das ilustres viageiros naturalistas, que percorrendo o Brasil, o tem feito conhecido na Europa pelos seus trabalhos, entre os quais tem os de Vossa Senhoria o primeiro lugar. Quanto porém posso agradecer a Vossa Senhoria é que o seu livro me tem servido de muito; ai achei muitas plantas, que não vindo em outras obras, que eu conheço, as tinha por novas no meu herbario; nenhuma planta conhecido de alguma virtude medicinal, que ai se não compreender; é pois um excelente resumo das nossas plantas úteis; e a tabela comparativa que vem no fim, me parece de uma grande vantagem. Considerações sobre algumas

\* Foi a primeira que ele me escreveu, abrindo comunicação científica comigo. Crinou pelos jornais que Martius faleceu em junho de 1869, com 74 anos de idade.

<sup>1</sup> Trazeram, naturalmente, *ca. Dippel's Brasiliflora*. Cf. Min. Brasil., vol. II, n.º 24, 15 mar. 1844, p. 737 e *Ind. Est. Botân.*, s.v.

plantas que não são ainda bem estudadas em as irei submetendo ao juizo de Vossa Senhoria à proporção que me forem ocorrendo: assim achará Vossa Senhoria algum interesse na minha correspondência; e eu serei satisfeito com a satisfação, e experiência de Vossa Senhoria, do que tenho tão grande necessidade.

Atualmente me tenho ocupado mais com o exame das árvores das matas virgens (nas vizinhanças do Rio de Janeiro) aproveitando para isso as derrubadas: é ai que se deve encontrar maior número de plantas desconhecidas; e eu tenho no meu herbario já bastantes que me parecem novas.

Por ora estou ajuntando materiais; no entanto as plantas cujo estudo estiver mais completo as irei publicando sem indício de algum jornal do Rio de Janeiro, unicamente como ensaio e para sobre elas ouvir o parecer dos sábios europeus à medida que as for publicando remeterei a Vossa Senhoria um exemplar acompanhado de uma amostra da planta.

Na ocasião não tenho mais exemplares da *Caesalpinia echinata* — que Vossa Senhoria pede; logo que os obtenha lhos remeterei. A respeito do *pau-pereira* — *Pithecellobium ciliatum* — nada posso dizer porque o não conheço. O pau-pereira mais usado aqui no Rio de Janeiro é uma apocínea que pelas flores se aproxima da *Pellesia* de Rulis e Pav., mas pelo fruto avizinhala-se à *Tabernaemontana*, por isso Veloso com alguma razão o chama *Tabernaemontana laevis* na sua *Flora*, onde Vossa Senhoria o pode ver; pelo exame porém que tenho feito está sic parecendo ser um gênero novo; todavia, como me falta ainda verificar alguns pontos, não afirmo por ora.

A guararema, *Sesiocarpus alliaceus* (Mart.), *Crotonia guararema* (Vel.) apresenta caracteres que discrepam dos da descrição genérica de Endlicher; por exemplo: o cílio é herbáceo quatro-partido, cresce com o fruto, torna-se meio escuroso e forma como uma cápsula infructíbile na sua base (do fruto). Os estames são iguais, dispostos em duas séries, e sem disco aparente. As anteras são extensas, exceto a grande ala, que é semelhante à das borbérias; o fruto é liso, ou apenas estriado nos lados. Não lhe vi estípulas, e nem espinhos.

Tenho-me achado em grandes embaraços sobre o gênero — *Caesalpinia* — ele é tão mal determinado, e nós temos tantas árvores que pertencem a este gênero, e seus vizinhos, que tem um bom caráter diagnóstico não é possível sair da incerteza. Em geral a família das leguminosas me deixa sempre duvidoso, apesar do *Prodromus* de De Candolle e do *Genera Plantarum* de Endlicher. As sapotáceas que abundam também nas florestas virgens me deixam muitas vezes em dúvida.

Tenho já sido bastante longo; para aqui; em outra ocasião comunicarei a Vossa Senhoria alguma coisa de mais interesse. Espero ansioso pela continuação dos trabalhos sobre as plantas do Brasil, com que Vossa Senhoria vai enriquecendo a ciência. Desejo assinar para um exemplar da sua *Flora Bra-*

dileito, apesar do sacrifício que devo fazer em razão do seu alto preço: Vossa Senhoria tem a bondade de indicar-me a maneira de o fazer com mais cômodo e segurança.

Se Vossa Senhoria me pudesse mandar uma lista dos autores que têm escrito sobre Ciências Naturais do Brasil, principalmente brasileiros, era muito especial favor: assim como se tiver algumas obras desses autores e quiser desfazer-se delas, indicar-mas a ver aquelas, de que procissamos.

Desejo a Vossa Senhoria muitos anos de uma boa saúde para benefício das ciências e da humanidade.

Sou com o mais profundo respeito e estima

De Vossa Senhoria  
Criado muito venerador  
Francisco Freire Alemão

P.S. — A respeito das árvores que dão tinta roxa, por ora nada posso manifestar, nem informar a Vossa Senhoria com certeza.

86

### Carta escrita ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1845

Ilustríssimo Senhor Doutor Martius

Fui 3 de junho deste ano recebi uma carta de Vossa Senhoria datada de 17 de dezembro do ano passado: como desejava acompanhar a minha resposta com alguns exemplares das plantas, que eu estou publicando aqui no Rio de Janeiro, por isso a tenho demorado até hoje<sup>3</sup>; e se não fosse estar de viagem para fora da cidade, hoje mesmo, ainda a demorava por alguns dias, para lhe remeter a descrição do *genus persica* de que se está actualmente imprimindo o texto<sup>4</sup>, mas para remediar essa falta acompanharia o desenho uma pequena nota: assim como faço a respeito do *maricô*, de uma planta de Arruda (Manoel Arruda [da] Câmara)<sup>5</sup>, e da *Segniera silifceo* (guararema).

Minha intenção, publicando estas plantas (à custa de muito trabalho, e dinheiro) é consultar sobre elas o juízo dos sábios europeus, ao mesmo tempo que me vou exercitando, para depois fazer uma edição mais completa das

<sup>3</sup> Foram enviadas seguindoamente a *Argyroxiphium brasiliense*, a *Pitcaenia acuminata* (Guanjuiba) e a *Andadenia floribunda* (Capodíbba), as três impressas and a data. Quanto à primeira, cf. n. 1; quanto à segunda, cf. Catá., p. 518 e *Ind. Est. Botâ.*, IV, 37. Para a terceira, veja-se Catá., n. 510 e *Ind. Est. Botâ.*, especialmente V, 49.

<sup>4</sup> Cf. Catá., n. 520 e *Ind. Est. Botâ.*, 1-2.

<sup>5</sup> *Acacia pernambucana*. Publicada por Freire Alemão no *Arch. Med. Brasil.*, I, II, n.º 2, mar. (1846), p. 146 com nota picela sobre a origem dos desenhos de Arruda da Cunha que lhe haviam chegado às mãos. Cf. Catá. n.º 749.

que foram recomhécidas por novas; e nesse caso pertendo recorrer à proteção de Sua Majestade o Imperador.

De todas elas o desenho é feito por mim à vista da planta fresca, assim como a descrição; e enfim as três estampas últimas, as do pau-percira, do maririçá, e a da *Aceredia* de Arruda, foram litografadas por mim, porque para gravar cada desenho me levam 25 mil-réis. E, pois, necessário que todo este meu trabalho seja muito imperfeito, tanto na parte *artística*, como na descriptiva; tudo deve ser considerado como um *ensaio*, ou *aprendizado*.

Pede-me Vossa Senhoria exemplares da *Cassia* *virginia* *echinata*, mas neplum tenho agora em bom estado; elas floresceram em 1861, e até hoje, de encontro para elas, não houve mais florescência. Vossa Senhoria sabe que das árvores das matas vírgens passam algumas muitos anos sem dar flor; é este um estudo curioso (o do tempo da florescência); mas que exige uma observação contínua de muitos anos para se chegar a algum resultado; eu não percebo ocasião de tomar notícias a respeito. Falarei aqui os madeiros em duas qualidades de pau-brasil, um ruivo, que dá boa tinta, e outro vermelho que dá pouco ou nenhuma; ainda porém eu não pude averiguar o que há de certo nisso, nem se são variedades, ou espécies distintas.

Pede-me Vossa Senhoria uma coleção das madeiras de lei; frutas em conserva; sementes de cônios etc., mas não tenho por agora em estoado de lhe ser enviado; não perderei ocasião porém de coligir tudo o que lhe possa servir; mas não posso comprometer-me a lhe fazer remessas regulares. Vossa Senhoria conhece melhor que ninguém, quanto essas coisas são difíceis por mim; eu não tenho quem me ajude; vivo eu mesmo aos matos, cultivo as plantas; descrevo-as, e desenho-as logo que chego à casa, e isto em grande fadiga; seco-as; e enfim inspeciono a impressão, gravando eu mesmo os próprios desenhos; qualquer colocação que eu queira fazer, hei de a fazer por minhas próprias mãos; ajoute Vossa Senhoria a isto os inconvenientes do clima, e os embaraços de minhas ocupações, e verá se me é possível fazer muita coisa.

Remeto a Vossa Senhoria juntamente exemplares das plantas publicadas, que infelizmente não estão em muito bom estado; porque o meu herário foi esmagado pelos invernos durante os seis meses da última viagem que fiz à Europa (a Nápoles). Vai também um exemplar da *Seguitia alliacea*.

Tenho a comunicar a Vossa Senhoria a agradável noticia de ter eu em meu poder atualmente uma boa porção de desenhos feitos por Arruda; grande parte é de animais, principalmente insetos, e mais de cem pertencem à botânica, e necessariamente faziam parte das suas *Centúrias Pernambucanas*; infelizmente a maior parte não traz nenhuma descrição; e só duas vêm com descrições; e muitas estão ainda a tapis, e destas ainda [algumas] não acabadas. Continuamos a fazer diligências para descobrir o texto, se é que ele ainda existe.

No entanto, possuidor desto precioso *despacho*, eu me considero na posição de um testamenteiro, para cumprir quanto em minh' escrever a última vontade

do morto; procurarei pois averiguar e estudar as que puder, e irei dando-as à luz, para se não sumir de todo no esquecimento a obra do nosso ilustre patrício. Ai remeto já um desenho, com uma pequena descrição feita tida por Ele; e dedicado ao Bispo de Pernambuco, entre os anos de 1798 até 1802, que foi o tempo que este prelado serviu naquela diocese. É o *Cochlospermum* de Kunr, e provavelmente a espécie *irigne* de A. de Saint-Hilaire; cu copici o desenho com a maior exatidão que pude; e o texto vai em manuscrito porque ainda não o imprimi.

Remeto-lhe também um desenho do maritió ou capim-rei acompanhado de algumas notas manuscritas, por não estar também impresso o texto; cu deicho o nome específico de Velloso, *fluminensis*, bem que Ele me não pareça muito próprio; porque a planta existe também em São Paulo, Minas Gerais, etc., segundo me afirmou; na minha muito humilde opinião, na família das *Jeddeas* devese antes reduzir os gêneros do que aumentá-los; mas enquanto houver gêneros formados por caracteres tão pouco importantes o maritió não pode ser considerado espécie de nenhum deles; ao menos assim me parece; Vossa Senhoria resolvendo sobre o negócio.

Do pau-pereira sinto muito, não estar concluída a impressão do texto; vai o desenho acompanhado de algumas notas; e o texto irá para o anexo com os outros; também acho que devia formar um gênero novo.

Agradeço muito a Vossa Senhoria a bondade que teve em me mandar alguns folhetos do seu *herbarium* que muito me têm servido.

Achei aqui em casa do negociante Lacimont um exemplar da sua *Flora*, que me apressei logo em assimila-la, e ansioso espero pela sua continuação.

A maneira lisonjeira por que Vossa Senhoria me tratou em sua carta, me tocou profundamente; cu vejo ali palavras cheias de indulgência e de bondade, com que Vossa Senhoria me quer dar fôrmo; mas não que em as mereça.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria o mais humilde criado  
Francisco Freire Alemão

P.S. — Peço a Vossa Senhoria desculpar pela desordem em que vai esta correspondência; foi feita muito à pressa; porque eu não contava ir para fora tão depressa.

## 87 Carta dirigida ao Senhor Michele Tenore, de Nápoles

Rio de Janeiro, dezembro de 1845

Senhor

Comocci a experimentar minhas forças na publicação de plantas que me parecerem ser absolutamente novas; desejo ouvir sobre elas a opinião dos ba-

tânicos europeus, que possuindo coleções de todas as plantas, e as obras, que foram escritas sobre as plantas, do Brasil, podem dissipar minhas dúvidas, e corrigir meus erros.

Se essa tentativa lograr êxito, se for analisada com indulgência, eu me atreverei a caminhar com passo mais firme, e farei, talvez, alguma coisa de útil.

Envio-vos aquelas, que foram já publicadas<sup>4</sup>, e a continuação também vos será mandada, à medida que aparoça. Encontrareis igualmente junto três exemplares, que encaminho às três sociedades científicas de Nápoles, que me concederam a honra de me receber em seu seio; isto é, a Academia de Ciências, a Sociedade Ponteciana e o Instituto de Encorajamento. É o cumprimento de um dever; espero que elas o recebam com indulgência. (A propósito, não recebi ainda o Diploma da Academia de Ciências).

Os desenhos foram feitos por mim à vista da planta fresca; não deis portanto atenção às incorreções do desenho; em compensação, creio que elas mostram bem exatamente os caracteres botânicos, aos quais entretanto não posso dar maior desenvolvimento de detalhes em virtude da limitação de espaço a que me devo sujeitar.

Se a vida e a saúde não me faltarem, pretendo refazer todo meu trabalho com mais cuidado; desde que na verdade, as plantas hajam sido reconhecidas como novas, e minha série de estudos tenha merecido alguma atenção.

Recebei os sentimentos de elevada estima, e de profundo reconhecimento com que tenho a honra de ser

Vossa humilde servidor  
Francisco Freire Alencar

Perdoai meu jargão; esqueço a cada dia o pouco de francês que aprendi.

89

Outra [ao Doutor Martius]

Rio de Janeiro, 22 de junho de 1846

Excellissimo Senhor

O Excellissimo Senhor Paulo Barbosa da Silva, que agora parte para a Europa com uma comissão diplomática, quis ter a honra de se encarregar desta carta, e papéis juntos, que tenho a honra de enviar a Vossa Senhoria. Vão agora as descrições das duas plantas, que tenho podido publicar, depois da minha última carta a Vossa Senhoria, e cujas estampas lhe remeti nessa ocasião: a descrição do maririó (cuja estampa também foi) ainda não saiu à luz, a meu pesar; mas brevemente lhe será remetida; no entanto devo já corrigir

\* Cf. n. 2.

um étro que se acha na estampa, assim como nas notas a respeito; porque me servi de desenhos, e descrições antigas, feitos com menos cuidado, que se acha na meus boletos. Fui eleito tenho verificado depois que as sépalas e os filétes são aderentes conjuntamente pela base; esta aderência, que é visível na flor aberta, é apenas perceptível no botão; e é isso que me induiu em étro; portanto poderei dizer com rigor que os filétes são *monodelfios*; mas ainda assim a planta se aproxima mais do gênero *Monea*, que do *Sisyrinchium*. Também acho grande semelhança entre ela e o *Iris martinicensis* de Jacquin.

Estou fazendo coleção de madeiras de lei, das quais mandarei a Vossa Senhoria um exemplar de cada um; o que não faço agora por não estarem ainda prontas; e porque também o Excellentíssimo Senhor Paulo Barbosa tem uma porção de amostras para ofertar a Vossa Senhoria, se quais é necessário que eu examine, antes de serem enviadas; para só lhe mandar das minhas o que faltar nessas, e ajuntar-lhe algumas observações.

Nada mais tenho nesta ocasião para encantar a Vossa Senhoria. Vou continuando os meus trabalhos, assim Deus me ajude.

Junto lhe mando essa carta e jornais (*Argus Médico*) da parte do redator, o Doutor Lapa.

Sou com toda a consideração

De Vossa Senhoria  
Muito respeitador e criado  
Francisco Freire Aleman

90 Cópia da carta que mandei ao Senhor Achille Richard acompanhando as descrições e estampas das 5 plantas que tenho publicado, a saber: *Drypetes*, *Vicentia*, *Anacardea*, *Geissospermum*, e *Azereda* (de Arruda). levadas pelo Senhor Darctet ["]

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1846

Senhor

Concordo com vossa indulgência, ateyo-me a vos apresentar meus primeiros esforços em botânica; isto é tão somente o passo unido de uma criança que quer andar; e espero que terás a complacência de me ajudar com vossas

\* O Doutor Darctet, tendo se demorado no Rio de Janeiro a fim de promover uma fábrica de grande importância, que era a estabelecer no Rio de Janeiro um grande laboratório de produtos químicos, o estabeleceu quase tudo concluído, quando queimado por uma explosão de gás, sendo tal a queimadura que apenas vivog 6 ou 7 horas. Não sei portanto se esta carta, e muita papela chegaram ao Doutor Richard. Esse fato ocorreu neste lugar na noite de 17 para 18 de dezembro de 1846.

conselhos; porquanto só aproveitando os conselhos dos sábios europeus e que poderei um dia corrigir, e refazer todo meu trabalho. Eis aí o fim de minha ambição. Por agora, é apenas a vós, que fostes meu mestre (por vossas lições e por vossas obras), e ao Doutor Martius, bem como ao Doutor Michele Tenore, de Nápoles, que me honrareis com vossa correspondência e vosso interesse, que me atrevo a submeter estas provas de minha aprendizagem.

O Senhor Darcer, que passou alguns meses no Rio de Janeiro, e que por seu caráter cheio de amabilidade, e de franqueza, soube cativar a simpatia de todos aquêles, que tiveram a ventura de o conhecer, prestou-se a levar-vos esta carta e o pequeno embrulho aqui juntão.

Aceitai os sentimentos de elevada estima com que tenho a honra de ser

Vosso humilde servidor

Francisco Freire Alemão

### 93 Cópia da carta que, em resposta, escrevi ao Senhor Doutor Fischer, Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1847

Senhor

Acabo de receber a honrosa carta de Vossa Exceléncia datada do mês de outubro de 1846, bem como a primeira tiragem da Obra Magnífica, que Vossa Exceléncia publica nesse momento em São Petersburgo; obra digna da Alta Proteção de S. M. o Imperador da Rússia; e gloriosa para os sábios que se ocupam de sua composição.

Agradeço vivamente a Vossa Exceléncia a consideração que mostrou para comigo, tão desconhecido e tão distante de a merecer; e que devo atribuir à extrema bondade de Vossa Exceléncia. Tomo a liberdade de oferecer a Vossa Exceléncia um exemplar de meus trabalhos botânicos. É isto apenas uma preparação, uma tentativa, e um meio de consultar a opinião dos sábios europeus. Começo a provar a indizível satisfação de me ver elogiado e estimulado por homens eminentes nas ciências, o que considero como o melhor prêmio de minhas fadigas, e que me impõe o dever de continuar com mais zelo e obstinação. No isolamento, em que me encontro, tendo necessidade de penetrar nas florestas vírgens, de descrever, desenhar, dessecar as plantas, enfim, de tudo fazer, até litografar e cuidar da impressão, meu trabalho é penoso, e deve caminhar lentamente. Escolhi de preferência o estudo das árvores, porque foi o mais abandonado (necessariamente devido às dificuldades que apresenta) e é para nós da maior utilidade. Como diz Vossa Exceléncia, o conhecimento científico de nossas árvores de construção é ainda muito imperfeito. Encontro-me a todo instante embaraçado, pela inexistência dos nomes

índigenas, que variam segundo as localidades (as vezes é o mesmo nome que designa árvores bem diferentes; ou no contrário, é a mesma árvore, que é chamada por nomes bem diversos); pela floração tardia de algumas árvores, que passam vários anos sem florar; algumas carregam-se de flores, mas nenhum fruto chega a bom estado, são destruídos pelos insetos, ou pelas insuportáveis da estação. Ora, tudo isto deve interesar muitas dificuldades, e lentidão no estudo de tais árvores.

Sobre a árvore do verdadeiro *Brasilietto* nada posso dizer com certeza. existe grande confusão quanto às *escolpintas* que fornecem as madeiras de tinturas, e minhas pesquisas estão ainda muito incompletas a esse respeito. Quanto ao *jacarandá*, pertence sem nenhuma dúvida à família das Legumíneas: encontra-se na *Flora Fluminensis* de Veloso sob o nome de *Pterocarpus niger*. Tinha-me-lo por um *Balbergia*, mas fizemos dele um gênero novo, *Miscolobium*. O verdadeiro nome indígena dessa árvore parece ser *cabiúnha*. Os *jacarandás* (peço menos no Rio de Janeiro) são todos *Nissolia*. Chama-se também *jacarandá* a certas *Swartzia* que são madeiras brancas, sem *álbunes*. Piso fala de duas espécies de *jacarandá* — *alba* e *nigra*; a *alba* é simplesmente uma *Swartzia* e a *nigra* uma *Rigynomia* de que Jussieu formou o gênero *Jacarandá*. Vê-se afi a confusão dos nomes indígenas.

Ficaria contente se pudesse ser de alguma utilidade para Vossa Exceléncia, nas coisas que estejam ao meu alcance.

Recebei os protestos de alta estima e do mais profundo respeito com que sou

De Vossa Exceléncia  
humilde servidor  
[Francisco Freire Alemão]

Rogo a Vossa Exceléncia me permita continuar a lhe remeter meus ensaios de botânico à proporção que sejam impressos.

#### 94 Cópia da carta escrita ao Doutor Martius, em 13 de maio de 1847

Ínclito Senhor

Com prazer recebi a última carta de Vossa Senhoria datada de seis de dezembro do ano passado, e que eu esperava tão ansiosamente. As duas últimas cartas, que tive a honra de escrever a Vossa Senhoria, uma em 20 de dezembro de 1845, outra em 22 de junho de 1846, foram ambas acompanhadas de exemplares das plantas, que até as datas delas eu havia publicado; assim como as amostras ou ramos secos das plantas (para que Vossa Senhoria melhor

as pudesse reconhecer, e verificar) que foram com a carta primeira; não sei se tudo chegou às mãos de Vossa Senhoria.

Tenho já algumas outras plantas, que vou tratar de dar ao público o mais breve que me for possível.

A respeito da *Andradea floribunda* diz Vossa Senhoria que encontrou dessas árvores em Macaé, e no Pará; provavelmente devem ai existir; mas pelos sinais, que Vossa Senhoria me dá, não parecem ser a mesma coisa. Com efeito a *Andradea* é árvore de madeira branca sem cerne; o nome de batão, com cerne violeta me parece indicar alguma espécie vizinha do gênero *Albizia*, a que chamam também *abatá* ou *jibáu*. Quanto à singularidade de uma grande árvore numa família cujos indivíduos são ordinariamente arbustivos, Vossa Senhoria deve seguramente conhecer algumas espécies novas do gênero *Pisonia*, que são arborecentes; e uma conheço eu que é uma grande árvore, a que eu chamei *Pisonia australis* (como verá na relação junta<sup>4</sup>) que é ainda mais copulenta que a *Andradea*; e lhe chamam vulgarmente *rapaciriba*.

Quanto ao maritiú<sup>5</sup>, direi que o descrito por mim é sem dúvida alguma o *Sigesbeckia galactioides* de Bernardino Antônio Gomes. A família das *Infreitas* parece antes formar um grande gênero, de sorte que suas divisões assentam sobre caracteres de tão pequena importância que é muito difícil fixar-lhes o diagnóstico. Também não dei grande valor a esse trabalho, de que me ocupei mais por satisfazer às exigências do redator do *Arquivo Médico*.

A respeito do pau-brasil, Vossa Senhoria achará na relação junta quanto lhe posso informar nessa matéria; não me desculpo de continuar em averiguações sobre esse ponto, que é tão importante.

Quanto à *Sirkingia erythroxylon* de Willdow, nenhuma notícia tenho desse gênero; nem conheço rubrífica alguma com folhas denteadas. Tampouco não conheço aqui pau chamado urutete; sei que nas províncias do Norte há madeiras, a que dão o nome de pau-roxo; mas que eu não sei o que seja.

Remeto a Vossa Senhoria uma relação das árvores, e madeiras, sobre que tenho feito ou começo a algum estudo; por ai verá Vossa Senhoria o estado de confusão, em que tudo jaz ainda; há cinco anos que encerrei este trabalho, todavia estou muito longe de desembrulhar o que em que se acha o estudo das madeiras mais preciosas, e mais triviais. Tenho árvores suarradas, e designadas para o exame, e estudo, que as visito duas e três vezes no ano; e mesmo assim de algumas ainda não colhi flor nem fruta. Continuo nesse empenho sem descanso.

Ajunto também a declaração de alguns gêneros, duvidosos da *Flora Fluminense* de Veloso, que tenho podido reconhecer; outros são ainda indecifráveis.

<sup>4</sup> Cf. Catá., n.º 356.

<sup>5</sup> Cf. Catá., n.º 358 e *Ind. Est. Botân.*, s. v.

Anuncio Vossa Senhoria que vai mandar-me o diploma de membro correspondente da Sociedade Real de Botânica de Ratisbona. É para mim muito honroso, e sumamente lisonjeiro um tal título, e remeto uma coleção das plantas que tenho publicado para ser oferecida a essa sábia associação, como Vossa Senhoria exige.

Sou com todo o respeito e veneração

Francisco Freire Alemao

### 95 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius, em 7 de dezembro de 1847

Ilustríssimo Senhor

Em 13 de maio d'este ano tive a honra de escrever a Vossa Senhoria, juntando à minha carta uma *relação* das madeiras de lei mais conhecidas aqui no Rio de Janeiro acompanhadas de todos os esclarecimentos, que sobre cada uma delas eu tinhão podido colhér ate o presente. Esse trabalho, digo, esses esclarecimentos e averiguações, não tem sido continuado de então para cá, por ter tempo ocupado e não poder eu sair da cidade. Agora, que chegaram as férias, vou para o campo a rastrear as matas, e espero voltar com boa coleção de materiais, e de informações.

Tenho publicado a descrição de mais duas plantas<sup>5</sup>, que são árvores de lei (objeto de minha predileção) que tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria acompanhadas de exemplares das ditas árvores com flor e fruta, para que me dê sobre isto os seus conselhos e opinião.

A respeito do *rapinchó*, me parece não ser duvidoso formar de o tipo de um gênero novo, visto não poder eu descobrir-lhe afinidades com os gêneros conhecidos, descritos nas obras, que pude consultar. Todavia reconheço quanto é faltável este modo de ajaizir; e que abunde pela comparação dos exemplares das espécies conhecidas, se pode chegar a um resultado definitivo.

Quanto ao *cabureiba*, fiquei ainda perplexo; tem com o gênero *Myrsopetrum* grande semelhança de caracteres, e talvez mesmo o *habitus*; mas, tem particularidades não notáveis, e de tamanho valor como o de outras, com que se caracterizam vários gêneros desta família, que me autorizam a propor um gênero novo. Tenho mais três árvores, cujo estudo está ainda incompleto, e que tem com esta grande analogia em seus caracteres, e que provavelmente devem pertencer a um novo gênero, e são: o *alecrimelha*, o *alecrim-pardo* e *outra* sem nome vulgar. Concluído o exame destas, talvez se dissipem as minhas dúvidas.

<sup>5</sup> *Mimia novilima* (Rapinchó) e *Myrsopetrum fastigiatum* (Cabureiba). Cf. Gaddi, n.º 556 e 557 e *Ind. Pl. Botâ.*, p. n.

Recebi este ano o 6º fascículo da sua importantíssima *Flora Brasiliensis*; espero com impaciência a sua continuação.

Viú dois exemplares de cada planta descrita; é um para Vossa Senhoria e outro para a Sociedade Real de Botânica em Ratisbona.

Por esta meia mais tenho a oferecer à consideração de Vossa Senhoria, de quem me confesso ser com o mais profundo respeito e gratidão,

Muito venerável e criado  
Francisco Freire Alemão

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1847.

**96 Cópia duma carta escrita ao Senhor Doutor Fischer,  
Diretor do Jardim Botânico de São Petersburgo, em 7  
de dezembro de 1847**

Senhor

Tenho a honra de apresentar a Vossa Exceléncia a continuação de meus ensaios botânicos; é a descrição de duas árvores i. cuja madeira é muito escamada; e das que se acham entre nós madeiras de lei — árvores legais —. As espécies são novas, com certo mas quanto aos gêneros, espero o julgamento dos sabios; e espero que Vossa Exceléncia me ajude com seus conselhos.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Exceléncia  
Inimílde servidor  
Francisco Freire Alemão

**101 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 30 de  
agosto de 1848**

Aproveito a ocasião da partida de uma pessoa, que vai para a Europa, e talvez para a Alemanha, para escrever a Vossa Senhoria. Recebi em 13 de abril do ano corrente, juntamente duas cartas suas. Uma escrita em latim, na qual, me dá o seu juizo e respeito das plantas por mim descritas e publicadas: este é um documento preciosíssimo, que conservarei sempre com veneração. As expressões, que ai encontro cheias de benevolência para comigo, eu as recebo como incentivos, para novas diligências, e com as quais eu poderéi ir-me aproximando a merecê-las.

A respeito do que se contém em uma, e outra carta, eis as reflexões, ou respostas, que posso atualmente fazer.

No gênero *Drypetes* tenho mais duas espécies; uma, a que chamei *Drypetes cundata* (creio que está já mencionada na relação das madeiras); à outra ainda não deu nome específico. Ambas são das madeiras; porém estão ambas incompletas; da *cundata* tenho só o indivíduo feminino; e da outra só o masculino.

*Andradea floribunda* — Soube agora que é chamada vulgarmente — tapacitiba-branca — para a distinguir da tapacitiba-branca, que é a — *Pisonia alcolina* (nab.). Segundo me informam, dá cinga muito forte para decouadas; é madeira branca, e leve; sem cerne. Quanto às suas afinidades com as Nicagincas nenhuma dúvida me fica.

A estrutura do caule nesta família é sem dúvida alguma muito notável. Em alguns ramos da *Pisonia alcolina* que examinei, não se apresentam as zonas, ou anéis concentricos (como nas dicotiledôneas), mas nos ramos da *Andradea* — bem que a estrutura seja ainda muito homogênea, há todavia uma aparência sensível dos círculos concentricos. Do que se pode concluir que o crescimento em grossura se faz aqui, como no geral das dicotiledôneas, por estratos, ou camadas sobrepostas; mas que sendo estas muito homogêneas em sua estrutura, se confundem em uma só massa. Os raios medulares são também quase imperceptíveis; e sobre tudo o que acho de mais notável é a ausência do liber na casca de ambas as plantas.

Esta falta do liber, que se observa também em alguns cactos, ainda não achei autor, que dela faça menção. No entanto é um fato importante à teoria da evolução dos caules.

Quanto à estrutura do ovário, no que diz respeito ao aparelho de fecundação, não me foi possível ver essa espécie de cone membranoso de que Vossa Senhoria me fala; não digo porém que ele não existe; porque as minhas observações foram feitas com uma lente simples. Em alguns trabalhos, que tenho em organografia (informes ainda, e incompletos) achoi que na *Nyctagia heterensis* o tecido condutor penetrava na câmara do ovário, e descia em frente da sutura ventral do carpelo (que me parece ser aqui única) até à base, e próximo ao micrópilo do óvulo carpulatrógeo. Foi isto o que achoi nas meus botões; e não tive tempo de nova averiguações.

Todos estes objetos reclamam sérios exames; e muito particularmente a contextura dos caules voláteis — Sapindáceas, Bignoniáceas, etc. Eu creio que só fazendo germinar sementes destas plantas, e estudando todas as fases, ou formações orgânicas, desde a origem até completa evolução, é que se poderá chegar a alguma coisa de positivo a respeito destas tão variadas como admiráveis organizações.

Os trabalhos, que tenho visto do Senhor Gandichaud, sobre a teoria dos merítais, ou da sua phyton, não são bem desenvolvidos, para dar uma idéia

cabal dos fundamentos ou provas da sua doutrina: é ela engonhosa e sedutora; mas acho-lhe um não sei qué de poético, ou fictício. Quanto a mim (fraco juiz, é verdade) toda essa grande polêmica se reduz a questão de nomes. Com efeito, quer na hipótese de Gaudichaud (antes de Dupetit Thouars, ou ainda antes de De La Hiltz) quer na teoria do câmbio as fibras lenhosas, e o liber vêm sempre das fibras, ou extremidades, das ramas uns extremos das raias; toda a diferença consiste, em que a teoria dos meritíacos, quer que as fibras desçam já formadas; e a da câmbio quer que essa substância desça ainda fluida, e transforme-se depois em fibras. Ora, se é assim, e se eu tenho bem compreendido as questões: se elas se podem reduzir a este estado de simplicidade, é claro, ao menos para mim, que a teoria do câmbio é mais racional; ela se acomoda mais à sagacidade, e previdênciaria com que a natureza executa as suas obras. Tudo os tecidos orgânicos começam no estado fluido; já alguém disse que o sangue era *primeiro* fluido, expressão pouco exata; porém com muita razão disse Mirbel que o câmbio era *segundo* fluido. Ora, considerando-se o câmbio descendo por *ramentos*, e não difusamente e *exclusivamente* organican-  
do-se, ou transformando-se em fibras e vasos, cuja direção deve necessariamente ser a do movimento do fluido, não será o resultado final o mesmo que se as fibras descesssem já formadas? E é no resultado final que assentam as provas ordinárias dessas teorias, porque a organogenia está ainda em seu berço.

Demais eu creio que ainda é cedo para se formar uma teoria do crescimento e evolução do caule, que abrange todos os fenômenos que este órgão apresenta nas diversas plantas. Basta; peço perdão à Vossa Senhoria por entrar nestes detalhes, em cuja opinião nestas matérias deve ser de nenhum peso; mas é isto pura conversa. Vamos ao nosso negócio.

*Vicentia acuminata* — Sem dúvida tem esta planta as maiores analogias com o gênero *Terminália*, talvez ainda mais com o gênero *Chuncoa*, porém estes dois gêneros têm mui pouca diferença entre si; e a minha planta difereceando-se de ambos pelo número quaternário (caráter seguramente de pouco valor nessa família) das suas verticílias; e particularmente da *Terminália* por não ser fruto tripáceo, e da *Chuncoa* por ter no fruto três alas em lugar de cinco; aventurei-me a formar um gênero novo, provisoriamente; me pareceram que o gênero *Vicentia*, diferia tanto dos gêneros *Terminália*, e *Chuncoa*, como a *Chuncoa* do *Terminália*.

Bem sei que além dos caracteres que cruzem os livros, há outro talvez mais importante, que é o *habitus*, o juiz particular das plantas, que é o resultado da combinação e da harmonia de todos os caracteres: esse só um olho exercitado o descobre logo à primeira vista, reconhecendo as afinidades dos grupos; isto é o que distingue o botânico prático do principiante. Eu estou no último caso, e é por isso que recorro ao auxílio dos homens consumados na ciência, a cujo juizo submeto minhas fracas observações.

No mês passado colhi frutos, pela primeira vez, de outra espécie de Combretaceae, que é a madeira conhecida com o nome de jumbar. Ainda não tenho o fruto, veréi o que apresenta de particular.

A respeito da guarajuba, não me consta, que dela usem para cincas.

Oiti, ou guiti — Nada posso informar a Vossa Senhoria além do que mencionei no catálogo das madeiras confeccionadas aqui no Rio de Janeiro. Creio que sob o nome de oiti, ou guiti são designadas plantas mui variadas em diversas localidades do Brasil. O oiti que conhoco aqui, me parece pelo habitat ser uma artocácea: é planta leitosa, e nunca a vi com flor nem fruto.

A propriedade atribuída a guararema de perturbar a agulha magnética, me parece uma abusão popular. Entre o nosso povo corre que o alho tem essa propriedade, e, provavelmente, como a guararema tem um cheiro forte de alho, se lhe atribui a mesma virtude. Eu porfin, revisado por Vossa Senhoria, fiz algumas experiências, submetendo uma agulha assim sensível, a ação dum pedaço de pau de guararema, cortado com rasca, e fresco, com cheiro mui forte: fiz variar de todos os modos suas relações com a agulha, e essa agulha nenhuma modificação sensível produziu. No entanto direi sempre que talvez esse fenômeno só tenha lugar depois de uma ação prolongada da guararema sobre a agulha, e que só não manifesta instantaneamente. E puis negócio digno de maior averiguação.

*Chrysophyllum glycyphloeum* — Só tenho a segunda Década de Casareto; porém vi a descrição da planta no *Prodromus* de Tie Candolle. É o nosso guaranhém, grande sapotácea, cuja casca me antas lhe tem um gosto adocicado a princípio e depois adstringente, da qual se usa na medicina caseira contra várias moléstias, principalmente contra as hemoptises. É o *Chrysophyllum buranhem* de Riedel (*Sistema de Materia Médica Brasileira* de Maruus). Por esta ocasião convém fazer um reparo sobre a palavra — Monésia — inventada por não sei que autor francês: quanto a mim há aqui nome empêado. Temos aqui um sujeito curioso e indagador, que tem viajado muito pelos sertões do Brasil, e publicou parte das suas viagens, é Antônio Maruiz (deve ser Moniz) de Sousa, que já foi por mim citado na história botânico-terapêutica do pau-pereira. Ele prepara um extrato da casca do guaranhém, que lhe muito empregado aqui no Rio de Janeiro nas moléstias de peito, e outras. Quis-se provavelmente designar a casca do guaranhém, e os preparados terapêuticos dela com o nome de seu introdutor: mas devia ser: Moniz, e não Monésia.

Ainda não pude completar o estudo dessa árvore; não lhe vi ainda a flor, e só tenho analisado o fruto, que quando está maduro é agradável ao paladar, mas tem pouca carne. Não sei porque razão A. de Candolle o confunde com o *Pometia lactescens* de Veloso, que é um *Chrysophyllum*, mas espécie muito distinta, que deve ficar com o nome específico de Veloso; ainda que *lactescens* indique uma propriedade da família, e não privativa desta espécie, que seria

muito melhor designada por *Chrysophyllum cantiiflorum*, por ter a florescência, e frutificação caulínias, como a jabuticaba, *Crescentia* [sic] etc. Espero cedo poder completar o estudo desta árvore interessante.

Quanto ao pau-brasil, nada por ora posso acrescentar: logo que tenha trabalho perfeito o comunicarei a Vossa Senhoria. Assim como lhe enviarrei logo que o possa fazer alguns pedaços cortados transversalmente, como Vossa Senhoria exige para estudar o tempo em que se deposita a matéria óxidante. Tudo isto é necessário que eu faça por coisas mãos; é a razão da demora.

O Guaracá, *Moldenhaueria speciosa* (nobilis) única espécie, que conheço deste gênero, não tem afinidade com os brasileiros em seus caracteres, nem em suas propriedades. A madeira pouco estimada.

Crasse *disperma* de Veloso, que eu chamei provisoriamente *Cassalpinia disperma*, me parece ser o *Peltaphyllum* de Vogel. Ainda não tenho o seu estudo concluído.

*Javamundas* Não adianto nada por ora nestas importantíssimas árvores: tenho coletado porém de mais algumas espécies, tanto, mas faltam-me flores. Como nunca me havia ocupado particularmente com estas plantas, por isso que estava coligindo materiais, as ia arrumando como Nissólias, como geralmente se fazia.

No entanto o caráter *legumen articulatum* me parece bem importante para a subdivisão do gênero.

O *Micetobium niozecum* de Vogel é o *Pterocarpus niger* de Veloso. Por que razão não há de ser *Micetobium nigram*? O nome específico de Veloso me parece que deve preferir: não só pela prioridade, mas porque é mais próprio: cabiúna (b) mais para *juá*, do que para *atoláceo*; o mesmo nome brasílico e índio; principalmente a cabiúna chamada preta.

Sobre madeiras de lei nada posso atualmente ajuizar ao que já mandei a Vossa Senhoria na relação das madeiras. A lista de madeiras de lei, que veio em nota nas *Tábuas fisionómicas*, tem sido por mim escudada, e considerada muitas vezes, mas nela Vossa Senhoria trata de madeiras de muitas Províncias do Brasil, principalmente das do Norte; e sendo os nomes vulgares, em geral, muito diferentes de província a província, essa relação, apesar de todo o seu merecimento pouco me tem servido, para a determinação das madeiras do Rio de Janeiro.

Este ano tenho feito novas colheitas de flores, e frutas de árvores de lei, mas ainda estou em longe da conclusão do meu empenho: vamos caminhando.

Florceram este ano pela primeira vez depois de 1810 para cá os ubatás, ou gongalo-alves, *Astron*[just] *fraxinifolium* de Schott. É muito notável a época, no período da florescência de certas árvores: com as circunstâncias muito notáveis, como aconteceu agora com os ubatás, de florescerem todas ao mesmo tempo, árvores das matas, dos campos, velhas, novas, grandes, pequenas; e todas passarem o mesmo período até nova florescência. As guta-

veinas, que as vi florescer em 1814, não deram mais flor até este ano, em que quase todas floresceram de novo, com intervalo de quatro anos. As tiuparas, disse, que florescem de sete em sete anos, e morrem todas depois, como as plantas anormais, ou monosporápticas. Também foi este ano que pela primeira vez, como me informa Riedel, floresceram no Rio de Janeiro os bambus-dafedias; quero dizer que foi a primeira vez que Riedel os viu com flor, e também eu. O óleo-vermelho, dizem os mateiros, que floresce de sete em sete anos (o número de sete é cabalístico entre o povo, por tanto não deve ser tomado com muita exatidão, mas como indicando um certo período). O certo é que desde 1810 para cá eles não têm florescido. Quais seriam as causas deste fenômeno tão singular? Escará ele ligado a fenômenos meteorológicos, que se repetem com períodos mais ou menos espaçados? Mas por que não manifesta sua ação em todos os vegetais? E por que cada espécie tem seu período particular?

O ano passado só pude publicar duas plantas, que foram: O capinholá, e o caburciba, das que mandei logo a Vossa Senhoria exemplares dos desenhos e descrições, acompanhados de amostras, ou ramos secos de cada espécie.

Desejo que Vossa Senhoria me mande dizer se tem sempre recebido os exemplares, ou *exsiccatiões* das plantas secas, que custume a mandar com as descrições, para que as plantas possam ser estudadas e comparadas.

Este ano só tinhão, por ora, publicado uma, que é a *Urticaria*<sup>10</sup> (não as de Casuarina) que brevemente remeterei a Vossa Senhoria. E nessa ocasião traz também uma coleção dos meus trabalhos para o Senhor Endlicher.

Necessitamos para a biografia do nosso botânico Frei Leandro, de uma notícia dos trabalhos, que se publicaram na Europa. Falo, e a respeito dele: e memórias, polémicas, etc. Aqui nada sabemos: disse: os manuscritos, que necessariamente ele devia deixar, por sua morte, sumiram-se. Se Vossa Senhoria quisesse ter o incômodo de darm-me notícias a esse respeito; e, se com efeito aí existem esses trabalhos do nosso patrício, darm-me alguns extratos, e um juízo sobre o seu merecimento. Far-me-ia nisso um grandissimo serviço.

Já que estamos a importuná-lo, vê mais uma exigênciuzinha. Desejo saber a origem da palavra — *arilli* — sublinhada não sei se por Lineu; *noricum* dicionário me satisfaz assim também — *fructu* — que presumo ser derivado do verbo — *fruere*; mas não tenho certeza. Estas questões não são de mera curiosidade; são-me necessárias para a nomenclatura, quando tiver de compor um catálogo de Botânica para as nossas escolas.

Vossa Senhoria com suma bondade se ofereceu para mandar-me alguns livros de que eu tenha necessidade; mas nós aqui temos muito pouco conhecimento das obras alemãs; por isso não me animo a designar nenhuma.

10 Cf. Codd., n.º 550 e *Adv. Est. Botâ.*, s.v.

Tenho abusado muito da paciência de Vossa Senhoria; para aqui, Espero ter cada ocasião de escrever de novo a Vossa Senhoria e então trataré de mais alguns pontos.

Escava concluindo esta carta quando me chegou à casa o Senhor Schuch, trazendo-me o Diploma da Real Sociedade de Ratisbona, que eu devo aos ofícios de Vossa Senhoria. Não tenho agora tempo de responder e agradecer a essa ilustre corporação, o que farei o mais breve possível.

Sou com toda a consideração e acatamento.

De Vossa Senhoria

Muito humilde e venerável criado

Francisco Freire Alemão

P.S. — Apresse-me em retificar um erro, que cometi em latim. Não tenho nenhum uso de escrever o latim, no entanto não tenho remédio senão comprar eu mesmo a História, ou *descrição latina* das plantas. Descrevendo as duas últimas plantas: Tapinheira e Cabureiba, para dar as dimensões do caule, servime da palavra *lacina* — *palmaria* — como se fosse equivalente do palmo em português (oito polegadas). Parece que os latinos empregavam às vezes *palmaria*, e *spiculata* indiferentemente; mas na ciência o valor dos termos deve ser bem determinado: *palmaria* portanto ali deve-se entender a medida de oito polegadas.

Falei ao secretário do Instituto Histórico sobre o atraso da revista trimestral, disse que ia dar providências para serem remediados.

## 102 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 21 de setembro de 1848

Ilustríssimo Senhor

A carta, que escrevi a Vossa Senhoria em 30 do mês passado, aqui ficou, por não haver tempo de a entregar à pessoa, que nessa ocasião partiu daqui; ela vai junto com esta. Por isso agora pouco tenho a dizer-lhe.

Remeto-lhe um exemplar de uma nova planta, publicada este ano, que é a *utricularia*. O rumo, ou amostra da planta sócrá irá em outra ocasião.

Vai também um exemplar da mesma para a Sociedade Real de Botânica de Ratisbona; assim como a resposta em agradecimento ao diploma de membro correspondente com que ela me quis honrar.

Ao Senhor Endlicher remeto uma coleção das minhas plantas, menos a primeira, da qual tendo tirado só 50 exemplares, já não tenho nenhum disponível.

Ando aqui com desejos de reunir os poucos, que se ocupam de ciências naturais para formar um núcleo, ou comêço de uma Sociedade, a que tenho intenção de dar o título de *Sociedade Veladiana*, em obséquio ao autor da *Flora Fluminense*. O mais difícil da empreza é a publicação de um periódico rien-

tífico, que me parece um elemento indispensável para a estabilidade dessa Sociedade: como deve ser acompanhado de estampas será mais dispendioso, e não podemos contar com assinantes em tal número, que cubram as despesas. Este jornal ou periódico será chamado o *Precuror*, como o primeiro deste gênero, que aparece no Brasil.

Isto são velocidades: não sei quando e como se realizarão: mas quero comunicá-las para ficar comprometido, e como obrigado a sua execução.

A notícia, que me deu o Senhor Schuch de que Vossa Senhoria se verá obrigado a suspender o trabalho da sua *Flora*, me penalizou bastante.

Sou com toda a consideração

De Vossa Senhoria

Muito venerador e obrigado criado  
Francisco Freire Alvimão

## 110 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1849

Ilustríssimo Senhor

Em novembro do ano passado recebi a última carta, com que Vossa Senhoria me honrou, datada de outo de agosto do mesmo ano. Desejando eu fazer acompanhar a que agora escrevo com alguma coisa mais interessante fui obrigado a demorá-la até hoje, porque se interrompeu o periódico (*Arquivo Médico*) no qual eu fazia as minhas publicações. Prepara-se a publicação dum novo periódico literário, por meio do qual tenciono ir continuando a dar à luz o fruto de minhas investigações. Já noticiei a Vossa Senhoria do meu projeto, em ajuntar para trabalharmos em comum os rares, que aqui se ocupam de ciências naturais; mas por ora não me foi ainda possível conseguí-lo, pela dificuldade de sustentar-me no país um periódico dedicado únicamente a esse ramo de ciências, tão pouco conhecido, e ainda menos apreciado no nosso país, onde os interesses comerciais, e as questões de uma miserável política absorvem[1] toda a atenção e todas as faculdades do espírito. No entanto ainda não desistir desse intento.

Com esta retomo a Vossa Senhoria mais duas plantas publicadas depois da minha última carta, que são: *Myrocarpus frondosus*, Óleo-pardo — e *Ophiopetalum macrophyllum*, Santa-luzia<sup>11</sup>. Vão acompanhadas de amostras, ou ramos secos de cada uma, entre os quais vai também o da urucutana, cuja descrição já tive a honra de mandar a Vossa Senhoria.

A respeito do gênero *Myrocarpus* não me é possível decidir nada, porque na descrição do gênero *Dipterandra* que Vossa Senhoria teve a bondade de

11. Quanto à primeira, veja-se *Ind. Est. Botân.*, v.v., especialmente V. 60 quanto à segunda, cf. *Catá.*, n.º 561 e *Ind. Est. Botân.*, v.v.

transcrever, faltam os caracteres do fruto, que, (julgo eu) poderão só dissolver a dúvida. Quanto aos caracteres essenciais tirados da flor, eles me parecem idênticos. Agora com o novo exemplar, talvez possa Vossa Senhoria melhor julgar.

Não me tenho descuidado de estudar os novos — brasas —; mas pouco tempo adiantado. Ainda há poucos dias fiz uma viagem a Maricá para examinar os brasas, que por toda essa costa de Taipu ao Céu Frio, fazem a maior parte das árvores de suas matas, das quais felizmente ainda resta boa porção. São estes brasas aqui nomenclados, e procurados com grande empenho desde os tempos do descobrimento do Brasil, como Vossa Senhoria sabe. Estive só dois dias em Maricá; não me foi possível entrar nas matas, que ficavam longe do lugar, onde estive; mas dei muitos, que me souberam ramos (que não vinham, contra o que eu esperava, nem flor, nem fruta) de duas qualidades, que adoram — brasil-amarelo; e brasil-vermelho; examinando os comparativamente entre si, e depois com os do meu herbario, que são de árvores daqui do ao redor da cidade, nem um caráter distintivo de espécie pude reconhecer. Me pareceu, no entanto (ao menos por ora) que há por aqui uma só espécie, que é a *Cesalpinia schimperi* — tendo a diversidade das cores na madeira, a varia quantidade de tinta, que fornecem, a diferença de sua duração na terra, no tempo, etc., etc., devido todo às circunstâncias do terreno, e outras. É este um objeto, que deve ser estudado; e eu continuo em diligências. Não pude ainda obter as cores de ramos que Vossa Senhoria exige porque para isso era necessário derrubar as árvores. Aproveitarei a ocasião da primeira desfolhada em lugar onde houver brasas.

A respeito da *Picramnia villosa* de que Vossa Senhoria já me falou há tempos, tenho a dizer-lhe, que tenho encontrado por três vezes uma planta dílica (e sempre o indivíduo masculino) a qual me tinha parecido do gênero *Comocladia* — e assim a tinha nos meus herbarios. Lendo porém com mais atenção no seu *Herbarium florae brasiliensis* reconheci já a minha planta; sómente não lhe achei — *folia ciliata* — talvez porque lhe dei pouca atenção quando a estudei. Nunca lhe dei o nome de pau-pereira, nem indicá-lo para alguém uso nádico. Farci a diligência por descobrir a fêmea, e para averiguar as outras circunstâncias. Devo notar que no *Genera plantarum* do Senhor Endlicher se dão, no gênero *Picramnia*, estames alternos, e os desta minha planta são opostos, como também parece indicar a descrição de Vossa Senhoria na sua obra citada. Deixei da minha planta alguns caracteres, como se acham nos meus manuscritos, porque não me seria fácil agora achar a planta no meu herbario; que ainda não está ordenado. Filos:

*Arbores medio eris ponit parva; ramis longissimis, flexibiliis, Folia imparipinnata, foliolis numerosis, suboppositis, ovalibus, acutis, pilosissimis, ciliatis (?). Flores minutissimi, masculi, sub-sepiles, in racemos paniculatos dis-*

*positi. Calyx 3 fidus. Corollae petala 3, obcordiformia, concava. Stamina 3, opposita, petalis breviora, isdemque infra subulatentia. Discus globatus. Rudimentum pistilli nulatum.*

Em uma das minhas últimas cartas a Vossa Senhoria, tratando do *Pterocarpus niger* de Veloso, *Microlobium violaceum* de Vogel, eu cometi um erro, que ainda que fútil, eu me apresso em retificá-lo. Eu dizia então que a palavra — *Niger* — era preferível a *Violaceum* para designar a corte da madeira: mas refletindo melhor me pareceu que o *Violaceum* se referia à corte da flor e não à da madeira. Dada no entanto satisfação do meu erro, eu persisto ainda na opinião de que deve ser preferida a de Veloso, como primeiro que descreveu a planta \*. Vossa Senhoria desculpe-me de tomar-lhe o tempo com estas minharias, que bem mostram que eu não passo de mero estudante de Botânica.

Estudo constantemente, como é do meu dever, a *Flora Fluminensis* de Veloso para reconhecer os gêneros e espécies que já foram por ele descritas: mas tal é a imperfeição de muitas de suas estampas, e tal a concisão das descrições que encontro, em muito casos, grandes dificuldades. Devo também dizer, que não tendo eu visitado muitos dos lugares, por onde andou Veloso, faltam-me o conhecimento de várias plantas por ele descritas. No entanto algumas cidas tentei conseguir o respeito dos gêneros novos propostos por ele, e que ainda se não puderam reconhecer, além do que já em outra ocasião mandei a Vossa Senhoria sobre este assunto; e eis aqui os que tenho reconhecido depois:

*Pometia* — é *Chrysophyllum*

*Leretia* — é *Villaresia*

*Cynortoxicum* — é *Omphalobium*

*Bosca* — é *Daphnopsis* (?)

Estas declarações, tomo a liberdade de fazê-las, porque acho nos livros mais modernos estes gêneros de Veloso com os de outros autores debaixo do título do *Genera nondum descripta*.

Também julgo dever apontar a Vossa Senhoria alguns erros, que se cometeram no litografar as estampas da *Flora Fluminensis* em Paris, erros que os sibilos europeus não os podem desculpar; e são os seguintes:

*Bignoniia Segu*, deve se ler — *B. Régo*. O nome trivial da planta é Cipó-régo.

*Viola Mendanca*, [leia sc] *V. Mendanha*: é o nome da fazenda, ou engenho, onde Veloso encontrou esta planta; e onde eu também a tenho achado.

*Viola Samana* [leia-se] *V. Sáma*. O nome vulgar da planta é Cipó-cíama. *Mimosa Mongólio* [leia-se] *M. Monjólio*.

O nome vulgar é Monjólio-vermelho; este érro não é da estampa, mas veio no seu *Herbarium Florae Brasiliensis*. Seguramente é érro tipográfico; mas que não convém deixá-lo propagar-se.

\* Falei na pensando de ser a publicação das estampas em Paris anterior ao trabalho de Vogel.

Tento do ano passado para cá conseguido colher flores, e frutas de muitas árvores, importantes e pelas quais eu suspirava há muito tempo: Vossa Senhoria julgará pela relação juntá<sup>14</sup> da seu merecimento.

Remeto também a Vossa Senhoria a porção do texto da *Flora Fluminensis*, que se acha impressa; o manuscrito existe aqui, e creio que o Governo se decidirá a mandar concluir a impressão, e nesse caso me comprometo a comunicar a mandar-lhe a proporção que for publicado.

Sou com todo o acatamento e veneração

De Vossa Senhoria  
O mais humilde criado  
Francisco Freire Alemão

## 125 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 23 de novembro de 1851

Ilustríssimo Senhor

Faz já dois anos, que escrevi a Vossa Senhoria, acompanhando a minha carta a descrição e desenho de 2 plantas novas \*, publicadas por mim; das quais mandei ao mesmo tempo ramos secos com flor e fruta; acompanhava também um volume, encadernado, da parte do texto da *Flora Fluminensis* de Veloso, que se acha impressa.

Até hoje não tive nenhuma resposta; nem ao menos sei se chegaram às mãos de Vossa Senhoria os objetos que lhe fui enviado. Quero crer que não chegaram ao seu destino, bem que foram os Senhores Laemerts que se encarregaram da remessa. Rogo pois a Vossa Senhoria que me tire desta incerteza, para eu saber como me hei de regular de hoje em diante, para que as remessas sejam feitas com mais segurança.

Eu tinha assinado na casa Laemert um exemplar da sua magnífica *Flora Brasiliensis*, cuidando então, que a sua publicação se concluisse no tempo do meu professorado; mas não acontecendo assim, e tendo eu de jubilar me no ano que veio, ficando com meus ordenados muito reduzidos, não me é possível continuar a ser subscriptor de uma obra tão cara, isto com bastante pesar meu, e mesmo não sem alguma vergonha.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria  
Muito venerador e obrigado criado  
Francisco Freire Alemão

14 Cf. Carta, n.º 563.

\* *Myrsinifolia frondosa*, e *Ophitophyllum heterophyllum*.

126 Cória de uma carta escrita ao Senhor Augustin de Saint-Hilaire, em 23 de novembro de 1851.<sup>13</sup>

Ilustríssimo Senhor

Tomo a liberdade de apresentar a Vossa Senhoria os meus ensaios botânicos. Nenhum melhor que Vossa Senhoria, pode ser meu juiz, e auxiliá-lo com seus conselhos; porque tendo visitado o Brasil, e percorrido tão grande extensão do seu território; suportado tantas fadiga, com tão nobre dedicação às ciências; estudado seus produtos e riquezas; o estado moral e industrial da sua população, e que com a imparcialidade e indulgência do verdadeiro sábio tem tudo exarado em uma série tão variada como importante de obras sobre o Brasil; por isso, repito, avaliando as dificuldades, que me rodeiam, saberá desculpar as imperfeições do meu trabalho, e desculpar se nenhuma merecimento existe.

E se eu devo ser acusado de arrojar-me a uma empreza tão superior às minhas forças, não tenho por desculpas senão o desejo de ser de alguma maneira útil ao meu país.

Nossas florestas, timbre do solo brasileiro à admiração do estrangeiro, e uma das nossas mais preciosas riquezas, não sendo destruídas pelo machado e fogo, com uma imprevidência pétula e estulta. Delas em pouco só restará a memória com tardio arrependimento. As árvores, que as constituem, e que fornecem tantos produtos úteis, são em grande parte, ou inteiamente desconhecidas, ou imperfeitamente estudadas. Nem as podem estudar perfeitamente senão observadores sedentários. Na falta de outros, mais rapazes, animei-me a tentar a empreza, querer dizer, a principiá-la, porque ela deve ser longa.

No entanto posso assegurar a Vossa Senhoria, que das árvores, verdadeiras de lei, que se encontram nas matas da Província do Rio de Janeiro, já juntas me faltam, para ser classificadas, e descritas. A maior parte, porém, do

13. Ocorre no mesmo edicto outra cópia desta carta, datada de 10-12-1847, cujo segundo parágrafo tem redação diferente da desta e se acompanha de nota esclarecedora:

"Fiz seis anos que entrei a visitar as matas vírgens, tenho árvores marcadas, que as vejo duas a três vezes no ano, e nunca as vi com flor; por exemplo o *Obione-ceráceo*, madura prouidissima (que pelo habitat julgo dever ser *Microsphænum*, ou *Ulmus* gênero pertencente a este) algumas espécies de jacarandás (*Jacaranda* etc., etc., vê-se por tanto quanto tempo e trabalho será necessário para se concluir o estudo das árvores florestais.

No entanto não desfaleço, vivo ajuizando materiais, amassitando as derrubadas, que ao menos tanto isto de falti; e quando as matas já não exalararem florarão as menas para lembrarem escritas."

Segue-se, como nota no pôr da página:

"Esta carta era dirigida ao Senhor Saint-Hilaire, a quem funcionava mandar plantas publicadas; mas dessei isso para só degris.

Revolvi-me atual a escrever a Saint-Hilaire e mandar-lhe os meus trabalhos em 23 de novembro de 1851."

meu trabalho está ainda em manuscrito: o que está impresso é o que agora tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria [\*] e se Vossa Senhoria se dignar tangar-lhe os ofícios, e achar que não é uma obra inteiramente inútil, continuarei a submeter ao juízo de Vossa Senhoria o que for publicado para o diante.

Sou com todo o respeito

De Vossa Senhoria

Muito venerador e criado  
Francisco Freire Almeida

135 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius, em 21 de julho de 1852, em resposta a outra sua datada de 19 de maio de 1852

Ilustríssimo Senhor

Recebi ontem vinte de julho a sua estimável, e muito desejada carta de 19 de maio desse ano. Agradeço a Vossa Senhoria sumamente a maneira obsequiosa, com que me trata: e fico muito satisfeito com as dissiparem as minhas apreensões e suspeitas de que Vossa Senhoria tivesse alguma razão para suspender a sua correspondência comigo, quando eu não podia descobrir em minha consciência qual seria essa razão. Continuei conservando o meu costume de escrever-lhe ao menos uma vez por anuo: e só o não fiz no de 1850 porque não havia ainda recehido resposta de Vossa Senhoria das minhas de 48 e 49; e em 51 crescendo a minha ansiedade pela falta de correspondência me resolvi a escrever-lhe aquela, a que Vossa Senhoria faz-me hoje a honra de responder. Parece-me que as últimas cartas minhas, que Vossa Senhoria recebeu são: uma com data de 30 de agosto de 1848, que é muito longa, e sobre questões botânicas: e mais duas com data de 21 de setembro do mesmo ano, uma das quais acompanhava vários exemplares de descrições de plantas novas publicadas por mim, para Vossa Senhoria, para o Senhor Endlicher, e para a Sociedade Real de Ratisbona; e a outra se dirigia a essa Sociedade, e era a minha resposta e agradecimento, pela subida honra que ela me fiz em admitir-me no meio de seus sócios: todas estas cartas foram juntas, e pela mesma via. Agora transladarei aqui, a que remeti em 30 de novembro de 1850, para que Vossa Se-

\* (Note bem: As plantas que agora mandei (descritas e desenhadas) a Saint-Hilaire, e a Richard foram as publicadas antes da instalação da Sociedade Velosiana; porque as publicadas depois, como trabalhos da Velosiana, eu as não tinha em casa, nem me foi possível obtê-las.)

Nesta mesma ocasião, mandei uma coleção a Robert Brown em Londres e dei mais dois exemplares ao Silva 14, e três ao Veraguas, para distribuirmos como lhe parecesse.

14. É impossível saber-se a qual dos Silvas se a José Ribeiro, se a Paulo Barbosa. Ambos, como Vainbagem, se encontravam então na Europa.

nhoria siga o fio de minhas investigações; e que acompanhava o catálogo] das madeiras, que eu tinha melhor estudo, e determinado, depois do que lhe mandei em outubro de 1847. Algumas correções, e acrescentamentos podia eu já fazer a esse catálogo, a respeito de alguns fatos, e opiniões emitidas por mim nessa e outras correspondências anteriores; mas julgo melhor mandar-lhe extamente o que enão lhe escrevi, deixando as correções para outra ocasião\*].

Eis aqui quanto lhe comunicai em 30 de novembro de 1849 palavra por palavra. Esta escrevo com pressa, e para mostrar sómente quanto eu suspirava por ver não interrompida a minha correspondência com Vossa Senhoria. Daqui a dois ou três meses lhe enterei] devagar; tencemos longamente que conversas: mandei-lhe-hi então um outro exemplar da *Flora Fluminensis*; plantas secas; descrições de plantas novas, etc., etc. Repito ainda que sempre que lhe mandava as descrições de plantas, feitas, e publicadas por mim, eram elas acompanhadas de ramos secos das mesmas plantas; e via com pesar que Vossa Senhoria me não dava notícia de as receber. Tratarrei agora com a casa dos Senhores Laemmerts sóbre a remessa segura desses objetos, bem que a última minha carta que acompanhava o texto da *Flora Fluminensis*, foi entregue nessa casa. Não recchi a importante carta de que Vossa Senhoria me fala, e estimarei muito que Vossa Senhoria a queira repetir. Na mais próxima ocasião responderéi à sua última de 19 de maio d'este ano, e satisfarei no quanto puder ao que Vossa Senhoria exige. Desejo a melhor saúde a Vossa Senhoria de quem sou respeitoso, e reverente criado.

Francisco Freire Almeida

Darei ao Capanema as recomendações de Vossa Senhoria.

#### 142 Cópia de uma carta escrita ao Senhor Marques, em 22 de dezembro de 1852

Hustíssimo Senhor

Em 20 de julho d'este ano, tive o prazer de receber a sua carta com data de 19 de maio; e logo no dia seguinte me apressei a responder-lhe; não podendo por isso ser mais longo, e explícito do que fui. Agora conversaremos mais folgadamente. Senti muito que ainda lhe não tivesse chegado às mãos a parte do texto da *Flora Fluminensis* de Veloso, que lhe remeti. Era um volume *in-folio português*, encadernado. Tinha ténção de lhe mandar agora um outro exemplar; mas conversando com os Senhores Laemmerts, me aconselharam que o não fizesse ainda, porque era muito possível, que depois de

\* (Segue-se o rascunho da carta de 30 de novembro de 1849, e da retag. das madeiras, que a acompanhava).

alguma demora Vossa Senhoria o visece a receber ainda. Ficará portanto para daqui mais a alguns meses, se Vossa Senhoria me não acusar a sua rejeição. A oferta que Vossa Senhoria tão benigneamente me faz dum exemplar da sua *Flora Brasiliensis*, eu não posso senão acciá-la cheio de gratidão, porquanto eu muito sentia não poder possuí-la completa. Da minha subscição recebi os 9 fascículos primeiros; assim querendo Vossa Senhoria ter a bondade de a continuar, o fará do fascículo 10º por diante. E quanto ao endereço, uma vez que venha escrito o meu nome, pode mandar o que vier para mim junto com o da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, ou com o da Escola de Medicina.

Consegui fundar aqui como já havia prevendo a Vossa Senhoria na minha carta de 21 de setembro de 1813, uma Associação de História Natural, a que dei o nome de Sociedade Velosiana em obsequio ao autor da *Flora Fluminensis*, em fins de 1831<sup>15</sup>. Temos muito pouca gente, que se ocupe destas matérias, assim não é possível fazer muito, mas, aqui, o pouco vale muito. Ela marcha com lentidão, e através de muitos tropeços; veremos se com persistência se vence dar-lhe estabilidade. Por ora vai publicando seus fracos trabalhos no *Quanabana*, periódico literário, que aqui se publica, até que possa ter um jornal seu; o que em repto essencial para a sua direção. De tudo o que se tem publicado recente agora a Vossa Senhoria um exemplar. No meio disso achará Vossa Senhoria uma relação das árvores de construção das casas do Rio de Janeiro<sup>16</sup>, alguma coisa mais adiantada dos catálogos, que lhe tenho mandado, e por onde verá como eu vou marchando. Depois que li esse trabalho na Sociedade Velosiana, tive ainda avançado mais no estudo das árvores; e já este ano li outra memória sobre o mesmo assunto, da qual, só extrei para aqui o que diz respeito ao *minhárico-amarelo*, an *Oiti*, e no *Itu* que naquela religião não se acham ainda determinados<sup>17</sup>.

*Minhárico-amarelo* — Forma o tipo dum novo gênero, que deve ser o *Echinospernum* de Schott, do qual só tenho notícias senão de alguns caracteres do fruto; e parece que Schott não lhe viu a flor. Baltazar da Silva Lisboa já o tinha descrito na sua *Flora dos Bosques*, e com bastante detalhe e como não sei se já lhe deram o nome específico, eu proponho o seguinte: *Echinospermum Balthazari*.

*Oiti* — Veja a verificar-se a minha suspeita de ser esta árvore pertencente às Annonáceas; não é porém uma *Brosimum*; e tendo caracteres muito particulares proponho-o para tipo dum gênero novo que dedico a Gabriel Soares; e será: *Sovereia Nizda*.

Vem também descrita, e desenhada na *Flora dos Bosques* de Baltazar, com o nome de *Oiticica*; assim a chamam na Bahia, segundo ele.

<sup>15</sup> Lápis da missiva. A Sociedade Velosiana foi criada em setembro de 1856.

<sup>16</sup> Cf. *Catá.*, n.º 571

<sup>17</sup> Cf. *Catá.*, n.º 527.

*Tulipa* — Esta excelente árvore de construção pertence à família das Olacíntas e parecenho-me dever fornecer um gênero novo proposto para elle o nome de: *Vazea Indurata*, dedicando-o a Pero Vaz de Caminha.

Pego a Vossa Senhoria queira desculpar a imperfeição desse tra[balho]ho (lado dessa relação, a que dei o título de Apontamentos) não por ora preparativos para uma obra definitiva, que se Deus me conservar vida e saúde, por tendo fazer; e que será intitulada — *Arboretum Brasiliense*; porque al só me ocuparei das árvores florestais, e de construção.

Vão descrições e desenhos de algumas árvores, que tenho publicado ultimamente; dessas algumas já lhe remeti; mas como podem ter-se perdido, remeto as de novo. Têm vido acompanhadas de seus ramos, com flor e fruta. Vai também um ramo da catajiba de que lhe falei em uma das minhas precedentes; para que me tire da dúvida, se é com efeito Maclura, como eu sou inclinado a crer. Vão também alguns ramos com flor, e fruta do brasil. Quanto porém aos pedaços, ou toros, que pede e insta para que eu lhe mando, ainda o não faço porque não me tem sido possível obter los; é necessário que eu faça tudo; não me desculparei porém disso.

A respeito da madeira que na Europa se chama *Palisandre*, palavra que julgo ser corrupção de *pau-santo*, ou *palo-santo*; pampu assim chamam, para o norte do Brasil, o jacarandá ou alguma de suas espécies; eu não sei o qual Vossa Senhoria se refere, pois sabe muito bem que por jacarandá se designam árvores muito diversas. O que aqui no Rio, e provavelmente na Europa chamam jacarandá é a cabiana, *Pterocarpus niger* Veloso, *Microlobium violaceum* de Vogel; será esta a de que Vossa Senhoria fala?

Não achoi no meu herbario nem um ramo, ou planta de *ipê-cacimba* em termos de lhe mandar; por isso farei a diligência por obter ramos frescos, e lhos enviarci o mais breve possível.

Do guaranhemá ainda não pude obter a flor, e nunca a vi; dizem os madeireiros que só floresce de sete em sete anos; não sei o que nisto há de verdadeiro; mas, se bem me lembra Pison, ou Moregravius dizem alguma coisa de semelhante.

Estou de viagem para o campo, onde vou passar as férias; mas não as passarei em ócio; e quando voltar em fins de fevereiro, lhe darei conta das minhas novas conquistas no Reino da Flora. Por agora nada mais se me oferece a dizer-lhe. Desejo no entanto a Vossa Senhoria a melhor saúde e próspera fortuna, como quem é.

De Vossa Senhoria  
Muito respeitador e obrigado criado  
Francisco Freire Alemão

P.S. — Ouvi aqui a triste noticia de ter falecido o Senhor Endlicher; se isso arrependeu dou a Vossa Senhoria sinceros pésames; e senão, o que Deus

permite, espera de Vossa Senhoria a bondade de me comunicar para que eu lhe faça também resenha do meu pobre trabalho.

Ainda P.S. — Da urucuratia (*Hyperoxima atchernocoides*)<sup>18</sup> já eu colhi flor masculina, e já apresentei a sua descrição e desenho na Sociedade Velosiana; mas ainda esse trabalho se não está impresso. Pelo estudo da flor masculina ainda fiquei mais certo de ser esta planta a representante de um gênero novo.

#### 147 Cópia da carta que escrevi, em resposta, ao Príncipe Maximiliano de [Wied]-Neuwied

##### Príncipe

O amor, que tenho pelo estudo dos vegetais (ainf como sôbrio botânico, como Vossa Alteza gosta de me chamar, mas na qualidade de simples aprendiz) cresce diariamente, não só porque me distrai, me delata, e me ocupa; mas também porque me proporciona os louvores, e os estímulos dos botânicos célebres, a cujo parcer submeti meus pobres trabalhos, e agora, Príncipe, porque foi motivo de que meu nome fosse conhecido de Vossa Alteza, e que Ela quisesse honrar-me com uma carta de sua mão, cuja frase são cheias de bondade e tão desvanecedora para mim. Eis ai, Príncipe, o prêmio que mais ambiciono em troca das fadigas, que suporto, e dos perigos a que me exponho, percorrendo as florestas vírgens, e sols a influência do clima quente e úmido do Rio de Janeiro, que Vossa Alteza conhece por experiência.

Estou sumamente contrariado de não ter nesse momento uma rica coleção de plantas das mais raras, e mais belas do Brasil, ou pelo menos das do Rio de Janeiro. Meu herbario acha-se por agora muito empobrecido, porque durante uma ausência de seis meses foi presa da voracidade dos vermes (flagelo de nossos livros, e de nossas coleções); corolas, estames, e mesmo as folhas foram consumidas. Depois dessa desgraça, limitei-me a colher, e a conservar apenas exemplares de árvores florestais, a cujo estudo eu me tenho quase exclusivamente dedicado. ora, as amostras das grandes árvores raramente são belas; já porque de modo geral tenham flores pequenas, e de pouca apariência, já porque não possam muitas vezes ser obtidas senão a tiro de fuzil; são pequenas e não escolhidas; além disso, conseguem-se com dificuldade; não raro, após 10 ou 12 tiros, obtém-se apenas um ramo bem pequeno. As colheitas mais fáceis se fazem durante a derrubada das grandes matas; mas então sobrevém também o desespero àqueles que desejam estudar as árvores: árvores preciosas, desconhecidas dos botânicos, encontram-se deitadas por terra, mas têm apenas botões; outras mostram flores fadadas, e frutos ainda não desenvolvidos; outras, finalmente, não apresentam flores nem frutos; testemunha-se desse modo uma grande devastação sem proveito para a ciência.

<sup>18</sup> Cf. *Cad.*, n.º 589.

Tão longa importunação vem apenas como escusa do modesto pacote que trago a Liberdade de pôr diante de Vossa Alteza, e do tão pobre aspecto das amostras. Não me considero quite com Vossa Alteza, e se disporse de um pouco mais de lazer, eu me encarregarei de organizar outra coleção, cujos espécimes sejam mais belos, e mais cuidados, que porci à disposição de Vossa Alteza.

Sou com o mais sincero reconhecimento, e o mais profundo respeito,

De Vossa Alteza

o mais humilde servidor

Francisco Freire Alemão

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1853

[N.B.] No dia 5 de dezembro, tendo recebido mais um número de um jornal publicado em Londres pelo Senhor Hooker, onde vira um artigo do Senhor Bentham sobre a Sociedade Ucladiana, eu entreguei um maço de exemplares de plantas secas, ao Senhor João Miers, para seu pai em Londres, que foi quem me mandou aquela folha, assim como outros, que recebi antes. Não escrevi ao Senhor John Miers de Londres, por entregar as plantas em própria mão de seu filho.

#### 148 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martius em 23 de novembro de 1853

Ilustríssimo Senhor

Faz quase um ano, que tive a honra de lhe dirigir uma carta por intermédio dos Senhores Laemerts, na qual dava conta a Vossa Senhoria do que eu havia feito, nesse ano de 1852. Acompanhavam essa carta algumas memórias minhas impressas aqui no Rio de Janeiro, assim como alguns exemplares, ou ramos secos de plantas por mim determinadas, e descritas.

Até hoje porém não tenho recebido resposta de Vossa Senhoria, nem sei se essa carta, impressos, e plantas chegaram ao seu destino.

Este ano, que vai findar foi para meus exercícios botânicos de grande fertilidade, já pela quase total florescência das árvores florestais, já por minha vida um pouco desarranjada, estando cuidando na minha jubilação, e na minha mudança da cidade para o campo, ou para o mato. No entanto devo asseverar a Vossa Senhoria que não passei esse tempo sem fazer alguma coisa em adiamento dos meus trabalhos, o que em tempo oportuno comunicarci a Vossa Senhoria.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Senhoria

Venerador e obrigado criado

Francisco Freire Alemão

Dezembro de 1853

Illustrissimo Senhor

Tendo a honra de remeter a Vossa Senhoria os papéis, que acompanham esta minha carta para que Vossa Senhoria tenha a bondade de os fazer chegar ao muito ilustre Senhor George Bentham. Nesses papéis se compreende tudo o que eu tenho publicado aqui dos meus trabalhos botânicos. E para mim muito honroso e digno é o acolhimento com que eles têm sido recebidos pelos mais distintos botânicos da Europa, entre os quais se contam os senhores seu pai, e George Bentham, a quem não tenho expressões com que lhes encerre todo o meu agradecimento. Nessa coleção há faltas de algumas coisas: mas de pouca importância. Faltam o texto da primeira planta que publiquei (*Drypetes Semibiflora*)<sup>2</sup> na *Minerva Brasileira* (sic), e da qual tirei para mim poucos exemplares do texto, que já tenho todos distribuídos: faltam também as páginas 77 a 84 da Biblioteca Guanabarensse (*Trabalhos da Sociedade Velosiana*). Essas páginas estavam cheias unicamente com a questão dos nevoeiros, ou o enfunamento da atmosfera do Rio de Janeiro, e não se encontra nas minhas coleções, e não tenho tempo agora de as ir procurar no Museu onde estão os papéis da Velosiana. Acha-se ali uma memória minha sobre a origem dos vasos no cano dos vegetais, etc.<sup>3</sup>, questão que é da mais alta importância, e que eu julgo só ia encarado de um modo novo. Como tenho adiantado mais trabalho a este respeito, que não estão ainda redigidos, e convindo quanto antes dar-lhe publicidade, se eles forem disso merecedores, como a liberdade de oferecer um extrato em manuscrito acompanhado de um desenho a lápis, para que Vossa Senhoria tenha a bondade de o submeter ao juiz do Senhor Bentham, ou do senhor seu pai; e se eles se dignarem lançar os olhos sobre ele, ou estiverem muito saber qual a sua opinião a respeito, qualquer que ela seja. Foi escrita muito à pressa, e por isso talvez me não faça sempre bem entendido; mas o desenho auxiliará a sua inteligência. Escrevo-a também em português porque vejo que os trabalhos da Sociedade Velosiana foram bem

\* Deixá carta ofício semelhante resposta, nem sei quando se os papéis de que al. falo chegaram a seu destino. Confesso que esse silêncio, que não sei de que provém, me deixou descontente e mesmo enternecido. Apesar disto entendo que devo encerrar aqui o trânsito dessa carta. Já lá vão mais de 9 anos.

<sup>1</sup> Não há sua carta impressa no espólio de Freire Azevedo. Cf. *Min. Brasil*, vol. II, n.º 24, 15 out. 1844, p. 737.

<sup>2</sup> Cf. *Catá.*, nos. 368 e 370.

compreendidos, e porque talvez seria mais dificilmente entendido se eu me metesse a escrevê-la em francês, ou latim, pela minha pouca habilidade em manejar essas duas línguas.

Sou com muito respeito

De Vossa Senhoria  
Venerador e criado  
Francisco Freire Alemão

**159 Cópia duma carta mandada ao Senhor Afonso de Candolle, em resposta**

Rio de Janeiro, novembro de 1864

Senhor Professor

Vossa carta, datada de 7 de abril, a que recebi no fim do mês de maio, surpreendeu-me de certo modo agradavelmente no tocante em que me acho retirado. Peço-vos perdão por não vos haver respondido antes: é que eu desejava que minha carta fosse acompanhada de uma coleção de minhas contribuições botânicas, e de algumas plantas secas. Mas obrigado a mudar meu domicílio para o campo, a oito léguas do Rio de Janeiro, e a construir uma cabana para ali me fixar, tenho todos os meus papéis e coleções em desordem; e não sabendo quando isso terminará, e me dará fazer, achei que não podia mais demorar a comunicação do recebimento de vossa carta, tão desvantajosa e tão honrosa para mim, bem como o agradecimento pelas generosas ofertas, que me fazis.

Apresentei vossa carta em nossa pequena Sociedade Velosiana, que lhe couviu a leitura com bastante interesse. Essa sociedade, que tem poucos trabalhadores, não está ainda muito firme; e por isso não se atreve ainda a eleger Membros Honorários, segundo seu regulamento; mas tão logo se considere um grupo mais sólido, ela se apressará em se abrigar sob os nomes ilustres da Ciência, e vós, Senhor, estareis entre os primeiros, se vos dignais a concedermos tal favor.

De minha parte, logo que esteja estabelecido, e meus negócios postos em ordem, não me esquecerá de vos enviar meus ensaios botânicos (já que o exigis), assim como as memórias da Sociedade Velosiana. Meu herbário encontra-se atualmente bem empobrecido; mas, das amostras que se acham melhor conservadas, eu vos remeterei as que vos possam ser mais úteis. Se por alguma dessas coisas me achardes digno de qualquer recompensa, nada me poderá ser mais agradável e mais útil do que algum dos belos trabalhos de vossa pena, e da de vosso digno Pai, cujas obras clássicas não pode dispensar quem deseja dar um só passo em botânica: e das quais posso as seguintes:

<i>Regn. Veget. Syst. natur.</i>	2 vols.
<i>Prodromus</i>	1 <sup>o</sup> vols.

<i>Theor. element.</i>	ed. de 1844
<i>Organographie</i>	2 vols.
<i>Physiologie</i>	3 vols.
<i>Mémoires</i>	1º vol. contendo: <i>Melast.</i> , <i>Crass.</i> , <i>Onagr.</i> , <i>Parony.</i> , <i>Ombel.</i> , <i>Loranth.</i> , <i>valis.</i> , <i>Cort.</i> , <i>Compós.</i>

E vossos *Éléments de Botanique*.

Receber, Senhor, a gratuidade da elevada estima, e do profundo respeito com que sou

Vosso muito humilde servidor,  
Francisco Freire Alencão

### 181 Cópia de uma carta escrita ao Doutor Martins em 20 de fevereiro de 1855

Exíssimo Senhor

A estimável carta de Vossa Senhoria de primeiro de fevereiro do ano passado, me chegou às mãos nos últimos dias de maio. Recebi também da sua preciosa obra — *Flora Brasiliensis*, etc., o fascículo XIII. Da minha subscrição em casa dos Senhores Lacombeis, eu tinha recebido até o fascículo 9º inclusive; há pois uma falta de dois fascículos — 10º e 11º. Bem sei que uma obra desta natureza é distribuída por vários autores, e que nem sempre pode ser seguida em sua ordem; assim se esta minha lembrança vier a ser inútil, peço-lhe ao menos que a não tome como uma impertinência. Não tenho termos para lhe agradecer tão subido favor.

Muito folghei que meus ensaios botânicos anatômico-fisiológicos chamassem sobre si alguma atenção dos sábios da Europa; isso nos anima a progredir, e a fazer novos estudos, dos quais não aspiramos a outro prêmio.

A respeito da análise química do líquido contido nos pêlos urinantes, comuniquei os seus desejos ao nosso amigo Caparutte, que é mais próprio para esses trabalhos; e Ele prometeu-me fazer alguma coisa. Ao mesmo tempo lhe dei as lembraças, e veredas que Vossa Senhoria lhe mandava.

Muito agradeço a Vossa Senhoria as reflexões, que me faz sobre a *Hydroviva alchorneoides*. Quando estudei esta planta não deixei de fazer algum reparo quanto a seu hábito particular; mas uma certa parecença com as *Alchorneas* me induziu a considerá-la no número das euforbiáceas, mesmo depois de ter examinado a flor masculina, o que só pude fazer em novembro de 1850.

Agora advertido por Vossa Senhoria reconheço que é uma *Antidesmia*. Quanto a ser ou não o tipo de um gênero novo a planta por mim descrita, eu submeto ao julgo de Vossa Senhoria, para o que aqui remeto junto um tóscio

esboço, extraído, com resumo, da memória que apresentei à Sociedade Velosiana em novembro de 1830 (que ainda não está impressa) e sem nada alterar do que então fiz. Também aí [junto] a exposição dos caracteres do fruto, e do embrião da *Machura Affinis*; que tirei dos meus borrões, e como a liberdade de lhos apresentar porque vejo que faltam os caracteres do embrião no gênero *Machura* da sua *Flora*.

Pede-me Vossa Senhoria alguma coisa sobre as famílias, de que vai agora tratar; infelizmente nada tenho a esse respeito digno de lhe ser oferecido. Sobre as Poligónicas algum trabalho tenho, mas ainda tão informe, e incompleto que para nada presta.

Quanto à araucária, no lugar em que me acho não as há; mas escrevi logo a um nosso engenheiro, Teodoro de Beaurepaire Rohan, moço distinto (filho de nobres franceses, que residiam no Rio de Janeiro) meu esboço de História Natural, e que atualmente se acha na nova Província do Pará, para me colher e remeter as amostras que Vossa Senhoria exige; espero que ele não me faltará; e logo que alguma coisa me chegue mandar-lhe-ei.

A respeito de Veloso de Miranda tudo quanto sei se acha num parágrafo do meu relatório anual dos trabalhos da Sociedade Velosiana, que incluso trazemos; e aproveito a ocasião para lhe mandar uma pequena memória minha sobre a formação dos vasos no caule das plantas dicotiledôneas<sup>21</sup>. Não sei se haverá nela alguma coisa de novo, ou se minhas observações são justas. Passarei talvez por abelhudo; mas não importa, eu irei sempre gastando tempo e paciência nestas coisas, com que matarei alguns momentos de aborrecimento.

No tomo 2.º (1840) da *Revista Trimestral* do nosso Instituto Histórico e Geográfico achará Vossa Senhoria as biografias, de Alexandre Rodrigues Ferreira no 8.º, e a de Veloso (autor da *Flora Fluminensis*, da *Aleografia*, e publicador do *Fusendeiro do Brasil*, e de outros trabalhos) no suplemento. Por ali pode Vossa Senhoria coligir, até certo ponto, que lugares eles coveram, e investigaram.

A nova edição de suas viagens pelo Brasil, deve hoje oferecer ainda mais subido interesse, pelas adições que lhe vai fazer; e porque o vale do Amazonas chama as atenções de todo o mundo, quer pelas suas riquezas naturais, quer pela aídeia com que lhe lançam os olhos nossos amáveis vizinhos do Norte. Infelizmente para mim que ignoro o alemão, o prazer de sua leitura me será vedado.

Do texto da *Flora Fluminensis* o que há impresso é o que mandei a Vossa Senhoria, o resto existe ainda por imprimir: tenho lembrado ao governo a necessidade de se concluir esse trabalho, e espero que isso se faça; e à proporção que for aparecendo ir-lhe-hoi remetendo.

<sup>21</sup> Cf. Catá., n.ºs 568 e 570.

Achando-me jubilado, modei-me logo para a roça oito léguas longe da cidade, onde estou fazendo uma casinha. Isto me tem absorvido o tempo, e atenção, e impedido de trabalhar: e é por isso que nada tenho feito éste ano. Nem mesmo pude ainda estudar, como ela merece, a parte da sua *Fiora Brasilensis*, com que me obsequiou. Espero tirar a desforra de tudo quando me achar estabelecido, e sossegado.

Reclamei ao Secretário do Instituto Histórico pelos números que lhe faltam da *Revista Trimestral*: e espero que Vossa Senhoria será satisfeita.

Esta minha resposta tenho-a demorado tanto, para a remeter por mão própria pelo nosso Capanema, que cuida em ir à Europa este ano.

Com esta remet-lhe um pequeno toro de brasil tirado duma árvore moi nova, da qual há já bastante cerne: e creio que seja suficiente para o estudo que deseja fazer. Vai também outro toro de um ramo de tatajiba tirado da mesma árvore de que lhe mandei ramos floríferos.

Não achei no meu hervário um só ramo com flor do brasil em estado de lhe ser apresentado: alguns que encontrei estavam com as fibras todas desarranadas. Há bem tempos que não colho flores desta árvore; das primeiras que colher não me esquecerei de mandar-lhe alguns exemplares.

Desejo a Vossa Senhoria a melhor saúde e muitas felicidades, pois sou

De Vossa Senhoria

Muito respeitador e obrigado criado  
Francisco Freire Alemão

163

### Carta ao Doutor Martius

Rio de Janeiro, 1 de junho de 1855

Ilustríssimo Senhor

Esta minha carta escrita à pressa, só tem por fim comunicar a Vossa Senhoria que nesta ocasião lhe vai uma remessa de amostras de ramos, madeiras, flores, e frutas do nosso pinheiro que recebi do Paraná; tudo colhido pelo engenheiro Heerique (não Tendoro como por engano lhe escrevi) de Beaurepaire Rohan com destino para Vossa Senhoria, porque assim foi que lhe pedi este obsequio. Infelizmente a pinha maior desfêse quando a desembalhamos: mas alguns pinhões, que vão dela poderão dar idéia de sua grandezza.

De tudo se encarrega o nosso Capanema, que vai à Europa.

De Vossa Senhoria

Muito respeitador e obrigado  
F. F. Alemão

164 Cópia de uma carta ao Príncipe Maximiliano [da Wied-Nouwied]

Príncipe,

Um oficial de talento, brasileiro, que parte amanhã para a Europa, gentilmente deseja ser portador desta carta, que escrevo muito à pressa para aproveitar a boa ocasião; e para não demorar mais a resposta que devo à carta, tão desvanecadora, que Vossa Alteza teve a bondade de me escrever; bem como para testemunhar meu reconhecimento pelo presente que me fiz Vossa Alteza da magnífica obra das plantas magras do Príncipe de Balm. É uma obra realmente bela em todos os sentidos e da qual deverei me valer bastante.

Estou envergonhado de não ter neste momento algo digno de ser apresentado a Vossa Alteza. Há mais de um ano que não tenho tido ocasião de percorrer as florestas, e organizar coleções. Mas tão logo possa largar-me ao trabalho, será um de meus primeiros cuidados fazer um pacote de amostras escolhidas para homenagear Vossa Alteza.

Quanto ao pedido de Vossa Alteza, devo responder que no mercado do Rio de Janeiro encontram-se não só sementes de *Betholletia* (a que chamamos aqui casanhas-de-maranhão), mas também as das frutas de 2 ou 3 espécies de *Lecythis* que são conhecidas nos arredores do Rio de Janeiro e que têm o nome de sapucaias. Os caroços de *Betholletia* são angulosos, com superfície áspera, e de uma cor esbruto-betrosa; os das sapucaias (*Lecythis*) são irregularmente ovais, estriados, com superfície lisa e brilhante, cor de chocolate; têm um pedospermo muito carnudo, de que se separam facilmente. Na primeira oportunidade remeterei a Vossa Alteza algumas sementes dessas diversas espécies.

Sou com o mais profundo respeito

De Vossa Alteza  
Muito obediente servidor  
Francisco Freire Alemão

10 de junho de 1855.

181 Carta ao Doutor Martius em 25 de janeiro de 1859

Ilustríssimo Senhor

Recebi quase ao mesmo tempo duas cartas de Vossa Senhoria, uma de maio de 1857, e outra de abril de 1856.

Na primeira Vossa Senhoria me increpa por ser remissivo em escrever-lhe, e observa que os fascículos da Flora se devem considerar como cartas impressas; Vossa Senhoria tem razão; mas eu também a tenho; responder imediatamente a cada fascículo de sua grande Flora seria expor-me à maior censura,

porque não é com uma vista d'olhos que poderia sobre ela dizer alguma coisa; é-me necessário tempo e repouso para a estudar e então com conhecimento aprofundado falar sobre a matéria, exceto se me quisesse contentar em acusar sómente a impressão, e agradecer-lhe o favor. Como já disse a Vossa Senhoria jubilei-me na Escola de Medicina, e tratava de estabelecer-me fora da cidade; e agora de novo sou chamado a reger a cadeira de botânica da Escola Central Militar do Rio de Janeiro; não me valeram as escusas: tudo isto tem causado tais transtornos na minha vida que nada tenho podido fazer: assim pouco tenho colhido, pouco tenho trabalhado, e até a nossa Vélosiana se tem ressentido disso. Ora é por não ter coisa importante a lhe comunicar, e a enviar que me tenho abstido de escrever-lhe mais a miúdo. Agora estava cuidando em ajuizar alguma coisa para lhe mandar por estar em véspera de uma grande viagem, quando recebi as suas duas, e muito estimáveis cartas. A viagem de que trato é de uma expedição científica que o governo manda a explorar algumas das províncias do Brasil. Sobre o resultado dessa expedição nada quero ajuizar, é antes uma expedição de aprendizado, e de experiência para facilitar alguns moços a trabalhos ulteriores, e talvez mais importantes. São estes os desejos do Imperador e de todo o brasileiro. Parece que a primeira província a explorar-se será o Ceará. Espero e confia em Deus que voltaremos, e que Vossa Senhoria será logo informado do que se tiver bom ou mau, grande ou pequeno.

Por várias vezes falei ao Secretário do Instituto Histórico a respeito da Revista, e deixei-lhe mesmo a nota dos números que lhe faltavam em sua coleção; prometia-lhe, mas nada se fazia, porque diziam que não sahiam como enviá-las. Agora quando de novo instei, achei já o negócio resolvido, porque o Marquês de Abrantes se havia adiantado; e ele foi mais feliz do que eu. Parece que agora lhe serão remetidas as Revistas, que lhe faltam.

A respeito das plantas das restingas, que Vossa Senhoria deseja, e que supõe muito fácil obtê-las por meio de um moleque ladino, devo certificar-lhe que o negócio é mais difícil do que Vossa Senhoria pensa: as restingas estão a leguas de distância da minha habitação; só duas vezes as tenho visitado, e deixei nesses lugares pessoas bastante ladinas, a quem encarreguei de colherem, e que me prometeram mandar certas plantas, que lhes designei; mas até hoje não as tenho recebido. É necessário que eu faça tudo, e eu não posso tudo com bastante pesar meu.

Do geral das plantas e principalmente de árvores pouco tenho colhido de novo, além do que lhe tenho avisado; por isso agora nada tenho no meu herbario digno de lhe ser apresentado senão o pouco que lhe remeti com esta carta. Da *Hyperonima alchorneoides* não tenho mais, nem melhores exemplares do que os que lhe envio; vai também impressa a descrição e desenho do

individuo masculino =, mas não tenho exemplares dele. A respeito da *Aracaria*, senti bastante que o fruto maior se deslizesse apesar de todas as nossas cautelas; e o peior é que não lhe podemos agora mandar outra, nem completar a sua coleção, por isso que o engenheiro Beaurepaire não está hoje no Paraná, e é presidente de uma província do Noroeste, e ali não tenho agora ninguém que se preste a fazer o que só ele o podia. Quanto à *Quina de Remigio* nada lhe posso informar porque a não há no Rio de Janeiro, e não vi a seu respeito. Recebi os fascículos 15, 16, 17 da *Flora*, que tratam das *Mirtáceas* da menina a mais ampla e completa: o que pela leitura rápida, que pude fazer notei é a grande multidão de gêneros em que se dividiu a família; mas o meu voto é de fraco valor. Recebi também com a última carta o seu *syllabus*, assim como o importantíssimo catálogo da nomenclatura tupi das plantas brasileiras; por tudo lhe dou os mais sinceros agradecimentos.

Adieu meu caro Senhor. Tenho a honra etc., etc.

Francisco Freire Alemão

186

[À irmã Policena Freire]

Ioá, 20 de novembro de 1859

Minha gente

Aqui estamos, há 18 dias, nesta cidade do Ioá, a 80 léguas da capital do Ceará, e a 50 do Aracati, outra cidade donde damos as últimas cartas, que daqui escrevemos. Gastamos dali aqui 22 dias de viagem, fazendo por dia 2 e meia, 3, 4, e 5 léguas, pousando em cidades, vilas, povoações, e sítios; e por um tempo todo, e queimado; nem um rioginho corrente passamos no espaço de 50 léguas! Era um grande prazer quando avistávamos uma lagoa, um poço, ou um charco: marchávamos sempre pelas ribeiras, ora direita, ora esquerda do famoso Jaguaribe, que atravessamos algumas vezes, e que é agora antes um vasto areal do que um rio. Representam na ilha uma faixa de areia com 20, 30, e mais braças de largura, serpeando do Aracati até quase às extremas da Província, tendo nos dois círculos inferiores de um lado e doutro vargens planas como um terceiro de uma a duas léguas de largura, e cobertas quase sólamente de florestas de carnaúbas, e que no tempo das águas ficam tidas submersas; isto é, quase com léguas quadradas! o que deve ser imponente. Mas agora no leito do rio só aparecem poços mais ou menos extensos, que servem de bebedouros aos animais. A gente não bebe dessa água, mas de poçinhos que abrem na areia, e a que chamam cachimbas.

A transição d'este vale que chamam ribeiras do Jaguaribe, cuja vegetação de carnaúbas é sempre verde, assim como a das nuvens frescas dos tabuleiros,

<sup>xx</sup> CL Catol., n.º 56.

que limitam o vale do rio, para o sentido propriamente dito, é insensível; mas quando nos achamos em pleno sertão, não podemos deixar de ser singularmente impressionados tanto pelo aspecto particular do país, como pela surpresa, sendo inteiramente diverso da idéia que fazímos por informações incompletas, inexatas ou exageradas. Eis o que eu cuidava que era: - campinas rasas cobertas de gramíneas, e com algumas árvores dispersas.

Eis agora o que vi - um país todo monótono, tendo às vezes lombadas de muitas milhas de extensão, deixando entre si exíguos vales, ou grotões; demasiadamente pedregosos, e raras vezes mostrando uma vagem de certa extensão, ou uma meia laranja rasa e larga, com intervalos de léguas vê-se o leito arenoso e longo dum rio, antes torrente, pois só correm no tempo das chuvas. Esses montes, taludeiros e vales são cobertos de ratingas ou carfascos, isto é duma vegetação especial, e de árvores súltas, cuja parte é a de uma Tarancira ordinária, daí para baixo, e raramente mais alto. Tudo está sem folha, e como se por ali houvesse passado o fogo; por baixo dessas árvores o terreno é todo coberto de *panusco*, e *mimoso*, que são os pastos suculentos de toda a sorte de gado, e que também sórtem o aspecto leito de uma vasta, e contínua scara. Quando um homem se acha no alto dum desses montes, torrados, e que lança a vista ao longe observa no meio dessa aridez cintas largas duma verdura admirável, que vão seguindo as voltas dos rios, e das grutas brevas; são pela maior parte magníficas cítricas, que se patecem com gigantescas mangueiras, e que tanto mais viventes são quanto maior é a seca, diz a gente do país.

Nem uma gota d'água por misericórdia, senão nas cacinhas dos leitos, ou vizinhanças dos rios. O que dá vida a esta natureza desolada é a imensidão, e variedade de pássaros, que a povoram. São os rebanhos de gado, diogo de vacas, carneiros, cabritos, que pastam - são os vaqueiros vestidos pitorescamente de coiro, e montados em ligeiros quartaus, que às vezes cruzam essas solidões.

Mas à beira das estradas, se acha, sem falar nas vilas e povoados, a várias distâncias, algum pobre sítio de vaqueiro, ou de fazendeiro, onde nunca se nega *Agua, ração, e ao menos uma latada* para descanso. Seus habitantes são humildes, curiosos, inteligentes, e faladores - as mulheres ainda mais.

Um céu de estanho cobre esta natureza, rara vez passa diante do sol uma nuvem rala, que apenas modifica o ardor de seus faios - se vonta, o que é muito comum, e um dos alívios do viandante, não é sem inconveniente, levantando uma poeira fina e importuna, e que a mim irrita mais que o calor.

Há talvez dois meses, que o céu não deixa cair sobre nós uma gota d'água. Que contraste desta vida com a que tivemos na capital, e seus arredores: ali eram chuvas a aborrecer, eram frutas, que apodreciam, andávamos farto de leite, coaguladas, queijos, os presentes de papas de milho verde, de dores, de frutas, se sucediam sem interrupção - tudo era verde em torno de nós - e a-

meigas centenares fariam mais suportável as saudades do Rio. Agora andamos queimados, sedentos, esfomeados, sem nem um consolo! Mas viva la virgen! Estamos todos gordos! O sertão, nos diziam os homens da capital, no verão é um inferno, e um paraíso no inverno, mas tenho visto, que nem é inferno, nem paraíso. São lugares polos, muito altasados, e os cômodos da vida des-  
conhecidos, ou mal apreciados.

Esiamo: quase na força do verão, estámos no Icó, cidade central, estámos no lugar da criseção: pois temos carne má e cara, nem uma piêga de leite, e por milagre, algum de cabra, não temos queijo, que é indústria da terra, senão velho e relho, manteiga infame; não há verdura de qualidade alguma, a não ser algum jiribum, quiabos, e maxixes; por fortuna há muito melão, grande e sotriçoso — e sempre fazemos as onze com melão e vinho; aparecem cajás, enormes, mas inferiores aos nossos, a avaliámos pelos que por ora temos comido; laranjas têm dos Caribis, mas são pequenas, enfermadas, e querem ser mais azedas que limões. É verdade que temos perus, galinhas, ovos, com que nos podíamos vingar daquelas afrontas se houvesse um cozinheiro, mas temos sido a este respeito muito infelizes. Aqui no Icó pelo menos temos boa água, e esta é das cachaças do Rio Salgado! Durante a viagem foi uma das nossas tormentas a má qualidade das águas, e andando sempre pelas margens do jaguaribe: mas a água, que se tira das areias do rio, quente, e cheia de pó, precisa ser guardada dia para outro, então se faz pura e fresca. Quando chegávamos a uma casa se nos entregava o pote d'água, apalhado na véspera, para a pequena família, e nós sequiosos, a consumímos logo, e então era necessário nova quente, desestável: em alguns povoados era água leitosa, e para mim insuportável; felicemente por tóta a parte havia *café* de que me eu servia exclusivamente e houve lugar onde eu bebia 6 e 6 garrafinhos por dia; a coisa mé saia rara, mas que remédio! Por ora ainda não encontramos os jardins das Iuris, que nos prometiam; temos visto macetas interessantes; mas não grandes formosuras, nem essas alcumas e rubicundezas: são porém um pouco esquivas; por ora, nem mesmo no Icó, temos achado aquela amabilidade, conversação, e comunicabilidade que tanto nos aprazia na capital. Talvez seja um bem! não desperdiçamos o nosso tempo em visitas inconvenientes. Querem saber quantos povos e cidades temos encontrado em nosso caminho? Ai vai a relação: Passagem, pousu — Jiqui, povoado — Gatinga de Góis, vila — São Bernardo das Russas, cidade — Limoeiro, povoação — Tabuleiro de Arcia, vila — São João, povoação — Cabrito, — sítio — Cacara, sítio — Defuntos, sítio — Ossos, sítio — Santa Rosa, povoação — Jaguaremirim, vila — Boa Vista, povoação — Lobato, sítio — Icó, cidade. Em alguns destes lugares estivemos 2, 3, 4 dias, nos outros uma tarde e noite. Daqui a alguns dias seguirímos para o Crato, que é daqui a 32 léguas; dizem-nos que ali a água verde por tóta a parte, há muita fruta, muita verdura, muita coisa, muita coisa; o que fôr soará! Agora queremos que todos lá gozem a melhor

saúde, que vivam alegres, mas que se não esqueçam de quem anda por longas terras, e que sempre traz lá a alma e o coração. As minhas horas solitárias são sempre cheias de melancolia e de saudades, e suspiramos, por que o tempo corra, e cedo nos vejamos, onde só giovamos. Desejo que esta carta seja lida em assembléia em casa de minha tia, do mano Manuel, do primo Augusto, etc. etc.

Muitas lembranças a minha dia — Joaquina — Policena — Luís — ao primo Joaquim e sua família — ao mano Manuel, à prima, Luisa, Maria, Idalina, Glória, Asários, ao primo Augusto e toda a sua família — ao Silva e sua família — à prima Luisa e sua família — aos senhores do engenho — ao Adriano e sua família — ao Garcia, ao Guedes — ao compadre Cardoso e sua família — a toda a nossa gente de casa — a todos quantos perguntarem por mim.

Primo Francisco Alves, você se encarregará de lembranças para sua cunhada e seus filhos — para o nosso vigário.

231

### Carta ao Doutor Marius

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1868

Ilustríssimo Senhor

Estava no vilhão do Crato, sertão do Ceará, quando recebi a sua estimável carta de 12 de março de 1867. Não respondi logo a ela, porque daquele lugar era difícil desencaminhar-se a minha carta; e depois que cheguei ao Rio de Janeiro, julguei melhor esperar algum tempo para acompanhar a minha resposta com a primeira publicação dos trabalhos da Seção de Botânica da Comissão Científica, que o Governo Imperial mandara a explorar aquela província, e da qual eu era membro, e presidente. Esta Comissão gastou dois anos e meio em seus trabalhos; mas foi muito contrariada, tanto pelas circunstâncias do país, como porque somos ainda mui bisonhos nessas roças; de sorte que o Governo a mandou retirar antes de concluídos todos os trabalhos; todavia a Seção Botânica tendo percorrido quase toda a província, fez uma boa colheita de plantas; mas ainda não pôde concluir o trabalho da revisão total e do arranjoamento metódico das plantas colhidas ali; de sorte que ainda não sei exatamente do que consta o herbario. Como é trabalho, que nos há de levar tempo, resolvi a começar já a publicação das plantas, que me forem parecendo novas, ou mal conhecidas; e submetê-las ao juízo dos sábios, para depois do seu assentimento, fazer-se a publicação final de toda a colheita.

Arrisco-me, é verdade, a não poder levar ao fim a publicação de todo o herbario; paciência outros a concluem.

Se agora é que pude encetar essa publicação, de que tenho a honra de submeter ao juízo de Vossa Senhoria um exemplar; assim como outro à Ilustre Sociedade Real de Botânica de Ratisbona, da qual sou indigo membro cor-

responente. Espero que as receberão com bondade, e que me farão o favor de emendar os meus erros. Não me é possível mandar agora, como desejava, os exemplares secos das plantas descritas; mas o farei o mais breve que me for possível.

A respeito de Veloso de Miranda, só sei o que aqui transcrevo, copiando uma nota que publiquei no jornal *Gacanabera*, que aqui se publicou, e que aqui transcrevo: "O Doutor Joaquim Veloso de Miranda, formado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, depois de ter regido algumas cadeiras na Faculdade de Ciências Naturais na mesma Universidade, veio residir em Minas Gerais, donde era filho, sendo encarregado pelo Governo de coligir objetos de História Natural para o Museu de Lisboa. Foi a este naturalista que o Doutor Vandelli consagrhou o seu gênero *Velosia*, e não ao Padre Frei José Mariano da Conceição Veloso, autor da *Flora Fluminense*, como a maior parte da gente acredita. Veloso de Miranda morreu em Minas com mais de 80 anos de idade, em 1816, ou 17".

Quanto ao Padre Veloso, autor da *Flora Fluminense*, Vossa Senhoria pode ver a sua biografia no tomo 2º da *Revista Trimestral do Instituto Histórico*, do ano de 1840.

Das sapucaias, cojás, etc., nada tenho no meu heráldio em estudo de lhe ser mandado; o que farei logo que tenha descanso, e o possa conseguir.

A Sociedade Velosiana tem estado em ócio pela nossa ausência durante os trabalhos da Comissão; e agora porque alguns de seus membros têm falecido, e outros se acham ausentes. É necessário ressuscitá-la chamando para seu grémio mais trabalhadores.

Reconheço quanto é legítima a sua ansiedade por obter notícias e coisas botânicas da nossa terra, mas espero que desculpe o que notar em mim como negligência. Confesso-me pouco ativo; isto é manha cá nossa; e dizem que o calor é culpado disso. Não sei. Realmente não sou dos mais ativos; porém também espero alguma benevolência de pessoas razoáveis, como Vossa Senhoria, e que também está em circunstâncias de avaliar o como aqui correm as coisas. Eu tenho a minha vida bem atarefada; e não posso viver senão à custa dos meus ordenados, o que me ocupa grande parte do tempo, e tira-me o ânimo de fazer mais alguma coisa fora das minhas obrigações. Eis a minha desculpa.

Tenho em meus borbões muita coisa, que me parece nova, e digna de ser conhecida; mas falta-me tempo e ânimo para passá-las a limpo. Se Deus me conservar a vida ainda por algum tempo, talvez que eu faça alguma coisa: sempre porém com a minha habitual paciência. Desejo a Vossa Senhoria a melhor saúde e longa vida, para que leve ao limo a sua grande empresa, e lhe sobre decesso.

De Vossa Senhoria

Muito venerador e obrigado criado  
Francisco Freire Alemão

241 Carta escrita ao Doutor Martius, em 14 de janeiro de 1867

Ilustríssimo Senhor

A última carta, que recebi de Vossa Senhoria é datada de 30 de agosto de 1863. Já lá vão mais de 3 anos! E mais uma prova de nossa preguiça; mas sempre queria me desculpar. Pouco depois que recebi a sua carta entrei a trabalhar no 2º folheto, e logo depois no 3º, então julguei dever me guardar para os enviar juntos; mas, (colisão da nossa terra!) este último caderno esteve em casa do impressor mais de um ano, agora é que saiu!

Fui lhos remeti pelos meus compatriotas, que vão assistir, por ordem do governo a Exposição Internacional de Paris.

Recebi agradecido as reflexões, que Vossa Senhoria se dignou fazer sobre o 1º fascículo das plantas da Província do Ceará. No entanto Vossa Senhoria me permitirá que eu lhe submeta algumas considerações em desculpa.

Quanto à *Cordia Oncocalyx* eu disse ai o que então me pareceu razão para a considerar no gênero *Cordia*. Não tendo ainda visto o folheto da sua *Flora*, em que vem a Família das Coroliáceas e logo que o tive foi meu primeiro cuidado ver o gênero *Patagonula*, do qual infelizmente achei apenas fragmentos, e esses me-mesmos discordantes dos caracteres da minha planta. A vista do que me confirmei no que tinha leito. Todavia dócil me submeto ao julgo dos que sabem mais do que eu.

Quanto à *Aroeira* também fiz um gênero dubitativo. A flor, sem dúvida, é do gênero *Astronium*; mas o fruto é uma drupa; e por isso visei propô-lo como tipo dum gênero.

Repto, são ousadias, que espero me perdoarão os Lumináres da ciência.

Vossa Senhoria me adverte que seria melhor ter as amostras das plantas, para si se conferirem, e se reconhecer se são, ou não inteiramente desacordadas. Sem dúvida assim é; há muito tempo que me propus a mandar-lhe; mas tudo entre nós cá custa porque não temos quem nos ajude. Eu moro fora da cidade, e longe, estou velho de 70 anos, e cada vez, eu o confesso, mais preguiçoso; e é necessário que tudo eu faça. Agora mesmo desejava mandar-lhe exemplares do *Pau-branco*, e da *Aracira*; mas moro fora da cidade, as plantas estão no Museu, e os meus amigos partem mais cedo do que eu cuidava, e não me dão tempo para acondicioná-las.

Vossa Senhoria porém tenha alguma paciência, que o mais cedo que eu puder lhe mandarei amostras secas das nossas plantas.

Eu devo aqui confessar-me penhorado do que Vossa Senhoria tem feito a meu respeito fazendo publicar na sua magnífica *Flora do Brasil*, em meu nome, quanto lhe tenho mandado em manuscrito.

Depois de publicada a minha *Jussiaea fluctuans* é que revendo o seu *Herbarium Brasiliense* ai acabei a espécie *Jussiaea helminthorrhiza*, que tem muitos caracteres daquela; mas em alguns ela discrepa; assim fui a minha planta

não é inteiramente glabra — as raízes tímidas são cónicas — as folhas também me parecem diversificadas, etc., etc. Senti não ter visto antes o seu trabalho, e talvez a minha planta não é senão uma variedade da sua. Vossa Senhoria me poderá o reconhecerá.

Dói-se Vossa Senhoria, e com razão, de que em nossas Câmaras se levantaram vozes de alguns deputados, mais impressionados do meu estado das nossas finanças do que da exceléncia da sua obra monumental; também eu me dei conta disso, e quase me envergonho; mas nem todos vêm os objetos pelos mesmos viés, nem todos sentem de igual modo as impressões do grande e do belo. Falei com S.M. o Imperador e Ele se mostrou desejo de que a sua *Flora* continuasse, e creio que continuará.

Agradeço a Vossa Senhoria o presente do Glossário das línguas indígenas, que muito me tem já servido, e que eu acho excelente, e rica se minha opinião velha; não aventurei juízo definitivo sobre Ele porque não tenho conhecimentos suficientes.

Agradeço ainda a Vossa Senhoria os pesames que me dá pelo falecimento de meu sobrinho; foi com efeito uma perda para o país, e para mim que esperava que fosse meu continuador; mas a Providência julgou de outro modo, submetemo-nos aos seus decretos com resignação.

Vão os dois cadernos em duplicata para Vossa Senhoria e para a Sociedade de Ratisbona. Espero que Vossa Senhoria os julgue com rigor e autoridade de Mestre. Esteja Vossa Senhoria na certeza de que estimo as censuras dos sábios que me ensinam, e me honram. E prova de que se ocupam com meus trabalhos, e os apreciam: e isto basta para mim.

Desejo a Vossa Senhoria continuação de boa saúde, forças e vontade para a conclusão da sua imensa obra. Desejo mais que me conserve a sua afição e amizade que muito aprecio.

De Vossa Senhoria respeitador e criado  
Francisco Freire Alemão

## MONOGRAFIAS E COMUNICAÇÕES

555

[*Madeiras do Brasil* \*]

Brasil — *Caesalpinia*.

Há certamente mais de uma espécie deste gênero, a que chamamos Brasil, e que fornecem mais ou menos tinta. Aires do Casal, na *Geografia Brasílica*, diz: "Há 3 espécies de pau-brasil, *Brasil-mirim*, que é a melhor, *Brasil-ácu*, ou rosado, e *Brasileiro*. O Brasil-ácu tem o tronco mais alto, mais direito e menos grosso; sua tinta é de menor consistência, e mais rosada. O Brasileiro parece diferir do Brasil-ácu na grandezza e forma do tronco e copa, dá pouca tinta e essa desqualificada".

Aqui no Rio de Janeiro me informam os matrírios que há duas qualidades de Brasil a que chamam vermelho, e roxo; o roxo dá mais tinta e melhor que o vermelho. Serão êstes os Brasil-ácu, e Brasileiro, de que fala Aires do Casal? É o que não me foi ainda possível averiguar; a espécie única que conheço por ora é a de que mandei a Vossa Senhoria<sup>\*\*</sup> um exemplar; que é do que aqui chamam vermelho, e é mais abundante nas matas, por onde tenho andado; é também possível que o roxo seja uma variedade da mesma espécie.

Quanto ao Brasil-mirim, está me parecendo que ele não existe senão em matas do Brasil. Eis aqui o que dele diz ainda Aires do Casal na mesma obra: "O Brasil-mirim tem o tronco mais grosso, a casca mais vermelha e mais delgada, os espinhos mais miados, e o cerne mais arroxado. A folha é branca e muito miada, etc." Se o que diz este autor é exato, deve ser esta uma espécie distinta.

Será êste (*Brasilanicum*) o Ibirapitanga de Pison — "ramuli (dix. etc) multis exquisit floribus ornati... pulchra variegatis coloris flavescentis... stipulis... rubris splendentis exiguae fabris... continentes..." etc.

\* Boaço da relação que mandei ao Deutor Mariano em maio de 1847.

\*\* Cf. Catá., n.º 91.

Baltasar da Silva Lisboa, nos *Anais do Rio de Janeiro*, diz: "Conheçoem-se 3 espécies da do Brasil; o doirado é o melhor". E qual é essa?

Brotero, nos seus *Elementos de Botânica*, chama o Brasileto, *Caesalpinia brasiliensis*.

Não é possível sair desta confusão sem ter conhecimento, e exame comparativo de todas as espécies ou variedades que fornecem frutos e são conhecidas com o nome de Brasil, ou Brasileto. Nem sei se me será possível, conseguir esse *desideratum*.

O que elas têm de comum além do fruto em maior ou menor quantidade, é que todos dão preciosas madeiras, de grande duração principalmente para baixo de sétimo ou oitavo andar, onde parecem eternas. Os templos do Rio de Janeiro como Candelária etc., tendo seus fundamentos sobre areia infiltrada d'água do mar, estes assentam sobre estacas e gradamentos de pau-brasil.

Sobrepiana ou Sepipitana — *Caesalpinia fusca (nobilis)*.

É grande árvore de lenho pesado, denso, de cor parda, e grande duração e resistência.

Pau-ferro — *Caesalpinia ferrea*.

Grande árvore, lenho de fibra mui vija, de cor parda, denegrida, e por isso lhe chamam assim pau-ferro. Madeira de duração e resistência, mas pouco usada (por se prestar melhor ao trabalho) em razão da sua rija.

*Caesalpinia neglecta (nobilis)*.

Tronco arbóreo, lenho branco, sem cerne, e por isso desprezado. Não lhe achei nome vulgar.

*Caesalpinia disperma (Cassia disperma de Vellozo)*.

Árvore de lenho branco sem cerne.

Bucurubu — *Schisolobium?* *Cassia parahyba* de Vellozo, *Caesalpinia monosperma (nobilis)*.

Árvore corpulenta. Lenho branco, mole, leve.

Reflexões\*: Achei o gênero *Caesalpinia* muito mal circunscrito; nem sei como possa ser determinado o seu diagnóstico. A guiaram-me pelas espécies que conheço, e que ficam refitadas. Em todas vi a corola amarela (será exato ter o brasil-mirim flor branca?), pétalas longamente unguiculadas na *Caesalpinia monosperma*, com unguiculas curtas na *Caesalpinia fusca*, e *neglecta*; quase róseas na *Caesalpinia echinata*, e *disperma*, róseas, e apenas com o unguiculito atenuado na *Caesalpinia ferrea*. São as pétalas patentes nas *Caesalpiniae fusca*, *neglecta* e *disperma*; e eretas e quase coriáceas na *Caesalpinia monosperma*.

\* As reflexões sobre o gênero suprimi na relação que mandei a Martius.

*monosperma*. Em todas a pétala superior (*portula*) é menor que as outras, e abainada sobre os órgãos sexuais, menos na *disperma*. Na *Caesalpinia monosperma* dá de particular que o unguiculo desta pétala é sulcado, e o estame que lhe liga frontalmente é recebido, metido ou abraçado nesse sulco. Na *Caesalpinia neglecta*, e *fusca* é também o unguiculo sulcado, aplicado sobre o estame correspondente, sem o abraçar.

Os estames são todos livres, mais ou menos barbados, e ascendentes, menos na *ferruginea* e *neglecta*, cujos [estames] são retos e dirigidos para baixo do fruto: espinho, sublongado, abrindo-se com elasticidade por contactos (?) das válvulas, na *Caesalpinia echinata*; liso plano, abrindo-se com dificuldade nas *Caesalpinia fusca*, e *neglecta* indecisamente na *disperma*; separando-se facilmente o epicarpo do endocarpo. O mesmo na *Caesalpinia monosperma*, com a diferença que nessa, a separação se faz por si, ou espontaneamente ficando a semente envolvida no endocarpo cortáceo indeciso.

Sementes numerosas (6 a 5), na *fusca*, *neglecta* e *ferruginea*; na *echinata* 3 a 1; na *disperma* 2 a 1; na *monosperma* 1; postas transversalmente na *echinata*, juntas, *neglecta*, *ferruginea*; longitudinalmente nas *disperma* e *monosperma*. Em todas o embrião é reto, e envolvido se é endosperma (endopleura) mais ou menos crasso.

É este pois um género polimorfo, cujo caráter deve deduzir-se do *habitus* da planta e das modificações da corola. E a querer fazer da *Caesalpinia monosperma* um género distinto, não vejo razão por que a *disperma* não sirva o tipo a outro género. Peço perdão a Vossa Senhoria por todo este desarrazoado; é vontade de convencer.

Catetáuna ou braúna — *Melanoxylon brasiliense*.

Grande árvore, lenho dum paro desengolido de grande densidade, resistência e duração. Há duas espécies ou variedades, parda e preta.

Reflexão: Schinz, formulando o seu género disse: "Sembra arilo in alio produtto." Baudichier, *Genera plantarum*, diz: "Endocarpio membranaceo cum seminibus transversim solutis". Julgo dever desfazer o engano em que caíram ambos estes naturalistas, provavelmente por examinarem os frutos secos. Com efeito a substância celulosa, esponjosa e branca que cobre as sementes inteiramente, apresentando a forma dumha címbala, ou antes da bagem de uma nissolia, nem é arilo, nem o endocarpo; é um tecido celular que envolve as sementes à maneira do que acontece nos císsus; sómente aqui é de uma substância seca, esponjosa e que toma a configuração do alojamento, onde se formam. Quando a bagem se abre as sementes caem, trazendo (necessariamente) consigo essa produção acessória, que é mais um meio de que se serve a natureza para a dispersão das sementes. Posso assegurar que isto se passa assim porque examinei os frutos em diferentes épocas de seu crescimento.

### Sepepira ou Sebepéia

Ainda não pude colher flor nem fruta da árvore a que chamam por aqui Sepepira: pelos ramos verdes que é uma leguminosa; e provavelmente o gênero Sepepira. É árvore de grande porte, sua madeira de grande resistência, a duração é muito estimada.

### Cabiúma *Miscolobium (Pterocarpus) niger* Veloso.

Árvore corpulenta; lenho duríssimo (mas macio no cortar), cinzento, de fibras pouco estreitas com magníficos veios pretos. Madeira muito estimada para mobília, e outros usos. Distinguem os merceneiros duas qualidades: uma parda e outra preta; provavelmente são variedades. Tenho ramos com flor e fruto, mas ainda não vi as árvores. Não as vi por aqui, abundam nas florestas de Macaé e dos Campos de Goitacazes, e nas várzeas de Marapicu e da Mata do Rei, vendo sendo destruídas estúpidamente, brutalmente.

### Jacarandás —

Grande incerteza reina ainda a respeito destas árvores. Aqui no Rio de Janeiro os verdadeiros Jacarandás de cerne de lei são do gênero *Nissolia*. Veloso traz três espécies: *Nissolia incorruptibilis*, *firmia*, e *Nissolia legalis*; as estampas são tão imprecisas, e as descrições tão incompletas, que ainda não posso reconhecer bem as árvores que lhe correspondem. Só de uma espécie tinha eu colhido flor, e fruto, que [6] a que chamam Jacarandá-roxo, das outras só tinha fruto. Eis aqui como as tinha designado provisoriamente:

Jacarandá-roxo — *Nissolia firmia* Veloso.

Jacarandá-cabiúma — *Nissolia incorruptibilis* (id.).

Jacarandá-sá — *Nissolia-sá* (nebris).

Jacarandá ... — *Nissolia legalis* Veloso.

Suspeito haver outras espécies, segundo as amostras que posso de madeiras, mas ainda não averiguado.

Dão também o nome de Jacarandá à Cabiúma os merceneiros.

### Jacarandá-banana, do-campo, etc.

Chamam também Jacarandá, algumas árvores pertencentes ao gênero *Swartzia*. Delas conheço eu três espécies:

Jacarandá banana — *Swartzia stemmagyna*.

Jacarandá-banana — *Swartzia pulchra*.

Creio que as duas de Veloso; pertencem à mesma espécie.

Todas são árvores grandes, e de madeira branca, sem cerne.

Reflexão: Pison refere duas espécies de Jacarandá: *alba*, e *nigra*. A primeira espécie, isto é, a Jacarandá-alba, não pelo pessimo desenho, mas pela descrição se reconhece uma *Swartzia*. O seguinte — Jacarandá *rigida nigra* — sem descrição, se vê pela estampa ser uma bignoníacea. E foi isto que determinou a Jussieu a formação do gênero *Jacarandá*.

Confesso que nunca posso pronunciar este gênero sem uma espécie de hesitação ou repugnância. Quanto a mim houve engano da parte de Pison, mas isto se pode considerar onusadia da minha parte. Pison certamente foi induzido a erro, sendo mal informado. Os então para o norte do Brasil chamam também Jacarandá o que nós aqui no sul chamamos Ipê-roxo. É um ponto que deve ser averiguado; o que eu pretendo fazer mandando-me informar em Pernambuco.

Resta agora saber a razão por que deu a duas qualidades de árvores tão distinças, por seu porte, sua configuração, suas flores, seus frutos, e enfim sua madeira (porque as que pertencem às *Nissolias*, são madeiras de cerne esti-mada; as que pertencem à *Swartzia* são madeiras brancas, e de quase nenhuma uso)<sup>24</sup>. Eis o como eu explico os verdadeiros Jacarandás. *Nissolia*: têm todos (os que tenho visto) na casca uma seiva (ou uma púrpura) rubra, resina; ora, a mesma seiva apresenta a *Swartzia pulchra*, e as outras provavelmente. É esta a única semelhança que observo nessas árvores. Provavelmente a palavra indica Jacarandá bem decifrada me conduzirá a alguma coisa de mais positivo.

187

#### Moçutaiba ou Maria-preta —

Ainda chamam aqui no Rio de Janeiro, a uma árvore de que não pude ainda colher flor nem fruto; suas folhas são simples e ovais; as estípulas agudas, incurvadas; será leguminosa? Seu lenho ou cerne é denso, de cor escura, rijo e de prêmio. Será talvez maria-preta, nome que o vulgo trouxe pelo de Maria-preta; achando-lhes certa homofonia.

#### Angelim-rosa ou Copéiba — *Pithecellobium nobilis* (nobil).

Grande árvore cujo lenho de um vermelho claro é de duração e estimado.

#### Angelim-amargo — *Andira (Lumbiridio) leguminosus* (Veloso).

Ainda não tenho flor nem fruto desta árvore, é árvore corpulenta. Seu lenho, que é amarelo dum cheiro forte, e sabor mui amargo, é muito estimado para vârias obras.

#### Guaraçá — *Moldeniera speciosa* (nobil).

É árvore de bom porte, vistosa quando está com flores. Seu lenho ou cerne é brando, dum avermelhado, pouco estimado.

#### Copaíba — *Copaifera* ...

Aqui no Rio de Janeiro se conhece duas copaíbeiras, uma de folha miúda, de cerne pardo; outra de folha mais larga de cerne mais avermelhado; ambas dão resina ou bálsamo de copaíba. São árvores corpulentas, seu tronco é alto e direito com um volume gigantesco; sua madeira é estimada. Ainda não pude determinar estas espécies, bem que tenha de ambas ramos em flor e fruto.

24. Frase truncada.

### Oleovermelho — *Myrspermum*?

Ainda não colhi desta árvore flor nem fruto; mas pelo hábito me parece ser do gênero *Myrspermum*. É de grande porte, seu lenho ou madeira é muito estimada, densa, pesada, de cor avermelhada, de um cheiro suavíssimo.

### Oleopardo — *Myrspermum*?

Ainda não lhe vi o fruto. Grande árvore. Lenho duro, aromático, de cor parda. Madeira estimada.

### Cabureiba (a que chamam também oleopardo) — *Myrspermum*.

Tenho minhas dúvidas sobre a classificação desta árvore, de que já tenho flores e frutos. É árvore corpulenta, ramosa. Como a precedente, seu lenho é pardo, duro, aromático. Madeira de prêmio.

### Jeiaí — *Hymenaea* . . .

Árvore das mais corpulentas: impregnada dum resina branca, que se condensa e endurece logo que sai da casca, e de cheiro suave. Sua madeira cheirosa de cor parda, avermelhada é rija e de duração não estando ao tempo.

### Guarabu — *Peltogyne*? *guarabu (nobilis)*.

É árvore de grande porte; seu lenho é de cor roxa, sua fibra branca e clássica; muito estimada para obras de segeiros; assim no Rio de Janeiro os raios das rodas e os varais dos jogos das seges são de ordinário feitos desta madeira.

### Guarabu-das-serras — *Peltogyne*? *macrolobium (nobilis)*.

Árvore, que vegeta no alto dos montes, de altura mediana; seu lenho é de cor roxa, como o precedente, mas menos estimado. Estas árvores que pelas folhas e flores têm analogias com as *Hymenaea*, têm por fruto uma bagem chata monosperma indecisa; em *Peltogyne macrolobium* o epicárpio separa-se do endocárpio, que é cartáceo e fica cobrindo a semente, perfeitamente como o bacurabu ou *Caesalpinia monosperma*.

### Vinháticos — Acácias?

Aqui no Rio nomeiam-se duas qualidades de vinháticos, um chamado ver-de-direiro e outro de-espinho; de nenhum lenho flor nem fruto, e pelas folhas me parecem pertencer ao gênero *Acacia*, ou próximo. São árvores corpulentas, de madeira ou corne amarelado, brando no cortar, e muito estimadas. O chamado testa-de-boi. Linda madeira para móveis, uma cor amarela com velos finos, dum belo efeito, é raro aqui, veio da Bahia.

### Cergeiro — Acácia?

Tenho ramo com bagem, me parece Acácia. Árvore volumosa, madeira estimada, tendo alguma semelhança com o vinhático (será o potomoujo?).

**Cabui — Acacia.**

Grande número de árvores do gênero *Acacia* principalmente são assim chamados. Veloso traz delas grande número, mas tudo em grande confusão; em ainda as tem no horrores, e na maior parte incompletas, faltando a umas flor, a outras frutos, e a algumas uma e outra coisa.

**Cabui-vinhático — Acacia?**

Pelas folhas e ramos semelhante ao vinhático-de-espinho, que também os tem. Seu lenho é branco-amarelado, brando; supre o vinhático. Sem flor nem fruto.

**Cabui-pitanga — Acacia?**

Só tem fruto. É grande árvore; lenho vermelho e duro, tem vários práticos.

**Cabui-de-curtir — Acacia.**

Árvore de porte mediano, crescendo nos campos. Lenho vermelho, de pouco práticos; casca adstringente; servindo para curtumes, pois tem as cascas vermelhas. E vários outros.

**Monjolo — Acacia.**

Buona madeira.

**Ipiribá ou Araribá — *Centrolobium robustum* (*Nissolia robusta* Veloso).**

Grande árvore, cuja madeira é muito estimada pela variedade de suas cores entre amarelo e vermelho.

**Guarapiapunha — *Apuleia polygamica (nobis)*.**

Assim chamei por suas flores em cimeira, tricotomas; sendo as flores do meio hermafroditas e as ilhonetras e as laterais masculinas e triandras. É grande árvore cuja madeira é estimada, e de construção naval.

**Canafistula — Cássia.**

Ainda não a determinei. É árvore de grande porte, corpulenta. Suas bagens chegam a tóvado de comprido. Seu lenho é pardo e de grande duração, sua casca mui adstringente e excelente para construção; razão porque são estas árvores já mui raras aqui nas vizinhanças do Rio de Janeiro, porque a maior parte tem pericido por as terem brutalmente despojado da casca.

**SAMIÁCEAS**

**Cedro — *Cedrela brasiliensis*.**

Há duas ou três qualidades de cedro. Veloso traz duas: *odorata*, e *fastigis*, mas eu só conheço por ora uma. É das árvores mais corpulentas; seu lenho aromático é estimadíssimo. É a madeira que pela cor e ondulado mais se assemelha ao mogno. Os ornatos, tarjas dos nossos templos são de cedro.

Canjeduna — *Cedrela duguetiana*.  
Árvore de grande porte; lenho precioso.

Carapera — *Cuareea*.  
Há duas ou três espécies aqui que ainda as não tenho bem estudadas.  
Todas são árvores [de grande porte (?)] e dão madeiras de construção.

#### APOCÍNEAS

Peroba, ou paroba — *Aspidosperma peroba (nobilis)*.

Não lhe vi ainda a flor; a fruta tem alguma coisa de particular; por isso deixo em dúvida. É grande árvore. Seu lenho, que é de cor pálida, ou rosada (tem duas qualidades, da branca e da rosa, que julgo serem variedades) é muito estimado para marcenaria, e construção naval.

Pequi — *Aspidosperma* ...

Há aqui conhecidas duas espécies, pequi-amarelo, e pequi-branco ou marlim; este último é mui estimado. São espécies distintas, que ainda não verifiquei. São árvores de porte mediano, chegando a três palmos de diâmetro. O marlim é madeira muito estimada.

Há mais algumas árvores, dos gêneros *Echites* e *Tabernanthe*, *marilandia* cujo lenho branco e mole, tem alguns usos. O pau-percira tem o lenho branco e pardo.

#### RUTÁCEAS

Amaré — *Metrodorea excelsa (nobilis)*.

É grande árvore cujo lenho é branco, amarelado, aromático, estaladiço, como são todas as rutáceas que conheço.

Arapoca — *Gulipea*...

Há duas espécies, que ainda não verifiquei, uma de lenho branco, outra de lenho amarelado; esta é mais estimada. São árvores de porte mediano.

Tinguariba — *Zanthoxylon*.

Ainda não procurei a espécie. Árvore mediana, acúlcada; madeira branca, de alguns usos.

#### ERICÓBIAZÉAS

Andi-áço — *Aruda brasiliensis*.

Grande árvore, madeira branca, de alguns usos.

Sangue de Drago — *Croton*.

Ainda não indaguei a espécie. É árvore de grande porte. Da sua casca ressoa um sêmen rubro, concrecível, resinoso? e que tem alguns usos. Da sua madeira não conheço nem a qualidade, nem usos.

Urucurana<sup>20</sup> —

Uma árvore que dá boa madeira de cerne. É uma árvore de grande porte, cujo cerne é vermelho, e madeira estimada. Dela só tenho colhido por ora fruta, e por isso fiquei em dúvida se será ela do gênero *Alchornea*; pois que os frutos são verdadeiras drupas mui pequenas, de cerne amarelo, núcleo duro, monosperma por aborto, quando nas *alcóneas* que conheço. (a que também chamam *urucurana*) os frutos são cápsulas dispersas, o pericarpo bivalvo e as sementes cobertas de polpa encarnada (não azulada, como trazem os Autores). Quando houver colhido flores e conhecido os dois indivíduos se ela for dióica me certificarei.

— *Drypetes caudatifolia* (nabis).

É uma árvore cuja madeira branca não é usada, e vegeta nos altos dos montes. Só encontrei o indivíduo feminino, e pela particularidade de ter as pontas das folhas longas, com as margens enroladas, formando como uma cauda lhe dei o nome acima.

Santa-luzia — *Ophthalmoblyptis macrophyllum* (nabis).

É uma árvore de porte mediano. Madeira branca, e não aproveitada. Esta árvore é impregnada em sua casca, folhas etc., de abundante sêmen meteu, espesso,猛烈amente acre. Bastam ligeiros eflúvios para produzir intensa ofalma; por isso os derribadores a temem; de ordinário as deixam em pé nas serruradas para serem destruídas pelo fogo, ou descascam o tronco com cuidado, ou o queimam, e depois o cortam; ainda assim a temem; por isso a chamam santa-luzia, por ser esta santa advogada, ou invocada nas moléstias dos olhos. Também dai formei o nome genérico. Seus caracteres genéricos são muito particulares.

Outras árvores há nesta família, mas à exceção das Urucuranas, e de outra que ainda não determinei, e que me parece constituir um novo gênero, nenhuma outra oferece madeira de lei, aqui no Rio de Janeiro.

NUTAGÍNEAS

Tapaciriba, ou Tapaquiriba — *Pisonia alcalina* (nabis).

Grande árvore, cujo lenho branco, leve, mole, é abundante de álcalis; e por isso muito estimado para cinzas, como o pau-d'alho, ou guararema.

— *Andradea floribunda*.

Arbórea. Madeira branca, sem nome vulgar.

<sup>20</sup> O verbete foi escrito pelo A., que lhe juntou esta nota: "Foi este artigo muito diferente".

#### RUBIÁCEAS

Jenipapo — *Genipa brasiliensis*.

Arbórea. Madeira branca, pouco preziosa.

— *Chimarris racemosa (nobilis)*.

Árvore de mediana altura; cresce nos altos das serras. Suas flores são brancas, dispostas em amplo racemos. Madeira branca, sem uso, sem nome vulgar.

Atariba-vermelta — *Acariba rubescens*.

Bela árvore, madeira de cor parda, e de algum preço. A seiva desta planta logo que é exposta à ação do ar atmosférico, se tinge do mais lindo encarnado. Afirmam que os indígenas se servem desta cor para tingir as palhas, com que fabricam cestinhas e outros utensílios. Ainda não tive ocasião de examinar este ponto, o que farei quando se me proporcione ocasião.

Algumas singularidades da família, e principalmente a estrutura do fruto me induzem a fazer um novo gênero. Conheço três espécies; mas só desta tenho o estudo completo; das outras duas tenho sómente fruto; as quais designo da modo seguinte:

Atariba-branca — *Acariba achanta*.

É também arbórea. Seu lenho branco, é menos estimado.

Atariba... — *Acariba obscura*.

Arbórea, sem nome vulgar, sem uso.

#### SAPOTÁCEAS

Maçaranduba —

Ainda não pude colher flor nem fruto desta árvore, que é de grande porte. Corne arroxado, denso e resistente, de grande duração. Madeira muito estimada; de uso na construção naval.

Guaracica —

Falta-me também flor e fruto. É árvore de bom porte, cerne de cor amarejada, redinha com a maior facilidade, de modo a desfazer-se toda uma árvore em lascas ou tiras que servem de ripas.

Guaranhém — *Chrysophyllum burenham*.

Árvore bem conhecida, madeira pouco estimada.

Guapébas —

Com este nome são conhecidas várias grandes árvores dos gêneros *Lucuma*, *Felisca*, etc. Não estão ainda bem estudadas. Todas são madeira pouco estimada.

Jacuá — *Lucuma gigantea*.

É uma das árvores mais altas. Cerne denso, mas pouco usado.

Bacumizá — *Chrysophyllum*?

Árvore de grande altura; madeira pouco usada.

#### ARTOCÁRPAS, CELTÍDEAS, ALÓRNÉAS

Guiti — Artocárpas?

Ainda não vi flor, nem fruto da árvore, a que aqui no Rio chamam Capim. É muito leitosa, e pelo hábito me parece artocárpas. Sua madeira tem alguma estimação.

Bainha-d'espada — Ohmédia? ...

Ainda não vi o indivíduo masculino. É árvore leitosa, madeira de pouco uso.

Outras artocárpas.

Dão os mateiros aqui o nome de bainha-d'espada às árvores cujas folhas são súrias, sonoras, às vezes espinhosas. São lactescentes e pertencem a vários gêneros e famílias, que ainda não tenho bem averiguados. De ordinário são madeiras pouco estimadas.

Limoeiro-silvestre — *Mertensia utilis (nobis)*.

Árvore espinhosa, cujo lenho branco-amarelado, e macio tem alguns usos; dá tabuados.

Figueiras — Garecicras — *Ficus...*

Grandes árvores, madeira branca, branda.

#### ERITROXÍLEA

Arco-de-pipa — *Erythroxylon...*

Ainda não procurei determinar a espécie. É árvore de bom porte. Seu lenho de cor fosca, denso, e durável é estimado.

#### BIGNONIÁCEAS

Ipê-mirim — *Tecoma*, ou bignônias? — *Bignonia longiflora* Veloso.  
Flor amarela.

Ipê-águ — *Tecoma* ou bignônias.  
Flor branca.

Ipê-roxo — *Bignonia cordalis* Veloso.  
Flor roxa.

Ipé-do-campo — *Bignonia fluorescens* Veloso.

Flor amarela. É bem notável a confusão, era que se acha o estudo destas árvores; algumas das quais fornecem preciosas madeiras.

O ipé-roxo nunca o vi; é muito raro, por aqui; Veloso não dá onde o achou.

O ipé-aço, de flores brancas, conheço uma árvore, mas nunca a vi com flor nem fruto. É madeira branca sem cerne.

O ipé-do-campo, é comum nos lugares cultivados, veste-se todos os anos de lindas flores amarelas, antes das folhas. Não sei porque Veloso o chama fluorescens, quando ele toma o porte dumha árvore mediana; e seguramente nas matas virgens deve elevar-se à altura comum das árvores. Sua madeira é branca. Querem algumas pessoas que este Ipé seja o mesmo ipé-mítim, ao qual se não dá tempo de enair cerne. Não afirmo, nem nego.

Ipé-mirim --

É de todos o mais precioso. Sem elevar-se a grande altura, seu lenho ou cerne é sór de bronce, já mais amarelo, já mais esverdeado (o que pode ser devido a variedades ou espécies distintas). É uma das madeiras de maior duração, sua fibra é rija, densa, pesada; as pessoas que cutiram ou trabalharam nesta madeira ficam cobertas dumha poeira lisa amarela dum cheiro forte, chegando a produzir espirros. Não sei se é esta a *Bignonia longiflora* de Veloso.

Tabebuia — *Tabebuia tuliginosa* (*Bignonia tabebuia* Veloso).

Cachéu — *Leucoxylon* (*Bignonia leucoxylon* Veloso).

Estas duas árvores são de lenho branco, leve e de pouca duração. Têm ródas alguma préstimo.

#### BOMBACÍNEAS

Louro — *Cordia frondosa*.

Árvore de grande porte, lenho leve, macio, cheiroso, de sór parda, estimado.

Louro-batata — *Cordia leucoxylon* (*nobilis*).

Grande árvore. Lenho branco, mole, por isso lhe chamam batata. Só tem flor de flores, e um pequeno fruto; me parece espécie não descrita ainda.

Louro-batata — *Cordiaea trichotoma* Veloso.

Pelo desenho me parece a *Cordia frondosa*; mas Veloso a dá [com] 6 estigmas, ou estilete com 6 divisões, e com o nome de louro-batata, com o qual não corresponde a catampa, mas este tem 6 divisões ou estiletes; enfim é ponto que deve ser averiguado.

#### MEU ASTROMÁCEAS

Jacatirão — *Lesiandra calyptata* (nobilis).

Árvore medieira, tronco alto direito, não excedendo a palmo de diâmetro, segundo as que tenho examinado. Chamam-na *Café-pirata*, porque a bráctea que cobre o botão é em forma de capacete ou barrete; parece-me impossível que ela ainda não fosse descrita; todavia não a enhei em De Candolle. É formosa por possuir grandes flores, que mudam de cor, passando de rosas, a cítrico-rosa e brancas. Têm algum uso para caixas.

#### SIVANTÍDEAS

Jacatirão — *Vernonia procera* (nobilis).

É árvore de porte mediano. Seu tronco é alto, de pouca grossura, madeira de alguma estimação, para caixas e outros usos.

#### LAURÍNEAS

Tapinhoa — *Silva novae-angliae* (nobilis).

É árvore empinada; seu lenho, cor de cere, cheiroso, forte, duradouro, é de grande estimação na construção naval, nas tattooarias, etc. Creio achar neste planta caracteres suficientes para formar um novo gênero, que dediquei à memória do Dr. Baltazar da Silva Lisboa.

Canela-tapinhoa

Canela-preta — *Lauritia alba* Vceloso.

Canela-sassairás —

Canela-batália —

Muitas lauríneas de vários gêneros, *Ocotea*, *Nectandra*, *Cryptocarya*, etc., etc., são designadas vulgarmente com o nome de canelas; seu estudo ainda está em grande confusão.

#### PEREGRINÁRIAS

Ubatá, jibatá ou gomçalo-alves — *Astronium fraxinifolium*.

Conheço muitas destas árvores; mas nunca as vi com flor ou fruto nestes cinco anos, em que tenho feito excursões botânicas. É árvore majestosa. Seu lenho, rubro andeado, é estimado para móveis, e dá tabuado precioso.

Soco-soco —

Ainda não vi flor, nem fruto desta árvore, que pelos ramos reconheci ser uma terebintánea. O seu lenho é vermelho, e estimado.

### Bicuiba — Mirística.

Conhece-se aqui nas matas do Rio de Janeiro duas espécies, uma da folha miúda lanceolada, outra da folha larga oval, ambas dão madeira; mas a última é a mais estimada. É árvore das mais corpulentas, seu lenho de cor cunge-vina escura, fácil de cortar; é muito estimado. Não determinei as espécies.

### LECITÍDEAS

#### Sapucaias — *Lecythis*...

Veloso traz 3 espécies. Eu só conheço a *Lecythis Pisonis* = ([L.] Olleria Vol.) Árvore corpulenta; sua madeira é usada.

#### Jiquitibá — *Couratari*?

Há aqui no Rio duas qualidades de jiquitibás, branco e vermelho. Ainda não tenho o estudo completo destas árvores. Pus Couratari com interrogação, porque nas flores de uma que tenho examinado, o andróforo é urceolado, obliqua, e não in *ligulam petaloideam, exsertatam...* in *stylum iteum* *prostrectum*. Isto não é mais que uma hesitação, até assentar o meu julgo com o estudo comparativo doutras espécies. Quanto às qualidades do branco e vermelho também não sei se são espécies distintas, ou variedades. O lenho destas árvores grandiosas é procurado, além de servir para caixões d'água.

#### Embiraçu — *Couratari*.

São do mesmo gênero dos jiquitibás, com os quais têm muitas semelhanças de porte. São igualmente conhecidas duas espécies ou variedades: branco e vermelho. Estes têm a particularidade de fornecerem da casca grande quantidade de estóix, ou embira, donde lhe vem o nome. Sua madeira é menos estimada que a dos jiquitibás.

### ANONÁCEAS

#### Embiú-amarelo — *Guatteria*?

#### Embiú-branco —

Estas duas árvores, dão troncos mui altos, mas não de grande grossura, nem madeira, principalmente da amarelo. É resistente e duradoura, não estando exposta à ação atmosférica.

### TRICOTÁCEAS

#### Catucáém ou Cutucanhé — *Royalia legalis* — *Dichecheria legalis* Veloso.

Grande árvore, madeira de alguma estimação.

COMBRETÁCEAS

Merendiba - *Terminalia merendiba (nobis)*.

Grande árvore, cujo lenho de cor amarealada, resistente e duradouro, tem vários usos.

Guarajuba - *Vicentia acuminata*.

Grande árvore, lenho estóperto, de cor esbranquiçada, é de duração segura se exposto ao tempo.

Jundiai -

Não tenho flor, nem fruto desta árvore, mas pelo hábito me parece do gênero *Vicentia*. Grande árvore, sua madeira tem usos como a da Merendiba.

## 558 Descrição botânica da planta chamada vulgarmente Gôgo em português; e na língua indígena Gigoga

*Nymphaea alba, — viridis* Saint-Hilaire.

Esta planta aquática, herbácea, vivaz, cresce nas águas dormentes, ou de pouca correnteza, nas margens dos rios, ou em alagadiços, com fundo de lodo a um, a dois pés abaixo d'água. A espécie que descrevemos parece que se dá melhor nas águas calobras, e nas margens dos rios do litoral onde chegam as marés.

Tem por caule uma espécie de rizoma revolte, irregular; formado interiormente de uma substância parenquimática, densa, no meio da qual se vêem fibras flexuosas, que se vão distribuir nas folhas, e ramos. Os que tivemos ocasião de observar tinham de polegada e meia até duas de altura; com uma pouco mais ou menos de diâmetro. Na parte superior d'ê nascimento a grande número de folhas (6 a 20) unidas entre si formando como um feixe, e da parte inferior, e mesmo dentro as folhas mais antigas parte grande número de raízes, que se dirigem para baixa formando uma cabeleira.

As folhas têm pecíolos mais longos; mas cujo comprimento varia segundo a idade: assim as mais novas, que saem do meio das outras, ganham logo a superfície d'água, onde estendem o limbo, e têm o seu pecíolo pouco mais ou menos em largura correspondente à altura das águas. A proporção porém que novas folhas vão surgindo, as mais antigas vão cedendo lugar afastando-se para fora, o que se faz pelo alongamento do pecíolo, que chega a adquirir 6 e 6 palmos de comprimento; até que enfim a folha morre, tornando-se amarela, e indo aprofundar no fundo d'água. Resulta disso que um pé só dessa planta pode abranger na superfície das águas um espaço circular, com 12 palmos de diâmetro; que é ocupado pelas folhas abertas, e flutuantes em número de 16 a 20; e do meio das quais se vêem no topo da florescência de 1 a 4 flores.

Tornando aos pecíolos, são êles cilíndricos, lisos, glabros, de cor purpúrea turva; com duas linhas de diâmetro, em folha a extensão; que é como já vimos de 2 ate 6 palmos. Sua consistência é herbácea; e por dentro lacunosa; tendo no centro duas lacunas maiores, e outras menores em roda; estas lacunas se estendem por todo o pecíolo, sem se dividirem, nem comunicarem.

entre si. Na base são os pecíolos munidos de uma teca delgada, e frágil, à semelhança do que se vê nas folhas das palmeiras; esta teca abraça o gomo das novas folhas; rompe-se enfim; e nas folhas velhas só se encontra uma margem membranosa de cada lado da base do pecíolo.

Brotam as folhas com as margens enroladas para dentro (prefolição involutiva), e vêm abrir-se à flor d'água, estendendo exatamente o seu limbo, que fica flutuante, banhando toda a superfície interior. Tem o limbo uma figura circular, ligeiramente oval; e cordiforme na base; o cume é redondo, e ligeiramente emarginado em frente da nervura mediana; na base os dois lobos, que se formam, são divididos até a inscrição do pecíolo; e suas margens são contíguas, e não sobrepostas, até mais de meia; são depois divergentes, e arrestando os lobos; a orla do limbo é inteira, no meio e no excesso de 1/3 da circunferência; e daí até os lobos é irregularmente sinuosa, repandida, ou crenulada. Sua consistência é branda, carnosa. O tecido celular da página inferior é moi lacunoso; achando-se dentro das lacunas pelos estrelados. A página superior é de uma beira côntra verde; particularmente glabra, lisa, lustrosa; a inferior tem uma côntra de púrpura escura, e turva; esta côntra é mais intensa na margem e se enfrapõe para o centro. As nervuras, quase imperceptíveis na face, são muito proeminentes no dorso; as primárias são digitadas ou radiadas em número de 15 moi constante; a mediana chega à margem da folha dividindo ramos laterais; as outras se bifurcam, de todos os ramos subdividindo-se, e anastomosando se formam uma elegante rede no dorso da folha.

As dimensões ordinárias do limbo são: no diâmetro longitudinal, da ponta dos lobos até o cume da folha 5 a 6 polegadas, e no transversal 4 a 5.

No tempo da florescência, que é em novembro, a planta brota grande número de flores, sucessivamente, de modo que se pode achar no mesmo indivíduo simultaneamente frutos maduros, flores abertas (cujo número varia de 1 até 4, segundo o que vi) e botões em diversos graus de evolução.

São as flores vistosas, chegando a 3 polegadas de diâmetro, quando perfeitamente abertas; exalam um cheiro agradável, que só se sente chegando-as ao nariz. De ordinário são sustentadas a uma altura form d'água pelo pedúnculo, que é, com os pecíolos, cilíndrico, glabro, liso, e arroxado; nasce no meio das folhas, nunca chega no comprimento dos pecíolos, e é mais grosso que estes; tem no centro cinco ou seis jacomas semelhantes às dos pecíolos, e como estes contém pelos estrelados.

O botão ou gomo floral é de forma cônica; todas as peças do perianto são dispostas em verticilos quaternários, alternando entre si, e imbricados (estivulação imbricativa).

O cáliz é representado pelas quatro peças exteriores do perianto, que no botão cobrem todas as outras; e são verdes por fora, e por dentro brancas, um pouco carnosas; de forma oblongo-lanceolada; agudas; côncavas.

A corola é representada ordinariamente por 16 peças, ou quatro verticilos; e são sensivelmente menores de fora para dentro. São todas essas peças lanceoladas agudas, subcarnosas, brancas ligeiramente amareladas.

As pétalas se transformam pouco a pouco em estames; assim depois das 16 pétalas, se acham mais oito ainda com a mesma aparência, porém mais estreitas, e tendo uma curva pela parte interna, anteras mais ou menos perfeitas, isto é, as quatro primeiras como rudimentares, e abortivas, as quatro mais internas perfeitas, e poliníferas, são já para tantos verdadeiros estames.

Os estames são inúmeros, de ordinário mais de 40, não contendo os oito primeiros mencionados, nem os últimos de dentro, que são abortivos.

Os filamentos são achados, e petalóides, tanto mais quanto são mais exteriores; de cor branca, com anteras coadunadas pela parte interna, e superior da lámina do filamento, cujo ápice excede a antera, cujas células são duas lineares, paralelas, mas separadas; abrem-se por uma fenda; e o interior de cada célula, é dividido em dois repartimentos por um septo longitudinal, que corresponde à sutura ou fundo da célula.

O pólen é formado de vesículas diáfanas, lisas, tenuíssimas; e cai aglutinado em massas tiliiformes toda a porção de cada repartimento das células; isto é, cada célula da antera bornece duas massas que caem sobre o estigma.

Os estames vão insensivelmente diminuindo de tamanho de fora para dentro, e na última série os filamentos não têm anteras, se tornam redondos, e grossos nas pontas e mundo de clava; estes são em número igual ao das rainhas do estigma, aos quais ficam exatamente opostos. Os estames são todos *inflexos*, ou encurvados sobre o estigma, e tanto mais quanto mais internos.

Todos estes órgãos, calix, corola e estames têm a sua inserção aos lados do ovário; isto é, sobre o toro, que cobre todos os carpelos desde a parte interna até os estigmas.

Pistila formado de muitos carpelos, cujo número varia; achai de 11 a 14. Estes carpelos estão dispostos em torno dum columelo central, cujo ápice forma um tubérculo no centro do estigma.

## 560 Tentativa duma história das florestas da Província do Rio de Janeiro

A exceptuarmos as várzeas à baixamar e nas vizinhanças das fozes de grandes rios, como o Paraíba, o Guandu etc., cujo chão é naturalmente formado de aluviões, e que foram sempre cobertas de gramas, e que se chamam campos naturais ou nativos — Campos de Goitacases, Campos de Santa Cruz, etc., — a exceptuarmos os lugares baixos alagadiços de baixa-mar, que são cobertos de uma vegetação particular — mangues — etc., todo o mais solo da Província devia ser coberto da mais bela, e vigorosa vegetação; como o mostra ainda o que dela resta no estado virgem.

Em todos os Autores, que temos lido, e que vamos lendo, que escrevem sobre o Brasil em seu primitivo, nada temos achado de suas matas senão idéias vagas: noções incompletas, extases de admiração, etc., etc.

O que hoje se possui de mais regular, e exato, de verdadeiramente científico deve-se a viajantes estrangeiros; tais como Saint-Hilaire, Martius, Pohl, etc., mas êles fuzgam agraciáveis, usam, à geografia botânica; e não descem positivamente nos detalhes (nem o podiam fazer) que sós podem fornecer os elementos para uma história de nossas matas.

Fu empreenderei este trabalho. Não tenho esperança de o dar perfeito: mas deixarei um esboço; e darei o impulso, para que outros continuem, e acabem. O que não deve ser decido. O machado devastador bem cedo aniquilará todos os materiais para êla.

Éis aqui de que modo entendo que se deve fazer o estudo das matas.

1º O estudo do terreno. Vargens ao nível dos mares — secas, ou alagadiças. Montes, sua altura aproximada (não se tendo a medida), sua exposição ou relações com os pontos cardinais da terra; direção das serras — secas, ou regadas. Natureza dos terrenos.

Como as montanhas da Província não se elevam a demasiada altura, bascanos distinguir 3 estações (regiões): 1<sup>a</sup> — das vargens e fraldas dos montes; 2<sup>a</sup> — chepada ou al os cumes de mais de 1.000 pés de altura; 3<sup>a</sup> — a zona média.

Passando à vegetação. Determinar a estação de cada espécie — princípio as espécies características de cada estação ou regra, isto é, indicar as árvores (mais plantas) que só vêm espontâneamente em tal ou tal estação — e aquelas que naturalmente crescem em mais de uma, ou em todas.

Determinar o predominio das famílias, dos gêneros, e espécies em cada estação; e proporção que guardam entre si — sua associação.

Determinar a altura média das árvores em cada região; e em cada localidade, descrever-las particularmente as árvores mais notáveis em suas proporções, e grandeza; e mesmo recolhendo o que consta das tradições.

Determinar a época das desfoliação das árvores (quando isto tem lugar); assim, como das florescência, e frutificação. Tendo muito cuidado em velar sobre as árvores que não florescem todos os anos e determinar o período de repouso. Algumas espécies florescem unâni[mé]memente todos os anos. Em outras há flores todos os anos; mas em diversos indivíduos descançando uns, enquanto outros frutificam.

Outras espécies parecem ter um certo período de repouso de 2, 4, 6 e quem sabe até quantos anos; florescendo todos os indivíduos ao mesmo tempo. Neste caso porém ainda há uma observação a fazer-se; e é [que] alguns indivíduos florescem como perdidos, e desvairados. Florescência a que eu tenho chamado *esporádica*. Isto porém não deve destruir a regra geral, que é a florescência comum de toda a espécie.

O ano passado de 1848 vi pela primeira vez (depois de 1820) a florescência geral da Cebatá ou Gomçalvalves (*Astrophytum*) mas alguns indivíduos não floresceram; com a singularidade de largarem as folhas muito depois da florescência geral.

Parço também que as árvores que estão em desamparo florescem mais comumente que as das matas, da mesma espécie. Parço igualmente que as matas novas ou as muito velhas, e que estão ameaçadas de morte florescem mais que as outras; talvez isto explique a florescência esporádica. Sobre tudo isto não tenho ainda dados suficientes.

Determinar a proporção das madeiras de lei em cada localidade — assim como as qualidades das madeiras, isto é, a diversidade da tintura do cerne na mesma espécie — sua dureza e resistência, sua duração.

Enfim cada sorte de madeira a que construção é mais particularmente aproximada.

Quais as árvores que fornecem balsamios, e resinas, quais as que dão principios tóxicos, etc.

E quando puder ser, em que tempo começa a formação do cerne; e se esse tempo varia segundo as localidades — que traz consigo o tempo de depósito da matéria corante, nas árvores que a têm.

Mendanha, 19 de fevereiro de 1849.

## 562 Apontamentos [sobre a conservação e corte das madeiras de construção naval]<sup>28</sup>

Escolhidas as matas que devem ser reservadas ou cortadas, se procederá imediatamente a sua demarcação, fazendo-se tombo, e mapa delas.

E sendo de ordinário as nossas matas formadas de árvores altas e direitas, de modo que só dos galhos, ou raios se podem tirar peças curvas tão necessárias nos artifícios navais, bem será na escolha das matas procurar algumas, cujo terreno, por sua especial natureza produza maior número de árvores tortas.

Logo depois a Administração das Florestas fará uma inspeção geral em todas elas, formando um inventário ou rol de todas as madeiras de construção, e das chegadas a corte, mais particularmente, com designação especial, e por seus nomes, das diversas castas, ou qualidades de paus de lei.

Para isso se farão primeiro picadas, ou trilhos, por onde se possa andar a cavalo, e que se devem conservar sempre transitáveis, sendo delineados de modo que afinal venham a constituir um sistema de vias florestais, que cruzando-se e estendendo-se por toda a mata facilite a sua inspeção e vigia.

Logo que se começar o corte das madeiras, escolher-se-ão desses trilhos os mais adaptados para o mesmo transporte dos paus, de dentro das matas aos pontos de depósito, e de embarque, os quais se irão, à proporção que for necessário, alargando, e aprofundando para servirem aos arrastos das madeiras. O que uma vez feito se conservará para formar também afinal um outro sistema de vias de carroço.

A vista das relações do estado de todas as madeiras, a Administração General dos Arsenais determinará a quantidade, e a qualidade das madeiras, que devem ser cortadas; e regulará o contingente de cada mata, segundo a maior comodidade e economia, mas muito principalmente segundo a abundância dos paus chegados a corte, de modo a conservar um certo equilíbrio, e dar tempo ao perfeito desenvolvimento das árvores.

A administração particular de cada floresta, que deve ter um exato conhecimento do estado de suas árvores, fará a designação das que devem ser cortadas, até preencher o pedido, tendo em vista o seguinte:

28. Veja-se no fim a nota da Autor.

Marcar o lugar da mata, onde se acham os paus pedidos, em espaço circunscrito, de modo a facilitar o trabalho de corte, e da condução da madeira.

Designar as árvores, que começam a dar sinais de decrepitude, para serem cortadas, antes das outras, sempre que elas possam fornecer as peças exigidas.

Não consentirá porém, que juntas se cortem duas árvores próximas uma a outra, o que produz clarasas mui nocivas à conssecção das florestas.

Não consentirá fazerem-se dois cortes seguidos no mesmo lugar: antes os regulará de modo que dentro dum período mais ou menos longo, segundo a grandeza da mata, toda ela tenha sido aproveitada. A exceção desta regra será só quando em qualquer ponto da mata uma ou mais árvores atingam ruína ou por idade, ou por acidente, as quais devem então ser imediatamente cortadas e aproveitadas, ainda [que] não sendo das requeridas pela Administração Central.

Como pode, e deve necessariamente projectar que lheja ou abundem nas matas madeiras, que não sendo necessárias, ou que sendo excedentes às exigências dos Arsenais, sejam indavia úteis nas fábricas civis, estes devem [ser] cortadas e levadas a mercados públicos para se venderem aos particulares; tudo feito com autorização, e deixaço das vistos da Administração Central.

O tempo do corte da madeira relativo ao seu maior rendimento, é em regra geral quando a árvore tem chegado às suas ordinárias proporções de altura e grossura. Esta regra porém entre nós, e ainda por muito tempo no meu entender, tira dependente da prática, e experiência das nossas madeiras. Por quanto os sinais mesmos de decrepitude das árvores, que são alguns de nossos homens práticos, especialmente o Dr. Baltasar da Silva Lisboa, acho-os insuficientes, porque eles deviam servir para indicar quando as árvores vão entrar no período de decrepitude, e não quando elas se acham já arruinadas, e não possam: ora, os que eles apontam só me parecem infalíveis neste último caso. No entanto alguma coisa diremos adiante sobre este ponto.

Como as matas reservadas têm por fim mais especial a construção naval, onde de ordinário não têm emprégio os paus de desmarcada grandeza, e como é sabido que o crescimento das árvores em altura, e grossura não é sempre progressivo, mas antes, que tendo elas chegado a uma certa grandeza (o que nas nossas condições) é ainda desconhecido científicamente) as formações anuais, partindo das de maior vigor vão progressivamente diminuindo, convém que logo que as árvores tenham chegado ao ponto de dar, depois do talquejo, e em boa madeira, as peças requeridas, sejam cortadas: pois nenhuma economia há em deixar a árvore tomar dimensões superfluas, e exposta a ser acidentalmente destruída.

Faz exceção a árvore, que puder fornecer mais de uma peça: assim como as de tabuado, como são: Pau-rosa, vinháticos, louros, cedrus, etc. A estas só deve dar tempo a tomar todo o seu desenvolvimento possível, enquanto se

ndo recente a sua ruína por acidente, ou velhice. Para o que submetemos ao contraste da experiência o seguinte:

5. Indício de sofrimento da árvore, o cobrirse a sua casca de parasitas, de um modo extraordinário, como são líquenes, curvatás, imbés, e figueiras.

É indício de desfiguração de seiva, se as extremidades dos ramos, ou ramos da sua copa se tornam mais curtos, e mais nodosos; se as folhas se tornam mais pequenas, mais raras, e mais decoradas; se a florescência se torna mais ou menos parcial, isto é, se nas épocas da flor florescem uns ramos, e outros não; se os frutos são em menor número, inférmeis, etc.

Uma das lesões mais comuns das árvores é a oruza, a que os mateiros chamam *vento gemel*. As árvores antigas são sempre mais ou menos ócas; conviria pois reconhecer-se quando elas são ameaçadas d'este mal. Nenhum méio sei que nos descubra este estado.

Dando no tronco pancadas com o machado, o sono, para quem tem alguma experiência, fará distinguir a árvore sã da que tem vício; mas esta já então está fendida, ou pouco se aproveta.

Quando pelo vento ou por outro qualquer acidente fôr quebrado um ramo, ou galho grande de uma árvore, esta deve ser cortada quanto antes.

Também aquela que mostra fraquear pela raiz a força dos ventos deve ser derrubada.

O tempo do corte das árvores relativo às estações é também em regra geral depois que elas têm consumido toda a seiva elaborada e antes de absorverem nova seiva. Estas duas funções se reconhecem pelas aparências da folhagem; porquanto as folhas, que têm servido para a formação de uma seiva, caem, e com a nova seiva brotam novas folhas que a devem elaborar.

Deve-se pois ter em vista o seguinte:

1º Que muitas de nossas árvores nunca se despõem inteiramente de suas folhas, como são as maçarandubas, os tapinhoás, etc., donde se vê que nestas nascem umas folhas antes de terem caído as outras, ou que os dois períodos da elaboração de uma seiva, e a absorção de outra se traspassam e confundem. Neste caso servirá de regra para o corte a maturação do fruto e sua queda.

2º Que outras largam completamente a sua folhagem (tal particularmente das matas do Rio de Janeiro) verbi gratia os cedros, ubatás, ipês, serepés, etc.

Nestas a regra será não esperar a queda total das folhas, mas quando tiver caído a maior parte, caindo as outras amarelas, vermelhas.

Como tudo isto se passa na Província do Rio de Janeiro entre os meses de maio, e de julho, é este intervalo, geralmente falando, a época do corte das madeiras nesta Província.

Mas em tâda a extensão do Brasil, do equador até além do trópico cari latitudo tem sua época de florescência, a respeito da que nenhum conhecimento positivo tenho.

Determinada a época do corte têm ainda os nossos derrubadores seu tempo de escolha, que é segundo as fases da lua; sendo o minguante para eles o tempo próprio. Este conceito popular, é filho da observação prática; não convém ir contra ele por meras considerações teóricas, ou só pelo medo de passar-se por crédulo, enquanto a experiência científica o não desvanece; se é que ela não é conforme aos fenômenos naturais.

No modo de cortar as árvores não é ainda possível adaptarem-se entre nós todos os meios de economia, que se empregam em outros países, onde a madeira é de grande preço, e a mão de obra comparativamente barata. Os lucros aqui não compensariam o tempo, e a despesa. No entanto alguma coisa se pode ir fazendo; assim:

Algumas árvores, que forem de mediana grossura, podem ser cortadas a serra no derrubar, no torar o tronco, e no cortar os galhos; enfim sempre que a serra for aplicável será preferida ao machado.

Em muitos casos convirá cortar-se a árvore (no derrubar) não pelo tronco, mas pelas raízes; no que se poderá obter certas vantagens, que compensarão o excesso de trabalho. A 1.<sup>a</sup> é a mais importante é que assim fica a árvore menos sujeita a estalar, ou arcar-se no cair. A 2.<sup>a</sup> é que dos ramos radicais se podem tirar peças curvas, com muito mais facilidade e proveito, do que deixando-as no cepo. A experiência mostrará as precauções que se devem tomar neste modo para dirigir a queda da árvore, e prevenir acidentes, visto que as nossas árvores são quase todas destituídas de raiz mestra ou nubo.

Não é possível sempre, ou será mui difícil cortar os galhos às grandes árvores antes de as derrubar; no entanto esta prática é importante e deve-se empregar sempre que for admissível; e então cortar-se-ão a serra, ou machado (como melhor convier) sómente os galhos maiores e horizontais, ficando alguns no alto, que torlo por fim amortecer a queda do tronco, principalmente se a árvore conserva sua folhagem. Deste modo se aprovitam melhor os galhos, que pela maior parte se quebram caindo com a árvore e causando ao mesmo tempo avarias no tronco e aumentando a violência da sua queda quando a árvore está sem folhas.

Não é indiferente a escolha da cama, ou chão em que deve cair a árvore. De ordinário os cortadores lançam a árvore para onde elas têm pendor natural; e nas ladeiras é sempre de cima para baixo. Ida nesta prática grandes inconvenientes, que deve-se evitar quanto for possível; assim:

Se a árvore pende para onde não convém derrubá-la, ou por inclinação do tronco, ou por causa dos ramos mais pesados de um lado, em certos casos se poderá dar remédio a isto, ou cortando antes os galhos pesados, ou segurando a árvore, por meio de cabos presos a outras árvores.

Esta prática que é trabalhosa só deve ter lugar com árvores raras, de valor.

Derrubando-se em ladeiras far-se-á cair a árvore para cima, sempre que for possível: em segundo lugar para os lados, e nunca para baixo, senão em

caso irremediável. Só na ausência de céu que quanto mais ingreme for a ladeira, tanto mais violenta será a queda da árvore, e mais prejudicial.

Derrubando-se em plano há ainda a escolher-se o chão mais igual para que o tronco se não quebre, ou fenda, nem mesmo sofra distorções em suas fibras, o que diminui sua força de resistência, e elasticidade delas.

Cortadas as árvores não serão talquejadas, nem descascadas, senão passado algum tempo, que será um mês, mais ou menos, segundo correr a estação seca ou úmida.

Para o talquejo, e desmembramento das árvores dará o Arsenal instruções.

Talquejadas e desmembradas as madeiras serão logo conduzidas aos depósitos; onde abrigados das inclemências do tempo, estarão expostos às correntes de ar, até que se achem perfeitamente secas.

O tempo para a serra das madeiras, que deve variar segundo suas qualidades, e grossura das peças será também regulado pela Administração dos Arsenais. Para isso convém marcar em cada uma o tempo em que foi cortada.

#### REPRODUÇÃO DAS ÁRVORES

Tendo nós ainda boa porção de matas nativas, não deve o Governo curar de fazer matas artificiais; este emíldado [ica] já aos particulares, que tão impiedosamente têm destruído as suas, e que melhor calculando os seus interesses, matarão sem dúvida mais cedo ou mais tarde do plantio de arvoredos.

A Administração Pública não tem por ora mais que a velar na conservação das florestas nacionais, na sua reprodução, quer natural, quer artificial; assim como do plantio das que forem faltando, ou de exóticas, que forem preferíveis às nossas.

Na conservação das florestas é regra fundamental ter o solo, ou chão sempre coberto de uma boa camada de terra vegetal e de folhas secas. Por quanto esta, pela sua propriedade absorvente higroscópica, entretem sempre a superfície do solo fresca e ámida, condição essencialíssima para a boa vegetação; ao mesmo tempo que por sua decomposição lenta, e continua fornece alimentos às árvores; enfim é uma necessidade para a germinação das sementes lançadas naturalmente sobre a terra. Assim é uma lei providencial, que as árvores, largadas primeiro as sementes, deixam cair logo as folhas (parcial, ou totalmente) com que as cobrem, antes de nascerem.

Ora a existência dessa camada de hâmus e folhas secas depende imediatamente, da proximidade das árvores entre si, de modo que suas copas se toquem; porque então a luz e o calor não atingem o solo diretamente, nem os ventos penetram com violência no fundo [das] matas.

Com efeito, praticase uma aberta, ou clareira no meio de uma floresta, o vento descerá caindo com violência até o chão, secará e varrerá a folhagem.

A luz, e o calor dos raios solares, caindo direta sobre o húmus o seca e faz perder uma sua essencial condição para a vegetação. De tudo resulta já a morte das sementes que germinam descoberias, já a de novas plantas que serão abafadas por uma multidão de ervas, de vegetação nova que com prodigiosa presteza, tomam conta do terreno; enfim a aridez do solo prejudicará a vegetação das árvores.

Convém portanto evitar quanto for possível o destruir a sombra benéfica das florestas; por isso se fugirá sempre de cortar uma árvore próxima a outra, e mesmo duas juntas. Ainda mesmo quando se tratar da limpa das matas, isto é, de tirar as árvores inúteis, para substituí-las pelas de utilidade, nunca se tirará uma árvore cuja copa venha a fazer falta.

Para a reprodução natural conservar-se-á nas matas, e em distâncias que se julgar conveniente, um certo número de árvores de cada espécie de boa madeira de que se compõe a mata. Estas árvores-mães ou de semente devem ser escolhidas em todo o seu vigor, e nunca serão cortadas, senão quando outra de mesma espécie a possa substituir para a reprodução.

Logo que as árvores estiverem em flor haverá cuidado de se preparar o chão para receber as sementes, tirando o mato baixo, e inútil, para que as sementes cheguem todas ao chão, e germinem desafrontadas. Estes cuidados são tanto mais importantes quanto forem as sementes mais ligeiras, e fáceis de ser levadas pelo vento, como são as das ubacás, dos cedros, dos louros, dos ipês, etc., porquanto dessas penas caem ao pé da árvore: sendo a maior parte dispersa para longe e quase sempre perdidas, e das poucas que vem abaixo ainda muitas são perdidas, ficando suspensas pela folhagem do mato rasteiro. Ainda mais, muitas de nossas árvores tem um período de repouso mais ou menos longo (e que para nemtanta delas, que me conste, se acha determinado), isto é, passam certo número de anos sem florescer. Com estas deve pois haver ainda maior cuidado em aproveitar as sementes quando elas derem.

Germinadas as sementes se deixarão crescer as plantas, até que adquiram bastante vigor para serem transplantadas. Deixar-se-ão algumas no lugar em que nasceram, e as outras serão com todos os cuidados que requer esta operação mudadas para lugares convenientes, dispersando-as, mas nunca tirando-as das condições em que elas prosperam naturalmente. O que se fará se visitarão de tempo em tempo as novas plantas até que se achem em vigoroso crescimento.

Com este modo de plantação das árvores, e ainda mais particularmente, com a de novas espécies, que ou foram extintas, ou que se desejam introduzir de novo devem-se ter em vista que cada espécie de árvore requer certas condições de clima, e de local para crescerem com vigor e prontidão. Por exemplo aqui nas matas do Rio de Janeiro os capinhos só prosperam no alto das montanhas; os brasíis nas fraldas, nas várzeas, ou em pequenos morros; os jecais, e coquinhos se encontram por todo a parte, etc. Há árvores de lugares secos, e pedregosos, outras de chão argiloso, arenoso, úmido, etc. Ainda é mais im-

portante a consideração das latitudes; assim os rapinhões, se souber bem informado, não existem para o norte da Bahia, nem para o sul do Rio de Janeiro; certas árvores do Pará e Maranhão seguramente não podem prosperar em províncias mais ao sul; e vice-versa.

Podem-se sem dúvida, e devem-se cultivar tôdas elas em jardins botânicos; mas não para ser aproveitadas para a construção.

Há ainda outra consideração, que lembramos aqui únicamente para exercitar a curiosidade de observar-se, e é que as árvores têm entre si certas relações de simpatias, que convém conhecer-se. Chamam-se sociais as árvores que se dão juntas, e antípaticas as que se isolam anticamente. Sobre isto nada sabemos a respeito das nossas; a regra pois será, a que se deduziu da apreciação natural das florestas, fazendo replantar nelas mais particularmente as espécies existentes, ou as que se extinguiram \*.

Outro modo de reprodução, e mais vantajoso é o do renovo das cepas. Cortadas as árvores deve-se igualar a superfície do coto, e cobrir tôda a ferida com um emplastro (bem conhecido). Não tardam a aparecer grande número de renovos — deixar-se-ão crescer até que tenham certo vigor, então se descurvão delas a maior parte, deixando conforme o vigor e tamanho do tronco, alguns que não devem passar de quatro. Na escolha dos renovos, deve-se ter em vista não só os mais vigorosos, porém os mais inferiores e ainda mesmo providos de raízes grossas (mesmo das árvores cortadas pela raiz), que são os que melhor se seguram e dão melhores troncos. Quando todos tiverem chegado ao tamanho e grossura de darcem paus aproveitáveis se cortarão todos, menos um e mais escolhido ao qual se dará tempo de chegar ao seu pleno crescimento.

Com os renovos deve-se ter o mesmo cuidado que com as plantas, tendo aquelas a vantagem de fornecer madeiras muito mais cedo que estas.

A Administração de cada floresta registrará com todo o cuidado:

- O tempo do plantio das árvores, para se contar a sua idade.
- A época da primeira florescência de cada espécie — notando se florescem todos os anos; e se não, qual é o intervalo, ou período de repouso de cada uma; e se esse período é regular. (N. R.: Esta observação começará logo que a Administração entre em exercício para com as árvores anuais.)
- A época em que começa a aparecer o ocre, nas árvores novas.
- Escolher algumas árvores de cada espécie, para melhor observar qual o seu crescimento anual em grossura, e mesmo em altura.
- O tempo da florescência de cada espécie.

\* Quando se plantar, e devem-se fazer quanto antes, de naturalizar em nossas matas diferentes variedades de outras partes do mundo, muitas das quais têm uso muito particular e são de reconhecida superioridade, sendo as sementes distribuídas pelas províncias cujo clima for mais análogo àquele que produz a Árvore; assim o pinho europeu nas províncias do sul; o mogno, a leva, o sândalo, o ébano nas do norte.

-- A época da queda das folhas de cada espécie, com a circunstância das que se desprendem inteiramente da sua folhagem; das que a perdem pela maior parte; e das que conservam suas folhas com pouco diferença.

— Qual o terreno, em que cada espécie se dá melhor.

— Quais os sinais de seu maior vigor, e quais os de sua velhice, ou decrepitude.

— Quais as que fornecem tintas, e de que qualidade.

— Quais as que dão bálsamos, e resinas, e suas qualidades.

— Quais as que dão sucos leitosos; se brancos, vermelhos, amarelos, e suas propriedades.

Enfim averiguar os nomes indígenas de cada árvore, e sua significação.

*Engenho Velho, 4 de outubro de 1849.*

---

[Nota:] Sendo Ministro da Guerra o Senhor Manuel Felizardo de Sousa e Melo, foi por ele nomeada uma Comissão para apresentar um relatório e projeto de lei para a conservação e corte das madeiras de construção naval. Foi a Comissão formada pelos Senhores Carvalho Moreira, um oficial de Marinha, e eu. Repartimos o trabalho, entre mim e o Senhor Carvalho Moreira, o oficial foi ocupado em estrever. A minha parte é a que se acha aqui em bomão.

563 Relação de algumas árvores que floraram de 1848 a 1849  
(Mandada ao Dr. Martius)

Maçaranduba — *Mimosa elata* (nabis).

Ainda não obtive o fruto; mas os caracteres da flor me parecem suficientes para a determinação do gênero. É ótima madeira de construção civil e naval.

Guaracica — *Lucuma fissilis* (nabis).

É grande árvore; e sua estimação consiste principalmente em fundir-se mais facilmente, de sorte que o tronco se desfaz todo em lascas, ou bastilhas delgadas, e longas de todo o comprimento da árvore, de que se fazem ripas, etc.

Mocitába — *Zaterria mocitabyba* (nabis).

Ainda não tenho o fruto; mas nenhuma dúvida me resta de que pertence a este gênero pelos caracteres da flor. É madeira que tem alguma analogia com a das jacarandas.

Óleo-vermelho \* — *Myrsinpermum erythroxillum* (nabis).

Ainda não tenho o fruto; mas a flor é sem dúvida alguma de um *myrsinpermum*. É madeira de estimação. Há muitos anos que não florascia.

Vinhático — *Acacia malentana* (nabis).

Ainda me falta o fruto; mas a flor é de *Acacia*. Suas flores an longe têm cheiro que não desagrada; mas cheiradas com força e de perto, têm o cheiro das do *Sterculia foetida*; a madeira enquanto nova tem o mesmo cheiro. É este o Vinhático comum de serra-abaxio na Província do Rio de Janeiro; não tem o preço, nem a estimação do Vinhático do Rio de São Francisco, chamado Testa, ou Olho-de-hói, do qual já se encontram alguns nas matas do Paraíba, e de Campos dos Goytacases para o norte.

Oiti — *Brosimum* (?)

A árvore, que aqui no Rio chamam Oiti, e que dá madeira de construção, é, como eu presumo, uma artocáptera. Floresceu este ano uma que tínhamos

\* Espécie-novas das flores-pardas, aquí.

debaixo das vistas; mas infelizmente perdeu-se a flor, tendo apenas examinado algumas mui novas; pelas quais me pareceram ser do gênero *Brosimatum*. É indivíduo masculino. Esperemos até que de novo floresça.

Jacarandá — *Machaerium*.

Tenho obtido este ano a flor de algumas espécies; mas faltam-me de outras, para completar o estudo destas preciosas árvores. Eis aqui o que temos conseguido:

1.º Jacarandá — *Machaerium scleroxylum (nubis)*.

É este dos mais estimados; dele se fazem os dentes das rodas, e das moendas nas nossas grandes máquinas de madeira; e que hoje se vai substituindo pelo ferro.

2.º Jacarandá-roxo — *Machaerium firmum* — *Nissolia firma*, Veloso.

Substitui o precedente.

3.º Jacarandá-pétreo — *Machaerium incorruptibile* — *Nissolia incorrupta*, Veloso.

Este não é muito comum, nem tão usado como os dois precedentes, aqui pelos lugares que tenho visitado. Dêle só tenho o fruto; ainda não pude obter as flores.

4.º Jacarandá... — *Machaerium legale* — *Nissolia legalis*, Veloso.

Esta espécie ainda não tive bem averiguado; parece-me ser uma que nasce hoje muito pelos campos, e matos secundários, onde não a deixam tomar grande crescimento. Dêste só tenho por ora fruto.

5.º Jacarandá... — *Machaerium dubium (nubis)*.

Esta árvore tem em seu aspecto, e na sua madeira muita semelhança com o jacarandá; mas sem dúvida alguma é espécie distinta. Dêle só tenho por ora fruto.

6.º Jacarandá-de-espinho — *Machaerium jungens (nubis)*.

É outra qualidade de jacarandá, cujos ramos são armados de duros e agudíssimos espinhos. Seu lenho é roxado, com veias pretas. Achei-o mais comum nas matas de Maricá, que nas do outro lado da cidade.

Aqui ficam referidas seis espécies de jacarandas, todas madeiras de lei, e reconhcidamente distintas por seus caracteres botânicos; mas tenho razões para suspeitar que ainda outras existem aqui mesmo nas florestas do Rio de Janeiro.

Angelim — *Machaerium heteropterum (nubis)*.

É uma bela árvore, a que chamam aqui Angelim pela semelhança de sua madeira, que é amarela, com a do Angelim-amargoso. Por todos os seus caracte-

tores principais é do gênero *Machaerium*, mas tem um *habitus* muito particular. Veste-se de flores roxas, estando despida de filhas; seu fruto é de particular, e diverso das espécies de *Machaerium* que eu conheço, as veias da ala quase perpendiculares à nervura dorsal, pouco mais ou menos como represento aqui:



Caráter que me parece aproveitável para a espécie. Em todas as outras espécies que tenho visto são as veias da ala retináculares e dirigidas no sentido do comprimento.

*Sepepêu* — *Ferreirea spectabilis* (nubis).

Floresceram estas árvores pela primeira vez o ano passado, de antes de 1840 para cá. Têm em suas flores os caracteres essenciais do gênero *Baudichia*; mas o fruto é de uma estrutura perfeitamente semelhante à do *Machaerium* supra, como se vê no desenho, que aqui faço:



poço que o considero como tipo de um gênero novo; e o dediquei ao nosso célebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. É árvore das mais corpulentas; sua madeira é de estimação. Floresce estando inteiramente nua de filhas; as flores são miúdas, dum amarelo desmaiado, e dispostas em raios fasciculados.

*Ipê* — *Taxota*.

Também nestes dois anos de 1848 a 1849 floresceram grande número destas árvores; o que me ofereceu ocasião de estudar e discernir melhor as suas espécies; e dissipar até certo ponto a obscuridade que reinava sobre estas árvores.

1.º *Ipê-urúim* — *Taxota validae* (?) (nubis).

Aqui no Rio de Janeiro é esta espécie mais procurada, em razão da firmeza, e duração da sua madeira. A menção das espécies descritas no Pro-

*obumis* de De Candolle, achei convir esta planta, por isso a suponho espécie ainda não conhecida; mas como me restem ainda algumas dúvidas, não o afirmo, com toda a certeza.

2º Ipê-águia — *Tecoma magnis* (?) (*nobilis*).

[*Tecoma*] *Speciosa* (?) De Candolle.

*Bignonia longiflora* (?) Veloso.

Parce-me espécie nova; mas não ouse afirmá-lo definitivamente.

3º Ipê-do-campo — *Tecoma fluorescens* — *Bignonia fluorescens* Veloso.

Só tenho por ora visto esta árvore pelos campos, e capoeiras; mas segundo muitos se vêem nas matas vírgens. A sua madeira ou cerne tem uma cor amarela de gengibre da Índia; e é pouco estimada. Algumas outras espécies, creio eu, crescem pelos campos, juntas com a precedente, e que não estão bem de- terminadas; nem eu duado ainda investigar este ponto.

4º Ipê-batata — *Tecoma levigata* (*nobilis*).

Esta espécie me parece incertamente nova; vi-a com Jor o ano passado pela primeira vez. As flores são brancas; as folhas trifoliadas, digitadas; o fruto glabro; não dá cerne; mas de sua madeira se faz tabuado, de algum préstimo.

5º Ipê-roxo — *Tecoma carinalis* (Veloso).

Esta espécie é rara, ou mesmo não existe nos arredores do Rio de Janeiro; é comum para a serraninha, segundo me informam. Olhive o seu passado a Hor, que é roxo, e com os caracteres do gênero *Tecoma*; mas não tenho fruto, nem mesmo folhas, que segundo o desenho e a descrição de Veloso é pinada (deve haver imperfeição, ou engano em Veloso).

E madeira de cerne, e estimada.

Destas cinco espécies de *Tecoma* posso afirmar que são distintas. O que ainda não pude fôr determinar com segurança, quais as que se acham já descritas nos Autores. E uma das principais dificuldades com que tenho lutado é a inconstância nos caracteres específicos. Assim o número dos folíolos em cada lâmina varia até no mesmo indivíduo, de 5 a 7. A orla das folhas pode ser inteira, ou mais ou menos dentada em indivíduos da mesma espécie, e até no mesmo indivíduo; enfim o tomento formado de pêlos estrelados pode ser mais ou menos baste, e mesmo faltar inteiramente. Será preciso pois um estudo comparativo avançado, não só entre as espécies, mas entre os indivíduos da mesma espécie, para se chegar a alguma coisa de positivo.

Louro... — *Cordia mertensiana* (*nobilis*).

Bela árvore, cujas flores vi pela primeira vez este ano; infelizmente perdiu-se o fruto; o seu lenho ou cerne é brando, leve, e de suavíssimo cheiro.

Pequiá-marfim — *Aspidosperma eburenium (nobilis)*.

Madeira fina, e suscetível de grande brumido; imita o marfim; e é muito estimada.

Pequiá-amarelo — *Aspidosperma sessiliflorum (nobilis)*.

Faz-se desta árvore bom tabuado; mas o seu lenho não é de uma textura tão fina, como o do precedente.

Nota: Ainda não tenho certeza do nome específico trivial — *nobilis*, e é o maior número, lhe chamam *amarelo*; outros dão este nome ao Pequiá-marfim. Alguns lhe dão o nome de Pequiá-açu.

Jundiaíba — *Terminalia*.

Colhi o ano passado fibras desta árvore; mas perdi o fruto; no entanto não tenho dúvida que pertence ao gênero *Terminalia*. O fruto, pelo que pude ver, deve ter cinco alas. Ainda não determinei a espécie.

Bicuiba-da-Jóia-miúda — *Myristica officinalis*.

Esta árvore não dá cerne, ao menos ainda não pude ver, por isso não tem estimativa alguma a sua madeira; aproveita-se o fruto, de que se extrai o óleo chamado de bicuiba.

Bicuiba-da-Jóia-larga — ou Bicuibus — *Myristica grandis (nobilis)*.

Árvore das mais corpulentas, sua madeira, ou cerne é de um vermelho escuro, e muito estimada para obras várias.

Jiquitibá \* }  
Imbiruçu } *Cecropia*.

As várias espécies desse gênero reclamam um estudo particular. Este ano colhi as fibras de algumas; faltam-me os frutos.

Tatagiba — *Macharia*.

Pela primeira vez colhi esse ano flor e fruto do indivíduo feminino; ainda não pude ver o macho. O lenho é de um belo amarelo, e dá muita tinta. Com certeza deve pertencer ao gênero *Macharia*, e não ao *Broussonetia*.

Nota, Creio, como Vossa Senhoria<sup>27</sup>, que há várias espécies a que dão o nome de Tatagiba. A árvore que vi este ano pela primeira vez em flor e fruto, é somente o indivíduo feminino: tem mais os caracteres do gênero *Macharia* que do *Broussonetia*. Não posso afirmar se é alguma das duas de Veloso — *Macharia bicoloria* e *Macharia tatagiba* (que podem ser indivíduos da mesma espécie) nem também se é alguma das que vêm no seu *Herbarium*, páginas 249 a 250.

\* Na relação que enviei lhe a Tatagiba antes dos Jiquitibá.

27. Cf. Catá., n.º 110.

Os caracteres mais notáveis da mesma planta são: "Arbor, cortice lactescens, ligno vivide luteo; trunco, inferne spinis horridis armatur. Spines ramiulis anterioribus plus minus ne elongatis, provenientes, ramose, scilicet summo pediculis, 3 vel 4 stellatis dispositas. Folia disticha, ovata, basi oblique et obsoleti cordata, apice acuminata, ambitu serrata, utrinque pilosa (...) pidiu comparsa stipulas acutae, evanescas.

*Flores* *feminae* in *amentum* *globosum*, axillare parco pedunculatus, dispositi.

*Fructus* *globosus*, *akenis* *carnosis*, *arcu* *conjugatis* *cum* *bracteolis* *interpositis*, *conjectus*; *indique* *stilis* *sive* *stigmatibus* *piliformibus*, *per* *tentem* *pinnae* *longissimis*, *disparsis*, *tenibus*, *sparse* *cooperata*. *Semina* *fuscobrunnea*, *irascula*. *Fuligine* *intra* *album* *pericarpium* *inclusum* *radicata* *longa* *armata*."

N.B. — Sem dúvida ainda não se acham aqui todos os caracteres para bem descrever esta planta; mas a ausência do *Gymnopodium bacatum* e *longo* *exerrum*, etc., me parece bastante para a não considerar como um *Brosom* *sonstia*. (esta N.B. foi também na relação).

(Esta nota, e a procedente, foram em folha à parte, na relação que mandei ao Martius; porque foram observação que me ocorreu depois.)

Muitas outras plantas colhi, mas de menos importância; por isso para aqui. Vossa Senhoria comparando esta relação com a que lhe mandei antes, reconhecerá que não tenho escrito ocioso; antes alguma coisa tenha feito em proveito da Ciência, pelo menos os meus esforços são dirigidos nesse sentido.

*Nonnea trifolia*  
 Mocitaiba, vel  
 Moçitaiba  
 Jacarandá-moçutuiba  
 Miris-preta

*Arbor excisa: cortice trunci crasso, secco, non ramoso, fuscopubescenti, lichenibus variis maculato: materia dura, ponderosa, odorosa, atra-purpurea, apertibus diversis aplo, et quae sibi ramis novellis teretibus, lenticibus, glabris: rima dense foliata.*

*Folia simplicia, alterna, breviter petiolata, elliptica, vel obovata, basi acuta, vel crenata, apicem acuminata, margine integra; coriacea, glabra, lucida, facie visidius nitens, quam dura; rachide, costis, venisque reticulatis non modo infra, sed etiam supra prominensibus. Stipulae foliaceae foliaceae, acutae, aliquantibus permanentes.*

*Flores numerosi, mix odorei. Pedunculus angustus pilis subtilibus, roris, ferrugineis inspersus; ad divisuras bracteolæ inunitus: pedicelli breves bracteolæ duabus subaequididis instruti. Calyx, in altius in acuminatus, integer, clavus, puberulus; sub anthæsi irregulariter reptus, cito decidens. Corollæ aestivæ papilionaceæ, petala quinque inaequalia, portium maxima, subrotunda, albonigra, post anthæsin patentia, fugaria. Stamina decem, circa ovarium convergentia, petalis breviora, aliquantum ascendentes, quinque alterna parum longiora; filamenta brevia, subulata, glabra; anthæstæ basifixæ, erectæ, basi emarginatae, apicem acuminatae, bilobatae, loriculæ oppositis, rima dehiscentibus. Pistillum erectum, salutatum, stamina parum superans: Ovario basi attenuato, apice in stylum brevem curvum, continuo, extus fuscopubescenti, multicostatum: cruris anatropis, transversis: stigma punctiforme.*

*Fructum perfectum non vidi.*

*Habitat sylvis primævis: octobre florebat.*

Rio de Janeiro, 11 de junho de 1848.

Francisco Freire Alemán

ICONIS EXPLICATIO

Fig. 1.<sup>a</sup> *Ramus floriferus* — magnitudinis naturalis: (a) *Stipula*.

- " 2.<sup>a</sup> *Petala, clausa*.
- " 3.<sup>a</sup> *Petala, apertis incisivis*.
- " 4.<sup>a</sup> *Flos, nuper aperitus*.
- " 5.<sup>a</sup> *Diagramma*.
- " 6.<sup>a</sup> *Flos aperitus, desuper visus*.
- " 7.<sup>a</sup> *Petalum*.
- " 8.<sup>a</sup> *Flos aperitus a latere visus*.
- " 9.<sup>a</sup> *Staminis*.
- " 10.<sup>a</sup> *Idem, facie visus*.
- " 11.<sup>a</sup> *Pistillum*.
- " 12.<sup>a</sup> *Idem, parvatum, ova ab ostendens*.
- " 13.<sup>a</sup> *Fructus valde juvenis*.
- " 14.<sup>a</sup> *Idem, parvulum, semen intum, et ova plura sterilia ostendens*.
- " 15.<sup>a</sup> *Semen*.

Pefo que mostra o fruto parece indeciso; dos óvulos grande parte as mais das vezes aborta; semente anatropa; episporo membranoso; embrião sem endosperma.

Esta grande árvore fornece excelente madeira, que assemelhando a das jacarandás lhe tem merecido o nome de jacarandá-muçumuba<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> Nora da época posuetur.

Por me da morte vira este livro retro para a  
biblioteca do Museu Nacional

25. Jan. 1888



25. Jan. 1888  
Zollernia mucilaginosa

O Sr. Henrique Teixeira faz presente esta  
aventura, acostumada com o nome de mucilaginosa  
sobre este.

*Zollernia mucilaginosa*. O desenho desmembrou-se do texto e pertence hoje ao Museu Nacional. Reproduz-se do Bol. do Mus. Nac., n.º 22, artigo do Dr. Luis Emílio de Melo Filho sobre a denominação da espécie.

## PAPEIS DA EXPEDIÇÃO AO CEARÁ

607

[Notas sobre Fortaleza e Pacatuba]

16-II-[1859]

Conversa com o Senhor fazendeiro...\* situado nas altas da Serra de Ara-  
tanhá (diz ele que ali na água doce há uma qualidade de camarão pequeno  
com uma das unhas muito maior que a outra, que se chama uratanhá).

Conversou muito, disse muita coisa de que pouco me lembro agora. Diz  
que o sítio onde está hoje a cidade de Fortaleza era uma mata, não há muitos  
anos, pois que ele veio aqui estudar latim, quando as matas ainda abun-  
dantes.

Pau-ferro — São árvores pequenas dos lugares marítimos e só servem para  
estacas ou coisa semelhante; que o não há nas grandes matas.

O Angico — Bela madeira de móveis; e mostrou na sala um sofá de angico,  
que eu enidava ser de mogno.

Cotugão-de-prego é a madeira a mais dura, e resistente daqui, diz que tem  
semelhança com a aroeira. Cedros há muitos. Gonçalo-alves há nestas matas.  
Brasil não há na Província. Vinháticos também não (amarelos).

Diz que a cultura do algodão tem destruído grandes porções de mata.  
Hoje com a cultura do café, estão também se descobrindo os montantes que  
dantes se conservavam nas matas.

Em alguns lugares se escravizam as terras.

Os cajueiros fertilizam as terras.

Alguns cultivadores de mandioca metem nas covas (mutambor) porção  
de 100kg secas de cajueiro, com que vem a mandioca muito bem.

\* Era o Senhor José da Costa e Silva que mora em meio pouco seco ou seco da  
terra, e seu sítio se chama Bon Vista, onde temos escondido várias véses (23 de julho).

VEGETAÇÃO DESDE A FORTALEZA ATÉ PAGATUBA<sup>29</sup>

Nos arredores da cidade, ou antes em uma faixa de profundo areal, e de largura de dois a três quartos de légua da borda do mar, há a vegetação chamada carrasquenhar ou de tabuleiro; são matos cerrados, ou muitas de arbustos e pequenas árvores\* cujas famílias predominantes são: solanáceas, euforbiáceas, principalmente crôtonis, mirtáceas — uvaías, gabirobas, etc., etc.; melastomáceas só há a chamada manzpuçá, fruto excelente e saboroso, espécie muito abundante em neciezes. Várias leguminosas, dentre estas o parpatimão, cujas árvores só são pequenas e enfezadas, e mimosa com a *Jurema* etc., etc. Poliganáceas há várias espécies de *coco-loba*; a *Cad-áçu* — cujo fruto é cerne, o *cururu*, etc., etc.; uma dileniácea tetrâmera cípula logo; algumas passíforas; o maracujá-de-catalo, o de-tabuleiro, cuja flor é suberba. Malpighiáceas; o *murici* muito abundante, e o *café-do-mato*, e outras *bixa-oxímora* arbóreas; poucas malpighiáceas trepadeiras, assim como poucas sapindáceas; uma *mesquitinha* comum — *Catingueira* — pau ordinariamente óco, dá muito boa lenha, serve de bica etc. *Sabiá* — uma imbuasácea abundante que serve para lenha. O pau-de-lacte *Vitória* é abundante; uma espécie de *chiocora* de flor amarela muito abundante — trepadeira — alguns tetrâmeros muito lindos e cheirosos. A rubiácea chamada *Angélia*, pequena árvore do gênero. Rígnárias há algumas e bonitas, e entre elas o *pau-d'arco*; uma *apuleia* que chamam *pau-ferro* árvore medianha. O *juazeiro*, o *cajucito* e *cajazeira* nascem por toda a parte, e dão grandissimas árvores, assim como a *ateira*. Das plantas rasteiras há muitas e lindas *portuláceas* e *turneráceas*. O *cannari* legitimo, *fontana*, cujos cones variam do amarelo ao amarelo-dourado, ao alaranjado e vermelho. Há outro *cannari*, que chamam *enteiro*, que é uma *Synanthemum Boursigia*, de belas flores — arbusto que achando enobro sobe à altura de três a quatro varas. *Tatajubas*, *guajirus*, muitas solanáceas, principalmente dos gêneros *Cratene* e *Solanum*, *Crinobetonea*, etc.

Saindo dos areais e onde começa a aparecer terreno mais barrento, vi numas baixadas (unida em Tauape) alguns pés de *cássia* de grandes folhas que se cultivava nos jardins do Rio (vide o desenho que fiz na *Obra* de João Vélosa).

No Carnaubal, lugar alagadiço, e com lagos vi nos brejos a cana de flor amarela; ai pela primeira vez ouvi cantar a rôla, chamada (*Ingo-pagouf*).

29. Dizeria a terra: "Iau presta, rebazar-se".

\* Entre Coari e Muçumipe há extensas matas, que não se dão como as das serras, e usados em rede de pesca. São grandes árvores de construção. Vide viagem a Coari (11 de junho de 1859).

Em Tapiri onde há uma laguna, que agora está ainda sem água, ou com pouca, vimos a única *Oxalis*; deste lugar em diante o terreno já mais barrento tem vegetação mais vigorosa: algumas mimosáceas arbóreas que representam aqui os nossos eucaliptos.

Ao chegar ao rio Ginetipabu, começam a aparecer as manjedouras (borracha) e o pau-branco, e logo dêsses rio em diante abundam essas árvores, até chegar-se à terra da Munguba (Aratamia), onde há grandes árvores da *Bombax Mangaba*.

Nos arredores da terra da Aratamia, Maranguape, etc. e ainda pelas várzeas, ou antes terras baixas há uma vegetação vigorosa, com grandes árvores de construção: aqui achamos a *Centrose Speciosa* em flor, e o soldado que me acompanhava a denominou quinaquinha.

6-IV-1859

Ontem, 5 de abril, encontramos na estrada de Baturité um fato de ovelhas e cabras inúmeras, que vinham de sessenta léguas (Riacho do Sangue, no sertão) diz o condutor; era tudo pequeno, magro, de má aparência, e pedia por cada peça quatro mil (é comprado tudo 3500).

Um réis para o açoitugue aqui em Pacatuba, diz o Senhor Justa, custa de 40 a 80 mil-réis; assim também na cidade, onde ao menos se vira mais barato. Diz ele que o galo que se demora aqui ou que volta da cidade adoece com a passarinha inchada (seguramente pela água, e alimentos diversos dos do sertão onde se criam).

A carne de vaca em Pacatuba custa 200 réis a libra; na cidade a 200 e 240.

A de porco a 240; o toucinho fresco a 320, na cidade 640.

A carne seca a 240.

A galinha 640, 800 e 1000; ovos a 20 réis em Pacatuba e na cidade a 40.

Açúcar grosso na cidade 200; aqui 240.

Refinado na cidade 240; aqui 400.

Bucalhão aqui e na cidade 200 a libra.

Farinha a 300 réis a quarta na cidade; a 640 e a 800 aqui. O preço varia.

O arroz de casca 180 a quarta em Pacatuba, arroz de casca na cidade a 160 a libra.

Milho a 540 a quarta (320 a têrsa, que é meia quarta).

Café secado aqui 160 a 170, na cidade 200.

É bem claro que êstes preços são os de agora. Mas eles variam segundo a carestia ou abundância dos gêneros — e segundo a localidade: ainda em 52 eram mui baixos, e o preço dum alugado era 160 réis.

10-IV-1859. Pacaruhá

[CONSTRUÇÕES]

Os edifícios e casas da cidade são construídos com tijolos e a argamassa é sómente dumia espécie de superfície, a que ajuntam alguma areia mais, e sem cal; creio porém que nos edifícios maiores — igrejas, etc., se lhe ajunta alguma cal. A cal aqui é de pedra que abunda em alguns lugares; é porém bastante casca. Pode também ser que essa terra, ou superfície que empregam com argamassa tenha já de si alguma cal. Os tijolos de ladrillo, ou são os mesmos de alvenaria ou os mandam vir d'Inglaterra e são hexagonais; os fajados dos passios são de pedra levada inglesa, mas pela maior parte são de ladrilllos com arte dispostos, seguros com uma bordadura de tijolos em pé.

As telhas são como as nossas, exceto algumas que tenho visto que são angulosas em vez de curvas; conserva-se os telhados sempre, ou por muito tempo limpos e vermelhos; não usam tomar as telhas senão nas cunhícias. O madeiramento do telhado é de bicas de carnaúba sobre as quais assentam os canos dos telhados; noje porém nos melhores edifícios não usam da carnaúba, mas de pernas de serra, para caibros, e de tábuas ou serratos para ripas (a casa que habitámos em Pacatuba, que é de telha-vi, como mui geralmente se usa, tem o madeiramento do teto mui bem feito, e as telhas coloradas de forma que se não vêem as suas junções, que ficarão sobre o encipado que é de serrafes; não se vê um caco, é tudo telha escolhida, e muito igual). A madeira mais usada na construção das casas é tabuado de oréo, para tudo, até para soalho, e sobre o chão; os barrotes são de grueira, e de pau-branco, as portadas de pau-branco. As portas ou são feitas de tabuinhas estreitas, ou fingindo-as, postas no mesmo plano, com trabalhos, que têm em todo o comprimento a mesma grossura.

As bandeiras, ou são de vidro, ou de madeira rendeada, o que fazem de várias formas e bonitas.

Usam pouco de casas de estejos; mas as casas antigas e fábricas antigas são de estejo. O melhor estejo (diz o Senhor Costa, do Rio Formoso) é o coração-de-negro. O mais madeiramento é principalmente de pau-d'arco.

[ENGENHOS DE AÇÚCAR]

São fábricas muito brancas mas quase todos que tenho visto têm moendas de ferro. Dos engenhos que tenho visto é o do Tenente-Coronel Franklin de Lima o mais bem construído. Alguns têm as moendas, mesmo de ferro, expostas ao tempo, ou apenas com uma coberta de palha; só a casa de cozinhar é que é fechada, com baixões, fornalhas e alambiques de tijolos; mas tudo sempre em proporções mesquinhas comparados com os do Rio. A fumaça entra por toda a parte. As moendas são de ordinário puxadas por

bois. Antecenho (8 de abril) passamos o dia na Fazenda do Senhor Costa, no Rio Formoso, onde vimos pela primeira vez um açude (é que está arrombado). Estava o engenho moendo. As moendas são horizontais e de ferro, movidas por umas dez almanjares puxadas por dois vigorosos bois que se alternam, ou mudam quando se mostram cansados. Um molequinho de oito a dez anos agarrado à almanjara como um macaco tocava os bois; um preto velho, sentado metia a cana e dois negrinhos, para menos de 12 anos vestidos só de uma camisola, tiravam para fora o bagaço.

Nos tachos trabalhavam um pardo, e uma preta com escumadeiras feitas de cabaço grande; era um meio cabaço, com furos no fundo, e suavido por um longo cabo de pau. Parecia-me ao que nos nossos engenhos chamam pomba. Com este instrumento escumavam, passando o caldo dum para outro tacho, batiam-no, etc.

Um único engenho que pude ver em Pernambuco era peior que este.

Para exportação só fazem açúcar mascavo; algum branco para consumo; e muitas fábricas, ou engenhocas só fazem rapaduras que consome o povo e que transportam para o sertão.

Como disse, passamos o dia com o Senhor Costa, dia de inverno, com grandes chuveiros de tempo em tempo. Tratou-nos ele e sua senhora o melhor que podíamos desejar; mesa farta e variada, leite *colhido*, requijão, queijos mui bons feitos no seu sítio de crista, arroz de leite excelente. Tivermos cuscus ao almoço, excelente café com leite, vaca, carneiro, galinhas, etc. A senhora, que é ainda moxetona e formosa, agradável, desenbarajada não se sentava onde estava o marido — dois filhos pequenos (macho e fêmea) e nós os hóspedes, que éramos da Comissão quatro, o Capitão Justo, e um seu primo, que nos acompanharam e são parentes, e mais um pardo vizinho, primo, ou irmão bastardo do Sr. Costa — estava de fora servindo a todos, conversando, etc.

O Senhor Costa, homem de 54 anos, grande, gordo, comilão, falador, bem que sem instrução, é todavia inteligente, curioso, e conhecedor do seu país. É coisa que aqui tenho reparado, os homens quase todos com quem tenho conversado conhecem mais ou menos a sua província, e às vezes dão notícias das vizinhas; todos têm visitado esta ou aquela parte longínqua dos sertões. Falam dum lugar, perguntam-se-lhes a que distância está: 60-100 léguas e mais. São ainda mui curiosos, e o que não vitam sabem por notícias. Isto é coisa rara lá no Rio, cada um sabe apenas da sua freguesia. Para esta mobilidade dos habitantes salvez concorda a facilidade dos caminhos por terras sempre planas, e a vida erradica do pastoreamento do gado.

Este Senhor Costa (como do irmão José da Costa, que mora aqui na Aratambu) obedece muitas notícias, de várias coisas e de plantas e madeiras; disse-me também que as matas baixas, cerradas, de beira-mar se chamam matas de beira-mar; que chamam-se *tabuleiros* as planícies arenosas cobertas de muitas de mato baixo e carrasquenho, onde predomina o murici, o manapuã, o qua-

jeruá (*Pitmevia brasiliensis*) e o canário, entre que os mares aqui juntos às serras, semelhantes às catingas do sertão se chamam simplesmente mares, e seus habitantes matutes. Os sertões são de natureza muito especial, na qualidade das terras e nas vegetações que é de campos, e capões de catinga (que é aqua mata alta) e seus habitantes, criadores, se chamam sertanejos. Ele já teve fazendas de criação; atormentado pelas secas, maledicidas, e roubos de gado, desgostou-se, e veio estabelecer-se aqui, com fábrica de açúcar. O nome de Senhor de Engenho não é aqui usado, nem distintivo como entre nós do Sul. Há oito anos que aqui fêz o seu engenho do Rio Formoso; era então ainda o lugar inculto, e de mata virgem.

Não tive a curiosidade de lhe perguntar qual era o rendimento do seu engenho; mas acredito que não será grande visto a importância e aspecto do estabelecimento. É muito desleixo, o mato entra quase por casa, não vi campo limpo; e o açude ao pé do engenho forma ai uma grande lagoa, e charco para baixo, que não podem ser saudáveis. Há nesse açude e nos arredores muitos pássaros, marrecos, pombos, tiribas de várias espécies. Parece ter poucos escravos, e de necessidade aluga trabalhadores.

#### TRABALHADORES

Atualmente um trabalhador de enxada custa 520, mas querem já 400, o de foice, 640, o de machado 1000, dando-se a comida. A comida consiste em feijão (atmôco) ou carne com pão (jantar), e de noite inhame, ou coisa semelhante.

Apanham café, por 1000 ao alqueire, (que é 8 quartos novos), dando-se comida.

A gente livre aqui, que constitui o povo é toda mastiça, mamelucos, cabras, etc. Trabalham pouco para si fazendo pequenas roças, gostam mais de se alugar, porque assim estão certos de passar melhor e comer carne diariamente (o bacalhau hoje está sendo grande alimento pela carestia da carne), usam poucos de verduras, o jerubium, a banana, o inhame, pouca batata, é um bora sustento — mas plantam pouco.

Há grande número de frutos silvestres que eles comem, como é o caju e do qual fazem o Macororó espécie de bebida inchante. Comem também o jenipapo. O maru, ou fruto da marizeira é admirável, cai no chão de maduro, colhem-no e o cozinharam; abre-se por si, e então tiram o falso que serve de farinha; é uma sorte de fruta-de-pão: mas ninguém o planta, esperam que a natureza o dê. O caco-da-baía, que aqui chamam dona-praia é uma árvore admirável nestes lugares; está continuadamente carregado de numerosos e grossos cacos; quando um caco está maduro, outro de vez, outro verde, outro nascendo, etc. Dizem (Dona Brasilina) que cada coqueiro dá 24 cachos por anos; e isto anos continuados. Dizem que duram mais de século (têm um ini-

migo numa espécie de bidão que lhe dá no ânago). O côco da carnaubeira serve para o gado, e também o come a gente, assim como o do Catolé. Aqui por baixo só tenho visto estas três palmeiras. Na serra há uma, sendo mais, a que chamam palma, que serve para cobrir as choças, como a carnaubeira.

A habitação do povo, logo em redor da Capital, e por todo a parte, que aqui tenho visto, é a coisa mais miserável, que se pode imaginar. Há, conforme o seu tamanho, um certo número de forquinhas rústicas, sobre que se atraossam uns varais também tuscos, em cubro e em ripa do mesmo mato, e obtém com palha de palmeiras as paredes, que são as quatro exteriores, das quais nem sempre são completas, e uma interior que divide a padaria em duas partes — a alcova e a sala, que também é cozinha. Essas paredes são também tecidas de galhos de palmeiras, raras vezes são totalmente paus apicados e berrados. Em alguns casos tudo serve para paredes; ao pé do matadouro, na cidade, são os chibos do gado; ao pé dos engenhos é o bagaço da cana, com que formam paredes, e até telhado. Vêem-se também disparates curiosos; por exemplo, a choça coberta de telhas e as paredes de palma, ou bagaço de cana. Em reda da Capital algumas têm paredes de tijolo, rebocadas e mesmo caiadas, cobertas com palmeira, etc., etc. As portas das choças são de ordinário formadas também de palhas, e as melhores, com trilhos de esteira. O pavimento é o chão raso, e às vezes mui ônulo, os móveis são de ordinário cebos, as camas rústicas (a este respeito lembrei que apetecem estivemos numa casa das [mais] ricas aqui de fora, de Senhor de Engenho, e depois do almoço se arrumaram nas salas 9 rústicas mui limpas e bonitas; nelas todos nós, donos e hóspedes, nos reclinamos para conversar, isto entre um faro almoço, e tão bom jantar. Santa vital).

As casas estão cheias por todas as partes, onde se pode estender uma rede de ganchos de ferro chumbados — armaduras —; por exemplo, numa sala, ou alcova quadrada com quatro se estendem 5 rústicas; pelos corredores, por toda a parte. As cordas por onde se prendem as rústicas se chamam — juncos — e as rendas ou bahados que pendem dos trilhos se chamam — armaduras.

#### CONSTRUÇÃO DAS CASAS

As portas são feitas de tábuas estreitas, e quando não, as fazem imicando. As travessas, são de grossura igual aos extremos, o que é feio; mas serve bem para um caso particular; em portas de duas metades e interiores (como na casa em que moramos em Pacatuba), as meias portas se fecham pela mínima pressão, ou aperto, e ficam tão fechadas que de dentro é moi difícil abri-las — e não têm fecho de qualidade alguma. Também isso só tenho visto aqui.

Há uma forma de postigo também particular; isto tanto na cidade, como por fora: em portas singelas, da parte da fechadura serrase pelo meio, até largura conveniente, e a parte serrada fica servindo como de janela, com dobradiças e fechadura.

Usam muito de banheiras de lâmina pendente de diversos moldes; provavelmente com o fim de refrescar as casas, mas nas casas modernas e nobres põem vidraças.

Usam de rótulas nas casas térreas da cidade. Nas casas de fora e mesmo nas [da] cidade costuma deixar alguns apartamentos sem fôrto; e os diversos repartimentos comunicados entre si pelos vãos superiores; chegando as paredes só até a altura dos frechais — isto com o fim evidente de arejar e refrescar as casas. Para mim não sei se se consegue o que se intende aqui em Pacatuba o meu quarto é desses, mas de dia há muito calor.

As paredes de pau-a-pique chamam — encanadas — e aos paua-a-pique chamam — cipraxeamento.

11-IV-1859

Mãe-da-chuva, chamam os nimbos. Hoje (11 de abril em Pacatuba) andando herborizando acompanhado por um pequeno, que terá seis anos, cabrinha, lindo rapaz inteligente, olhando ele para um lado donde vinham nuvens escutias, que ameaçavam chuva, me apontou dizendo: olhe a mãe-da-chuva, ai vem chover! Falando ele em jenipapeiro perguntei-lhe se comia, respondeu por esta exclamação — encôl! — moi comum entre eles e que pronunciaram com a primeira sílaba rápida e a segunda demorada e com acento particular. Quando respondem pela negativa dizem — não — com rapidez e certo arranço particular. O sim tem também um acento particular. Todas as palavras são pronunciadas com um sotaque ou acento particular, que é agradável nas crianças e senhoras, abrindo e demorando certas sílabas, por exemplo: Canaçana, Caçanara, assobião, passarinho, Maria, mulaatinha.

Pabudagem — gavolice, burlonada.

Ter vexame \*, estar vexado — é ter qualquer desgosto, ou dor, ou incômodo de físico ou moral.

Qualquer — empregam sempre dum modo particular; assim dizem: qualquer um homem, qualquer uma coisa, um qualquer homem, etc.

16-IV-1859. Pacatuba

Hoje depois do meio-dia fomos banhar-nos (eu e Manuel) à cachoeira do Senhor Antero... moço que estudou no Rio, e foi guarda-marinha. Em

\* Ontem (23 de maio à noite) uma das filhas do Senhor Valente, contando que estando alguns moços banhando-se no rio Atacati de noite, três delas mais ousadas se meteram pelo rio dentro e caíram num perau, entrando a guitar pela Senhora do Remédio. Não houveido quem as acudisse e calando-se elas, entenderam que estava brincando. Ela que estava na praia ouviu, despiram-se e atiraram-se ao rio; subiram os moços já com fala, tendo bebido muita água e os arrastaram pelos cabelos... Depois de contar esta cena exclamou ela: Foi uma noite de avestruz! Nós dissemos uma noite bem fria! (24-V-1859).

caminho vimos uma árvore de grandes folhas e mui copada, que desconhecemos; soubemos depois ser a urticaria, comum e sombreira nos sertões. Em frente da casa achamos um famoso pé de urumbeba (*cactus rosea*) plantado, muito mais desenvolvido e com mais flores que as do Rio. O Senhor [Antero] cuida que veio do Pari, e aqui lhe deu o nome de *Rosa-de-cateiro*. Havia também um pé de tacajuba novo.

O Senhor Antero nos recolheu em uma casa que é antiga, grande, rija, com varanda aberta, com acento de tijolo junto à parede de dentro, janelas e portas pintadas de vermelho. A casa é de estilos de aroeira, que ainda estão bons; ela tem mais de 60 anos. Foi uma das primeiras feitas neste lugar. Aqui notei o trechal da varanda assentado com cunharia sobre cortes em bôca de lobo — é telha-vô. Estando ai caiu uma forte paneada de chuva; durante a qual vieram dois senhores, um mano e outro parente dele, correndo do banho onde os surpreendera a chuva. Entraram todos molhados e rindo-se do lôgro. Passada a chuva nos dirigimos também para o banho. O rio corre aqui por entre penhascos amontoados, e só se chega ao lugar do banho andando sobre êles. O banheiro é excelente, sombreado por grandes gommeliras, e a água cai de uma bica na altura dum homem, com grande força e sobre uma pedra redonda que lhe fica em baixo e que serve de assento a quem quer receber a queda d'água. Manuel despiu-se e se meteu em baixo da bica; eu estando muito suado apenas entrei na banheira e banhei-me até a cintura. O Senhor [Antero] nos havia mandado um prato travesso com facas e com boas laranjas, atas e mangas para comermos no banho; eu comi uma laranja. Saídos do banho, fizemos uma colheita de plantinhas pelo caminho. Este sítio está já na fralda da serra da Araianha. O terreno é dum barro denegrido, úmido, peligroso e o seu mato rasteiro tem muita analogia com o do Rio de Janeiro, predominando algumas espécies que são também lá comuns:

Coração-de-idade, Pipi (com vito estames), Rochmeria, Andacta, uma oxalidá, que talvez a tenhamos lá também, uma piperácea, mui semelhante a nossa pariparoba.

Outra arbustiva que aqui chamam pimenta-lunga, e que parece servir a sua fruta como a pimenta-da-índia, desta havia um grande pé por baixo da gommelira que fica sobre a banheira.

Uma urtiga curiosa.

Algumas embalbeiras de espécie diversa da nossa.

26-IV-1859. Fortaleza

EXCURSÃO BOTÂNICA AO SERTÃO, EM VILA DA CACIMBA, ACOMPANHADO  
PELO NOSSO ORMUNHA

Está com flor uma espécie de malvácea, com flores amarelas cor de ganga, de que há muita em Pacatuba; é uma das vassouras de folhas peludas que lá

estudei. O Camapu está também com flor e fruto verde; diz o ordenançá que a fruta se come. A Guaxima (*Urena lobata*) está com flor; grande quantidade de brotos, e de arbustos de pau-ferro não tem flor nem fruta. Está muito florida a convolvulácea de belas e grandes flores roxas; uma rubiácea (*Spermacoce*, ou *dioclea*) está comum de florinhas brancas — florida. Uma Richardsonia roséa<sup>30</sup> a esponjaria (*Acacia pharnesiana*) que aqui chamam Coronha está com flor e fruto verde; diz o ordenançá que com o suco da fruta verde se fecham cortes, em falta d'olbreia; e com o oximento dela madura se finta de escrever. Um *Hypsis* de flor azul, e mui polido, com flor; a escrofularínea está com flor e fruto verde. A malpighiácea de folhas glaucas florida. Uma espécie de Camará de flores lilacíneas e cujas folhas tem um cheiro forte e diverso da da flor amarela, florida. Em roda da Cacimba um manacá de florinhas azuis, uma bignoníacea de flores dum roxo claro (côr-de-rosa) a que o ordenançá dá o nome de Mufumô, que ele tem no sertão; as flores são com efeito dum cheiro forte perfumado. Meladinha, malvácea, que nasce nas areias, alastrá setas ramos delgados de côr roxa escura, do lado superior, verde por baixo, ramificado, de comprimento de seis a mais palmos, estendidos sobre a areia, e radicando-se formam um como tapete de dez e mais palmos de diâmetro, com suas belas flores erectas, amareló côr de carne e sanguínea no centro. Uma escrofularínea de flores azuis, e folhas verticiladas, cujo caule ramoso também se estende pela areia, sem radicar-se. Uma...<sup>31</sup> de caule delgado ramoso, toda glutinosa. Uma sinantria de flores amarelas, e que pertence ao mesmo gênero da que no Rio de Janeiro abunda, e a que o Riedel chama *Melasmospurma*, e que eu acho ser melantria. Os frutos desta planta são áridos, sempre verdes, e têm entre o epicárpio, e o endocárpio uma substância mucilaginosa, doce agradável, é uma verdadeira drupa. Disse-me o ordenançá que me acompanhava, que no sertão há muita desta planta; e que o fruto aí se come.

28-IV-1859. Fozialva

CAVALOS; MESTAS, ETC.

Os cavalos são pequenos, de boas proporções, bonitos e muito valentes.

Os de carga se chiamam, não sei por que razão, *quartas* — são capões, e são os refúgios dos animais de montaria. Os que andam aqui pela cidade e arredores são magros, verdadeiros esqueletos, frídis, miseráveis, mas sempre (dizem) valentes.

Não andam ferrados, mesmo os mais estimados.

<sup>30</sup> Riedel no ms.

O andar destes animais é o que chamam *esquiado*, ou *baralhado* — é uma andadura muito apressada, e comoda para o cavaleiro. O equipado é quanto o cavalo pode dar sem tomar o galope: é o andar usado, e escrancham qualquer outro, mesmo dentro da cidade. Por mim não me agrada semelhante andar; não o acho próprio para passeio; e querendose pressa acho o nosso pequeno galope mais nobre, e mais bonito. Faz-se com este andar viagens comodas, e rápidas, e os cavalos a aguentam bem.

A alimentação é a dos pastos naturais; mas aqui na cidade, e nos arredores, plantam o *capim-d'angola*; dão pouco milho, arroz, e mesmo feijão, e garapa.

Alguns que aqui nos vinham oferecer eram quase sempre aletados de ovos.

Há poucas mulas; mas atualmente começam a criá-las nos sertões, mandando vir da Europa bons jumentos.

Estão hoje muito caros — 100, 150, 200, e 300 mil-réis é o preço de cavalos escotildos. O Presidente querendo comprar quartaus para a bagagem da Comissão comprou-os a 112, ou 116 mil-réis; as bôcas são ainda mais caras. Nos sertões porém se acham quartaus sofridos a 80 e 90 mil-réis.

As cangalhas que usam são como as nossas de pau; mas mais lângas, e nuas, isto é, articulação de pau, e enchimentos ou madeiras de palha e mais nada; quase sempre albardadas. Os condutores destes animais, qualquer que seja o modo da carga andam sempre encatapitados em cima da cangalha; ainda carregando tabeado.

As bruacas são chamadas molas, e são mais bem feitas que as nossas, e são ou de forma cilíndrica como as nossas, mas a campa é justa, e tem rebordo, como uma tampa de caixa, outras são quadradas, e armadas com madeira dentro e têm a forma de verdadeira caixa, ou malas; onde não entra água.

#### CARRO

Os bois são pequenos, mas fortes.

Os que andam aqui na cidade, e pelos arredores, e fazendas puxando os carros são de muito má aparência e de ordinário muito tristes.

Os carros levam 5, 6, 8 juntas.

Os carros são toscos, grandes, e muito pesados; as rodas têm altura desproporcionada, dizem que para facilitar o movimento, não são chapeadas, e são mal machilhas.

Hoje porém que se estão calçando as ruas da cidade, estes carros sendo proibidos entupirem as ruas calçadas, têm-se admitido carros maneiros com rodas todas de ferro — talvez, vindos dos Estados Unidos. Têm o aro largo, e os raios de simples varões de ferro rólico, em grande número e fixados no tubo em duas ordens, alternadamente com espaço de um polego mais ou menos.

Em aqui na cidade dois ou três carros ou caleças aqui ligeiros e elegantes, à maneira americana.

Há ainda algumas litiás ou regados por dois homens, mas todo o mundo anda a pé. Dizem que antigamente tudo andava a cavalo, mesmo nas viagens mais curtas, e de visitas.

Para o mar são os jangadas, os botes de que usam, e mesmo ninguém sabe mar sem pescador. A Altândega tem uma lancha ou sevado para desembarque das mercadorias, que vêm a sua ponte. Na praia o rôlo do mar não permite o uso de botes ou rascalos.

Usam também de bois de carga, com cangalha como as dos cavalos, e os condutores em cima. Não reparci ainda nos cabrestos de que usam neste caso.

A raça dos carneiros e das cabras é pequena, e as que tenho visto são de raça americana.

Cria-se também pouco porco — o toicinho é de má qualidade e flescal.

Devolvi visto galinhas e capões de um tamanduá enorme.

A criação de pavos e seu uso é mais comum que a dos perus.

Vejo poucos cães. Agora (28 de abril) têm aparecido alguns danados. Têm-se morto alguns cães pela cidade.

#### PIRAS

Usam-se peles em toda a casca de animais — cavalos, bois, e até galinhas. Têm por fim evitar que se extravistem, em lugares onde não há cercados. Um carro que descansa na viagem solta os bois pelados, o mesmo se faz com cavalos.

Já disse que o gado de carga é pequeno, magro, coberto de feridas, etc. Os carros são puxados por 5, 6 e muitos juntas de bois. Disse-me o Lagos que viu um carro puxando madeiras em que haviam 18 juntas de bois.

[3-V-1859]

Ontem (2 de maio) vi a primeiríssima canoa aqui, no Rio Ceará: era pequena, tóscia e feita de timbaúba, madeira leve, e que tem um cerne avermelhado. Disse-me o preto canoeiro que há dessas árvores aqui mesmo, e que algumas dão canoas de 4 palmos de boca.

Hoje estando a noite em casa do Senhor Franklin de Lima, entre conversas me disse ele que o primeiro mestre que veio ao Ceará (Fortaleza) foi contratado por ele e mais 5 pais de famílias que lhe fizeram uma annuidade de 6000000 por ano; a ele se deve o desenvolvimento do caucho e piano nesta cidade. Não só ensinou as famílias d'ele, mas a muitas outras famílias. Diz ele que antes disso (foi em 1831, ou 34) era tudo bisonho nessa terra. Foi ele também um dos primeiros criadores do teatro aqui. Diz mais que a cidade era insignificante, sem estabelecimento, mas que na administração do senador

Alencar tudo prosperou muito, principalmente com o estabelecimento *dum banco provincial*; que antes dele não havia dinheiro, era tudo miseria; que com a criação do banco apareceram edifícios e muito prosperou a cidade. Foi Alencar que deu impulso à cultura da cana e fábrica do açúcar, etc. (3 de maio de 1859, às 10 horas da noite.)

[5-V-1859.] Fortaleza

Hoje 5 de maio fomos de manhã assistir ao ofício divino que se fez na matriz pela alma do falecido Ferreira. Havia na igreja uma cca, coberta por um baldaquino, ou cúpula, simples e elegante. Oficiaram sete sacerdotes. Havia no coro música, suportável aqui. Assistiu grande número de pessoas amigas do defunto. As pessoas mais grados da cidade, começando pelo Presidente, e seu secretário. Havia-se colocado junto às grades em toda a extensão do corpo da igreja grande número de cadeiras de palhinha, onde todos se sentaram; umas duas ou três famílias assistiram das tribunas.

Depois do ofício, missa e encenação, que tudo durou mais de três horas, uma pessoa que não conheço subiu à tribuna do lado esquerdo, dai recitou um elogio necrológico, acabando com uma poesia a respeito do falecido.

Depois de jantar fomos eu, o Dias e Gabaglia ao sítio onde está o Coitinho, uma meia légua distante da cidade e junto ao Rio Jacurecanga, e de lá voltamos com noite, vindo conosco o Senhor Justa, e o Gaioso, que lá estavam.

O proprietário do sítio disse-me que a sua cultura era de capim plantado, e que as ervaas as estrumava com sementes de algodão, que comprava em Maramanguape; e com elas dava ração ao gado, que vimos no terreiro comendo-as.

6-V-[1859]

Amanheceu chovendo; mas quando acabamos de almoçar fazia bom tempo; o céu porém estava corregido em alguns lugares. Havia-nos ajustado uma viagem eu e o Gonçalves Dias para Soure, eu desejava ver o lugar, e examiná-lo pelo caminho a vegetação. Com efeito montamos a cavalo seriam 10 horas mais ou menos; e caminhávamos quase sempre a galope, ou esquivando por uma estrada larga, chamada Estrada Nova, mas uma areia clara e sólida deixa penetrar os pés dos cavalos a mais de palmo. Logo que deixamos os arredores de palhoca da capital entramos a ver por estas paragens mais cultura do que pelo lado de Aratanhá, digo, pelo caminho que leva a Aratanhá, etc. Sítios dum certo ar de asseio, casas de telhas e de tijolo canudos, com varandas de pilastres. Engenhocas, com moendas de ferro, cultura de cana, de macaxera, de milho, etc. Certos sítios eram quase sempre contíguos ou próximos. No lugar chamado Alagadiço havia melhores plantações; e também dai em diante o terreno mudaria desaparecendo as areias, e sucediam

cerros para mais compactos e barrentos; a vegetação ia também mudando. Começamos já a ver a árvore sabia, os catinguicós, a mutumba, etc. Adiante desse lugar caia-nos uma grossa pancada de chuva. Havia já algum tempo que nos acompanhava um chuvisco, mas af apertando a chuva embráfusavam por uma porteira para um engenho e entramos nela depois de falarmos com uma mulher que ali estava. O engenho era novo, bem feito, as imensas horizontais e de ferro puxadas por cavalos, ou bois. Estava-se cortando cana ali perto, e um moleque a carregava em um cavalo, em ganchos atalhos às cangalhas — era cana-caiena. Passando a chuva seguimos nosso caminho; havíamos já andado umas duas léguas quando nos surpreendeu um rio \*, que estava cheio, e corria com força, e tinha no lugar mais apertado cinco ou seis braços de largo. Não havia ninguém nesses lugares; o Gonçalves Dias quis tentar a passagem mas o dissuadi disso. Voltamos, e tendo andado umas quatro de léguas fomos à primeira casa que achamos e perguntou-se se o rio dava passagem; um rapaz saiu, mostrou-nos um scalho e nos levou a outra estrada que estava mais por baixo e assentou-nos que ali o rio espalhando-se dava passagem; fomos por essa estrada; e encontrando logo muitas mulheres com crianças e perguntando se iam passar o rio disseram que sim e isso nos animou e fomos seguindo, mas chegados ao rio ele nos assustou espalhando por mais de 10 braças. Corria com força em dois lugares, mal divisamos o caminho, e um prêto velho que ali estava nos disse que podíamos passar, mas que no [meio] do rio a água chegaria às abas dos selins; e mesmo que não sendo do país não era prudente arriscarnos. Achamos conveniente voltar; o céu estava aberto, andamos quase sempre devagar e chegamos à cidade depois das duas horas. Durante a viagem fiz colheita de algumas plantas. As plantas à proporção que nos avizinhavamos do rio tornavam mais forte, e se compunham de árvores da Pacauba; muito sabia, muita catinguira, e bastante árvores do pau-branco, carregadas de fruto. Nos lugares úmidos a *Coccobobo* chamada cipólorio.

[10.V.1859]

#### VIAGEM DA CIDADE PARA PAGATUBA

No dia 32-feira 10 de maio saímos da cidade entre 7 e 8 horas, eu, Lagos e Carvalho. Chegamos a Arronches sete e meia, e nos aparamos em casa do Marques, que ali hospedagem: mandamos fazer ovos e café, e saímos a ver a povoação, que já foi vila, de que conservam a cadeia, tendo por cima a Casa da Câmara. Na cadeia hoje está a aula de primeiras letras — tudo é pequeno, e insignificante. A igreja, obra dos jesuítas, estava aberta, e a fomos ver, e sul-

\* Matroquapuá.

ciente para a povoação, mas tua e pobrissima: os altares e retáculo, são pintados por curiosos; os altares cheios de registos e quadros muito ordinários, castiçais de lata com velinhas de carninha da grossura do dedo mínimo. Todo o corpo da igreja está cheio de sepulcros. Em frente da igreja há uma praça coberta de ruínas, ao lado esquerdo uma fila de casabres, que limita a praça desse lado, e do lado oposto. Ficando primeiro a cadeia e depois de um interregno, segue-se outra fila de casinhas, que segue ao lado da igreja até além dela, formando com ela uma rua cílica. Ali, quase no fim está a casa em que nos agasalhamos. O Carvalho tirou uma vista desta povoação. Fomos almoçar, conversou-se e galhofou-se com o Maricas, e montamos a cavalo antes das 11 horas. Seguimos para Maranguape; caminho sofrível. Passamos por duas grandes lagoas a de Arronches, e a de...<sup>21</sup> perto de Maranguape, e várias pontes, sendo a mais notável e importante a do Rio Maranguape, dentro já da povoação. Chegamos a Maranguape depois de duas horas queimados e sudíssimos; passamos pela povoação e fomos hospedar-nos em um engenho, chamado da Alegria, dos Senhores Viana, excelentes moços, um delles casado, e outro solteiro. Vivem com a Senhora sua mãe, e uma tia — ambas velhas. Fomos agasalhados muito cordialmente e muito bem; instaram para que dormissemos ali para vermos a povoação. Jantamos tarde e o tempo ameaçava. Estando a chover na serra da Arauá, que nos ficava ao lado, resolvemos a ficar e tendo tomado café, e visto o engenho, cujas moendas são de ferro, e o edifício bom, montamos a cavalo um dos Senhores Viana, o solteiro, o Lagos, o Carvalho, e eu, e fomos ver a povoação. Fomos primeiro à casa de umas senhoras, mãe velha e três filhas mocetona, desembaraçadas, conversadeiras, e das quais duas tralharam intensivamente em obra de goma (polvilho) tudo nos a uma casa vizinha onde estavam, e os produtos do seu labor encoroadados já pelo Lagos. Só miramos a perfeição do trabalho, a habilidade e paciência das moças. Conversamos depois, tendo voltado para a casa: dai saímos, e foi-se visitar um sujeito cujo nome não me lembro agora. Fomos depois a outra casa onde havia várias senhoras, e uma delas é uma mocetona, que estava bem trajada; ali conversamos por algum tempo. Era já quase 8 horas da noite e nos retiramos. Fizemos e nos deitamos em nossas rãdes. De manhã pelas 7 horas tendo tomado café, montamos a cavalo, e nos acompanhou ainda o Senhor Viana. Tivemos de passar o Rio Maranguape, bastante cheio, e como os cavalos iam tocando duro, o Senhor Viana foi buscar um sujeito, e o trouxe de galope; este nos levou mais abaixo, e meteu-se no rio tendo água pelas lombas e nós o seguimos. Continuamos sempre de galope até a Munguba, por mais caminhos. Era já quase 8 horas quando ai chegamos. A Senhora D. Brasilina estava já de pé, as moças ainda recolhidas. Eu que ia muito incomodado, com roupas de 24 horas, sempre saindo, instei para me ir sem almoçar, mas mandou vir café, e bolachinhas, depois veio leite, enfim apareceram as moças, as duas

21. lacuna no ms.

filhas Maroca, e Liberalina, com uma prima bonitinha. Estivemos ainda na mesa; o Lagos concordei pétas, e gracjando demorou-nos por bastante tempo; levantei-me enfim, e montamos a cavalo nós três para Pacatuba, e o Senhor Viana para sua fazenda. Chegamos a Pacatuba, estavam os nossos e o Senhor Capitão Jus'la almoçando, e comemos também alguma coisa e nos instalamos de novo. Saria meio-dia quando caiu uma grande chuva. De tarde, e de noite ainda choveu bastante. De noite aqui esteve o Juvenal.

13 V 1859. Pacatuba

GRUPO DO CEARÁ [1]

*A gente acabocada, ou o povo.*

Pondo de parte alguns poucos pretos, e suas consequências também alguns poucos mulatos, todo o povo do Ceará é de raça cabocla; mais ou menos mesclada de branco, e também de preto; mas em geral se conserva ainda bem o tipo americano.

A cor baça, trigueira tem um tom particular de cobrado escuro; como a dos chins, ou dos nossos cabras. O cabelo preto, comédio; o corpo esbelto e proporcionado; pernas bem feitas; ombros largos, pescoço curto, olhos um pouco obliquos, dentes aguçados artificialmente. Ainda não vi nessa gente uma mulher, nem um homem desnasiadamente gordos. Não todos são inteligentes, desembaraçados, e falam bem (com o sotaque que é também comum aos brancos de abrirem e demorarem um pouco mais em algumas sílabas, e apressarem outras) e com términos e frases, às vezes pintorescas; a sua pronúncia é antes descansada que apressada, correndo em umas e descançando em outras sílabas. Os homens são em geral imprudentes, indolentes, e pouco amigos do trabalho; pelo contrário as mulheres estão sempre ocupadas (enquanto elas se balançam nas rèles) fazem obras muito numerosas de rendas, de crivos, e de tecidos, etc. As mulheres são muito produtivas (o que também acontece a respeito dos brancos); vê-se uma churrana sempre cheia de crianças; e o falecido Ferreira nos dizia que o termo médio dos filhos era de 10; outros só dão 8. Não é rara a mulher que tem 20, e 30 filhos; e quase todos vingados.

Os meninos são em geral fortes, bem feitos, e quando há mistura de raça branca são claros, e de *cabelos louros e anelados* ... o que muito me admira. Aqui em Pacatuba é um gosto ver-se quando chove (como ainda hoje aconteceu) e mesmo na força da chuva saírem as crianças de casa nus e se atirarem nas poças das ruas e brincarem uns com outros. Então se me representa o espírito uma aldeia de selvagens, as cabeças largas, pescoço curíssimo, espáduas amplas, pernas bem carnudas e bem feitas, e às vezes com os cabelos corrídos, tudo nos dá o verdadeiro tipo americano.

As crianças machos e fêmeas até a idade de 5 e 6 anos andam quase sempre nus, retorcendo-se pela areia e pelo chão aqui como na cidade. As vezes faz pena ver uma criancinha de ano ou menos inteiramente nua largada no chão frio e úmido. Os homens andam sempre com a camisa solta por cima das calças ou cinturas, e sem jaqueta, ou colete; temos visto alguns criados que têm usado largar esse costume. As mulheres vestem saias, e com vestidos deixam cair o corpo, e os atam pela cintura. As camisas são mais ou menos rendadas, e quase sempre têm lenço ao pescoço. Quando se vestem trazem por cima da cabeça o lençol, que é uma toalha com babados ou rendas nos três lados; isto na cidade e aqui. Nas igrejas, e nas procissões vão todas assim — o que é curioso: e tem um ar de asseio, que agrada, e é muito próprio para o país. É notável que as preias não usam tanto dos lençóis.

Os sertanejos, ou vaqueiros vestem-se de couro; chapéu, guarda-pólos, perneiras e jaquetas. Chegam a idades muito avançadas, principalmente as mulheres, pois tenho visto muitas velhas.

O natural desta gente é bom; são doces, pacatos, mas bulhentos em catinga, bichados e vingativos, principalmente por ciúmes. As mulheres dizem que são fáceis e devassas. A prostituição é aqui muitas vezes filha da necessidade.

É gente, como já disse, imprudente, capazes de sofrer a fome, e de se sustentar com pouco; mas em havendo abundância não têm medidas nem em comer nem em beber.

O seu sustento ordinário é um pouco de carne com farinha ou farofa; sustentam-se muitas vezes só com frutas silvestres. Quase nenhuma plantação fazem, além de uma roça de mandioca em rada da habitação, roça que quase sempre lhes não chega para o sustento do ano. Não se vê em toda das paliças dessa pobre gente senão uma miserável roçinha de mandioca; algum milho, e azroz e isso é já muito. Vivem, quando se lhe acaba o mantimento, de caça, de pesca, e de frutas silvestres, ou então de roubos. Alguns procuram trabalho; mas não pouco constantes nôô. É fácil prever quanto pode ser desastrosa uma irregularidade de estação.

É notável nesta gente (é a observação já feita por estrangeiros) o desenvolvimento da inteligência. As crianças são vivas, prontas em respostas, atiadas, descombaraçadas, perguntadeiras. As mulheres mal tratáveis, prestam-se da melhor vontade, sem constrangimento algum a dar informações, que se lhes pedem, lavando sempre reflexões, e questões que indicam certa perspicácia. Nos homens se dá também viveza, inquietação e astúcia. Dizem que para o sertão é isso ainda melhor. O certo é que há grande diferença entre estes e os nossos matutos. Tanto mulheres (e estas mal) como homens são capazes de grande desenvolvimento industrial.

Com efeito há aqui muito mais indústria nacional do que no Rio de Janeiro. Faz-se muito bom queijo, e abundante. Vi obras de chifre, imitando

a tartaruga (de Aracati). No sertão corta-se muito bera; e fazem roupas de couro curtido. Faz-se velas de carnaúba.

As mulheres tem muitas indústrias, fazem filhos e outras obras muito delicadas de pano, de polvilho (gouva) etc. Têxem panos grosseiros. Fazem rãdes admiravelmente; bordam-as de branco, e de cores. Fazem muita renda, em almofadas de colo, que são uns travesseiros grossos e curtos, às vezes cheios de palha. Fazem crivos que chamam labarintos, perfeitamente executados e custosos. Fazem obras de goiva de polvilho muito delicadas, etc.

Há aqui oficiais de carpinteiro (que chamam carapinas) que trabalham muito bem; e admirei-me de os ver trabalhar com excelente e moderna ferramenta.

Não trabalham mal de sapateiros, e exportam obra feita.

#### GRANDE DO CEARÁ [1]

##### *A gente branca.*

Parece ser mais ou menos mesclada da raça americana.

Nos homens não tenho achado esse tipo que no Sul se reputa próprio da gente do Norte, nem lhes tenho achado alguma particularidade que seja comum. Não tenho observado esse achatamento da cabeça senão em alguns casos. Alguns são bem apessoados, principalmente os filhos do sertão. Há no oval do rosto alguma diferença, aqui é mais curto, e no Sul mais longo.

Nas mulheres, muitas há alguma coisa no oval do rosto que lhes dá certa fisionomia comum; sem serem formosas são em geral bonitas e gentis; os olhos são belos, e às vezes muito belos, os dentes em geral muito bons; os cabelos pretos, corridos, bastos; os bustos airocos, a porte elegante. Algumas são claras e mesmo coradas, muitas são morenas; vestem-se e penteiam-se por si mesmas e com bastante elegância; andam muito desembaraçadas, são espirituosas, conversadeiras, muito mais que as nossas do Sul. Costumam muito da mímica, e têm para elas propensões; muitas tocam piano e cantam mas quase sempre sem ensino, porque lhes falta mestre. Acreditaram que todos estes dotes são ainda mais perfeitos nas sertanejas. Apresentam-se bem nas salas; e sustentam perfeitamente a conversação; mas faltando-lhes cultura, a conversa torna-se às vezes frescas demais\*, mesmo em presença dos pais (isto não é observação minha, algumas tenho visto bastante recatadas). Com essa liberdade de conversação, e um pouco de relaxar dos costumes, parece que não respeitam muito

\* As cidades em círculo a conversa sobre casamento tomam nela grande interesse, e discorrem longamente sobre os meios, vantagens, inconvenientes, e quanto respeita a este estado, com grande liberdade e isto em presença de seus pais, que parecem até recuarem-se ante isso.

o sentimento da honestidade nem a fidelidade conjugal (deve ser dúvida haver a este respeito honrosas exceções\*). São industriosas, e trabalham bem em lavores de costura, etc. Em geral sabem ler — algumas têm sua tintura do franco, e do desenho.

As meninas do colégio andam bem vestidinhas (na cidade, e não aqui em Pacatuba, dando-se o desconto) e desembaraçadas.

Nos homens, parece que em geral, não respeitam muito os meios honestos de ganhar dinheiro, só a vida de ganho os faz um pouco ciganos. Os ódios políticos, bem que já bastante arrefecidos, ainda os dominam muito.

Em geral todos têm grandes queixas da centralização do governo; há prejuízos arreigados, muitos apreciam o falso das coisas, e uma certa tendência juizil para o que chamam liberdade. Deixam mesmo entrever o desejo de independência, e os sonhos da república. Isto o temos notado mesmo no sexo feminino. Há sobretudo um sentimento de inveja para com o Rio de Janeiro, que se manifesta a seu pesar.

São inimigos dos português, a quem tratam de *marinheiros*. Haveria há aqui, bem que poucos, alguns português distinatos e ricos, como são o Comendador Machado, o Gouveia, que é Cônslil do seu país, etc.

São também eles que tendo mais alguma instrução, se ingerem nos partidos políticos, e se fazem seus chefes — política éda pessoal, odiosa, e interesseira.

Em geral são hospitalários; e nós os membros da Comissão o temos experimentado. É fácil cérmos entrada nas casas de famílias, e se é muito bem recebido. Diz-se porém que em negócios não são os homens muito sinceros, e que não perdem ocasião dum *bom negócio*. São muito obsequiadores e presenteiros; nós temos constantemente provas disso. As senhoras particularmente nos confundem com presentes. Instam conosco para vermos seus sítios, e estarmos ali o tempo que nos parecer.

É sem dúvida gente muito amável.

As escritoras saem pouco, e nas roças andam a cavalo e de carto. Sempre as temho visto bem vestidas e assiadas.

Na cidade é costume de se sentarem os homens, de tarde e até alla noite junto à porta nos lugus e exólentes passeios das ruas; as senhoras se ajuntam em famílias. Conversa-se, toca-se, canja-se e toma-se chá. Há um costume, a que nunca assisti, de se passiar na praia, e de tomarem banho no mar de noite; e mesmo de se ir cear peixe ali numa casa conhecida nas belas noites. Este uso vai-se perdendo.

Agora temos visto moi de perto, e nessa sociedade um pouco mais distinta (a família do Senhor Valente, em Pacatuba), o costume de terem os me-

\* Era o mesmo há 50 anos no Rio de Janeiro; e sem dúvida não são das as únicas culpadas se cometem faltas contra o honesto e deusoso. Aqui estão os sacerdotes que vivem escandalosamente, e sem o menor sentimento de pudor.

niños nus. No meio da sala se apresentam crianças de ambos os sexos, já crescidas, inteiramente nus, mais ou menos limpos, às vezes bem sujinhos, e com o maior desembaraço saltam e sobem pelas cadeiras, atiram-se ao colo das senhoras, que gostam e riem-se. É um quadro curioso para nós. Já tínhamos visto isso pelas tuas, até mesmo na capital; já tínhamos visto na Minigiba os molequinhos; mas ali os não consentiam as senhoras e os faziam retornar logo; mas aqui o painel é natural, indiferente para a gente do país.

A Senhora do Senhor Franklin me disse uma vez que logo que ela chegou da sertão (onde é filha) estranhou muito a vida do céiro (cidade) e que uma das coisas que mais estranhou era ver meninas quase nuas andarem nusas. É isto evidentemente ainda resto dos costumes indígenas.

Agota disse que alguns dos netos do Senhor Valente são tão bonitos e tão nédios, que quando apareciam limpos, eu gostava de os ver assim.

*Reflexão.* A beleza das formas desta gente, e que em meninos, são alguns tão claros como ingleses, e que fazem contraste com os da nossa gente de lá do Rio, mais conformados e docinhos em geral, pode ser devida em parte a influência do clima, em geral saudável e ameno; mas creio tem grande parte nisso a mistura com o sangue americano, quando no Rio predominava a mistura do sangue africano.

A esta raça americana será também devida a clareza de inteligência, a viveza, e desembaraço que mostra o povo, e que os assemelham um pouco com os da raça espanhola do sul da América? Aqui em Pacatuba tenho visto meninos servindo de caixeiros tão vivos e lestos como os portugueses que chegam ao Rio. Na casa do Valente, é um seu filho de 8 para 9 anos.

O talento para a música, as propensões para objetos de indústrias e artes, que mostram as meninas, nos causam um grande pesar de os não ver aproveitados; e elas são as primeiras a lamentarem isso.

Outem à noite voltando da casa do Valente presenciamos uma dança (a baiana) entre rapazes, ao som da viola, em uma palhoça (eram só homens) e que achamos inteiramente semelhante ao nosso fado. Dançava só um, ou dois, fazendo passos difíceis e legeiros, com attitudes mais ou menos engraçadas, ou grotescas, acompanhado de canto.

#### [CHUVAS]

Ontem e hoje tem chovido grossas pancadas de chuva de tarde e ao anochecer, fuzilando a suerte. É curioso que no começo dos invernos são as chuvas de manhã; sómente depois vão sendo mais tarde, e ultimamente são mais de tarde, e de noite, havendo algumas noites em que chove quase constantemente. Dizem que no sertão as chuvas são sempre de tarde. As trovoadas aqui em beira-mar são raras, e quase sempre fracas; algumas que vi mais eminentes foram aqui em Pacatuba na vizinhança das serras, mas eram insignificantes.

Ainda não vi aqui ventos violentos, mas há quase constantemente uma aragem de leste, mais ou menos. As chuvas, aqui em Pacatuba vêm quase sempre do lado do leste. Na capital são quase sempre tocadas por sucessos. Fazem quase constantemente pelo horizonte de norte até sudoeste. A umidade se tem tornado expressiva, tudo molha, aqui como na cidade. A temperatura na cidade tem andado entre 26 e 28 centígrados. Os dias são quentes, fazendo-se exercício, ou expondo-se a gente ao sol, mas dentro de casa e em repouso sente-se pouco calor; mas há uma copiosa e constante transpiração; ao menos isso me acontece: não posso estar sentado 5 minutos escrevendo, ou desenhando sem cobrir-me de suor, e é-me necessário pôr-me na rede e balançar-me para refrescar. Este é um grande benefício da rede. E-me [preciso] ter sempre 3 e 4 camisas de meia em uso, alternando-as.

O céu é belo, o ar da noite sereno e tranquilo, as estrelas brilhantes, e a lua muitas vezes forma laços, e arco-íris, ou antes laços iridiscentes.

Agora estão os rios, ou antes os grandes torrentes, cheios e negando passagem, como já me tem acontecido, é este o único embaraço para se viajar no fim dos invernos, porque estes têm chuvas de grossas e copiosas pancadas, aparecendo logo o bom tempo, não sendo também pequena inconveniência ser-se surpreendido no tempo mais belo por uma copiosa chuva, como também já me tem acontecido.

#### INSETOS INCONVENIENTES

Durante o inverno, (quero dizer, o verão) não sentimos pulgas; agora (maio) vêm aparecendo. No entanto a rede, tendo-se cuidado, é um bom preservativo.

Percebejos dizem que aqui os não há; todavia o Lagos já teve ocasião de ver um.

Mosquitos, permilongos, que aqui chiamam muriçocas, são raros, ao menos temos sido pouco ou nada incomodados por eles tanto na cidade como aqui em Pacatuba, e outros lugares, apesar de encharcados.

Batrachudos ainda os não vi; existem na serra da Aratanga.

Méruins — também os não vi ainda; há muitos na serra, diz o Senhor Costa.

Varejas — hoje vi algumas, andando a cavalo. Móscais há bastante. Baratas inúmeras e de várias castas.

Alacrajos são mui freqüentes e perigosos — dentro de casa.

Bichos dos pés são também freqüentes.

Formigas... Cupins... Maribondos...

#### SERPENTES

São mui variadas, mui grandes, e mui numerosas; freqüentemente se encontram dentro das casas.

Jibóias, cascavéis, jaraucas, surucucus, etc.

Ratos (quabitus) não os tenho visto em grande quantidade.

Camundongos, ou ratinhos. Ainda não os vi - nem no fórum da casa da cidade, nem nos telhados da casa em que moramos em Paratuba, nem nos valos de despejo visto ratos. Mas diz o Senhor J. da Costa que na serra (a de Aratiba) há muitos que destroem os cafés, os milhos e até a mandioca. Há também ali morros, preás, e jumarés que fazem estragos nas plantações.

Morecos há bastantes...

19.V.1859. Paratuba

#### ALIMENTAÇÃO DA GENTE DO CEARÁ

Ainda não tenho bastantes observações, para um conhecimento exato do modo de se alimentar esta gente. Direi só o que tenho presenciado.

No mesa do Presidente, onde algumas vezes tenho jantado, e tomado chá, em grande companhia é tudo como no Rio: comida, massas, doces, etc.

Nas casas particulares, e de pessoas que estão na primeira plana, temos observado grande profusão, como é costume nosso: mas muitas carnes, alguns pescados, ou massas, muito pouca, ou nem uma verdura. A vaca cozida ajuntam abóboras, e um pouco de manjericão do Ceará, que é como o nosso frescal. Assim ainda não pude saborear a boa carne do Ceará, nem assar, nem em assados. Como a boa daqui tenho visto lá, é melhor. Dizem que com efeito este [ano] não tem havido carne boa; à carne de vento, também não lhe tenho achado êsses primores; veremos quando estivermos no sertão. Galinhas de carne dura, e patos usam aqui muito, o porco e carneiro, pouco. A sopa é sempre desemcalhada, pela ausência de temperos, de que são muito escassos. O seu adubo é o molho de pimenta que o fazem muito bom. Vem sempre a Europa que é farinha molhada apenas com um bocadinho de sal, com que se come quase tudo, ou também com arroz. As carnes assadas são as mais usadas. Há dias assistimos a um banquete de batizado, no engenho do Senhor Sabóia, e tanto no almoço como no jantar uma longa mesa estava coberta de assados: excesso a sopa, o arroz, e uma frigideira, era vaca, porco, carneiro, galinha, peru etc., tudo assado.

Usam muito do leite e a toda a hora em coalhadas, em requijões, e em garapas. Os queijos os fazem em abundância, alguns grandes de 8 e 10 libras, quadrado, ou em forma de barris. Têm para mim o defeito de serem pouco salgados, e sempre um pouco correntes. As coalhadas são boas; mas um pouco indigestas para quem não está habituado a elas.

Abundam as frutas na mesa, principalmente neste tempo — são laranjas muito grandes, e assim boas; bananas de várias qualidades e boas; atas, abacaxis, jacas, e outras menos usuais.

Gostam muito de limonadas, a que chamam garapas e as fazem de várias frutas: de maracujá, de cajá, de cajus, de jenipapo, de cacau, etc. muitas vezes com leite, como é a do jenipapo.

Usam muito da água do coco, como refresco, e com ela fazem também alguns pratos.

Usam também muito da garapa de caldo de cana, um ponche picado.

Enfim fazem muitos bons doces, tanto de calda como de massas.

Para o café e chá, além do pão, bolachas, etc., usam de vários biscoitos, de trigo, de araruta, e de tapioca (a que chamam goma), usam de beijus de massas e de tapioca, de riscas...

Em algumas fazendas, onde temos sido hospedados, toma-se café simples de manhã; almoça-se de garfo das 10 ao meio-dia, e janta-se das 4 às 5; toma-se chá depois das 10. Nos intervalos comem-se frutas, bebe-se garapa, leite de coco, ou cerveja.

Na cidade e portos de mar há bom peixe; mas no interior é raro achá-lo. Há muito pouco camarão. O sustento geral do povo é carne e farinha, rapadura, outra qualquer coisa é por brinquedo (diz o Senhor Juvenal). Hoje porém que a carne vai encarecendo muitos usam de bacalhau.

O povo, o trabalhador, o pobre contentam-se com carne de vento ou bacalhau e farofa, ou arroz, ou angu de milho; e felizes quando isso acham. Regalam-se, e muitos matam a fome, com frutas silvestres e coto caju, que já hoje é raro. Os pobres sofrem fome, e misérias, às vezes dão graças a Deus se têm um pouco de farinha de mandioca pura.

Aos trabalhadores se dá por alimento carne assada ou bacalhau, duas vezes ao dia, com farofa, ou com angu de milho, ou arroz. A ceia é munguá, ou milho cozido, ou canj, batata, etc.

A mancarinha, ou rípiu é também estimada mas planam povo porque é muito roubada.

Há atualmente grande carestia de tudo; e admira como vive essa gente pobre.

#### FÁBRICA DA FARINHA

São sempre casas abertas, quer a do pobre, quer a do rico. A mandioca é rapada, como lá no Rio se faz (será lavada?). A máquina de cevar é sempre composta dum roda grande movida por dois homens, a qual por meio dum a corda ou laço move um rolete, ou um cilindro, assentado baixo de sorte que a ceadeira pode estar em pé, mas também se senta sobre a mesa onde se põe a mandioca, e sempre de frente para a roda. Alguns têm este engenho todo de ferro, como o do Senhor Franklin. É uma roda de 4 a 5 palmos de diâmetro dentado, e que move o rolete preso ao cilindro. Tudo assenta em mosa de ferro \*.

\* Estas fábricas são as mesmas para o grande proprietário, ou para o pequeno lavrador, com exceção do ferro, e penteado.

A massa é expunha em pratos, estas são apertadas por uma enorme alavanca movida por um parafuso (como a da casa do Azarias).

O forno de farinha é de tijolo, mui grande, com 10 e mais palmos de diâmetro, e a massa é mexida com um vado de cabo comprido. O Senhor Franklin comprou um forno de ferro fundido, mas não se deram com ele, e o abandonaram. Na fazenda do Senhor Gouveia, em Vila Velha, o forno é de cobre e com as dimensões ordinárias.

A farinha é sempre cheia de caroços de todos os tamanhos, até o de um grão de milho.

20 V 1859. Paratuba

#### ILLUSTRAÇÕES

As casas na cidade são inteiramente semelhantes às do Rio — terreas, e sobrados, com as diferenças exigidas pelas circunstâncias de cada país. Nos sobrados há a mesma mania de rótulos e ornatos sem gosto, e sem arte. No exterior, a mesma ausência de regras arquitetônicas: regula o capricho do mestre-de-obras; mas têm todos um aspecto que agrada pelo asseio. O interior é ornado e mobilhado do mesmo modo que lá; só notei que aqui há sempre nas salas uma ou duas cadeiras de balanço.

Pelo interior se acha por toda a parte, na sala de visitas, e até nos corredores, ferros de pendurar rôdes, que chamam armadores. Em uma sala ou alcova quadrada, com 4 armadores se suspendem 5 rôdes. Na rede se dorme, se lê, se conversa, etc. Em algumas casas há um leito, ou cama de parada, para um hóspede\*. Porém de ordinário é esse um triste escusado, e não existe. Nas rôdes há grande luxo de tricos, de rendas, de bordados brancos ou de cônus. Com a rôde, um lençol, ou colchão, está a cama feita; usam também de umas pequenas almofadinhas, muito historiadas; mas eu nunca me ajeitei com elas, e as dispenso bem.

Não se deita na rede a fio comprido, mas diagonalmente (é mesmo aconselhado) e é assim que ela oferece melhor comodo, ficando o corpo direito, e não curvo, e por isso são as rôdes mui largas. Hoje já me acho habituado com elas, e têm uma grande vantagem para o país, e é que balançando, refresca e não se sente calor. E enfim livra das pulgas. Outra vantagem é que dispensa alcovas; qualquer sala, mesmo a de jantar, se transforma em quarto de dormir, que torna de manhã seu uso ordinário. Nas casas pobres dispensa também cadeiras e sofás.

Nas fazendas, que aqui chamam sítios, há algumas casas nobres, como a que está fazendo no seu engenho o Senhor Tenente-Coronel J. Franklin de

\* Em algumas casas (no Crato, em Paratuba, aqui na Capital) as casas têm uma cama, para oculto das partes.

Lima; mas de ordinário são comuns com as fábricas. A do Senhor José Antônio da Costa tem fábrica de açúcar e aguardente, máquina de despolpar café e de socar no mesmo edifício; e pela maior parte são tórcas como a antiga do Senhor Franklin, a do Senhor Domingos da Costa e a em que está o Senhor Sabóua. A casa de fazer farinha a tenho visto quase sempre separada. São estas casas de fazendas ladrilhadas e de telha-vã. O ladrilho comum é de tijolos longos, semelhantes aos de alvenaria, porém menores, e mais bem feitos; e são bem assentados, e de várias formas.

As casas mesmo das cidades como Crato, Icó, etc., não só são de telha-vã, mas as paredes interiores não chegam aos telhados, ficando tudo aberto, e se comunicando por cima.

Casas do povo, ou cabanas. São palhoças feitas com forquilhas, e madeiramento todo bruto, e leve; as paredes e as portas são de palha da serra, ou de carnaúba. Têm de ordinário dois repartimentos: um é alcova, e outro sala e cozinha; este último é muitas vezes aberto de um ou mais lados; como também no Rio fazemos.

Algumas vezes os tetos, e paredes são trançados com arte, e elegância; as portas são trançadas com esteiras. Estas casas se acham já nos arredores da Capital, formam seus arrabaldes, são arruadas, têm igrejas, etc. Vê-se nestas casas acumuladas famílias numerosas, pois são de uma fecundidade espantosa, e vê-se dentro raparigas, e mulheres ocupadas, já na cozinha, já cozendo, fazendo rendas, ou crivos, e outras indústrias e em frente da casa muitas crianças nuas retrouçando-se nas profundas areias que rodeiam as casas e formam as ruas.

O melão-de-são-caetano que cresce aqui por toda a parte, sobe e alastrá sobre essas palhoças, cobrindo as paredes e tetos de modo a parecer feitas dessa erva, o que não deixa de ser elegante; nas cérca faz ele o mesmo cobrindo-as inteiramente. Estas miseráveis habitações custam aqui na cidade 100\$000 e se alugam por 25\$000 por mês. Algumas têm as paredes de pau a pique e barreadas; outras são cobertas de telhas com paredes de palha. Algumas são caiadas, com suas portas de madeira, e pintadas; outras com paredes de paus enjós vãos se enche com tudo o que acham à mão. Assim ao pé do macaduino servem-se dos chifres, digo, do miola d'ále; perto dos engenhos servem-se do bagaço de cana, etc.

É tudo o que pode ter de mais miserável. E só num país onde grande parte do ano é seco, se pode viver em tais casabres. No entanto há ai felicidade no seu gênero. Ali se ouve o riso e o canto!

O canto, disc ou, mas é raro. Tenho notado que o povo aqui não é tão amigo do canto como o nosso, raro se ouve nas palhoças cantar; raro no serviço da roça ou outro. Disse-me porém o Capitão Justa (Henrique) que quando estão na spanha do café cantam muito. Ainda não pudemos ver aqui um fado, que eles cantam samba, onde se dançam várias danças; mas como quase sempre

Há behodeira os delegados de polícia com dificuldades os consentem. O subdelegado aqui de Pacatuba já nos disse que permitiria um para o vermos, mas ainda não houve ocasião. É o Lagos o mais empenhado nisso.

#### CONSTRUÇÃO DAS CASAS

Na cidade são as casas feitas de tijolo, e do ordinário serve de argamassa uma terra arenosa, semelhante à nossa superfície. Ajuntam-lhe alguma areia que é preciso e mais nada; mas nos edifícios públicos, e quando se quer obra mais segura se lhe ajunta um pouco de cal. Só nos alvenarias é que usam de pedra — é rara — e as calçadas da cidade se fazem com um grés ferruginoso de Muacuripe.

As portadas são tingidas, com o mesmo tijolo; o reboco é porém muito bom porque a cal que aqui usam é de pedras de que há aqui grande porção e é um ramo de indústria. E depois tudo caído e aqui alvo. Hoje estão fazendo como no Rio os cantos arredondados — platibandas, cornijas pintadas, etc. São de ordinário as casas térreas ladrilhadas; e o ladrilho é de tijolos como o de alvenaria (melhor que o nosso) e muito bem assentado com várias formas, principalmente em zig-zague, como também são os passimes das ruas. Em algumas casas tenho visto ladrilho largo; e nas outras o ladrilho francês hexagonal. As telhas são boas, mais pequenas que as nossas, e bem feitas. Não se vê no telhado por dentro, tanto caco calçando as telhas, nem por fora muita telha quebrada. São tomadas só as telhas da cornijela, e espiões, e as bôcas. No entanto há aqui ventanas fortes. Na casa em que estamos, na Pacatuba, as telhas são postas com tal regularidade que se não vêem os lugares onde se emendou, porque sendo os caibros e ripas de pernas serradas, e duas ripas alcançando o comprimento da telha, são todas postas em filas certas, e ajustadas por cima da ripa, de modo a se esconderem as emendas. Isto é para casa de telha-vi.

Há na cidade bastante casas de um andar. A em que assistimos na cidade, do Comendador Machado, é de dois andares e outras que ficam por detrás têm sobreloja, sobrado e sótão rasgado; é o maior prédio particular que aqui há.

No que esta pequena cidade leva vantagem ao monstruoso Rio de Janeiro, é que seus estabelecimentos públicos, que não são poucos, são grandiosos relativamente, têm uma arquitetura simples e elegante, e mais que tudo são feitos de propósito, e acomodados ao seu destino. Iais são quartéis para tropas e para polícia, Tesouraria, Liceu, casa de educandos (que se está construindo) cadeia, cemitério, etc.

A Matriz é um belo templo, novo, grande, com três naves, sustentadas por grossas e baixas colunas, ao modo egípcio (porque os materiais não oferecem grande resistência). Há mais umas três ou quatro igrejas, todas velhas outras não acabadas, e mais algumas principiadas. É a única que tenho visto no Ceará com o corpo da igreja furtado no topo.

O Palácio do Governo é vasto e singelo, com sobrado pela frente e fundos térreos. Encerra a Secretaria do Governo. Mas como acontece muito no Rio de Janeiro, como as ruas não quadraram com a praça, as duas faces, a direita e a da praça ajuntam por ângulo obtuso, ficando a sala do canto semi esquadriilha.

#### MADERIRAS EMPREGADAS NAS CASAS

Todo ou quase todo o madeiramento do ar é de pau d'arco (ipê). As portas são de pau-branco, barrocos de arocira, e portas, revestimentos, lôtro, e assim tudo é de cedro.

Para fora da cidade, em casas melhores ainda é o cipó que serve de pilares, e paredes. Em algumas casas antigas e do tempo em que as malas eram vizinhas há esteios, e são de coração-de-negro (os melhores) arocira, jucá, etc.

Nas palliogas dos pobres é quase sómente o pau charuado sabiá que é empregado, porque abunda por cima a parte, isto é, fora dos tabuleitos arenosos.

Falta-me falar da Carnaúba, elegantes palmeiras, do que grande parte da Província é feita. Dela tudo se aproveita — a raiz supre a salsa parilho, alguns a preferem mesmo, mas outros usam das duas coisas misturadas, e dizem que o efeito é prodigioso. Da folha se tira a cera que é hoje objeto de indústria no país. As velas, de que ordinariamente se usam são desta cera. Quando aqui chegamos a Paracatu custava um vintém uma velinha dessas, passaram a 30 reis e hoje nos disse o José da G. que estão a 2 vinténs, isto no espaço de 2 meses. Têm cor trigueira; mas não exalam mau cheiro, como as que vi no Rio, e uma velinha destas dura como uma das de sebo de 10 nossas. Com as folhas fazem mil coisas, tiram cordas delas, fazem encilhamentos, ou sujadores para as cangalhas, tecem esteiras, chapéus, abanos, cobrem casas, e do cé fazem bicas, e outras coisas; porém o seu uso mais importante é de madeiramento para casas. Há casas feitas só com carnaubais desde os estios — porém estes não duram muito. Mas [para] madeiras do ar é ela excelente. Na cidade mesmo há casas cujos freechais, travessos e cumieiras são de carnaúbas. Inda há poucos dias estivemos no engenho em que está o Senhor Sabóia; o corpo do engenho, que é um casarão todo aberto pelos lados, só são os estios de boa madeira, mas toscas, e até com casca cortadas no cimo em bôca de lobo; e todo o madeiramento de cima, a saber, cumieiras, freechais, travessas, círcas, resomas, caibros — tudo era de carnaúba. O uso das ripas de carnaúba é particular, ainda agora está se edificando na praça da cidade um prédio cujos caibros são de carnaúba — são carnaúbas rachadas e feitas em bicas, postas em comprido, e aproximadas; sobre essas bicas se assentam as telhas de cano, de sorte que dispensam ripas; é madeiramento pesado, e feio. Hoje, e sempre, nos edifícios nobres, e casas melhores se fazem caibros de pau-d'arco, e ripas de sarrafos de cedro, ou duma taquarinha chamada raboca. No engenho do Senhor Franklin, e na casa que era

reservada para moradia são as ripas de tábua e dobradas. Do miolo tiram folha, que não é clara, e muito boa para mingau.

Fazem aqui uma telha angulosa ou dobrada em ângulo, talvez para assentá-la melhor sobre as bicas de carnaúba.

22.V.1859

Aqui está hoje o Senhor Juvenal e nos disse que o ofício de ontem fez com muita força em alguns lugares da serra, arrancou algumas plantações e desribou uma casa nova num sítio da serra, que ainda não estava habitada, e havia gastado o dono com ela mais de dois contos de réis.

Alguns aqui de Pacaraima disseram que nunca aqui tinham visto vento tão forte. Hoje tem estado o dia sempre mais ou menos carregado, e quente; mas a noite foi bem fresca.

De noite fomos passar o serão na casa do Senhor Valente, negociante e proprietário que tem uma grande família, 8 moças, 3 casadas, e 5 solteiras. Esta família veio de Aracati há 3 anos e aqui se estabeleceu. O Senhor Valente está quase cego; tem 60 anos mais ou menos; sua mulher está bem disposta, já tem muitos netos e netas. (Das moças quatro cantaram modinhas).

Tomou-se chá, com muitos biscoitinhos e doces vários — depois jogamos a véspera (eram 6 homens e 2 senhoras) até quase meia-noite; eu jogava de sociedade com um dos senhores e ganhamos muito.

As 10 horas pouco mais ou menos entrou a chover; quando fez uma pequena parada saímos, e viemos para casa com chuva, lama, água, etc. Um menino que vinha com um castiçal e vela acesa não nos pôde acompanhar, porque o vento lhe apagou a vela. Eravam eu, o Vila-Real, o Estêvão, o Capitão Henrique da Justa, um seu primo José Luis. O Estêvão não quis entrar; os dois entraram e tomaram café conosco; comemos de um prato de bananas-da-terra feita, com manteiga e açúcar, que nos tinha mandado da serra a Senhora D. Maria Teófila; conversamos depois muito porque não tínhamos sono: seria mais de 1 hora quando os dois se despediram, e nos deitamos.

[23-V-1859]

Segunda-feira 23. Estando acabando de jantar nos chegou uma bandeja com um magnífico prato de papas de milho (canjica), rodeado de laranjas — guardei o papel picado que cobria o prato, por ser uma amostra da habilidade das meninas.

De tardinha fui lá ver os olhos do Valente, e à noite voltei para o véspera; lá tomamos chá com docinhos, queijo picado, bolachas, etc., e às 10 horas nos retiramos e viemos ainda tomar o nosso café, comer papas, etc., e conversar até quase 11 horas. Eram companheiros o Capitão Justa, e José Luis, rapazes patudos. É uma boa distração que aqui temos.

Sexta-feira, Tresanteontem vim com o Lagos de Pacatuba; e notando a vegetação vi poucas flores, à exceção de algumas Convolvuláceas, Leguminosas (mimosáceas e caissá) e Malváceas. Frutos quase todos verdes, como o da Caiaçá, e essa poucos; e do Manapuá e algumas Mirtáceas. Vi alguns pésinhos de Jatobá; notei uma rubiácea de bagas rubras, e que provando uma lhe achei o gosto da polpa da semente do café; seria curioso fazer-se alguma experiência com ela. Os rios e lagos têm alguma água, mas não demasiada.

Ontem depois do almoço (não se tendo verificado a viagem do Coci, por não estar lá o Machado) fui fazer uma excursão pelo caminho que conduz a Soure, levando comigo meu criado. Em passando o Jacarécanga, até onde chegam as habitações, e sítios dos arredores da cidade, vagueamos um pouco pelo meio dos tabuleiros, expostos a um sol bastante forte. Antes porém tínhamos já colhido ramos com fruto do meu lado, de uma arvoreta, que está em frente da igrejinha; depois junto a uma palhoça e à beira da estrada está uma árvore baixa e copada, que me disse uma cabocla que se chama Timbuíba; é uma leguminosa mimosácea, de que já na barra do Ceará vi uma canoinha; tiramos um ramo.

Pelos tabuleiros está florescendo a roccoloba, que me deram com o nome de Carrasco. Os barbatimões estão com brotos novos e com frutos verdes, e alguns com flor; colhi ramos destes. As Janagubas estão com as folhinhas abertas e sem sementes, com dificuldadeachei um folículo ainda verde, que colhi.

Estão algumas rubiáceas arbustivas em flor; uma delas, de folhas vermiculadas (talvez *Hamelia*) tinha flores, e frutinhas verdes; colhi exemplares. Uma Gânia que é só comum teria raras frutinhas verdes; algumas mirtáceas tinham, umas, flores, e outras frutos verdes. Malpighiáceas com frutos, muricis (ainda não vi o verdadeiro, digo a fruta). Guajeru, e *Erythroxylon* sem flor nem fruto. Tetráceras com frutos. Uma passiflora com flor.

Hoje 31 de maio, pelas 11 horas da manhã montei a cavalo, e acompanhado pelo meu criado me dirigi para o lado de Mucaripe. Estando no Ofício, e tendo passado pelo Colégio dos Educandos (creio que assim se chama o elegante e vasto edifício que ali se está concluindo) me aventurei pelo labirinto de caminhos que ali há, e depois de muitas voltas, e perguntas fui sair errado à praia junto à frente da Alfândega. Não querendo voltar, tive de subir e descer vastos combres de areia fina, onde o cavalo se metia até os joelhos, e assim seguindo os areais andei por elas mais de meia légua, ora me aproximando do mar, ora encostando-me aos matos. Em [alguns] lugares fica o mar de 300 a 400 braças de distância. Icando de ordinário junto às matas (carrascos) os com-

bros e montes de areia, e entre estes e o mar grandes depressões de terreno, onde se junta água, formando lagos rasas e largas. Em todas elas havia grupos de lavandeiras, e crianças banhando-se. A água é doce, com ela lavam, e dela bebem, e é perfeitamente transparente. Das lavandeiras, que são caboclas, mesticas, e algumas pretas, várias estavam nuas, e se agitavam quando eu passava, dando as outras grande risadas. (É este o costume dessa gente; quando vai ao rio lavar roupa, em algum lugar mais recômodo, se põem todas nuas; disto já tivemos notícia em Pacatuba).

A primeira vez que passei por estes lugares notei uns cajueiros muito rasteiros, lançando raiz muito longe, fenômeno que se atribui aos ventos.

Hoje tive ocasião de estudar melhor este negócio, e vi que me tinha enganado. Eis aqui o que é:

Por toda a costa do Rio Grande, Ceará, costa que é vasta e arenosa, os montes, ou combos de areias estão sempre mudando-se pela ação contínua dos ventos; ou essa areia seja lançada à praia pelo mar, ou seja trazida pelo vento da costa quando ela toma a direção dos ventos gerais, enquanto não encontra obstáculo, as areias marcham sempre conforme o movimento dos ventos, mas logo que acham um obstáculo, tornam a acumular-se, e vêm a formar montes mais ou menos vastos de modo a formar pela linha da costa uma sorte de muro.

Se encontram uma árvore forma-se logo junto a ela um monticulo; se são muitas árvores em fileira forma-se um cordão de areia encostado a elas. Ora, nas matas que bordam aqui a praia há grande número de cajueiros, enormes e copados, até o chão; se as areias encontram um certo número destas árvores, vão se acumulando junto a elas, que impedem a passagem da areia e formam um atôr do lado do mar, ou antes do vento, soterrando a árvore até as grimpas; quando são muitas árvores juntas é uma muralha, que submerge só metade das árvores, e então é muito curioso ver-se metade da árvore descoberta, e a outra toda enterrada na areia, por onde se chega até o cume da árvore, que não tem senão as extremidades dos ramos de fora, e tem-se um precipício do lado oposto. Se a árvore é isolada o efeito é mais curioso; forma-se o monte de areia por baixo da árvore que fica toda soterrada, menos as pontas dos ramos que parecem pequenas árvores plantadas sobre o monte de areia. Isto é o que me iludia. Não é só com o cajueiro que isto acontece.

Mas é mais comum porque a sua forma se presta para isso.

Com os muricis, que são arbustos copados e rasteiros da praia, acontece o mesmo — vê-se a cada passo montes de areias cobertos de murici; os troncos estão submersos e as plantas vendo-se abafadas alongam constantemente seus ramos, e a areia continua a acumular-se.

Outro fenômeno curioso produzido pelos ventos é a inclinação das árvores, e a maneira por que lhes cortam os galhos secos de modo que a árvore parece aparada a tisauta, entrando pela superfície da copa arredondada os ramos

secos e despidos de folhas. Isto acontece a muitas árvores dos tabuleiros vizinhos ao mar, cajueiros, e juazeiros principalmente.

Cheguei até o lugar onde encontrei *Conocarpus*, que colhi e voltei. Os juazeiros estão alguns com frutas maduras; os muriçis estão com flor, e fruta verde; duas lindas bignoniáceas estão com flor; duas espécies de passiflora estão com flor. Uma cassia arbórea que tinha apenas uma flor, pela qual fiz o desenho, algumas convolvuláceas, solanáceas (juripchas) algumas rubiáceas. A *Richardsonia rosacea* cobre grande parte dos campos; a *Meladinha* (*Malvaceae*), outra malvícea - tudo com flor. Cheguei à cidade depois de uma hora com forte solnheira, e tratei logo de fazer o desenho das flores.

A respeito dos cajueiros soterrados, o que eu tomei por longas raízes eram galhos da árvore soterrados, mortos.

O convolvulácea *Ipomoea*, que aqui chamam salsa, abunda pelos combros e pela praia, assim por todo o tabuleiro, e mesmo pelo interior ou perto das serras; está constantemente com flor.

A onça convolvulácea de flores moi grandes, roxas, abundante também por toda a parte por onde tenho andado, a tenho visto sempre com flor desde o princípio de fevereiro até hoje. Agora estão com fruta, mas ainda verdes.

Mais duas espécies de convolvuláceas vi hoje com flor.

Amanhã vamos a Coxix; aqui estive o Presidente agora e ficamos juntos. É lugar de muito bom peixe, e há na terra o díctado seguinte:

Aqua de Jacaréanga  
Tainha de Coxó  
Cunhã de Porangaba  
E farinha de Tipiú.

2-VI-1859

#### PASTOREO AO COCÓ

Ontem (1 de junho) acordamos cedendo chovendo, o que nos desconsolou, porque tínhamos a viagem justa; mas a chuva cessou logo, e nos pareceu que teríamos bom passeio. As 7 horas eu e o Lagos montamos a cavalo, chegamos a palácio, esperamos um pouco pelo Presidente, que se apresentava; chegou logo depois o guarda-mor da Alfândega, Vitoriano. Tivemos segunda vez café; e esperamos por mais alguns que se tinham comprometido a virem. Havendo demora o Presidente mandou o ordenançá saber se vinham ou não, voltou o ordenançá com o recado de que iriam mais tarde; o cunhadão do Presidente também não aparecer; montamos pois os quatro, seguimos do ordenançá, e pusemo-nos a caminho. Fomos muito bem quando em meio à viagem entrou a cair um ligeiro chovisco; fomos sempre equipando ou a galope. A chuva ia sempre a mais, e quando chegamos ao sítio (como aqui chamam) do Comend-

dador Machado já chovia menos mal, e estávamos já bem molhados. O caminho, que é de lèguas e meia talvez, é excelente, e passa, no espaço duma lèguas por uma espessa mata, que lhe forma um bârco, e é todo plano e arenoso; que se lembra duma porção igual de caminho que tinhamos na Água Branca em Campo Grande — a semelhança era perfeita. O sítio do Senhor Machado ou a casa onde assentada à emergir, e a pouca distância do Rio Corá, e em lugar elevado; é uma casa antiga, mas vista, de paredes grossas de tijolo, com cimata. O lado por onde se chega é mui largo, tendo três portas, e sete janelas, com intervalos de cinco a seis palmos. O pé direito não é muito alto, mas a casa é rodeada de um passeio de tijolo (a modo do Ceará) bastante largo, e alto 3 a 4 palmos do chão. O lado do bairro tem 3 janelas; onde está a sala de entrada, ou de visita; mas entra-se pelo lado de dentro, sobre uma área tijoadada. São aqui os tijolos quadrados e grandes, e grossos; e uma coisa notável é que as portas e janelas são postas por dentro, mas de lado, e na frente em meia parede, que como já disse é bastante grossa. Toda a casa é de telha-vâ, telhado de carnaúba; e as paredes interiores, exceto a que divide a sala de entrada, chegam só às travessas, como é uso no Ceará. Para o interior e por detrás há grandes laços de casa, e cômodos para cozinha, engenho d'açúcar, seguramente de farinha, e outros cômodos de grande fazenda; seguindo currais, grande pomar, etc. O rio aqui não corre entre mangens determinadas, derrama-se, formando muitas ilhas, e corais, em grande largura (não pudemos lá ir, por causa do tempo). A barra fica a duas lèguas, a barlavento de Mucuripe. A maré entra por ali e chega muito acima do sítio em que estávamos. Estava já muito vazio, mas a sua vista forma uma graciosa paisagem por entre numerosos coqueiros do sítio e corais de mangues albergados, no rio; quando ele está cheio, e que chega mais perto da casa apresenta a vista dum braço de mar. Tem o Senhor Machado esta possessão há mais ou menos 30 anos, vai até o mar, e se estende pela terra dentro talvez mais duzentas lèguas quadradas; e está quase todo o terreno coberto de matas primitivas; que se parecem com os nossos capoeirões. Tem muito boas madeiras de construção — paus-d'arco, pau-ferro (vi no interior da casa um esteio que ele me asseverou ser de pau-ferro, cujo cerne era negro como o do jucá); há o que aqui chamam pirobas, etc.

Estas matas podem estar já bastante devassadas. Diz o Senhor Machado que as arejas para o lado de Mucuripe já lhe têm sucedido nela lèguas de matas; não indaguei em que sentido contava a milha lèguas. Logo que chegamos fomos servidos de café simples, biscoitos, licores, etc. As 11 horas, já então havia chegado o cunhado do Presidente (engenheiro da Província); fomos apresentados à família, e servidos dum jantar e delicado almoço: serviço de mesa prata, porcelana, cristais, etc. Depois da do Presidente, é a mesa mais decente que tivemos visto (já em Manaus, engenho da viúva Viana, viu-se alguma coisa que se aproximava). Tivemos farinhas (paratis) do Cocó, tortas de camarão, grande profusão de carnes, doces, massas, excelente café, chá, etc., tudo muito bem feito. As 5 horas chegaram mais da cidade 3 cavaleiros, depois mais

dois empregados públicos, negociantes, magistrados, etc., todos com mais ou menos chuva, porque (o que é raro no Ceará) choveu até as 5 horas. Andou-se caçando (ou antes errando tiros) pelo pomer, e arredores. Eram atiradores o Presidente, e o Lagos, que nada mataram e um filho do dono da casa que matou um periquito, e um avo branco, tendo dado 10, ou 12 tiros, com muitas galhofas. As 5 horas fomos servidos dum lento banquete; fomos os convivas 16 - 9 hóspedes e 7 de casa (3 homens e 4 senhoras). Acabando o jantar viemos todos para a sala (era já de noite) homens e senhoras, tomou-se café, conversou-se, e fizeram-se charadas. O tempo havia consentrado; eram mais de 8 horas quando montamos a cavalo, 10 cavaleiros com a comitiva, que por cautela passou para diante. Passámos a mata, com cuidado por causa de uns grossos galhos de cajueiro, que obrigam a abaixar a cabeça. Dentro da mata era grande e escuro, nada se via. Chegamos finalmente à cidade depois das 9 horas. Passámos um dia cheio, bom que a chuva nos aguasse o prazer. Nada colhi - vi em caminho jabutás com fruta, e algumas árvores com flor, que tentarei já colher.

#### 9-VI-1859. Pacatuba

*Espanhol:* O Capitão Justa contando-me o que se passou nas suas fazendas de criação, disse-me que em uma delas há uma cacimba feita por seu avô; que numa seca diz ele que cavando por ela se encontrou uma terra dura - salão - impermeável, e que continuando a cavar com picaretas, torpedeou o salão, e deu-se com areia donde surgiu água abundante, e que nunca faltou. Disse que os vaqueiros recorriam a cacimba com vacas para que o galo a não destruísse, deixando só uma entrada bem espanhada por onde entra o gado, quer dizer, em rampa.

*Abolar:* O gado, digo as vacas parem ordinariamente pelo inverno. Se os verões são longos e frios séria, elas deixam de parir; ou parem pouco, e os bezerros morrem em voto.

Em geral durante um bom inverno o gado engorda muito, fura ração, mas no fim das secas está com a pele sobre os ossos. As vacas paridas se recolhem de tarde e os vaqueiros têm um modo de as chamar, com um grito, ou grito alto, que se ouve a 1/4 de légua, a que elas acodem e chamam a isto abolar.

*Ser sujeita:* É ser calva. É fôrta, ou ratalha. Perguntei a uma escrava de J. da Costa. Só sujeita, me responderam ela. E seu marido? Também é sujeito.

*Enfadoado, por cansado:* cheguei da cidade muito enfadado.

Ontem vindo da cidade notei no caminhão bastantes árvores de Jatobá; mas nem uma tinha fruto. Parece ser a mesma espécie que temos no Rio. Existem também ali muitos angelim, que me parecem ser de uma das espécies do Rio (da que existe no Campo do Retiro). Não tinha flor nem fruto. Estavam

invólucros ipês de flor encarregada floridos. Estão mimosaçôes e cassias com flor ou broto.

Do pau-branco ainda vi algumas com flor. Da catingueira estão muitas e grandes árvores ainda com flor.

14-VI-1859

Estamos a 14 de junho, e o dia foi quente, o céu mais ou menos azulviado, e das 4 às 6 da tarde choveu bastante. Anteontem estávamos em casa da família Valente, saímos de lá apressados porque entrou a chover, e logo que chegamos a casa caiu bastante chover: eram 9 horas da noite. Ontem e hoje nos preparamos para ir à Monguba visitar D. Brasiliâ, e o não pudemos pela chuva.

20-VI-1859

Anteontem 18 de junho vindo de Paçatuba, notei no Carnaubal vários angelins (Andira) que só af tenho visto, e que estão agora principiando a florar; muitos pés da caroba de folhudas miúdas, frutos grandes e ondeados na margem; estão com alguns frutos maduros. Ambas estas árvores têm o porte da nossa *Andira stipulacea* no Rio. Há também ali muitos jatobás, também de pequeno porte, ou ainda não bem criados, e nos pántanos a catinga, ou pacavira de flores amarelas. As carnaúbeiras estão em flor.

Ontem aqui na capital (19 de junho) foi o dia bastante quente, e o céu indicando tormenta; hoje amanheceu chovendo, e fazendo frio como ainda não senti aqui. Tem continuado a cair chuveiros, até 11 ou meia-sua.

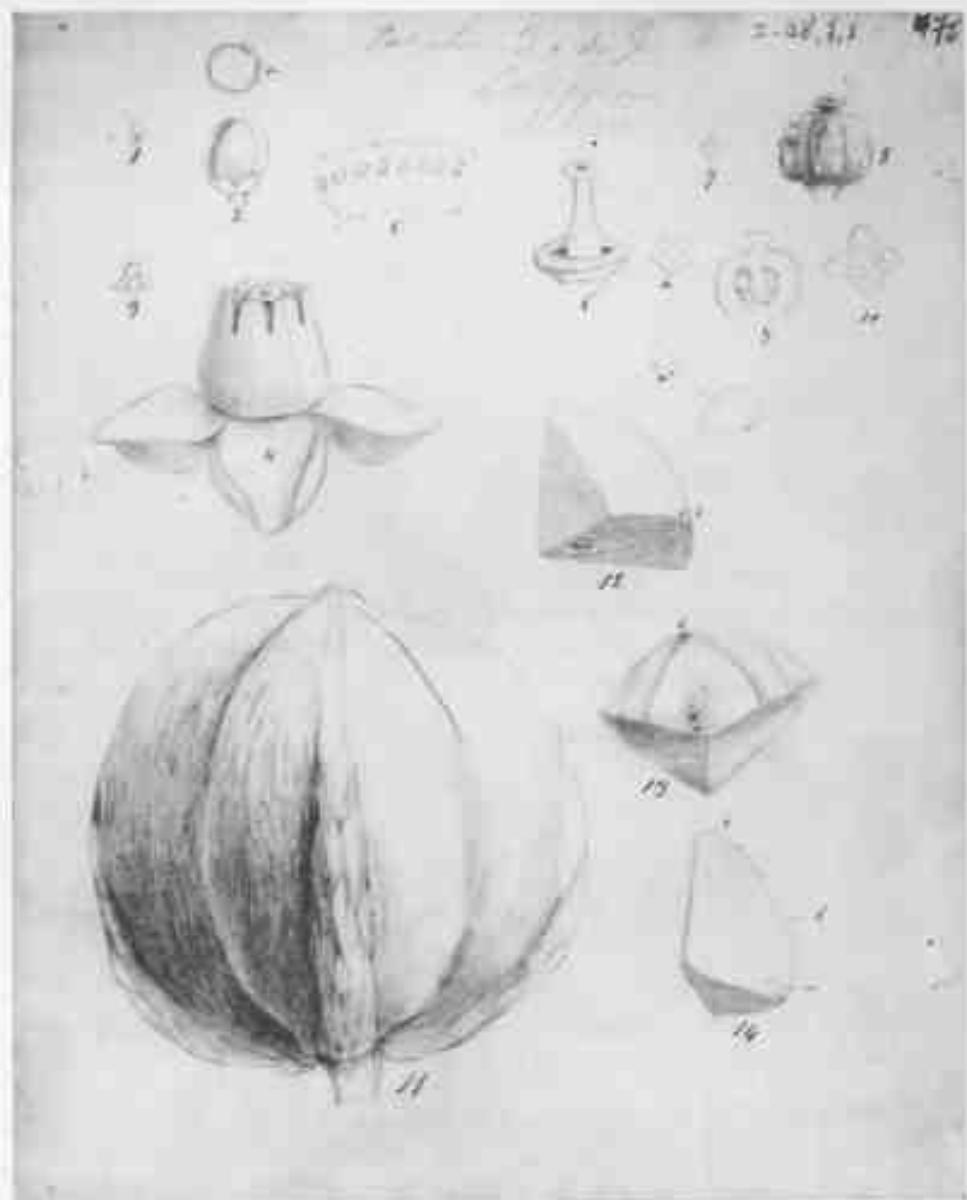
23-VI-1859. Paçatuba

Ontem vim da cidade de Fortaleza, em companhia do Capitão Henrique Gonçalves da Costa. Saímos da cidade às 3 horas e 10 minutos e chegamos alguns minutos antes das 8. Tivemos em caminho algumas demoras: os riachos e os rios haviam tomado alguma água, com a chuva da madrugada de ontem, que durou por mais de duas horas, e foi acompanhada de alguns trovões. Os dias precedentes haviam sido bastante quentes.

#### VEGETAÇÃO

Estão florescendo os angelins no Carnaubal; as carnaúbas estão também com flor.

O pau-pataiba está também florescendo. Há muitas destas árvores nos ladeiros.



Carapã. Descrição e desenho feitos em Fortaleza, 30 jun. 1859.

Os cipós-de-fogo, a saber, uma *Davallia*, as tetríceras, que também chamam cipó-de-fogo, e mufumo, estão com fruto.

Os cauás, estão também dando alguma flor.

O buce (*Fimbristylis*) está com muita flor.

Humiri, arbustos muito comuns nos tabuleiros, estão floridos.

As dianáceas de lindas flores, e centrossémos.

Algumas malpighiáceas.

Cássias de grandes flores amarelas.

Mimosáreas de espigas de flores brancas.

Hoje de tardinha fui fazer a minha visita à família do Senhor M. G. Valente, com o Capitão Justa; saindo de lá seriam 8 horas, o Justa me convidou para ir assistir a um samba de negros na casa do Senhor Crisanto, cunhado do Senhor Antero. Prontamente acedi, cuidando ir assistir a uma dança de negros em alguma palhoça ou sertão; mas fui surpreendido quando chegando a casa do Crisanto, logo lhe achou muita gente da principal de Pacatuba sentados em cadeiras fora da porta como aqui se costuma. Entre outros eram o Subdelegado de Polícia Dr. Vitoriano, o Antero, Juvenal, dois deputados provinciais filhos do Barão de Icó, que acabavam de chegar do sertão naquele momento, e muito mais outros senhores, e a sala dentro estava cheia de senhoras; eram as filhas do Senhor J. da Costa, a saber, D. Maria G. Teófilo, D. Joana, sua filha, e o Senhor Juvenal; era a família do Dr. Vitoriano, era a família do Antero, do Crisanto, e outros mais parentes. Depois de conversarmos um pouco fui, entramos para a sala, e pouco depois nos conduziram ao quintal passando pela casa de jantar, onde estava a mesa coberta de pratos, de papas (canjica), de arroz de leite, alegria, vários bolos, e muitos outros doces secos e de calda, vinhos, cerveja, etc.

No quintal achamos uma grande roda de negros e negras, calculo em mais de 100, escravos dessas famílias, e das mais de Pacatuba. Os instrumentos eram tambores, e caquinhos com que agitavam os ouvidos, e ainda mais com cantos, algazarras e vivas. As senhoras chegavam muitas vezes para a roda, assim como os homens e assistiam com prazer as danças lubrificas das pretas, e os saltos grotescos dos negros, que também fizeram jongo de pau, etc. Saindo dessa roda vinham para a sala a tirar sortes, ou para a casa de jantar a comer e beber. D. Maria Teófilo era incansável, e tomou grande interesse fazendo dançar os seus pretos, e designando-os pelos nomes, e esteve por muito tempo com uma vela na mão para alumiar melhor a cena. O Antero também tomava grande interesse na coisa. Ai estivemos, mais por comprazer a D. Maria, até mais de meia-noite, e nos retiramos.

[29-VI-1859]

Dia 29 (S. Pedro). Havíamos sido na véspera convidados para jantar em casa do Valente. Tendo trabalhado toda a manhã até as 8 horas da tarde, nos

vestimos então (éramos eu, Manuel, os dois Vila-Realis) e para lá fomos, isto é, para a casa do Castro, genro do Valente. Só havia gente da família, e éramos 15 ou 16 pessoas de mesa. Depois de conversarmos, fomos para o jantar às 5 horas. Havia abundância de carnes, e a mesa e os pratos estavam cobertos de flores; entre as quais notei *mimos-de-vénus* e *cravos-de-defunto*, isto por cima mesmo dos assados. Vieram depois canjica, arroz de leite, azeitona, e doces secos e de caju-poteira. Foi o jantar alegre, e adubado com conversas, em que as moças tomavam grande parte, e versava quase sempre em negócios de casamento, em que mostravam bastante espírito (o pai estava calado; mas a mãe também metia a sua colher). Depois do café, como eu estava suado, fui para a casa, desci-me e deitei-me na rede, até refrescar bem; depois, seriam 7 horas e meia, vesti-me de novo e voltei para lá: foi então comigo o Estêvão, proprietário daqui. Ia escrivemos até perto das 10 horas ouvindo cantar as moças, ao acompanhamento do violão. Chegando a casa mandamos fazer café, e depois escrevi esta lembrança.

2[4]-VII-1859. Pacatuba

Há alguns dias, que fazia sempre de noite. Ontem esteve o céu amaciado, bezilou de noite; hoje tem sido o dia mais ou menos chuvoso. Agora, 5 horas, da tarde está chovendo, e promete continuar.

3 de julho. Choveu de manhã algumas pancadas boas; no meio dia melhorou, e fui, com o Capitão Justa ao sítio do Senhor J. da Costa, no Aratambá, fazer-lhe uma visita de despedida. Escando já, e à mesa, deu uma pancada de chuva e depois, digo, antes disso, tinham caído chuveiros pacíficos, pela varginha e pela serra; acabarmos de jantar depois das 5 horas, tomamos café, e montamos logo a cavalo. Chegamos a Pacatuba ao anôitecer, tendo desciido a serra com muito cuidado e susto. Estava em casa do Senhor Costa o outro Senhor Justa, casado com uma sua filha, a qual cantou ao piano algumas modinhas e uma ária italiana. Tem muito boa voz e gosto. A outra irmã solteira só apareceu ao jantar.

4 de julho. Tem havido ainda hoje chuveiros repetidos, e faz algum calor.

5 de julho. Deixei meio-dia às 8 horas duas grandes pancadas de chuva, uma das quais apanhamos.

6 de julho. Dia mais ou menos chuvoso. Às 2 horas grande pancada d'água.

[10-17-VII-1859]

Ontem, 9 de julho, deixei Pacatuba e vim para a cidade com Manuel, para nos aprontarmos para a marcha do sertão.

Viemos com bastante soalheira, saíndo de Pacatuba às 8 horas e chegando aqui às 8 da tarde.

Colhemos em caminho algumas plantas — o fruto da alamanda, bagéus do juci, e de uma mimosácea, talvez adenántera e ramos floridos da andira, que vegeta no Carnaubal.

Hoje 10 de julho, amanheceu chovendo.

[15-VII-1859. Fortaleza]

Ontem 12 de julho, eu e o Dr. Borja Castro partimos às 11 horas da cidade para irmos a Soure, onde chegamos, quase às 2 horas indo devagar. Era o sol assaz forte mas por vezes se encobriu, e passado o Rio Maranguape começou a chover por pancadas, das quais nos abrigávamos metendo-nos por por baixo das árvores. O caminho é em linha reta de um ponto ao outro, dão-lhe 3 ou 4 léguas, e passa por 3 rios, o Jacarécanga, o Maranguape, e o Ceará; além dunha aguada corrente seca, e que se chama Alagadiço. Todos estes rios têm aqui pouca água, e secam no verão. Sobre o Rio Ceará há uma boa passagem, que chamam ponte, mas é um longo aterro, entre duas muralhas, com 8 a 10 palmos de altura sobre uma porção de mangue, por onde corre o rio, repartindo-se; terá este aterro talvez 300 braças. Castarmos passando na nossa marcha 8 minutos; e tem duas pontes de madeira bem feitas, uma sobre um braço e outra sobre o rio. Há mangues de grande altura, mas não como o da barra do rio, ou Vila Velha.

Soure é uma povoação em ruína, já foi vila, e antes aldeia de índios, conservando a cedela, que tem sobrado (sala livre, ou Casa da Câmara). A igreja está ameaçando cair; a parede do fundo está com várias e largas rachaduras, e em verdadeiro abandono; há na frente grande praça, mas coberta de mato. As duas linhas de casa são de vendadeiros casobres, apenas ao pé da igreja há um ou dois casobres melhores. Além dessas duas filas de casinhas, há outra ao lado esquerdo que flanqueia a estrada que por aí passa, fazendo com os fundos das casas a frente uma rua. Fomos procurar um confeiteiro Bezerra que aí mora, mas não o pudemos ver; e fomos à bolandeira ou engenho de descarregar o algodão, que estava trabalhando. A casa é nova e boa; o engenho era tocado por dois bois, e trabalhavam quatro jogos de cilindros de ferro. Tem também roda para cevar mandioca. Diz o Bezerra, que sua fábrica é de meia com ele e seu cunhado. Em caminho vi um molinete para espremer cana formado de dois toros de carnaúba. Pousamos numa casinha de negócio miúdo, tomamos cidra; e mandamos dar jerutum aos cavalos. Tendo descansado um pouco e conversado com o dono da loja, que tem viajado por todo o sertão, montamos a cavalo, corremos a povoação, e seguimos para a cidade, onde chegamos às 3 horas e meia, assaz aquecidos.

A vegetação por este lado é a mesma que para Batutilé, seus vales ou várzeas ao lado dos dois rios, Maranguape e Ceará, são cobertos de vastíssimos carnaubais, de que se faz cera.

Estavam em flor e fruto poucas plantas — algumas angelins, dos quais colhemos vindos de Pacatuba no Carnaubal. Estavam carregados de flores, outros não. Estavam uma linda espécie de Mucunã, uma *Hirtella* de flor roxa, uma Turnerácea de flor branca, o mauti-pitanga. Colhi em um macieiro caídu sobre o Rio Maranguape um lindo *Oncidium*, etc.

Notei que a *Vismia*, o angelim, e o pau-pinho, existem particularmente onde os tabuleiros se confundem com as matas, isto é, onde as areias se confundem com terras baixentas. Colhi, além dessas, flores de carnaúba, da caninana, etc.

[16-17-VII-1859]

Hoje 16 de julho amanheceu caindo uma pequena chuva, que durou pouco; o resto do dia foi bom. Ao anotececer fez algum calor.

17. Ao romper do dia caiu uma boa chuva; cessou depois; mas ficou sempre o céu mais ou menos carregado, e durante o dia caíram alguns chuveiros. Ao anotececer o céu se tornou mais carregado, o vento era leste; pouco mais ou menos às 7 horas entrou a crever (faz calor, e todo o dia foi um pouco quente).

21-VII-1859. Fortaleza

Depois do almoço, saí com o meu criado e fui fazer uma excursão pelo Citeiro; passei pela cacimba do povo, que tem muita má água, mas abundante, e é o que me diz o guarda, que numa falta, é tirada por uma bomba. Seguimos depois até a outra grande cacimba, ou grande escavação onde a gente polre tira água, muito má também. Já não encontrei um só pé de acantícea de brácteas rubras, de que queria somente; também o malumbo (bigoniácea) não tinha um só fruto. Estão floridas as *Davallias*; as *tetrapteras* já não vi com fruto (ambas plantas características dos tabuleiros).

Estava com flor uma bigoniácea de flores amarelas, que já tinha desenhado. A convolvulácea de flores grandes, rosas, que tirei para desenhar, está com flor desde que aqui chegamos. Outra convolvulácea de flor pequena e branca, também com flor, a meladinha, algumas vassouras, um *Hyptis* de flor azul, a angelica (rubiácea). A bissonimina de folhas glaucas, uma lantana de flor lili, das que vi cultivadas em Nápoles está tida em Poi. Os jenipapos estão carregados de frutos. Observei uns coqueiros (dos que chamamos da-bahia) mui altos, talvez com cem palmos de fuste, e com pouco mais de palmo de diâmetro, uns direitos e outros tortos, com pequeno topo de folhas, e carregados de frutos, que deviam pesar para mais de 4 arróbus, e que vergavam com o vento, e se sustentavam maravilhosamente. Estes coqueiros caíam constantemente carrega-

dos de frutos, e duram ou podem durar séculos. Disse-me hoje o Ajudante...<sup>8</sup> que no Rio Grande do Norte viu coqueiros com mais de cem anos e dando ainda uns coquinhos pequenos. Ovi hoje também que a palmeira vem também em terras baixas; e que o Catolé dá excelente azeite para luzes.

21 VII 1839. Fortaleza

Tendo sido convidados pelo Senhor Bezerra (Manuel) para assistirmos à experiência do fabrico de açúcar \*, que ele pretendia ter inventado, não pudemos aceitar outro convite para jantar em casa do Dr. Pompeu, a saber, eu e o Lagos; os outros foram a esse jantar; e depois de haverem jantado em casa, mais cedo, fomos para Palácio, para jinrmos juntos com o Presidente que assim havia combinado. Eraas 8 e meia mas o schiamos em princípio do jantar, e aí jantavam, além da família, o secretário, que também era de partida. Enquanto jantavam chegaram ainda o Major Viana, e o Ajudante...<sup>9</sup>. Depois do café montamos a cavalos, eram 4 horas; e eram seis pessoas, e um ordenançá do Presidente (o Presidente, o Secretário, o Major Viana, o Tenente-Coronel Lucas, Assistente do Ajudante-Geral, o Lagos e eu). Puseram os cavalos em esquípado e saímos da cidade em o sul pela Beira, e fervente, e por uma estrada (a nova de Soure) que é de arcia sóta, e fina, de atolar até meia perna dos cavalos; eu ia no cavalinho do Manuel, e o Lagos no do Reis (porque havíamos emprestado os nossos para irem as filhas do Bezerra), e eu ia acompanhava a meio galope. O engenho onde se fazia a experiência era no Alagadigo, quase uma légua distante da cidade; alguns querem que seja mais de légua; e fizemos esse caminho em menos de meia hora. Enfim chegamos ao engenho, ou casa do Senhor José de Góis. Estava a casa cheia de moças e meninos, e vários homens; e o nosso pobre Bezerra estava no engenho trabalhando na experiência, desde muito tempo; pouco tempo depois que chegamos nos apareceu Álv, dizendo que a primeira tacharia não estava boa porque o meludo se havia queimado mas que já estava preparando outra; mas que no entanto aquela mesma queimada podia servir para a experiência. Com efeito pouco tempo depois fomos chamados para ver o açúcar e achamos uma gamela, onde se batia uma porção de açúcar massoso, que havia algum tempo que se batia, e dentro da casa do engenho, ou dos tachos, estava um tacho com caldo a fervor. Era a segunda experiência. Em que consiste pois o processo? Em apurar o caldo, e levá-lo ao ponto de bair — e bater até açucarar! Qual a vantagem em ter açúcar preparado dentro de duas horas? E de não se perder o mel, que fica incorporado no açúcar! Ajuntou-se gente em toda da gamela, o Presidente, etc., e se discutiu

<sup>8</sup> Lacuna no ms.

\* Experiência que já havia feito no Rio de Janeiro, em 57 ou 58.

<sup>9</sup> Lacuna no ms.

sobre o negócio, e mais nada. Da outra tachada, que não daria senão a mesma coisa, não se tratou mais; apenas se começou a beber, era melado e mais nada. Daí fomos todos para uma mesa que estava no pátio da casa cheia de doces, de balas, de massas, etc. etc. vinhos de várias qualidades e queijos, etc. Ao anotecer montou a cavalo toda a caravana e chegou-se à cidade antes das 8 horas. Eravam 16 a 18 cavaleiros, incluídas 4 senhoras, uma das quais caiu do cavalo — e acabou-se a história.

Segunda-feira 28 de fevereiro nos aprontamos às 5 horas para partirmos às 6. Pouco depois das cinco chegou à casa em que residimos o Senhor Franklin, e enquanto tomávamos café, entrou a chover, e parecia que a chuva, que deu com bastante força, continuasse até tarde; e nos propúnhamos a sair depois de almoçar, mas só durou uma meia hora, e saímos logo pouco depois das 7 horas. Apenas tínhamos a estrada molhada. Tamos todos bem montados. Tamos eu, o Jango, o Coitinho, Manuel, o Vila-Real, e o Senhor Franklin. Andávamos com interrupções, por isso que íamos observando as plantas, e matando passarinhos, e chegamos à Fazenda pouco depois das 11 horas (diz-se que são 5 léguas). Em caminhar, até uma, ou duas léguas fora da cidade viam-se muitas plantas em flor, nos matos carasquinhos dos tabuleiros; mas para a vizinhança da Fazenda a florescência ia diminuindo, e as matas eram mais altas.

Fomos recebidos pela família do Senhor Franklin, sua Senhora D. Brasília e duas filhas, D. Maria e D. Liberalina, de maneira a mais amável; e logo servidos de um mui faro e excelente almoço. Depois de almoçarmos, e descansarmos saímos todos a fazermos pequenas excursões, e tomamos conhecimento do lugar em redor. Havia muito pássaro, e mui diverso em grande parte do que eu conheço no Rio: pombos de vários tamanhos e cores, diferentes dos nossos, algumas jutitis, que só vi sentados ou voando, muitos tiritas e piriquitos, de várias cores, muitas rorupiões, e cardais, algum sabiá, pícapaus, etc., semelhantes aos nossos, atins, cururuados, sainhaços e hem-te-via ou sibiri, cabore; não vi tiés, nem saís, e nem vi beija-flor; na cidade já vi um.

Das plantas muitas eram as mesmas dos arredores da cidade, e a mais abundante aqui era a árvore da borrhacha, que aqui chamam Manicoba \*\* e que foi em grande parte destruída pelos cahorros, quando entraram a tirar borrhacha; porque esfolavam inteiramente as árvores, e misturando a goma com a terra (para a enxugar depressa) e não fazendo por isso os mercadores diferença no preço, depreciam-se completamente. Há perto e dentro da Fazenda grandis-

\* Eugenio de São João da Munguba, do Tenente-Colonel João Franklin de Lima.

\*\* Confundiu a manicoba, e o pinhalu-bravo.

simas mangueiras, que lhe dão o nome; abundam também nesses lugares o chamado pau-branco, excelente madeira de cerne; é uma cordíssima, está com flor e fruto; outra que chamam sabiá, madeira também boa, e dá boa lenha. Há mais nesses matos outras madeiras, que não vi, nem tinham flor. Vi em todo algumas plantinhas nossas: vassoura (espécie distinta), mituri, ervastostão, mara-pasto, e fedegoso. Vimos pela primeira vez em caminho um lugar úmido, com muitas carnubais, que são lindas palmeiras.

As 4 horas jantamos, e depois fomos cadeiras para campo perto da casa nova que está fazendo o proprietário, excelente prédio, de sobrado, e mesmo bem feito. O Senhor Franklin é o próprio arquiteto. Aí sentados, menos a Senhora Franklin (que se acha doente), e a filha mais velha, conversamos até ao anochecer, tocando a menina mais moça um instrumento que vi pela primeira vez — concertina — e que ela toca com muito gosto. Entramos para casa, conversamos até o chá, que foi às 10 horas, e fomos para nossas rãdes.

Quinta-feira, 1.<sup>o</sup> de março — Este dia o empregamos cada um em sua seção a fazer coleções e a prepará-las.

Quarta-feira, 2. — Tencionávamos subir a Serra da Munguba, mas o aspecto da montanha, cuja vegetação não mostrava flores, à falta de um peitico, e o calor excessivo, me desanimaram. O Coitinho porém e o Manuel tinham ido ontem fazer uma excursão ao alto da Serra do Aratânia, e dormiram por lá em casa dum gente do nosso bôspede que veio com eles neste dia, o Neotel. Eu andei passeando, e observando pelos arredores do Enseado; andei caçando, matei seis lindos pássaros, que abundavam no pomar, cujas goiabeiras estavam com fruta; eram pombos, corupiões, cardais, periquitos, tiritas, e vários outros. O serio passamos fazendo jogos de cartas, adivinhações, etc.

Quinta-feira — Depois do almoço, Manuel partiu para a cidade, o Coitinho foi visitar o monte chamado Taitinga onde se conta que há grutas, vinhos, encantamentos, etc., mas nada achou. Eu, o Lagos, Vila-Real, e o Tenente-Coronel Franklin fomos fazer uma visita ao José da Costa, cujo sítio, chamado Boa Vista, está em meio da Serra da Aratânia, e por ele passa um pequeno rio de nome Parauá, e que o dão à bonita povoação que fica logo embaixo da Serra. Este Senhor Costa, foi o primeiro que veio aqui estabelecer-se derribando as matas virgens, e foi o primeiro que lançou café nestes lugares, isto há 29 anos. Era lugar deserto; e com ele começou a povoar-se o lugar, que hoje é um povoado, e de algum comércio. O Senhor Costa, que apenas teve os principais elementos de instrução é mui curioso, fala sobre tudo, até em astronomia, deu-nos muitas boas informações a mim sobre madeiras, no Lagos em Zoologia, e admirámos o seu espírito observador, e o seu modo de falar, usando palavras próprias, expressivas, e com grande facilidade. Tem moedas de açúcar, cujo engenho não tem dois bois (estava zunendo para aguardar), tendo passado o engenho de açúcar para muito alto da montanha; tem maquinismos para despolpar e secar o café, etc. Todas essas obras, porém, são tóscas, e se acham

deterioradas; ele nos repetiu sempre: fiz isto quando não podia fazer mais, hoje estou velho (tem mais de 60 anos, disse-nos o Senhor Franklin), os filhos que melhorem. Tem um canhão de banho, onde o toma todos os dias, e quando chegamos a casa ele estava no banho. Tratou-nos muito bizarramente, e com grande semi-cerimônia; a senhora não estava lá. Mostrou-nos toda a sua casa, correu espesso seu ponhar e parte de suas roupas, mostrando-nos plantas cultivadas e silvestres. Vi milho colhido em casa, eram as espigas de quase palmo e meio, mas não grossas em proporção, e bem granadas; a cor é entre branco e vermelho. Aqui como lá o milho não se conserva, é logo atacado pelo gorgulho. Vimos no jardim algumas laranjeiras-cravos, que dão aqui com muita dificuldade; na cidade se as há são muito raras (já em Pernambuco nos disse o Senhor Augusto de Oliveira que todas as suas diligências para as transplantar têm sido inúteis). Vimos também alguns cuxertos, mas nos disse o Senhor Costa, que dificilmente pegam, e levam muito tempo a brotar. Vimos uma quantidade de araçás magníficos; os pés são muito grandes e a fruta é da caminha e da forma duma laranja pequena (2 polegadas de diâmetro); são amareladas e muito saborosas. Vimos jambeiros enormes (não subiram muito); muitas azeitonas; os pés, aqui, como nos arredores da cidade são muito grandes, chegam a ter no pé palmo e meio de diâmetro; mas cegalham-se logo, e formam grande copa. Frutas de pão, (jaras vimos na cidade grandes e saborosas) goiabeiras, silvestres, grandes, da branca, e que dão em grande quantidade. Maracujás-pereiras são na forma e no gosto como os nossos mitins, mas a cor é dura amarelado demais, o caminha é dura tangerina; dêles fazem excelente limonada, com que nos obsequiou o Senhor Costa, assim como a do cajá-maiti, que aqui segundo parece pela folha, é espécie diversa da nossa; uvas moscatéis, mandou colher alguns cachos, que nos apresentou; não escavam porém bem sazonadas; ofereceu-nos vinho de caju feito por ele. Ajunta-lhe aguardente, e disse que nos deu parecia ter aguardente demais. As laranjeiras não duram aqui, atacadas pelo bicho.

Plantas silvestres achamos o pipi, que chama tipi, *anhango*, *pestrica*, (que não lhe deu nome), a erva-grossa, que chamam aqui *língua-de-vaca*; mostrou-nos um pequeno pé de árvore a que dão o nome de Jurá; pelas folhas me pareceu uma *Caesalpinia*, e é com efeito.

Depois dum belo almoço, ao meio-dia, de bebermos limonadas, ou garapa, e descansarmos um pouco nos retiramos, ficando justos para só voltar, e subir até o cume da serra, onde há ainda matas virgens, que para baixo têm sido destruídas para plantações de cafés (não pudemos ir aos céleis; mas em roda da casa os vi, sem indústria alguma plantados, como geralmente no Rio). Eu e o Senhor Franklin descemos a serra a pé, por mais dum quarto de légua; havíamos subido a cavalo, mas tais são os passos ingremes, pedregosos e precipitados, que não nos animámos a descer montados. Chegamos assim até quase a povoação de Pacatuba, e alagadíssimos de suor. Aqui em Pacatuba, nos

apeanios em casa dum Senhor F. Justa. (Estas pessoas já as tínhamos visto, e visitado na cidade). Subimos para o sobrado, enquanto o Senhor Franklin ajustava uma casa para virmos nos estabelecer ali por algum tempo, para visitarmos os lugares vizinhos. Seguimos depois a nossa viagem, tendo eu ali em Paracuba colhido ramos floridos da árvore de lei, chamada pau-branco. Chegamos a casa às ave-marias. Chegou pouco depois o Coitinho. Passamos o serão jogando o berro.

Sexta-feira, 4 -- Antes do almoço fomos ver a fábrica de açúcar do Senhor Franklin. As moendas são de ferro, horizontais, e puxadas por 6 animais (ele está tratando de pôr uma roda em movimento, em que com dois animais dentro, move o engenho, isto logo que se passe para a casa que está fazendo, porque agora mora em parte do edifício do engenho). Todo o mais serviço da fábrica é com pouca diferença dos nossos engenhos, mas distribuição diversa.

A caldeira e rachos são postos em casa aberta em raião do calor. Na casa do resíduo há alguma novidade para mim, quanto à disposição do aparelho. O engenho é feito de tijolo, com pilares, e hom e hem trabalhado maciçamente; é todo por dentro rebocado. Em cunhinho vimos um engenho, cujas moendas são de ferro, e horizontais, mas o corpo do engenho é como as palhoças ordinárias, com estrelos, que são verdadeiras estacas, e o teto de palha de palmeira; mas a casa do cozimento e o resto do engenho é de tijolo, e coberto de telha. Também do Senhor Franklin vi a sua fábrica de farinha, vi outra de um seu inquilino, que estava trabalhando, e vi outras em caminhu. As rodas são uma grande, com manivela dos dois lados e movida por dois homens; esta por meio dum corda tem um cilindro ou rodela pequeno; a prensa é apertada por uma engome alavancas, com parafuso, como a do Azarias, porém o que mais me impressionou foram os fornos: Estes são de ladrilhos de calvez 8 palmos; mexem a farinha com um rôdo. O Senhor Franklin comprou um forno de ferro, que lá me mostrou, assentou-o, mas ninguém pôde trabalhar com ele, queimava a farinha.

Depois de almoçarmos nos despedimos desta estimável família, com saudades, e chegamos à cidade depois das 3 horas da tarde.

O Lagos, o Carvalho, Vila Real, etc., fomos logo cedo, depois de parada a chuva, para Mururipe, casa, ou palhoça do Serafim, para assistirem a uma pescaria. Eu e Manuel fomos para lá depois do almoço. Seriam 10 horas; fomos pelo caminho do Outeiro, todo entre matos, e sombreado. As matas (carreque-nhas) estão quase todas floridas. Várias Malpighiáceas (Murici) uma *Chiococca* de flor amarela, muito abundante, *Cannabis* (*Lantana*) e *Sinháiera* (Camará-de-frechá). Muitas Mirtáceas, *Coccolobas* (Cuitacó), Manapuá (*Mclastomiacea*), etc. Chegamos à praia com sol muito forte. Uma cousa que observei logo foram alguns cajueiros, nos corredos d'areia expostos ao vento, cuja esgalhada ao res do chão, fazendo grande ramalhada; e as raízes se estendiam pela areia a muitas braças de distância, e em grande quantidade. Alguns cardoíros, dumas só espécies, corpulentos, lançando galhos, os cujos altos de 10 quinas, e em grande número, de modo a formar uma vasta copa; seus frutos grossos, purpurinos se comem. Havíamos visto, logo que chegamos ao Ceará, algumas de suas Flores, mas não as estudamos. Em uma espécie de pequeno alagadiço, pouco distante do mar, na praia, quantíssima grande quantidade de mangue, mas só de *Conocarpus*. As nossas boas-noites (*Pitca*) nascem em quantidade pelas praias, principalmente a variedade de flor branca. Aqui vimos também na praia pela primeira vez o nosso pinhão (*Cercaea*) que tem aqui o mesmo nome. Uma outra Eudorbiácea, que me pareceu a *Manigoba* (Borracha), mas me asseguraram que não era, e chamam-na pinhão-do-mato. O rincão também nasce, ou o plantam por aqui. Grande quantidade de Mirtáceas, e muitos arbustos, que não tendo flor, nem fruta, não sabemos o que eram.

Chegados à palhoça do tal Serafim, que nos recebeu alegre, nos disse que os outros estavam na ponta do farol; para lá nos dirigimos. Cheguei no farol, e subi até a lanterna; é pequenino, e muito mal assiado. O empregado não estava, sua mulher doente estava purgada, nos disseram as filhas; estas (2 ou 3) e outros pequenos mal vestidos, com ar adoentado, e pés escabeciados dos bichos nos seguraram o cavalo, etc. Ai na ponta do farol há à flor d'areia uma

\* Em 9 de maio de 1859.

sorte de pedra ignea, não sei se grés ferruginoso, que é tirada para as calçadas da cidade. Vi ai a chamada salsa-da-praia (Convólculo, *pés caprinos*) estendendo suas varas por cima d'areia por distâncias de muitas varas, enlaçadas umas com as outras.

Voltamos daí com sol ardenteíssimo, chegamos à casa do bom Serafim; é sujeito ativo, esperto, tem 61 anos, é casado, tem a mulher e filhos ricos em Pernambuco, vive de pescador, e tem por amácia uma rapariga moça, forte, e bela. Dis que teve de sua mulher, e naturais 40 filhos! A amácia parece que está grávida. Ai nos entretemos, galhozinho, bebendo cerveja, e leite de coco; e como não se fazia pescaíria voltamos para a cidade, eram talvez duas horas, sol ardenteíssimo. De volta pela praia eu, e Manoel fomos colhendo algumas plantas. Vi uma *Ricinácea* arbustiva, de flores roxas, a que chamam peroba (7).

Vi uns pés de jui, com frutas ainda não bem maduras; é uma arvoreta ramalhuda, armada de grandes e duros espinhos, de folhagem densa, copada; chega ao tamanho duma boa laranjeira. Vi um pé de Tatagiba, estando com frutos verdes, ou amarelos flores. Junto à praia grande quantidade dum arbusto rasteiro, das *Criobalanus* e no entar na cidade um pequeno Jenipapeiro com flores. Junto à praia e expostos ao vento, são os árvores, e arbustos, todos inclinados ou derritidos para oeste. Chegamos quase às 4 horas.

625 [Cercas, culturas e madeiras da região de Pacatuba]

CONVERSA COM O SENHOR HENRIQUE GONÇALVES DA JUSTA

5-IV-1859 [Pacatuba]

Cercas. São feitas (aqui) principalmente do sabin; e duram 10 e mais anos; e são pelos modos seguintes.

Cercas de caçara. Vara grossa (às vezes carnaúbeira) deitadas primeiro sobre forquilhas baixas; e sustentadas com vigas, depois com travessas, em uma, ou duas ordens.

Cercas de outra forma. São moirões, ou estacas dobradas e varões, e ramos enchendo. São também de caçara.

Cercas de pau-a-pique. Forquilhas de distância em distância, bem fincadas e nos intervalos uma ordem de estacas, enterradas um palmo mais ou menos; estes são os paua-pique que se sustentam com duas travessas ou varas, uma de cada lado, metidas nos ramos da forquilha.

Cerca de varões. São de moirões ou estacas, e 2 a 3 varas amarradas (como as nossas).

Cerca de moirões. No sertão os currais são feitos de moirões fincados todos, e unidos; alguns são todos de aroeira. Não há aqui cercas vivas.

Vimos hoje esse passeio que demos com o Sr. Justa, plantações de milho e arroz, nos altos dos tombos da terra do Sr. Justa, que é arroz mijudo.

O aspecto das roças não é formoso; há muita desigualdade; vêem-se pés, ou cachos de milho com crescimento e vigor admiráveis, e ao pé porções enfezadas e amarelas. O mesmo a respeito do arroz. Diz o Sr. Justa que a planta vigorosa é dos lugares onde a terra queimou bem, e a enfezada e amarela se chama brejada. — *Eita brejada*; o mesmo se diz da mandioca quando apodrece nos grandes inventos; se diz estar brejada.

Os terrenos que se seguem aos tabuleiros, e que são acidentados, com altos (tombadores) e baixos se chamam sertões, e os lugares baixos e úmidos *ípus*.

Nas serras a parte exposta aos ventos de leste tem uma vegetação acanhada, e as plantações ai de café, e outras não prosperam, arrostradas e queimadas pelos

venosa; usam deixar cordões de matas, de espaço a espaço, para proteger as plantações, e os chamam guarda-ventos. Do lado oposto porém, isto é, ao poente, a vegetação é vigorosa, as plantas prosperam bem, florescem mais cedo, e dão mais fruto, crescem mais, têm melhor folhagem. (Creio que a exposição ao sol da tarde deve influir também para esse efeito).

As plantações que tenho visto aqui por baixo são agora de arroz e milho juntos; muito pouco feijão e milho (o feijão é ou branco ou...<sup>34</sup>; não há feijão preto, nem o usam), pouca mandioca, e alguma planta de algodão. Vi aqui em Pacatuba uma pequena plantação de fumo, que está muito bonita. As roças têm uma má aparência; feitos os roçados nos carreiros ficam muito cheias de cepos, e o terreno não é igualado pela enxada, que apenas cava por cima; cresce o mato com muita força, a planta vem muito desigual, em lugares com grande vigo, em outros mui mesquinha e amarola. As plantações de mandioca chamam roças, e as covas são muito grandes; todas as roças são cercadas e de ordinário pequenas.

#### 6-IV. 1859]

Pouca gente tem pomares, e hortas, assim como jardins; assim há uma grande falta de verduras e temperos. As várzeas, dizem, não dão café, que só prospera nas serras, onde também se planta cana.

As plantas aqui comuns ao Rio de Janciro, tanto silvestres (como) cultivadas, têm um porte mais elevado, e os frutos são maiores.

As bananas são mui grandes.

As laranjas, que não são tão boas como as do Rio, são mui grandes.

As guabas são também enormes, e mui redondas.

Araçás os há aqui do tamanho de uma laranja-da-china e mui redondos.

As aroeiras, ou pinhas, são enormes, mui boas, mui comuns, nascendo por toda a parte; os pés são tão grandes como uma grande laranjeira, mas mais esparramados. Os cajueiros e as cajazeiras são enormes, formam uma imensa copa, e o pé de 3 a 4 palmos de diâmetro. Nos tabuleiros, onde há muita mangaba, os cajueiros vêm por toda a parte.

Há aqui várias qualidades de maracujás, que é comum, mas não é o nosso maracujá-do-grande. Há um chamado maracujá-peroba, que cresce só nas serras e sobe sobre grandes árvores. A sua fruta, que é redonda, e dentro inteiramente semelhante ao nosso mítim na aparência e no gosto, toma o volume de uma boa mangolina-boceta. Fazem deles excelentes limonadas ou garapa. Ainda não vi dos outros.

<sup>34</sup> Laranja no ms.

NOTÍCIAS DO SENHOR JUSTA

6 IV [1859]

Bacupari; fruta do mato virgem.

Bacumixá; fruta leijosa, redondela.

Gamelcira-préta (figueira); gosta de trepar nas árvores; das raízes se fazem boas gamelas com 2 a 3 palmoes de altura.

Cipó-escada; racham-no e tiram os lados lançando fora a parte media chamada espinhaço, isto quando o cipó não tem mais de um dedo de largura; se é grosso tiram lascas por fora, e batem forte o pau.

O cipó-imbé é o mais estimado, é da casca que se servem para amarrar; o miolo é fino, e tem com ele osinhos, tingindo-o de várias cores.

O jenipapo dá árvore grande; da madeira se fazem tablancos, o fruto maduro se come, com ou sem açúcar; é astringente e saboroso; fazem com leite jenipapada.

Gajá com leite.

Murici com leite.

Água de mandioca chamam manipuera; o vinho feito d'ele cauim; o vinho de milho alui.

Visgo para apanhar pássaros fazem do leite da jaca, ou cumbéu do cas mangabas.

Os laços para pássaros são o alçapão (de gaiola) e a arapuca de armas; para caça são fogos. Com alçapão (para moçós) ou têm uma sorte de mundéu com pedras; as gaiolas se fazem do talo da folha de carnaúba, com ponteiras de taloça.

NOTÍCIAS DADAS PELO SENHOR CAPITÃO HENRIQUE GONÇALVES DA JUSTA

6-IV-1859

O pau-catingueiro (*Acacia spinosa*), que deve esse nome a fazer parte das catingas (observação de Manuel) quase sempre áco, é procurado nos serrões pelos papagaios e abelhas, para sua lubitâo; assim os que buscam mel e filhos de papagaios os procuram de preferência. A madeira dá boa lenha, e Eu já viu alguma obra de torno dela, que é de obr escuta (o Sr. Franklin diz que das árvores ócas se tiram bicas).

O pau-silbiá serve para cercas, para forquilhas das polhoças, porque resiste bem ao tempo, e dura na terra; dá excelentes caibros descascados, onde não dá bicho; serve para lenha e dá carvão para ferrarias.

O cauá, dá bastes de mais de 30 palmoes; madeira muito bem e é muito flexível; faz-se dele varelos de espingarda, e cabos de vassoura. Disse-me um carpinteiro, que ele dá bons cabos de ferramenta.

O cipó-imbé há na serra, e da embira da casca se servem para amarrar os caibros do telhado (querem dizer talvez as varas).

Chamam tabuleiros às planícies arenosas; às várzeas barrentas, que têm vegetação mais alta, chamam catingas, ou também sertões — mas:

Sertão é o país coberto de capim, onde se vêem árvores sótas, como Pau-branco (talvez tradução de caatinga, por ser ele um dos seus característicos, ou talvez que ele dê o nome às ratingas, tirado de sua flor branca, reflexão minha) ou reboloiros de matos, a que chamam ratingas.

Pombas de bando. Há delas quantidade imensa, e delas fazem salgas. No lugar em que põem vão limpando o chão e depositando os ovos sobre a terra, e isto por uma grande extensão e promiscuamente e assim se vêem nesses lugares grande quantidade de pombinhos, uns mais crescidos, outros mais novos, outros saíndo e, ao mesmo tempo, grande quantidade de ovos; aí se faz grande estrago nêles, apunhando ovos, filhos, e matando-os.

Não conhecem aqui o berne nos animais. Há bastante carrapato.

Os mosquitos pernilongos; muriçoca (meruçoca, piçava, etc.) há muitos nas serras, nos baixos poucos; os borrhachudos há muitos na serra; mutocas há bastante, e vários.

Os animais são muito sujeitos ao piolho.

As lagartas (em fevereiro principalmente) destroem a primeira, e às vezes a segunda plança se depois da chuva vêm alguns dias de sol, aparecendo em grande quantidade.

Os pássaros, principalmente os vira-bostas (graúnas) comem o grão semeado, principalmente o arroz; também o milho, se o tempo é seco.

16-IV-1859. Pacatuba

Conversação fora da porta, ao luar. O ex-subdelegado, José Luis, Antero, ouro sujeito, eu, Manuel, etc.

Vários casos de desfloramentos; desfloradores recrutados; etc. etc. Parece que é coisa assaz comum.

Falta de moedas de cobre. O Senhor José Luis atribui essa falta, havendo antes muito cobre, a ser a moeda fundida, visto que com duas patacas em cobre, que pesam uma libra, se fazia quatro patacas, que é o preço dumha libra de cobre no comércio.

Há lugares no interior onde pesa-se uma libra, com dez tostões em cobre. Os pesos e medidas variam muito em diversas comarcas dentro da Província. Um alqueire daqui equivale a 2 no Rio de Janeiro, e a quarta parte dum quarto, como da canada, se chama *terço*.

[APANHA DO CAFÉ]

Há muito poucos escravos, e a diária dos trabalhadores, dando-se almoço, jantar, e ceia (que é sempre uma comida leve, milho cozido ou assado, aipim, carás, etc.) é de uma pataca, 14 e 12 vinténs. O ex-subdelegado afirmon que nunca dá mais de 12 vinténs; mas que como lhes dá comida abundante, nunca lhes faltam trabalhadores; e na apanha do café reúne 30 e mais.

O café se paga pelo que apanham, isto é, 1000 por alqueire (8 quartos) a seco. Alguns dão 500, e comida, o que é sempre mau.

Aqui quase todos os lavradores de café têm despolpadores e a maior parte do café é despolpado; e o vendem em casquinha, dando 40 réis por arrôba, e pelo mesmo preço, que o café socado. Não sei bem a razão disto; parece, segundo ouvi, que o café de casquinha vai todo para o Pard, ou Maranhão e o socado para o estrangeiro; não sei se é assim, nem sei qual a razão da igualdade do preço. Quanto aos lavradores eles acham vantagem no despolpar, pela razão de secar mais depressa; mais fácil de transportar, e os livra do *soque*, que

talvez seja caro com gente livre; o trabalho da escolha, etc. etc., e enfim por não ocupar muito lugar em se conservar.

O café aqui passa por muito bom; ainda não sei em que consiste essa bondade; é talvez devido ao processo da lavagem.

Inda agora recebi um presente de um saquinho de café secado que me mandou o Sr. José da Costa, de seu sítio da serra.

As ruas são muito devastadas pelos ladrões. Canas, bananas, milho, carás etc. etc., tudo se furtar; principalmente aqui por perto da povoação. No tempo da apinha dos cafés os trabalhadores não deixam nada, devastam tudo — frutas, raízes, tudo. É necessário fechar os olhos para os não desgostar.

17-IV-[1830]

*Óleo de café.* Diz o Sr. Capitão Justa que é uma preparação de café que se faz para viagens no sertão e consiste em fazer passar o café pela canapuça várias vezes até tirar a parte solúvel, do pó, ficando em um líquido grosso, e mui oleoso, que se guarda em garrafa. Com esse óleo, lançando certa porção em água fervente, ou em leite, se faz excelente café, e se guarda por muito tempo.

[INFORMAÇÕES SÓBRE O PovoAMENTO DE PACATUBA]

Conversação com o Sr. Juvenal, filho do lavrador José Antônio da Costa e Silva, na noite de quarta-feira 11 de maio, em Pacatuba.

Esta povoação de Pacatuba começou em 1845, e foram os sertanejos que assentados pela grande seca desse ano aqui chegaram, tendo morrido muitos durante a viagem, e procurando lugares frescos se estabeleceram aqui em grande número e em palhoças, sendo estas terras pertencentes ao patrimônio dos índios.

Os habitantes daqui, como no geral, plantam muito pouco, e vivem mais do que ganham alugando-se; é principalmente para a apinha do café que elas se prestam: o que tem trazido muita gente para a vizinhança destas serras.

Os lavradores os alugam, pagando por cada alqueire (8 quartas) de café cinco tostões, dando-lhes de comer, ou 1000 réis, comendo elas à sua custa, mas então lhes entregam o sítio, e elas colhem tudo quanto ali há, devorando, estragando tudo, bananas, laranjas, canas, entre tudo; e não se lhes pode dizer nada porque desgostam-se e abandonam o serviço.

Seu avô foi dos primeiros lavradores d'este lugat, foi possuidor de toda a Serra da Aratunha, que se dividiu por sua morte pelos seus 8 herdeiros; destes existem hoje só dois, o Sr. José Antônio da Costa e Silva, que mora aqui na Serra, sítio Boa Vista, e o Sr. Domingos da Costa e Silva, que mora no seu engenho do Rio Fazendo.

O velho tinha sua habitação perto de Arroches, e a este sítio da Arauana vinha poucas véses (no entanto me disse o Sr. Domingos Costa que ele nasceu aqui). Era homem respeitável e muito religioso; tinha sempre por hóspedes, padres, e fiéis, que o dissessem de mandar educar seus filhos, por isso [que] se tornariam libertinos. A cruz que ainda hoje se acha na estrada de Baturité, e na encruzilhada de Arroches foi mandada levantar por ele; tem mais de 60 anos e ainda se conserva em pé. E de aroeira.

O Sr. Domingos Costa, em 1821, entrou na revolução que se preparava nesta província para se estabelecer a república. Tinha ele então pouco mais de 20 anos e era muito exaltado. O ponto de uma das reuniões dos rebeldes era em Baturité. Conduzia-se para ali dois carros carregados de pólvora; surpreendidos por uma força do Governo no lugar chamado Pavuna foram por esta comandados. O Sr. Costa reuniu gente, logo que soube disso e permaneceu os carros e os conduziu com a sua gente até Baturité. O Governador mandando-os prender só conseguiu apoderar-se de um irmão, hoje morto, João da Costa e Silva, ameaçando-o de o mandar matar se não tivesse com que o irmão se rendesse e entregasse a pólvora. Este apesar disso, e de muitas cartas e rogos de parentes resistiu; mas como entanto outros chefes haviam sido presos, ou haviam abandonado a idéia de revolução, desanimou e abandonou a sua gente, metendo ele pelas matas da serra da Arauana, onde um prelo lhe levava a comida, depositando-a sempre em lugares diversos em cada dia. Esteve assim homiziado por alguns meses até que esquecido o negócio começou a aparecer.

Disse-me o Sr. José Costa que em 1822 ou 23 (foi em 1825, segundo o Correia) houve uma grande seca que assolou a Província, e ele afirma que entre mortos de fome, da peste da bexiga, que então se desenvolveu, e a gente [que] emigrou para outras províncias, o que foi favorecido pelo governo, a província perdeu a terça parte do seu povo. Há seu dúvida nisto grande exageração; um décimo que perdesse seria enorme. Em 24 apareceu a Revolução da República do Equador, que agitou toda a Província\* e em 25 mandou o governo fazer um grande recrutamento, o que tudo concorreu para grande atraso desse país.

Em 1845 houve outra grande seca, em que os sertões ficaram despovoados: foi quando ajuntando-se alguns sertanejos, aqui em Paracuba, começou a povoar-se este lugar; e em 1850 começou a tomar a forma que tem hoje edificando alguns prédios.

\* Há uma única edição dum jornal (*O Ceará*), que possui o seu redator o Padre Sacupira, que traz muitos documentos relativos a esta revolução, tanto mais importante quanto é sabido que um Padre (Amorim) comprometido na revolução queimou todos os papéis da Secretaria do Governo pertencentes a essa época.

Nesta de 45 os desastres não foram tão grandes, porque se acudiu mandando vir farinha de fora e distribuiu-se pela gente, distribuição feita dentro da Matriz, que então não tinha senão paredes e teto (cenas contadas pelo velho Correia, que também foi buscar farinha; abusos que se cometiam, etc., etc.)<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> O pacífico evidencia a natureza díctas escritas de Frei Alcântara: apontamentos prévios cuja terminada não chegou a se dar. Daí o prolíxismo e as repetições do texto.

Em 2 de maio de 1859, depois do almoço, eu, o Dias, e Gabaglia, e o Reis montamos a cavalo, e nos acompanharam um dos nossos trabalhadores com uma lata, e papel, para acondicionar as plantas, que colhímos.

Eravam mais ou menos 10 horas, o céu não estava muito seguro, havia nuvens, ventava sul, e chovia em alguns lugares; mas fomos bem com sol mais ou menos coberto até Vila Velha, onde é a fazenda ou sítio do Senhor Gouveia, rison proprietário português, que aqui reside, e que é atualmente cônsul português. Aí nos apercemos, deixamos os cavalos presos, e com capim que mandou bocar o Senhor Gouveia, filho, que aqui se acha. Pelo caminho, que é todo um areial com vegetação carnaúba, ou de cabuleiro, Manga-beiras muitas, algumas vi do porte duma goiabeira das nossas; estavam com algumas frutas temporais, e ainda não maduras. A propósito das Guaiabeiras as vi à beira do Rio Jacurécanga (onde se bebe a melhor água na cidade, e que fica distante obra dum quarto de légua) e do caminho, dentro dum sítio; vimos guaiabeiras que me admiraram pelo seu tamanho, tinham pé ao réis do chão, de quase 2 palmos de diâmetro, e a sua copa era potém menor que a de uma mangueira; mas não tão fechada. No sítio do Senhor Gouveia, na Vila Velha há também algumas mui grandes, mas menos que aquelas e estavam com fruta, que também é grande; o Senhor Gabaglia tirou algumas. Os Manapuçás estavam com fruta verde, e com flor; são aqui abundantes, e mui grandes, alguns vi cujo tronco tinha mais de palmo de diâmetro; copa grande e mui basta. Dis o Senhor Dias que os há também no Maranhão, onde os chamam João-puça, provavelmente corrupção de Juapuça. Com efeito o fruto tem muita semelhança com o do Juazeiro. Cajueiros, há aqui bastantes, mas provavelmente por efeito dos ventos, não se elevam muito; têm por vezes o tronco grosso, e galhos também mui grossos, mas tortos e desfeitos, de modo a formar uma copa que chega até ao chão, com aspecto particular, e afortunado. Jamagaba há também bastantes, estão com alguma flor e frutas sécas do ano passado; não são muito altos, e são tortuosos como os Cajueiros, com os quais se parecem. Cauaçu há também bastantes, não muito altos; e estão com fruto verde. Angélica (Rubiaceae) está ainda com algumas flores; mas

tem muita frutinha madura, que é uma bagem branca. Guajuru, há bastante desta planta -- algumas vi em arvoretas copadas; Murici há algumas, estão com fruto verde, etc., etc. De plantas rasteiras vi em grande quantidade uma cissia rasteira com flores amarelas, uma iridéa, que à primeira vista me parece Majuriú, uma mimosácea com grandes bordas de flor de cores entre encarnado-branco, e não sei se também azulão. Vi também alguma *Lemna de-frecha* (Sua-á-lata), mas não tão vigorosa, como as da Munguba<sup>26</sup>.

Na chácara, ou sítio do Senhor Couveia (Ingar da Vila Velha) vi um pé de araucária cujos frutos, que estavam verdes, tinham o seu maior diâmetro de quase dois palmos e com a superfície viciada de tubérculos (graviola?).

O lugar do sítio é elevado e plano; dizem que nesta planície houve fortalezas, e edifícios antigos, mas nada nos indicou isso. Descendo-se lá-se logo numa várzea arenosa, ómida, e mesmo alagadiça em parte; por ela passamos com algumas dificuldade, e tornamos uma espécie de aterro, mais elevado, e que chega até o rio. Parece que foi obra artificial atribuída aos holandeses, e que servia entre a povoação antiga, ou mais seguramente a moderna, e o Rio Ceará. Por ali seguimos, tendo capim até a cintura, muito carrapicho, alguma guaxima, que aqui chamam Malva-de-embira, e cujas flores têm dois lantos da que há no Rio; mas creio que é a mesma espécie. Isso nos era tanto mais incomoda, que entrou logo a cair uma chuva, não fina, e que durou todo o tempo da nossa excursão ao rio. Havia mais por entre esse capim a turmerícea chamada Chantana, várias papilionáceas e entre elas uma soberba clitoria, que o Reis desenhou, com flores grandes, e é dum belo rosa purpúreo; e também a rubiácea (*Spermacoce*) que é por estes lugares (tabuleiros) muito comum. Chegados enfim ao Rio Ceará, que nesse lugar, 80 a 90 braças, a maré vasava. A barra fica daí talvez 1/8 de legua. Do lado direito do rio está um alagadiço, que chega daí ao pé do morro da Vila Velha, e se estende até as fragilhas do monte, onde é provável que existiu a fortaleza, e povoação portuguesa que foi tomada pelos holandeses. Uma boa parte desse alagadiço, à beira do rio, está coberta de mangue. Foi para mim de grande admiração e surpresa a vista desses mangues; e custou-me a acreditar que estas enormes árvores eram os mesmos nossos mangues. Figuro-se uma floresta de arvores de 80 pés de altura, um pouco tortuosas, grossas em proporção, e com as numerosas e gigantescas arcadas de suas raízes, emaranhadas de modo a [tornar] difícil [a] passagem a era tão e tal era o espetáculo que se me oferecia. As Rizóforas eram as mais corpulentas, estavam carregadas de frutos (estes me parecem menores que os das nossas) e de lá de cima de seus ramos imundavam raízes adreias, que estavam pendentes. A madeira desta árvore é suaca e dura

<sup>26</sup> Referência à Fazenda da Munguba. Cf. n.º 623.

(não lhe vi branca); o seu cerne, que aqui chamam *miolo* ou coração, serve para muitas obras; mas disse-me o Sr. Gouveia filho que na terra pouco dura. Depois eram as *Avicínias*; uma delas vi que tinha 3 palmos talvez de diâmetro; o seu seu cerne é *pardo*, e *duro*. Enfim as *Laguncularis* que vi tinham o porte duma boa guacabeira nossa. Não achei aqui o *Conocarpus*, que vi em Mururipe pela primeira vez. Aí nos demoramos um pouco observando o rio e o seu bosque, de que o Carvalho começou a tirar-me vistas, mas a chuva o embargou e nos obrigou a retirarmo-nos. Chegamos à casa ou sítio do Senhor Gouveia já sem chuva. Ali mui suados e molhados, e emporralhados, bebemos aguardente e água de cítrico; arranjei em papel as plantas que tinha colhido, e o Senhor Carvalho desenhou a flor da bela *Clitória*, de que já falei. Saímos com o Senhor Gouveia, que me foi mostrar a chapada do seu sítio, onde se diz que houve a povoação, mas nem um vestígio me certifica disso. Foi Ele depois mostrar-nos o engenho, que move com águas, e tem rodas de ferro horizontais. O engenho é de telha, paredes e pilares de tijolo, rebocados e caídos. Havia na vargem um canavial de canas-caíeras. Vimos a sua fábrica de farinha; as rodas (rodas e rodizio) e banco é tudo de ferro, e pela primeira vez vimos forno de cobre, mas muito grande, tinha de 8 a 10 palmos de diâmetro. A prensa com a enorme viga, e parafuso, como são aqui sólas.

Montamos a cavalo, era 1 hora e o Senhor Gouveia nos quis acompanhar para mostrar-nos as ruínas da antiga fortaleza e a barra do Ceará; montou a cavalo como escava, em mangas de camisa e só trocou os tamancos por uns sapatos. É filho do fazendeiro, dizem, o mais rico do Ceará, e asseguram que tem mais de 200 escravos! distribuídos por várias fazendas (de crat) e sítios (engenhos). Vive em um lugar da cidade quase subúrbio, chamado Garrote, e faz parte do Oitro. Sua casa é tórica, e baixa, a sala ladrilhada, e o teto forrado de lona; tem uma grande chácara, a que chama sítio, é homem que deve ter perto de 70 anos, tem 5 filhas, e um filho; das filhas vi só uma, que não é feia. Dizem que se não quer casar senão com português ou inglês.

Acompanhados pelo Senhor Gouveia Filho, como dizia, seguimos uma vereda por dentro do arvoredo (carrasco) e chegamos a um lugar onde Ele diz que se tem achado peixes calíquos, etc. e que é tradição ser resto da fortaleza. Eu não me apei, nem os outros, para vermos isso melhor porque para sabermos alguma coisa com certeza é necessário estudos mais custosos. Costeamos o monte, muito mais alto, do que o lugar onde está a casa e sítio; fica-lhe por baixo um alagadiço, que é tradição ser aqui a antiga barra do rio (eu cuido que aqui levava barca, onde se recolhiam os navios de pequeno calado que chegavam a este porto), e é pelo lado do mar interceptado por um grande e largo cômorro de areia; rodeámos e andamos pelos montes de areias até chegarmos à barra do rio, que estava nesta baixa, por ter vasado a maré. Tendo observado a barra, e voltando, o Senhor Gouveia despediu-se de nós, e nós seguimos pela praia

e rebentação do mar até a cidade. É uma praia como a da Restinga de Marambaia, larga e rasa onde se quebram os rolos do mar continuamente, e vai insensivelmente subindo para os combros de areia que bordam toda a costa do Ceará. A distância da barra do rio à cidade é de 2 léguas; mas o sol estava meio tolhido e assim fizemos esta viagem agradabilíssimamente caminhando sempre pela areia molhada. Chegamos à cidade depois das 3 horas; e a maior parte do caminho pela praia foi de galope, e de esquipado.

3-V-1859. Fortaleza

É em outubro que começam as chuvas; estas são parciais, em chuveiros, e principalmente pelas serras, e ordinariamente escassas, e muitas vezes faltam, com grande prejuízo da laboura. Chamam chuvas-de-caju, porque com elas amadurecem os cajus. Continuam os chuveiros raros por novembro e dezembro. Estas chuvas se podem chamar as precursoras do inverno.

Antigamente (segundo a tradição) e hoje rara vez, entrava o inverno do ano em janeiro; mais comumente entra em fevereiro (como éste ano em que começou no dia 4 de fevereiro), outras vezes é só em março que comece, e é, já, um mau inverno. Até 19 de março (dia de São José) esperam pelas chuvas; se por esse tempo não chove (no equinócio) há seca, ou faltam as chuvas do ano. Rara vez chove em tida a Província ao mesmo tempo, mas alternadamente, ora aqui ora acolá. As vezes em certos lugares deixa inteiramente de chover, e se chama *inverno malhado*. Várias vezes começam as chuvas pelo litoral (e creio que será o mais comum), outras vezes pelo sertão; e caião para junto ao mar se vêem entremeladas às vezes devastadoras, estando-se a sulher seca. As chuvas aqui são em chuveiros ou pancadas, que raras vezes duram mais de meia hora, mas com tal força, que tudo se alaga logo. Estas chuveiros [só] de madrugada, ou romper do dia, ou entre 9, e 11 horas, raras vezes depois do meio-dia, e poucas vezes se vê chover por todo o dia. Ordinariamente há 1, 2, e 4 chuveiros, mais ou menos feroces e abundantes, tocados aqui sempre com vento sul, e sueste; em fevereiro e março são mais ordinárias as chuvas durante a manhã. Em abril, que é a força do inverno, já chove também de tarde, mas mui rara vez chove de noite. São as noites sempre, ou quase sempre belas.

Isso aqui na cidade, dizem; parece que para o sertão é o inverso, que as chuvas são sempre ou quase sempre de tarde.

Não vi aqui sóbre a cidade nenhuma trovoadas; bem que às vezes isso acontece, e mesmo havendo desastre causados pelo raio. Poucas vezes trovoujou aqui forte, mas continuamente fuzila de tardinha, ou de noite ao horizonte, de sudoeste a sueste; mais constantes ao sul, sem ouvirem roncos; às vezes elas se aproximam

e dão trovões fortes. Enquanto estivemos em Pacatuba tivemos sempre as trovoadas mais perto, e mais altas; às vezes com roncos fortes e tormenta d'água.

Há por aqui muitos lugares baixos, chamados ipus, e beiras de lagos, que no verão estão secas, mas com as chuvas vão tornando água, e se o inverno é bom formam grandes depósitos d'água. Para perto das serras formam-se uma grande quantidade de rios inúteis e de ribeiras, que tornam os caminhos maus e às vezes com atoleiros.

Em maio, vão diminuindo as chuvas; em junho já pouco chove; em julho começa o verão que vai até setembro; em agosto é a força do calor. Pelo sertão as árvores estão nesse tempo inteiramente despidas, exceto algumas poucas como a *Obicica* e outras, que sempre estão com folhas.

Dizem os humens do país que com três meses de inverno regular há fartura na Província.

#### MORTANDADE DO GADO

Quando as chuvas são escassas, ou quando faltam no mesmo ano, ou quando não foram suficientes no ano precedente, não tanto à falta d'água como à falta de pastos, que perere o gado; assim nesse ano em que o inverno não é mau, a escassez do ano passado fez morrerem muitas mil reses pelo sertão. Quando isto acontece o gado é afetado do mal triste (mortinha), que parece grassar como um contágio, fazendo essa mortandade.

O Senhor Gourvila, que tem fazendas de gado, nos asseverou que não é nem a falta d'água, nem a dos pastos que mata o gado, mas o mal triste. A rês morta desta moléstia, cujo coiro se aproveita, apresenta a passarinha e o ligado mui volumosos. E pois uma sorte de *episócio*, uma febre pescilenta que mata o gado. E, quanto a mim, devido a comerem más ervas, e a beberem águas corruptas, e isto no tempo dos grandes calores. Este mal triste atormenta também o gado que vem do sertão para o litoral, provavelmente pelas mesmas causas \*.

Esta Província, pela benignidade de seu clima, pela abertura maravilhosa de seu solo, angustiado pela temperatura e umidade quase constantes, se não fosse sujeita a esse flagelo das sãcas, seria uma das mais preciosas do Brasil.

É tradição que em tempos antigos as sãcas não eram tão freqüentes e tão devastadoras, fôr por tanto digno de ser averiguado. Em outros tempos havia menos povoação, havia proporção maior de pastos, em relação à criação, e por isso o mal se não fazia sentir com tanta fúria. É conjectura minha. Também os invernos invariavelmente longos e abundantes são prejudiciais.

Para atenuar o mesmo e remediar até certo ponto os efeitos da sêca, era necessário fazer reservas tanto de águas (por meio de açudes) como de forragem,

\* Tenho agora sido informado de que quase sempre as moléstias e mortandade do gado são precedidas da praga do *carapato*, que amolinam muito o gado.

secando a erva e guardando-a em paóis, e em proporção conveniente, e como também de sementes alimentícias, como milho, arroz, feijão, e também farinha preparada, a não se poderem conservar os mandiocais. Tantos capitais que se aniquilam com uma seca bastavam talvez para preparar os meios e os modos de se fazerem tais reservas.

Em geral a água que se bebe é mal, em grande parte tirada de caixilhos ou poços brutalmente feitos na terra. A do Rio Jacarétinga passa pela melhor daqui da cidade. E em alguns lugares tenho bebido água da chuva excelente.

(Estas notícias são principalmente pelo que respeita às vizinhanças desta capital).

30-V-1859

O que fico escrito foi, como se vê no princípio de maio; mas pelo mês em diante a coisa foi diferente. Todo esse mês o tempo passado, com algumas interrupções, em Pacatuba. Até além de meado o mês de tarde furilhava sempre sobre o horizonte de sudoeste até sueste: algumas trovoadas chegavam a Pacatuba (na cidade caiu no dia 15 ou 16 uma fortíssima trovoadas, pela meia-noite, sobre a cidade, com muita chuva e vento, que assustou a povoação). Em Pacatuba não a ouvimos ou foi muito fraca; mas lá deu por esse tempo, entre duas ou quatro horas da tarde um fortíssimo tufo de sudoeste, que fez muitos estragos pela lavoura, derrubou casas, e muitas árvores. As chuvas neste mês não têm tido hora certa mas os grossos chuveiros têm sido mais de tarde; e algumas noites têm sido muito chuvosas; e por quase toda a noite isto, principalmente agora para o fim do mês. E então o céu tem estado sempre mais ou menos coberto; e o ar muito quente, e muito úmido. Todavia em Pacatuba as noites têm já sido bem frescas.

Ontem (29 de maio) lá pelas 10 horas da noite caiu sobre a cidade um forte vento; o céu escureceu muito, mas a chuva foi fraca; e às 11 horas tinha tudo passado.

Domingo, 8 de maio

Convocados para assistir ao batizado de um filho do Senhor Manuel Carlos Frederico de Sabóia, todos os membros da Comissão, e faltando Manuel e Vila-Real que estão em Pacatuba, e os Senhores Soares e Gabaglia por incomodados, saímos depois do almoço a que também assistiu o Dr. Padre Pompeu, que era quem havia de batizar o menino. Fomos dez cavaleiros; e por um belo dia caminhamos pela estrada de Mecejana, que é mui boa, e chegamos ao sítio depois das 17 horas e fomos recebidos pelo dono da casa admiravelmente. Achavam-se ali várias famílias, suas parentas; eram oito moças, três senhoras e o Dr. José Lourenço (a dona da casa estava incomodada) além de algumas meninas. Fomos servidos dum farto almoço; depois conversou-se, bebeu-se cerveja, água de coco, comeu-se frutas — atas, laranjas, etc. Seriam 8 horas quando se fez o batizado; e depois das 4 pôs-se o jantar, começando de sopa, vários assados, um frigideiro, frutas como abacaxis, atas, graviola, jaca, bananas, queijo, vários doces de massa e calda, vinhos, cidra. Saude vai, saúde vem, gastamos mais dum hora na mesa. Tudo isto se fazia na casa do engenho, e ao pé das moendas de ferro. A casa é toda aberta, todo o madeiramento é de carnaúba, coberto de telhas; os esteios são paus secos e com casca. Assim confrastou ao vento, e também ao sol. Depois do café fizemos um passeio em giro pelas roças de mandioca, acompanhados por todas as moças; todas estas senhoras (menos uma) sem ser formosas, são bonitas, bem vestidas, bem penteadas, elegantes, desembaraçadas, espirituosas: e como quase todas as cearenses, de belos olhos, e lindos dentes. Pouco antes do anochecer montamos a cavalo; eram 12 cavaleiros — 9 da Comissão, o Padre Pompeu, o Dr. José Lourenço, um militar, que aqui está em serviço. No caminho vi algumas plantas que ainda não havia visto: um jatobá com fruta; e *alstroemeria*, respeitosa de flores umbeladas que temos no Mendauha. As senhoras quase todas fizeram ao passo e me trouxeram cada uma um [ramo] de flores, mas nivais, como de jambuís etc. *Guaribas* com fruto,

\* Sítio do Senhor Sabóia.

etc. O Senhor Sabóia me disse que estrupava seus canaviais com bosta que colhia, ou comprava dos currais, e que o estrume de semente de algodão faz produzir à cana muita folha (mas não amadurece bem); disse mais que do pau-parába só se servem da folha para agasalhar bananas e amadurecer-las. Diz que a manjinha é uma despensa de farinha, que dura na terra até 16 anos sempre boa, mas é necessário todos os anos limpá-la, queimar (e plantar milho) que então bretá de novo; que a farinha é mais alva, mui gomosa, mesmo tirando-se a tapioca, e mui boa; o trabalho é de tirá-la da terra.

18-V-1859. Pacatuba

Segunda-feira 16 de maio, depois das 4 horas da tarde eu e o Lagos, acompanhados de nossos criados, montamos a cavalo, e subimos a Serra da Aratânia até o sítio do Senhor José Antônio da Costa e Silva, onde chegamos depois das 5 horas, estando a família ainda à mesa. Esta subida, bem que em pequenos zigzagueus, é quase a pique, e seguindo o vale, ou gruta, por onde corre o riacho Pacatuba, é ímpetu, e com passos temíveis ou despenhadeiros. Há lugares em que se sobe por uma escada de pedras barrentas, e isto com cavalos desfreados!

O Senhor Costa, e sua senhora, a Senhora Dona Maria Teófila nos tem sempre recebido da maneira a mais franca e a mais desprendida, instando sempre para que vamos passar o tempo que quisermos em sua casa; e de mais somos sempre presenteados com doces, queijos, beijus, frutas, etc., etc., enquanto temos estadia em Pacatuba. O Senhor Costa tem-nos ainda sido de muita utilidade com notícias que nos dá de coisas do país, de que tem largo conhecimento. É fazedor de cana, e hoje mais particularmente de café, tendo sido um dos primeiros que tentou esta cultura. O seu café é todo despolpado, porque tem despolpador em casa, e despolpador portátil que o assenta nas roças onde o café apanhado é logo despolpado. O seu engenho de moer cana é na própria casa, por detrás da cozinha; é um grande molinete puxado por bois. É homem curioso, e tem muitas plantas exóticas cultivadas, mas tudo isto tudo téscio, e sem ordem. A sua casa edificada sobre rochedos, tem uma entrada das mais ignóbeis; mas subindo-se tem primeiro uma antessala aberta dos dois lados, com parapeitos que se fecham de noite, ou com a chuva, levantando-se grandes abas, que chegam ao tecto. Assim é também a sua casa de jantar, de lado oposto e imediatamente à cozinha; é uma espécie de grande varanda, mas que só se fecha pelo lado que disse. Entre estas duas partes há duas salas muito decentes, teto torrado, janelas envidraçadas; e tudo pintado. Na primeira está um bonito piano, sofá, e cadeiras de palhinha, cadeiras de balanço, muito usadas aqui, mesmo em palácio, botetes com mangas e jarras; castiçais de cristais no fundo de uma alcova, com cama armada de cortinados, colchas, etc., rodapés rendados,

etc. E bem associada. Aqui estava amalhente seu filho, o Senhor Juvenal Galeno da Costa, moço que tem alguma educação, e que é meio poeta - estuda no Rio de Janeiro. A outra sala que se segue é no mesmo gosto, mas não tão bem mobiliada; por cima destas duas salas há um sobrado onde mora uma filha solteira, que agora está com outra casada: pelos fundos há cozinhas, engenhos, etc., e repartições que eu não vi. Por baixo há umas lojas que servem para armazém, moradia dos escravos, etc. e para o lado esquerdo fica uma roda d'água com que despolpa café, soca, etc. Ali fica também a caldeira e tachos para o açúcar e o alambique para aguardente. Por cima destas fábricas corre um largo tabuleiro com peitoris, que serve de varanda à casa, e onde soca o café; há outro mais baixo; mas outro corre do mesmo lado na extensão do terreiro que está em frente da casa, na altura do primeiro sobrado, e serve também de varanda e de socar café e mantimentos. Com esta comunica a sala de jantar, e aí se toma café depois do jantar, havendo por baixo e sobre a rocha um mato de flores, jasmuns, rosas, mimos-de-vênus, que aqui chamam graxa.

Em roda da casa, que como já disse está sobre rochas altas, há despenhadeiros e por detrás pedras altas, que escurcem a cozinha. Foi buscar água do riacho Pacatuba; com [ela] move o seu engenho d'água; metem água em casa, e faz um excelente banheiro.

Como dizia, chegamos aí estavam acabando de jantar, e vieram logo receber-nos. Estivemos na antessala sentados em rôdes, e ali conversamos até a hora do chá, que foi servido com muita variedade de biscoitos, bolinhos, além do pão, queijo, etc. Conversamos depois até além das 10 horas, em que nos fizeram armadas na sala de visita duas belas e mui assiadas rôdes, com almofadinhas cheias de crivos e rendas, lençóis, etc. De manhã logo que nos levantamos veio-nos bom café; conversamos, e passejamos pelo jardim em roda da casa de banho, onde o Senhor Costa se banhou: aí colhemos algumas plantas; e vimos uma boa plantação de Ubas, que aqui chamam Cana-brava; escava com frecha. Depois de um farto e delicioso almoço, era mais de 11 horas, nos preparamos para a subida da serra. O Senhor Costa nos quis acompanhar; eram eu, ele, e o Lagos (o Juvenal ficou tomando conta da casa); um preto velho matreiro; e nossos dois criados. A ascensão foi a cavalo; e o caminho mais longe, mais horrível que o da subida para a casa. E eu ia tremendo, e em alguns lugares me apeava. Chegamos enfim ao alto da serra, e entramos já em matos virgens; deslumbramos o primeiro caleço da serra, e demos no vale, profundo, onde corre o Pacatuba, ou antes onde tem origem, e são mui profundos tremedais, por uma longa garganta, e coberto de mato baixo, vendo-se algures água. Adiante correndo o mesmo vale, e já havendo bastante água, fez o Senhor Costa um açude entre os montes, que represtando a água forma uma vasta e profunda laguna, o que produz um movimento de surpresa naquela altura. Andávamos costeando esses vales e por meio de caêzais e de matos virgens, quase sempre

roçadas, ou brocadas como aqui dizem, quando o tempo escurece, vênta sobre os cimos ou cabeços da serra e começa a chover. Foi para nós um grande desapontamento; e procuramos agasalhar-nos em um rancho de pinholas; mas quando ali chegamos, estávamos já bem molhados, tanto pela chuva, como pelo orvalho do malo, e dos euféxis. Derrrimos pois a nossa excursão por concluída, e nos fizemos de volta, que para mim foi bem penível, pois a fiz toda a pé; e chegamos à casa em estado deplorável. Mas tínhamos levado roupa; e nos associamos para apresentar-nos ao jantar, que foi pelas 4 horas da tarde: jantar excelente e farto. Acabado ele e tomado o café, nos preparamos para descer; eram ave-marias, e eu não tive remédio senão em descer a cavalo com o credo na boca, e stando como se descesse a pé. Chegamos a Pacaúba já bem noite, e livres de perigo.

#### VEGETAÇÃO

Do sítio (Boa Vista) até o alto da serra a vegetação tem muita semelhança com a do Rio de Janciro nas várzeas; muitas plantas são da mesma espécie, mas é notável, que quase todas (assim é também a respeito das cultivadas) têm maior vigor, maior porte, maiores flores e frutos.

Por detrás da casa vimos: Erva-grossa (que chamam aqui Kingua-de-vaca), Alfavaca; Oficial-da-sala (que chamam...?) Guaxina, de flores mui grandes (malva-de-embiras; há porém uma triunfeta, de varas mui longas e que dá embira mui forte e não dura, esta é, segundo o Senhor Costa, a verdadeira Malva-de-embira, que até os ingleses a compram); Anhangá-pachecica, Pariparoba (que chamam Caapeba, mas outra piperícea que à primeira vista se confunde com a Pariparoba, é a verdadeira Caapeba medicinal; tem folhas menores, mais delgadas e mais lisas; e os amentos solitários); Picão (que chamam carapicho) e um *Bidens*, que me parece ser o mesmo de lá. A *Piperidium* chamada *Pertinho*, ou espécie mui semelhante; Folgasão-bravo, ou espécie mui próxima; Guaiaberas.

No alto da serra, *Oficial-da-sala*, muito abundante; Guaxina de flores mui grandes; Tabica (rutácea). Uma anomácea de ojha cheirosa com frutas cítricas-de-laranja (Imberil?); *Samambaias* pteris; barba-de-velho (diz Manuel que é outra espécie diversa da nossa); Figueira-branca, *Sophora macrocarpum* (que chamam aqui barra-de-leite).

Árvores silvestres: Ipê de flor amarela (que chamam pau-d'arco-amarelo, exclusivo, ou mais abundante nas serras; nos baixos domina o roxo). Gatgaúba. Coriácea que dá a melhor embira daqui; Macaranduba vimos algumas grandes, e o meu rapaz apanhou no chão a fruta madura de uma. Tinguaciba (que chamam Limãozinho; estava com fruto). Mamalucas são grandes árvores de folhas miúdas, casca lisa e avermelhada, cerne...; é uma Mirtácea. Algumas

de que se quis tirar amostras estavam ócas; atribuem isso às ventanias da serra. Arapoca (rutácea) que chamam Amarelinhos; Urucurana (que o Senhor Costa chamou Sangue-de-boi) estavam com flor e fruto verde; alguns indivíduos femininos. Piruds — grandes árvores, cuja madeira é branca; não sei nem a que família pertencem; Catucanhém (que chamam...) tiramos fôlhas de duas espécies; Carapetá (que chamam Jitó); Lacre (Vismia); vimos em um lugar uma mata secundária no alto da serra, que quase exclusivamente era formada desta planta, e tem aqui aspecto dumha árvore — semelhante às nossas amoreiras no tamarindo.

Achamos um *Cybianthus* mui florido: era pequena árvore. *Penax* ou *Actinophyllum*, vimos uma árvore com botões; Jaracaties, vi muitas e grandes árvores; me davam aparência de paineiras; Embaibeiras grandes de espécie diversa das nossas. Vimos no alto um pô de pau-paraíba, que o Senhor Costa me associou ser o mesmo dos tabuleiros; é madeira branca, e leve; diz que dá paus grandes, talvez para canoas.

A mata no alto da serra não tem a majestade das nossas do Rio; assemelha-se um pouco com as de Petrópolis: um grande número de árvores me parecem estranhas; e não havia flor nem fruto; era muito pouco.

Nem um animal avistamos, nem um mosquito; de pássaros só ouvimos algumas arapongas troarem os matos, sem as vermos, e alguns lotes de tiritas passaram.

Cultivadas: Laranjas, Jambos, Araçás, Arvore-do-pão, Jaraçá, Mamões (nativos), Jenipapos (nativos), patreira, Uruçu, Uba, Abiu (*Solanum*) do Pará e de que inimmo doce, Cajus, Andirobas (*Meliaia*), Atas, *Mimusops disserta*, Bacurupari (silvestre?).

O alto da Serra da Aratamha é um grupo de grandes cabeços, ou montes separados por vales mais ou menos profundos. Tudo está já devassado, e com plantações, principalmente de café, mas essas roças, são entremeadas de porções de matas virgens, ou porque os terrenos são ásperos ou impróprios para cultura, ou muito aquartelados pelos ventos de agosto, ou enfim são também deixados para proteger as plantações, e se chamam guarda-ventos; isto não só no alto da serra, mas pelas encostas se observa essa rede de matas, que dão à serra um aspecto de mosaico irregular, parecendo as roças uns furos por entre as matas. O vento reina quase sempre no alto dessas montanhas e às vezes violento, e se precipita pelas encostas, e grotas, assolando tudo.

Outem 15 de junho de 1859, partimos pelas 10 horas da manhã de Pacatuba, eu, Manuel, e o Capitão Henrique Gonçalves da Justa; levaram-nos bagagem e comida o meu criado e o Manuel, e io mais o mateiro José Manuel. Chegamos a Guaiúba pelas 11 horas pouco mais ou menos; desviamos-nos da estrada para ver a povoação, que é insignificante — uma pobre igreja sem aparência de templo, numas moitas laranja, com praça com brete, guarnecida pelos dois lados, e mais baixo que a igreja, por casas térreas e pobres. Chegamos ao largo, e depois paramos, sem nos apearmos, em casa de uma família conhecida do Justa. Daí seguimos e passamos o rio Guaiúba, que corre junto à povoação. fomos muito devagar, vendo e colhendo plantas, e só às duas horas é que chegamos ao Rio Baú, que passamos, fomos poupar numa pobre casa dum sujeito chamado João Francisco, conhecido também do Justa.

Calcula-se ser de Pacatuba a Guaiúba uma légua e daí ao Baú duas léguas. Todo esse terreno é muito pouco cultivado, e é todo coberto de matos, ora altos, ora carrasquinhos. Da Guaiúba até o Baú, disse-nos o Senhor Justa que tudo é virgem, quer carrascos, quer matas altas. O caminho que é a estrada de Baturité é bastante reto, mas com subidas e descidas de fortes ladeiras, porque o terreno é de altos e baixos; nos altos há de ordinário chapadas mais ou menos extensas e planas, e nas baixas há também algumas várzeas planas úmidas ou menos extensas e planas, e nas baixas há também algumas várzeas planas úmidas, onde a mata se torna alta, e víçosa; mas nos altos, onde o terreno é árido, se torna ela carrasquenha, conservando todavia muitas das mesmas árvores. A várzea onde corre o Baú, onde a estrada o atravessa será 500 a 600 braças, de largo; é o vale do rio plano, barrento (barro negro viscoso); há aí alguns atoleiros. O rio não corre bem pelo meio, porém mais para o lado de Baturité. Este vale é limitado por duas elevações, que formam chapadas nos dois lados, com altura mais ou menos de 20 varas, e com ladeira fácil; a chapada que fica para o lado do Guaiúba é dura grande extensão e plana; à outra não fomos, porque a casa onde nos arranhamos é à beira do rio. Este vale nas grandes enchentes do rio fica em parte alagado. Os rios Guaiúba e Baú são de força quase igual, com ribeiras altas e largas e fundo arenoso; agora tinham água tanta como o Rio Guandu na margem do Men-

danha, quando está nem cheio, nem vazio. O Guaiuba oferece uma pequena cascata ruja queda será de 6 a 8 palmos de altura, porque uma grossa veia de pedra quebra o atravessa; forma-se em cima dessa muralha uma larga batia, e em baixo outra muito mais funda. Os engenheiros dirigiram a estrada de modo a passar por cima da pedra, onde tencionam fazer a ponte, fazendo um grande arco por cima da cascata. Ambos estes rios se tornam temíveis no tempo das chuvas, mas nos verões diminuem muito e mesmo nas grandes secaas se cortam.

#### VEGETAÇÃO

Logo que saímos de Pacatuba fomos achando o caminho bordado de flores. Eram principalmente convolvuláceas de lindas e grandes flores, que cobriam as moitas e árvores, e mesmo abravam o chão. Contamos 5 ou 7 espécies entre elas. *Convolvulus*: Lanteas de flores douradas, e pela primeira vez as vimos de flores brancas; e à margem do Baú uma variedade de flores cor d'ouro, e rubis; pelo chão, à beira do caminho eram as lindas flores, e quase semelhantes no tamanho, forma e cores, que facilmente se confundem, da Meladinha e da Chanana, e mais algumas Centrossemas de flores grandes e vistosas; e enfim outras mais abundantes. Das árvores, raras estavam em flor, e poucas com frutos. O Vale do Baú é um todo coberto dum mato virgem de grandes árvores, bem que não iguala as nossas do Rio de Janeiro; as árvores, que ai notamos passando pela estrada sómente são:

*Pau-branco*, de cerne ruxo (dizem haver outro de cerne loiro) em grande quantidade. *Angicos*, grandes árvores com o porte, aparência dos nossos ebanos. Estas árvores tomam grandes proporções, o seu cerne vermelho-sangüíneo com veios escuros e excelente madeira de construção, e de marcenaria. Na capital são os móveis desta madeira, e simula o mogno. Estavam com bagens, que colheram a tiro, mas não bem maduras. *Pau-d'arco-roxo* (isto é, de flor roxa) há muitos, tanto destes como do Angico, mas não muito grossos, porque se tem tirado dai, e à beira dos caminhos rôda a grossa madeira. É notável que estas árvores estão com folha e sem flores, quando as que vi vindas da cidade do Rio Jenipabu, até os arredores de Pacatuba, estão pelo maior parte invernos floridas (é provável que venham a florescer de outubro a dezembro, e essa é a opinião do mateiro e do Capitão Justa, sendo a florescência de agora antes esporádica que verdadeira, se é que elas não floraram duas vezes no ano, no princípio e fim do inverno). *Cedro* e *Arcoeiro*, apenas deles se viram uma ou duas árvores; afirma o Capitão Justa e o mateiro, que eram aqui abundantes, mas que se têm cortado. *Marizéuas* algumas e bastante grandes; *Juazeiros* alguns; *Manicobas* muitas e muito altas; estão com fruto; *Guanábás* há bastante no meio da mata e mui altas, excedendo os Angicos. Nos canaúbais não as vi dessa altura (tronco de mais de 100 palmos, delgados, quase

direitos, e com mui pequena copa). *Catoiés* (coqueiros) há também bastantes; *Purga-de-leite* (*Euforbiácea*) pequena árvore, há bastantes, estão com fruto; *Judas* há alguns; *Catingueiros*, bastantes, e grandes; muitos destes estão com flor e fruto; *Jurema-amarela* há bastantes; e uma mimosaíca cuja madeira é mui semelhante ao que no Rio chiamam *Caibut-vinhático*, *Vinhático*, ou *Vinhático-de-espinho*. Estas são as árvores que observamos. Há aqui *Imburanas-de-cheiro* ou *Gomara*, e *paix-violeta*; mas não nos foi possível vê-los. Na grande chapada vindo do Barú para o Guaiúba há mata densa, carrasquenha, e virgem segundo afirmou o Senhor Capitão Justo. Falei carrasco assemelha as nossas pequenas capoeiras, cuja parte se regula pelo das *Goiabeiras*, e *Aroeiras*; mas é aqui mui baixo o mato, formado de grande quantidade de plantas multicauas e de hastes longas e direitas, e de outras árvores mui corpulentas mas de tronco mui tortuoso e atamento de todos os modos. No meio dessa mata densa levantam-se aqui e acolá algumas árvores mais altas, como são *manicobas*, *cariros*, *aroeiras*, e algumas coqueiros. Dominam muitos carrascos a *Imburana*, o *Catingueiro* a *Jurema*, o *Mororó* a *Peguá*, o *Pereiba* e grande quantidade dos *Crôtons* a que chiamam *Matameleiros*. Ai tiramos fruto da *Manicoba*, derrubando uma pequena árvore, fruto de *Cedro*, tirado a tiro, e uma tora de *Aroeira*.

A casa em que nos hospedamos e passamos a noite é um miserável rancho, coberto de telha, mas sem paredes, à exceção de um quartinho puxado para um lado, onde mora um casal da família, talvez um filho casado. Tem uma varandinha aberta, uma espécie de salão cujas paredes são feitas com paus juntos, e postos a-pique; mas estes mésmos desiguais, tortos, etc.<sup>4</sup> Havia ali uma

\* Continuação da casa de João Francisco. Dessa sala meio aberta se entra para outra separada desta por uma tapagem de tábuas transversais até a altura dombro; por detrás estava a cama d'água, e quando as raparigas tinham que espiarem pelas frestas das tábuas. Esta saleta tem ao lado uma alcova cujas paredes são de folhas de palmeira. Aí parecia que vivia a dona da casa, e as raparigas, e parentes que é a despesa, porquanto é dada em uma quarta de resto de vinho. A dona casa, ela entrou para esse lugar e gravidi-la. Segue-se um laje para m's de paus-a-pique, e balvo; é a corintia; lá mais ao lado esquerdo em quartinho de folhas, e de paredes barreadas; suponho que é do filho. É tudo tão rústico, que nem o terreno foi nivelado. Por esta habitação se faz idéia de que é o resto das casas desta gente, pois que este João Francisco não se pode chamar pobre; pois que tem 2 casas e juntas de bois para ambos; e cada cartada custava ser puxada por 7 ou 8 juntas.

Ele estava em casa em camba, por cima da cintura; mas a mulher estava vestida com roupas rendidas, seja de chita, bichos de entre, e tudo simpo. As raparigas estavam vestidas com vestidos e fios, e as crianças não estavam nhas; exceto as muito pequenas. Aqui chegaram de Quixeramobim 3 seteentes, ou vaqueiros, vestidos de peles, couro, conduzindo um resto de boiada, que deixaram no cunhal do João Francisco e a vieram buscar no dia seguinte de manhã. Um deles era um homem bem assado, robusto, sorridente e conversando bem; levando os bois, dala dala isso choiando, isto é, caminhar à moda dos boiadeiros; não deixava de ser isso alguma coisa pitoresca.

mesa, um banco para duas pessoas, e um tripeça. Havia dum lado muitas coisas no chão (só de cobrir os corpos).

O negócio do dono desse casebre é conduzir gêneros, café, algodão, de Baturité para a cidade; tem dois carros, grosseiros, como são todos os da terra, e estavam no terreiro carregados com fardos de algodão; caravam a meia carga, por causa do mau estado dos caminhos. A carga incerta é de 14 fardos, cujo peso é de 70 a 80 arrobas, e o frete, nos disse o Senhor Justo, é 45. a 50\$ a carreta, e ele gasta na viagem redonda 20 dias. Hoje, antes de nós sairmos, saiu ele com mais um sujeito, que não sei se da família, e um netinho, pelas 7 horas da manhã a ajuntar o gado, que andava pastando dum a meia légua, por trazer os carros para a cidade esta tarde. Disse-me ele que tem 56 anos feitos, que é filho de porto das Russas, no Jaguaribe, e que veio para aqui em 1848. Tem a mulher, e um só filho (porque disse ele que a mulher desmadrinhou da matrige) mas tem em casa netos, nora, e alilhados que criou. Na casa vi 3 ou 4 moças além da mulher, que é velha, e uns poucos de rapazes e crianças. Dormimos na sala aberta, onde ele nos estendeu, logo que chegamos, rôdes, uma para mim, e outra para o Justo; Manuel levou a sua. Deitei-me em mangas de camisa sem cobertura, e de madrugada senti tribo, e cobri-me com o paletó. Tinhamos levado matututagem mas ortem mandamos cozinhar uma galinha para ferver sopa, e jantamos bem, não me faltou nem vinho, nem doce, nem queijo, e café, que tudo levamos. Dei-lhe pela galinha e pelo agasalho, quatro mil-réis, e uma recompensa para os olhos dos dois netinhos, 400 réis por uma cesta de milho, colhido na roça, e 1000 réis a um vizinho que nos sustentou os cavalos com capim.

Contou-nos o Senhor João Francisco que o Manacá, planta muito abundante naqueles lugares é excelente remédio para febres. O chá das Flores, com aguardente dado na ocasião do acesso, cura milagrosamente; se não tem flores, a casca da raiz coainhada e bebida com aguardente faz muito efeito. A bucha (bucha-de-paulista) é outra planta milagrosa; sua mulher prepara desta sorte; lança numa panela grande quantidade de ramos desta planta, cozinha e depois a engrossa até consistência de xarope, deita-lhe açúcar, e depois ajuntando-lhe polvilho faz temas balas, que são excelentes purgativos. Há ainda a batata-de-purga, que dá uma grande cabeça na raiz, que raspada e lavada dá uma típoca, ou goma, que aescuta. Esta goma tomada na quantidade de 2 a 3 colheres é excelente purgativo. Acabou dizendo: Nós aqui com o manacá, a bucha, e a batata, não precisamos de botica, cujos remédios são quase sempre sem efeito.

Despedimo-nos desta boa gente, e partimos entre 9 e 10 horas: caminharmos muito devagar vendo as matas, tirando ramos, e frutos, e amostras, de modo que eu e o Capitão Justo chegamos a Guaiuba depois de uma hora. Nos aparamos na casa da família de que ele é compadre, houve água não muito clara, e muito fresca do rio Guaiuba, eu repeti o copo duas vezes (a água do Baú é má, grossa, pesada, meio salobra e inorna); a Senhora estava muito contente para

que jantássemos, mas eu estava suado e porco, só tinha vontade é de me ver em casa, onde chegamos depois das 2 horas. Manuel ficou atrasado, ocupado em colher plantas, e vinha com os criados e mateiro; chegou quase às 4 horas, e fomos logo jantar, estando presente, por convite, o nosso excelente campanheiro de viagem o Senhor Justa, com o qual já ajustamos a viagem a Baturité, agora em vindo da cidade.

(Pacatuba, 16 de junho às 8 horas da noite. Notas feitas muito à pressa).

5-VII-1859. Pacatuba

Partiram mais cedo o criado de Manuel, com resto, e o prático da picada da serra, e o mateiro José Manuel que nos acompanhou. Vou almoçar conosco o Capitão Henrique da Justa; e depois montamos a cavalo e seguimos para a serra. Em caminho encontramos o José Manuel. A distância de Pacatuba à serra é de boa légua e meia, por terreno acidentado; com alguns riachos, e aguados, e a lagoa do...<sup>38</sup> junto da qual passamos. Quase todo o caminho é coberto, e cerrado de arvoredo, que se parece com as nossas capoeiras do Rio de Janeiro, formado de sabin, pau branco, angicos, jucá, ratingueiras, cajazeiras, aroeiras, paus-d'arco-roxo, maniçobas, mororós, marfins, etc. e a mata baixa de marmeleiros, e camarás de duas qualidades e muitas outras plantas. Vimos também dois jacobás, um carregado de fruto, assim como um camurá com bagens. Chegamos ao pé da serra. Manuel se adiantou, deixou o cavalo em um sítio, e acompanhado pelo prático e o seu criado foi até o cume da serra. Eu, o Capitão Justa a cavalo, e o José Manuel fomos atrás. Fomos subindo a montanha até um quarto de altura mais ou menos; porém ai nos apeamos e atamos os cavalos; por ser a subida íngreme, e cheio de raízes e cépos da picada. O Capitão seguiu a pé e foi encontrar o Manuel no alto da serra, eu liquidi com o José Manuel. Enquanto considerávamos a mata, e a muita bagém de angico do ano passado, o José Manuel viu por detrás dum pau-d'arco-roxo uma árvore florida, que lhe pareceu ser frei-jorge; com efeito foi a ela e reconheceu que o era. Deu um tiro e como não tirasse nada, e a árvore era fina mandei que a derrubasse; tinha um gêmeo de diâmetro e já cerne de duras polegadas; a altura era talvez de 60 palmos, estava carregadíssima de flores; de que fizemos uma boa colheita. Algumas estava já seca, e havia ainda botões; as flores apeteciam. Parece-me ser o nosso louro-pardo, ou espécie muito próxima. Manuel achou no alto da serra uma bombácea com flor, e sem folhas, e a que chamam

38. Lagoa do ms.

*Imbirabentha*; e uma *Bambax*. Da vegetação desta serra, que tem um teto de altura da Aratambá, direi por ora que consta em grande parte de angicos, alguns paus-d'arco-roxos; vimos um pé de frei-jorge, não encontramos jatobás, mas havendo-os na vagem o rendo a montanha o nome de Jatobá, deve existir ali se não muitas algumas destas árvores (também não é impossível que daqui se tenha tirado as melhores madeiras); existem cedros, aroeiras, que foram vistos por Mamich, e alguns pequijás. A vegetação menor é de canáris, malváceas, acuáceas, etc.

Descemos, até o sítio onde Manuel deixou o cavalo e ali no terreiro vimos uma árvore de comum, com bagens; o Capitão deu um tiro e viu naquele ramo com fruta. Fomos depois a ver se tirávamos bagens de uns grandes angicos que ali estavam perto à beira do caminho; com um tiro caiu uma bagena e por ela vimos que está ainda verde. Seguimos até outro sítio que tem ao pé da casa um jatobá que estava carregado de fruto; fomos a dí com o dono da casa, um filho desse, e mais um sujeito, creio que carpinteiro que ali estava preparando esteios de pau-branco para puxar uma varanda na casa, que é de telha, e de paus-a-pique barreados. O Capitão Henrique deu dois tiros, mas caíram frutos quebrados; então o rapaz atirou-se à árvore e subiu por ela admiravelmente; a árvore até o primeiro galho teria 50 palmos, com mais de palmo e meio de diâmetro. Chegando aos ramos, com a faca que levava derrubou um galho carregado de fruto. Quando voltávamos com a nossa prisa viciava uma nuvem escura de parte do Jatobá, e o dono da casa mandou logo recolher os animais, o que apenas feito desabou uma grossa pancada d'água, que durou um quarto de hora e deixou tudo alagado. Demoramo-nos ainda algum tempo, enquanto caiu o maior orvalho, e durante esse espaço gostamos de ouvir conversar o dono da casa, que é rapaz de 35 anos, casado, e com um filho de 18 que foi o que trepou na árvore; me parece excelente moço, quase branco, de boa lisíonomia e bem apessoado. A mãe estava da parte de dentro e tomava parte na conversa com muito desembaraço; foi assar alguns cotoços de jatobá que dizia eram bons de comer, estavam porém muito duros por não estar ainda o fruto maduro, mas a massa de fora já se podia comer. É adocicada, mas enri seca.

Contou o dono da casa várias histórias, conversou sobre os sinais de chuva e falou muito contra a preguiça dos seus compatriotas do Ceará, e disse muitas vezes: O trabalho não mata o homem, o que o mata é a torne. Com efeito me parece uma família feliz.

Chovia ainda sobre a Serra de Pacatuba, mas sobre nós estava o céu limpo, e supúnhamos que a chuva seguia, e nos não viria mais incomodar. Montamos pois a cavalo; e andando por muita água no caminho e por baixo dos ramos pesados de orvalho, quando já nos faltava 1/4 de léguas, veio sobre nós uma grossissima tormenta d'água, de grossas gotas, que nos acompanhou

até chegarmos, pondo-nos em miserável estado. Apenas nos apesamos cesso e dei a pomba abrigo o sol.

Adramos em casa um grande prato travesso cheio de papas de milho, e uma tortina com doce de bananas e ovos, tudo excelente, e presente da Senhora Dona Maria Teófila. O Capitão Juca jantou conosco; e o convidei para o chá, a fim de acompanhar a concluir o prato de papas.

Hoje 25 de agosto, um sujeito daqui, estando ajustada viagem se apresentou de manhã logo cedo para nos conduzir ao sítio denominado Cumbe (Cômoro y daqui a duas léguas seguramente. Mandou-se preparar peixe e carne para lá almoçarmos. Havia sete horas quando montamos a cavalo, eu, o Lagos, Manuel, o Reis, Bordalo, caçador, os dois ordenanças, um criado, e o nosso guia. Dirigimos para o lado do mar (noroeste) pela campina desabrida e seca do vale do Jaguaribe, no meio da qual está situada a cidade de Aracati. Este vale plano, raso, apenas elevado sobre o nível do mar, cujas marés o cobrem em parte, tem daqui a aparência circular, com um diâmetro de duas e meia a duas léguas, e limitado pelo lado da terra por uma barreira da altura de algumas braças, em alguns lugares cortada abruptamente; por isso que esse vale é mais baixo que os tabuleiros que o circundam, e que se estendem a perder de vista fazendo um horizonte infinito, apenas interrompido por um, ou outro sorrote, como o do Araripe, que levanta aqui ou aí, e é todo coberto de matos. Pelo lado do mar aquêle vale é limitado pelo cordão de corumbas de areia, que borda o mar, e cuja largura é em lugares de mais de léguas, e é uma sucessão de montes de areia em todo o sentido, coberto em parte dum vegetação de moitas, ou de ávores dispersas, ou de um cerrasco de espinhos. A barra do rio liga a duas léguas; em parte do vale que avizinha o cordão de pitacos de areia entra o mar formando valões, ou rios, que não dão vazia, e que se chamam Cumboas. No tempo das águas tuâs esta vila é toda submersa, e o vale se transforma em um mar. Há enchentes desastrosas em que o rio sobe a ponto de inundar a cidade e chegar água a grande altura dentro das casas terreas ou armazéns e se diz de andarem lanchões pelas ruas da cidade. Em 59 houve grande cheia e em 42 ainda maior (excedeu três palmos a primeira). É uma verdadeira calamidade, e que não permite o engrandecimento desta povoação. Atravessando essa imensa planicie passamos por uma Cumbe seca e empoeirada. A alguma distância, e quando nos encostávamos ao rio havia muitas de Jatobás copados, e de Marizeiros, cujos troncos cheios de garras parecem antes um leixe de vassouras, e têm a casca pontilhada e gretada. Chegamos enfim à grande Cumbe, que bem que estivesse a maré vazia apre-

sentava um rio de umas 20. a 30 braças de largo e com bastante fundo; passámo-la em uma pequena canoa levando os cavalos a nado, passagem difícil e aborrecida com a maré varia por causa das lamas atoladiças que ficam descobertas. Passada a Gamboa continuamos o caminho, por terrenos já coberto de matos e carnaubais, e por sítios com plantações de canas de mandioca. Tamo-nos chegando aos morros da costa. Seriam talvez 10 horas quando nos apeamos em um Engenho, antes Eugenio, que estava moendo; tem moedas de ferro e eram puxadas por duas juntas de bois reunidas. O engenho só de aguardente. Está ele situado bem na fralda do morro redondo (Cumbe), que é um grande e vistoso monte de areia fina, e clara sem nenhuma vegetação. Esse morro é o que dá ao lugar o nome de Cumbe; nél se passa um fenômeno singular, e é que dá, em certos dias às vezes entre 2 e 3 horas, outras vezes de noite, estrondos pequenos, sonoros e seguidos por algum tempo, e quando estronda a areia estremeca e corre pelo dorso do monte, e seguindo-se em linhas sucessivas; no alto do morro não há nada, é uma chapada de areia. Enquanto lá estivemos nada houve; mas disse um menino que aí estava que no dia anterior tinha ouvido os sons. Há dali a uma meia légua outro morro de areia, que de tempos em tempos dá grandes estrondos, abrindo-se a areia e apavocando em uma terra barrenta; e afinal que na superfície se acha caparrosa, e às vezes porções de ossos. A ser isso exato há sem dúvida crateras antigas colhidas de areias nestes lugares. Estava o sol tão desabrido que não tivemos ânimo de ir ver este morro; e combinamos em ir ali dormir, outro dia, a ver se se ouvem os sons do morro, e ir de manhã cedo ver o outro morro dos estrondos. Almoçamos dentro do Eugenho do que levamos e eu bebi alguns tragos de aguardente que nos ofereceram e dois copos de caldo frio que aqui chiamam garapa. Era talvez meio-dia quando montamos a cavalo para voltar para a cidade, e para evitá a passagem da Gamboa, caminhamos pelos morros de areia até alcançar o lugar em que a Gamboa tem ponte; mas que penosa viagem! Andamos por espaço de infinito mais de 2 léguas rodeando a várzea, o vale e por cima, digo subindo e descendo montanhas de areia fina e sólta, onde os animais se enterravam, e tão clara que o reflexo do sol deslumbrava a vista e causava dores nos olhos e na cabeça; em muitas vezes dava direção ao cavalo e caminhava com os olhos fechados. Um vento forte que a cada momento ameaçava de tirar-nos o chapéu dava algum refrigerio à intensidade do calor. Em certa altura porém o espetáculo era bonito. Chegados a um lugar onde os montes de areia eram mais ricos avistávamos à nossa esquerda o mar, o que nos suscitava saudades, e à direita se via a várzea no meio da imensa várzea. Quando chegamos à borda do vale e desemos foi então a viagem mais incômoda. O vento havia cessado, o chão e o sol queimavam, passando pelo meio de salinas, e tínhamos a cidade a uma légua de distância, com os cavalos cansados, e nós queimados. Eu havia ainda ao passar por carrascos de juazeiros e outras árvores de espinhos, rasgado uma perna da calça, e de tal modo que o pedaço caíndo des-

colriu todo o ralo da botina; felizmente a entrada para nossa casa era pelo fundo e não chilhamos de passar pela rua. Chegamos às 2 horas, todos vermelhos como um camariço torrado.

Pode-se dizer que foi um sacrifício inútil; apenas colhemos duas plantas novas, um espécie do gênero *Peltogyne*? e outra dum gênero próximo à *Caenolpênia*.

Quando famo-nos aproximando da cidade, talvez a 1/4 de légua de distância, se nos ofereceu o fenômeno da miragem — as torres de duas igrejas que avistamos nos davam imagens dobradas, a verdadeira e outra invertida, parecendo-nos refletidas por um lago; fiz notar isto a Manuel que vinha comigo.

Ontem depois das quatro horas da tarde, montamos a cavalo, eu, Lagos, Carvalho e o Senhor Bento Colares, acompanhados pelos dois ordenanças, tendo mandado adiante dois criados com comida, para irmos dormir no Cumbe, e de manhã cedo, hoje, visitarmos a salina redonda. Eram mais de 6 horas quando chegamos à passagem da grande Gamboa; estava em seu pôrto a passageira (barqueira, ou canocira). A nossa passageira não se pôde fazer com menos de quatro viagens, e quando começou anotécia. A entrada na canoa a cavalo, assim como a saída, em leito, onde os animais se afundavam até a barriga; a canoa pequena, fazendo água, passando ao mesmo tempo gente e cavalos, tudo fedia malo. Tudo era emporelhado e gastamos nessa luta bem uma hora; mas levávamos o negócio de feição. Continuamos nossa viagem por terra pelo meio dum extenso carnaúbal, até chegar à casa do Senhor E. de Castro, quase às 8 horas. Ele nos não esperava, tinha já ceado, e estava ali só, por incômodo de saúde, tendo a família na cidade. Assentamos em deixar a nossa comida para o almoço do dia seguinte, mas serviram-se dela os ordenanças e os criados, e ele nos mandou preparar carne seca com farofa, e uma ligeira água de café, de mais a mais morna; estendeu na sala 3 rôdes onde nós e ele dormimos. De manhã acordamos ouvindo gritos de quem tocava bois; era o engenho que movia. A casa do Senhor Castro é uma verdadeira senzala, o corpo da casa coberto de telha, e todas as paredes de forra, e de dentro eram de palha sustentada por paus-a-pique de carnaúba; o chão de terra, e uma varanda ou copiar (latada) da frente coberta de palha. O dono nos deu muitas satisfações dizendo que tentava ou tentava fazer melhor casa. O Engenho consiste em uma máquina ou aparelho de moendas de ferro inglêsas, como são todas as que tenho visto aqui, exposta ao tempo e só coberta por um telo de palhas assentada sobre as espinas, e que se move com as alambiques e apenas sobre as moendas. Dois bois puxam o engenho e um mulatinho metia canas, e há muito tempo tocava os bois. A casa é amontoada no chão an pé das moendas; o caldo vai por uma hira, ou antes tubo de carnaúba para a casa da aguardente, que é pequena, rústica e suja. Os alambiques têm as copelas de barro; bicos de carnaúba distribuem o caldo (garapa) para coelhos, pipas, alambiques, etc. Uma

bomba que tira água dum poço, só pô da casa de destilo, é toda feita de carnaúba → estreios, travessos e bomba. O corpo da bomba, o êmbolo e válvulas tudo é de pau e tóscos; mas serve. O que aqui achei de curioso é que a bomba é tocada por um moinho de vento. Também estes moinhos toscos, de carnaúba, servem aqui para aguinar as plantações de cana feitas em terras sôcas. Hoje quando voltávemos de tarde, em um canavial trabalhavam 7 ou 8 bombas destas tocadas pelos moinhos. Admira que esta indústria não esteja mais vulgarizada na Província, onde os ventos são quase constantes, principalmente os gerais. Os Engenhos, ou antes estas rústicas engenhocas, onde só há de bom as moedas de ferro, espalhadas por quase todos os lugares que temos visto são aqui, digo, pela beira dos morros de areia, tão multiplicados, que uns distam dos outros às vezes 100 ou 200 braças. São todos de aguardente. Estes terrenos que ficam juntos aos combros de arcia, em redor da vasta várzea de Aracati, são mui férteis, pela umidade constante, às vezes demasiada que vestem as bases desses morros. Toda a vegetação é de grande vigor; vi canaviais magníficos; e são mui vendosos. E o fabrício, como acabamos de ver, é tóscos, deixa perder muito mas é muito simples.

Levantamo-nos hoje cedo, e andamos vendo o engenho e obras que se estão fazendo. Tomamos uma xícara d'água de café, e logo montamos a cavalo, acompanhando-nos o Senhor Castro, para irmos à salina redonda, e de caminho fomos ver uma fábrica de sabão, velas e licores que há aqui, e fomos muito bem recebidos pelo Senhor Sampaio e seu genro, que é um moço espanhol, muito amável e obsequioso. Este nos quis também acompanhar. Seguimos; éramos já sete cavaleiros e os dois ordenanças. Não passamos dum estreito atôro, onde se tinha desmarchado uma ponteinha de carnaúbas, e feita no meio dum brejo atoladiço. Tivemos grandes dificuldades e mesmo riscos para os que se animavam a passar a cavalo, e resolvemos mandar passar os animais pelo meio do brejo, e nós passamos a pé, arranjando-se como se pôde os paus de carnaúba. Nesta passagem do brejo, um dos ordenanças, o do Lagos, que levava o meu cavalo, se viu em grandes dificuldades para passar, mas o meu ordenanço, o o exelente Anastácio, que ia num desgraçado cavalinho logo na entrada atolouse de tal maneira que o cavalo deitou-se, o lançou na água fofosa, e ficou em miserável estado: mandamo-lo que voltasse. Fomos indo e logo depois tivemos de passar uma pequena gamboa, ou vale que a maré tinha enchido; passaram os cavalos peixudos e nós (alguns passaram a cavalo) procuramos lugar mais estreito, e lançados algumas paus passamos não sem algum risco. Enfim chegamos à pior passagem, à do morro a-pique. É um grande monte de areia mui ingreme, e de arcia sólta, que circunda um grande seio ou volta da grande gamboa, que é aqui mui larga, 40 a 50 braças, e que na volta que faz é pelo lado da montanha em profundo péräu, não ficando entre a água (a maré estava cheia) e a base do monte mais de 2 palmo em quase tóca a redondeza, que não tem menos de 200 braças. Faça-se idéia andando à beira

dum rio mui fundo de água escura, fazendo marcas e encostado a uma montanha de areia movediça, como a coisa é temerosa.

O peran nos ficou dentro d'água a 3 ou 4 palmos.

fomos, eu com muito recômo e cuidado, porque o meu cavalo tem grande medo d'água, e mais d'água agitada, e tinhamos já andado um pedaço quando ele se assustou e volta-se para o monte atolando-se na areia, que corta para dentro do rio. Fiz um grande susto; mas maior foi o do Lagos, cujo cavalo assustou-se também e quer subir pelo monte de areia. Ele grita e mal pode conter o cavalo, à beira do precipício; houve um momento de confusão, mas os cavalos pararam bufando, e eu me pude apear; então o Senhor Colares me ofereceu a sua égua, que aqui chamam bêsta, e montou em meu cavalo. Seguimos, mas em hem que com comilancia na égua, não ia de todo tranquilo. Finalmente demos num lugar aberto, cujo terreno em grande parte tinha subvertido, apresentando uma vasta porção coberta dumha terra escura, fundida em todos os sentidos, e de superfície moi desigual elevada sobre a praia antiga 2 ou 3 braças. Oferecia o aspecto dum vasto lamaçal que se tinha evoluído. A história deste lugar, é que o morto de areia que corresponde a esta vagem (chamada *Sulina Redonda* porque provavelmente houve antigamente aqui salinas, e habitações) dá ás vezes grandes estrondos, e que haverá 3 ou 4 anos estoiou com muita força em uma tarde, e quando lá se foi achou-se em vez da vagem aquela enorme quantidade de terra negra de mangue de grande espessura cobrindo-a, ficando uma grande abertura no terreno (provavelmente do lado da montanha) a qual foi sendo entulhada e coberta pelas areias que desciam dos montes sobranceiros. Hoje está este terreno já com as fendas tapadas e as areias destruídas pelas águas e pelos animais e passageiros. Nesse terreno negro (lodo de mangues) já moi duro, há umas veias amareladas, que o povo tem considerado uma caparosa e lança um cheiro sulfuroso, mas que me parece ser o cheiro próprio do lodo dos mangues. Evidentemente esta porção ou grande aba de terreno da grossura de 3 e 4 braças foi levantada e lançada de costas sobre a vagem, ocupando-a em lugares (fria a sua largura, e partindo cedo mesmo dentro da Gamboa, por uma força vindra de baixo; isto é, por gases. Haveria pois aqui algum fenômeno vulcânico?

Achase nessa serra muitos pedaços de madeira, e de rãs de mangues, grandes camadas de conchas, algumas Tubiculárias, e porções de curvão; mas este curvão, assim como porções de mangues queimados, são seguramente produtos do homem, pois que neste lugar houve habitantes e sítios antigos. Explorado este fenômeno, deu-nos vontade de subir pelas encostas dos grandes montes de areia; o Lagos foi o primeiro, eu e outros o seguimos a pé; alguns fizeram a cavalo, outros não conseguiram fazê-lo porque os animais caíram envolvidos na areia. De cima desses enormes montes avistamos o mar, e grande parte da costa, ficando-nos incuberta a foz do Jaguaripe. O panorama era magnífico, o mar tranquilo estava de uma cor azul intensa.

Descemos, o Lagos colheu sementes, e montamos a cavalo. O sol estava ardentesíssimo, eram já 11 horas, começava o vento do mar que nos dava refúgio. Estando já a quase baixar passamos as primeiras dificuldades sem inconveniente algum, e ao meio-dia estávamos na fábrica de sabão onde o Senhor Sampaio nos esperava com almoço e muitos círcos da bala para bebermos a água. Apenas acahávamos de almoçar um sujeito que tinha sido mandado para o Cumbe, a ver quando começava a tocar, nos mandou avisar que a montanha já tocava; levantamo-nos com grande alvorço; todo o mundo nos acompanhou, até o Senhor Sampaio, que aqui mora há 2 ou 3 anos e ainda não tinha observado o toque do Cumbe. Fomos todos a pé; o monte era distante uns 300, ou 400 passos. Eis aqui o que se cruta desse monte. Havia um monte grande de areia, e por diante dele para o lado da várzea outro monte muito menor coberto de arvoredo; um dia, não poderam me dizer quando isso aconteceu, a grande montanha debruçou-se sobre o menor e a cobriu inteiramente. (Provavelmente não foi isso tão instantâneo, e a montanha de areia foi lançada sobre a outra por ventos fortes e constantes do mar; e todos estes milhões de areia chamados muros, que bordam as praias por todo o litoral da Província, estão constantemente em marcha sobre as terras, e não ocupando lugares que já foram habitados, e os que o estão). Diziam mais que este monte do Cumbe apresentava o fenômeno curioso de rufar caixa de guerra, e diziam à montanha: — Toca, que esse son aparecia. Não era fenômeno constante; só nos fortes dias de verão, e de ordinário do meio-dia às 3 horas, e de noite. Várias pessoas lá tinham ido e nada observaram, e o Senhor Sampaio nos afirmou que uma vez, em que subiu ao alto do Cumbe presenciara uma coisa curiosa e era uma linha traçada como a cordel, sobre a areia, e do lado do mar a meia serra, e do lado da terra a areia úmida, divididas por essa linha. Não se lembra se foi isso no inverno, ou no verão; é provável que fosse no inverno, e que a areia enedecida pela chuva, ou fazendo chegar a água à superfície por efeito da capilaridade era da parte do mar secada pelo vento constante que ai sopra do mar; e que a linha divisória era determinada pela linha, ou onda de areia formada pelo vento sobre a crista, ou antes linha tangencial da ondulação de ar. Muitas pessoas que querem passar por espertas negam o fenômeno do toque.

Logo que nos fomos aproximando do monte sentimos um sussurro, como de tambor tocado ao longe; isto era mais de uma hora, ventava do mar, e o sol era ardentesíssimo; era nossa tentação subirmos ao cume do monte mas bem depressa nos convencemos que isso nos era, sem dúvida impossível, de uma grande dificuldade, porque a areia é tão fina, e tão solta, e o monte tão íngreme, que um passo que davâmos nos metímos na areia até meia perna, e desciamos mais do que havíamos ganhado em subida; caímos a cada momento e andávamos de gatinhas; enfim com grandes esforços, sem respirar e abafados de calor pudemos ganhar a altura de um grande cajuciro a 5 ou 6 braças de altura, que já está quase soterrado, tendo de lora só os galhos do alto da copa, mas esses moi folhudos e vírgens; nos recolhemos em baixo desses ramos esba-

foridos, com grande ansiedade e dor na caixa torácica (isto digo de mim, os outros deviam sentir o mesmo). Metidos debaixo da sombra e sentados sobre os extremos ramos do enorme cajueiro, repousamos um pouco para podermos dar atenção ao fenômeno. Era realmente curioso o som que dava a montanha, ora mais brando, ou quase nulo, ora mais intenso, e perceptível, assimelava-se ao som do tambor dos pretos no seu candombe, ouvido a uma certa distância; e quando o som se tornava mais intenso, a areia corria pelos flancos da montanha e sentia-se um estremecimento na areia, no monte, e nas árvores sobre que estávamos deitados ou sentados. Estivemos por algum tempo observando o fenômeno, sobre que cada um dava sua explicação: o Lagos assentou a agulha de marear, que levava, sobre a areia a ver se notava algum movimento extraordinário; mas a agulha se mostrava inteiramente indiferente.

Descemos enfim e fomos para a fábrica. Agora eis aqui a minha explicação. Antes de ter lá estado, e pelo que me contavam, e pela vizinhança (meia légua) da outra montanha dos estrômbulos da Salina Redonda, eu entendia que tudo eram efeitos de crateras antigas que estavam cobertas pelos morros de areia; agora porém o meu juízo é diverso.

A montanha formada de areia pura ou lisa e mocheda não produz o fenômeno senão quando aquecida pelos sols; e então o ar contido mesmo nos interstícios da areia acé uma certa profundidade, aquecendo-a e dilatando-a torpa ainda a areia mais fina e mocheda, dando assim uma certa elasticidade a todo o monte, que sacudido pelo vento do mar, e agitado pelas correntes ascendentes do seu cume e ilhargas, estremece de vez em quando. Esse estremecimento, sendo a encosta da montanha do lado da terra assaz apique, percorre as areias, por parcelas e imitando chuvas: eis a causa do fenômeno. Agora sobre o que não tenho explicação completa é sobre o som produzido pelo movimento das areias; mas eis aqui o que observou-se. Quando fomos subindo, a areia em que nos enternecemos e que corria produzia um som particular semelhante ao do botão ou grossa corda dum taberão; quando estivemos em baixo dos cajueiros um moço que foi conosco metia as mãos profundamente na areia e fazia correr uma boa porção dela; o fenômeno sonoro era ainda mais distinto, parecia que o monte era óco, e que ressoava. Ora, o toque da montanha não é outro senão uma sucessão mais ou menos rápida desses sons. Esse som é pois produzido pelo atrito dos grãos de areia seca e quente. Aqui está pois o fenômeno explicado senão verdadeiramente ao menos o mais plausivelmente.

Não quiseram os donos da fábrica que voltássemos logo para a cidade, e instaram para que jancássemos. No entanto os copos de água de coco se sucediam quase sem interrupção, apenas interrompidos por marrasquino, uma aguardente de cana, e uma sorte de vinho que o espanhol prepara com a garapa da cana, e que nos instando para que lhe desse algum nome Lagos lembrou o nome de Vinho do Cunha, e ele prometeu mandar algumas garrafas para se mostrarem no Rio, assim como amostras dos diversos sabões que ele faz. Deu

ao Lagos todas as informações que ele pediu, e nos separamos destas excellentes pessoas, às 5 horas da tarde.

Demorados ainda na custosa, e porca passagem da Gamboa, chegamos, às 7 horas da noite. O Reis tomou algumas vistas.

[ADENDA]

Conversando aqui com o Doutor Théberge a respeito da Salina Redonda, disse ele que a tinha visitado, estando ainda fresco o terreno que foi revirado, fenômeno que ele explica de modo seguinte: Aquêles terrenos à margem das Gamboas são formados de uma lama mole, e a vegetação de mangues por cima lhes dá pelo entrelaçamento das raízes uma certa resistência. As areias ou matros de areias marchando sempre se vão acumulando e formando montes sobre terrenos que eram antes mangues; ao seu peso sobre a tona superficial opõe resistência o tapume das raízes, até que não podendo mais resistir rompe-se. A porção que fica embaixo do monte de areia se abate, comprime a lama inferior, que levanta a outra porção que está fora da pressão e atira com ela longe, revirando-a. Esta explicação é pelo menos plausível, e engenhosa. (Int, 18 de outubro de 1859).

2-X-1859. Jaguari bemirim

Subindo pelo vale, vargem, ou ribeiras do Jaguaribe, que apresenta largura variada, às vezes de muitas léguas, encostando-se muitas vezes à serra do Apodi, e do lado esquerdo, aos tabuleiros, e é bem caracterizado, antes de se chegar ao sertão, pela sua planície e pelas canaueiras, que foram florestas imensas, tendo por baixo pastos; chegando ao sertão o vale é mais estreito, mais irregular, menos plano, e começa a ser pedregoso o leito do rio. O aspecto do país é montuoso (contrário do que eu pensava) e todo coherto de matas, que chamam catingas, e tem pastos por baixo, de panasco, ou mimoso. Os morros são de ordinário de formas arredondadas, ora mui longos, formando lombadas direitas, ou curvas, ora em meia laranja, com ladeiras ora suaves, às vezes quase horizontais, ou fúrgueas e abruptas. Esta grande parte é o terreno pedregoso, ora de pedras miúdas, ou seixos rolados, ora de granito queioso, em planos inclinados, ou em blocos graníticos, etc. A cor da terra é mais ou menos vermelha.

Vegetação. É todo coberto de árvores de pequeno porte, principalmente *Sabida*, *Jurema*, *Pereiros*, *Angicos*, *Aroeiras*, etc. etc. e nos baixios, ou vales dos rios, frescos, são grandes *Órfícas*, *Marizeiros*, *Jeramataias*, etc. etc. estes verdes e folhudos; e aqueles todos sem folhas e como queimados; mas os Pereiros estão agora florescendo, e revestindo-se de folhas dum lindo verde, e as flores mui dicrossas e brancas; o que faz um belo contraste com a vista do panasco, que cobre a terra, e que está sóco de cor loira.

Pássaros. São abundantes no deserto, principalmente de pombas, rôlas, juritis, e sobre tudo das de-bando, que são de costas escuras, peito caborlo, e do tamanho da nossa juriti pequena. São estes pombos em quantidade prodigiosa: voam em nuvens, e assentando nos desampados formam uma mancha escura moverdiga. Vendo cobrem as árvores a se matarem 20, e 30 dum tiro; são tuans, e em roda das casas mariscando no terreno, chegam quase às portas; ninguém faz caso delas, poucos as matam. É curioso ver como de tarde procuram as ribeiras frescas do Jaguaribe, onde vão beber e dormir nas árvores e muitas, onde se matam muitas e se apalham vivas com fachos. De manhã

voltam para os lugares de pasto. Esta passagem de bandinha e de manilha cedo é curiosa. Ievam tempos esquecidos a passarem os bandos e cada um de centenas de pombas; às vezes formam um cordão, ou faxa contínua. O modo de sua reprodução é também curioso, segundo me informei: não fazem ninhos, vão largando os ovos no chão, que fica alastrado deles; e são destruídos em grande parte por gente que os colhe aos centos, e por cida a sorte de animais. Abandonam os ovos e não choram, nem sustentam os filhos, que são também devorados em grande parte, mas ainda ficam muitos.

*fandais, Maracanãs.* Estes andam em lotes, e assentam-se no chão, entre as pombas, mesmo nos terrenos das casas a comereem semente de capim. *Firabastas* (graúnas) mais abundantes nos carnaubais, mas ainda aqui no sertão há muitas, às vezes formam manchas negras moveidas. *Candários* há muitos; *corrupções e cardais*, *quenquês* etc. etc.; pássaros ribeirinhos muitos e variados

*Habitações.* Fazendas de criar, disseminadas, casas mui rústicas, quase todas deterioradas, com poucos cômodos, não há nenhuma vidraça e o vento incomoda muito. O vento constante aqui é o que diziam Aracati e que chega das 7 às 8 horas da noite e dura até de madrugada. Do meio-dia em diante até a chegada do vento o calor é muito forte e se vento o ar é quente como se saísse dumna fornalha; as madrugadas são frescas.

A gente toda que tenho visto, os homens são, ou foram vaqueiros; quase todos trazem o chapéu e gibão de couro, outros em vestimenta completa. São afáveis, obscuros, fracos, e me parecem de boa índole. Curiosos, falam bem, e têm uma fraseologia pitoresca. Os meninos são bonitos, e espertos, quase todos tem a cor morena, e vermelha, bons dentes, bonitos olhos; alguns são claros, loiros.

As mulheres aparecem pouco; as crianças andam quase sempre nus.

Em geral são indolentes, imprudentes, não conhecem os cômodos da vida: vive-se à primitiva. O alimento é carne e farinha e rapadura. A vida porém do vaqueiro é aventurosa e cheia de fortes emoções, e se presta a um belo episódio de um romance: o boi bravio, o cavalo eosinato, e o homem animoso e destre, tudo correndo e precipitando-se por matas cerradas, por montes pedregosos; até alcançar o boi e o derrubar. Quantas peripécias, quantos perigos vão aqui: a velocidade, e bravura do boi, o ardor e sagacidade do cavalo, a destreza e destemidez do homem etc., tudo causa emoções, e inspira aos rapazes o desejo de se distinguirem nessa vida, onde muitos encontram a morte.

A cena do derrubamento dum boi é animada e pitoresca.

Os homens, meninos, e mulheres trazem ao pescoço um rosário de continhos de vidro branco, com uma verônica ou outra qualquer coisa suspensa. Hoje (2 de outubro) à missa vimos na maçaneta do pan de pão da escada do púlpito muitos destes rosários suspensos, e perguntando o que significavam, me disse um rapazinho que eram rosários dos defuntos.

## 647 Pássaros no Vale do Jaguaribe, de Aracati até Icó

[13-X-1859]

Pica-paus: vimos vários e lindos. Andis pretos e podcos. Brancos vimos alguns bandos. Quenquém: há bastante. Canários: grandes lotes, ou sis, ou juntos com outros passarinhos. Vira-bostas (gratinas): nos carnaubais há muitos e no serão vimos grandes bandos nos campos. Jendaias (tiribas) bastante. Maracanãs: muitos pastando pelos cõrregos como as pombas, até nos terceiros. Papagaios, apenas ouvi o canto de alguns. Araras nem uma, nem periquitos, nem maitacas. Emas, há bandos, mas não as encontrei. Sircemas vi passarem três. Pombas colinhastras-rasravéis há bastante.

Pombas-de-bando são em quantidade espantosa. Cobrem os campos, os terreiros, e as árvores. De manhã passam das ribeiras do Jaguaribe para o lado das serras do Pecílio e Camará bandos infinitos, e voltam de tarde a beber e a amoitarem-se à borda do rio, ou dos poços. O que se conta de seu modo de reprodução é notável. Não fazem ninho, vão largando os ovos pelo chão e sempre caminhando de modo a ficar a terra alastrada de ovos em uma grande extensão, e inteiramente desamparados, nem cuidam dos filhos quando nascem. Estes ovos e os filhos são em grande parte destruidos pela gente, que ajuntam grandes cargas e pelos outros animais, e tudo que escapa é imenso. São estes pombos do tamanho da nossa jiriti pequena. Quando estão nas muitas apinharem-se à mão levando-se um facho aceso, que as incendia, como aqui dizem. A gente do país pouco caso faz dêles, só em algumas povoações (como vimos em Jaguaribe) é que alguns rapazes as caçam de tarde a espingarda.

Há aqui uns guiviões grandes e bonitos, a que chamam Chaçar, e que é muito diverso do nosso Caracará: fazem os ninhos em árvores baixas à beira do caminho.

Insetos são raríssimos, ao menos na estação em que estavam: não vi uma borboleta.

Ontem (12 de outubro), estando aqui o Doutor Théberge disse-nos que há aqui num lugar cujo nome agora me não ocorre, grande quantidade de jitiranas; que estes insetos se sustentam, ou gostam muito da folha do ja-

toba. Os ovos são depositados ao pé dessas árvores, e as lagartas logo que saem sobem pelo tronco acima, e em tão grande quantidade que quase o cobrem; chegando acima devoram as folhas da árvore, e aí passam à última transformação.

[ADENDA]

De 16º para cima diminuiram muito ou desapareceram os pássaros. Assim, poucas pombas-de-bando, poucos pássaros de bico redondo. Algumas rôlas-cascavéis, ou fogo-pagou; e ouviem vindo de Juazeiro para o Crato vi um gaturamo que o meu ordeneança disse chamar-se *patativa*. (Crato, 9 de dezembro).

25-X-1899. Icó

Icó, cidade central, situada à margem direita do Salgado e sobre uma vagem, que a leste e sul vai morrer ao pé dos montes, ou serrões, que são os antecímulos da Serra do Camará e Pereiro; ao poente e norte por serrões que parecem pertencer ao sistema da Serra dos Orós. Nas grandes enchentes como a de 42, grande parte desta vagem fica submersa, mas nunca a Água entrou nas ruas da cidade. As casas são quase todas térreas, e a rua que têm mais sobrados é a do Comércio, rua larga, e quase direita, e onde há as melhores casas de negócio. Não é calçada mas as casas são bordadas de passeios largos e altos, de tijolo, ou de pedras irregulares. Esta é a rua principal da cidade.

Há casas (contudo a que actual de fazer o Vigário) que têm um bonito aspecto, mas por dentro são simples salas, e alcovas de telha-vá. Quase todo o madeiramento do telhado, barrotes de soalhos etc., é de carnaúba. São pouco adornadas de trastes, que não sempre muito singelos. (em algumas casas, da melhor gente, vi cômodas, ou papeteiras de mágono, ou de ouro, quadeira, na sala de visitas assim como cadeiras de balanço). Os balcões das janelas, ou portas dos sobrados são de grades de ferro. Há poucas vidraças; as portas muitas não são pintadas, as casas térreas têm rótulas, e são ladrilhadas, geralmente com tijolos hexagonais.

Há quatro igrejas, com uma só torre a um lado, e muito baixa; por fora estão limpas, mas no interior mal desornadas, o corpo da igreja é sempre de telha-vá, o pavimento ladrilhado — ladrilhos hexagonais, pela maior parte, feitos aqui. Não há tantos morcegos, como em outros templos que vi vindos do Aracati.

Teatro, ainda não está concluído, e tem sido feito por subscrições e à diligência do Dr. Théberge. Tem uma bonita frontaria com colunas, feitas de tijolo.

Mercado: tem portas para duas ruas; dentro, dois lados são de arquadas, e dois de quartos, ou lojas, que se alugam; é espaçoso. Aqui foram massacrados muitos dos homens de Pinto Madeira.

#### CLIMA

Por toda a parte ouvimos que o calor no Ióó era insuportável, que o ar era como se saísse da boca dum forno etc. Tudo isto era muito exagerado, ou então temos sido muito felizes em ter sido este ano a estação mais fresca; e porque não estamos ainda na força do verão. Acredito que hão de haver dias abafados e minimamente calmos, e mesmo já temos sido tardes e noites bastante quentes; mas ainda estão longe dos calores do Rio de Janeiro. Nas noites de 20 a 21, e de 21 a 22 tivemos bastante chuva. São as *chuvas-de-rama*, *chuvas-de-cajá*, e aqui dizem *chuvas-de-outubro*. As tardes e noites antes que começasse a chover foram quentes, mas os dias depois eram frescos. O vento chamado Aracati, é aqui incerto, e chega quase sempre tarde, às vezes às 9 e 10 da noite, quase sempre forte. Constitua durante os calores do dia, principalmente entre 10 e 2 horas a formarem rodamoinhos, que são às vezes muito fortes. Ievam uma coluna de poeira correndo as ruas, batendo as portas e metendo dentro das casas uma enorme massa de poeira. Estes turbilhões, segundo me parece, são formados pelo encontro de duas correntes de ar; isto quando o vento do mar vem substituir o vento da terra.

Com estas chuvas várias pessoas sofrem, constipando-se, aparecendo doflusos e anginas. Em nossa casa alguns domésticos e dos nossos o Vila-Real e eu estivemos alguma noite incomodados; mas passageiramente. Segundo informações do Dr. Théberge a cidade é bastante saudável.

Hoje reparo como, não só os campos, mas até os montes, cujas árvores estavam secas, estão já bastante verdes, isto em consequência das chuvas de 21 e 22. Hoje são 27: assim bastaram 5 dias para as árvores brotarem fólias. Eu sempre pensei que o desfolhamento das árvores nos sertões não era só devido aos calores: sem dúvida a secura determina a queda das folhas mais cedo, e mais completamente; mas as árvores do sertão (ao menos as daqui do Ceará) são próprias a largar as folhas no verão, digo no inverno. São Juremas, Angicos, Pereiros, Paus-brancos, Sabiás, Paus-d'arco, Aroeiras, Gonçalo-alves, etc. etc. Nos lugares frescos conservam por mais tempo as folhas, como acontece principalmente com as Marizeiras; mas se se aradem em lugares altos e secos largam-nas mais depressa. Demais, estamos em pleno inverno, isto é, na estação mais seca; e os Pereiros estão se vestindo de folhas; e os Angicos, Aroeiras etc. não tardarão a tomá-las.

Flóres: tenho visto aqui algumas flores, andam vendendo-as pelas ruas, são rosas, jasmim, etc. Os Loendros ou espirradeiras crescem muito e dão magníficas flores. Domingo de tarde andando nós passeando a cavalo, vimos em umas chácaras vermelhas e formosos pés.

Frutas: há grande abundância de melões, e destes há muitos grandes, mas todos os que tivemos provado são inferiores aos bons do Rio. Caju há também e muito grandes, também inferiores, ou não melhores que os nossos. Há bananas, que ainda as não provei, e nada mais tenho visto agora.

Temperos e hortaliças, pouco, além de abóboras, quiabos, maxixes, nada mais tenho visto.

Leite não há ou há muito pouco de vaca; de cabra há algum. Manteiga, e vinho muito ordinários. O pão não é mau. A carne está muito longe do que nos diziam que era. Há galinhas, perus, galinha-d'angola, ocos.

A farinha não é má; há bastante milho; arroz tem quase sempre uma casca que se assemelha à da farinha; feijão o que abunda é um feijão pardo, talvez o nosso molatinho.

As médidas aqui destes gêneros são enormes, o que aqui chamam alqueire, tem seguramente três alqueires dos nossos.

#### CENTRO \*

Aqui como em Aracati há mais escravos que indígenas; assim o povo é composto de brancos, pretos, mulatos — cabras — e poucos indígenas e mamaluços. O tipo já não é tão formoso como o que existe na Capital, e seus arredores. Vinhamos prevenidos de que acharíamos aqui gente bela — alva, corada — mas por ora é tudo ao contrário: os homens são em geral feios, e as mulheres também em geral não são bonitas. Durante a viagem do Aracati a Icó tivemos ocasião de ver uma ou outra menina graciosa; mas não rigorosamente bonitas; o que não quer dizer que as não haja. Aqui em Icó ainda não vimos uma menina formosa; há aqui na vizinhança ou antes paróquias das dois lados com a casa em que estamos duas famílias com moças bonitíssimas, mas nenhuma delas é formosa. Em geral são polidas, e trigueiras. Entre as pardas apenas vimos visto três ou quatro que não são feias. Inda agora me recolho de estar em uma casa de família, onde há 3 ou 4 meninas e destas só uma me pareceu bonitinha (a sala estava mal iluminada). E podemos julgar das formosuras da terra por uma menina, filha do Sr. F. Gurgel, e que são do Aracati; esta menina passa pela moça mais formosa do Icó; no entanto não passa de bonitinha.

Quanto aos homens há também aqui o Sr. C. Pinto Nogueira que se reputa o mais belo homem do Icó; não passa de um moço, que não é feio; é casado. Vive esta gente pouco comunicável, sem todavia haver as desavenças, e separações do Aracati. Como em terra péquena, há comunicações, e falatórios da vida alheia.

Quando se entra em uma sala, as moças aparecem mas sentam-se à parte e alastadas; não tomam parte na conversação (é verdade que a nosso respeito se dão algumas razões; somos precedidos de má fama, e somos escravinhos). As meninas freqüentam colégios, ou casas de ensino; algumas moças tocam, ou aprendem a tocar piano, cantam as nossas vizinhas filhas do Tei-

\* Neste artigo há muito que mudar; eu tinha visto pouco.

xeira. Há na terra quatro piões; e patente que se deve a sua introdução à família Théberge, cuja mulher e filha (francesas) tocam; e a mulher dá lições.

Como em toda a parte, onde há ainda pouca civilização, o belo sexo vive muito retirado. Há neste encantamento das famílias pelo menos uma aparente de modéstia e de recato; mas a falta de educação, e por consequência, dos verdadeiros sentimentos de modéstia e de pudor, lhe mistura uma quase hipocrisia ou um falso exterior de virtude e no sítio das famílias, mesmo entre pais e filhos há certa licença, que às vezes tomam arestas de inocência. Aqui não se conhece o galanteio honesto e permitido, não se pode fazer a corte, ou render finas a uma moça bonita, com o único fino de a ilisonjar. Um cumprimento gracioso a uma menina se considera como um princípio de casamento. Um namoro sem esse fino pode ter por prémio um tiro. As moças mesmo assim o entendem logo. Daqui resultam sem dúvida as relações frias, timidas, e receosas entre os sexos. Daqui resultam malquerenças entre as famílias. Daqui resultam casamentos precipitados, e em mui tenra idade. Daqui em sim podem resultar relações ocultas, e desonestas. Um fenômeno singular se nota, creio que em toda a Província, mas que chega ao seu auge aqui no Centro: é o *roubo das moças*. É uma coisa mui trivial, e se tem tornado de tal maneira que parece que o roubo da noiva dá um sítio particular ao casamento. É um certo gostinho que tem essa gente em roubar a noiva com que se quer casar!

Este fenômeno tem sua explicação natural, quanto a mim. A princípio a rudeza dos costumes, uma certa aristocracia selvagem, era sem dúvida um obstáculo aos casamentos; não era fácil a um pai achar casamentos convenientes, ou julgados tais, para suas filhas, e o expediente contra isto era o roubo das meninas que se pros davam facilmente a isso, para se subtraírem ao jugo e violência paterna. Demais as inimizades de família eram mais outra dificuldade, inimizade que podia não passar dos pais aos filhos. Destas seduções e roubos se devia abusar muitas vezes, iludindo as meninas, que uma vez perdidas não podiam mais voltar para a casa paterna, e calam em desgraça. Destas seduções e roubos resultaram inimizades, ódios e mortes entre as famílias.

Hoje porém ou se dão os mesmos motivos, que em outros tempos, ou se tem tornado como um costume. Faz-se garbo disso, e nem faz já grande impressão no público. Pouco depois de estarmos no Ceará, e dizendo-se muita coisa a nosso respeito entre a população, dizia uma mulher: "Dizem que estes homens são maus, mas ainda neblum furtou uma moça". (O nosso vizinho Teixeira, o nosso vizinho da direita, em frente de nós etc. etc.).

Poucos dias depois que chegamos a Icô (e nesses poucos dias consta que houve aqui roubos de raparigas) um sujeito casado, e parece que de bons costumes, roubou uma sobrinha, moça, e sem pais. Os parentes tomaram a peito o negócio e mandaram dar-lhe um tiro, de que ele escapou, mas está

próso, creio eu, e o matador [sic] condenado já a galé. Na vila da Telha houve também outro caso de tiro; um advogado daqui de Icô (José Tomás), homem bonquisto, indo ali a um julgamento de uma questão de terras, voltando para casa levou um tiro, de que também escapou, recebendo algumas bolas de chumbo. Isto aconteceu também 3 ou 4 dias depois da nossa chegada, circunstância que deu mais desgosto a esta gente. Estão presos já uns poucos de sujeitos por suspeita; presumo-se que a parte que perdeu a demanda é que mandou dar o tiro.

É também coisa muito comum por estes setões, por qualquer desavença, ou ofensa, verdadeira ou não, mandar-se dar um tiro. É isto devido a muitas causas mas a principal é haver instrumentos fáccis para isto.

Quase nunca é o ofendido, ou que se julgue tal, o matador, há muita gente que se presia para isso. Meu sobrinho Manuel, gracejando com um dos nossos comboieiros, mulato, e moço, lhe perguntou se ele se prestaria a fazer uma morte, a que o sujeito respondeu sem hesitação: Se meu amo mandar, e me livrar, sim senhor. Mas você tem ânimo de matar a uma pessoa que não lhe fizer mal? Isso não é comigo, respondeu, quem manda é que sabe disso. E quanto quereria você para fazer essa morte? Como meu amo é rico há de dar 600 mil-réis. — Isto é horrível, e basta para explicar a frequência destes acidentes. O mandatário, cuja alma está desse pequeno familiarizada com estas rensas, julgando-se por pouco que seja agravado, acha instrumentos fáccis para sua vingança, e uma vingança deve ser o extermínio do ofensor, senão a luta não tem fim. As vezes é uma ofensa à honra da família, outras vezes é o ciúme, outras vezes uma afronta pessoal; e não estando o duelo em nossos costumes, recorre-se ao assassinato; e porque a ação da justiça é tardia, difícil, e incerta. Estes sicários, que vendem o seu braço, ou se substraem à justiça fugindo, ou se acoitam à sombra dos potentiados. Há desalmados destes que contam muitas mortes, e disso fazem ostentação. Hoje com o aumento da população, e com a ilustração que vai penetrando nos setões vai isso diminuindo, tanto porque estes potentiados elegerados vão perdendo a sua brutalidade e prestígio, como porque os desalmados instrumentos vão tendo mais medo da justiça. Aqui mesmo no Icô se deu conosco uma coisa, que serve para caracterizar os costumes. É encarregado aqui do Correio um miserável, que tem uma pequena taberna, a qual é também a casa do Correio. Este sujeito estava muito prevenido contra nós, e quando chegamos mandamos lá um ordenançá saber se havia ofícios e cartas para nós. E o que havia de responder o homem do Correio? Não tenho aqui ofícios nem cartas, para essa gente tenho halas!

Para se fazer uma idéia da pouca decência que há no interior das famílias contarei o que ontem presenciei, e numa das principais casas do Icô. A senhora da casa (é filha do visconde de Icô, casada com José Frutuoso Dias) que me informava de seus achaques, à vista do marido, dum sobrinho, de um

sujeito vizinho, e de quatro filhas, me explicava sem o menor rebuço dizendo, por exemplo: há dias em que não obra, outros em que obra quatro e cinco vezes; eu sou bem menstruada; quando me veio a minha barriga (o seu mês) sofro isto, aquilo etc.; não posso tomar ajudos etc. Foi tudo neste estilo.

É muito comum, isto mesmo na capital, conversarem as meninas, à vista dos pais em namoros e casamentos, sobre o que disserem mais filosóficamente e com desembargo.

Os homens vestem-se bem; as moças também se vestem com certa elegância. Ainda não tive ocasião de as ver bem; porque as famílias vão à missa pela maior parte de madrugada, e poucas assistem à missa conventual. De noite às novenas do Rosário só vi gente de meia-tijela, excepto hoje, véspera de Todos os Santos, e de Festa, em que vi grande número de famílias concorrerem à igreja, mas eu, não tendo a barba feita, e estando o calor grande não fui lá, e vi a festa da janela. Agora que são mais de 10 horas, enquanto escrevo isto estou ouvindo cantar ao piano, o mestre de latim, de música, e não sei de mais quê [que] mora em um sobrado quase defronte. A voz não é má, mas o estilo é que não me agrada muito. Ele mete-se mesmo a compositor, e já na capital eu tinha ouvido cantar a filha do Coeta (do Aratêna) uma composição dele.

Tornando ao traje das senhoras e mulheres, não há aqui muitos lençóis; usam porém de chales de filó pôsso pela cabeça, e o que é curioso, tenho visto algumas mulheres cobertas com um paño ou lençol azul, pôsso pela cabeça e tomado pelos braços, e chega quase aos calcanhares. Parece uma vestimenta de freira. Em casa andam muito singelas (excepto as nossas vizinhas, que estão sempre vestidinhas, e quase sempre na janela, o que aqui não é comum).

Andam molequinhos e mulatinhos nus pela rua, até 7 ou 8 anos de idade.

Na fala não se nota a pronúncia das vogais, não achoas como na capital; há porém um sotaque na pronúncia, como na gente do Aracati; mas aqui menos, de sorte que não estranhemos a conversa. O que aqui ainda se deixa observar é o som tanhoso, na fala, e no canto, e que é mais comum na capital, principalmente nas crianças.

Os homens de fato e mesmo algumas da cidade andam vestidos com roupas de vaqueiro. Na igreja matriz o vigário principal ou o coadjutor não conseguem que assistam a missa com estas roupas! E isto é coisa nova, pois que agora é que começou essa proibição e com pena de excomunhão!

Em dia de Todos os Santos, a casa fronteira à nossa, que quando aqui chegamos tinha duas meninas, que não eram feias, e que depois ficou desportada mostrou nesse dia duas moças bonitas: uma principalmente que ainda ai está e que agora mesmo (7 horas da noite) enquanto isto escrevo está à janela, se pode chamar formosa, belo busto, alva de cor e corada, porém sem sardas. Me diz o Lagos que a viu de perto, lindos olhos, perfil correto, bonitas mãos; das que tenho visto é a melhor moça do Icô.

Um costume, que têm os homens é o de passearem de tarde a cavalo pela cidade em bons cavalos esquipando o quanto dá o animal, andando emparrados 2 e 3 cavaleiros; passam pela Rua do Comércio rodeando 3, 4, e mais vezes. É o gosto da terra; no qual eu não acho graça; passa-se rapidamente pela tua levantando poeira -- eis o passeio!

Vi já aqui algumas famílias passearem de noite e se visitarem. O Sr. Gurgel tem sempre reuniões em sua casa, e às quais vamos às vezes; em outras há também reuniões.

Nas novenas do Rosário vi um modo particular de fazer fogueiras: faz-se uma covinha no chão, e nela se metem algumas velas, que formam como um túmulo, que se enche de rama seca, ou lenha intida; ascendendo tem a aparência dum pira.

#### NOSSA RECEPÇÃO EM REC

Vários rumores, cada um mais desarrazoado, nos precediam, e que foram confirmados, pelo que de nós aqui espalhou uma pessoa da capital, empregado público, e que pela sua posição, e por ter estado conoscido na capital não podia deixar de ser acreditada, e que ou por um mau gracejo, ou por nos ter na vontade (sem que eu saiba pelo quê) ou enfim porque teve a ingenuidade de acreditar alguns boatos falsos que se espalharam pela capital, desabonou-nos quanto puder: é verdade que ele especificava três membros da Comissão (Lagos, Dias e Capanema) como os mais perigosos.

Assim o povo inteiro temia-nos e via em nós estrangeiros, ou ingleses, que vinham armados de força para os escravizar, para os recrutar, enfim para lhes tomar o país. A gente mais grada temia-nos como homens audazes, perturbadores e desonradores das famílias etc. E quando entramos na cidade notamos certa reserva, certos olhares, e um arrojamento frio. Um miserável que aqui é taberneiro e empregado do Correio, indo lá o Lagos e o Reis procurarem cartas e ofícios, tratou-os mal, e numa carta que tinha acrou com ela em cima do balcão, e quanto dias depois mandamos lá a ordenança perguntar se tinhamos cartas, respondeu-lhe: Cí não tenho nenhuma, e para essa gente temho balas!

Mas tem-se ido desenganando e hoje parece mesmo que estão arrependidos do medo por que nos receberam, e visitam-nos e nos cumprimentam presentes.

A gente baixa é de boa índole; quem os perverte são os que se acham de cima, que por sua posição, quer por sua riqueza, quer por sua audácia, e depravação: isso porém hoje vai sendo melhor.

Há aqui famílias distinguidas, que se tratam bem, e que dão à terra um aristocrático.

Não há aqui sege: o Dr. Théberge, creio que foi o primeiro que aqui introduziu um carrinho ou *liburi*<sup>\*</sup>, que foi espetáculo para o povo.

Aqui estão agora uns músicos ambulantes, que já os vimos na capital; são duas harpas e uma clarineta, e tocam pelas casas algumas peças agradáveis. Foi pela primeira vez que aqui se viu harpa.

Pianos: parece que foram introduzidos pelo Théberge. Disse-me também ele que quando aqui chegou todos os homens andavam na rua de timão (*robe-de-chambre*) e alguns ricos de veludo, e que ele acabou com isso fazendo-lhes inferneira. Hoje ainda se vê um ou outro pela rua de *chambre* comprido, e de camisa sóta sobre a ceraoula, a bengala na mão. De noite saem mais.

Sobre medidas é ainda curioso: uma canada tem 8 garratas; um alquicire são seguramente 3 dos do Rio.

Os trocos são aqui fáceis; há algum ouro, prata, e muito cobre. Os bilhetes correm e se trocam bem; todavia há aqui uma rasa que faz e emite bilhetinhos ou cédulas de 100, 500 etc., como em Pacatuba, em Aracati etc.

---

\* O Dr. Théberge diz que o Icó é o lugar adiante ao sítio. Aqui se fazem visitas de cerimônia, bailes e reuniões brilhantes e agradáveis. Os homens que vêm de fora vestem-se antes de entrar na Cidade.

## 649 Visita ao Engenho Formoso. O Corte do Boqueirão

Sábado, 19 de novembro. Duas horas da tarde partimos de Icó. Nas acompanhava o Doutor Théberge, os dois irmãos S. e R., o Teixeira e o padeiro.

Chégamos às ave-marias no Engenho onde o Doutor Théberge funcionava aposentar-nos.

Casa grande com boa frente, situada no alto dum morro, com grande terraço ladrilhado e com parapeito.

Não estando em casa os donos, e ficando-nos o Engenho do Firmino a 1 hora e 1/2 de distância nôs resolvemos seguir. O Teixeira se despediu e voltou; os mais nos acompanharam. Chegamos ao Engenho eram mais de 7 horas, e o Major Firmino não nos esperava nôa senão no dia seguinte, tendo estado a esperar desde 4<sup>ª</sup>-feira, em que lhe prometemos sair do Icó. Ai achamos já o Padre Vicente, e mais várias pessoas. Conversou-se, e depois de 11 horas é que fomos para a mesa (ceia de peixe de açude, chá, café etc.).

Deitamos depois de 1 hora nôs os 5 da Comissão, em um quarto ao lado da varanda do Engenho, fronteiro a outro onde mora (provisoriamente) o proprietário, que ainda não fêz casa. Na varanda dormiu o Doutor Théberge e mais outros; o Padre e outros dormiram numa casa separada do Engenho e no alto. É um armazém, onde vimos a talha de farinha.

Domingo de manhã, alguns se levantaram e foram ao banho, eu não. Tomou-se café.

O almoço foi depois das 10 horas. Houve missa, para a qual se trouxe altar no quarto em que dormimos, e para a qual veio o Padre Vicente, com a firme de fazer um casamento. Os ornamentos, cálice, crucifixo, chegaram depois do meio-dia. Dita a missa, celebrou-se o casamento. A senhora do Major, que está com o ventre mui crescido, apareceu à missa com a noiva e outra mulher idosa, e a nossa Rita, a criada, ou cative, mulatinha bem feita, de cara razoável, alegre e ligeira, servicial, jeitosa, faguetra e de mui fácil acesso. (Demos-lhe 4 mil-réis na saída; ela nos mostrou, eram 2 bilhetes novos. Me disse: deram-me isto, para quê? Disse-lhe eu: isto é pelo muito trabalho que lhe demos. E quanto é isto? mostrando o bilhete. 2\$000, lhe respondi).

A noiva, parda, estava de barriga, bem cheia, e o noivo, pardo, ou cabra, figura esquisita. Ela é uma meretriz, por quem êste rapaz se apaixonou.

O Padre almoçou à 1 hora e desapareceu; às 3 horas veio, e divertiu-nos muito. É muito muito engraçado, e atrevida a quem quer. Contou muitas anedotas, do tempo de estudante em Olinda, a revolta dos estudantes em 44, sendo Presidente o Chiriborro da Cama, e sempre atrevidando o Bispo de Pernambuco, o Reitor, etc.

Contou muitas e várias anedotas do Padre Verdeicha, hoje vigário de Juruá (anedotas que fazem fir e pintam bem o caráter singular deste homem). Contou anedotas de muitos padres durante exames, apresentando-se no Júri, etc.

Entretive-nos até as 5 horas, em que se pôs o jantar na mesa, fazendo voltar do caminho o Major Firmino, Lagos, e não sei mais quem que iam ver os aqüedes. Acalinou-se o jantar às 7 horas, já noite; jantar famo, de peixe e carne (estava presente também um irmão do Major, que mora no Pêreiro, mas já em território do Rio Grande, e muitas outras pessoas, creio que inquilinos ou moradores nas terras da fazenda; eram mais de 30 pessoas: comeram em duas mesas ou três, só de homens). Havia muito e muito bom vinho de Lisboa, e do Pôrto, fizeram-se muitas saudades, e o Padre e os dois irmãos Montezuma, cantaram por várias canções hárquicas. Entim, foi um horro pagode, e às 10 horas indo se tomar chá. No decurso do dia se bebeu cídra, cerveja, etc. Dormimos.

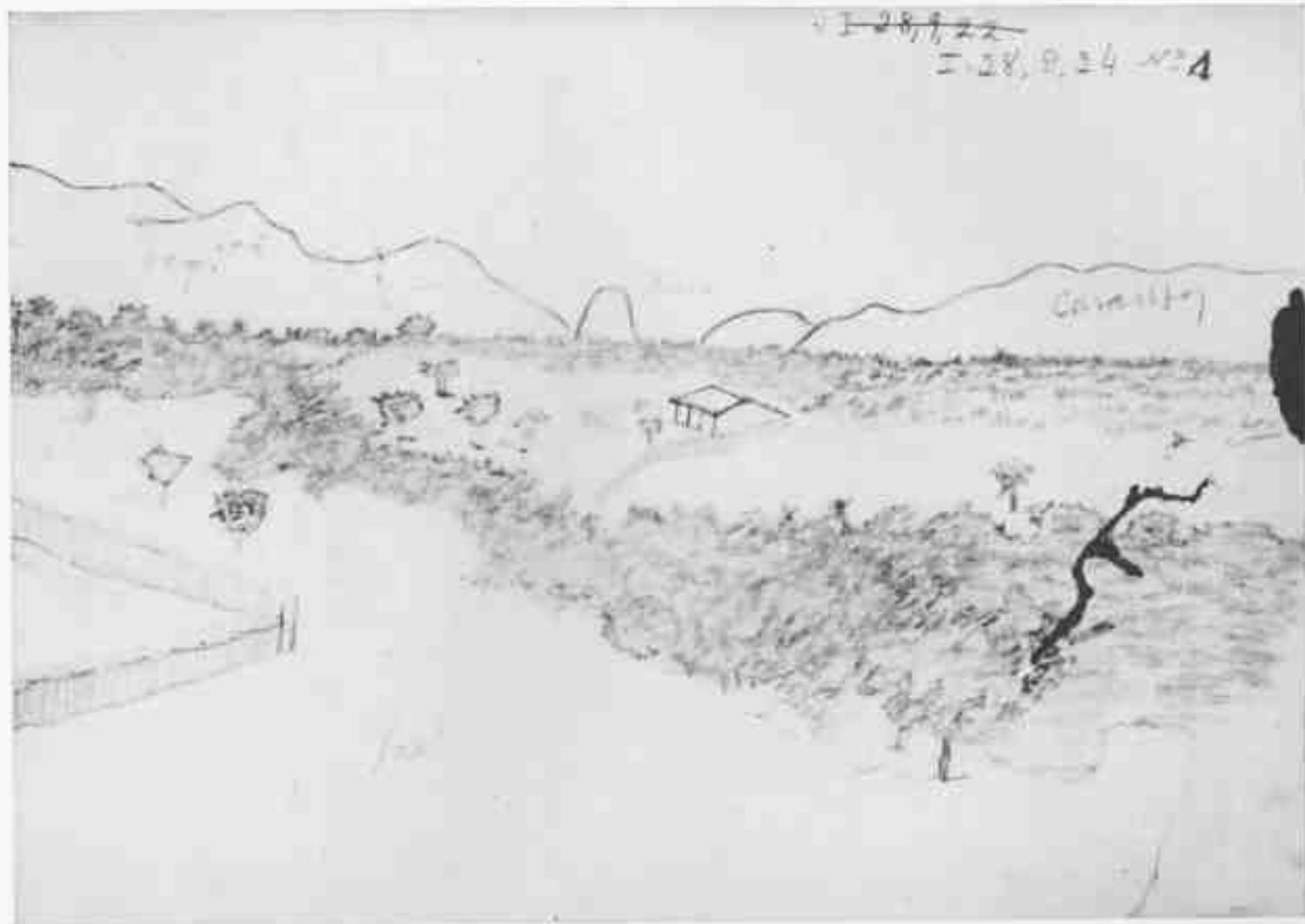
Hoje, segunda-feira, acordamos cedo e nos preparamos para a viagem.

O Doutor Théherge e os Montezuma partiram para o Irb; o padreiro ainda nos deu acompanhamento. Como o nosso excelente hóspede nos quis também acompanhar, e demorando-se a vir o seu animal, mandou fazer café. A bui Rita e a cozinheira se puseram em movimento e num instante apareceram numa bandeja com café, biscoitos, bolachas, queijo, manteiga, de modo que quase almoçamos, e quando mourou-se a cavalo já o sol estava alto. A uma légua de distância se separou de nós o nosso Major, depois de nos ter contado várias anedotas, e casos curiosos. Nós seguimos; Lagos, Vila-Real, Manuel, Reis e o padreiro que servia de guia, e o ordenançado do Lagos adiantaram-se; eu, segundo o meu costume, fui indo a meu ritmo. Passamos pelo Boqueirão, que é um grande corte, ou abertura dum serrado, pelo qual passa o Rio Salgado. Em toda a extensão da fenda há muita água, ou um grande poço, estando o leito do rio seco. Este boqueirão é dum belo efeito. A fenda no lugar mais estreito terá 5 a 6 braças, e é, aqui onde a rocha xistosa é mais alta, talvez 20 braças. O poço é muito fundo, só tem uma coroa pelo meio por onde se passa, mas duas vezes se atravessou a vau do rio, e nessas quase dâ na sela.

Espetava achar ali os companheiros, mas qual! haviam passado. O meu ordenançado quis meter o cavalo, parecendo-lhe ser ruivo o rio; eu não consenti, e o fiz voltar, indo procurar um guia nos sítios vizinhos. Pouco tempo depois de ele partir, estando eu apedado na beira da rocha, vi chegar do lado oposto um cavaleiro, vestido de vaqueiro, acompanhado por dois meninos; e eu fui notando por onde ele passava. Os meninos ficaram brincando ali perto sobre as pedras. Eu enquanto esperava fiz minhas necessidades, colhi um punha-

1-28/9/22

1-28/9/24 N<sup>o</sup> 4



16. Corte do Boqueirão, na serra do mesmo nome, por onde passa o Rio Salgado. Nov. 1899.

dinho de capim para o meu cavalo, e com o lápis fiz um desenho tóscico do Boqueirão. Chegou o Anastácio sem ninguém porque [fóra] a uma casa onde uma mulher lhe ensinou a passagem, mas não tinha quem a viesse mostrar, porque os filhos não estavam em casa; eram os tais que estavam ali brincando, e que depois soube que foram os guias dos que vieram adiante. Chamamo-los e eles que estavam em fraldas, metem-se n'água, que em lugar lhes chegava ao sevaco, e nós os fomos acompanhando. Demos-lhes os cobres, que tinhamos na algibeira, talvez um cruzado.

Depois que saímos do Boqueirão, nos achamos em um país de aspecto inteiramente novo para mim: era um terreno, ligeiramente acidentado, ou colinas mais elevadas, porém em tempo coberto de capim seco, e já quase de todo destruído, com arvoredo, ou moitas de arvoredo, ou matinho pequeno, mas muitos saltos, de modo a assemelhar-se com os nossos campos. Chamou-se, disse o Anastácio, Campeste. Daí a pouco avistamos a vila de Lavras, onde chegamos entre 11 e meio-dia. Achamos os companheiros já instalados numa boa casa, a qual estava cheia de homens, rapazes e vários curiosos.

Aí, o Senhor...<sup>40</sup> nos havia mandado preparar almoço, e estavam a me esperar. Era chá, bolacha, e queijo, e manteiga. Água boa. Mandou logo vir 4 rãs e se armaram.

#### ENGENHO FIRMOSO

Propriedade do Senhor Firmino, Major da Guarda Nacional. Principiou a fundar este estabelecimento em 1844, sendo então aquela lugar um deserto. As terras pela maior parte a mulher trouxe de dote, as quais ele tem acrescentado comprando algumas porções contíguas, e hoje possui, segundo ele avalia, 16 léguas quadradas, terminando por um lado no Rio Salgado. Todo esse terreno é um serrão, de superfície mais ou menos monstruosa, coberto de catinga e cerrados; em alguns lugares são tabuleiros com boas pastagens; conserva boas matas onde há muita madeira, como Ameiras, Paus-d'arco, Brasinas, Pereiro, etc.

Tem estabelecidos em suas terras 300 moradores, que não pagam alugamento; mas diz ele que quando precisa de trabalhadores eles se prestam de graça, dando-lhe só alimentos, e que às vezes reúne 200 ou 300 homens. Em ocasião de eleições dá ele uma carga de 400 votantes no Içó. É do partido Caranguejo.

Este homem inteligente (é ele o mestre de sécas obras) industrial, perseverante, tem enfrentado os dictérios, as zombarias, e as censuras dos seus próprios amigos, e mais dos seus desatados covardes, e invejosos, e gastado com este estabelecimento para cima de 90 contos, sendo 60 para as obras do açude, e da fábrica de açúcar.

<sup>40</sup> Lacuna no ms.

que se estende por entre morros e de tal grandezza que com a moagem dum ano, e com outros usos só baixou 3 palmos. O seu grande fundo, quando cheio é de 70 palmos; hoje apenas tem 30 porque o esgotou para assentear uma nova ponte d'água de bronze que mandou fundir em Pernambuco, por medida feita por Ele. Cria este uma grande quantidade de peixes, e peixes muito grandes; uma pescaria, quando as águas são baixas lhe pode dar 200 a 300 mil-reis. São os peixes principais: curumãs, traíras, bagre, branquinhos, etc. Fomos sempre servidos na mesa com fartura de peixe.

Além desta grande repreisa estão Álcs fazendo outras, de modo que esperam ter mais de 1000 de terras regadas para lavoura, pelas vargens por entre os montes.

É admirável ver-se no meio dum país cuja vegetação está toda tomada, vargens cobertas de plantas cultivadas, ou espontâneas, de verde o mais vivo, do mais portentoso vigor.

Ele nos apresentou unhas canas plantadas no inverno desse ano, e que ainda não estão bem maduras, com 10 e 12 palmos, e grossura proporcional.

A plantação principal é de cana, mas planta também mandioca, feijão, arroz, milho, etc., frutas e alguma hortaliça.

Atualmente, sendo ainda o fundo desses valos desigual, a planta não vem com igualdade porque não é regada com a mesma quantidade d'água, e eu lhe lembrei o igarapé o terreno por meio da charraia, o que Ele prometeu.

O balde, ou parde, que sustenta o açude, tem de comprimento 500 palmos, de fundo 70 palmos; de largura em cima, por onde é o caminho, 50. E a base mais larga, não me lembrando da medida que Ele me deu, tendo começado o aterro puxando a terra, em coiros, à maneira do país, e consumindo 500 destes, mandou fazer uns carros apropriados, para condução e despejo da terra, e com eles trabalha hoje.

#### BOQUEIRÃO

É uma abertura, na serra do mesmo nome, pelo qual se acaba o Rio Salgado. Parece obra artificial; da que melhor se ajuizará, pelo desenho que al mesmo tirei. Esta fenda na parte mais estreita terá 8 a 10 braças, e a altura das rochas não há de ser de menos de 40, a 50 braças. Forma-se nessa passagem um grande poço, de que hoje me informei, e me disseram que nunca seca. Agora se passa pelo meio, descrevendo um zigzague, por um banco de areia que tem para os lados peraus, e quando se atravessa a madre do rio a água banha as abas dos selins. Não deixa de inspirar certo temor esta passagem.

Passado o Boqueirão logo adiante entrei num país dum aspecto inteiramente novo para mim; mas que se aproxima mais da idéia que eu fazia dos

sertões. São colinas mais ou menos altas, às vezes uma ligeira ondulação sómente, de modo a parecer à primeira vista uma planície. Este terreno é coberto de pasto que agora está seco, e rapado, semeado de arvoretas, e de pequenas moitas, ou de matinhos; e às vezes aparece uma ou outra árvore maior, que de ordinário é *Acocira*. Disse-me o Anastácio que isto se chama *Campesote*.

Na vegetação deste lugar, observei não sem alguma surpresa, plantas das tabuleiros de areia do litoral, das quais não tinha visto um pé de *Aracati* em diante.

Estas plantas são: o cajuciro-bravo, ou *Sambaíba* (com flor); o *Pau-paraiha* (nada); *Arrapicho-de-cavalo*; ou *Krameria* (sem flor). Havia mais: *Carvoeiras* (*Calostoma*; com flor); *Pereiros* (nada); *Pereiro-branco* (em flor); *Pequiá* (?) (sem flor); *Brahmos* (com frutos); *Mulamha* (com flor); *Jamacurus*; *Xique-Xique*; *Coroa-de-frade* (*Melocactus*), que vi pela primeira vez.

Em Missão Velha colhi no meio da praça um fruto da madeira nova ou *arocira-brava*, que tem carne quase tão bom como a da *aneira*.

Em Ossos, sítio do Senhor Bernardes, vimos uma árvore que ele nos mostrou perto de sua casa com o nome de *Coração-de-negro*; tiramos alguns ramos, e nos parece ser a *Rabugem* (*Platymiscium*).

26-XI-1859. Lavras

Notícias dadas pelo Sr. Manuel Antônio de Moraes, lavrador, com engenho de aguardente, denominada Fundão.

Tem esta Freguesia 30 léguas de oeste a leste, e 14 em sentido transversal, e conta 14 mil almas. É gente ariva e laboriosa; há nêles poucos escravos.

O Rio Salgado a divide bem pelo meio. A porção a leste do rio é mais de criação; e a de oeste, é mais agrícola.

Do gado sai término médio duas mil cabeças por ano para a feira de Pernambuco.

Há também grande criação de porcos, os quais se comem com milho e garapa. Fazem tocincinho, lingüica etc.

Criam-se também algumas ovelhas, de que nem leite, nem lã aproveitam; apenas comem a carne, e rurtem os coiros.

Cria-se também cabras, galinhas, perus etc. etc.

#### AGRICULTURA

Antigamente se fazia alguma represa d'água insignificante; há porém quatro anos que se começou a fazer grandes, de que se contam atualmente 58, e talvez outros tantos se estão fazendo.

Cultura da cana-de-açúcar. É cultivada a cana-cubana, da crioula só se planta alguma para chupar-se. A maior cultura de cana é a oeste do Salgado. A sua plantação é no fim do inverno.

No princípio do século corrente já se plantava cana e havia um ou dois engenhos, mas a sua cultura decaiu até 1853, em que começou de novo essa cultura e vai sempre prosperando.

Há atualmente mais de 50 engenhocas, das quais quatro são de moendas de ferro: o seu produto é principalmente de rapadura, algum açúcar bruto, e aguardente. A rapadura anda por 5 a 6 mil arróbas por ano, e aguardente mais de 4.000 canadas.

Carro e mico de cana (uma varfa) plantados dão de ordinário 50 arrobas de açúcar, ou 100 de rapadura.

Cultura de algodão. É das mais antigas da freguesia e se faz também para oeste do Salgado. O seu produção anual médio é de 1.600 arrobas.

Cultura do fumo. Principalmente no vale do riacho do Borari e também no do Salgado.

Colhe-se mais de 3.000 arrobas; cultura antiga, e que vai prosperando.

Cultura da mandioca. Por toda a parte, mas principalmente nas chapadas das serras. Nos lugares baixos e beiras dos rios se cultiva a manipeba, e pelas serras a sutinga; dá esta de seis meses nos lugares *acostumados*; mas fora disto é de ano e alguns meses, e manipeba com mais de 2 anos.

Cultura do arroz. É grande, e exporta-se em grande quantidade. Nos baixios de toda a freguesia. Há seis qualidades de arroz, e uma que dá de 2 meses e meio.

Cultura do milho. Em toda a freguesia.

Cultura do feijão. Em toda a freguesia. O de arrancar, nas serras, e de corda nos baixios.

Jiramuns e melancias no inverno; e nas sécas, nas vasantes.

O melão é só nas vasantes.

Bananas nos baixios (a comprida; a maranhão); banana curta (S. Tomé) de todo o ano; a prata (maçã) etc.

Cana planta-se no fim do inverno. Fumo idem. Mandioca nas vasantes, idem. Arroz nas primeiras águas. Milho e feijão no princípio do ano. Mandioca também.

14-XII-1869

Depois do almoço, quase às 10 horas, eu, Lagos, e o coletor Barreto montamos a cavalo, e 20 minutos antes do meio-dia estávamos no alto da serra, caminho de duas léguas mais ou menos. A subida, começando num espinho, terá meia légua, contudo obliquamente, mas tem lugares tão ingremes, que mais não pode ser; é o terreno da montanha estratificado e formado, a julgar pelo que vi na subida, dum turfa ou grés avermelhado chamado piauíté — rocha mole, e em que o casco do animal faz moela e deixa sinal. No entanto sobem por ele até o alto carros vários e descem carregados provavelmente de lenha, para os engenhos. A vagem desde a cidade até o pé da serra não é plana, antes são bacias ou depressões, separadas por lombadas ou montes, ou melhor por espinhos que procedem da fralda da serra, e se estendem mais ou menos longe. Enfim o terreno ondulado. É todo cultivado principalmente de cana, para cujo benefício é todo semeado de engenhos, por muitos dos quais passamos. Todas essas plantações são regadas por meio de levadas trazidas das vertentes das abas da serra, que são numerosas e permanentes. Alguns engenhos me parecem mudados por água e é tudo muito povoado. O sol era ardente, a água borbulhava, e corria por toda a parte, ora por levadas, ou regos artificiais, ora por correntes naturais. Com elas fertilizam, e regam as terras, moveem engenhos etc. etc. Uma vegetação sempre verde. Tudo dá a este país um aspecto bem distinto do sertão. É uma sorte de oásis, situado no centro, e confrontação de várias Províncias, e rodeado por toda a parte de serrões. Aqui, como no litoral, se diz: ir ou vir do sertão.

Na parte baixa e acidentada eram as matas compostas, além das plantas que não conhecemos, ou que não vimos, de Jauáuis (em grande número estão com flor, e com fruto), de Jatobás, Angicos, Gonçalo-alves, Mamã-de-cachorro (*Pithecellobium*), Fungos, Capeta, Sabonete (*Sapindus*) Ingá, Ingá, Jitó, Cotação-de-negra (*Machaerium*), Catanduba, Pau-d'arco, Mororó, Pequi, Visqueiro, Freijó-jorge etc. etc.

Na subida da serra: Murici (do Rio), Vismia, Camará (*Lantana*). No alto: Calistene de flor rosa, *Vochysia*, Visqueiro, Micônia, *Erythroxylum* etc. etc.

No alto da serra, que é plano, coberto duma vegetação rasteira folhada (tabuleiro) semeadas de grandes árvores de Visqueiro, e outras, é o ar bastante fresco: e daí se goza de belos lanços de vista, sobre os Cairis. Achamos ali em um rancho aberto, duas mulheres e um rapazinho. Perguntando-lhes o que faziam ali responderam que estavam apantilhando maranguabas (espécie de araqá) que ainda não estavam bem maduras, e frutos de jatobá para comerem. Uma delas nos disse que ainda não havia almoçado. Havia por aqui grande miséria; mas em grande parte filha da imprevidência e da indoléncia. Estas mulheres haviam já gastado meio dia, e gastariam o resto, para colher frutos silvestres que as não podem faltar; e esse tempo empregado no trabalho da lavoura lhes dava para comer uma semana seguramente. Demos alguns cobres ao pequeno e o Lagos disse-lhes que apareceriam na nossa casa para lhes dar alguma coisa. Demoramo-nos pouco colhendo algumas plantas, e descansamos: nos lugares demasiado fregues, eu desci a pé puxando o cavalo. Descida a serra andamos a maior parte do tempo devagar, parando para colher plantas, ou para conversar, pedir água e beber cerveja nas casas situadas à beira do caminho, que são muitas, e cheias de gente. Chegamos à cidade depois das 2 horas, bastante suados e empoeirados.

O Ataripe não é verdadeiramente uma serra, mas sim um chapadão, cuja elevação sobre as serras vizinhas não excede de 1.000 pés, se lá chegar (3.000 palmos sobre o nível do mar, segundo Capanema). Em cima é inteiramente raso, tendo muitas lèguas em vários sentidos e o seu âmbito é muito irregular, envolvendo braços ou prolongamentos em todos os sentidos, e por toda a parte é uma ledreira abrupta, quase a pique, e cortada de algares\*. Tem na sua chapada e pelo interior matas extensíssimas.

O seu chão é tão absorvente que nas grandes chuvas as águas não duram sobre o terreno, tudo se some, para se escorrer em numerosas nascentes pela fralda, e redondeza de toda a montanha\*\*, o que faz a fertilidade das terras em roda numa zona de 1 a 2 lèguas de largura, acompanhando as sinuosidades da serra.

Quando houver indústria e capitais, que estabelecimentos agrícolas se não podem fazer em cima desta chapada, fértil e dum clima delicioso! Basta que façam cisternas nas casas, e caixões impermeáveis para bebedouro do gado, banhos, lavagens etc.

\* Para o Riozinho a descida é em plano inclinado de queda quase impossível.

\*\* Mas as correntes são em maior número e mais abundantes, d'área lado do Cairi, do que para o do Exu.

O Crato é uma pequena cidade à qual convinha o título de vila: antiga povoação começada com o aldeamento dos índios Cariris (?), e estabelecimento de Missões. O lugar onde se fundou a primeira Missão é onde hoje há muitas fábricas de tijolo, para as edificações da cidade. Chamou-se esse lugar — Missão Velha — porém a Missão se passou para mais alto, e se assentou no lugar em que está a Matriz atual; e se chamou Missão Nova. Necessariamente se dava o nome de Missão a uma igreja toda rodeada de palhoças dos índios. No lugar em que está a matriz houve primeiro, digo, antes uma capela rústica de tijolo que se arruinou; e conta o Sr. Secupira que, não sei em que ano, era no tempo de sua avó e tias, em a primeira oitava do Espírito Santo, depois da missa, mas escondendo muita gente ainda na igreja, esta desabara com grande estrondo e matara algumas pessoas.

A cidade está assentada em terreno baixo, mas em meia laranja rasa, de modo que dá escoamento para todos os lados. Passa por um lado o rio, que nasce no Grangeiro \*, das abas do Araripe; e toma o nome de Crato, e corre aqui na cidade. Atualmente, que o tempo vai seco, com tanta seca com quanta corre o Guandu na Fazenda do Mendanha, em tempos secos. A água é boa na nascente; mas corre por meio de sifões, onde a furtam para levados; e a empocalham com lavagem de corpos e de roupas.

Este plano da cidade é rodeado por três lados de grandes oiticiras: O Bairro Vermelho ao Nascente quase; o Alto da Minéria ou da Batateira a noroeste; e o Alto do Grangeiro a sudoeste, formando assim quase um grande triângulo; ao poente fica o Araripe na distância de mais de légua.

Tem a cidade algumas ruas paralelas direitas, e largas que são a Rua Grande, a Rua do Fogo, a Rua da Vala, a Rua da Boa Vista, a Rua das Laranjeiras etc. etc., mais algumas travessas e becos. A Praça da Matriz é um grande quadrilátero; algumas ruas são compridas mas não mal povoadas. Logo na Rua da Vala, e das Laranjeiras, assim como nos extremos das outras, as casas são em tijolo ou em grande parte de palha. O geral das casas é de

\* Nome dum sujeito que pesquin, ou abrisse esse sítio.



Crato. Vista de uma parte da cidade, tomada da Rua do Fogo. Dez. 1859.

tijolo; são térreas, baixas, ladrilhadas e de telha-vã. Há alguns sobrados; mas destes o único que vi bem acabado e decente, mas telha-vã, vidraças (não há muitas casas com elas) é do Tenente-Coronel Antônio Luís Alvarez Pequeno, um dos proprietários mais abastados da terra. Há vários sobrados principiados. O em que estamos, não está concluído, estão as janelas sem balcões. O Bilhar, negociante, e que quer passar por um dos que tem fortuna (dono do sobrado em que estamos) está fazendo uma casa, fora mas perto da cidade, em uma grande chácara, e pelo visto que lhe deu o Dr. Théberge. Com efeito, se a acabar, e a tratar com assio será o melhor prédio daqui.

Um modo de construção que é comum no Ceará, e provavelmente em outras províncias do Norte, é que as paredes divisorias do interior das casas térreas ou de sobrado (há muitas exceções, principalmente na Capital, em Aracati e no Icô, e aqui mesmo) não chegam ao teto, que é de telha-vã, de modo a ficarem os quartos e salas abertos por cima.

Forros nos tetos são raros; as mesmas igrejas só têm forrado os tetos da capela-mor; o corpo da igreja é sempre de telha-vã, mesmo na grande matriz da Capital. E porém o madeiramento e o telhado executado com certo esmero, sendo nas casas de uma construção de certa decência, todo o madeiramento lavrado, e as juntas das telhas enobertas pelas ripas, e não se vê ai um calço. Esta construção se diz feita para tornar as casas frescas: não sei até onde isto é exato. As paredes, como já disse, são de tijolo geralmente (as paredes de pau-a-pique cheiram de taupe), os umbrais de portas e janelas são singulos, os tijolos unidos com barro, mesmo nas paredes das igrejas (por isso quase todas as tem rachadas). A cal de pedra abunda em quase toda a província. O que é notável é a forma dos tijolos; por todo a parte há tijolos hexagonais, e bem assentados, e outros de outras formas; e é muito geral o ladrilho com tijolos semelhantes aos de alvenaria.

As madeiras são muito boas — o pau-d'arco, a aroeira, etc. etc. — e o tabuleiro de oxfró, ou de cumaru, de que fazem portas, janelas, saúdos etc.

Em todas as divisões das casas, mesmo na sala de visita e de jantar há armadouros para rãdes, desde uma até 5 e 6 (com exceção de algumas casas modernas na capital etc.).

Os telhados não são torrados, excepto as cunheiras que são algumas torradas, isto até na capital; no entanto têm aqui grandes ventanias; mas as telhas são mais pequenas que as nossas e mais pesadas. As casas térreas antigas são rãdas muito baixas e pequenas, as edificações modernas são melhores. A cal da terra é má e escura, a boa vindimia vir de outros lugares.

As casas de comércio são pequenas, e se vende tudo promiscuamente. Há um bom mercado, que foi feito pelo Tenente-Coronel Antônio Luís, para o entregar no fim de 40 anos; e me dizem que rende-lhe mais de conto por ano. A indústria é pouca. As palhoças se espalham pelos montes, em toda da cidade.

As casas são muito pobemente trastejadas (exceto uma ou outra como a do Tenente-Coronel Antônio Luis), algumas não têm na sala mais que uma ou duas rãdes. Em geral há pouco cuidado, e asseio nas casas.

#### criação

Temos visto poucos pássaros, nos passeios que temos feito a alguns sítios e ao alto do Araripe.

Vemos poucos rães nas tuas.

Há criação de porcos, perus, galinhas, capotes; mas não temos visto patos, nem marrecos. Consta-me que criam patos.

Os bois servem aqui de bôsca de carga, talvez em maior número que os cavalos; são governados pelo septo nasal. Servem também de montaria. Bêques muiates são muito raras aqui.

Temos visto poucas cabras e carneiros; mas consta que há criação deles.

#### FRUTAS CULTIVADAS

A serra é abundante de certas frutas, como são: Mangas, que há em quantidade, de superior qualidade. Annanásias são sofriíveis; não há abacaxi. Bananas de várias qualidades e boas. Uvas, figos, romãs, melancias, melões, jerimans, goiabas (ão pequenas), côcos-da-praia, atas, mamões, maracás.

Arvores de espinho, já houve muita e muita laranja, limas, limões, etc., mas deu-lhes o mês (um inseto) e destruiu tudo. Vi muitas laranjeiras atacadas da moléstia,

#### FRUTAS SILVESTRES

Macaúbas, bunitis, catolés.

Fequi (de que não gostei): conservase salgado, tirando a casca. É fruta muito estimada pela gente da terra, e é um grande recurso para a pobrezia. Dá bom azeite; excelente tempero para aroz, dizem.

Mangaba, marangaba (espécie de maracá da serra), mangaraba (ainda não vi), aratirum (magão, opé, e pena; este último é dos alagados), maracujá-suspiro (e outros), pitomba (áti, ou gravi), ingá, ingal, aracá (araçá-de-pedra), marmelada, puçá (ajuda não vi), jenipapo (delle fazem vinho, garapa, jenipapada), murici, bacumixá, bacupari,

#### HORTALIÇA

Cultiva-se muito pouca hortaliça, e temperos, por incômodo, e falta de gosto. A terra deve dar tudo e bom.

A grande cultura é a da cana, de que se faz, em muitas e pobres engenhocas de pau (consta-me que há alguns engenhos sofríveis) rapadura, pouco açúcar e aguardente. Depois o arroz, de que há várias qualidades e se colhe bastante, milho, feijão, mandioca etc. Cultiva-se muito café, e o que eu tenho [visto] aqui não é de boa aparência.

#### CRONICA

A pobreza, por indolência vive miseravelmente, porque a terra é muito produtiva.

A gente branca é pouca; mas o que chiamam cabras são em grande número e me parece gente de boa índole; no entanto as rixas são comuns e facadas e mortes. Dá-se por estes serões poucos apreço à vida alheia. As cadeias estão cheias de assassinos e farrinhoros; diz-se porém que isso tem melhorado muito; em outros tempos mestre dentro da vila se cometiam descaradamente assassinatos\*. A gente é de bom trato, são amáveis e obsequiosos. Fomos recebidos aqui melhor que no Rio, achamos aqui mais simpatia, mais cordialidade.

O Crato é país úmido; logo que começam as chuvas a umidade atmosférica aumenta muito; é clouido.

Moléstias de olhos, são endémicas e de todas as formas; rara é a pessoa que não sofre ou tem sofrido dos olhos. Há casas onde há 2 ou 3 pessoas cegas. Dizem que hoje está ainda assim muito melhor do que foi em outro tempo. Parece que o desmatamento, e a porcaria concorrem muito para isso. Não há asseio nos domicílios, e anfíndos juntos sem nenhum resguardo. Lavando-se nas mesmas bacias, etc., tudo concorre a transmitir a moléstia. Dizem também que um certo tempo aparece uma grande quantidade de mosquitos que assentam nos olhos; esses podem transmitir a moléstia. Enfim a falta de médicos parece concorrer também para agravar esse mal.

As opilações são comuns. As hepatites; as moléstias orgânicas de coração. A tísica não é rara; as homoptises; o reumatismo. Mas o que também faz grandes estragos, é o tumor bobálico e sífilítico. A devassidão é grande, vemos aqui meninos afetados de gonorreias, e de bubões, tratando-se sem cerimônia na sua família.

\* De viagem os Bigués, ou os que querem passar por tais, andavam sempre com certo número de homens, armados, chamados cangaceiros.

26 I 1860. Crato

Esta noite estive à porta do Secupira\*, onde se conversou sobre animais prejudiciais à lavanda.

Cultiva-se aqui várias sортos de arroz: o quinoa, o meruim, o macapá. O primeiro tem o inconveniente de vir muito desigual.

O segundo é muito perseguido pelos pássaros, principalmente pela patativa, e periquitinhos; mas há outros muitos pássaros que estragam o arroz: o cabeça-vermelha, o azulão, o papo-vermelho (pissarros), a galinha d'água etc. Eles comem o arroz semeado, outros o arroz em leite, outros o grão maduro.

Além dos pássaros há o rato, que é uma espécie de praia de rabo, que aparece principalmente em setembro e outubro, no arroz e na cana; e há anos, felizmente raro, em que estes animais aparecem em tamanha quantidade que é uma verdadeira calamidade; desvoram roupas inteiras, arrozais e canaviais. Fazem-se cercos batendo as roupas ou lançando-lhes fogo, e se matam aos centos. O povo os chama seu gado, e são muito saborosos.

Este arroz meruim tem a vantagem de crescer muito na panela.

O terceiro ou macapá, parece ser o mais estimado. A espiga de arroz chama-se aqui *carcho*.

Nos canaviais já vimos que os ratos fazem nêles grandes estragos. Tem havido anos de se perderem as safras. Dá também a lagarta na cana, mas se a cana estiver madura não lhe faz mal, antes a limpa.

Na mandioca dá algumas vezes a lagarta, mas não lhe faz grande mal.

Têm aparecido algumas véses novens de gafanhotos, ilos de ventre vermelho, que vimos no Boqueirão, e de outros, que fazem estragos nas plantas, principalmente nas bananeiras.

\* O Secupira, morto de cílica morbo em 1860 no Crato.

Costuma às vezes dar uma moléstia no arroz, que o Sécupira julga ser um birbo, mas que é provável que seja o *sclerofit*; Isto é arroz que se não pode comer de amargoso.

Aqui há pouca indústria. Fazem algum pano de algodão grosso; fazem roupas brancas, ou de xadrez azul, pouca renda e labirinto. Alguns meninos fazem flores artificiais. Em doces se faz alguma coisa, da goiaba fazem goiabada e uma excelente geleia; do luriá, da banana, da manga, de tudo fazem doce.

Trabalham muito bem em açúcar, ou alfinetes, de que fazem flores, animais, castelos etc., para enfeite dumas mesas.

11 II 1860. Crato

Nos anos regulares, as primeiras chuvas vêm em outubro e novembro, de sorte que no Natal se tem já legumes: feijão, milho etc.

Este ano passado porém, assim como alguns outros anteriores, foi privado dessas chuvas, e por isso a demora do inverno deste ano causou ou ia causando bastante mal à lavoura, e muito principalmente à criação, tendo já morrido bastante gado.

O mês de janeiro porém, segundo o Senhor Secupira, foi em todos os tempos mais ou menos seco e o inverno propriamente do ano começa, e começou sempre no princípio de fevereiro.

Isto no Catiri, nos sertões chega sempre mais tarde.

Ordinariamente, senão sempre, as primeiras chuvas são acompanhadas de trovoadas, às vezes muito fortes.

Quase sempre, ao menos as chuvas duradouras vêm do nascente. Diz o Sr. Secupira que o sinal de começar o inverno, seguro, é uma barra escuta ao nascente, com relâmpagos muito vasteiros.

No Exu nos disse o Sr. Gualter que as chuvas abundantes, e prometedoras de bom inverno eram precedidas ali dum grande ventania, que vinha por cima do Araripe (provavelmente do quadrante do Levante) onde fazia grande estrago das plantas, e caia embaixo com grande força causando muitas vães prejuízos; e não se fazem sentir senão a certa distância da serra.

No entanto enquanto eu estive no Exu, caiu ali a primeira chuva do inverno sem que tivesse aparecido esse vento.

As chuvas que têm aqui caído durante a nossa estada de 8 de dezembro até agora, têm acontecido sempre de noite, e principalmente depois da meia-noite; mas a de hoje começou pouco depois de uma hora da tarde, tendo estado o dia sempre prometendo, e vindo sem trovoadas. Anteontem pela madrugada deu uma forte trovoadas, com alguma chuva que durou até as 8 horas da manhã de ontem.

Quando chega o tempo das chuvas o céu apresenta sempre grupos de nuvens elétricas, com trovoadas parciais, e pequenos chuviscos, até que começam as chuvas regulares; então estas se tornam quase diárias. Não há muitos anos que houve um bom inverno, chovendo sómente de noite e quase sem dia, segundo o que me informaram.

Enquanto estive no Exu, deu uma grande chuva. No dia 1º de fevereiro seriam 4 horas e meia da tarde deu aí uma forte trovoadas, vindo de cima da serra do Araripe, e me parece que vinha do quadrante do Norte; deu bastante chuva, mas às 5 horas tinha cessado. Seriam 7 horas da noite quando entrou a cair uma pequena chuva, que foi aumentando e durou por toda a noite até o dia seguinte (2 de fevereiro), continuando e diminuindo até mais de 11 horas.

Foi a entrada do inverno.

De pessoas vindas de vários lugares tivemos notícia que ao menos até um raio de 40 léguas para parte de Pernambuco chegou a chuva, e com a mesma intensidade; depois no Crato souhemos, que aí choveu da mesma maneira como no Jardim, e na Barbalha, e pessoas vindas de baixo disseram que no Icó choveu da mesma maneira, isto é daqui a 50 léguas. Esta chuva abrange pois uma área de terreno pelo menos de 80 léguas de diâmetro, compreendendo quase duas mil léguas quadradas.

3-V-1860. Fortaleza

Sairmos da capital em agosto.

Ainda apanhamos algumas chuvas em Cascavel, e em Cajazeiras; ali durante a manhã, aqui de madrugada; depois disso tivemos chuvas no Icó em...<sup>41</sup> de outubro de noite; e ultimamente no Crato, onde chegamos a 8 de dezembro. Ali apanhamos queixas pela falta das chuvas de outubro e novembro (não sei se faltaram completamente ou se não foram suficientes). Em dezembro e creio que mesmo em janeiro caíram algumas chuvas, mas foi em princípio de fevereiro que começou o inverno, e não ia mal até 8 de março em que de lá partiu (mas contou-me que de oito até 20 não havia chovido). Em Missão Velha quando ai passamos choveu, assim como em Trocas. No Icó houve grande trovoadas e chuva a 19 de março; ai já o verão era demais e sentia-se seca. Pelo sertão havia chovido pouco, e havia grande risco de seca forte; para o norte da Província até já se tratava de soltar o gado. Em alguns lugares o gado sofria, e mesmo morria do mal triste. Saindo de Icó, desceendo pela ribeira do Jaguaribe, só apanhei chuva em...<sup>42</sup>. O Jaguaribe, o Banabóim tinham porém água; o Riacho do Sangue estava curto, e outros vários riachos ainda não havia corrido. O Acarape e o Chôro tinham sua água. O Baú, o Guaiuba, e outros tinham pouca.

Beira-mar, isto é, da Capital ao grupo de montanhas Aratana, Baturité, etc., havia chovido bastante; mas quando ai cheguei (3 de maio) já se queixavam da falta d'água; bem que sempre caiam alguns chuveiros. Enquanto escive em Pacatuba, de 3 a 20 de abril, choverou pouco, mas sempre fazia luar de noite; as vezes raras trovoadas e quando chovia era principalmente de noite.

Depois que cheguei à Capital de novo as chuvas; mas foi principalmente nos primeiros dias de maio, que elas se tornaram mais copiosas, havendo mesmo uma grande enchente. Fazia sempre de noite entre sul e sudoeste. As chuvas

41. Tardava no sert.

42. Lacuna no ms.

principiam de noite sempre com relâmpagos, e às vezes com trovões, continuam pela noite; seguem durante a manhã (como agora que são 10 horas, 5 de maio, e chove copiosamente), por pancadas mais ou menos fortes, e vão às vezes até tarde.

Pelo que eu tenho observado, o tempo das maiores chuvas (excepções à parte) é de fins de abril a meados maio; Depois do equinócio de setembro (outubro a novembro), depois que o sol tem passado por cima do Ceará, caem as chuvas-de-caju. Quando se aproxima o equinócio de março ou quando o sol passa de novo sobre o Ceará, fervoroso, começo o inverno, que dura, aumentando sempre mais ou menos regularmente até que ele transponha o Equador e chegue aos 10 ou 15 graus além, seguindo depois o estio.

Aqui, beira-mar, na Capital, pelo que tenho observado, as primeiras chuvas de inverno são de manhã, vão depois passando para a tarde e parte da noite; e enfim de noite e de manhã.

No sertão não quase sempre de noite; ou ao menos princípio de noite. No Crato, disseram-me, há ocasiões em que chove dias inteiros; às vezes dias seguidos.

As chuvas no Ceará são quase sempre, senão sempre, precedidas de trovoadas ou rumores de relâmpagos.

No sertão há trovoadas fortes e freqüentes; aqui na Capital, são mais raras; às vezes fortíssimas. Estes dias atrás, de 1 a 4 de maio, as chuvas de manhã têm sido acompanhadas de trovões.

6.V.1860

Não tenho bastante observação própria; mas por informações tenho alcançado o seguinte: as chuvas podem começar ou pelo litoral ou pelo centro, isto é, pela Serra Grande, etc.

Pelo litoral começam de Aracati ao Ceará e se estendem até o grupo de montanhas de Baturité, etc.

Pela serra ao sul, isto é, no Jardim, Crato, etc. as chuvas vêm sempre de leste até ganharem a Serra do Ataripe; ao norte começa pela Serra Grande vindo de Piauí.

A faixa de sertão que fica entre as serras do litoral e a Serra, é sempre a que recebe menos chuvas, mais tarde (excepto uma outra vez), e mais irregularmente distribuída; e parece que o sertão do norte é de ordinário o mais sujeito à seca; me diz o Bezerra que ai chove como nas outras partes, e que o sertão mais seco é o da Inhamuns, mais central, e mais alto, e menos coberto de árvores. Esse sertão é montunoso e pedregoso, e o ar mais fresco.

Tem agora havido grossas enchentes dos rios aqui vizinhos, como são: Maranguapinho e principalmente o Côco, cujos afluentes vêm da Aratárhá; os caminhos estão intransitáveis, a ponte do Côco arruinada, e por cima dela dá água pelos peitos dum homem (creio que nisto há exageração). As lagoas de Artonches, Mecejana, Porangabuçu, etc., estão cheias. Há muitos anos que não se vê enchente tão forte nestes lugares.

Os açudes do Mundéu, da Munguba e outros [... 45].

---

<sup>45</sup> O ms. encerra-se arruinado neste ponto.

## 659 Conceitos populares a respeito de tesouros e riquezas do país

5-V-1860

O povo do Ceará, e talvez de mais outras províncias, tem ideias muito falsas a respeito do Brasil: para eles Brasil é Ceará, e tudo o que não é cearense é estrangeiro. Têm eles para si que o Ceará é superior a tudo o mais, e só conhecem superioridade em outros povos pelos artefatos que eles admiram, e não concebem como se fazem. O seu país (Ceará) está todo minado de metais preciosos: e cheio de tesouros escondidos pelos Franceses, Jesuitas etc. etc. O país está cheio de tradições, em que acreditam religiosamente; e certificam com contos de fenômenos naturais, que já hoje se não vêem, ou que apenas ainda vislumbram em certos lugares e tempos, como, por exemplo, escoiros nas montanhas, fumo, e luz ou incêndios sobre elas; porções de rochas arrejadas de cima dos montes etc. etc. São ainda pregos, cadeias de ferro achados nas árvores pelas matas; são porções de minerais luminosos, ou lustrosos, em que sempre vêm ou ouro e prata, ou indícios disso. Enfim, são contos e tradições antigas, que têm a mesma origem, mas que impressionam mais por saírem da noite dos tempos revestidos de circunstâncias fantásticas, e exageradas.

Por tóis a província éramos questionados, não só pelo povo rude mas por gente de gravata lavada sobre as minas que havíamos descoberto; e mostravam-se incrédulos quando lhes afirmávamos que nada se havia achado, estando prevenidos de que só vinhamos buscar minas e riquezas, e que de tudo fazíamos segredo. Este preconceito pairava sobre nós, e nos fazia suspeitos para com esta boa gente.

Mas o que são esses estrondos, fogos, e fumaça, e rochedos lançados pelas montanhas?

Os estrondos são seguramente efeito de acrólitos, que rebentando no ar, e não sabendo o povo donde lhe venha, ou sendo repetido pelo eco das montanhas, mais naturalmente caiu em os atribui ao monte que lhe fica mais perto, ou donde lhe parece que venha o estrondo; e cada estrondo desse fica na memória do povo, que o vai passando aos vindeiros, sempre com a idéia de que isto indicam a presença de minerais preciosos.

De março a setembro de 1859 tivemos ocasião de ouvir dois estoiros meteóricos; um na Capital, e outro em Russas. Na Capital era de manhã, estávamos almoçando e pensamos que era sinal de chegada do vapor do Rio; o outro foi de noite e várias pessoas viram o meteoro luminoso.

Os montes inflamados podem ser por fosforescência de madeiras podres, depois de umedecidas pelas chuvas, ou fenômenos elétricos, depois das tormentas; os fumos, devem ser produzidos por nevoeiros úmidos ou secos.

Os pedaços de pedra lançados, são sem dúvida, fragmentos de rochas esculpidas pelo calor etc.

## 660 Sentimento da gente do Ceará a respeito da Comissão

15-V-1860

Entre muitos preconceitos, como é o considerar-nos estrangeiros, e que viemos tomar suas terras, seus mitos, seus tesouros, e escravizá-los etc., etc., há entre a gente mesmo de gravata levada, não sei se um sentimento de inveja; ou antes estão persuadidos que as rendas gerais procedem do Ceará, e assim não podem tolerar, ou antes clamam contra os ordenados dos membros da Comissão, que todos exageram muito e contra as despesas que a Comissão acorrenta. Não fazem senão lastimarem-se fazendo comparações, dizendo: gasta-se tanto dinheiro (bem entendido, o Governo geral) sem grande necessidade e nós sofrendo tantas necessidades. Um nos dizia em Morada Nova: Se o Governo nos desse oito contos de réis sómente faríamos aqui muita coisa de que temos necessidade. Eu lia no seu pensamento: Se o Governo geral, que gasta tanto dinheiro sem grande necessidade, ex. gr. com a Comissão, com a viagem do Imperador, nos mandasse esse dinheiro! Outros querem dinheiro para animar a lavoura; bem entendido, se o Governo lhes desse dinheiro dado ou emprestado (que era o mesmo) para eles montarem seus estabelecimentos, saldarem suas contas! Outros clamam por caminhos e queriam que o Governo (geral) lhos mandasse fazer. Enfim todos não fazem senão lastimar o dinheiro que se gasta no Rio com teatros, quando eles têm cá tantas necessidades.

23 V 1860. Fortaleza

Ontem à noite em casa do Sr. Franklin de Lima, caindo a conversa sobre índios, disse o Sr. Franklin que o reso da tribo (cujo nome não sabe) que hoje reduziu a uns 50 ou 60 existe ali por Milagres, pertencendo a uma nação que habitava por Piancó, Brejo Verde e Pajaú de Flóres, onde ainda em 1816 existia inteira; e foi nessa ocasião aldeada pelo Padre Frei Ângelo, que ali fizera uma grande casa quadrada com pátio dentro, onde ele os doutrinava; morto o missionário cessou esse ensino.

Esse índios, que faziam grandes estragos nas fazendas matando-lhes os gados, mudaram-se, provavelmente perseguidos e obrigados pela seca de 1815 (Gonçalves Dias) para Piau, sendo ali também perseguidos, desbandados e mortos muitos; o restante reuniu-se para o lugar onde existe hoje.

A Sra. D., conhecida do Sr. Franklin, disse que seu avô foi capitão de bandeira desses índios; que os tratava com humanidade; e por sua parte os índios agradecidos respeitavam o gado que trazia a sua marra, fazendo porém estragos nos gados das fazendas vizinhas. A fazenda do avô, era denominada Mary (em Pernambuco?). Os índios vinham muitas vezes a sua casa e pediam para o festejar com suas danças, cantos e música, e diz a Senhora que não deixava de ser coisa engraçada. Andavam todos nua, trazendo apenas uma tanga; lançavam de si uma catinça insuportável, catinha d'arara, diz ela. As meninas eram as que se consentia vir à casa e apresentar-se à família, pela indecência com que os homens se mostravam. Entre elas havia algumas bonitínhas, andavam nua, mas compostas com uma tanga tecida de fios de crua, fios de várias cores, e curiosamente tecidos. Traziam mais pelos braços e outras partes laços de fitas tiradas também da casca fina do crua, e tintos de cores. Traziam o corpo também curiosamente pintado; os cabelos longos até as curvas caíam de redor da cabeça sobre os ombros, pelas costas e peitos, abrindo-se adiante e deixando ver o rosto bonitinho quadrado pelos cabelos negros curinhos, e grossos, os quais com o movimento da cabeça faziam um som particular, como xi-xi. Sentavam-se acoçoadas de um modo particular e não deixar ver nada que as envergonhasse; e porque uma vez, um filho do seu avô gracejando com uma a quisesse tirar

daquela posição, a índia deu um salto, e sumiu-se, como se fosse uma onça. Passados alguns dias vieram os índios armados a pedir uma satisfação, e com dificuldade se acomodaram: mas ficando sempre inimigos desse moço, e o ameaçavam por onda a parte de o fazer dar a *embigada no mandacaru*.

Isto [6] muito significante e mostra quanto os índios eram ciosos, e respeitavam a inocência, e pudor das moças.

Diz a Sra. D. que as índias apreciam muitas vidas em casa, e que era admirável a sutileza com que o faziam; sem serem percebidas mostravam-se de repente entre elas acocoradas; e também quando se retiravam, porque desapareciam instantaneamente. As vezes era ao som dum assobio ou apito trêmulo e apenas perceptível pela gente da casa, e vindo de fora, que as índias desapareciam imediatamente.

Tiveram duas destas indiazinhas em casa; uma criou-se muito gordinha, era muito inteligente, e servia muito bem, e fugiu de casa aqui na Fortaleza, quando para aqui vieram, provavelmente aconselhada; a outra logo que chegou à casa começou a cobrir-se de um fuá (caspa) e a emagrecer até que morreu, o que foi atribuído a mudança de alimentação. Com efeito diz a senhora que quando comiam as comidas temperadas eram logo afeitadas de diarréia; que comiam com muita dificuldade a comida temperada; arroz entravam a quebrar os caroços, rachiam nos dentes e lançavam fora. Quando em casa se fazia matutagem (se matava réis) as índias se vinham pôr em voda esperando ansiosas que lhes dessem um pedacinho, e quando o recebiam iam as indiazinhas muito satisfeitas conversando em sua língua, para a oncinha, lançavam a carne sobre as brasas, e apenas sapecadas, e sem sal a devoravam sófregas. Comiam rôda a qualidade de bicho; era para elas quando apanhavam um calango (lagartinho) uma festa; lançavam-no no fogo inteiro com tripas, e o devoravam. Etc.

## 682 Sentimento dos cearenses para com os estrangeiros

Tem a gente do Ceará grande aversão para estrangeiros, principalmente para português, a que chamam *Marinheiros*. Iota há portugueses em casa do Franklin de Lima, estando ele e a mulher, conversando sobre várias coisas, e entre elas me perguntou o Franklin se uma corrente de ferro que se diz existir fechando a barra do Rio de Janeiro não era obra de holandeses, porque, dizia, português não acreditava que fizessem rapazes de a fazer. Tudo o que existe no Ceará mais antigo querem que fosse obra de holandeses; assim a antiga fortaleza do Rio Grande; o porto de desembarque, com o seu aterro são obras holandesas. Mesmo a respeito do Brasil eles tem idéia tão exagerada da sua província que se persuadem ser o Ceará superior a todas em tudo; e enfim para eles Brasil é Ceará. Dizem-nos dois meses de chuva sómente em cada ano que o Ceará não precisa de mais nada!

Devemos porém confessar que isto é preconceito popular, que se vai desvanecendo com a ilustração; mas parece que à proporção que isso acontece cresce o sentimento de inveja para com as províncias maiores, e principalmente para com o Rio de Janeiro, que eles (os que se têm por mais civilizados) reputam como um país de servilismo, e de corrupção, e que engorda a cunha do resto do Brasil.

As idéias republicanas têm muita aceitação entre estes sábios de meia-tigela; a família Franklin, que é dos Alencastres, tem idéias muito exageradas a este respeito, até as senhoras não podem ouvir falar em rei, rainha, nem em Papa, porque é rei de Roma! Entendem que ninguém se chega a um rei, que é para esta gente sinônimo de despotismo, de dominadores cruéis, e injustos, que não seja abjetos, e servil. É curioso vê-los indignados contra um ato de reverência, ou de simples atenção para com um monarca; mas é também curioso ver o desprêzo com que falam e tratam dos cabras. Um dia estávamos na Munguba à mesa do chá; o Lagos falava com soltura, e indisciplina dos ministros e gente da Corte. Franklin moi contente olha para as senhoras e diz: Este é dos nossos; depois dirigindo-se para mim pergunta muito se eu não era monarquista! Um sentimento de indignação se apoderou de mim, e mal me pude conter, mas

não lhe respondi como devia; apenas lhe disse que eu não me ocupava com essas questões, e que se particularmente era amante do Imperador é porque não podia deixar de o ser sem ser ingrato.

Todavia pelo que tenho observado, se separarmos o povo baixo que não tem ideia nem uma do que é liberdade e dos seus direitos, e que só se leva por afeções pessoais, a gente boa ou de gravata lavada da Província é na maioria amiga da ordem e do sistema constitucional.

## 670 Excursão até as matas da Timbaúba, que ficam daqui pouco mais de uma léguas

5-XI-1960. Serra Grande, Campo Grande

Em caminho fomos vendo uma vegetação secundária muito semelhante à do Crato, e dos ladeiros do litoral. Muitos mulungus florados: são árvores, cujo tronco aculeado não se eleva muito mas tem grande grossura.

Paus-d'óleo: reduzidos a pequenas arvoretas; com fruto aberto. Jatobás, jatobais, muitos com fruto, e alguns com botões. Almôndegas bastante, com frutinhos verdes. Mirindibas (nossa jundiaíba) muitas com fruta. Pau brisa (*Vochysiá* do Araripe, e talvez do Rio) com flor.

Clusiáceas: Mangues: muitos, já de duas espécies, ou mesmo gêneros. Uma principalmente é muito abundante, e de flor rubra sanguínea. Árvore ramalhuda, formando grandes copas até o chão. A outra de folhas menores etc., é mais tara. Angelim (andira): vimos algumas árvores com frutas verdes. Marici, arvoreta, como o nosso do Rio.

Ternstroemíacea (mangue): vimos algumas árvores com frutos não maduros.

Euforbiácea (farinha-fresca?): há bastante destas árvores com flores.

*Hirtella*, *convergens*, ou *tomentosa*: arvoretas, com flor e fruto, e muito abundantes (sobreiro?).

Janaguba, algumas. Lacté (*Vismia*), muitas com flor e fruto. Visqueiro (aqui Faveira), muitas com frutas verdes. Faveira (sergeiro no Rio) algumas com fruto. Faveira (outra leguminosa), com fruto. Nharé, vimos uma com fruto. Carúbas — algumas com flor. Pau-d'arco-amarelo, vimos um com flor. Tápia, vimos grandes árvores, a saber, tronco curto e grosso com flor. Rabugem, vimos algumas arvoretas novas. Manta-de-cachorra, há muitas, estão com flor. Pequi vimos alguns, com botões. Cotovelo-de-negro, vimos dois pés, não grandes: estavam nus de folhas, e com fruto seco. Marília, vimos alguns com botões de flores. Cravatá-açu (pica, no Rio), há aqui no alto da serra nubila e espontânea. Bigônio-bela: vi com prazer esta linda trepadeira com flores. Mulungu bravo (*Ormosia*): Tintos, no Rio, Pulumuju, no Crato: com fruto. Pau-pombo, muitos em botões.

Norintea, ou coisa próxima, arboreta de longos ramos (chamam-lhe Cipó e Papo-de-peru) de lindas e compridas espigas de flores encarnadas; muito abundante.

Sapé: em uma baixada vimos grande quantidade de sapé, de mistura com outras plantas do Rio de Janeiro.

A mata, que é sobre um alto, seco, está muito destruída; mas algumas madeiras mostram que haviam de ser grandes e belas.

Os pauz que só notamos são os seguintes:

Fau-d'óleo; muitas e grandes árvores, com frutos abrindo-se. Uma vimos de 3 palmos de diâmetro (e há mesmo maiores) que estava com dois entalhes para se colher o óleo; mas não é agora o tempo próprio. Cedros: houve muitos, hoje são raros; vimos duas árvores pequenas, e um cedro cortado de 3 palmos de diâmetro. Jatobás, muitos. São grandes árvores, e dêles se servem para obras de engenhos, minas, etc. Maçaranduba: vimos uma nova, com palmo e meio de diâmetro. Estava com botões, e tiramos uns raminhos a tiro. Jacarandás (*Swartzia*): Banha-de-galinha, no Cariri. Há bastante novas; são árvores preciosas, mas não engrossam muito e têm muito pouco miolo, que é duro e bonito. Frei-jorge (Louro, no Rio) vimos uma pequena árvore; mas parece que foram abundantes. Louro (roneleiras) vimos fora da mata uma pequena árvore, com fruto verde. Bubalbas (*pitanga-toréu*) há bastante na mata.

Na chapada: vegetação muito semelhante à dos tabuleiros do litoral.

Cajueiro, mas do pequeno (Cajirim), abunda por todo o alto da serra. Está com flor e frutinho verde. Jatobáim. Mangabas. Janagubas. Açoita-cavalo (*Crisobalánea*), com flor e fruta. Cansanção (de flor branca, e semelhante à da Pavila).

A mucuná-ferro tem a bagem cheia de rugas ou pregas transversais, e as sementes são denegridas. Pertence ao gênero *Mucuna*. A outra, mucuná-vermelha, tem a bagem geralmente lisa, com sementes avermelhadas; e é do gênero...<sup>44</sup> Ambas abundam aqui em cima da serra.

O Padre Carvalho me disse que há aqui Putumuju (diz Manuel que é Pitimuju), árvore que dá linda madeira para marcenaria, amarela com listas avermelhadas; Cunduru (3); diz mais que há aqui em alguns lugares uma madeira vermelha, com listas, dura e pesada, de que não sabe o nome.

Uruçu: nasce espontânea pelas quebradas.

Sapucáias há muito no Piauí.

Putumuju, ou Pitimuju, ou Pitimujuba: mandei hoje (6 de novembro) o Barreto a um sítio aqui a uma légua buscar amostras desta árvore; só me trouxe um cavaço de pau antigo, e por ele conheci, que é o nosso Iriribá.

<sup>44</sup> Lacuna do ms.

*Vochysia*: árvore de folhas opostas, ramos florais terminais, amarelos. Chamam aqui *Pau-bosta*, e dá cabuado bom para porcos, jacelas etc; é o mesmo do Araripe, e creio que também temos no Rio.

Maria-prêta chamam aqui a um *Diospyros* muito semelhante ao nosso do Rio e dá fruto ouriçado. Não serve senão para lenha; o fruto quando maduro é bem amarelo e glabro, por lhe terem caído os pelos. É fruto dos meninos, e de macacos.

A fruta da Merendiba comem os veadeiros, as cutias, e os jarus; gente não a come.

### 673 Lembrança das plantas que ontem vimos à beira do caminho de S. Benedito

23-XI-1860. S. Pedro

Além das palmeiras, que cobrem grande porção de terrenos aqui de cima da serra, vimos mais o *Desmodium* (nossa), dois pés de Bacaba, e uma palmeira espinhosa que o Senhor Marques chamou Marajuba.

Muracujis, o suspiro, de flor-encarnada, e o de capoeira, de Linda flor azul; há mais aqui o peroba.

Malpighiaceæ; abunda por toda a parte a de flor amarela.

Serjânia (mata-fome-bravo); muito abundante.

Salsa-da-praia (*Convolvulus*); por toda a parte.

Goulima (?); por toda a parte à beira do caminho, muito semelhante à mura do Rio de Janeiro.

Borreria; abunda pelos campos, como no Rio. *Trixis*; espécie diversa da do Rio.

Murici; arboreo, em flor, muito abundante; o fruto se come. É o mesmo do Rio, nas várzeas de Coqueiros e Viegas.

Carapera (Jitô); o nosso, com flor e fruta.

Torém (imbalboiras) me pareceu distinguir duas espécies; uma é da mais comum no Rio.

Pau-pombo; muito abundante (é o nosso). Taquarim (capucho-de-gaiola); há muito (é o nosso). Otituruba; árvore com flor; há muito aqui. Angelim; vi algumas árvores (é um dos nossos). Merendibas; das duas espécies; abundantes.

Jatobá, muitos. Pau-d'óleo, vi alguns. Corindiba (periquiteira); é a nossa.

Maria-preta (*Diospyros*) (é a nossa?) muito abundante; dá paus linheiros. O mestre que se levantou em S. Benedito com 44 palmos é dela.

Gonçalo-alves; vi um pé.

Taçuna (*Eupatorium*) vi um arvorescido; 30 palmos? Com esta planta tingem de azul as taquaras, com que fazem cestinhas, os caboclos. (A cinta encarnada é feita com as folhas da Tapiranga).

Goitana: sapotácea venenosa, há muito. Mutambas — há muitas. Janadeira (*Gordia*): vi algumas. Canafistula: de uma espécie que colhemos no Crato. Bacutupari: vimos alguns pés (o nosso). João-mole (*Pisonia*): árvore, vi uma. Tatajuba: algumas (e a nossa). Jacarandá (*Santiria*): há bastante. Putumui: vimos alguns pés novos. Jaracatí: vimos um pé (o nosso).

Fruta da Tírla (*Uruçutana* branca): é a nossa. Camusé (mimosácea): são muito semelhantes aos nossos cabufs, que os índios chamam caobé, segundo o Sr. Beaurepaire. Camusé não será corrupção de Caobé?

*Hirtella pentaphylla* (rubis): arbórea; há bastante. Papagaio (*Siphoclea pylos*): é o nosso. Saílo (*Katentoe*): espontâneo; é o nosso. Cumaru (*panam* a): espontâneo; é a nossa. Parreira (*Abatuz*): uma espécie com ilícres.

Pau-bosta (*Pochysia*): é uma das nossas espécies e díz aqui grandes árvores; e seu fruto tem uso. Marmeleiro (*Cratoua*): abunda. Vassourinha (*Scaphoria*): é a nossa. Solanos (*Jurubeba*): muito comum. Clusiáceas (garneleiras): já não são para aqui tão abundantes, como em Campan Grande e S. Benedito.

Há mais uma infinitude de plantas, de que não posso me recordar.

#### LEMURANÇA DAS PLANTAS QUE VIMOS NA VIAGEM A UBAJARA

Logo que chegamos à crista da serra, ou antes, onde acaba o talhado, nos achamos rodeados de uma vegetação típica do Rio de Janeiro. Vimos:

Uma corpulenta Guariema; algumas grandes Carrapeteiras, Corintões, Ingá (da-bagéu-redonda), Mariana, Perturá, Imbatiba, Inhuré, etc.

Começando a descer pelas lombadas entramos na zona vegetativa do serrão. Eram já catingas. Apareceu o Mufumbo, a Sabiá, o Tinguin-capeta, o Amarelo, ou acende-candeia, o Gonçalo-alves, a Aroeira, etc. etc.

Do lugar onde dormimos (*Abatuz*) até a Gruta reaparece a mata fresca. Eram corpulentas Cajazeiras, Araticuns, Gancheiras, etc.

Na boca da Gruta, vimos muitos paus de Bálsmo com fruta.

Amargo: achamos uma arvoreta destas na lombada da serra, com folhas novas; nem flor, nem fruto. É a mesma que colhemos no Crato, também sem flor nem fruto, e levamos dela amostra da madeira. Parece que é o melhor Angelim daqui.

## 674 Diversos modos de suspender a rede no Ceará

Os ganchos, ou outras qualquer coisa, em que se amarram as cordas, ou cordões das redes, se chamam *armadores* e se diz *armar* a rede.

Na simples cabana, ou palhoça do pobre tudo serve de armador, os caibros, os frechais, as travessas, os pauz-a-pique, e os esteios; em qualquer coisa dessas, sabem arranjar com prontidão e segurança a sua rede; têm mesmo para isso um amarradão ou laço próprio.

Nas casas de paredes de pau-a-pique batreadas, que aqui chamam de taipa, e os pauz ensorquençam, o mais simples é escolher o lugar conveniente para amarrar-se a rede, e nesse lugar, quando se barreia, e se reboca a casa, deixa-se uma porção dum pau-a-pique escolhido, entre as varas descobertas, de modo que se possa passar por detrás a laçada. Mas melhor, para esses lugares [é] escolher um pau torto, que forme um cotovelo, saído além do nível da parede de sorte que batreada, e rebocada, fica esse cotovelo lora. Também mais facilmente se faz deixando no pau um gancho, cujo ramo sai lora da parede.

Em S. Benedito, na casa em que estivemos vi um modo particular. Eram duas vigas, ou travessas, de boa madeira, redondas, embebidos nas paredes, que eram de adobe, em altura conveniente, e próximas às duas paredes fronteiras. Nesses travessas se podem arranjar 5 ou 6 redes.

Nas boas casas os armadores são de ferro; ganchos de várias formas, inteiros, ou articulados, e móveis, que se fixam nos esteios, e nas portadas; mas nas casas de paredes de tijolo ou de pedras, ou mesmo quando não há esteio ou portada a jeito, são fixados em borbos de boa madeira, que se embebem nas paredes, na ocasião em que se fazem.

Vi em Santa Cruz na casa em que pousamos um cabide singular: eram dois pauz lavrados, da altura dum homem, fixados no chão, com esteios, com 3 ou 4 travessas, limitando um políго.

Para suspender a roupa usam muito de cordas, ou também de escacás nas paredes, que aqui chamam *tornos*. Estes tornos servem para tudo, para pendurar arreios, armas, roupas, chapéu, etc.

Em S. Benedito e aqui em S. Pedro, onde o comum das casas é coberto de folhas de palmeira (as palhoças do pobre caboclo, e mesmo de gente branca,

têm até as paredes fechadas com folhas de palmeira, artisticamente arranjadas; até as portas se fazem dessas folhas. Em Campo Grande vi uma porta feita com talos de pita, enfiados por varas, como ponteiras de gaiola. Como dizia, são mais sujeitas a incêndio. Então as casas melhores, as lojas, onde há coisa que perde previnem os efeitos fazendo um falso de paus juntos à maneira de jirau, e barreiam por cima. Assim se o fogo de palha arde, ou salva-se a casa, ou ao menos há tempo de salvarem os trastes, e outros objetos.

## 677 Plantas colhidas no caminho entre o Rancho Capeba e a Vila de Quatiguaba

1-XII-1860. Quatiguaba

Chegamos aqui há pouco, tendo saído do rancho *Capeba* às 6 horas. Em todo este trajeto passando por tabuleiros, carzascos e agreste, vimos, ou colhemos as plantas seguintes:

Casca-grossa: arvoreta, caneleira (canela-preta do Rio) de carne roxo, não dura no chão, como ou quase a aroeira.

Urucurana: assim chamou o Senhor Marques o grão-de-galo pela semelhança remota dos frutos.

Guaiabeira: vi uma silvescra, e diz o Senhor Marques que é mais rara.

Araçá: há muito e é da espécie mais comum no Rio. Atuca-de-pedra: informaram-me que também o há. Ingá-de-cipó: é o nosso ingá do Rio, de bagens alinhadadas, compridas, estiradas.

*Trigonia villosa*. Jacarandá (*Santinia*): há muito. Bignoniacéa de grandes flores brancas de fauce amarela, trepadora, há muito.

Cunduru: assim denomina o Senhor Marques, uma arvoreta que não dá carne, mas é excelente para cabras. Estava principiando a florar, e outras tinham muito fruto, que são drupas ovais, toxas, de sabor ligeiramente doce; é uma *Guatteria*, e uma sorte de Imbeú. A madeira é branca-amaralhada, pesada.

Merendinha: de drupa maior, de carne ácida, astringente; estava sem folhas; e não dá boa madeira.

Marlim. Angelim: de várias espécies (vimos muitas, de que colhemos, em grandes panículas de flores, e quase sem folhas).

Timbaúba, ou Tamboril.

Palmeiras: grande quantidade. Picírias. Clusiáceas: o que chamam gamoleiras.

No agreste:

Pequi: há bastante florados, tendo a parte exterior do cálice rubro, e outros verdes.

Gajumur: está com flor, e com fruto, amarelo, e rubro; é a primeira vez que o provei; são doces, e ligeiramente astringentes, em estando bem maduros são gostosos, e quase sem sabor alguma.

Jatobá: com fruto e botões. Jatobá: com fruto e botões. Pau-d'óleo: está florescendo. Visqueiros: com fruto. Faveira: com flor. Janaguba: com flor.

Carvocira. Pacotá. Tingui-capota: com flor. Carnaúba: com flor. Pau-d'arco amarelo. Paraíba: com flor. *Lithraea*: com flor. Cajueiro-bravo: com flor. *Cybistax*: com flor. Barbacimão: com flor.

Morici. Murici-da-praia: com flor. Lacre: com flor e fruto. Amarelo (acende-candeia): com flor. Coração-de-negro. Nordestea: com flores. Mangaba. Muria: com fruto.

Está situada em uma assentada, ou espécie de socalco, quase no alto da serra. Essa assentada está em meio dum solo montanhoso que são como degraus porque a serra desce até o sertão; até a escarpa pétrea, ou talhado alamulado; são sómente ladeiras de montanhas de terra avermelhada, em cujas quebradas nascem olhos de boa água, e cujas encostas foram revestidas de belas florestas, hoje destruídas. Na grande quebrada da serra por onde passamos, Quatiguaba, são as ladeiras como as do Araripe, e o fundo do vale é idêntico em tudo ao sertão. Solo árido, pedregoso, matas de catingas, calor intensíssimo, gente comida, saúde, fazendas de criar.

A Ibiapaba montuosa, coberta de matas, abundantes em fontes, é uma sorte de Caatinga. Sua formação parece ser devida a um desmoronamento da serra por lhe faltar o muro de pedra que a sussele nos outros lugares.

O clima é agradável, mais quente que Campo Grande e mesma S. Benedito e S. Pedro; sujeito a ventanias de leste, e a grandes nevoeiros de manhã; aninhos agora. Todavia não é tão saudável como o sertão.

A vila, que não há muitos anos era quase toda de palhoças e habitada por Caboclos, é hoje toda de casas de telha e habitadas por gente branca; os caboclos habitam nos arredores em palhoças. Sua área é espaçosa, o quadro grande, e tem mais duas praias bons; mas ainda não de tanto garneladas de casas; as ruas são alinhadas e largas, mas ainda com poucas casas, que são todas térreas, pequenas, de telha-vã, e ladrilhadas, tendo na frente pela maior parte, calçadas, de tijolo ou pedra. São rudas caiadas com tabatinga, as paredes de taipa, excepto duas o três que são de tijolo; há uma casinha de sobrado, e de bom aspecto (janelas do sobrado envidraçadas) que pertence ao vigário, Padre Bevílaqua. Algumas casas têm as portas pintadas, como a em que está o juiz-de-direito. Nós estámos aposentados num casarão, que já serviu de Clínica Municipal.

Ao pt da igreja se vê a área, e ainda os alicerces do Colégio dos Jesuítas, que serviu depois de residência aos vigários, e enfim por desmaçá-lo o deixaram arruiná-lo; e o abandonaram à rapacidade. Quem queria ia lá buscar materiais para suas obras.

A igreja é um boni edifício; do tempo dos jesuítas só resta a Capela-mor, com retábulo, e o teto pintado, e imagens antigas; existe mais a torre, que é sólidianamente edificada, a porta, e portada de pedra da frente.

O corpo da igreja ameaçando ruir foi atreado o teto, e provisoriamente colerto de palhas de palmeira, e por ocasião duma festa, incendiado por um foguete, escapando a capela-mor, pela rapidez do incêndio.

Levantou-se nova igreja, conservando a capela-mor e a torre dos jesuítas; a nova casa é bem construída, e ampla, com duas ordens de arcos maiores. A sacristia é também do tempo dos Padres da Companhia.

Parece que o templo era assaltado; hoje está todo lachilhado. Pedi ao padre vigário que conservasse quanto pudesse as reliquias dos Padres Jesuítas.

O chão da vila não é bem horizontal, tem declive suave, da frente da igreja para o sul, e a praça é desigual e cheia de buracos, cavados pelas chuvas.

Os viveres ainda que não muito abundantes são cômodos. Não há verduras pela negligência do povo. Ontem comemos aqui pela primeira vez coixas que nos mandou o Tenente Coronel Magalhães. A fruta abundante é a banana de várias qualidades. Há bastantes bananeiras mui frondosas, carregadas de fruto, mas é pequeno e azedo; asseveram-nos porém que depois das primeiras águas se fazem doces. Há ananases, cajus, etc. Ontem vimos algumas plantações de café, de má aparência, mas estavam mui floridos.

No tempo da aldeia era a cultura principal o algodão, que davam e teciam. Os novelos de fio, ou nimbó, e os todos de pano eram a moeda corrente, até para fuso; levavam para Piauí novelos de fio, e traziam gado. Quando se erigiu a aldeia em vila deram fiança para poderem exercer o seu ofício 17 tecelões; em 1759, e 60. Atualmente ainda ha alguns teares, que tecem o algodão ordinário para o povo; mas cultiva-se já pouco algodão. Plantam também cana, e café; cria-se pouco; o gado nos tempos antigos vinha todo do Piauí; hoje vem ainda em grande parte, como para Campo Grande, S. Benedito e S. Pedro, mas sobe também algum do sertão. Exportam também coiros.

Além dos recelões deram fiança mui sapateiros, ferreiros, etc. Havia nesse tempo (1759) um ourives, que era um francês chamado João Fontenelle, que aqui se estabeleceu, e casou duas vêzes, teve vários filhos, e existe hoje sua descendência, e foi dos homens brancos respeitados aqui, e o que é mais curioso, chegou a ter parente de capitão\*. Havia oficiais de pedreiro e carapinhas, mas não capazes de fazer obras de alguma importância, porque para essas se mandava vir de fora. Mandou-se vir oleiro de Pernambuco para fazer telhas para a igreja e obras públicas. Até então a telha e tijolo, e até o tabuado vinham de Pernambuco pelo porto do Caucau. É tradição que os Padres da Companhia mandavam conduzir sal do porto para aqui carregado por índios; e daí ia para Piauí, donde vinha gado em retorno. Aos índios trabalhadores não paga-

\* Morreu com 80 anos em 8 de dezembro de 1870.

viam em dinheiro mas em pano, e alimentos, que os davam com fartura: abastecemos escravo que se deu até 3 libras de carne fresca, não já em tempo dos Jesuítas.

Não pudemos alcançar notícias do modo por que os Jesuítas governavam esta aldeia: os índios, negros, e hispânicos dos que foram dirigidos pelos Padres, não conservaram nenhuma tradição alguma; o único fato que alcancei é que eles índios não conhecem, nem conheciam o nome de Jesuítas; tratavam os Missionários por Padres da Companhia. Pelo que coligimos de depoimentos das testemunhas com que se justificou o patrimônio da igreja desta vila só davam alimentos aos índios, que empregavam em serviços, e aos doentes e necessitados. Castigavam nos pelos seus distúrbios, e crimes, com prisão, palmatóadas e talvez com outros castigos. Disseram-me aqui alguns índios que as raparigas, que davam à escola eram castigadas com bolos, ao pé do pelourinho; no que lhe verdadeiro engano, pois eles não tinham pelourinho.

Parece que o regime dos Padres consistia principalmente em arrebanhá-los, obrigando-os a viver em certa comunidade, fabricando suas casas ou cabanas, a ensinar-lhes a doutrina, obrigando-os a assistirem às orações, à Missa, e a se confessarem, a banzarem os filhos, a casarem à face da Igreja, etc., ensinando-lhes certos ofícios dos mais necessários, como de tecelões, carapinas, pedreiros, etc., obrigando-os ao trabalho da lavoura, na plantação principal da mandioca e secundária, como a do milho, feijão, batatas, bananas e a indústria da plantação, fiação, e de tecer o algodão com que se vestiam; com que faziam permutas, e com que provavelmente pagavam dízimo ou tributo aos Padres. Eles para manutenção do culto, e para sua sustentação tinham boas fazendas de criação no sertão.

Exerciam nas aldeias o poder espiritual e temporal, donde se seguiram os abusos, que causaram a sua queda.

Atualmente há nessa vila proporcionalmente menos descendentes dos índios, do que em S. Pedro e S. Benedito; provavelmente pela maior afluência de brancos para aqui, e retígrada dos índios, que não suportam de bom grado a concorrência dos brancos.

Temos sido aqui, como em toda a parte, muito bem recebidos, e muito obsequiados, de frutas e doces; temos sempre a mesa farta. O nosso vizinho Tenente Tárras nos manda todos os dias para almoço leite de cabra, talhadas de cuscus, o que nos faz grande arranjo, porque não achamos aqui leite, nem pão; o vigário, D. Mariana, o Juiz-de-Direito, o Tenente-Coronel Magalhães, e outros muitos nos têm presenteado.

Dizem-me que há por aqui bastante intriga, como costuma em terra pequena: mas ainda não tivemos ocasião de presenciarla.

Há por aqui algumas carinhas bonitas, mas em geral não são as mulheres aqui formosas; atualmente é D. Mariana Beviláqua a cara mais bonitinha daqui, mas essa é do Ceará.

Na escola onde vimos juntos uns 70 meninos, nenhum deles era próprio a acreditar a sua terra como produtora dumha boa raça.

Agora fui convidado para as Novenas e Festas da Padroeira, que é no dia de Ann Boni, unidas famílias, dos sítios da serra, e das fazendas do sertão; e tem aparecido por isso maior número de moças bonitas; a filha do Sr. João Severiano, D. Maria, é bem galantinha.

O ar começa a tornar-se úmido com o aparecimento das chuvas, e isso tem influído um pouco na saúde do povo — há seus defluxos, e higeiras anginas; eu e Manuel já não estamos passando bem; já vamos perdendo a cor e a nutrição que havíamos ganhado no sertão e em cima da serra até uns 8 dias atrás.

Há grande negligência, como por toda a parte a respeito da água de beber, podia-se aqui ter sempre excelente, mas não acontece isso, em nossa casa nem sempre temos boa água. Também a carne nem sempre é boa; não há pão; chás muito ruim; faltam verduras, que podiam ser abundantes.

No entanto já nos temos afeito a tudo; temos as melhores relações da terra, gente obsequiosa, e amável; e nem a circunstância de alcançarmos uma época de festa, e de divertimentos, ajuntando-se as famílias comumente. Já vamos sentindo as saudades da separação.

Agora tive ocasião de conversar com o Tenente-Coronel Magalhães sobre o incêndio da igreja, e sobre a recuperação do corpo dela. Estava a igreja muito arruinada; tinha-se-lhe já posto teto de palha, pela ruina do madeiramento do telhado, cuja telha se arreou. Ameaçava ruir e o Padre Vigário parecia indiferente a isso; a sua escusa era não haver dinheiro (e a Este respeito me referiu o Sr. Magalhães misérias). Nem ao menos procurava excitar a piedade dos fiéis, para arduírem à ruina do templo; o Sr. Magalhães foi quem trouxe a peito, o fazer a obra que era já arrasar a obra antiga e reconstruir. Quantas objeções lhe foi preciso destruir da parte do Pastor! e que objeções! Solvidas umas apareciam outras. Da parte do vigário só inércia, nem um auxílio; não há dinheiro! era grande dificuldade; no instante o patrimônio da igreja é uma excelente fazenda de cinquenta; e nem ao menos forneciam bois para conduzir materiais; era preciso que o Sr. Magalhães andasse de porta em porta pedindo a quem tinha gado, ou servindo-se dos seus. Não há cal! dizia o vigário. Como, Sr. Vigário! eu vou fazer cal. E a féz, e para achar quem o auxiliasse na condução dela saiu com a Imagem da Senhora em procissão acompanhando os condutores! O vigário espreguiçava-se em sua rede, ou se entregava à...<sup>16</sup> Quanto é isto mortificante! E quanto me custam estas reflexões! Pois ele é obsequioso, e nos tem tratado muito bem. Enfim chegou a obra até acima dos arcos, e parou; mandou-lhe pôr teto de palha, que foi incendiado em novembro de 1860 por um foguete; foi necessária nova cam-

<sup>16</sup> Lacuna no ms.

panha, para se vencer a inércia do padre. Todo o mundo estava pronto a prestar-se a dar serviços e dinheiros, mas nem assim! Correu uma loteria também em favor da obra; estava o dinheiro na capital, e não havia quem o fizesse buscar; lá foi o Tenente-Coronel e trouxe o dinheiro! Sai todos os dias de manhã do seu sítio e vem ver o serviço; pede, e roga a todo o mundo auxílio, e o vigário incerte, resistindo! Foi arrasado o antigo templo há 6 para 7 anos, foi queimado o telhado de palha do vigário há 3 anos; o corpo da igreja está roborado; agora falta revestir-lo e decorá-lo. O Vigário quer tirar a pintura antiga, porque diz: Ele que escurece o templo! Pedi-lhe que não fizesse tal, não sei o que fará.

7 I-1861

Povoação pobre, de aspecto triste, e miserável; situada numa baixa úmida, rodeada de montes altos, passam pelo meio dela dois regatos, que nas grandes secas faltam. Conta a povoação de uma praça pequena irregular, e de duas ruas; a principal curta, e mal povoada de casas, quase todas de palha; contam-se em toda a povoação 18 casas telhadas, cajadas, ladrilhadas — pequenas, térreas. Ainda não há vidraças, nem teto forrado. São peia maior parte úmidas, umas arruinadas, e outras maltratadas; em quase todas chove dentro, na ocasião das grossas chuvas, por mal cobertas, e por telhas quebradas, ou caídas. Há 70 anos já havia 4 ou 5 casas de telha, segundo a informação da velha Costela, e grande número de palhoças. Não pude obter notícias sobre a origem e sucessão antigos desta povoação, além do que me deu essa velha Costela Damiana, que deve ter hoje uns 75 a 76 anos, pois me disse ela que quando por aqui passou o Governador João Carlos ela devia ter pelo menos 20 anos e isso foi em 1805. João Carlos passou em Ilheira, parou um pouco no largo; mas não saiu da Ilheira, vinha acompanhado de muita gente rica, disse ela; foi uma verdadeira festa para esta povoação. Lembra-se apenas de quando veio aqui pela primeira vez a fazer Missão Frei Vidal. Teria ela então 5 a 6 anos; mas lembra-se perfeitamente dele quando veio pela segunda vez. Tinha médio dñe de dia; mas de noite na igreja gostava de o ver; as suas práticas eram mui altas, gritando, e exortando à penitência, e fazia procissões acompanhadas de penitentes. Diz ela que ele ralhou muito contra o administrador das obras da igreja, que acabou muito arrasadas; e parece que nessa ocasião passou a administração para outro, mais zeloso. Quando ela se entendeu existia sómente a capela-mor antigas; e as paredes do topo da igreja atual chegavam a 1/5 da altura que tem, e estava coberta de folhas de palmeira; foi depois. Com a censura de Frei Vidal e mudança da administração para o velho Miguel Alves de Lima, empreendeu-se a continuação da obra, até chegar ao estado em que está; e parou pela morte do velho, que era incansável, e fazia que todo o mundo concorresse como pudesse para a obra, com esmolas, de dinheiro, matutatagens, mantimentos, e trabalho; ela

mesmo, a velha Cosma, diz que carregou muito barro, tijolo, e pedras. No dia em que faltavam trabalhadores o velho Lima chorava. Em 1848 ou nos seguintes até 51, achando-se arruinada a antiga capela-mor, e sacristia, foi arrancada, e levantada a que existe atualmente, mais alta que a primeira. O cruzeiro levantado no tempo de Frei Vidal também se arruinou, e foi arreiado, e levantado o que existe pelo capelão atual, o Padre Melo. A igreja faz vergonha e atesta o pouco sentimento religioso, cristão, a que [levou a] pobreza desse povo. As paredes conservam ainda os buracos dos andainhos. A frente da igreja, que não seria má acabada, está com os mesmos buracos, sem renaute, com grande parte do reboco caido. Uma das paredes do corpo está rachada de alto a baixo. O interior é de perfeita nudez; o coro tem só os barrotes, assim como o púlpito; tudo é pobre; o altar, o retábulo e o trono, é tudo ridículo; coberto de papel, de chita, ou pintado por curiosos, ou antes por caçadores. Missal, paramentos, tudo velho.

Disse-me o Padre-Capelão João José Mendes de Melo, moço de 37 anos, filho do Sobral, que quando esteve aqui pela primeira vez em 1846 esta vila estava em grande abandono, a praça e ruas estavam cobertas de matos e que ela entrou em movimento de prosperidade de 40 em diante. Ele está construindo uma casa de telha de boa capacidade; por ora mora em uma casinha de telha, pela qual paga 34 mil anuais de aluguel.

Diz a velha Cosma, que na sua mocidade era isto tudo coberto de matos, e que havia muita caça, veados, porcos, pacas, maracás, guaribas etc. etc. Ela e outras mulheres que estavam presentes me contaram horrores da seca de 1825 (?) que dizem elas durou 3 anos; tudo secou, secaram os rórregos, e só se obtinha água aprofundando muito as cacos. As bananas, as laranjeiras e tudo o mais secou e morreu; não havia farinha, e os pobres morriam de miséria, e de fome; famílias inteiras pereceram de fome. Diz a velha Cosma que não sabe como escapou: andava pelos matos colhendo ...<sup>46</sup>. Essa era a nutrição do povo, e as capimadas das palmas, que se acabaram em fogo. No fim da seca apareceu a peste da diarréia, que matou também muita gente, e elas perderam dela uma sobrinha já mocinha. Logo que apareceu a farta, diz uma das mulheres, sóla a gente engoliu muito, estando antes com a pele sóbre os ossos.

Em 45 também a seca causou muitos males; mas então não morreu ninguém.

#### REFLEXÃO

As secas em tempos mais antigos causaram horrores nessas Províncias, e na do Ceará principalmente pela indolência do povo, que quase nada plan-

<sup>46</sup> Esta parte do ms. encontra-se arruinada.

tando e vivendo do que a natureza produz espontânea, apenas faltam as chuvas, e por conseguinte essa alimentação, livram sem recurso e chegam a percecer. Tenho ouvido a alguns que a seca de 45 foi maior que a de 25; mas esclarecendo por aquela, esta os não achou tão desprevenidos.

Diz a velha Cosma que quando se entendeu o que se plantava aqui era mandioca, algodão e cana, de que havia algumas engenhocas, que faziam rapadura e aguardente, principalmente uma aqui no povoado de um preto Capitão de Ordenanças Francisco, que fazia bastante rapadura e cachaça.

A cultura principal hoje é da mandioca, e da variedade chamada cravela, e o lugar da serra onde há maior cultura é daqui para o lado de Sobral; planta-se também cana, algodão, e principiam a plantar o café, que deve dar muito bem e além dos legumes milho, arroz, feijão, etc. Há muita fruta, bananas, laranjas, limas, mangas, etc., ananases, mamão. A gente é boa, e a que mora na ...<sup>47</sup> é sadia, ...<sup>48</sup> bem parecida.

Há criação miúda.

---

<sup>47</sup> Esta parte do m. se encontra se arruinada.

<sup>48</sup> Içam.

## 633 Comindé, vila na ribeira do riacho Comindé

Consta principalmente duma boa praça, onde se está fazendo uma boa casa de sobrado; e de uma longa rua, que se chamou Rua de Baixo, e agora lhe dão o nome de Rua do Comércio. Tem mais duas casas com sobrados, a em que mora o vigário e a em que mora o Dr. Paula Pessoa, que me parece a melhor da vila. A matriz é das melhores que temos visto no sertão, excepto a de Sobral, queinda não está concluída. Está toda rebocada de novo, tem uma perspectiva agradável, bem que sem proporções artísticas, e decorada de espécies de arabescos de mau gosto. O corpo da igreja é formado, e a capela maior com bonito retábulo, revestido de elegante tafaria, que [se] está dourada, sendo o fundo branco. As paredes são forradas de papel pintado, as colunas canceladas; o nicho de S. Francisco das Chagas, o trono, que se sustenta em sacrário, tudo é elegante, e de bom efeito.

Tem um bom centro, murado, com tronaria alta, capela no fundo, etc., tudo caiaçado.

Passa pelo meio da vila um riacho, que chamam da Bosta porque vão a ele os fundos das casas; que agora está seco, menos no baixo, onde conserva água estaguada, em razão de barreiros, que ai cavam imprudentemente, e que deve ser nociva à povoação; e que nas grandes chuvas torna-se opulento e invade as casas.

As casas são todas de telhas caiaçadas, algumas de boa aparência; as saídas bem mobiliadas, com portadas pintadas, etc.

Chamou-se este lugar primeiramente S. Gonçalo, provavelmente nome de alguma fazenda, que aqui houve.

Feita a igreja povoou-se o lugar, e teve o nome de S. Francisco das Chagas da Ribeira do Comindé, amplamente S. Francisco do Comindé, e actualmente vila do Comindé.

A capela era filial de Aquirás; e passou a ser freguesia em 1818, sendo seu primeiro pároco o Padre Francisco de Paula Barros, que serviu até 38, com interrupções, em que a igreja era servida por outros sacerdotes, como pelo Padre João Crisóstomo de Oliveira Freire, que está hoje em S. Benedito. Em 1834

entrou o Padre Vigário Manuel Tomás de Rodrigues Campelo, que faleceu o ano passado. Hoje é vigário e Reverendo Padre...<sup>46</sup>.

Antes de ser freguesia foram capelães primeiramente o Padre João José Vieira, que era também administrador dos bens da igreja, desde 1802 a 1812, em que morreu.

#### INSPEÇÃO

Esta vila do Canindé, dizem os moradores que no verão fica quase deserta; a maior parte dos moradores têm sítios na serra, e lá vão passar o verão, que é muito quente aqui; os proletários vão alugarse para trabalho. Então, não só a moradia aqui é triste, mas faltam os poucos reeiros que se acham durante o inverno.

Agora mesmo há grande dificuldade para se comprar uma galinha, capote, ovos, etc.; o que se acha na terra é a carne fresca no dia em que se mata, farinha, milho, feijão, arroz, rapadura, ou açúcar grosso, aguardente, vinho sofrível, cerveja, e pouca fruta; nada de verdura. A água é má, e no verão é pior.

É quente o lugar: há agora muita mosca, e bastante inquinus.

A gente é boa, aveludada, simples; mas em geral de má cor — o que não abona a salubridade do lugar e o que é devido em grande parte à má construção das casas, que são sempre mais ou menos úmidas. Na rua chamada do Comércio, ou Rua de Baixo, muitas casinhas antigas estão abaixo do nível da calçada. Há pouco assento nas casas de gente pobre; e o mau passadio pode e deve também concorrer para o mau estado de saúde do povo.

Fevereiro de 1861

Informações dadas pelo Sr. Antônio da Cunha Marrriros, nascido em 1785, na ribeira do Canindé.

Sendo este lugar denominado então S. Gonçalo sem que ele tenha lembrança de ter havido aqui fazenda alguma\*.

Não sendo compreendida uma porção de terras na margem do Canindé ao lado esquerdo, foi essa aproveitada para se fazer o templo de S. Francisco das Chagas. Uns sujeitos de Jaguaribe, chamados se bem se lembra Puis Caldas\*\*, puseram demanda querendo fazer-se senhores destas terras; mas por morte deles cessou essa questão\*\*\*.

46. Lucas 100 106.

\* O Senhor Cruz Saldanha, disse-me que ali algumas... perto de sua casa, na vila, existe um tronco de queimilha de amoreira, que se diz Nra da casa da fazenda de S. Gonçalo.

\*\* Telvez Chagas.

\*\*\* Elas tinham terras aqui confinantes ao Requengue.

Em 1780 e tantos, de que tem lembrança o nosso informante, não havia nesse lugar nenhuma habitação.

Francisco Xavier de Medeiros, português, morador em Pirangi, foi quem teve a iniciativa de se fazer aqui uma igreja, com esmolas, e auxílios dos moradores\*.

Principiou-se a fazer a igreja em 1789. Foi seu primeiro capelão o Padre João José Vieira; não sabe quando se disse a primeira missa.

Durante a seca de 1892 houve uma parada nas obras, que continuaram depois.

A primeira festa de S. Francisco das Chagas foi em 4 de outubro de 1806.

Os primeiros habitantes mais notáveis desse lugar, e de que ficou lembrança, foram Cipriano Rodrigues Tavares, e Matias Lopes de Azevedo, avô do nosso informante.

Veio depois a família Barbosa Cordeiro, descendente de Simão Barbosa Cordeiro, vindo de Pernambuco.

---

\* Conta que matando na Ribeira do Curu um sujeito, pessoa notável ali, e sendo levado o corpo a enterrá-lo com IHS, chegou lá padre, e foi isso que deu lugar, a se fazer aqui o templo. O mesmo Francisco Xavier de Medeiros foi quem fez a Igreja de Bananeiro, e a de Triz. Diz o Sr. Maurício que vê: o Sacerdote Francisco Xavier andava frei José de tel, frade franciscano, que lhe parece teve também intervenção na feitura da igreja; e que ele o viu arquitetando muitas vezes dizeendo missa, confessando, etc.

## 684 Notícias sobre o povoamento e o desenvolvimento de Baturité

Houve em tempos remotos uma aldeia de índios dirigida por missionários (seculares?) na Serra de Baturité, e no lugar que hoje se denomina — Comum — e de que nenhuns vestígios restam.

Não pude saber de que nação eram os índios, donde vieram, nem quando, nem que tempo se demoraram ali.

Somente o Rev.º Padre Raimundo, atual vigário de Baturité, me disse que existe na matriz uma imagem da Senhora da Palma, que os índios trouxeram de Quixeramobim.

A aldeia desceu, não sei quando, da primeira localidade, que se ficou chamando *Missão Velha*, e agora se denomina *Comum*, para onde existe a atual cidade, e que se chamava *Palmeu*, depois Vila de Monte-Mor-o-Novo, e hoje cidade de Baturité.

Parece que a aldeia ou missão de *Palmeu* não era muito povoada; pois que para se erigir em vila foi necessário ajuntar lhe a missão da *Velha*, exigindo o Díretório para isso 50 casais, se estou bem lembrado. Havia sido em algum tempo missionário desta povoação o Padre José Ferreira da Costa; mas no tempo em que se fez vila paroco que era vigário o Padre Teodósio de Araújo e Abreu.

A velha índia Rita Maria da Conceição disse-me que quando veio para aqui (provavelmente em 1810) a maior parte do povo era caboclo, que ela chama tapuia.

Depois da extinção da Companhia de Jesus, sendo todas as aldeias, tanto as dirigidas por aqueles padres, como por quaisquer outros, criadas em vilas, e consta de documentos que foram mais de cem, foi também nesta criada uma vila.

Consta dos papéis da criação da vila que neste lugar existiam então 3 casas, em uma das quais residia o vigário, outra ficou para Casa da Câmara interinamente, e a terceira para escola. Foram estas casas compreendidas, ou ficaram fora do alinhamento da nova vila? (É provável que as palhoças que serviam de habitações aos índios fossem dispostas e mais aproximadas do rio).

Também consta dos termos de aforamento que passou a nova Câmara aos lavradores, que estavam situados na ribeira do Aracauaba, e mesmo do Poti, que já estes lugares se iam povoando. Contamos 11 destes sítios, que formam compreendidos na legua quadrada de terras (de 1800 braças) que se mediu para patrimônio da vila. E em muitos desses termos veio a declaração de que os donos eram homens brancos.

Estas notícias que pude obter da tradição e dos documentos que existem, são muito incompletas, ou inteiramente faltas, no que diz respeito ao estudo da aldeia, antes de ser criada vila.

Foi a aldeia dos índios de Nossa Senhora da Palma da Serra de Baturité criada em vila, no dia 14 de abril de 1764 pelo Dr. Ouvidor Geral Vitorino Soares Barbosa, com a denominação de Vila Real de Monte-Mor-o-Novo-da-América, sendo seu orago N. S<sup>ra</sup> da Palma, e seu Padroeiro S. João Nepomuceno.

Foi-lhe assinada uma legua quadrada de terras para seu patrimônio, sendo nela compreendido o lugar da Missão Velha.

Assim também lhe foi traçado o plano para a edificação da nova vila, marcando-se lugar, e dando-se as dimensões com que se devia edificar um novo templo, que só pelo zelo de um devoto e esmolas e auxílio dos moradores se levantou em 1809.

Como o Diretório exige pelo menos 50 casais de índios aldeados, para se formarem vilas, e como na Missão de Baturité não havia esse número, se lhe aggiuntou a Missão da Teia, sítio no Quixolom.

Parce que esta vila não teve uma existência muito próspera, porque do que pude obter por tradição da gente mais antiga com que pude conversar, até 1810 ela não apresentava grande prosperidade; havia então pouca gente branca na vila, e os índios viviam vida miserável, sustentando-se principalmente da pesca, e da caça (que faziam com arco e flecha). Não havia ainda igreja decente, nem casa alguma cômoda, não haviam seguido exatamente o plano dado para as construções, de sorte que o quadro não ficou bem regular; muitos dos casarios eram de telha suas de triste aspecto.

A governança da vila se compunha de gente branca e de índios; que eram particularmente governados pelos seus capitães.

Em 1825 a grande seca, privando-os dos recursos da pesca e da caça, e de outros gêneros alimentícios, causou grande dispersão, e mortandade nos índios e dos que escaparam então, um grande número foi devorado por uma peste de besigas horrível; a qual me não souberam dizer em que ano aconteceu; mas que foi pouco depois da seca \*. Com a destruição dos índios foi a vila, e lugares adjacentes se povoando de maior número de brancos, que hoje constituem a maioria dos habitantes do lugar.

\* Foi logo em 1826, quando era ainda mais apertada (José da Costa)

Esta vila foi pouco a pouco perdendo seu primitivo nome de Monte-Mor, e se foi chamando Baturité, provavelmente pela importância que começou a ter a Serra de Baturité, e em 184... foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Cidade de Baturité.

Está esta cidade assentada sobre uma pequena elevação, que com uma pequena quebrada se ajunta à serra, formando dela um mínimo espinho, ao lado esquerdo do qual corre o Rio Aracauaba, que desce da serra, e cujas águas são perenes (há memória de él se cortar em 1823 e 1845 sómente); ao lado direito corre outra elevação do terreno, mais alta, e separada da primeira por uma gruta funda, e além da qual corre o Rio Putiú, que logo adiante se ajunta ao Aracauaba. Vários serrões, ou montes destacados da serra flanqueiam a cidade, formando-lhe um saco; mas ficando a certo distância dela, e não sendo de grande altura, a deixam desbalizada, e em abertura para o nascimento; é portanto o assento da cidade alegre e arejado. Além da matriz, que é grande em proporção ao lugar, e época em que foi feita, há mais uma igreja pequena dedicada a N. S.ª do Rosário, eretta em 1861, e que não foi concluída em suas decorações; (não a vi interiormente). Também à matriz faltam ainda as torres. Uma coisa há a notar-se nesta igreja. O altar-mor, e sua banqueta; o trono, e o retábulo, credências, etc., tudo é feito de tijolo coberto de revoque. Tem colunas, nichos, decorações de tazza, etc., tudo feito do mesmo revoque, e que não deixa de ser feito com alguma elegância. (Já tive ocasião de ver em outras igrejas do sertão, altares mariados de tijolo; assim como em casas de negócio, principalmente em Canindé são os balões feitos de tijolo). A cidade vai crescendo em edificações, as ruas novas vão sendo bem alinhadas, as casas feitas de tijolo, cobertas de telhas ladriilhas, caixadas, etc., e algumas com salas forradas de lona. Têm salas amplas, comunicando de ordinário, por uma porta lateral com as lojas, quando são casas de negócio antas; algumas têm as salas bem mobilhadas, e já há dois belos pianos, um na sala do Comandante Superior, o Senhor Manuel Antônio de Oliveira, outro na do Senhor José Raimundo, cuja senhora toca e canta sofrivelmente.

Têm uma feira, que não está ainda concluída; mas que já serve; tem uma pequena cadeia, com sobrado, e uma outra em ponto maior foi começada e parece abandonada. Há já duas casas de sobrado.

Elavia agora o padre vigário, Raimundo Francisco Ribeiro, o padre José Jacinto Beira, e mais dois que não conheci. Há uma aula de latim com 8 discípulos matriculados, e cujo professor é o Senhor João do Rêgo Falcão, pernambucano. Há uma escola de primeiras letras para meninos, e um colégio para meninas. É comandante superior da Guarda Nacional o Senhor Manuel Antônio de Oliveira, e subdelegado de polícia o Senhor Marçal Gomes da Silveira; o Secretário da Câmara Municipal é o Sr. Simeão Teles de Sousa, e o arquivo possui alguns livros antigos de interesse. São atualmente

Juiz de Direito o Dr. Luis de Cerqueira Lima, Promotor o Dr. Leandro da Silva Freire, e Juiz Municipal o Dr. Antônio Bonito Saraiva Leão Castelo Branco.

Há um médico, que é o Dr. Joaquim Barbosa Cordeiro (formado nos Estados Unidos) e Rotica.

O clima é quente, mas a vizinhança da serra o refreca, e faz suportável (o termômetro, posto na sala de telha-vã, agora no mês de fevereiro marcava de manhã ordinariamente 18 a 19 e uma vez desceu a 17 1/2 e das 2 às 3 horas variava de 23 a 24). Os ventos reinantes são sempre do quadrante de leste, que lavam bem a cidade. Tem este lugar condições para ser saudável; mas não é assim; as famílias se queixam de ter sempre doentes em casa. Agora reinava ali a febre-amarela, a que davam o nome de febre-criaça, e havia já feito algumas vítimas. A gente pela maior parte tem cor pálida; dizem que este lugar foi infestado de bôbas, em outro tempo, as quais faziam ai grandes estragos. Eu penso que grande parte tem, na insalubridade do lugar, o desleixo e o desasseio de habitantes, e a má alimentação da gente pobre. As mulheres sem serem formosuras, há entre elas algumas carinhas bonitas e miúdas. As meninas nas melhores casas trajam bem, e estão em casa vestidas decentemente.

Bezem água do rio Aracauaba, que no tempo das chuvas é muitas vezes turbulentas, e nos fortes ventos dizem que se faz assalobrada. Hoje (25 de fevereiro) me disse o Sr. Domingos da Costa que o Aracauaba congelou-se também na seca de 1825. Havia pão, e sempre carne, bem que não muito boa; galinhas, ovos, e qualquer outra criação é mui rara, assim como leite. Verduras raríssimas: havia laranjas sofríveis, e ameixas.

São aqui durante o inverno as moscas em grande quantidade; e ainda mais em cima da serra, são um tormento para a gente, e pior para os animais, que os podem em desespólio: ensgreçem e mesmo dizem que chegam a morrer.

Onvi calcular-se em 1500, a 2000 o número de habitantes da vila de Baturité; são em grande parte brancos ou mameleucos; geralmente pobres; há porém já bastante sujeitos, que possuem uma fortuna boa para este lugar; mas acumulada principalmente à costa dos lavradores, a quem emprestam dinheiro com juros, e condições pésadissimas. Este estado é sem dúvida devido, da parte do que há, à pouca confiança, que lhe inspira o que toma; e da díste, à sua ignorância, e imprevidência. Tem a gente de Baturité adquirido má fama: foram sempre considerados como homens trampolinas, de má fé, maus pagadores, e jogadores; mas, ajunta-se, não são matadores. Não sei o que há nisso de verdadeiro; mas a usura dos comerciantes é devido como já disse à besteza dos lavradores. O vício do jogo, que com efcito existe, é vício comum do sertão, como o é entre os gaúchos do Sul. A vida pastoril ou do criador tem sempre grande parte do ano desocupada, e na falta de distrações, o entretenimento que naturalmente se oferece é o do jogo, que se torna depois

em hábito, e em modo de vida. O que sei é que achamos a gente do Baturité  
boa, amável, hospitalar, como no resto do Ceará.

A Serra de Baturité, que tem de altura seguramente 1500, a 2000 pés, e  
cuja chapada, se assim se pode chamar, tem, segundo o vigário de Baturité,  
9 léguas de comprido e 3 de largo, e é toda montuosa, à semelhança da nossa  
serra de Petrópolis, excepto os grandes rochedos, que não tem, é fresca, toda  
coberta de grandes matas, e regada de rios perenes, que nascem todos do topo  
mais alto da serra, que é o do Poente, para onde as ladeiras são mui íngremes,  
e cujos rios são metas torrentes, bem que passam durante as chuvas, e correm  
para o nascente, para onde a serra desce, por grandes quebrados, e são o Putjá,  
o Aracanaba, o Candeia, e o Acarapé. Esta serra, digo, é mui própria para o  
café: dá mui bem a cana, todos os legumes, excepto arroz.

8-II-1861

Parece que só em 1804 é que a Serra de Baturité começou a ser cultivada. Era então um grande serrão ou deserto, todo coberto de grandes matas, semelhantes às nossas do Rio, como se vê pelo que ainda existe; muito úmido e muito frio, para junto do Ceará: foram as sècas, que obrigaram os homens a se refugarem para estes lugares. Assim foi depois de uma sèca que em 1809 o sr. Miguel José de Queirós, tio do Sr. João Batista Alves de Lima, que nos dá estas informações, comprou o Riacho das Gamedeiras, que fazia parte do sítio Macapá, e nôo se veio estabelecer pondo-lhe o nome de Conceição; mas correndo melhores tempos para as fazendas de criação, ele voltou de novo para essa indústria, vendendo estas terras a um Francisco Félix, que faltou de meios para a fazer prosperar, e individualizado, entregou-as a seu credor Vitoriano Correia Vieira, morador nas Russas; foi deste que elas passaram a ser possuídas pelo seu atual dono, o Sr. Francisco Pinto Brandão, morador em Sobral, e irmão do Sr. José Formoso Brandão. Este empregou aqui grandes capitais, compreendendo ao mesmo tempo as duas culturas, a da cana, para que fiz estu grande fábrica para a qual havia mandado vir moendas de ferro, e a do café. Não achando porém conveniências no fabrico da cana, a vai abandonando para se entregar sómente à do café. Foi em 1856 que ele principiou o seu estabelecimento. Hoje se acha no Sobral, onde foi por morte do pai; mas não tardará a vir com a família para aqui; e casado com uma irmã do Sr. Marçário.

O Sr. João Batista Alves de Lima, filho de Quixetamobim, assim como sua senhora, comprou em 1853 o sítio em que hoje mora, no riacho de Gramiranga, tendo meia légua de maior largura, e quase todo coberto de matas vírgens, pelo preço de 200\$000 réis. Cultiva principalmente café; de que já nem colhido 1200, a 1800 arrobas, e conta agora com uma safra de 2000 arrobas; confiou, e está aqui a alguns passos de Conceição. Diz que quando para aqui veio em 1853 estava isto deserto, havendo apenas ruínas e taperas dos sítios antigos. Atualmente a povoação tem umas 30 casas, pela maior parte de telha, e foi o Sr. Batista quem primeiro fez telha aqui em 1854, vindo antes disso de muito

junge. Coitecim já a se alinhoreu as casas; e tem uma igreja que não é mais que um barracão coberto de telha, com paredes de pau-a-pique; e barreadas sómente; e assim mesmo mais decente que algumas que tenho visto em outros lugares do Ceará. Havia começado antes uma em cima do monte, que foi abandonada e onde é hoje o cemitério. Parece que foi o Sr. Pinto que fez a mural provisoriamente, com intenção, ou antes enquanto se não faz uma melhor. Tem atualmente capela.

A Serra de Baturité é uma vasta extensão de terreno montanhoso, com contínuas peroncas, todo coberto de grandes matas, na altura de 1500, a 2000 pés sobre o nível do mar, de clima saudável, e de solo produtivo.

A planta que aqui se tem dado melhor é a do café.

A cana, se tida é como a que se está aqui moendo à nossa vista, é má, de nós juntos, e precisa de um e meio a dois anos para amadurecer.

A mandioca não dura mais de um ano a ano e meio na terra.

O milho nem sempre dá bem. O feijão, da mesma sorte. O arroz não dá, ou dá mal. A fruta não é da melhor: a laranja não é boa nem a banana. (Informação do Sr. José Fortunato, que não gosta da serra, e escul arrependido de ter vindo para aqui, e se acha muito desanimado. O Sr. Batista porém, mais corajoso, está mais contente, e fala melhor da terra).

O clima é bom e saudável; nem faz demasiado frio, nem grandes calores; os ventos leste de manhã são sempre frescos e frios. Águas boas.

Quando começaram a alugar sítios aqui, era para fazer roças de mandioca, e legumes; depois começaram a plantar cana, e se fizeram muitas engenhocas, que estão hoje caíndo em ruina porque agora trato-se mais de café.

No entanto não são os cultivadores de café os que têm feito fortuna; são antes os negociantes da Vila de Baturité os que se têm enriquecido à custa dos plantadores, com prêmios exorbitantes, e rida a casca de vexações.

São tâdas as coisas escassas e caras aqui em cima da Serra, na Conceição, e provavelmente nos outros lugares.

Hoje (9) aqui esteve o Sr. José Fortunato e nos deu as informações seguintes:

As terras pagam aqui de foro (ou arrendamento) na povoação à razão de 20 réis ao palmo, com 25 ditos de fundo, por ano.

Terras de cultura, ou sítio pagam a 10 réis o palmo, com 25 de fundo.

O jornal dum trabalhador, é de 400 réis, e alimento; o dum carapina é de 2400 réis, e alimento.

As Capelões que atualmente diz aqui missa se dão 5005000 por 6 meses.

Carne de gado custa 160 réis a libra (sem osso a 200).

" de cevado " 280 réis a libra.

Toxicinho " 320 réis a libra.

Uma galinha	"	1000, e 800 réis (rara).
Um pato	"	1000, e 1280 réis.
Um pern	"	2000, e 2280 réis (raro).
Um óvo	"	20 réis.
Leite	"	160 réis a garrafa (na seca sómente).
Farinha	"	210 réis a terça * (4 tijelas, ou 5 garrafas).
Feijão	"	1000 réis a terça (raro).
Arroz		verde de lora.
Milho		custa 320, e 250 a terça.
Uma garrafa de vinho,	1280.	

As terras nesta Serra, diz o Sr. Batista, não foram tomadas por sesmaria, mas por posses; e a sua divisão é por riachos: no sertão se foram estabelecendo as fazendas pelas ribeiras dos rios e riachos. Assim se diz: Minha fazenda é na ribeira tal; tal ribeira é de muitos bons pastos; situou-me na ribeira tal, etc.

\* Nas vendas, compra-se a 160 e 140 em primeira mão.

## 686      Introdução do café na Serra de Maranguape

28-IV-1861. Maranguape

Foi Joaquim Lopes de Abreu Lage, português morador em Jararauí ao pé da serra de Maranguape (onde há boas laranjas) o que primeiro plantou café nesta serra, cujas sementes, se conta, que se obteve de um cíbulo, que, andando à caça no alto, ou linha da serra de Maranguape, coberto então de mata virgem, descobriu no meio do mato um pé desta planta, que ele desconfiava, carregado de fruto, e apresenta a Joaquim Lopes, estando presente também um sobrinho d'este, Jerônimo Ferreira Braga, os quais conhecendo ser a fruta do cafézito, se decidiu Jerônimo a ir no dia seguinte com o cíbulo, a ver a planta. Com efeito lá foram, mas não foi então possível ao cíbulo achá-la. Enfadado, Jerônimo, e outros que também o acompanharam se retirou, ficando o cíbulo só na diligência, até que entrou o encontrou; e marcando bem o lugar voltou para casa. Voltaram depois lá e acharam com efeito um pé de cafézito carregado de fruto, tendo já em toda grande número de filhos.

A vista disso Joaquim Lopes foi abrir um sítio naquele lugar aproveitando o dito pé de café, e fazendo maior plantação com as mudas que havia em redor. Este sítio ainda existe, com plantação de café. Joaquim Lopes, que tinha grande número de escravos fez ali uma grande fábrica de café.

Este homem morreu haverá 3 anos; e já bastante velho.

O Padre Aratájo, que conta isto de ouvido, diz que veio para aqui em 1825, e então era ainda a cultura pequena do Joaquim Lopes, só para seu gasto, e para dar semente a algum amigo. O que se bebia nesse tempo vinha de Pernambuco e vendia-se no Ceará a 400, e 420 a libra. Na Aratájo ainda se não cultivava café nesse tempo.

Existem ainda nos arredores de S. Benedito alguns amadores da cerveja tapuia, a qual é preparada segundo os preceitos tradicionais dos tempos passados; eles observam-se com tal rigor que o mesmo rei Círcino se entusiasmava se assistisse ao processo; e algum filósofo faria por certo uma longa dissertação sobre o instinto do homem, e o caso não é para menos: ver gente bruta praticar aquilo que a ciência só descobriu após profunda paleja tendo por campeões os Berzedins, os Liebig, os Wöhler, e muitos outros que tais.

As usanças dos Pitingates de Filipe Camarão não se perdendo no meio de outro embrutecimento maior, a que uma administração cega quer dar o nome de civilização.

Vamos consignar os restos dessas usanças, fragmentos dispersos, que só muito superficialmente podemos colher aíncia e rapidez com que viajamos; sirvam de apontamentos que possam ser completados mais tarde por quem não fôr obrigado a fugir perante o tal fantaíma — Orçamento — que nos trazia de corrida<sup>51</sup>.

Conhecemos pelo cauim: é dize uma beberragem fermentada, que embriaga como a garapa azeda, a cerveja, o vinho, a aguardente, etc.. Os selvagens a fabricam para seus dias festivos, para as locubrações e mistificações dos Pajes, os mais refinados charlatães, e finalmente para beberem durante o serviço das noites.

A matéria de que se faz por aqui o cauim é a mandioca, mesmo dessa não usam qualquer variedade indistintamente: a mais apreciada é a *lagesiana*, que se cultiva especialmente para esse fim. Dizem as fuias velhas que ela se distingue das outras pela propriedade particular de curar leucorréias.

Arrancam num dia a mandioca, e só a empregam no seguinte quando ela começar a *ficar*; o cauim obtido dela neste estado é amarelo, e altamente mais saboroso do que o branco, que resulta da raiz fresca.

<sup>50</sup> Cf. *Ciel.*, n.º 812 e *O Progr. Médico*, 1876, (1º vol.), p. 494; neste último, encontram-se pontos de contacto com o presente texto.

<sup>51</sup> Este parágrafo evidencia que o texto foi escrito apóis haver a Comissão Científica regresado do Ceará.

Logo que querem dar começo à fabricação, raspam as raízes e lavam-nas bem, e cortam pequenas rodelas que levam a cozinhar em um grande caldeirão ou pote, no fundo do qual botam uma porção de palha sólida, ou trançada a fim de que se não queime a mandioca; é porém de supor que o motivo dessa prática seja outro; para que a ebulição se faça tranquila, e não por saltos; assim procedem os químicos quando querem dissolver ácido sulfúrico, por exemplo, em que não usam de palha mas de agarras de platina.

Manfim-se a fervura até que a mandioca amoleça, o que às vezes dura 21 horas. Escando ela porém *ensuado*, isto é aquada, como se diz durante o inverno, por mais que se cozinhe sempre se conserva dura; neste caso depois de suficientemente cozidas levam os pedaços ao pilão, onde são pisados, depois tornam a ser misturados com a água, em que ferviram. Se porém a mandioca estava enxuta, e amoleceu bem, deixam-na simplesmente esfriar.

Arrefigeila que esteja aquela sopa, despeja-se em grandes coches; ai agora começa um processo, que o ignorante vulgar chama de asqueroso e nojento e que os descendentes dos adeptos, e dos alquimistas admiram, e aplaudem. Sentam-se à roda dos coches as mulheres; dizem por esse mundo que só as velhas têm esse privilégio; podermos asseverar que isso é para calénia; pois a primeira condição para ter assento em mola do coche são bons dentes, a segundalha limpa; o sopro do cachimbo é prejudicial ao fabrico do cauim. Já se vê por essas exigências que as talas matronas remoçam consideravelmente.

Vantos ao processo que tanto horror infunde: cada mulher tira do fundo do coche pequena porção de massa, e mastiga-a bem, não para subdividi-la, mas para misturá-la com saliva o mais que possível; depois bota-a na mão e a desfaç inteiramente no caldo do coche; continuara neste processo até que não haja mais porção sólida: então lançam dentro água quente em quantidade suficiente para enaltecer até o ponto conveniente o mingau do coche; daí vão logo para as espécies de dormas, grandes potes, ou cabagus realmente colossais com 6 palmos de altura, às vezes mais.

Esses depósitos se acham enfileirados em um quarto especial; começa com pouco a fermentação, que é demorada se as vasilhas são novas, e de espantosa rapidez se estão bem avinhadas, isto é, quando já serviram mais vezes. Mastiga-se a massa de manhã, pelo meio-dia vai a vinhaça para os depósitos, e na madrugada seguinte bebe-se; se porém os depósitos estão avinhados já de tarde se pode beber.

Logo que o cauim está em estado de ser bebido não-he consumo dentro das 12 horas, quando não, frecha, isto é passa a álcool e vinagre.

Antes de passar adiante escurrimos um pouco o químico, que justificaria uma rotina de gente bárbara, e a que os historiadores, e etnógrafos de pernudado sólido, para incubir a própria ignorância, vilipendiam com os epitétos de nojenta, imunda, repugnante, etc. etc. Veremos adiante que outros processos verdadeiramente repugnantes eles admitem, talvez únicamente porque não são praticados por povos a quem se faz uma guerra injusta e sistemática.

A mandioca, assim como a batata, o cará, o inhame, o milho, o arroz, e todos os maiores cereais, que servem de alimento ao homem, contém uma grande porção de amido\*, que é principalmente o seu princípio nutritivo. O amido, ou a goma, o polvilho, como lhe chama o povo, é composto de pequenos grãos, formados de uma massa encerrada em membranas muito tênues acamadas concentricamente em torno de um núcleo: a água fria não altera esses grãozinhos; por isso lava-se a tapioca, a goma, o polvilho de arroz, batata, arroz, etc., mas pela ação do calor estoura a membrana e o seu conteúdo se mistura com água em todas as proporções, formando desde grude consistente até um líquido ralo, viscoso: para esse fim cozinharam os índios a raiz da tapioca; alcançariam seu dúvida com maior economia o mesmo resultado se previamente rassem a mandioca, porém para o processo subsequente é mais vantajoso deixá-la em fragmentos maiores.

O amido na sua composição química contém exatamente os mesmos elementos que o açúcar, e que os químicos chamam em sua linguagem isômeros; mas a sua forma o abriga contra todas alterações e decomposições a que este está sujeito; portanto se quisermos decompô-lo e fazer dele álcool necessariamente devemos destruir essa forma: processo fácil, pois basta a ação dos ácidos diluídos, ou a torrefação; e por esse meio, um corpo refratário é agora atacado com grande ímpeto.

A economia animal consome debaixo da forma de pão, farinha, arroz, etc., enorme quantidade de amido, mas não é tal como ela o recebe que o gasta; é preciso que seja primeiro transformado em açúcar; e para isso a providente natureza dotou o homem com os meios necessários. A química à força de destilar, cozinar, torrar, e precipitar veio a descobrir que a saliva é um poderoso agente para essa transformação. E por isso que se diz com certeza de razão que o pão é de mais fácil digestão, do que a farinha, que pesa no estômago; aquela é mastigado e intimamente misturado com a saliva, enquanto esta engolida quase no estado em que se come, espera no estômago, que pela deglutição lhe seja fornecida a saliva, que deixou de tornar sua passagem; já se vê que os fumistas, que muito cospem, e comem farinha devem sofrer más digestões, e realmente se queixam. Será também por isso que o habitante do Ceará faz a sua farinha cheia de cacoços tão grandes e duros, que o obriga a mastigá-la? Para que a transformação do amido debaixo da influência da saliva seja fácil e rápida é preciso que a temperatura não seja muito baixa, 30° a 100 cent., justamente a que dá o corpo humano.

Veremos agora o que faz o instinto do tapuia: pelo cozinhá-lo desmancha o amido a tal de que se misture intimamente com a água; deixa a mandioca em

\* Conservamos o termo derivado do grego e do latim *amygdala*, tanto mais que o seu adjetivo admitida é *amíldaco*; mas com isto não queremos falar da galiciana de profissão a vejetar o uso da sua amida.

pedaços para ser forçado a mastigá-la e saturá-la com o agente sacarificador, e por fim dilui a massa com água quente para obter a temperatura de 35° a 40°.

Muito homem de burla e capelo, dentro a ponto de exibir sabedoria por todos os portos, e que a força de erudição escorre de tudo quanto não entra na esfera de seus conhecimentos e inteligência, considera a química como arte de fazer *emplastos* e dogmatizando declara que o corpo humano não é retorta. Coitado! Justamente aí é que as leis da química são respeitadas e cumpridas com um vigor sem exemplo. O caboclo, que nada tem de erudição, prepara o seu açúcar de modo mais simples como a natureza primitivamente o faria: se quisessem extrair o amido e torrá-lo seria isso muito mais longo.

Alguns indígenas do sul fazem o seu cajuí do milho; é o processo o mesmo: com o grão poderiam seguir outro indicado pela natureza igualmente, e usado desde tempos imemoriais pelos povos da Ásia, e Europa. No ato da germinação do milho, do arroz, do trigo, da cedea, etc. todo o amido é transformado em açúcar pela diástase; é essa a primeira manipulação para fabricas de cerveja e aguardente dos cereais.

## **F N D I C E S**

## ÍNDICE DO CATALOGO

- Abrantes, Marquês de, 108, 304, 444.  
 Agassiz, Luís, 368.  
 Aguiar, Camilo José de, 593.  
 Aguiar, José Camilo de, 43.  
 Alegria: madeira, 829.  
 Aleluia, Antônio Freire, 47, 167, 168, 200, 320,  
 323, 338, 339, 341, 345, 351, 352, 355, 357,  
 377, 378.  
 Alemão, Francisco Freire: biografia, 35, 36;  
 jubilação, 36, 37; restauração, 336; torna-  
 ções, 6, 12, 13, 41, 42, 48, 50-52; notas de  
 viagem, 795; obras, 62; nome, 7.  
 Alemão, João Freire, 8.  
 Almeida, Manuel Freire, 223, 322, 365, 397, 451,  
 472, 473, 478, 479, 516, 537, 538; auto, 198-200; morte, 19; obra, 62.  
 Almeida, Maria Cristina Freire, 534.  
 Ameirute (stele), 370.  
 Amentes (mata), 300.  
 Alvaro, Joaquim de Oliveira, 880.  
 Alves, Francisco, 191, 273, 304.  
 Alves Júnior, Francisco Teixeira de Sousa, 53.  
 Andrade, Antônio José de Paiva Guedes de,  
 17.  
 Andradea floribunda, 9, 101.  
 Angelim, 504.  
 Anis (limão), 701.  
 Ananá, 692.  
 Ananá, 612.  
 Anaripe (Chapada), 691.  
 Aracipe (serra), 682.  
 Aratambu (Serra); exsicato, 681; vegetação,  
 682.  
 Areia Branca, 692.  
 Areia, Francisco Xavier Lopes de, 229.  
 Areijo, Silvério Fernandes de, 259.  
 Arribimória, 835.  
 Atena, Pedro José, 515, 516.  
 Arião, 816.  
 Arcozelo, 590.  
 Arcozelo florestais, 23, 35, 377.  
 Asclepia gigantea, 461.  
 Assunção, Antônio Marques de, 612.  
 Astrocaryas, 824.  
 Azambuja, Joaquim Maria Nascente de, 214.  
 Azumbuyn, José Bonifácio Nascente de, 424,  
 440.
- Azavedo, Carlos Frederico dos Santos Xavier,  
 de, 438.  
 Azavedo, Francisco Batista de, 200.  
 Azvedo, Francisco José de, 427.  
 Bampundi, Conde de, 518, 519.  
 Baopudi, Marquesa de, 771.  
 Baillou, Ernest Henri, 250, 242, 251.  
 Bainha-de-capada, 587.  
 Barbalha, 703.  
 Barbaea, Jauálio da Cunha, 86.  
 Barbot, 606.  
 Barreto, Fabiano Pereira, 521.  
 Barros, A. Ferreira, 204.  
 Barros, Luís Antônio Moreira de, 318.  
 Batista, Antônio Joaquim, 490.  
 Batista, 684, 726.  
 Baturité (grão-maté), 727.  
 Baturité (Serra), 685.  
 Béu (RIO), 689.  
 Belmonte, Condesa de, 792.  
 Belo, Luis Alvaro Leite de Oliveira, 223, 224,  
 520-529.  
 Bentham, George, 352.  
 Beixigas, 772.  
 Bezerão, Antônio, 489.  
 Bibliografia, 742.  
 Bivar, Luís Garcia Soares de, 459.  
 Blum, K. L., 149.  
 Bona Régia, Barão de, 487.  
 Bonquinho (Serra), 715.  
 Betânia médica (V. *Plantas medicinais*)  
 Brandão, Francisco de Sousa, 427.  
 Brasil, Tomás Parapeu de Sousa, 309, 421,  
 429.  
 Breve, Joaquim José de Sousa, 380, 391, 789.  
 Brignoli (V. *Brignoli, Giovanni da* - 61).  
 Brilo, Francisco de Paula, 129.  
 Brin, Joaquim Mirelino de, 23.  
 Brinari, Robert, 515.  
 Brum, José Zefarino de Menezes, 534.  
 Bruson, Giovanni di Bruson di, 63, 64.  
 Buenos Aires, 786.  
 Bruxa, Edmundo, 248.  
 Bucalabáqui, Carlos, 408.  
 Burlamáqui, Frederico Leopoldo César, 210,  
 394, 426.  
 Caf (etim.), 761.

- Guanambi, 799.  
 Guapé, 592.  
 Guavatiba, 95, 577.  
 Gachouras de Macau: madeiras, 633.  
 Garimba de Pedras, 660.  
 Café, 51%; praga, 518, 519-521, 740.  
 Galápagos, 584.  
 Gaiado, 694.  
 Gávea, Início de Queimada Cetinho Matoso da, 215.  
 Gávea, Francisco Pardão Soares da, 563.  
 Gávea, Manuel Arnáu da, 748, 761.  
 Gama-de-lírio, 561.  
 Gama-de-papo, 560.  
 Ganga Grande, 660: plântio de arroz, 175.  
 Ganga-de-água, 638.  
 Gaudêlio, Alphonse da, 10, 158, 192, 213, 239, 272.  
 Gauindá, 589, 731.  
 Gauindá-umangue, 580.  
 Gávea, Guilherme Schuch da, 123, 162, 242, 288, 343, 579, 588, 592, 402, 405, 424, 425, 435, 467, 571, 498-500, 565.  
 Gávea: patrimônio, 502.  
 Geodragão, 664.  
 Gávea, 601.  
 Cavalho, Geraldo José da, 311.  
 Cavalho, José dos Reis, 129.  
 Castanha-do-paraná, 164.  
 Castilho, José Pellegrino do, 236, 284, 400.  
 Castro, Agostinho Vitor de Beira, 814.  
 Caími, 675, 691.  
 Cenáculo: batismos, 607; casas de viagens, 716, 724, 731; casinheira, 607; casas do santo, 618; clérigos, 724; cônjuges, 620, 658; cunhados do santo, 614; crenças religiosas, 606; cultura do santo, 627, 686; cunhadas, 723; diálogos de viagens, 607-624; exercícios, 623, 658, 673, 688, 693, 697; Igreja, 608; folclórico, 630; paro, 646, 667, 720; missa, 635, 650, 709; Impostos, 136, 191; indígenas, 611, 629, 684, 812; matrícula, 207; 706; missões, 629, 656; liturgia, 609; Igrejas de famílias, 637, 664, 769, 813, 895; missões de catequização, 605; meteorologia, 635, 814; ofícios, 607; prisâncua, 647; plantas, 623, 677, 719; réguas, 621; servitício, 664; viagens, 610, 671.  
 Ceará (Rio): viagem à harpa da —, 828.  
 Centeio, 570.  
 Cerejeira, 68.  
 Chá, 126, 136, 289, 294, 505, 745.  
 Chávez, Florinda Nácula Paula da, 119-121, 186, 142, 292.  
 Chrysophyllum Cestroides, 559.  
 Chrysophyllum glaukophyllum, 596.  
 Chrysophyllum sonneratianum, 600.  
 Chuvá, 576.  
 Chrysanthemum, 580.  
 Córax (Serra), 731.  
 Cordinho, Jerônimo Francisco, 42.  
 Coffea arabica, 584.  
 Colombo, Amélia Guilhermina da Oliveira, 294.  
 Colônia-morbo, 230, 764.  
 Comissão Geográfica de Exploração, 41, 44, 180, 184-185, 293, 193, 196, 199, 204, 205, 208, 209, 211, 229, 225, 226, 236, 238, 251, 280, 334, 337, 340, 345, 344, 346-347, 354, 366, 370, 382, 387, 388, 371-373, 379, 383, 385-390, 392, 395, 398, 401, 411, 418, 420, 421, 423, 424, 425, 436-438, 440, 451, 447, 454, 456, 465, 479, 492, 493, 495, 510-515, 517, 518, 520, 610, 637, 653, 696, 710, 711, 623; Sessão Astronómica e Geográfica, 336, 381, 410, 412, 419; Sociedade Botânica, 184, 219, 208, 212, 213, 708; Sessão Entomológica, 189, 394; Sessão Geográfica, 186; Sessão Micetológica, 224; Sessão Zoológica, 245.  
 Comida, 164 de Serra, 300.  
 Coro Real, Jardim Pampulha, 323.  
 Costa, Antônio José da, 116, 231.  
 Coutinho, João da Silva Martins, 309.  
 Custo: cultivo de arroz, 650; descrição, 654; história, 261.  
 Cruz das Almas, 612.  
 Cunha, 592.  
 Cunha, Fernando Macateneiro da, 378.  
 Cunha, Francisco Caldeira Lacerda, 590.  
 Cunha, J. J. da, 553.  
 Desfolha das árvores, 581.  
 Diários de viagens, IV. *Geografia diária da viagem*, 581.  
 Dias, Antônio Gonçalves, 185, 195, 206, 304, 329, 440, 514, 810.  
 Doméstico, 562.  
 Dourada, 316.  
 Dólar, 11, 823.  
 Eubalheira, 579.  
 Tinga-tinga, 597.  
 Enquadrado, 600.  
 "Estudos Botânicos", 606.  
 Etimologias africanas, 734.  
 Etimologias indígenas, 739, 754, 756.  
 Eusforbitáceas, 587, 601.  
 Fameripanios, 582.  
 Fauz, — Oliveira, 714.  
 Fazenda da Olaria, 750.  
 Fazenda Santa Luzia, 299.  
 Fazenda Santa Mônica, 751.  
 Fazendas-madre, 767.  
 Feijão-amarelo, 291, 552.  
 Feijó, João da Silva, 107, 619.  
 Ferreira, Angelo Miquis da Silva, 506.  
 Ferreira Alexandre Rodrigues, 758.  
 Ferreira Vicente Alves, 580.  
 Ferreira sociabilis, 567.  
 Figueirão, Moncayo do, 531.  
 Vilqueiras, Octávio Alves da Serra, 377.  
 Fischer, F. E. L., 93, 96.  
 "Flora Cearense", 606.  
 Flora, Química, 236, 249.  
 Flora Filtrinensis, 213, 232.  
 Floração em Árvores, 531, 563.

- Fonsêca, Antônio da Corte da, Dc., 749.  
 Fonseca, Luís Carlos da, 205, 306, 540.  
 Freire, Antônia Pereira, 281.  
 Freire, Francisco Gabriel da Rocha, 404.  
 Freire, Túlio, 321.  
 Freire, Maria, 490, 535.  
 Freire, Policena, 184, 329.  
 Freitas, Luís Jacinto de Carvalho, 155, 289.  
 Gabaglia, Giacomo Raya, 190, 228, 350, 361,  
     368, 378, 391, 394, 395, 409, 410, 412, 418,  
     420, 430, 431, 435, 482, 530.  
 Galo, Cacáto de Brito de Sousa, 346.  
 Gama, Beno Lôis da, 417, 418.  
 Gama, Miguel Lôis da, 197.  
 Gama, Nicolau Nunes da, 118.  
 Gauelstein, Francisco Lôis, 353.  
 Garrido, Benedito da Silva, 590.  
 Gattiga, Antônio José Panso, 412, 443, 446,  
     449.  
 Gasparini, Guilherme, 813.  
 Gastroferinae Velluti, 260.  
 Gigogó, 564.  
 Gincôa Brasileiro, 30.  
 GMF, 558.  
 Goisalves, Antônio Marcellino Nunes, 491.  
 Gonçalves, Jean, 237, 260, 243.  
 Gramaham (s.), 118, 120.  
 Gouveia (reino), 264.  
 Guacajuba, 548.  
 Guaramirim, 508.  
 Guava, 580.  
 Guarijuba, 876.  
 Guimarães, Antônio M. Nunes, 416.  
 Guimarães, Vergílio da Costa, 590.  
 Guimão, Domingos Machado Homem de, 218,  
     429.  
 Gura-percha, 820.  
 Hambury, Daniel, 227.  
 Herodotea (sensu), 387.  
 Hunker, Samuel, 520.  
 Humboldt, Alexandre, 321.  
 Hydnophlebia alebawzeoides, 309.  
 Ibiapaba, 505.  
 Ibo, 650, 648.  
 Inflorescência, 589.  
 Inhemirim, Barão de, 1.  
 Inseto, 543.  
 Iovernor do Ceará, 629, 638.  
 Ipu, 666, 708.  
 Iugur, Barão de, 521.  
 Itambé, Marques do, 19.  
 Itinerários, 640, 651, 807.  
 Jacarandá-moçambique, 588.  
 Jacaré, 636.  
 Jacaré-paguei, Marquês de, 732.  
 Jardim, 833.  
 Jatobá (Monte), 636.  
 Jatrophá (sensu), 534, 568, 570.  
 Jolim, José Martins da Cruz, 271, 301, 312,  
     313, 462.  
 Lacerda, Antônio Corrêa de, 254.  
 Lagos, Manuel Ferreira, 278, 309, 440, 453,  
     452, 456, 497, 509, 513, 523.  
 Lajes, Barão de, 810.  
 Lapa, Ludgero da Rocha Ferreira, 192, 153.  
 Lepidophisognathus, 836.  
 Letras, 820.  
 Leal, Síndio Taiten, 385.  
 Letrínias, 822.  
 Leptinotarsa pilifrons, 805.  
 Líria, Agenorinha José de Sousa, 461.  
 Lírio, Antônio Ferreira, 483.  
 Lima, João Franklin de, 189, 207, 340, 404,  
     423, 432.  
 Lima, Joaquim Antônio Guedes, 339.  
 Límpio, Timbelino Alberto de Campo, 324.  
 Lins, Possidório José, 268.  
 Lisboa, Baltasar da Silva, 209.  
 Lishna, Pedro de Alcântara, 296.  
 Lopes, Domingos, 158.  
 Lopes, José Joaquim, 782.  
 Lorde-pálio, 269.  
 Luiz, Fernando de, Dc., 72, 73.  
 Lycosa montana, 537.  
 Macaénduba, 586, 593, 600.  
 Macromelidae (sensu), 390.  
 Macrôn, Sérgio Teixeira do, 537, 510.  
 Macrotis hirsutipennis, 594.  
 Macrôn, Marquês de, 114.  
 Macrôn, Marquês de, 176, 474.  
 Machado, Luís Tauratango da Gama, 407,  
     413.  
 Machado, 118, 144, 322, 351.  
 Madeiras de construção, 192, 800, 854.  
 Madeiras de construção naval, 382, 734, 790.  
 Madeiras de lei, 89, 126, 414, 828, 829.  
 Madeiras do Brasil, 555.  
 Magneismo, 426.  
 Maia, Eudílio Joaquim da Silva, 116, 150, 124,  
     282.  
 Maia, A. M., 170, 474.  
 Maia, Iraci José, 307.  
 Mairicó, 77.  
 Manicoba, 814.  
 Macangnape (Serra), 686.  
 Marapéu, 171.  
 Marandubá, Leôn, 249.  
 Maria-preta, 388.  
 Majá, Marquês de, 251.  
 Marilobo, 94, 558.  
 Marques, Francisco Antônio, 156, 157, 305.  
 Marques, José Clemente, 253, 453, 454.  
 Martins, Francisco, 297.  
 Martius, Karl Freiherr Philip von, 74, 86, 99,  
     94, 95, 107, 108, 110, 126, 136, 142, 146,  
     148, 153, 181, 281, 241, 555, 563.  
 Medicina, 806-808.  
 Medicina popular, 789.  
 Melo, Lourenço Vieira de Sousa, 105, 265.  
 Melo, Antônio Manuel de, 217, 394, 495.  
 Melo, Manuel Fernandes de Sousa e, 218.

- "Menorias Botânicas": 2.º, 585; 3.º, 588; 3.º, 589, 570; 4.º, 572; 5.º, 579; 7.º, 580; 8.º, 582; 9.º, 586.
- Mendanha, 562.
- Mendes, A. Pinto de, 393, 405.
- Mendes Francisco Teles de, Pct., 626.
- Metoca 580.
- Metcalf, John, 152, 230, 244.
- Milho, 586, 589.
- Mimosa sieberi, 595, 596.
- Mimosa triplena, 591.
- Minas Gerais: revestimento vegetal, 791; Re-  
volução de 1930, 289.
- Miranda, Joaquim de, 747.
- Miranda, Silval O. de, 411, 514.
- Mitre, Charles, 527.
- Micraiba, 586.
- Monalves, Conde de, 3.
- Monoguá, Euílio, 828.
- Monreor Novo, 709.
- Montenegro, João Ribeiro, 700.
- Montevideo, 708.
- Monicelli, 29.
- Morais, Alexandre de Melo, 202.
- Morais, João Barbosa de, 537.
- Mora, Inácio José, 493.
- Mora, Angaden, 259.
- Murutípe, 625.
- Mutambá, 254.
- Myracrodruon urundeuva, 690.
- Myrsinaceae fastigiatas, 587.
- Naderio, Antônio, 82, 89.
- Namur, René, 49, 80, 81.
- Naturalista, 722.
- Nesselrode, Conde de, 296.
- Neto, Ladislau, 403, 733, 829.
- Nicotiana, 522.
- Nogueira, Antônio Paulino, 107, 109.
- Nunes, Antônio Marçalino, 373, 391, 513.
- OHL, 578.
- Ólica, 573.
- Óleo-pardo, 587.
- Ólinda, Marquês de, 223-226, 433, 436, 436, 437, 459-461.
- Oliveira, Alexandrino Crispim de, 384.
- Oliveira, Antônio Joaquim de, 291, 346, 318, 349, 354, 368, 371, 383, 386, 387, 390, 392, 398, 402, 407, 538, 539.
- Oliveira, Cândida Barreto de, 281.
- Ophioglossaceae macrophyllum, 561.
- Ordens de Cristo: Habilis de, 17, 18.
- Orióculos, 575, 574.
- Paracatu: café (cigarra), 627; café (introdu-  
ção), 615; cérus, 625; criollo doméstico,  
628; cultura da manjuba, 818; hagiagem,  
626, 629; mudicais, 425; meteorologia, 814;  
moradores, 624; povoamento, 627.
- Pacheco, J. V., 322.
- Padre Chávez, 578.
- Pagan, 70.
- Paião, Francisco Teixeira, 320.
- Palen, Joséjim Pinto de, 591, 592.
- Palmeira Científica, 509.
- Papicu, 547, 551.
- Paráiba, 778.
- Paraná, Visconde de, 26.
- Pau-brasil, 64, 575.
- Pau de moch, 508.
- Pau-de-pau, 584.
- Pau-forquilha, 550.
- Pau-pereira, 586.
- Pedra de Guatáthia, 729.
- Pedro, Daudugos: Ribeiro dos Guimarães,  
273, 302, 303.
- Pereira, Adriano, 832.
- Pereira, Flayano, 481.
- Pereira Filho, João de Almeida, 41, 592, 103,  
202, 204, 307.
- Pesquaria, José Francisco dos Santos, 532.
- Pessos, Vicente Alves de P., 386.
- Petrópolis: Palácio Imperial, 763.
- Pinhões, 584.
- Pinto, Antônio Leite, 519.
- Pinto, João Soárez, 403.
- Pitácora, Joaquim Cacau Ferrandis, 157,  
401.
- Pitupuma, Barão de, 169.
- Pitau, 591.
- Pistárias, 586.
- Plantas aclimadas, 583-585; fecundação, 824;  
ovuladas, 813, 827; pôlos, 508; sistema vascular, 590, 682.
- Plantas da América do Sul, 810.
- Plantas do Brasil, 810.
- Plantas medicinais, 706, 800, 801, 806, 826,  
837.
- Prancha (Hamamelis), 553.
- Praia, 582.
- Pólo-Alpino: Manuel de Andrade, 201, 255,  
256, 258.
- Pterogyne brasiliensis, 591.
- Quelônio, Joaquim Marinho de, 525.
- Quina, 108.
- Ramos, José Edson de Sousa, 211, 229.
- Rangel, Maria Firmina de Abreu, 535.
- Ratcliffe, Leland N. M., 360, 360.
- Ricouso, André Pinto, 48.
- Rebonato, Antônio Pereira, 13.
- Resende, Conde de, 744.
- Revista Medicina, 264.
- Ribeiro, Leopoldina, 584.
- Ribeiro, Valéa, 584.
- Ribeiro, Valéa, 584.
- Ribeiro, Valéa, 584.
- Ribeiro, Valéa, 584.
- Richard, Achille, 90, 127.
- Rio Claro: Bicho do, 526.
- Rio de Janeiro: arquitetura, 708; arquite-  
tura, 723, 743; árvores: florestais, 571, 573,  
575, 577; caça, 734; clima, 777; construções,  
714; crimes, 723; derrubadas, 575; des-  
folha e florescência das árvores, 551; des-  
secção de terras, 703; epidemias, 180, 761;  
escavações, 773; Escola Nacional de 1881;

- 600; febre-amarela, 179; flora, 606; florestas, 500; geografia, botânica, 761; legumes, 713, 715, 730; madeiras de lei, 820, 831; me-lloramento, 146, 302; Meujo do Capela, 749; obitos, 709; Pago da Boa Vista, 740; Passeio Públlico, 743; penitenciárias, 776, solo, 743; urbanismo, 743; zona rural, 794. Rio de Janeiro (Inst.); Academia das Belas-Artes, 87, 308; Academia Filomática, 28; Biblioteca Nacional, 856; Hospital dos Lazários, 302; Instituto Fluminense de Agricul-tura, 415; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 67, 267, 274; Jardim Norâ-mio, 61; Museu Nacional, 245, 247; Socieda-de de Auxiliadora da Indústria Nacional, 153, 249, 282; Santa Casa da Misericórdia, 269; Sociedade Cassino Militar, 242; Sociedade Columbiana, 308, 309; Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, 5, 264, 270, 276; Sociedade de Moçambique, 4; Sociedade Filomática Fluminense, 10; Socieda-de Volodimira, 123, 135, 139, 142, 150, 176, 496, 498, 521, 775, 833. Rio Tocantins, madeiras, 628. Rizzi, Filippo, 76. Rocha, José Caminha, da, 43. Rocha, José Fernandes, 274. Rodrigues, José Barbosa, 774. Rodrigues, Manuel José da Silva, 512. Rohan, Henrique de Brûlais, 144, 368, 604. Rui, Duque P. Louja, 427. *Saccharosae efficiensum*, 563. Sacramento, Leandro do, Frei, 760, 835, 836. Saint-Hilaire, Augusto do, 126, 791, 803. Salvador, 728. Samanha, 84. Santa-Ínsia, 661. Santo Antônio, 682. Santini, João Belchior dos, 698. Santos, Tomás Coimbra dos, 449. Santos Júnior, A. A., 418. São Benedito, 672. São Francisco das Chagas do Canindé (igreja), 706. São José, 642. São Paulo: madeiras de construção, 834. São Paulo (Inst.); Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Comércio e Artes, 84. São Pedro, 720. São Salvador de Campos, Visconde de, 176. Sepomais, 151, 573. Sepsis, 578. Seminário, 71, 85. Semu, Pedro Pereira Coimbra do, 106. Sepetiba, Vizconde de, 166. Sepetiba, Visconde da, 166, 319. Sepéu, Joaquim J. da, 744, 746. Serrão, Custódio Alves, Feti, 189. Seixas, Francisco Rodrigues, 358. Sigmund, José Francisco, 286. Silva, Júlio Acioli de Cerqueira e, 111. Silva, José Alves da, 290, 291. Silva, José Antônio da Costa e, 422. Silva, José Benifácio de Andrade e, 140. Silva, José Francisco da, 324. Silva, José Maria Soller da, 475. Silva, José Maria Velho da, 280, 286. Sojka, José Rebeiro da, 100, 109, 110, 114, 128, 137, 140, 280, 295, 302. Silva, Luís Antônio Marques da, 486. Silve, Manuel da Nascimento Castro e, 266, 270. Silve, Paulo Barbosa da, 88, 92, 98, 106, 109, 115, 121, 136, 138, 216. Silve, João Manuel Pereira da, 132. Silve, Roberto Correia de Almeida e, 357. Silve, Vicente Coimbra da, 357. Silve, Vicente José de Castro e, 317. Silva Júnior, Miguel Antônio, 186, 375. Silveria, M. J. da, 274. Sínodo maranhão, 585. Simão, João Luís Vieira Canção de, 345. Sipipira-Antônio, 567. Soares, Caetano Alberto, 106, 234. Soares, Francisco José, 528. Soares, Gabriel, 574. Soares, M. 573. Soárez, 681. Soárez, Manuel Roberto, 400. Sobrinho, Lopes G., 318. Solet, 743. Sonambulismo, 760. Sousa, A. A. Santos, 484, 485. Sousa, Cláudio Ferreira G. de, 756. Sousa, Feliziano Joaquim de, 531. Sousa, Gregório de Carvalho Moreira e, 169. Sousa, João Almeida da, 190, 511. Sousa, Manuel Antônio Duarte de, 406. Sousa, Antônio Alves dos Santos, 418. Stelluti, Vincenzo, 73. Sucupira, Antônio T., 370. Susano, Fortunata Maria, 527. Susano, José Antônio Pereira, 314. Taitum, L., 177. Tapacurá, 549. Tapacurá-uruacela, 101. Tapubóia, 56, 566. Tapubóia maculatum, 566. Tasso, Tomquato, 137. Tatu, 577. Tavares, Miguel José, 503. Telheria, José Antônio, 194, 382. Telheira Júnior, Manuel, 582. Terner, Michele, 87, 97, 238. Teratologia vegetal, 566. Theca vittata, 586. Theberge, Pedro, 693. Tipuana tipuana, 590. Tolentino, Antônio Nicolau, 329. Tórcio, José Carlos Pereira de Almeida, 561. Tórcio, José Joaquim Fernandes, 245.

- Torreão, Basílio, 505.  
Torres Homem, Vicente, 325.  
*Torresia cerasiformis*, 502.
- Urbanismo, 748.  
*Uraria nitida* (Vol.), 565.  
Uruguaíba, 366.  
Uruburetama (Beira), 730.  
Ucuruana, 509.  
Uzeda, Américo de, 114.
- Vaiderava, Estácio Crispiniano, 140.  
Valente, Tartuca G., 187.  
Valurim, Meire, 536.  
Vandelli, Domenico 143.  
Varnhagen, Francisco Adolfo de, 299, 574.  
Vasconcelos, Bernardo Pereira de, 502, 535, 540.  
Vasconcelos, Maria Freire de, 62, 536.  
Vasconcelos, Nicolau Tolentino de, 364, 417, 419.  
Veiga, João Pedro da, 744.  
Velasco, Violante M. Ximenes de Bivar e, 331.
- Velho, José Mariano da Conceição, Frei, 154, 547, 726, 781.  
Verbena, 581.  
*Viagem à Nova Holanda*, 813.  
Viana, Bras Bernandes Carneiro, 539.  
Viana, Cândido José de Araújo, 15, 18.  
Viana, Joaquim Francisco, 154.  
*Virenia acuminata*, 101, 548.  
Vila Nova del-Rei, 811.  
Vila Velha, 822.  
Vila Viçosa, 678, 679, 704, 722, 730.  
Vindictivo amarelo, 577.  
Virgílio, 736.  
Vocabulários, 787.  
Wied-Napoë, Maximiliano de, 147, 164.  
Xavier, Justino Francisco, 374.
- Zea mays*, 566, 569.  
*Zizaniopsis miliacea*, 586.

## ÍNDICE DOS "ESTUDOS BOTÂNICOS"

- Abóbora*, II, 36; VIII, 119; IX, A, 3; X, 260.  
*Abutilo*, II, 5; IV, 3.  
*Acádia*, VI, 6; 52; 62; X, 292.  
*Acacia-leucocéfala*, I, 219.  
*Acácia*, X, 165.  
*Acantáceo*, II, 33; 47; IX, B, 55; X, 278; XII, 21.  
*Açaí-peixe* IX, A, 36.  
*Achatas*, II, 141; V, 52.  
*Aekariphia spiculata*, II, 32.  
*Aquena*, IX, A, 60; XI, 42b; XII, 5, 30.  
*Adelia minutiflora*, II, 7; IV, 25.  
*Adesmathera anethoides*, VIII, 67.  
*Adesmathera furonina*, II, 35.  
*Adesmathera pentandra*, IV, 50.  
*Adenanteras*, I, 138; V, 70; IX, B, 24; X, 95.  
*Adenanthera*, XI, 7, 7a.  
*Aegiphila*, II, 129; 130; IX, B, 55.  
*Aegiphila peruviana*, III, 73a.  
*Afeliastris*, I, 201; XII, 16.  
*Agati*, X, 163.  
*Agave*, XI, 40.  
*Agave laetida*, I, 190.  
*Aguaçá*, X, 263.  
*Aguari*, VII, 160.  
*Aichmea*, I, 106; 126; 205; II, 62; X, 157; 267; XI, 45a.  
*Aichmea bicolorana*, I, 219.  
*Alecrim*, V, 15; VI, 26.  
*Alecrim-do-campo*, I, 154.  
*Alouatta guaranensis*, VII, 4; X, 73; 174.  
*Alouatta villosa*, VII, 4; IX, B, 79.  
*Alga*, II, 155.  
*Algodão*, XI, 264.  
*Almírica rubra*, VI, 165.  
*Alotus vulgaris*, X, 242.  
*Alseis*, II, 181; VI, 69; VIII, 114.  
*Alaudaria*, I, 113.  
*Alaudaria pluriphora*, I, 30.  
*Aluconátria*, VII, 99.  
*Amazônia*, XI, 19; 55a.  
*Amatocerco*, X, 123.  
*Amará*, I, 108; II, 94; V, 1, 2; X, 190; 230; XI, 26.  
*Amariácea*, XI, 72.  
*Amazônia*, IX, A, 60; IX, B, 61; XII, 6, 30.  
*Ambaro*, IV, 57; VII, 69.  
*Amêixe*, XI, 36.  
*Ameixa-da-índia*, XI, 36.  
*Amomíacea*, I, 27; 102; III, 19.  
*Amomôa*, II, 141.  
*Amores-alveroi*, II, 39.  
*Amores*, X, 147.  
*Amigdálea*, I, 38.  
*Anaxagórea*, IV, 54.  
*Andira agn.* IV, 115; X, 191; XI, 39.  
*Andaca-leucata*, I, 42.  
*Andira inquadrata*, V, 90; XII, 121.  
*Andira stipulacea*, II, 67.  
*Andiroba*, XII, 136.  
*Androeda floribunda*, V, 42; IX, A, 50; IX, B, 99.  
*Angelim*, II, 67; 139; VI, 37; VII, 83; 110; X, 57; 69; 260; 291.  
*Angelim amargoso*, V, 90; VII, 83; 110; XII, 19; 69; 121.  
*Angelim-rosa*, I, 196; V, 45, 66.  
*Argúria*, I, 67; II, 129; III, 71; XII, 122.  
*Asul*, IX, A, 15; X, 126.  
*Annácea*, I, 139; II, 96; IV, 17; V, 71, 72; XII, 54, 87.  
*Antônio*, I, 132; IV, 49, 61; VII, 86; IX, B, 18a; X, 17.  
*Antúris*, II, 35; XI, 90a.  
*Apocíneas*, I, 62; 136; II, 26; IV, 52; V, 60; IX, A, 55; 59; X, 270; XII, 145.  
*Apófisia polyptera*, V, 47, 59; VIII, 38.  
*Aquártio*, X, 147.  
*Araci*, I, 206.  
*Arachis hypogaea*, VII, 59; X, 241.  
*Arácea*, X, 217.  
*Arapoca*, II, 116; IV, 42; VI, 111; X, 161.  
*Arapoca-da-áfrica*, V, 99.  
*Arapuca montana*, II, 66; V, 39.  
*Arariba achiroma*, VI, 94.

- Aralita-branca*, IV, 107; V, 15.  
*Amariba olisura*, VIII, 75; X, 36; XI, 15.  
*Acaiba-vermelha*, V, 35; VI, 64.  
*Arco-de-pipa*, IV, 27.  
*Ardisíacea*, IV, 36.  
*Aristolochia dichotomifolia*, II, 102.  
*Aristolochia grandiflora*, II, 162.  
*Aristolochia macrocarpa*, I, 3.  
*Aristolochia*, II, 120; X, 144.  
*Areca*, VIII, 116.  
*Arctides*, II, 160, 165; IX, A, 17.  
*Arfida*, III, 43.  
*Artemírcas*, I, 170 a; II, 90; IV, 2, 6; V, 19;  
 85; VII, 9, 10.  
*Arzocarpo*, V, 19; X, 47, 73.  
*Arvoz-de-cavalo*, I, 219; III, 241.  
*Árvore do pão*, X, 47.  
*Asclepiácea* II, 23, 149; VII, 48, 49.  
*Aspidasperma peroba*, V, 81.  
*Aspidosperma sessiliflorum*, III, 25; IV, 102.  
*Aspidosperma*, II, 26; VI, 7, 54, 82; VIII, 9;  
 XII, 98.  
*Araçá*, IV, 22; VIII, 71a, 73.  
*Artemisia peruviana*, VIII, 79.  
*Artemisia*, I, 45, 46; VII, 62b; X, 107.  
*Azeitona-do-campo*, VII, 62.  
*Azeitona-do-mato*, I, 71b.  
  
*Babosa*, X, 242.  
*Baccharis*, I, 154.  
*Maculosa*, II, 84, 84a, 89; VII, 49a; VIII, 59;  
 X, 61.  
*Baccharis-do-grande*, IV, 38.  
*Baccharis-do-mato*, IV, 38.  
*Baccharis-do-pequeno*, VII, 14.  
*Bacuraua*, II, 161; X, 3.  
*Baileya-de-espanha*, II, 87, 97; IV, 1e; VII, 9;  
 10; VIII, 71; X, 220.  
*Balanofórea* II, 182.  
*Bamboo*, IX, B, 36a, 52.  
*Bambeira da-terça*, X, 172.  
*Banhúia*, X, 48.  
*Banisteria*, V, 48, 72; X, 45, 226.  
*Banisteria carnicularia*, I, 41.  
*Banisteria ciliata*, I, 43.  
*Baqueruva*, II, 154; X, 3.  
*Batala-inglêsa*, III, 56b.  
*Banthusia tortuosa*, I, 20.  
*Banuiba*, XI, 48.  
*Baúlaria*, IX, B, 57; X, 181.  
*Batrachomoea spectabilis*, IV, 71; VII, 107.  
*Benjamina clara*, III, 25.  
*Benthamia excoecaria* IV, 107; IX, B, 14.  
*Biculina*, IV, 8; V, 23; VI, 56, 79; VIII, 13;  
 X, 13.  
*Bignoniácea*, I, 12; III, 20, 41, 58a; VI, 22;  
 92a; VII, 69, 79a; X, 56; XI, 59a.  
*Bignonia Goiá*, X, 218.  
*Bignonia elegans*, II, 75.  
*Bignonia jasminiflora*, III, 68a.  
*Bignonia lucanthemifolia*, XI, 69.  
*Bignonia scabrida*, XI, 5.  
*Bignonia triplinota*, XI, 7a.  
*Bignonia unguis*, I, 112; II, 119.  
*Bilbergia*, XII, 36.  
*Bixa*, IV, 79.  
*Bixa*, XII, 31.  
*Bijámerico*, X, 41.  
*Bombaria praeuniflora*, X, 46.  
*Bogatim*, III, 58a.  
*Bombaria spectabilis*, XVI, 10.  
*Bombacácea*, XI, 59.  
*Bombax pentaphyllum*, IV, 74.  
*Borragem*, X, 279.  
*Borracha*, I, 7, 73.  
*Brazil*, II, 134, 158; VI, 40, 41; VIII, 106a;  
 IX, B, 29.  
*Bráuia*, IV, 81.  
*Brahma*, I, 28, 82; XII, 14.  
*Brahmaea*, III, 48; VIII, 9.  
*Bromélia*, I, 58, 103; II, 19, 168.  
*Brosínia*, I, 92, 179 a; IV, 7.  
*Brosínia nominatum* IV, 81; VII, 112.  
*Brotia australis*, I, 67.  
*Buganvília*, IX, 38a.  
*Buriti*, III, 34.  
*Buritiácea*, II, 156; X, 156.  
  
*Caspia*, VI, B, 9, 16, 18, 29; X, 230, 236; XII,  
 11.  
*Catuccia*, II, 124; IX, A, 47; X, 141; XI, 60a;  
 XII, 11.  
*Catufina*, XI, 16a.  
*Catufina-parda*, IX, B, 30.  
*Cahol*, I, 164, 194; V, 17, 36; VI, 62, 63; VIII,  
 23; IX, A, 36; X, 235; XI, 34a; XII, 103.  
*Capul-do-campo*, III, 24.  
*Capul pitanga*, VI, 119; VII, 54; X, 21, 266;  
 XI, 21.  
*Caputatinga*, V, 70.  
*Caput-vinhático*, XII, 49, 101.  
*Catuccia*, V, 9.  
*Catuccia*, I, 175; V, 82; XII, 1, 11, 34-39;  
 VIII, 83-89, 91, 101; IX, A, 4, 24.  
*Cactus orientalis*, IX, B, 5.  
*Cactus flagelliformis*, VII, 97.  
*Cactus*, *Othonia*, X, 276.  
*Cactus*, *cory*, X, 199, 200, 277.  
*Cecropia*, *Braziliensis*, I, 181; VII, 105.  
*Cecropia*, *caracasana*, V, 41.  
*Cecropia*, *edulis*, II, 152, 158; VI, 40, 41.  
*Cecropia*, *igneum*, IV, 63.  
*Café*, IV, 48; IX, A, 19; X, 243, 245; XI, 14a,  
 32a, 42a.  
*Café de java*, XII, 53.  
*Cafézinho*, IV, 128.  
*Cajá*, I, 191.  
*Caja*, XI, 49.  
*Cajá-mirim*, VII, 58.

- Cajuciro, I, 6; XI, 31.  
 Caladiu, I, 95.  
 Calidium sonorens, II, 8.  
 Calhamboia, VI, 57.  
 Calyptroanther, I, 81; II, 123; IV, 59; V, 69;  
     VI, 24, 73.  
 Cambuá, II, 25; III, 59; IX, B, 56; X, 16;  
     294.  
 Cambucá, VI, 51; X, 229.  
 Camu-cu-brejo, I, 27.  
 Camuácula, VII, 114; VIII, 44a; X, 247.  
 Camuácula-d'bruca, X, 26.  
 Camuácula-roxa, II, 69.  
 Camela, VI, 60; VII, 90; X, 255, 260.  
 Camela-batista, IV, 101; XII, 53.  
 Camela-dr-verde, I, 118.  
 Camela-prêta, IV, 18.  
 Camela-tapuinha, IV, 80; VI, 71.  
 Camereira, II, 10; IV, 23, 96; VII, 22; VIII,  
     15, 56, 58, 60; VI, 68; X, 185, 281.  
 Canelaria-da-folha-larga, III, 68.  
 Canelaria-da-folha-midiá, III, 67; IV, 124.  
 Canelaria-do-campo, III, 67; X, 284.  
 Canfora, IV, 112.  
 Caújeana, V, 25; VI, 161; VII, 112; IX, B, 7;  
     X, 32.  
 Careca, indígena, XI, 57.  
 Caparúaceas, I, 52; IV, 200; VII, 19; X, 37.  
 Capim, I, 193; II, 161, 165.  
 Capororom, I, 197.  
 Capurá flexuosa, I, 67a.  
 Capurá humilis, X, 244.  
 Capurá leucostoma, VI, 95.  
 Carrapato, IX, A, 30.  
 Caraíma, IX, A, 30.  
 Caraíma, XI, 55.  
 Caraípa-da-grande, XII, 78.  
 Caraípeira-da-grande, IX, B, 10.  
 Carapitá, I, 135; IX, B, 59.  
 Cardamomo, VII, 3; IX, A, 29.  
 Cardamomo-eu-malo, II, 141.  
 Cardo, VII, 161.  
 Careca, IX, B, 48; X, 105, 140; XI, 46;  
     XII, 144.  
 Carex juncifera, IV, 70, 109, 161.  
 Carofácea, X, 101.  
 Caroba, I, 135; II, 61, 73, 142; VI, 55; VII, 45,  
     58, 79a; X, 274.  
 Caspámaria, VII, 5, 6, 18; X, 115; XI, 46a.  
 Cascavel, I, 114.  
 Casceria, I, 149; IV, 22; V, 60; VII, 42.  
 Castan, I, 22, 156; VI, 104; IX, B, 20; X, 128,  
     138, 181, 196, 199; XII, 24, 27.  
 Casta elata, XI, 74; XVI, 6.  
 Casta florulensis, VIII, 49.  
 Casta inaequifolia, X, 150.  
 Casta macrantha, XII, 91, 92, 99.  
 Casta parvifolia, V, 38.  
 Castanha-de-pá, IV, 107; IX, B, 14.  
 Castanha-do-mataúba, IV, 107.  
 Castileja, I, 166.  
 Castigni, II, 121.  
 Castinha-de-poco, I, 98; II, 145; XIII, 6.  
 Castiá, II, 166, 191, 194; V, 54; VII, 17; IX, B,  
     4, 9; XIII, 7.  
 Castroviejo, IV, 132; IX, B, 31.  
 Catuaba, X, 2, 50.  
 Cecropia, I, 184; IX, B, 45, 49; XIII, 3, 12.  
 Cecropia pachana, III, 52.  
 Cecropia peltata, IX, A, 46.  
 Cedro-brasileiro, IV, 19.  
 Cedro, IV, 13; VII, 107; XI, 12, 24.  
 Cedro-brasileiro, VIII, 125.  
 Cedro-brasileiro, VI, 108; VII, 81; VIII, 12, 21.  
 Cedro-brasileiro, III, 60; V, 75; VI, 4; XI, 60.  
 Cedro, I, 108; XII, 16, 57a.  
 Cedroideas, IV, 43, 82; VI, 20, 29; VII, 115a;  
     VIII, 25; IX, B, 18 b; XIII, 93.  
 Centropygia, IV, 125; V, 47 a; VIII, 103.  
 Cephaelis, I, 165; II, 3, 111.  
 Cerejeira, IV, 69; VIII, 18, 19, 76; IX, B,  
     31; X, 24, 268, 296.  
 Centro, I, 28, 56; VII, 66.  
 Chicha, III, 45, 46; X, 196.  
 Chlamisus ruficollis, II, 93; V, 39.  
 Chinguihi, VIII, 28a.  
 Chorisia, III, 38; XI, 5.  
 Chrysophyllum Caesalpini, XVI, 3, 3a.  
 Chrysophyllum tomentosum, XVI, 4, 5.  
 Chuchu, IX, B, 96.  
 Churu, IV, 88, 131; VIII, 46, 115a; X, 72, 209.  
 Chuchuá, VI, 31.  
 Cipó, IX, A, 26; X, 262.  
 Cipó-cabelo, I, 163, 169.  
 Cipó-carijá, I, 109.  
 Cipó-cavu, III, 26.  
 Cipó-de-carijá, I, 108.  
 Cipó-eu-lsita, VII, 80.  
 Cipó-imhá, I, 92.  
 Cissus, I, 76; II, 116, 127.  
 Cítrea, IV, 58.  
 Clavija, IX, B, 42.  
 Clavija ornata, IV, 5; VII, 96.  
 Cleomidae, I, 105.  
 Clidemia, I, 100; II, 45, 50.  
 Clitória, I, 36.  
 Clusiáceas, III, 44a; V, 25.  
 Coimbra, I, 71a.  
 Cobaea scandens, III, 14.  
 Coimbra, II, 71.  
 Coconchoha, II, 83; IV, 77.  
 Coccoloba, II, 83; IV, 77.  
 Coccoloba, I, 147; II, 61; IV, 85; VII, 29a; VIII,  
     95; XI, 51.  
 Coccoloba ciliolata, VIII, 67; X, 230.  
 Coccofermeidae, III, 50.  
 Coccofermeidae, III, 4.  
 Cogumelo, II, 157.

- Calostoma*, I, 23; IV, 122; VII, 12a, 13.  
*Calostoma-de-cachorro*, IX, A, 40; XII, 98.  
*Calostoma-picta*, V, 48b.  
*Calothrix*, XII, 123, 128.  
*Comelináceas*, IV, 37; XII, 76.  
*Comelináceas*, I, 210; IX, A, 11.  
*Comostolida*, VII, 74.  
*Congonha*, III, 2a.  
*Convolvuláceas*, I, 21, 51; VIa: 10, 16, VIIa, 43.  
*Copafiba*, IV, 90; V, 40a; X, 242.  
*Copai-bela-branca*, IX, B, 29.  
*Coparia branca-ruiva-Milha-minha*, V, 10.  
*Coparia-vermelha*, V, 36a, 37; VI, 74; X, 111, 115.  
*Copávora parvifolia*, V, 10.  
*Copávora utileissima*, IV, 90.  
*Copéula*, V, 45.  
*Coral*, I, 209; X, 171.  
*Coralláceas*, I, 52b; 14, 59; V, 40; VII, 91; VIII, 111; X, 224.  
*Coronilla glauca*, XII, 46.  
*Cortar*, IV, A, 46.  
*Cortar apicatus*, I, 7a.  
*Couzaupe*, V, XI.  
*Coutinho*, V, 49a.  
*Coutinho speciosus*, I, 3.  
*Crotonetia*, I, 124; X, 141.  
*Crotonetia luizete*, IX, A, 45; XII, 41.  
*Cravo*, XII, 183, 185.  
*Cupulocassia*, I, 158; IV, 12, 101; VII, 20; VIII, 82; X, 64.  
*Cuscolabálica*, VII, 32.  
*Crisálidos*, II, 89, 92, 117; IV, 11; V, 16, 68; X, 229; XI, 27a.  
*Cromatofílos*, I, 16; X, 119.  
*Crôton*, I, 9; V, 2a; X, 180, 210.  
*Crotalinae*, II, 17.  
*Cucurbitáceas*, I, 50; III, 71, 72; X, 112; XII, 19.  
*Cunharana-de-chivim*, IV, 175a.  
*Cupania*, II, 25, 27; III, 39; VI, 102; IX, B, 56; X, 60, 294.  
*Cuphea heterocalyx* XII, 66.  
*Cunari* IV, 104-106; VI, 68, 100; VII, 70; IX, B, 13.  
*Cuscuta*, II, 122.  
*Cuscundem*, VII, 40; VIII, 27.  
*Cyathoxanthiophylla*, III, 41.  
*Cynometra*, II, 30.  
*Cysticerasma velutostylis*, IV, 10a.  
*Cystopodium*, II, 140.  
*Dactyloaena*, X, 86.  
*Dalbergia*, I, 101, 108; III, 29; VI, 38; X, 39; XI, 56.  
*Dalechampia pseudopeltata*, I, 186.  
*Damasonium* de-india, I, 59.  
*Daphnopsis*, VI, 3.  
*Davallia*, I, 198.  
*Dermodium argenteum*, X, 147.  
*Dichorisandra*, I, 117, 119.  
*Dicliantáceas*, V, 30.  
*Dicopetalera*, V, 74.  
*Diclietaria*, XII, 97.  
*Dinorphandra exaltata*, XII, 146.  
*Dioscoreáceas*, I, 69; VIII, 50; XI, 98.  
*Diospíro*, V, 61; VI, 109; IX, B, 6; X, 52; XII, 59a.  
*Dipterocarpo*, II, 64.  
*Ditsalis*, IV, 18.  
*Ditaxis aculeata*, XII, 39.  
*Dolichos*, IX, B, 10; X, 262.  
*Dolichos acutus*, I, 148.  
*Dolichopus*, II, 112, 133.  
*Doliverpia tesselliflora*, I, 160.  
*Dosesteia*, VI, B, 9, 16, 18, 29; X, 235, 250; XII, 11.  
*Dracena* III, J, 2.  
*Drypetes caudata*, VII, 51.  
*Drypetes resiliens*, IV, 18; V, 21; VII, 119a.  
*Duguetia*, VI, 5; VII, 76.  
*Dulachia*, I, 60; X, 205; XI, 35.  
  
*Ecartophyllum*, V, 40.  
*Eckites*, I, 185; 196; II, 115; V, 12, 43a; X, 10; XI, 1.  
*Ecblatu*, VII, 57; VIII, 8; X, 78.  
*Embriogynus hymenox*, IV, 70, 108, 109.  
*Endiá amarelo*, VI, 107, 118.  
*Endiá-branco*, XII, 66, 70, 71.  
*Epidendro*, I, 56; III, IV, 4.  
*Eriaria*, II, 9; V, 89; VII, 102; X, 187, 246; XI, 54.  
*Eritromices*, I, 102, 157; IV, 22; VI, 110; VIII, 99.  
*Erva-cóloga*, IX, A, 57.  
*Erva-de-garrinha*, IX, A, 4; IX, B, 89.  
*Erva-de-são-jão*, IX, A, 58.  
*Erva-didílio*, IX, A, 57.  
*Erva-ferão*, X, 46.  
*Erythrina crista-galli*, III, 12.  
*Erythrina isupetale*, I, 206.  
*Erythrina sphacelata*, III, 6, 7.  
*Erythrina spathacea*, III, 6, 7.  
*Erythrina variegata*, II, 13; IV, 26.  
*Eidema*, I, 159, 187; II, 58, 186; IV, 90; VIII, 65.  
*Eupiliace*, II, 7.  
*Espinheiro-de-murici*, X, 125.  
*Espirradeira*, IX, B, 35.  
*Eterciáceas*, III, 33, 34, 46, 48; V, 14; X, 198; XI, 16.  
*Euphorbiáceas*, II, 40, 97, 98, 105; III, 5, 10; IV, 10, 14, 23a, 29, 40, 52; V, 56; VI, 28, 32, 112; VII, 30, 34a, 64, 82; VIII, 68; IX, B,

- 27, 93; X, 75, 86, 170, 172, 174, 176, 179, 180, 201, 204, 209; XI, 30a, 53; XII, 8, 19, 17a, 20, 74.  
 Eugénia, II, 53, 113; III, 18; IV, 76, 130; V, 5; VI, 1, 26; IX, A, 26; XI, 77a; XII, 52.  
*Eupatorium*, IX, A, 36.  
  
*Faramea*, I, 141, 179, 180; II, 69.  
*Festuca*, IV, 120a; X, 146, 269.  
*Fava de serra-mirim*, I, 84.  
*Fejão*, XI, 45b.  
*Frijão-preto*, XIII, 29.  
*Frijão-de-campo*, VIII, 36, 108a, 120, 121; XII, 61.  
*Ferreira spectabilis*, VI, 13, 58, 99.  
*Festuca*, I, 86; II, 6; XI, 59.  
*Figueira*, IX, B, 62.  
*Figueira-branca*, VII, 16.  
*Filodendro*, I, 93, 96; XII, 6.  
*Fistulaceas*, I, 61; II, 57.  
*Fouemba russa*, VIII, 76.  
*Fortuna*, III, 43.  
*Foureya-gigantea*, I, 190; IX, A, 54; X, 143.  
*Franca de cunha*, I, 31a; X, 124.  
*Frechata*, XII, 59.  
*Fungo*, II, 12.  
  
*Gaépia dicotoma*, VI, 131.  
*Gaépia fontanesiana*, I, 143.  
*Gaépia macrophylla*, I, 133.  
*Gaépia*, I, 90; II, 112; IV, 42; X, 161.  
*Galega*, X, 238.  
*Gardénia*, I, 54, 73, 74; II, 15, 77, 102, 103; IV, 90; IX, D, 40.  
*Garcia*, III, 38; XII, 7.  
*Gelasmidias*, I, 201; IV, 48; XII, 25, 26.  
*Geissospermum Petrosa*, IV, 61.  
*Graphis*, I, 138.  
*Genardia*, IV, 26; VIII, 102.  
*Gengibre*, I, 6.  
*Genneria*, XII, 146.  
*Gigoga*, XI, 59.  
*Goiabeira*, V, 5; XIII, 39.  
*Gólio*, I, 211, 213; X, 205, 207.  
*Góndis*, I, 107; X, 196; XI, 15.  
*Grama*, XII, 16.  
*Grão-de-galo*, I, 43.  
*Grafina*, XI, 74.  
*Gromatia*, II, 2.  
*Guapeba*, IV, 67; V, 23, 28, 40; VII, 21, 24, 53, 59; VIII, 16; X, 89, 93, 95, 216; XI, 20a.  
*Guapóia*, XII, 68.  
*Guarabu*, V, 21, 57, 73; VII, 22; X, 133, 209.  
*Guarajá*, V, 80; X, 34; XI, 83; XII, 76.  
*Guaracema*, XI, 42a.  
*Guaracá-da-venezuela*, VII, 106, 119.  
*Guaraitá*, VI, 80; VIII, 8a.  
*Guarajuba*, IV, 37; V, 43; X, 99.  
  
*Guaraná-ava*, VI, 37a.  
*Guarapébá*, II, 92, 119; IV, 21; VII, 20, 72; VIII, 44; XII, 134, 141.  
*Guarapipunha*, V, 47, 55; IX, B, 16.  
*Guararema*, IV, 87; X, 35, 232.  
*Guaratiba*, X, 91; XII, 191.  
*Guaratucu-bó-de-luz-branca*, X, 98.  
*Guarana*, VI, 49; X, 189, 261; XII, 90.  
*Guare*, I, 10; X, 156, 251, 256.  
*Guarita*, X, 33, 232.  
*Guarita*, I, 63.  
*Guatá*, I, 134; II, 96; IV, 41; VIII, 14, 52.  
*Guaxim*, X, 26, 107.  
*Guaxim*, V, 14; XII, 72.  
*Guiri*, II, 90, 101.  
*Guia-porcha*, XII, 8.  
  
*Habenaria*, I, 46, 142; XII, 116, 120.  
*Havia*, II, 144.  
*Holisteria*, X, 102.  
*Houaria coriaria*, XII, 55.  
*Hückelhavia*, I, 59.  
*Heliconias*, V, 65.  
*Herbeutes lanigerus*, XII, 121.  
*Heterophyllum*, X, 54a.  
*Heptapodium*, I, 121.  
*Hexadenia*, II, 99.  
*Hibiscus*, I, 49; II, 16.  
*Hieronyma alchorneoides*, V, 82; VII, 71; X, 97.  
*Hignella (planta)*, IX, B, 94.  
*Hipocrite*, II, 45.  
*Hippocrateas*, IV, 23, 49.  
*Hirteleia*, IV, 98; V, 58; XI, 61a.  
*Horta grama*, IV, 5.  
*Hornella-aa-colônia*, XI, 9a.  
*Humiriaceas*, XII, 84.  
*Hydrophylax aculeolifolia*, XII, 85.  
*Hydrostachys*, V, 22.  
  
*Ideas*, III, 72; V, 44, 56a; VI, 66; X, 112; XII, 50, 117.  
*Idocetos*, I, 26.  
*Imbutiba*, I, 184; II, 37; VII, 117; IX, B, 22, 23, 26; XI, 28a, 57a; XII, 4, 5.  
*Imbaú*, I, 94, 96; IX, B, 69; XII, 6.  
*Imbiriba-açucareiro*, II, 96; IV, 41.  
*Imbiriba-preto*, X, 10.  
*Imbiricaria*, I, 56, 57.  
*Imperador*, I, 68; XI, 6.  
*Inga*, I, 183; III, 28a; IV, 45; V, 31, 89, 91, 112, 12; VII, 49, 86, 103; VIII, 54, 100.  
*Inga-acuminata*, VII, 102a; X, 181; XII, 68.  
*Inga-frijão*, VII, 87; X, 151a, 167; XII, 55a.  
*Inga-grande*, X, 181.  
*Inga-suá-ida*, V, 39; X, 151a.  
*Inga-purpurea*, III, 8.  
*Tulipas*, IX, B, 91.  
*Ipê*, VII, 109, 113; IX, B, 3; XII, 59.  
*Ipê-aze*, VI, 91, 91a, 108; X, 76; XII, 14.

- Ipé-batata, VI, 92; 96; 113; XI, 77; XII, 67; XVI, 1, 14.  
 Ipé-do-campo, II, 39a; 49; 49; VI, 95; VIII, 48; IX, B, 11.  
 Ipé-mirim, IV, 12a; VI, 97; IX, B, 32; XII, 12.  
 Ipé-rosa, XII, 49.  
 Ipé-roxo, XII, 51; 151.  
 Iporanga, II, 20.  
 Ipteliá, IV, 12a; V, 47a; VI, 121; VIII, 104; 106a; IX, B, 28.  
 Isocia, VIII, 107.  
 Itaco, XII, 13.  
  
 Jacarandá, I, 139; II, 61; 78; III, 52; V, 56; 70; XI, 56; XII, 64; 102.  
 Jacarandá-bananeira, X, 115.  
 Jacarandá-cubatona, XI, 16a.  
 Jacarandá-de-estúdio, IX, A, 65.  
 Jacarandá-de-verão, X, 115.  
 Jacarandá-do-campo, II, 5'; VIII, 42; X, 32; 115.  
 Jacarandá-felizão, X, 52.  
 Jacarandá-roxo, IV, 77; XI, 20; XII, 100.  
 Jacaré, V, 62.  
 Jacaré-pé, IX, B, 10.  
 Jacunda, I, 11.  
 Jambu, I, 206.  
 Jaquá, X, 13; 52a; 240.  
 Jarucaia, II, 72; XII, 144.  
 Jasmim, I, 5.  
 Jasmim-da-índia, III, 57a.  
 Jasmim-de-espécie, III, 57a.  
 Jasminum grandiflorum, III, 57a.  
 Jasminum Simblic, III, 56a.  
 Jatobá, VIII, 109; IX, A, 37; XI, 22; XIII, 38.  
 Jatobá-roxo, IX, A, 12; 13.  
 Jenipapo, I, 172; 248.  
 Jequitibá, VI, 34; 35; X, 287.  
 Jequitibá-do-brasileiro, IV, 127; VIII, 58a.  
 Jequitibá-vermelho, IV, 112.  
 Jenit, V, 22; VI, 58; IX, B, 83; X, 88; 106; 232; XI, 16.  
 Jijó-velho, XII, 156.  
 Jiló-vermelho, III, 57; 61.  
 Jiru, XII, 30.  
 Jundiá-áfrica, XI, 78.  
 Jumambá, VII, 7; 11.  
 Justicia, I, 153; 178; II, 33; 17.  
  
 Lábarip, IV, 67; V, 28.  
 Lagedoia, VIII, 112; XII, 18.  
 Lageridium ramosissimum, I, 37.  
 Larana, I, 102.  
 Larantea undulata, I, 17.  
 Larana, II, 13; VIII, 117; IX, B, 49.  
 Laracijá-de-ambigo, VII, 29.  
 Laraneira-de-natal, VI, 122; X, 71; XII, 9.  
 Lasiandra, X, 7.  
 Lauráceas, II, 40; 76; 137; III, 23; 60; IV, 12; 28; 53; 69; 83; 124; V, 6; 82.  
 Lauráceas-tormentosa, I, 20.  
 Leandra, II, 48.  
 Leptides, IV, 105; VI, 38; 50; IX, B, 15.  
 Leguminosas, III, 24a; 29; 79; IV, 19; 50; 110; 126; V, 64; VII, 26; 32; VIII, 2, 15; 42; 45; 67a; 69; 110; IX, B, 21; 85; X, 106; 207; XII, 65.  
 Lemurina, IX, A, 56.  
 Lemurina cordifolia, XI, 42d.  
 Lemnáceas, X, 81; 203; 203a.  
 Léonis, III, 23; VII, 106a.  
 Liliáceas, I, 159.  
 Linho, IX, A, 49.  
 Linho, XIII, 57.  
 Linocéimo, VI, 20.  
 Linódea, I, 45.  
 Lingua-de-vaca, IX, A, 41.  
 Linum-baumii, I, 202.  
 Litchi-do-piapuano, XII, 132.  
 Lobiáceas, I, 244.  
 Lobélia, XI, 28.  
 Lophiaceas, X, 222.  
 Lorantháceas, IX, A, 6; IX, B, 88; X, 44; 68; XI, 65; XII, 150.  
 Lotus Glacialis, IV, 126.  
 Lutetia maculiflora, IV, 196a.  
 Lutero, I, 120.  
 Lúcio-batata, V, 46.  
 Louro-branco, V, 46.  
 Lurama, I, 105; II, 88; IV, 76; VI, 81; 82a.  
 Lufa, II, 54.  
 Lutetia, II, 114; 180; V, 86; X, 42; XI, 8.  
 Lumbéridia amphibia, II, 87.  
 Lychniscaea leontina, V, 40; X, 49.  
  
 Mahónia, VI, 30.  
 Magalháesia, XI, 56.  
 Macaúpeba, VI, 27.  
 Macaranduba, IV, 34; VI, 49; 50; VIII, 3, 39; XII, 50.  
 Macaranduba-penitente, X, 189.  
 Macchia, VI, 117.  
 Magalháesia, II, 147; IV, 23.  
 Malpighiáceas, VII, 115; X, 59b.  
 Malváceas, II, 5; IV, 8.  
 Mamão, X, 136; 138.  
 Manoelina-cóqueiro, V, 14.  
 Manoé, VII, 3, 6; X, 112.  
 Manoé, VI, 88a.  
 Mandioca, IX, B, 36; IV; XI, 55a.  
 Mangalô, V, 45.  
 Mangue, I, 73; VII, 143; X, 20.  
 Mangue-do-campo, I, 81; 150; X, 212.  
 Mangueira, VII, 98; X, 203.  
 Marikot ulicinum, X, 151; 158.  
 Marquênia, III, 28; IV, 77; V, 70; 86; VI, 36; 37; 47; 48; 70; 86; 88; 87; 90; VIII, 6; X, 87; XI, 24b; XII, 36; 69; 90.  
 Maracujá-grande, XII, 31a.  
 Maracujá-mirim, X, 90a.  
 Maracá, I, 121; 122; III, 19.  
 Maravilha, I, 115; IX, B, 88; X, 203.  
 Marceváceas, III, 44.  
 Marfim, II, 20; IV, 31-35; 60.  
 Mariana, IX, B, 54.  
 Maria-preta, IV, 16; VI, 83; VII, 55; XII, 45.

- Manirio, I, 751; X, 16, 104; XI, 59a.  
 Marquedavia, XII, 137.  
 Marsipiauto, VIII, 84.  
 Mata-pasto, X, 120.  
 Mata, III, 9.  
 Matematica, V, 14.  
 Maxixe, III, 64.  
 Mayna *beccariana*, II, 42.  
 Melanocrito, IV, 87.  
 Melodocrito, IX, 8.  
 Melodocrito carinato, IX, B, 3, 57.  
 Melostomaceas, II, 85; IX, A, 58; X, B, XI, 41a; XII, 86; XIII, 10.  
 McEneas, I, 135; IV, 86; VII, 19; VIII, 58; IX, B, 7; X, 109, 182, 215.  
 Melothria pendula, I, 170.  
 Melodabli, VII, 99; X, 241.  
 Melophaeaceas, X, 206.  
 Melomela, V, 67; X, 221; XI, 25a; XII, 76.  
 Melosia, I, 41; VI, 20.  
 Mesiodaphne, VIII, 61.  
 Mesiphites japonica, XI, 90, 300.  
 Metrodoreas, I, 106; II, 94; V, I, 2.  
 Metteniusia primaria, X, 28.  
 Microtachis, I, 56.  
 Milbo, IX, A, 13; X, 3, 79, 80; XII, 160, 161; X, 71, 10-26, 28, 31.  
 Milbo alucante, XI, 96.  
 Milbo-azulão, VII, 108a.  
 Milbo-d'angola, IX, A, 31, 52.  
 Milboan, XII, 3; X, 125, 278.  
 Milostomaeas, IV, 45; V, 58, 84.  
 Minerva judicium, V, 78.  
 Minuaria, IX, B, 44.  
 Minuaria elegans, IV, 84; VI, 49, 50; VIII, 3, 50.  
 Minuariaeas, I, 57.  
 Minuariaeas, IV, 8; V, 28; VI, 35, 56, 79; VIII, 18; X, 16.  
 Minuariaeas, VIII, 22; XII, 41.  
 Minuário, XII, 40.  
 Minuário, I, 107; IV, 2, 6.  
 Minuáreas, III, 13; IV, 30, 55, 61, 76; VI, 1a, 39, 7a; VII, 27, 53; X, 100, 241, 283; XI, 70a, 73a.  
 Minuáreas, I, 61.  
 Mociciba, II, 24, 29; IV, 18; VI, 83; VII, 58; VIII, 4, 101; XII, 45, 47.  
 Megaphanes, I, 26; II, 38.  
 Melodocrito floribunda, V, 80.  
 Melodocrito speciosa, V, 90.  
 Mengozia, IV, 76, 91.  
 Mengozia, IV, 57; IX, B, 36.  
 Mengjalo, V, 36, 64, 84; VI, 68; X, 292.  
 Mengjalo-de-mato, X, 109.  
 Mengjalo *plumosa*, III, 30.  
 Mecoma, I, 148; II, 24; X, 90, 148, 154, 159, 213.  
 Meluhu, II, 143.  
 Melungu, II, 143, 146; X, 183.  
 Meriri, VII, 47.  
 Merito, I, 56.  
 Messa, X, 173.  
 Meisgo, IX, A, 52.  
 Myrcia, I, 96; II, 109, 121; IV, 66; XI, 45c.  
 Myrsinaceas, Bleiche, V, 23.  
 Myrsinaceas justiciana, V, 2; VI, 13, 69, 70.  
 Myrsinaceas monodonta, V, 56; VI, 13, 69, 70.  
 Myrsinia, I, 63; II, 145; V, 78; XIII, 9.  
 Myrsinum, I, 177.  
 Myrrhinium *strigicarpion*, II, 22.  
 Neetändreas, I, 158; II, 78, 110; III, 58, 87, 98; VIII, 93.  
 Nemotrichum, XVI, 7.  
 Nesiota Gleichen, IX, B, 35.  
 Neurocarpo, XIII, 25.  
 Nhamu, III, 51a.  
 Nhandivaba, I, 84, 85.  
 Nimbosa, XI, 29.  
 Nictaginaceas, IV, 79; V, 42, 43; IX, A, 45; IX, B, 70; X, 51a.  
 Nimbosa, I, 10, 212, 223; VII, 65, 66a; X, 200, 272; XI, 49, 50, 52.  
 Nissolia, IV, 57; V, 27a; VI, 97; X, 56; XI, 27.  
 Nogueira, IX, B, 45; XI, 422.  
 Nostocas, II, 41.  
 Nympheea Rudgeana, X, 203.  
 Odont, I, 211; II, 73; IV, 12, 53, 80.  
 Odont, VII, 35, 109; XII, 81.  
 Odont campastris, VII, 124.  
 Odont, IV, 80; VIII, 20; IX, A, 5; XII, 108, 109; 110.  
 Odont, XII, 68.  
 Odontea, I, 113; II, 36; IV, 99; V, 26; X, 10, 264; XI, 72; XII, 95.  
 Odor-pardo, V, B, 50; VI, 13, 59, 59.  
 Odor-vermelho, VIII, 22; IX, B, 36b; XII, 41.  
 Odómeda, IV, 9; V, 19; X, 75.  
 Omphalodium, II, 4; VII, IV, 15a; XII, 124.  
 Ondárias, II, 34, 76; IV, 4; VIII, 98; XII, 30.  
 Ondárias, I, 171; II, 41.  
 Ophidion *macrophyllum*, I, 210; V, 20, 32; VI, 19, 19a, 98; VIII, 7; XI, 74.  
 Opuntia, VII, 28, 46, 56; IX, B, 65; XI, 43.  
 Ora-pre-turbis, IX, A, 24, 28; IX, B, 57, 77; X, 292; XII, 136.  
 Ormosia, I, 25; XII, 25.  
 Orquídeas, I, 127, 140; II, 34, 35, 50, 74; III, 53, 58, 78; IV, 7; VII, 27, 78; IX, A, 8, 9, 22, 28; XI, 1, 39; XII, 6a, 11, 57, 67, 73b; XIII, 29, 33, 35, 113-116, 139.  
 Orthia, I, 160; II, 112, 184; X, 127.  
 Pachira, IV, 74.  
 Paineira, III, 32; XI, 3.  
 Paficouva, IV, 75; V, 78a.  
 Palau, VII, 41.  
 Palmevina, VIII, 116a.  
 Papaya, X, 140.  
 Papilionáceas, X, 186.  
 Paracita, I, 165; II, 109, 122, 134, 144; III, 18; XI, 65, 68; XII, 5, 22, 24.  
 Passiflora, I, 120a; II, 80; IV, 69; X, 90, 105, 122, 201.  
 Pau d'água, VIII, 50, 61; XII, 128.

- Pau-de-canudo, II, 84, 86, 147; IV, 73; V, 9, II, 21.  
 Pau-de-colher, V, 42a.  
 Pau-de-corda, V, 41; X, 290.  
 Paulinia, I, 144.  
 Passiflora quadrangularis, VI, 37a.  
 Passo-hercules, X, 36; XI, 14, 45.  
 Passo-vintém, II, 154; X, 3.  
 Passaria, I, 148; IV, 62.  
 Passiflora, III, 10; X, 175.  
 Passaria, X, 105.  
 Passiflora quadrangularis, XII, 156.  
 Passiflora quadrangularis, V, 73.  
 Passiflora quadrangularis, V, 57.  
 Passiflora quadrangularis, V, 21.  
 Passiflora quadrangularis, VIII, 122; XI, 226.  
 Passaria, II, 26, 47, for VIII, 90.  
 Pequod-águia, III, 25; IV, 192.  
 Pequod-águia, VI, 82.  
 Pequiá, X, 183, 238.  
 Pequiá (Fluminense), I, 191.  
 Pequiá (Ceará), I, 191.  
 Pequiá, V, 46, 60.  
 Pequiá (Paraná), I, 196.  
 Pequiá, I, 191; VII, 2; X, 183, 271, 288; XI, 291, 61.  
 Pequiá, V, 81; XII, 36, 57.  
 Pequiá, VII, 27; X, 204, 261.  
 Pequiá (Myrsinácea), III, 39.  
 Pequiá, IX, 8, 55.  
 Pequiá, III, 33, 56.  
 Pequiá, spiralis, II, 2.  
 Pimenta, I, 126.  
 Pimenta-cunhaia, III, 68.  
 Pimenta-de-cheiro-do-vermelho, IX, A, 18a.  
 Pimenta, IX, A, 7, 12, 19, 16; IX, B, 81; XI, 29, 59b, 82, 41, 42, 42a; XIII, 34, 36.  
 Pipocá, I, 118; II, 217.  
 Pipi, VII, 12.  
 Piraúba, III, 48.  
 Piraúba, I, 14; II, 41; III, 27; IV, 63; VIII, 39, 64; IX, B, 69, 71, 73, 74, 75; X, 77; XI, 56a; XII, 111.  
 Piscidia glabra, IV, 24; V, 43.  
 Piscia, VI, 19; XI, 26.  
 Pitraja, IX, A, 54; X, 143.  
 Platimídia, VII, 101.  
 Platypodium elegans, III, 52.  
 Plectranth, XI, 9.  
 Plegadis, XI, 38a.  
 Plumbago, I, 66.  
 Plumbago scandens, I, 66.  
 Pône-águia, X, 139.  
 Poiretia pulcherrima, III, 5.  
 Polianthes, II, 184a.  
 Poligala, XI, 44.  
 Poligalina, VII, 108.  
 Poliquina, X, 5, 298.  
 Polipôdea, IX, A, 53; IX, B, 57.  
 Polygona trifolia, VIII, 72.  
 Pontederiácea, XI, 2.  
 Portulaca grandiflora, XII, 142.  
 Portulaca, I, 15.  
 Potequém, VI, 8.  
 Poucarme, VIII, 38, 53.  
 Pratinha, IV, 1; XI, 61a.  
 Psidium, I, 36.  
 Psidie, I, 206; X, 27.  
 Pterocarpus, V, 57.  
 Pterospermum aculeatum, X, 209.  
 Pterospermum aculeatum, XI, 75.  
 Pterocarpus quercifolius, VII, 41, 67a, 68; X, 109, 297.  
 Qualea gerasiana, VIII, 56, 64; XII, 128.  
 Quiçopódio, XII, 17.  
 Quina, VI, 31.  
 Ramondia, I, 48, 140; IV, 44.  
 Randia, I, 156; II, 19; XI, 13.  
 Reichenbachia conigera, III, 21.  
 Rhizophila, II, 144.  
 Ricino, IX, A, 21; X, 183; XI, 36.  
 Rhipino, II, 37.  
 Rimbola, VII, 61 63.  
 Rondônia, XII, 107.  
 Roncata, IX, B, 2.  
 Roseta, II, 89.  
 Rubiácea, I, 104, 141, 179; II, 82, 107, 131; III, 58; IV, 39, 53; V, 15, 39, 76a; VII, 92; VIII, 17, 53, 107, 118; X, 207; XI, 15, 62; XII, 142.  
 Roréca, I, 182; II, 56.  
 Ruellia paniculata, IV, 46.  
 Ruellia ciliaria, II, 64.  
 Ruellia speciosa, I, 201.  
 Rutácea, I, 106; II, 94; III, 52; IV, 56; V, 1, 2.  
 Sabicea, VI, 108.  
 Sabicea ciliata, I, 104.  
 Sabicea, I, 28.  
 Sabicea, I, 39, 168; II, 36.  
 Santa-Júlia, I, 172, 210; V, 20, 52; VI, 19, 19a, 98; VIII, 7; XI, 74.  
 São-cristovão, II, 9.  
 Sapindácea, I, 3, 102; II, 27, 126; IV, 120; VII, I, 116; X, 118.  
 Sapônia, II, 97, 106; VII, 16; X, 258.  
 Sapota, V, 10.  
 Sapotácea, I, 150, 199; II, 84, 96, 98, 99, 104, 117, 135; III, 21; IV, 11, 16, 67, 78, 84; V, 15, 18, 27-29, 54, 59, 68; VI, 51; VII, 23, 40a, 52, 106; VIII, 7, 38, 89, 91, 100, 114; X, 229; XII, 196.  
 Sapucáia, VI, 120; VIII, 53; X, 51; XII, 137.  
 Sapucaia-á-grande, XII, 112.  
 Sapucaia-de-purá, III, 51a.  
 Sapucaia-mirim, VIII, 26.  
 Sapucaia-muúida, XII, 94.  
 Sarcocap, I, 78.  
 Sarsaparila, V, 8; VIII, 58.  
 Savannaria exserta, XII, 79.  
 Schizolobium, X, 2, 30.  
 Schmidelia, I, 207.  
 Schmidelie tristis, II, 45, 65.

- Schopfia*, I, 112.  
*Scleropodium heterophyllum*, I, 59.  
*Schweinfurthia*, I, 104; X, 162.  
*Selaginopsis foetidissima*, I, 24.  
*Sesbania dubia*, XI, 6.  
*Sesuvium*, I, 208.  
*Serrulidace*, I, 110.  
*Sesuvium*, VII, 24; X, 9.  
*Sesuvium*, VIII, 41; XII, 146.  
*Sesuvium*, I, 29, 34; XIV, 16.  
*Sesuvium orientale*, I, 6.  
*Sida*, II, 9; IV, 2.  
*Sida marginifolia*, XIII, 15, 16, 17.  
*Sideroxylon*, VIII, 39, 89.  
*Silocampillo*, I, 204; XI, 56b.  
*Silvia*, VI, 57.  
*Silvia marginata*, IV, 69.  
*Sinodorum*, I, 142.  
*Siphipterus*, VI, 45, 54, 99.  
*Siphipterus*, V, 5a; VIII, 37; XII, 61.  
*Sisyrinchium*, XII, 106, 110.  
*Sisyrinchium*, IV, 29; VIII, 70, 74; XII, 62.  
*Sitopleura*, I, 12; X, 160.  
*Solanum elaeagnifolium*, I, 25.  
*Solanum*, III, 70; VII, 21a, 41; IX, B, 51; XI, 42a.  
*Solanum*, I, 50; IV, 24, 57; VIII, 121; IX, A, 50; IX, B, 46.  
*Solanum tuberosum*, III, 70.  
*Solanum aegaeum*, XI, 22a.  
*Solanum edentatum*, IV, 49a.  
*Solanum hexanthum*, X, 15.  
*Solanum ille*, III, 61.  
*Solanum tuberosum*, III, 56b.  
*Solana*, X, 28.  
*Solidago*, I, 27.  
*Sophronitis*, III, 76.  
*Sorocaria*, II, 83; IV, 14; V, 7; VII, 10; X, 214; XII, 43.  
*Sphaerotropis*, XI, 89.  
*Sphaeromycete*, I, 7.  
*Sphinctolelabium*, I, 161; III, 27; X, 22.  
*Sphaeranthus heterocarpus*, III, 51a.  
*Spathiphyllum*, X, 149.  
*Spathiphyllum*, IV, 36.  
*Spathiphyllum*, X, 167.  
*Spathiphyllum*, X, 49.  
*Spathiphyllum*, IV, 52, V, 55.  
*Spathiphyllum*, II, 106; VIII, 126.  
*Spathiphyllum*, II, 97.  
*Spathiphyllum*, II, 86.  
*Spathiphyllum*, I, 135; II, 139.  
*Spathiphyllum*, X, 122.  
*Spathiphyllum*, I, 71d, 126; II, 51; V, 32; X, 116.  
*Spathiphyllum*, V, 76.  
*Spathiphyllum*, V, 17; VI, 25.  
  
*Spathiphyllum*, I, 157; IV, 110, 111; VII, 36; X, 60.  
*Spathiphyllum*, I, 106; IV, 84; XI, 10.  
*Spathiphyllum*, II, 11.  
*Spathiphyllum*, IX, B, 41, 91.  
*Spathiphyllum*, IX, B, 52; X, 53.  
*Spathiphyllum*, I, 28; II, 54.  
  
*Talamaria*, IX, B, 12.  
*Talbotia*, III, 49.  
*Tamavirido*, X, 34.  
*Tambrira*, X, 2, 29, 30.  
*Tapacutia*, V, 42, 43; IX, B, 20, 40-45; XII, 111.  
*Tapachita-aucarela*, IX, A, 56.  
*Tapacutia*, XII, 51a, 52.  
*Tapajipa*, X, 64.  
*Tapirbui*, VI, 37; VII, 31; X, 261, 248.  
*Tapirbui*, VIII, 95; X, 265; XII, 106.  
*Tatia*, III, 45, 46.  
*Tatajiba*, VI, 14; VIII, 37; IX, B, 28, 50, 57, 58; XII, 17, 119.  
*Tata*, V, 26; VI, 83a; X, 254; XII, 95.  
*Tecoma*, VI, 99, 96, 97, 105.  
*Tecoma*, *Macrosema*, IV, 124.  
*Tecophilaeas*, I, 97; IV, 5.  
*Tectoquadrifolia*, I, 98; XI, 24.  
*Tecophilaeas*, II, 68; IV, 22; VII, 128; VIII, 129; X, 105; XII, 125.  
*Tecophilaeas*, V, 96; VIII, 10.  
*Termitella*, *Calogyna*, XI, 44a.  
*Termitomyces*, I, 50; X, 212.  
*Tetraclisia*, I, 105, 200.  
*Tevixia*, I, 29; IV, 86; VII, 53, 100.  
*Tixaria*, I, 52, 93, 139, 129.  
*Tifit*, III, 11.  
*Tiliaceae*, II, 129; III, 18; XII, 51; XIII, 14, 27.  
*Tiliaceae*, II, 58; IV, 1.  
*Timbe*, I, 141.  
*Timbo*, II, 9.  
*Timbo-do-chão*, VII, 111; XI, 17a; XII, 42.  
*Timboiba*, VIII, 28a; X, 25, 153.  
*Timbó*, I, 193; II, 27; X, 69.  
*Tinguaciba*, IV, 56; V, 13; XI, 17.  
*Tinguaciba-do-campo*, X, 97.  
*Tecoma*, I, 72, 78.  
*Tecoma*, IV, 89; X, 26.  
*Tigridia*, *moniliformis*, XII, 39.  
*Tigridia*, IX, A, 16; XIII, 9.  
*Tigridia*, *moniliformis*, I, 294.  
*Tigridia*, X, 53.  
*Tigridia*, XIII, 39.  
*Tigridia*, II, 105, 121, 124; IV, 68; VI, 2; VII, 17; VIII, 79; IX, B, 9; X, 110, 114; XI, 9; XIII, 7.  
*Timboiba*, IV, 119, 111.  
*Tropaeolaceae*, XI, 58c.  
*Trophis*, I, 125; IV, 16.  
*Turmera*, I, 31; II, 18.  
  
*Ubá*, VI, 67, 84.  
*Umburana*, IV, 118, 118a.  
*Urticaceae*, I, 120a; V, 7; VII, 9; VIII, 36; X, 169a; XII, 118.  
*Urtica*, IX, A, 11, 42, 45; X, 132; XI, 36.  
*Urtica*, X, 99; XI, 42a.  
*Urticaria*, V, 82; VIII, 20; X, 226.  
*Urticaria-baiana*, I, 203.  
*Urombela*, IX, A, 48; IX, B, 66, 78.  
*Urtica*, I, 35.  
*Urtica*, VIII, 57.

- Vagox*, III, 52; IX B, 17; X, 49.  
*Varzea*, XI, 84.  
*Vassoura* *infusaria*, V, 26.  
*Vassourinha*, XI, 5.  
*Vellonia candida*, II, 1.  
*Verbasco*, I, 67.  
*Verbenia*, II, 52.  
*Verbenea fluminensis*, II, 56.  
*Vestia*, III, 24; X, 260.  
*Vierenia acuminata*, IV, 97.  
*Vilarézia*, VII, 65; 120; X, 266.  
*Vilharia*, I, 508.  
*Vinilálico*, VI, 20; VIII, 5, 25, 47; IX B, XI; X, 27.  
*Vinháfrira-de-espinho*, VI, 45.  
*Vinilálico-tessa-de-boi*, VIII, 24.  
*Viola difusa*, VI, 11.  
*Vivax scandens*, I, 164.  
*Violarienwa*, I, 30, 101, 120, 164, 173, 183; IX B, var. XIII, 79.  
*Vistula*, VIII, 108.  
*Vitex*, I, 74b; II, 11; VII, 62.  
*Vogalis*, III, 51; VI, 114; X, 83.  
*Xanthio*, II, 31.  
*Xanthidio*, IV, 22.  
*Xilipin*, I, 137; IV, 96.  
*Zanthoxylum dyckianum*, III, 25.  
*Zanthoxylum spinosum*, IV, 69; V, 13.  
*Zizyphus arborea*, V, 34.  
*Zizyphus rhus*, V, 34.  
*Zollernia*, II, 26, 29.  
*Zollernia moniliformis*, IV, 16; VIII, 4; XII, 47.  
*Zollernia oblongifolia*, VIII, 13.  
*Zoologa*, II, 168; VI, 21; (X) 1, 60, 82, 89.

INDICE DA "FLORA CEARENSE"

- Abreia-do-pará, IX, 17, 18.  
 Acacia-jurema, I, 10.  
 Acajá, VIII, 5, 6.  
 Acaífa, I, 11.  
 Acaífa, I, 11.  
 Acaúdaceas, II, 61; VII, 26; VIII, 46, 55.  
 Acaúndra, I, 42, 48; III, 46.  
 Algodão-de-tapuia, V, 42, 43.  
 Alisma, III, 66.  
 Almáciga, I, 38; V, 27a; VI, 60.  
 Almocagêira, V, 34.  
 Almeia, I, 46a.  
 Amaranthaceas, VIII, 9, 10.  
 Amaté, VI, 2c.  
 Amarelinha, II, 19.  
 Amarelo, III, 86; VI, 62.  
 Amargosa, IV, 48.  
 Amarrilis, VI, 53, 90.  
 Amazônia-purpurea, V, 16-18.  
 Amélia, III, 98, 99; IV, 26; VI, 81.  
 Amélia, VIII, 28.  
 Andaca, I, 41.  
 Andira, IV, 48; VI, 47.  
 Andiroba, II, 75; VI, 69.  
 Anquedim, IV, 48; VI, 22, 42, 47.  
 Angelonia Nijowa, III, 21.  
 Angico, II, 62; III, 51.  
 Anil aqua, IV, 43.  
 Anil-do-mato, I, 7.  
 Aninga, VII, 15-19; IX, 14.  
 Anomíceas, III, 6, 28; V, 49; VI, 10, 72a, 72b,  
     80; VII, 24.  
 Apeltia, IV, 2.  
 Apocináceas, I, 12, 42, 43; VI, 39, 49.  
 Apuleia, I, 13; VII, 45.  
 Araçájinho, V, 24; VIII, 40.  
 Aratiba, II, 21.  
 Arapiraca, VI, 2a; 63.  
 Arapoxa, II, 19, 28, 24.  
 Araticum, V, 11; VI, 89; VII, 24.  
 Ardeia, III, 65; IV, 8.  
 Arco-íris-brava, IV, 29.  
 Arôides, VII, 16-19; VIII, 59, 60.  
 Artocarpus, JV, 44-46.  
 Árvore-brava, IV, 11.  
 Árvore-de-coba, VI, 29.  
 Arvoredo-tufo, VI, 28.  
 Asclepiadáceas, I, 33, 34; VII, 11, 21, 49; IX,  
     37.  
 Aspleniáceas, II, 64; III, 61, 74.  
 Ata-brava, V, 6.  
 Baccharis, III, 20.  
 Baccharis, II, 20; VI, 50.  
 Baccharis, II, 32; IX, 19.  
 Balanulácea, IX, 7.  
 Balanó, VI, 64.  
 Bambu-de-galinha, V, 5.  
 Begoniáceas, VII, 51; VIII, 45.  
 Bignoniáceas, I, 15, 26, 32; II, 41; III, 68; VI,  
     26, 58; IX, 21, 41.  
 Birmes, VI, 2c.  
 Bixáceas, VII, 25.  
 Bofão-de-velho, III, 92, 93.  
 Brundau, II, 67.  
 Bruxa, III, 84.  
 Bruxa-do-sertão, IV, 21.  
 Buttmania seminifera (E. A.), VIII, 66.  
 Burro-de-leite, VIII, 28.  
 Burro-bruteira, VII, 6.  
 Burseráceas, VII, 5.  
 Buttineáceas, I, 52.  
 Cacophánia ponderosa, I, 37.  
 Café-do-mato, I, 86.  
 Cajáceira, III, 73.  
 Cajazeira-brava, VII, 13.  
 Cajueiro-bravo, II, 22; V, 33.  
 Calostoma, III, 38.  
 Canaá, I, 84.  
 Canopi, III, 6.  
 Cana, IV, 20.  
 Caná, IV, 20.  
 Canaletula, III, 81, 102; IV, 39; VI, 51.  
 Canella-de-veludo, III, 48; IV, 22.  
 Canecura, I, 68.  
 Cananéia, I, 4; I, 5.  
 Canudo-busvo, VI, 24.  
 Canudo-de-lagoa, III, 42-44.  
 Capalídeas, I, 36; IV, 32.  
 Caporá, V, 32.  
 Capraria, VII, 23.  
 Caupá, II, 76.  
 Caraíba, III, 62; VI, 25.  
 Carvalho (Monnieria), VI, 25.  
 Cardoso, I, 29; III, 50.  
 Catuáliba, I, 68a; III, 14.

- Caroba, I, 66; II, 54, 55; III, 72a; V, 55, 59; VII, 10; IX, 41.  
 Cartaxo, I, 92.  
 Carrapicho-de-cavalo, IX, 54, 55.  
 Carvocura, III, 65, 70, 80.  
 Cascudo, VI, 77.  
 Casim, I, 58, 76; IV, 11, 18; III, 10, 12, 18, 37; IV, 59; VIII, 7.  
 Casytha, II, 70.  
 Castanheira, III, 64.  
 Catanduba, II, 44-47.  
 Catire (Po. "Feira"), I, 29; III, 50.  
 Cedro-de-poco, IX, 40.  
 Cetingueira, IX, 40.  
 Catolé, I, 60a; II, 49.  
 Cauá, I, 72, 73.  
 Canário-de-mata, III, 94.  
 Canofreia (P. A.), VI, 69.  
 Caxim, VIII, 28.  
 Cedro, II, 52.  
 Cedro-brasileiro, VIII, 32.  
 Celastrina, I, 37; III, 58; IV, 12; V, 51.  
 Chá, VII, 29.  
 Chá-de-cerâmica, VII, 23.  
 Chama, I, 49.  
 Chionoceca, I, 65; VII, 39.  
*Chrysophyllum adenostachys*, VIII, 27, 68.  
*Chrysophyllum obtusifolium*, IV, 58.  
*Chrysophyllum perifidum*, VI, 50a.  
 Cicá, VIII, 22.  
 Ciperaceia, VII, 40.  
 Cipó-de-estrela, VI, 80.  
 Cipó-de-fogo, I, 6; II, 39, 71.  
 Cipó-do-rio, I, 53.  
 Cipó, IX, 13.  
 Cipó, VII, 38.  
 Cipó, IV, 41.  
 Clusiáceas, V, 40, 41; VI, 6, 31, 53, 59; VII, 36; IX, 17, 18.  
 Coecidóidea latifolia I, 72, 73.  
 Coco, I, 69.  
 Coen da batata, I, 69a.  
 Concladáceas, I, 24; VIII, 16.  
 Conduru, IV, 44-46; VI, 65, 72a, 72b.  
 Connaraceas, VII, 7.  
 Connexa-cúva, I, 54.  
 Convolvuláceas, I, 77; II, 9, 58, 59, 60; III, 4, 18, 43, 45, 46; V, 6; VII, 49; VIII, 29, 51; IX, 29.  
 Copádia, III, 33; IV, 10, 31.  
 Copádias, III, 33.  
 Coação-de-negro, III, 91; VII, 32; VIII, 12-15.  
 Coração-negro, VII, 32.  
 Cordeiro, IV, 5.  
 Crisotáláceas, II, 4; III, 22; VI, 5.  
 Crista-de-galo, I, 12.  
 Croton artificans, I, 21.  
 Cucurbitáceas, II, 10.  
 Cuipana, V, 27.  
 Curauá, V, 51.  
 Cupádia, III, 104; VI, 13, 14, 26.  
 Cuphea, I, 56; VI, 20.  
 Daibóidea, VII, 29.  
 Dália, I, 88a.  
 Davilla, II, 71.  
 Dilecháceas, I, 6; II, 71.  
 Dinecha, I, 44; VI, 57.  
 Discocarya, VIII, 1.  
 Didepiro, IV, 14.  
 Doretaria, I, 54.  
 Dracaena, III, 47.  
 Dracaenaceas, IX, 1.  
 Ebrietáceas, VI, 50; VIII, 40.  
 Echitos, I, 47.  
 Echyspermatopae, III, 24; VI, 69.  
 Embira, VII, 29.  
 Embirizandia, III, 7; IV, 23.  
 Embilyba, IX, 28.  
 Engeya-naca, VII, 21.  
 Enxofre, VI, 23.  
 Epidendro, II, 56; VIII, 27.  
 Avicacúion, IX, 5, II, 12.  
 Erva-de-pescaria, VI, 23.  
 Erva-de-salo, III, 9.  
 Erva-tostão, V, 38.  
 Erythrina, IV, 52.  
 Escrofulariáceas, IV, 25; VI, 38, 86; VIII, 8, 18.  
 Espinhinho, I, 67.  
 Espinho-de-judeu, III, 39.  
 Euphorbiáceas, II, 14, 15, 67; III, 2; VI, 34, 70, 72, 82, 83; VII, 11, 34; VIII, 22, 23.  
 Euphorbia officinalis, V, 55.  
 Eucepto, VIII, 5, 6.  
 Euphorbia, V, 4; IX, 13.  
 Farameo, IX, 33, 49.  
 Faseolo (V. Phaseolus).  
 Favela, III, 102; IV, 8.  
 Favela, VI, 87.  
 Fazinha, VI, 87.  
 Feijóa, II, 6.  
 Figueira, I, 49; II, 57.  
 Figueira-préta, II, 26a.  
 Filinto, V, 33.  
 Genévrier, III, 9.  
 Gentiana, VIII, 6; IX, 10.  
 Geoffroya superba, II, 12.  
 Gesneriáceas, VII, 15; VIII, 33, 42.  
 Girocápea, VII, 31.  
 Gingalo-alves, III, 62.  
 Góndola, VII, 43.  
 Guajeru, I, 28.  
 Guajeru-vermelho, IX, 22.  
 Guatambu, VII, 14.  
 Guaratá-de-serrão, IV, 21.  
 Guettaria, VI, 65.  
 Guixima, I, 50.  
 Guixiana, VI, 36a.  
 Guirinheba, IX, 24.  
 Uarigui, V, 28.  
 Gustávia, V, 12, 47, 48; VI, 29.  
 Gustavia brasiliensis, V, 48.  
 Gyneriodes brasiliensis, VIII, 31.  
 Helicóterer diforma, IX, 30.  
 Herpestes, VIII, 8.  
 Hildialeffica, III, 50a.

- Hierba, VI, 88.  
 Hippocratea, VII, 56, 57.  
 Hirondelle, I, 3.  
 Hirondelle somenota, VI, 3, 4.  
 Hiuariácea, I, 39.  
 Hydrocista amarantina, II, 14, 15.  
 Hydrat, I, 45; VIII, 36.  
 Hygrometra, III, 38.  
 Irica, I, 38; VI, 88.  
 Iob (Ibuto do), VI, 50, 52.  
 Iob-branco, IV, 37.  
 Ilicina, VI, 35.  
 Imburana, I, 64a; III, 82.  
 Imbuia-de-chá, V, 51.  
 Ingá, III, 59, 80.  
 Ingá-bravo, IV, 54; VII, 14.  
 Ingá-leijão, VII, 80.  
 Ingá, III, 101.  
 Ingá-pava, IV, 54.  
 Inhambá, III, 78.  
 Ipê, II, 69.  
 Iréca, IX, 15, 16.  
 Jasacandá, II, 54, 58; III, 91; IV, 19, 56; VI, 17a; VII, 30.  
 Jacaré, II, 8.  
 Janaguba, (V. Jonesiha).  
 Janáuba, I, 29.  
 Japuaranába, V, 48.  
 Jaracatá, I, 20.  
 Jaracatu, I, 2.  
 Jarobá, III, 89; IV, 15; VI, 17.  
 Jatoba, I, 14.  
 Jenipapo, IX, 31.  
 Jenipapo (flor do), I, 27.  
 Jenipava, V, 48.  
 Jecemata, III, 58.  
 Jeruf, VII, 45.  
 Jiquit, VI, 24.  
 João-de-pau-á, II, 5.  
 Jureia, VIII, 72.  
 Jurezinho, I, 31.  
 Juci, I, 57.  
 Jucema, I, 10.  
 Jureca-branca, III, 69, 77; VI, 2a, 48.  
 Jurema-préta, IV, 36; V, 48.  
 Jurepeba, I, 26.  
 Jurimopeúba, V, 31.  
 Jussiaea fluitans, III, 67.  
 Lacr, III, 50.  
 Lantaneus, I, 60; II, 70; VI, 31; VII, 9.  
 Leguminosae, III, 18, 22, 25, 36, 46, V, 7; VII, 14; VIII, 67.  
 Licopódio, IX, 8.  
 Liliácea, VIII, 48.  
 Loranácea, VI, 9, 16; VII, 31.  
 Loranta, VIII, 5.  
 Louro, III, 39; VII, 12.  
 Loure-de-cáriaco, I, 69.  
 Lucuma microcarpa, VII, 4.  
 Lucuma monilifera, VII, 21.  
 Lucuma purpurata, IX, 28, 29.  
 Lucuma rivicola, VI, 64, 65; IX, 24.  
 Lucuma rivicola (V. — rivicola.)  
 Macambira, III, 45.  
 Macaranduba, II, 34-36; III, 20, 21; V, 30; VI, 12.  
 Macaranduba-de-serra, V, 33.  
 Macela-nosa, IV, 11, 29.  
 Magombe, III, 16a; VI, 61.  
 Maiacácea, IX, 27, 38.  
 Maipighiácea, I, 9, 36; II, 25, 28; III, 41; VII, 44.  
 Malvácea, I, 88, 89; II, 32; VIII, 35.  
 Manuá-de-cáliqua, VI, 16.  
 Manacá, I, 79; VI, 36.  
 Marapuã, II, 5-8.  
 Mandioca, V, 28.  
 Mangue, II, I, 42; IV, 25; VII, 20.  
 Maricába, I, 23; II, 66; IV, 42; V, 9; VI, 3.  
 Maricunga, V, 32; VII, 46.  
 Maracanáea guyanensis, VI, 82, 83.  
 Maracujá, VI, 78.  
 Maracujá-de-chá, VI, 78.  
 Maracujá-de-cobra, VI, 21a.  
 Maracujá-de-coruja, VI, 21a.  
 Maracujá-de-cáliquo, VI, 73.  
 Maracujá-peludo, VI, 73.  
 Maracujá-pereoba, IV, 57.  
 Maragratácea, VI, 74.  
 Mattun, V, 38.  
 Mari, II, 12.  
 Marta-préta, V, 44.  
 Mariceira, II, 12, 13.  
 Marinelada, IV, 14; VI, 1.  
 Macapilimpo, V, 2.  
 Maca-cobra (Po. Teles), III, 42-44.  
 Maca-fome, IV, 9.  
 Melastomaceae, I, 78; II, 5-8; V, 1, 28; VIII, 17.  
 Melastoma, I, 86.  
 Merendiba, V, 35; VI, I, 28, 32.  
 Miliácea, IX, 42.  
 Mimosaíneus, I, 67; II, 44-47; III, 24, 30; IV, 38.  
 Minas-paraíba, II, 34-36; VI, 12.  
 Minas-paraíba, III, 20, 21.  
 Minas-paraíba, VI, 64.  
 Mirisácea, VI, 11.  
 Mirimena, I, 18; V, 3, 12, 24, 27; VII, 46, 50; IX, 2, 39.  
 Mirim-de-sangue, VII, 33.  
 Miquimbo, I, 63, 82; II, 39, 74.  
 Moronécea formosa, VI, 31.  
 Morená, II, 31; III, 8, 40.  
 Mucuná, III, 19; IV, 17.  
 Mucuná-ferro, VIII, 52.  
 Mucuná-préta, IV, 24; VI, 66, 67.  
 Mufuna (V. Mafunká).  
 Moltinga, II, 30a; III, 54-56; V, 50.  
 Mutungu-bravo, VI, 23.  
 Munigua, II, 18; III, 19; V, 22.  
 Murici, II, 46; V, 13a.  
 Murici-pitanga, I, 9a, 74; VII, 44.  
 Murta, V, 21; VI, 68b.

- Muira-dos-tableiros, V, 13.  
*Myrsináceas*, *Urucundubá*, IV, 8.  
*Mycia Pandellii*, IX, 27, 28.  
 Nectinaea, I, 60.  
*Neurocarpos*, VIII, 20; IX, 35.  
*Nhré* (V. *Jehova*)  
*Nimbia*, VIII, 63, 64.  
*Norrisia*, VI, 74.  
 Oiti, VI, 47; V, 36.  
*Oirl-brava*, VI, 73.  
*Oiticica*, III, 22, 55.  
*Oitituruva*, VI, 54-55.  
*Oladecas*, VI, 81; VIII, 48.  
*Oncidiurn*, II, 63; III, 89.  
*Orelha-de-otaya*, IV, 51.  
*Oryzales*, I, 30; II, 27, 56; III, 11; V, 48; VII, 27, 28; VIII, 32.  
*Pacarla*, V, 53.  
*Pacot*, V, 42, 43.  
*Pajau*, III, 26.  
*Palmeiras*, VII, 20.  
*Palmeira*, I, 60a; VI, 84, 85; VIII, 5, 6.  
*Panax*, II, 21.  
*Papacoutia*, VIII, 7a.  
*Papagão*, VI, 5.  
*Papilionáceas*, II, 29; VIII, 25.  
*Papo-de-peru*, IV, 49, 50.  
*Paráiba-branca*, VI, 76.  
*Paráiba-brava*, VI, 76.  
*Patuá*, II, 20; VI, 16.  
*Paricari*, VIII, 62; IX, 6.  
*Paruá*, III, 39.  
*Passiflora*, VI, 21; VIII, 36-38.  
*Pati*, VI, 84, 85.  
*Pau-branco*, VII, 12.  
*Pau-d'aturi*, II, 53; III, 34; IV, 18.  
*Pau-d'arco-azul*, III, 91.  
*Pau-d'arco-rosa*, II, 50.  
*Pau-de-jangada*, IV, 4.  
*Pau-de-macrediba*, V, 85.  
*Pau-de-moço*, III, 59a, 72.  
*Pau-d'oleo*, IV, 10.  
*Pau-de-serrate*, III, 72.  
*Pau-ferro*, VIII, 7.  
*Pau-pereiba*, III, 27; IX, 46.  
*Pau-pombo*, I, 39.  
*Pearlaria*, III, 90.  
*Perjula*, I, 75.  
*Perricil*, III, 40.  
*Teriba*, IV, 2.  
*Phascolia*, II, 80; III, 60; VIII, 24.  
*Piabá-brava*, II, 17.  
*Pirauá*, II, 51, 52; V, 23.  
*Pitigliani*, V, 14.  
*Plantas não classificadas*, I, 80, 81; II, 69; III, 16, 100; IV, 3, 16, 53, 58; V, 10, 15, 19-21; VI, 49-50; VII, 35.  
*Plumeria*, I, 23.  
*Poaceas*, VIII, 44.  
*Portulácea*, I, 8.  
*Purga-de-quatro-palacas*, I, 42, 43.  
*Ranoflo*, I, 49.  
*Ricinodómia rosea*, IX, 42.  
*Rufífolios*, I, 45; IX, 42, 43.  
*Rufia-da-serra*, V, 35.  
*Sabiceira*, VI, 20.  
*Sangue-de-boi*, II, 14, 15.  
*Santa-luzia*, V, 35.  
*Serrariácea*, V, 53.  
*Seguária*, VII, 52.  
*Simaba*, VII, 8.  
*Sinapóbia*, II, 72; III, 27.  
*Sinuária*, VIII, 56.  
*Stachytarphus angustifolia*, VIII, 47.  
*Stenocéa*, III, 90; IV, 23.  
*Stillingia*, II, 48; VII, 6.  
*Strychnos*, IX, 26.  
*Strychnos*, III, 65.  
*Sylvaranthen*, I, 70.  
*Syratz*, VII, 22.  
*Tachigalea micrantha* (E. A.), VI, 71.  
*Tachigalea sericea* (E. A.) (V — *minutiflora*)  
 Júlio, III, 58.  
*Tecoma*, IV, 19.  
*Terebintácea*, I, 39.  
*Ternstroemáceas*, V, 42, 43.  
*Tetrácerá*, II, 39.  
*Tetranóxíano*, VIII, 82; IX, 6.  
*Tiboreta*, I, 44a.  
*Tiliácea*, VIII, 41.  
*Tiliácea*, VIII, 36.  
*Timbopéba*, III, 16a.  
*Tingri-capra*, III, 16a.  
*Tradescantia*, VIII, 50.  
*Triquília*, IV, 34; VI, 52.  
*Troméácea*, I, 40.  
*Umarileia*, II, 12.  
*Urechiana*, II, 14, 15.  
*Urepeba*, III, 59.  
*Uváia brava*, V, 24a.  
*Uváia-de-cachorro*, V, 24a.  
*Violácea*, VI, 40, 41.  
*Violeta*, III, 87, 91.  
*Vitex*, IV, 40; VI, 15, 37; VII, 15.  
*Vitex glandulosana*, III, 53.  
*Voquidiáceas*, III, 28; VI, 79.  
*Waltertia*, III, 76.  
*Ximendo*, III, 28, 29; VI, 81.

COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA  
GRÁFICA OLÍMPICA EMIÓGRA, LTDA.  
RIO DE JANEIRO - BRASIL